

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em História**

Valdeci da Silva Cunha

**A HORA E A VEZ DE MINAS:**  
o *Suplemento Literário* como um dispositivo de cultura (1966-  
1975)

Belo Horizonte

2019

Valdeci da Silva Cunha

**A HORA E A VEZ DE MINAS:  
o *Suplemento Literário* como um dispositivo de cultura (1966-  
1975)**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: História Social da Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva, UFMG.

Belo Horizonte

2019

981.51      Cunha, Valdeci da Silva  
C977h      A hora e a vez de Minas [manuscrito] : o Suplemento  
2019      Literário como um dispositivo de cultura (1966-1975) /  
Valdeci da Silva Cunha. - 2019.  
429 f. : il.  
Orientadora: Regina Helena Alves Silva.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia

1.História – Teses. 2. Suplemento Literário de Minas  
Gerais (Jornal). 3. Imprensa – História – Teses. 4. Minas  
Gerais – História – Teses. I. Silva, Regina Helena Alves .  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**"A hora e a vez de Minas: o Suplemento Literário do Minas Gerais como um  
dispositivo de cultura (1966-1975)"**

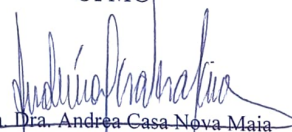
**Valdeci da Silva Cunha**

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

  
Prof. Dra. Regina Helena Alves da Silva - Orientadora  
UFMG

  
Prof. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa  
UFMG

  
Prof. Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira  
UFMG

  
Prof. Dra. Andrea Casa Nova Maia  
UFRJ

  
Prof. Dra. Myriam Correa de Araújo Avila  
UFMG

Belo Horizonte, 05 de abril de 2019.



*A Emilce, Valnice e Júlia; ao Lucas.*

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva, ou simplesmente “Lena”, por ter aceito o desafio de me acompanhar e sempre dialogar comigo, mesmo desde de antes do surgimento do interesse em pesquisar o *Suplemento Literário* como tema e objeto para o doutorado e também pelo carinho e dedicação a mim destinados durante todo esse percurso da pesquisa, escrita e finalização do trabalho.

Aos professores que aceitaram participar da banca de qualificação, pelas dicas valiosas, leitura atenta e o carinho dados nesse importante momento da pesquisa: Profa. Dra. Adriane Vidal (PPGH/UFMG), Prof. Dr. Luiz Arnaut (PPGH/UFMG) e Profa. Dra. Myriam Ávila (Pós-Lit/UFMG).

À Capes/Cnpq, pela bolsa de doutoramento, sem a qual dificilmente esse trabalho teria sido realizado.

Aos funcionários do AEM/UFMG; da Hemeroteca Pública de Minas Gerais; da biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli (Faculdade de Letras/UFMG), principalmente por terem disponibilizado todo o acervo digitalizado do *Suplemento Literário* para que eu pudesse tê-lo para a minha consulta reunido em acervo próprio; ao atual diretor do *Suplemento Literário*, Jaime Prado Gouvêa, por ter se disponibilizado a responder todos os meus e-mails com dúvidas e pedidos de contatos sobre as pessoas as quais eu quis entrar em contato e, também, por ter cedido uma entrevista quando solicitado; da biblioteca prof. Antônio Luiz Paixão (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG); do Departamento de História da UFMG.

Aos entrevistados, por terem cedido parte do seu tempo para responder algumas das questões por mim levantadas, tanto presencialmente quanto por meios digitais: Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Márcio Sampaio, Lucas Raposo, Rui Mourão, Jacinto Brandão, Joaquim Branco e Luís Gonzaga Vieira.

À companheira e esposa Júlia Ferreira Veado, pelo carinho, pela paciência, pelas leituras e revisões textuais, enfim, por ter sido um porto seguro e afetivo nessa longa caminhada até aqui.

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional e constante aos meus projetos e escolhas, com destaque para Valnice da Silva Cunha Nascimento, minha irmã, e Emilce da Silva Cunha, minha mãe.

Aos amigos Matheus Machado, Cleber Cabral, André Mascarenhas, Phillippe Urvoy, Thiago Lenine, Raul Lanari, Hugo Rocha, Walderez Ramalho, Mateus Silva e Marcelo Mangini, pelas mais diferentes razões que seriam quase impossível narrar, mas que foram importantes, cada um a seu modo, nesse longo itinerário.

E, por fim, mas não menos importante, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, possam ter se esforçado para que eu não conseguisse chegar até aqui... vocês também são parte dessa experiência e contribuíram para o resultado desse trabalho.

“Os gregos contam que Teseu recebeu de presente um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala”.

*O fio e os rastros*, de Carlo Ginzburg (2007)

## **Resumo**

Esta tese propõe-se a analisar a dinâmica de produção cultural de parte da intelectualidade mineira entre as décadas de 1960 e 1970, especialmente em Belo Horizonte. Ressalta-se que o trabalho e o envolvimento dessa intelectualidade estabeleceu em um caderno de cultura, o *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*, um lugar de atuação bastante expressivo. Nesse sentido, a proposta desta tese é investigar o trabalho de criação, organização e manutenção desse suplemento como um veículo de produção e divulgação da memória cultural preocupado especialmente em situar Minas Gerais no âmbito de uma cultura intelectual nacional e mundial. Ao identificarmos essas características em sua criação, montagem e manutenção, a investigação desta tese se valeu do conceito de dispositivo como principal suporte teórico para a leitura e interpretação do *Suplemento Literário* como o objeto e fonte de pesquisa. Assim, nos interessou investigar o caderno como um dispositivo de cultura, capaz de articular elementos heterogêneos dentro de uma complexa rede de saberes, que lhe conferiu legitimidade enquanto um projeto e um objeto de circulação e comunicação culturais.

**Palavras-chave:** Suplemento Literário; dispositivo de cultura; memória cultural; cultura intelectual mineira.

## **Abstract**

This doctoral dissertation proposes to analyze the dynamics of cultural production made by a part of the intellectuals from the state of Minas Gerais, between the 1960s and 1970s, especially in the city of Belo Horizonte. It is important to emphasize that the work and the involvement of this intellectuality established a cultural supplement, the *Suplemento Literário* of Minas Gerais newspaper, a publication of quite expressive work. In this sense, the purpose of this doctoral dissertation is to investigate the work of creation, organization and maintenance of this supplement as a vehicle for the production and dissemination of cultural memory, especially concerned with situating Minas Gerais State as part of a national and world intellectual culture. By identifying these characteristics in their creation, assembly and maintenance, the investigation of this doctoral dissertation was based on the concept of dispositive as the main theoretical reference for the reading and interpretation of the *Suplemento Literário* as the object and source of research. In this sense, we were interested in investigating the supplement as a cultural dispositive, capable of articulating heterogeneous elements inside a complex network of knowledge, which gave it legitimacy as a project and an object of cultural circulation and communication.

**Keywords:** *Suplemento Literário*; dispositive of culture; cultural memory; intellectual culture of Minas Gerais.

## Lista de ilustrações

Figura 1: *Minas Gerais*, set. 1966, capa. Fonte: Hemeroteca Histórica/ Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, p. 34.

Figura 2: *Minas Gerais*, ago. 1966, p. 13. Fonte: Hemeroteca Histórica/ Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, p. 35.

Figura 3: *Minas Gerais*, 1966, p. 2. Fonte: Hemeroteca Histórica/ Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, p. 35.

Figura 4: *SLMG*, n. 1, ano 1, Belo Horizonte, 1966, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 49.

Figura 5: *SLMG*, n. 53, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 50.

Figura 6: *SLMG*, n. 106, ano 3, Belo Horizonte, 1968, p. 2. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 51.

Figura 7: Da esquerda pra direita: Murilo Rubião, Jokobson, Laís Corrêa de Araújo, Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Rui Mourão e Affonso Ávila. Belo Horizonte, out. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 87.

Figura 8: Da direita para a esquerda: Affonso Ávila, Ildeu Brandão, Décio Pignatari e Murilo Rubião no Suplemento Literário. Belo Horizonte, mai. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 87.

Figura 9: Da direita para a esquerda: Laís Corrêa de Araújo, Murilo Rubião, Ana Hatherly e Affonso Ávila. Belo Horizonte, abr. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 87.

Figura 10: Lançamento do *SLMG* em homenagem a Eduardo Frieiro. Da direita para a esquerda: Tote, Murilo Rubião, Emílio Moura, Fábio Lucas, Mário Mendes Campos, Eduardo Frieiro, José Maria de Alkmin, Martins de Oliveira e outras pessoas não identificadas. Belo Horizonte, dez. 1967. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 88.

Figura 11: Entrega ao governador Israel Pinheiro de uma coleção do *SLMG* (seis primeiros números). Da direita para a esquerda: Israel Pinheiro, Murilo Rubião, José Bento, Ildeu Brandão e Aires da Mata Machado. Belo Horizonte, fev. 1967. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 88.

Figura 12: Da direita para a esquerda: Francisco Iglésias, Paulo Campos Guimarães, Eduardo Frieiro, Autran Dourado, Emílio Moura, Murilo Rubião, Aires da Mata Machado, Franklin de Salles e Ildeu Brandão. Belo Horizonte, s.d.. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 88.

Figura 13: Na redação do *SLMG*, em 1970. Da direita para a esquerda: Em pé: Duílio Gomes, Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Sant' Anna, Luís Márcio Vianna, Antônio Carlos Braga, Sérgio Tross e Humberto Werneck. Agachados: Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela e Vladimir Diniz. Fonte: *SLMG – 50 anos*, Belo Horizonte, out. 2016, p. 130.

Figura 14: Residência de Affonso Ávila. Da direita para a esquerda: Márcio Sampaio, Murilo Rubião, Sebastião Nunes, Henry Corrêa de Araújo, Affonso Ávila, dentre outros não identificados. Belo Horizonte, fev. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG, p. 130.

Figura 15: *SLMG*, n. 45, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 183.

Figura 16: *SLMG*, n. 45, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 12. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 183.

Figura 17: *SLMG*, n. 46, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 188.

Figura 18: *SLMG*, n. 46, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 12. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 188.

Figura 19: *SLMG*, n. 290, ano 7, Belo Horizonte, 1972, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 200.

Figura 20: *SLMG*, n. 290, ano 7, Belo Horizonte, 1972, p. 12. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 200.

Figura 21: *SLMG*, n. 61, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 210.

Figura 22: *SLMG*, n. 61, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 8. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 210.

Figura 23: *SLMG*, n. 143, ano 4, Belo Horizonte, 1969, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 224.

Figura 24: *SLMG*, n. 143, ano 4, Belo Horizonte, 1969, p. 4. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 224.

Figura 25: *SLMG*, n. 144, ano 4, Belo Horizonte, 1969, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 235.

Figura 26: *SLMG*, n. 143, ano 4, Belo Horizonte, 1969, p. 2. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 235.

Figura 27: *SLMG*, n. 203, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 243.

Figura 28: *SLMG*, n. 203, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 6. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 243.

Figura 29: *SLMG*, n. 204, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 251.

Figura 30: *SLMG*, n. 204, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 3. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 251.



Figura 31: *SLMG*, n. 205, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 258.

Figura 32: *SLMG*, n. 204, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 8. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 258.

Figura 33: *SLMG*, n. 213, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 269.

Figura 34: *SLMG*, n. 213, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 12. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 269.

Figura 35: *SLMG*, n. 214, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 278.

Figura 36: *SLMG*, n. 214, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 3. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 278.

Figura 37: *SLMG*, n. 215, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 286.

Figura 38: *SLMG*, n. 215, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 10. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 286.

Figura 39: *SLMG*, n. 330, ano 7, Belo Horizonte, 1972, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 292.

Figura 40: *SLMG*, n. 330, ano 7, Belo Horizonte, 1972, p. 7. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 292.

Figura 41: *SLMG*, n. 33, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 303.

Figura 42: *SLMG*, n. 33, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 6. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 303.

Figura 43: *SLMG*, n. 65, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 6. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 320.

Figura 44: *SLMG*, n. 33, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 3. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 320.

Figura 45: *SLMG*, n. 68, ano 3, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 330.

Figura 46: *SLMG*, n. 68, ano 3, Belo Horizonte, 1967, p. 16. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 330.

Figura 47: *SLMG*, n. 85, ano 3, Belo Horizonte, 1968, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 344.

Figura 48: *SLMG*, n. 85, ano 3, Belo Horizonte, 1968, p. 3. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG, p. 344.

## **Lista de tabelas**

Tabela 1: Levantamento por referência aos séculos e ano de publicação, p. 154.

Tabela 2: Publicações textuais por recorrência, entre os anos de 1966-1975, p. 361.

Tabela 3: Suplemento Literário – Cadernos Especiais e em Homenagens, p. 365.

## Sumário

Introdução.....	16
Parte 1.....	30
Capítulo 1: O surgimento do <i>Suplemento Literário</i> do jornal <i>Minas Gerais</i> .....	31
1.1. Narrativas no <i>Minas Gerais</i> .....	31
1.2. Narrativas do <i>Suplemento Literário</i> .....	45
1.3. Narrativas sobre o <i>Suplemento Literário</i> .....	74
Capítulo 2: A participação e apoio dos intelectuais.....	85
2.1. Os criadores do caderno e os seus papéis como “mediadores culturais”: primeira geração.....	85
2.1.1. Murilo Rubião.....	89
2.1.2. Aires da Mata Machado Filho.....	95
2.1.3. Laís Corrêa de Araújo.....	102
2.1.4. Affonso Ávila.....	108
2.2. Os continuadores do projeto: transição e surgimento de uma segunda geração.....	119
Capítulo 3: Quem e sobre o que escreviam no <i>SLMG</i> ?.....	127
3.1. Vários colaboradores, publicações bissextas.....	130
3.2. Alguns colaboradores, publicações recorrentes.....	138
3.3. Poucos colaboradores, publicações constantes.....	145
Parte 2.....	164
Capítulo 4: Galerias abertas à memória cultural de Minas setecentista.....	173
4.1. Barroco: Áurea idade da áurea terra: literatura e estilo de vida, artes plásticas, música e teatro.....	173
4.2. Barroco e Aleijadinho.....	195
4.3. Marília de Dirceu.....	206
4.4. Bárbara Heliodora e Alvarenga Peixoto.....	220
Capítulo 5: Galerias abertas à memória cultural de Minas oitocentista.....	239
5.1. Bernardo Guimarães.....	239
5.2. Depoimentos do estrangeiro sobre Minas Gerais e o Brasil.....	261
5.3. Severiano de Resende: reencontro com o poeta simbolista.....	288
Capítulo 6: Galerias abertas à memória cultural de Minas novecentista.....	300
6.1. João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo.....	300
6.2. Guimarães Rosa: sua hora e vez.....	313
6.3. Eduardo Friere: quarenta anos de literatura.....	322
6.4. 40 anos de antropofagia.....	336
Considerações finais: O <i>Suplemento Literário</i> como um dispositivo cultural.....	353
Fontes.....	362
Referência bibliográfica.....	362
Anexos.....	375
Entrevista com Humberto Werneck.....	396
(Realizada por e-mail em abril de 2017).....	396
Entrevista com Sebastião Nunes.....	402
Entrevista com Lucas Raposo.....	406
Linha dos passos de uma edição do <i>SLMG</i> como se fazia nos primórdios (por Lucas Raposo).....	427

## Introdução

Cartas, bilhetes e fotografias, assim como um considerável acervo de recortes de jornais de vários lugares do Brasil e do mundo, encontram-se reunidos e guardados na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, em posse do Arquivo dos Escritores Mineiros/AEM, situado nas dependências da mesma instituição. Todo esse acervo se apresenta ao pesquisador, dentre outras várias possibilidades, como uma cartografia sentimental do processo de arquivamento de si promovido pelo escritor Murilo Rubião ao longo de sua vida, tanto como literato como ocupante de vários cargos públicos, dentre eles, o de diretor do caderno de cultura que aqui nos interessa mais de perto.

Dentre vários recortes da imprensa da época, selecionamos um trecho que assim nos informa sobre a criação *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*,<sup>1</sup> sob o título “Sete dias” e subtítulo “Murilo dirige Suplemento”, publicado no jornal belo-horizontino *O Diário*, pelo colunista Euclides Marques Andrade:

Murilo Rubião, escritor conhecido e admirado em todo o Brasil, está à frente do “Minas Literário”, que a Imprensa Oficial lançou esta semana. Com sua longa prática de livros e de gente de letras, Murilo reuniu uma boa equipe, prestando assim estimável serviço cultura à grande massa de leitores que só lêem (sic) o “Minas Gerais”. Esta semana, com a presença de Rubem Braga, o sempre querido “velho Braga”, houve lançamento festivo do suplemento, onde colaboram Bueno de Rivera, Melo Cançado, Wilson Castelo Branco, Afonso Ávila e muitos outros (ANDRADE, 09/09/1966, s/p).

Como anunciado pela nota publicada no jornal, o caderno de cultura havia sido entregue ao público leitor a apenas “sete dias”, ou seja, tinha vindo a público no dia 3 de setembro do mesmo ano, 1966.

O *SLMG* surge em um período em que a prática de feitura e manutenção desse tipo de empreendimento encontrava-se, contudo, em relativa decadência, diferenciando-se da década anterior (1950), que assistiu a um crescimento vertiginoso de cadernos de cultura nas principais capitais brasileiras. Uma parte significativa dos principais jornais mantinham dentro de suas páginas um suplemento cultural.<sup>2</sup>

---

1 Doravante, vamos sempre nos remeter ao *Suplemento Literário* pela abreviatura *SLMG*.

2 Cf. ABREU, 1996.

Como característica e periodicidade, o *SLMG* passou a ser publicado aos sábados e encartado no jornal *Minas Gerais*, Diário Oficial do Estado, inicialmente, contando com oito páginas, mas variando esse tamanho de acordo com a finalidade da ocasião como, por exemplo, quando da feitura de um caderno comemorativo, seja de seu próprio aniversário ou em homenagem a algum escritor ou figura do mundo da cultura ou da política, como é o caso que analisaremos neste trabalho.

Em seu processo de distribuição, o *SLMG* também podia ser comprado nas bancas da cidade pelo valor de 150 cruzeiros.<sup>3</sup> Em seu formato, ele fixou um tamanho de 30 x 44 centímetros, impresso em P&B (preto e branco), variando apenas em relação às capas das edições especiais, sendo essas coloridas e impressas em uma gráfica externa à Imprensa Oficial e montado posteriormente. Nessas ocasiões, o mesmo miolo que saía nas edições de sábado do jornal *Minas Gerais* era acompanhado por uma capa em papel de melhor qualidade e distribuído em quantidade limitada. Em várias ocasiões, como podemos perceber em algumas cartas recebidas por Murilo Rubião, esses cadernos especiais eram alvo de interesse por parte de leitores que tinham o desejo de colecioná-los.

O marco inicial desta pesquisa justifica-se, então, pelo ano de criação do caderno de cultura, quando ele veio a público pela primeira vez, encartado aos sábados em um órgão oficial do Estado, o jornal *Minas Gerais*. Essa publicação, que tinha como função principal levar informações de caráter oficial a todos os municípios do Estado, serviu como um importante veículo, mesmo não se configurando a única forma de divulgação do *SLMG* para o seu público leitor, para a circulação e distribuição do caderno, dentro e fora dos limites de Minas Gerais.

Como marco final, a pesquisa se estende até o ano de 1975, momento em que houve algumas polêmicas envolvendo o *SLMG* e que demarcou o desligamento de alguns dos principais nomes de seu quadro de redação. Além de ter movimentado manifestações de apoio e rompimento de vários outros colaboradores que tinham participação frequente em suas páginas e no ciclo de amizades, assistiu-se a saída do secretário do caderno, o escritor Wander Piroli. De certa forma, esse também foi o momento de encerramento da primeira geração de colaboradores e membros efetivos, ou de uma primeira fase, que participaram do caderno de cultura.

---

3 Nas páginas do jornal *Minas Gerais*, consta que a sua tiragem era de 27 mil exemplares.

No entanto, ele não marcou o final do caderno. A publicação manteve a sua existência até o ano de 1992, quando sofreu uma primeira paralisação, e foi retomada no ano de 1994, permanecendo até os dias atuais. Nesse pequeno intervalo, contudo, assistiu-se a sua transferência, enquanto publicação, da Imprensa Oficial de Minas Gerais para a Secretaria de Cultura do Estado. Enfim, é dessa publicação que esta tese se ocupará como objeto e fonte de pesquisa.

A proposta desta tese, portanto, é investigar o trabalho de criação, organização e manutenção desse suplemento como um veículo de produção e divulgação da memória cultural preocupado especialmente em situar Minas Gerais no âmbito de uma cultura intelectual nacional e mundial. Nesse sentido, esse caderno teria se constituído como um importante dispositivo de cultura estruturado e estruturante que conseguiu se inserir no âmbito da produção cultural nacional, e para além dele, principalmente ao ter o trabalho com a memória como um dos seus objetivos centrais.

Ao identificarmos essas características em sua criação, montagem e manutenção, a investigação desta tese se valeu do conceito de dispositivo como principal suporte teórico para a leitura e interpretação do *SLMG* como o objeto e fonte de pesquisa. Nesse sentido, interessou-nos investigar como o caderno, estruturado como um dispositivo de cultura, foi capaz de articular elementos heterogêneos dentro de uma complexa rede de saberes, o que lhe conferiu legitimidade enquanto um projeto e um objeto de circulação e comunicação culturais. Assim, defendemos que o *SLMG* não foi somente um lugar de atuação intelectual, de atores sociais imbuídos ou interessados em fazer parte de um projeto de cultura, mas também foi construído e se construiu como uma instância e espaço estruturado e estruturador de agenciamento que o conformaria um dispositivo de produção cultural. Ao lançar mão de uma estrutura disponível para o funcionamento de uma espécie de mecanismo de promoção cultural, que englobaria a Imprensa Oficial, o jornal *Minas Gerais* e um grupo heterogêneo de intelectuais de diferentes gerações aptos ao trabalho, e sob a promoção do Estado, o *SLMG* teria funcionado como um dispositivo poderoso (e vitorioso desde o seu lançamento) de criação, divulgação e manutenção de um projeto de cultura mineira.

Segundo Michel Foucault, um dos principais autores que nos apoiaremos para esta discussão, o termo dispositivo demarcaria, em um primeiro momento, um “conjunto heterogêneo” que englobaria discursos, instituições, leis, enunciados científicos, composto por elementos do “dito e o não dito”. Para ele, “o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 1996, p. 244):

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência (FOUCAULT, 1996, p. 244-245).

Em Giorgio Agamben, em um diálogo aberto com os escritos de Foucault, verificamos uma tentativa de entendimento próprio sobre a lógica de funcionamento dos dispositivos. O filósofo retoma a definição foucaultiana, mas se apropria do termo e propõe sua ampliação do conceito. Para ele, dispositivo seria “qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Nos estudos de Gilles Deleuze, outro filósofo importante para a nossa pesquisa, encontramos a centralização de sua investigação na ideia de heterogeneidade, sinalizada a partir das dimensões do dispositivo concebidas por Foucault, ao afirmar que o dispositivo é formado por múltiplas linhas de força, nas quais (e a partir das quais) podemos identificar os trabalhos de visibilidade e enunciação. Para ele, os dispositivos seriam “máquinas de fazer ver e falar” (DELEUZE, 1990, p. 155):

A filosofia de Foucault muitas vezes se apresenta como uma análise de “dispositivos” concretos. Mas o que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em

desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras (DELEUZE, 1990, p. 155).

Para a realização desse fim, o *SLMG* contou com a participação de um importante número de colaboradores, que atuaram de diferentes formas, desde o colonismo fixo até as colaborações bissextas. Nesse sentido, objetivamos explorar também as questões pertinentes às relações entre a história e a produção intelectual que permeiam o processo de constituição de uma publicação como um lugar de cultura, uma vez que tem cada vez mais sido perceptível um renovado, produtivo e instigante interesse por essas fontes nos campos de pesquisa da história intelectual e dos intelectuais.

Em seu diálogo constante com os trabalhos nas áreas das ciências sociais (sociologia do conhecimento, sociologia dos intelectuais, antropologia, etnografias, história das ideias, história cultural e história das culturas políticas), essas investigações que lidam com as atuações dos intelectuais têm conseguido redimensionar e conferir significados novos às práticas, representações e formas de inserção, no mundo social, de sujeitos históricos nas mais diversas conjunturas e temporalidades históricas. Noções, ou conceitos, de sociabilidades, redes de interesse e sustentação, geração, formações culturais, estruturas de sentimento, afinidades eletivas, dentre outros, têm proporcionado, por fim, o surgimento de novas questões ou mesmo um redimensionamento de antigas questões sobre as relações entre os intelectuais, tomado aqui em sentido amplo, a sociedade e o poder.

Para Jean-François Sirinelli, no que diz respeito às pesquisas no campo da historiografia francesa, os estudos sobre os intelectuais haviam sido relegados a uma espécie de silêncio, “ao menos relativo – dos historiadores enquanto outras disciplinas – particularmente a ciência política e, em menor escala, a sociologia – voltavam pouco a pouco seu olhar nesse direção”:

Após estudar as causas que durante tanto tempo deixaram os intelectuais no ângulo morto da pesquisa - pois, na verdade, era muito mais uma questão de ausência do olhar que de descrédito – será, portanto, necessário apresentar em seguida uma história nascente, mais que renascente. Sua juventude não a impediu, contudo, de ganhar vigor, testando problemáticas novas, desobstruindo pistas inéditas e aafiando para tanto instrumentos específicos (SIRINELLI, 1996, p. 232).



Nesse ponto, em muito contribuiu a retomada de estudos no âmbito da história política, principalmente pela safra de historiadores franceses posteriores aos consagrados pesquisadores da Escola dos *Annales*.

Na “Apresentação” do livro *Por uma história política*, escrito por Marieta de Moraes Ferreira para a edição brasileira, a historiadora enfatiza esse ponto. Para ela, “talvez por pertencer a uma geração anterior à de seus colaboradores, René Rémond não se contenta, contudo, em mostrar a realidade de sua ‘disciplina em movimento’” (FERREIRA, 1996, p. 6). Sem perder de vista a concepção de história proposta pelos *Annales*, o historiador francês rebate as antigas acusações de que a história política só se interessa pelas minorias privilegiadas e negligencia as massas, de que o objeto da história são os fatos efêmeros e superficiais, inscritos na curta duração, incapazes de fazer perceber os movimentos profundos das sociedades.

Em diálogo com as principais questões propostas pela história intelectual e dos intelectuais, propomos ler a atuação do *SLMG* como um dispositivo de promoção e manutenção de uma cultura intelectual, fortemente ligado, mantido e desenvolvido sob a estrutura do Estado. Acreditamos, assim, que uma reflexão a respeito desse caderno de cultura possa trazer algumas questões pertinentes aos variados e diferentes usos do passado feitos pelos sujeitos atuantes nessa configuração histórica.

Como mencionado anteriormente, o *SLMG* surge em setembro de 1966 e foi marcado por uma proposta de modernização do modelo comunicativo até então praticado pelo Estado e que passou a incluir paulatinamente a cultura em seu espectro de atuação, principalmente a produção literária. Essa proposta também esteve marcada pela presença do então governador eleito Israel Pinheiro à frente da administração do Estado, um político que já trazia em sua trajetória a construção da nova capital do país, Brasília, e um bom trânsito em alguns meios intelectuais, o que poderia situá-lo ao lado de Juscelino Kubitschek, em relação aos apoios que ambos angariavam daqueles. Nesse sentido, haveria uma certa continuidade de uma administração marcada pelo desejo de modernidade entre os dois administradores, o que em parte pode nos ajudar a explicar a considerável adesão da intelectualidade mineira ao projeto de criação de um caderno de cultura que carregou<sup>4</sup> o nome de

---

4 Vale ressaltar que o verbo carregar aqui empresta tanto o significado de “levar consigo, transportar, garantir o funcionamento”, quanto de “pôr carga sobre ou no interior”. Aproveito para

Minas Gerais, foi amplamente divulgado no território nacional e teve como suporte material o próprio órgão de divulgação noticioso do estado, o jornal *Minas Gerais*.

Tido como um político eleito em oposição à ditadura que se instaurara no país a partir de 1964, seu governo explorou a imagem de uma administração modernizadora e progressista. A sua disposição estava a estrutura da Imprensa Oficial, com um número significativo de funcionários que nela já trabalhava, e uma equipe de intelectuais consagrados, tanto pela sua efetiva participação na vida pública quanto pelo reconhecimento pelos trabalhos publicados e/ou inserção no mundo acadêmico. Resultado de seu interesse em inserir uma folha cultural nas páginas de sábado do jornal *Minas Gerais*, diário oficial do Estado com ampla divulgação em território mineiro, sendo enviado para todos os municípios, o projeto acabou por se materializar em um caderno de cultura.

Nesse período, a Imprensa Oficial tinha em sua diretoria um sobrinho do governador, o já experiente jornalista e ex-deputado (estadual e federal), Raul Bernado de Sena, que foi incumbido de dar seguimento ao projeto. Para levá-lo a bom termo, foi convocado Murilo Rubião – de quem teria saído a ideia de um caderno de cultura e não somente um folhetim –, àquela altura ainda relativamente desconhecido como escritor que viria a ser, efetivamente, a partir dos anos de 1970. Rubião já trazia em seu currículo uma considerável experiência como funcionário público, dentre outras, de ter sido chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek, Adido Cultural na Espanha, redator da revista *Belo Horizonte* e ter uma passagem pela Rádio Itatiaia. Para completar o time, foram designados Ayres da Mata Machado Filho e Laís Corrêa de Araújo.

Outra questão que também esteve no centro da investigação desta pesquisa diz respeito às formas de percepção e trabalho realizados pelo *SLMG* sobre as temporalidades, nas dinâmicas estabelecidas e propostas, principalmente pelos cadernos especiais que analisamos na segunda parte desta pesquisa, em se ocuparam em apresentar ao público leitor configurações culturais dos séculos XVIII, XIX e XX mineiros. Para isso, nos foi de grande utilidade as discussões propostas por alguns historiadores como, por exemplo, François Hartog, Reinhart Koselleck e Eric Hobsbawm.

---

agradecer a Júlia Ferreira Veado por essa dica e pelas leituras atentas e sempre valiosas aos meus textos.

Para Hobsbawm, em sua sugestiva apresentação intitulada “O século: vista aérea – olhar panorâmico” de seu livro, talvez o mais famoso, *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*, “a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas –” seria “um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX”. Para ele, “quase todos os jovens de hoje”, situados no início da década de 1990, “crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”. A partir desse diagnóstico, afirmou que “por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse motivo”, conclui, “eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores” (HOBSBAWM, 2015, p. 13). Como objetivo de seu trabalho, hoje já um clássico da história social, não estava o “propósito”, ressalta Hobsbawm, de “contar a história da época de que trata, o Breve Século XX entre 1914 e 1991”, mas “compreender e explicar *por que* as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si” (HOBSBAWM, 2015, p. 13).<sup>5</sup>

Algumas questões são importantes nessas passagens para o objetivo deste estudo. Para além da preocupação que aflige qualquer estudioso que se ocupe com a historicidade das experiências humanas, sinalizada na passagem de Hobsbawm pela destruição dos “mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal” ao passado, chama a nossa atenção a sua conexão com uma dinâmica de percepção do tempo (talvez causa da pouca importância conferida ao passado em vias de destruição?). Ela é evocada pela marca de um “presente contínuo”, perpétuo, localizado no instante do agora e fundado em preocupações imediatistas, algo que poderíamos classificar, segundo considerações de François Hartog, como uma concepção “presentista” do tempo, ou simplesmente como “presentismo” (HARTOG, 2013).

Outro ponto que nos parece relevante diz respeito às funções do “ofício” do historiador, que estaria ancorado em uma espécie de “máquina da lembrança”. Um lugar ocupado por profissionais (ou não) que se dispusessem a “lembrar o que outros esquecem”, conferindo a sua especialização, digamos, um caráter de

---

5 Itálico no original. Cf., também, HOBSBAWM, 1995.

“arconte” ou mesmo “arauto” da memória. Infelizmente, nem todo historiador tem a possibilidade de lidar com um objeto de estudo em que ele possa se inserir como parte da experiência, como é o caso de Hobsbawm. Em suas palavras, “para qualquer pessoa de minha idade que tenha vivido todo o Breve Século XX ou a maior parte dele, isso é também, inevitavelmente, uma empresa autobiográfica”.<sup>6</sup> Recuperando o título de seu livro, talvez pudéssemos pensar em uma “era dos extremos” também para a atuação dos historiadores, já que podem ser notadas, pelo menos, duas “crises”, por assim dizer: uma ligada a sua função social e outra fundada nos regimes de historicidade da contemporaneidade.

Partindo de um outro presente, François Hartog, em seu livro *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*, faz constatações muito próximas às mencionadas logo acima por Hobsbawm. Se as inquietações que movem o historiador inglês se localizaram no início dos anos 1990, logo em seguida à Queda do Muro de Berlim, Hartog parte de seu presente, situado no início dos anos 2000, para estabelecer um diagnóstico da temporalidade vivida e sentida como a “tirania do instante” e a “estagnação de um presente perpétuo” (HARTOG, 2013, p. 11).

O historiador francês inicia o seu estudo a partir de uma série de constatações sobre a crise vivida naquele começo de século, 2003, e os seus sinais de superação “às pressas” para a crise financeira de 2008, que ele considera como um dos pontos da dificuldade de se enxergar além. Para ele, o momento era mais de reação do que de ação. Esse diagnóstico estaria ligado diretamente “à nossa incapacidade coletiva de escapar ao que agora é usual chamar, na França, de ‘*court-termisme*’, ou seja, a busca do ganho imediato” que Hartog preferiu denominar “presentismo”. Nesse sentido, a sua marca seria “o presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo”.

Rodrigo Turin, em artigo intitulado “As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade”, afirma que “nas últimas décadas, as reflexões em torno da temporalidade passaram a ocupar um lugar de destaque na agenda de pesquisas da história da historiografia e da teoria da história” (TURIN, 2016, p. 587). Hartog, para o autor, “entende as categorias

---

<sup>6</sup> Esse ponto foi tratado mais extensamente em sua autobiografia publicada no ano de 2002, na Inglaterra, com o título *Interesting times: a twentieth-century life*. No Brasil, o livro veio a público, em 2005, intitulado *Tempos interessantes: uma vida no século XX*, pela editora Companhia das Letras.

analíticas como instrumentos eminentemente heurísticos, portanto ferramentas que geram determinados efeitos de conhecimento” (TURIN, 2016, p. 587). Nesse sentido, não se trataria de concepções ou proposições de caráter ontológico, posição que endossamos ao utilizarmos de suas proposições.<sup>7</sup>

Hartog nos coloca a seguinte questão: “o que o historiador pode propor?”, afinal. Para ele, “a ‘retomada’ não faz evidentemente parte de seus atributos. Todavia, ele pode convidar a um desprendimento do presente, graças à prática do olhar distanciado. Isto é, a um distanciamento”. Para esse fim, sua proposta “heurística” seria o desenvolvimento da noção de “regime de historicidade” que nos auxiliaria a “criar distância para, ao término da operação, melhor ver o próximo. Este era, em todo caso, o projeto e o desafio de minha proposta”, completa (HARTOG, 2013, p. 11). Ainda para o historiador, “a hipótese (o presentismo) e o instrumento (o regime de historicidade)” seriam solidários, se complementariam mutuamente. “O regime de historicidade permite formular a hipótese e a hipótese leva a elaborar a noção. Pelo menos de início, um não anda sem o outro” (HARTOG, 2013, p. 11).

Hartog, então, define “o que é e o que não é o regime de historicidade”. Para o historiador,

(...) ele não é uma realidade dada. Nem diretamente observável nem registrado nos almanaques dos contemporâneos; é constituído pelo historiador. Não deve ser assimilado às instâncias de outrora: um regime que venha suceder mecanicamente a outro, independentemente de onde venha. Não coincide com as épocas (no sentido de Bossuet ou de Condorcet) e não se calca absolutamente nestas grandes entidades incertas e vagas que são as civilizações. Ele é um artefato que valida sua capacidade heurística. Noção, categoria formal, aproxima-se do tipo-ideal weberiano. Conforme domine a categoria do passado, do futuro ou do presente, a ordem do tempo resultante não será evidentemente a mesma (HARTOG, 2013, p. 12-13).

Sobre as suas possíveis formas de utilização, Hartog nos informa que o uso por ele proposto de um regime de historicidade poderia ser “tanto amplo, como restrito: macro ou micro-histórico”. Para ele, seria possível o seu uso tanto para “esclarecer a biografia de um personagem histórico”, como as temporalidades

---

7 Para uma reflexão sobre as contribuições de François Hartog, para se pensar o presente e a noção de “presentismo”, em um contexto amplo disputado por noções de modernidade, pós-modernidade e globalização, Cf. PEREIRA, 2009.

encontradas por Napoleão, “ou a de um homem comum” (HARTOG, 2013, p. 13), dentre outras.

Como podemos perceber, Hartog e Hobsbawm, mesmo sem dizê-lo explicitamente, podem ser entendidos como investigadores com consciência de que os seus presentes são os lugares por excelência a partir de onde são iluminadas as inquietações de suas pesquisas. Mesmo sem se citarem, conseguimos estabelecer pontos de contatos, que nos sugerem movimentar suas formas de trabalho e reflexões sobre os passados, presentes e futuros de suas pesquisas.

Em relação aos estudos de Koselleck, operaremos também com as categorias de “espaço da experiência” e “horizonte de expectativa”, propostas pelo historiador em seu livro *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (KOSELLECK, 2006), mesmo que elas não sejam rediscutidas necessariamente em função dos usos para nossos objetos. Sobre elas, José Carlos Reis nos ensina que esse foi o ponto central para Koselleck, uma vez que “conhecer o mundo histórico é responder a esta questão maior: como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro foram postas em relação?” (REIS, 1999, p. 8). Mesmo que não estejamos, como Reis, em busca das “identidades” expressas ou representadas em nossos objetos, entendemos como um ponto nevrálgico as relações temporais para o trabalho histórico. Ainda para ele, “quem realiza esta operação cognitiva é a história, que torna visível e dizível a experiência temporal” (REIS, 1999, p. 8).

Assim, a investigação desta pesquisa se guiará pela análise e leitura sobre o trabalho realizado com as temporalidades a partir das formas concebidas pelo *SLMG*, principalmente em seus cadernos especiais, e a sua construção como um dispositivo de cultura.

Para tanto, a primeira parte da tese foi dividida em três capítulos, em que o *SLMG* foi analisado como objeto de pesquisa. Nela, para o seu capítulo 1, objetivamos entender como teria se dado o processo de surgimento do caderno, desde as primeiras evidências discursivas que nos informaram sobre os porquês de sua criação até o processo pelo qual ele passou para a sua criação e montagem. Para tanto, organizamos a nossa investigação a partir de três olhares (ou lugares narrativos) distintos, mas que mantiveram diálogos e trocas constantes: do jornal

*Minas Gerais*, órgão oficial de divulgação das notícias e decretos do Estado; do próprio *SLMG*, a partir de como ele se apresentou e justificou a sua necessidade de existência, principalmente, mas não somente, através dos cadernos comemorativos de aniversário, momentos em que eles se prestaram a se reposicionar, rediscutir e mesmo se recolocar como publicação necessária e importante para o âmbito da cultura; e, por fim, das narrativas vindas de leitores, intelectuais colaboradores, trabalhos acadêmicos ou notas publicadas pela imprensa, lugares de onde conseguimos retirar olhares valorativos sobre a recepção e avaliação sobre os lugares ocupados pelo *SLMG*. Nossa intenção foi proporcionar, portanto, uma leitura ampla que pudesse dar conta de mostrar como teria se dado a criação, organização e montagem do caderno de cultura ao mesmo tempo que fosse possível mostrar a dinâmica de recepção e apoio que ele movimentou desde o seu surgimento, ou mesmo antes.

Conectadas a essas questões, estruturamos o capítulo 2 em torno da questão das dinâmicas intelectuais que nos disseram a respeito do processo de apoio, quase em uníssono, a proposta de criação de um suplemento voltado para a produção cultural mineira e o trabalho por eles desenvolvidos como mediadores. Para esse fim, acompanhamos as trajetórias dos principais intelectuais que estiveram ligados diretamente ao projeto, seja em sua criação e/ou em sua manutenção, ao focalizarmos em como esse apoio, inserção e empréstimos simbólicos ocuparam um importante papel e lugar na legitimidade do projeto, ao mesmo tempo em que foram capazes de conferir ganhos, tanto intelectuais quanto de prestígio, para os principais nomes envolvidos. Dentre os principais, destacamos as atuações de Murilo Rubião, Aires da Mata Machado Filho, Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila. Para além deles, também abordamos, mesmo que de forma menos menos exaustiva, alguns dos principais nomes que compuseram uma “segunda geração” de intelectuais à frente do *SLMG*, entendidos por nós como responsáveis pela continuidade do projeto.

Para o capítulo 3, empreendemos uma investigação que pretendeu mapear as dinâmicas de colaboração feitas ao caderno, com o intuito de entendermos quais teriam sido as formas de captação e estratégias pensadas e postas em prática pelos responsáveis pelo caderno, ao mesmo tempo em nos desse condições de visualizar

os nomes recorrentes ou mesmo pouco presentes nas páginas da publicação. Ao partirmos de uma perspectiva de levantamento quantitativo, a primeiro momento, com a finalidade de criamos algumas tabelas, o resultado do uso dessa metodologia também nos ofereceu um importante quadro a partir do qual conseguimos organizar as colaborações em grupos que muito nos disseram da própria dinâmica de funcionamento do caderno. Uma das conclusões que conseguimos extrair dela diz respeito da importância da participação de intelectuais de prestígio nas páginas do *SLMG*, em uma troca simbólica de mão dupla, em que o caderno tanto pode ser beneficiar com a presença de intelectuais renomados nacional ou internacionalmente, como o próprio caderno passou a ocupar um importante lugar de divulgação de escritores, artistas plásticos, pesquisadores, dentre outros, já possuidores de prestígio ou estreates.

Em sua segunda parte, operamos uma divisão a partir do princípio ou da noção do *SLMG* como fonte para a pesquisa histórica, em que nos ocupamos mais detidamente da leitura dos cadernos por nós selecionados para a investigação. Metodologicamente, em primeiro lugar, fizemos uma longa triagem e leitura de todos os cadernos organizados e apresentados ao público leitor, a partir do próprio recorte do *SLMG*, como “cadernos especiais”. Para a sua confecção, a própria publicação sempre os justificou, em suas várias edições, a partir da necessidade de trazer ao público leitor escritores, temas ou épocas que pudessem dar a ele um compêndio, uma antologia a partir da qual ele conseguisse ter reunido em um só lugar um bom mapa para a sua leitura e descoberta. Como organizamos mais detidamente na tabela 3, a quantidade de cadernos publicados chegou a casa de 70, quantidade relativamente grande para que delas nos ocupássemos no âmbito desse tese. Contudo, nos propusemos a neles fazer um recorte a partir das épocas sobre as quais eles se referiram, apostando na possibilidade de deles extrair um trabalho feito com a memória que contemplasse diferentes épocas.

Assim, justificamos o nosso recorte ao selecionarmos os cadernos que julgamos mais significativos organizados sobre escritores ou temas circunscritos aos séculos XVIII, XIX e XX. Dessa forma, portanto, organizamos, respectivamente, os capítulos 4, 5 e 6 em grupos de cadernos inseridos em cada um desses séculos como “galerias abertas à memória”, uma metáfora da qual lançamos mão para nos



auxiliar na compreensão do trabalho antológico e organizado em grandes painéis, segundo a nossa forma de vê-los a partir da dinâmica de reconfiguração dessas experiências e reapresentação das produções culturais, reatualizando-as nos diversos presentes das publicações.<sup>8</sup>

Ao fim desse percurso, objetivamos demonstrar que o *SLMG*, portanto, foi pensado, criado, organizado e posto em circulação como um dispositivo de cultura que movimentou uma rede intelectual e se prestou, dentre outras, a funcionar como lugar de memória, tanto em sua produção, disputa e difusão.

---

8 Organizamos na tabela 4 desta tese (página 375 da seção “Anexos”) as referências dos textos publicados nos cadernos que utilizamos para a confecção dos capítulos 4, 5 e 6. Optamos por mencionar todo o conteúdo dos respectivos números, mesmo que não tenhamos, a rigor, analisado todos os textos. Para pesquisas no acervo do *SLMG*, acesse: <http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/> (último acesso em: mar. 2019). Infelizmente, o *site* não gera link específico para cada caderno, apenas para as páginas que clicamos, o que tornou inviável indicar o endereço de cada publicação.

## Parte 1

Nos capítulos que seguem, propomos uma investigação sobre as principais narrativas que nos informam a respeito da criação do *SLMG*, feitas a partir de três focos diferentes de emissão: o jornal *Minas Gerais*, o próprio caderno de cultura e de alguns atores sociais sobre o caderno. A partir deles, como veremos a seguir, foram construídos pontos de vista que se prestaram a anunciar e divulgar ou mesmo preparar o terreno para o seu aparecimento, como é o caso do *Minas Gerais*, onde o caderno de cultura passaria a ser encartado, como justificar ou mesmo sustentar a necessidade de uma publicação dessa natureza, como pode ser entendidos os enunciados emitidos pelos outros meios.

Vale ressaltar, contudo, que não privilegiamos extensivamente a sua recepção tanto no meio intelectual, mineiro ou, mais amplamente, brasileiro, ou mesmo pela imprensa escrita, notadamente os jornais que, via de regra, cobriram a trajetória do *SLMG*, tanto crítica como elogiosamente. Em nossa forma de ver, esses caminhos, por si só, demarcariam outras frentes de pesquisa, algo que nos pareceu irrealizável, dentro do tempo e dimensão dos objetivos propostos, por ora, pelo nosso projeto.

Nas páginas a seguir, procuramos apreender e investigar como as três linhas de força escolhidas por nós – o jornal, o caderno de cultura e os discursos esparsos emitidos por diferentes agentes sociais –, conformaram narrativas, em grande medida, que positivaram a publicação e a importância do *SLMG*, emprestando a sua atuação e manutenção um caráter de validação de seu trabalho no campo da cultura.

Ao nosso ver, enfim, o efeito provocado é de uma manifestação em bloco, em que não faltaram elogios e saudações à iniciativa e manutenção do projeto de um caderno de cultura pensado e mantido pelo poder público, com o aval, quase em unísono, da intelectualidade mineira, brasileira e, em vários momentos, estrangeira. Um projeto que carrega o signo, reiterado em vários momentos, como tentaremos mostrar ao longo deste texto, do sucesso e que sempre se apresentou orgulhoso disso. Vejamos, então, como foram narrados esses primeiros momentos em que ele foi apresentado ao seu potencial público leitor.

## Capítulo 1: O surgimento do *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*

### 1.1. Narrativas no *Minas Gerais*

Há pouco menos de uma semana antes do lançamento oficial do *SLMG*, o jornal *Minas Gerais*, onde o caderno haveria de ser encartado em suas edições aos sábados, deu início a divulgação sobre a sua criação e como se daria a circulação. Ao acompanharmos as suas edições no decorrer de todo o ano de 1966, período da posse de Israel Pinheiro como novo governador do Estado, localizamos a primeira notícia publicada no dia 30 de agosto, sob o título “Vai circular o Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’”. Nela, podemos ler os principais pontos apresentados pelo poder público das razões pelas quais justificam o empreendimento:

Depois de dar características novas ao “Minas Gerais”,<sup>9</sup> órgão dos Poderes do Estado, a Imprensa Oficial continua dinamizando suas atividades. Sensível à necessidade do meio intelectual mineiro e oferecendo ao povo um novo instrumento de cultural, a I.O. [Imprensa Oficial] vai lançar no próximo dia 3, um suplemento literário em que colaboram conhecidos escritores de Minas.<sup>10</sup>

Segundo nos informa a matéria, o novo suplemento seria constituído de um caderno que acompanharia o órgão oficial e circularia aos sábados. “Dirigido por uma equipe de escritores, será impresso em feições de vanguarda e levará aos assinantes do ‘Minas Gerais’ matéria literária variada, como contos, ensaios, críticas, cinema, teatro, biografias, etc, além de referências bio-bibliográficas”.<sup>11</sup>

Em relação aos intelectuais que inaugurariam o caderno com suas publicações, o jornal anunciava que

No primeiro momento do suplemento colaboram escritores como Aires da Mata Machado Filho, Afonso Ávila, Murilo Rubião, Zilá Corrêa de Araújo, Ildeu Brandão, Paulo Saraiva, Laís Corrêa de Araújo, Libério Neves, Neil Ribeiro da Silva, Wilson Castelo Branco, Fábio Lucas, J. D’Ângelo, Bueno de Rivera, A. A. Mello Cançado, João Camilo de Oliveira Tôres e outros.<sup>12</sup>

9 O escultor mineiro Amilcar de Castro é apontado como o responsável, no ano de 1967, por fazer uma reforma gráfica no jornal, assim como no *Última Hora* (RJ) e no *Estado de Minas*. Cf. AGUILERA, 2005. Em 2006, a Diretoria de Ação Cultural (DAC), da UFMG, em parceria com a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, promoveu a exposição “Amilcar de Castro – programador visual e ilustrador de publicações”, no Espaço Expositivo da Reitoria.

10 “Vai circular o Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’”. *Minas Gerais*, Capa, 30 de agosto de 1966.

11 “Vai circular o Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’”, *loc. cit.*

12 “Vai circular o Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’”, *loc. cit.*

Ao cotejarmos o anunciado pelo jornal e a primeira edição do *SLMG*, podemos perceber que já havia uma conexão e um certo dinamismo entre as publicações, uma vez que os nomes mencionados marcaram presença no caderno de estreia. Nesse sentido, podemos afirmar que, desde o surgimento do *SLMG*, houve uma constante publicação de informações sobre o andamento e a repercussão do caderno, assim como um processo de divulgação e propaganda, por parte do *Minas Gerais*, dos feitos e importância de sua criação. Passaria a existir, portanto, uma dinâmica circular de valorização recíproca entre as duas publicações, estratégia esta, diga-se de passagem, que proporcionou ganhos simbólicos para ambos.

Sobre essas trocas entre o *SLMG* e o jornal *Minas Gerais*, Mariana Novaes afirma que

O Minas Gerais era um dentre vários periódicos que publicava constantemente algum texto sobre o Suplemento. No jornal oficial do estado é possível ler e narrar quase toda história do jornal dirigido por Murilo. Pelo menos uma vez por semana, escrevia-se uma resenha sobre um número do Suplemento Literário; uma notícia sobre alguma cerimônia de lançamento de edição ou sobre algum fato diferente que acontecia na redação, como a conquista do prêmio Cid, em 21 de outubro de 1967, instituído pela Rádio Itatiaia, em que o Suplemento foi considerado o que de melhor se publicou em Minas no ano de 1966 (NOVAES, 2014, p. 47).

Em relação à composição do primeiro número do caderno de cultura, estiveram presentes: Álvaro Apocalipse, “Do folclore ao surrealismo” (ilustração da capa); Bueno de Rivera, “O país dos laticínios” (poema); Fábio Lucas, “A função da poesia renovadora” (ensaio); João Camilo de Oliveira Torres, “Missão de Minas” (ensaio); Laís Corrêa de Araújo, “Reexame de Alencar” (resenha/crítica literária para a coluna fixa “Roda Gigante”) e “Informais” (notícias culturais e literárias gerais); Paulo Saraiva, “O alienista de Cosme Velho, I” (ensaio); Affonso Ávila, “Sousândrade: o poeta e a consciência crítica, I” (ensaio); M. Procópio,<sup>13</sup> “Arthus Bosmans: de marinheiro a cantor do Planeta Marte” (reportagem); Zilah Corrêa de Araújo, “Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa” (entrevista); Celina Ferreira, “O passeio” (poema); Aires da Mata Machado Filho, “O escritor Euclides da Cunha” (ensaio); Libério Neves, “O bigode” (poema); Ildeu Brandão, “Na rodoviária” (conto);

<sup>13</sup> Pseudônimo usado pelo crítico e artista plástico Márcio Sampaio em alguns textos por ele publicados no *SLMG*.

Márcio Sampaio, “Ouro Preto: dois séculos de arte” (reportagem para a coluna fixa “Artes Plásticas”); Flávio Márcio, “Godard: carta de princípios”; Luiz Gonzaga Vieira, “Franz Kafka” (suposta entrevista com o escritor tcheco).

Nas páginas do *Minas Gerais* do dia seguinte, dia 31 de agosto, novamente foram publicadas notícias sobre o lançamento do primeiro número do *SLMG*. Intitulada “Suplemento do ‘Minas Gerais’ será lançado sábado próximo”, nela lemos que

No próximo sábado será lançado, oficialmente, o Suplemento Literário do “Minas Gerais”, que circulará, semanalmente, com reportagens, artigos e outras colaborações referentes ao movimento literário do Estado. Na mesma oportunidade, será feita a entrega da Medalha “Hermenegildo Chaves”, recentemente instituída pela Direção da Imprensa Oficial para premiar os servidores que se aposentam, ao mesmo tempo que presta uma homenagem póstuma o ilustre jornalista e ex-Diretor da Imprensa.<sup>14</sup>

De acordo com o protocolo anunciado nas páginas do jornal, a solenidade de entrega da medalha estava programada para às 11 horas de sábado, no pátio interno da Imprensa. Na ocasião, se pronunciariam o jornalista Antônio Tibúrcio Henriques e, para representar o *SLMG*, Aires da Mata Machado Filho. Segundo o jornal, seriam ressaltados “a importância da iniciativa e também do lançamento do Suplemento Literário, que será feito na mesma oportunidade”. A matéria ainda ressalta que “especialmente convidados, deverão estar presentes os escritores Rubem Braga (que fará a entrega da Medalha “Hermenegildo Chaves” aos agraciados), Paulo Mendes Campos e Oto Lara Resende, além de intelectuais, membros da Academia Mineira de Letras, autoridades e funcionários da Casa. Encerrando a festividade, será oferecido um coquetel aos presentes”.<sup>15</sup>

---

14 “Suplemento do ‘Minas Gerais’ será lançado sábado próximo”. *Minas Gerais*, capa, 31 de agosto de 1966.

15 Vale ressaltar que no segundo número do *SLMG*, lançado no dia 10 de setembro de 1966, toda a última página do caderno foi destinada a uma matéria dedicada a publicizar o evento de lançamento de seu primeiro número. Nela, foi incluída uma fotografia da mesa da solenidade e, no texto, alguns depoimentos de intelectuais, políticos, funcionários da Imprensa, dentre outros, que compareceram ao evento.



Figura 1: Minas Gerais, set. 1966, capa. Fonte: Hemeroteca Histórica/ Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.



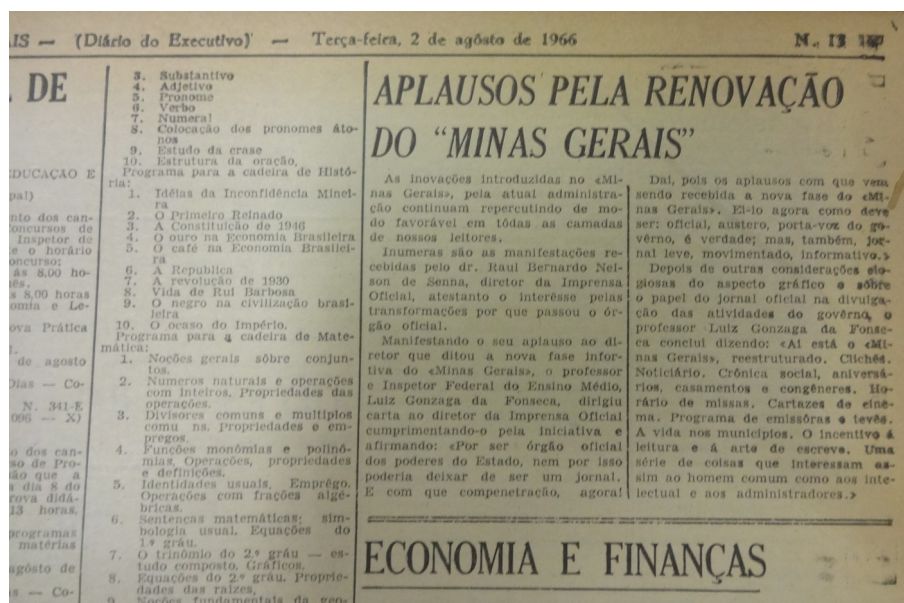


Figura 2: *Minas Geraís*, ago. 1966, p. 13. Fonte: Hemeroteca Histórica/ Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

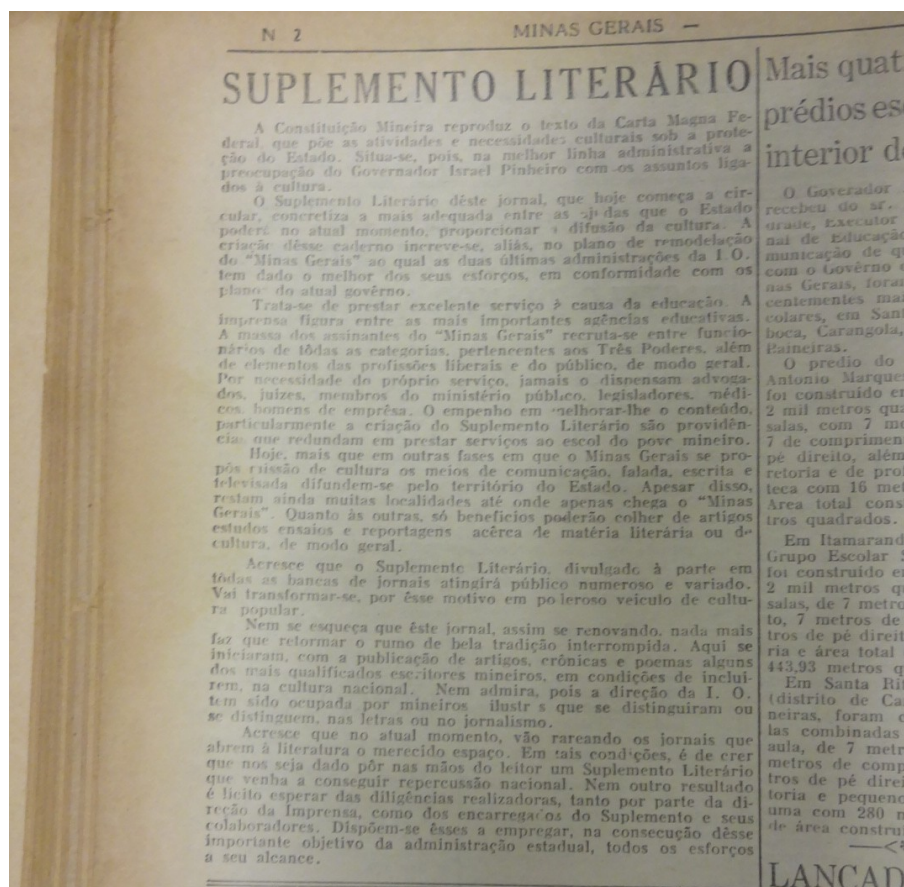


Figura 3: *Minas Geraís*, 1966, p. 2. Fonte: Hemeroteca Histórica/ Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Ao final da matéria, o jornal apresenta uma opinião do “Sr. Bias Fortes” sobre a importância da publicação do caderno de cultura e sobre como ele compreendia a “missão” que se encontrava investido o poder público naquele momento, em relação ao campo cultural. Segundo o jornal, “depois de ouvir o pronunciamento do senador Milton Campos sobre o lançamento do Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’, procuramos ouvir outro ex-Governador do Estado, sr. Bias Fortes”. Por telefone, como nos informa o jornal, por se encontrar naquele momento no Rio de Janeiro, assim se manifestou sobre a criação do *SLMG*:

O “Minas Gerais” antes de ser um órgão oficial dos Poderes do Estado, tem marcado com destaque o seu lugar entre os mineiros, pela ação que exerce em todas as áreas do território do Estado e será por isso, nesta fase que ele inaugura, um arauto da literatura, criando uma posição dentro de Minas e dando renome maior a sua atuação para o desenvolvimento da cultura contemporânea dos mineiros. Por ele vamos conhecer os nossos homens, como ensaístas, como poetas, como historiadores, amenizando a história através de uma literatura suave e caracterizando o pensamento da nossa cultura, que exerceu, no período do Império, influência decisiva na formação dos nossos estadistas.<sup>16</sup>

Em matéria publicada no dia 02 de setembro, que trouxe o título “Suplemento do ‘Minas Gerais’ começará a circular amanhã”, lemos que mais algumas linhas sobre a importância posta no argumento que justificava a sua existência: “o novo caderno de letras e artes contará com a colaboração de festejados nomes da cultura mineira, em sua maioria vinculados à intelectualidade de vanguarda, sendo de acreditar-se que a publicação alcançará o êxito com que está sendo aguardado”.<sup>17</sup>

Na continuidade do texto, também lemos algumas informações sobre a escolha do novo diretor da Imprensa Oficial naquele momento, que passaria a ser ocupada pelo ornalista Antônio Tibúrcio Henriques. O subtítulo da matéria foi intitulada “Diretor da I.O. será homenageado amanhã”:

A nomeação do jornalista Antônio Tibúrcio Henriques, para o cargo de Diretor da Imprensa Oficial do Estado, foi recebida em meio a ambiente de geral simpatia, em virtude da estima de que sempre se viu ele cercado nos circuitos sociais, culturais e políticos da Capital e do interior. Com o objetivo de dar mais ênfase a essa manifestação de apreço ao conhecido homem de imprensa, seus amigos e admiradores decidiram homenageá-lo com um almoço que será realizado amanhã, às 12:30 horas, na Churrascaria

---

16 “Suplemento do ‘Minas Gerais’ será lançado sábado próximo”, *loc. cit.*

17 “Suplemento do ‘Minas Gerais’ começará a circular amanhã”. *Minas Gerais*, capa, 02 de setembro de 1966.



Camponesa, tendo aderido à homenagem numerosas e representativas figuras da sociedade belo-horizontina.<sup>18</sup>

No dia 03 de setembro, data escolhida para o lançamento do primeiro número do *SLMG*, o *Minas Gerais* publicou um texto intitulado “Inicia-se hoje a circulação do Suplemento Literário”, como matéria de capa do jornal.<sup>19</sup> Nele, afirmou-se novamente a importância da solenidade que teria lugar nas dependências da Imprensa Oficial. “Expressiva solenidade marcada para às 11 horas de hoje, no pátio interno da Imprensa Oficial, assinalará o lançamento do Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’, que circulará todos os sábados, com selecionada colaboração e temas de atualidade literária”.<sup>20</sup>

Mais uma vez lemos a exaltação da importante “missão” cultural reivindicada e colocada em movimento pela estrutura disponível para a montagem do caderno de cultura: a junção entre a Imprensa Oficial, o poder público e seu órgão oficial de circulação de informações, o jornal *Minas Gerais*:

Saudado por personalidades de destaque da vida pública mineira como importante acontecimento cultural de Minas Gerais, o Suplemento Literário, cuja circulação hoje se inicia, virá, sem dúvida, preencher uma lacuna na imprensa belo-horizontina onde, presentemente, tem faltado este tipo de publicação especializada, embora seja, em geral, amplo o espaço que os jornais mineiros dão, em suas edições dominicais aos assuntos literários e culturais.<sup>21</sup>

Contudo, foi na segunda página do *Minas Gerais* que encontramos uma declaração mais sistematizada e bem acabada, por parte do poder público, dos pressupostos, orientações e motivações para a construção do *SLMG*. Intitulado simplesmente “Suplemento Literário”, nela lemos que a principal razão para a fabricação de um veículo de divulgação cultural encontra-se no respeito às orientações constitucionais do Estado: “A Constituição Mineira reproduz o texto da Carta Magna Federal que põe as atividades e necessidades culturais sob a proteção do Estado. Situa-se, pois, na melhor linha administrativa a preocupação do Governador Israel Pinheiro com os assuntos ligados à cultura”.<sup>22</sup>

18 “Suplemento do ‘Minas Gerais’ começará a circular amanhã”, *loc. cit.*

19 “Inicia-se hoje a circulação do Suplemento Literário”. *Minas Gerais*, capa, 03 de setembro de 1966, n. 168. Curiosamente, a matéria sobre o lançamento do *SLMG* dividiu a mesma página (capa) com outra intitulada “Confirmada a visita do Mal. Castelo Branco a Minas”.

20 “Inicia-se hoje a circulação do Suplemento Literário”, *loc. cit.*

21 “Inicia-se hoje a circulação do Suplemento Literário”, *loc. cit.*

22 “Suplemento Literário”. *Minas Gerais*. 03 de setembro de 1966, p. 2.

Ainda segundo o texto,

O Suplemento Literário deste jornal, que hoje começa a circular, concretiza a mais adequada entre as ajudas que o Estado poderá, no atual momento, proporcionar a difusão da cultura. A criação desse caderno inscreve-se, aliás, no plano de remodelação do “Minas Gerais” ao qual as duas últimas administrações da I.O. tem dado o melhor dos seus esforços, em plano do atual governo. Trata-se de prestar excelente serviço à causa da educação. A imprensa figura entre as mais importantes agências educativas. A massa dos assinantes do “Minas Gerais” recruta-se entre funcionários de todas as categorias, pertencentes aos Três Poderes, além de elementos das profissões liberais e do público, de modo geral. Por necessidade do próprio serviço, jamais o dispensam advogados, juizes, membros do ministério público, legisladores, médicos, homens de empresa. O empenho em melhorar-lhe o conteúdo, particularmente a criação do Suplemento Literário são providências que redundam em prestar serviços ao escol do povo mineiro.<sup>23</sup>

A missão político-pedagógica a si atribuída, a partir dessa iniciativa, fica mais explicitada na passagem que se segue. Nela, o tom de um projeto civilizacional aparece com contornos mais definidos:

Hoje, mais que em outras fases em que o Minas Gerais se propôs missão de cultura os meios de comunicação, falada, escrita e televisada difundem-se pelo território do Estado. Apesar disso, restam ainda muitas localidades até onde apenas chega o “Minas Gerais”. Quanto às outras, só benefícios poderão colher de artigos, estudos, ensaios e reportagens acerca de matéria literária ou de cultura, em geral. Acresce que o Suplemento Literário, divulgado à parte em todas as bancas de jornais atingirá público numeroso e variado. Vai transformar-se, por esse motivo em poderoso veículo de cultura popular.<sup>24</sup>

Reivindica-se uma retomada de uma tradição presente em Minas Gerais, colocada como constituinte da história da Imprensa Oficial e de seu jornal oficial. Em relação ao trabalho realizado por ambos, a ideia é de que eles representam e configuram o epicentro da produção e constituição da cultura mineira, locais a partir dos quais irradiariam a sua divulgação e fortalecimento. “Nem se esqueça que este jornal, assim se renovando, nada mais faz que retomar o rumo de bela tradição interrompida”, afirma o texto:

Aqui se iniciaram, com a publicação de artigos, crônicas e poemas alguns dos mais qualificados escritores mineiros, em condições de incluírem, na cultura nacional. Nem admira, por a direção da I.O. tem sido ocupada por

23 “Suplemento Literário”, *loc. cit.*

24 “Suplemento Literário”, *loc. cit.*

mineiros ilustres que se distinguiram ou se distinguem nas letras ou no jornalismo”.<sup>25</sup>

Em vários momentos e ocasiões, é recorrente a retórica que afirma ter sido a Imprensa Oficial e o jornal *Minas Gerais* espaço de atuação do escritor Carlos Drummond de Andrade, dentre outras figuras sempre lembradas como parte da história do impresso.

Em seu desfecho, o texto sobre a importância do *SLMG* assim se manifestou:

Acresce que no atual momento, vão rareando os jornais que abrem à literatura o merecido espaço. Em tais condições, é de crer que nos seja dado por nas mãos do leitor um Suplemento Literário que venha a conseguir repercussão nacional. Nem outro resultado é lícito esperar das diligências realizadoras, tanto por parte da direção da Imprensa, como dos encarregados do Suplemento e seus colaboradores. Dispõem-se esses a empregar, na consecução desse importante objetivo da administração estadual, todos os esforços a seu alcance.<sup>26</sup>

Na edição do *Minas Gerais* do dia 06 de setembro, como já havia sido anunciado nas edições anteriores, o jornal lança o seu primeiro caderno. Em matéria intitulada “Minas Gerais lança seu Suplemento Literário”, assim se manifesta o jornal sobre o ocorrido:

Numa festa que contou com a presença de nomes expressivos da literatura e das artes, de ex-diretores da Imprensa Oficial, representantes do Governador do Estado e do Sindicato dos Jornalistas, do general Dióscoro do Vale, dos secretários do Estado Gerson de Melo Boson e Ciro Franco, jornalistas e funcionários da Casa, a Imprensa Oficial, depois de entregar a medalha “Hermenegildo Chaves” a antigo servidor, lançou o Suplemento Literário do “Minas Gerais”.<sup>27</sup>

Em seguida, a matéria do jornal narrou como se deu o ato comemorativo, nas dependências da Imprensa Oficial, em homenagem à criação do *SLMG* e a entrega da medalha referida. A solenidade por ser entendida como um evento de coroamento público, um ato fundacional, responsável por conferir e produzir um sentido oficial para a iniciativa de construção de um veículo de comunicação cultural:

25 “Suplemento Literário”, *loc. cit.*

26 “Suplemento Literário”, *loc. cit.*

27 “Minas Gerais lança seu Suplemento Literário”. *Minas Gerais*. 06 de setembro de 1966.

O diretor da Imprensa Oficial Antônio Tibúrcio Henriques, depois de chamar à mesa de honra da solenidade o comandante da ID-4, general Dióscoro do Vale, os escritores Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Aires da Mata Machado Filho, os secretários Gerson Brito de Melo Boson (Educação) que representava nas solenidades o Governador do Estado, e Ciro Franco (Interior) e o ex-diretor Raul Bernardo Nelson de Senna, ressaltou a figura de Hermenegildo Chaves, referindo-se à sua atuação como diretor da Imprensa Oficial, e disse que Rubem Braga, escolhido para entregar a medalha que levava o seu nome, comparecia não apenas como amigo do homenageado, mas também como admirador de Minas, que o lê e estima.<sup>28</sup>

A solenidade é demarcada por seu caráter oficial, algo observável a partir do comparecimento de membros de alguns seguimentos sociais que na ocasião estiveram presentes ao evento. A força simbólica e a ideia de unidade sugeridas nessa orquestração sugere, como corolário, o reforço da ideia de que o que se estava construindo com aquele ato era algo realmente investido de um valor cultural e social indiscutíveis. Contudo, essa montagem institucional sugere ser ocioso perguntar-se pela participação do povo.<sup>29</sup> De outra forma, uma pergunta que poderia ser feita seria: um empreendimento dessa natureza já não traria, em seu nascimento, um caráter elitista e setorizado? Não estariam aí colocadas as fronteiras entre o trabalho de uma elite “instruída”, afinada com as demandas político-partidárias, afeitas e disponíveis para o exercício de dominação cultural?

Em seguida, lemos mais algumas informações sobre o “ritual” de lançamento do primeiro número do *SLMG*:

Em seguida, o ex-diretor da Imprensa Oficial, sr. Raul Bernardo Nelson de Senna, a quem se deve a iniciativa de criação do Suplemento, manifestou o seu contentamento e o do Governador Israel Pinheiro da Silva pelo aparecimento do Suplemento Literário, resultando para o qual concorreram a inteligência e a cultura dos colaboradores mineiros. A seguir, lembrou a

28 “Minas Gerais lança seu Suplemento Literário”, *loc. cit.*

29 Sobre o coquetel de lançamento, somos informados que “estiveram presentes figuras representativas do mundo intelectual e artístico mineiro, da administração pública e funcionários da Imprensa Oficial. Além dos cronistas Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, especialmente convidados, compareceram os srs. Ciro Franco, secretário do Interior, Gerson de Melo Boson, secretário da Educação, os ex-diretores da Imprensa Oficial, srs. Luiz Domingos, Emílio Moura, Moacir Andrade, José Guimarães Alves e Raul Bernardo Nelson de Senna, o general Dióscoro do Vale, que se fazia acompanhar do capitão Ilson Vale (?); o atual diretor da Imprensa Oficial, sr. Antônio Tibúrcio Henriques; os responsáveis pelo Suplemento Literário, Aires da Mata Machado Filho, Murilo Rubião e Afonso Ávila; o prof. Alberto Deodoro; Saint Clair Valadares, diretor da Rádio Inconfidência. o deputado Jorge Ferraz, Flávio de Souza Lima, representando o secretário da (...); srs. Mário Matos, Eduardo Frieiro, Jorge Azevedo, Ildeu Brandão; Eduardo de Paula, Márcio Sampaio, maestro Arthut Bosmans, Edison Moreira, Sebastião Noronha, Antônio Avelar, Alfredo Marques Vianna de Góes, Isaias Golgher, José Nava, José Mendonça, Jair Silva, Zilá Correia de Araújo e Laís Correia de Araújo, e muitos outros”. “Minas Gerais lança seu Suplemento Literário”, *loc. cit.*

gestão de José Guimarães Alves, que inovou e dinamizou a Imprensa, trabalhou esse que o orador e o atual diretor Antônio Tibúrcio Henriques tem continuado, na projeção de uma Imprensa Oficial dinâmica e de um órgão oficial renovado e renovador.<sup>30</sup>

Escalado para se pronunciar sobre o *SLMG*, a Aires da Mata Machado Filho foi confiado a palavra a fim de que fossem publicizadas as principais questões que nortearam a sua criação. Em seu pronunciamento, reproduzido na página do *Minas Gerais*, nota-se o tom de conciliação entre um olhar tradicionalista sobre a cultura mineira com o desejo de inseri-la no âmbito da produção contemporânea. O tom do discurso é o do equilíbrio, um ponto mediano entre passado e presente:

Falando, o escritor Aires da Mata Machado Filho lembrou que o caderno literário do “Minas Gerais” retomou uma bela tradição, momentaneamente interrompida: o propósito cultural mediante a divulgação do pensamento de escritores novos, ao lado das trabalhos de autores consagrados. “O grupo a quem está hoje entregue o suplemento – disse – mantém as mesmas tradições de fidelidade à cultura”. Em sequência à festa, o Coral da Imprensa, sob a regência do maestro Geraldo Lúcio de Rezende, cantou números de música brasileira, encerrando-se as novidades com um coquetel aos presentes.<sup>31</sup>

Sucedida essa primeira etapa de propaganda sobre o lançamento do *SLMG*, o *Minas Gerais* iniciou um segundo bloco de matérias em que noticiou as primeiras manifestações dos leitores sobre o caderno de cultura. Em texto intitulado “Suplemento Literário suscita aplausos”, do dia 09 de setembro (ou seja, 3 dias após o início oficial da publicação do *SLMG*), lemos:

As manifestações de aplausos e regozijo que a direção da Imprensa Oficial vem recebendo, diariamente, em virtude do lançamento, sábado último, do suplemento literário deste jornal, constituem inequívoca demonstração de acerto e oportunidade da medida, que em boa hora determinou a circulação semanal do caderno de letras artes. Entre outros, tivemos, nos últimos dias, os pronunciamentos, através de cartas e expressivos cartões, do deputado Leão Borges, primeiro vice-presidente da Assembleia Legislativa do Estado, do eng<sup>o</sup>. Gil César Moreira de Abreu, e do Sr. Wilson Castelo Branco, escritor e jornalista. Em carinhosa mensagem dirigida ao Diretor da Imprensa Oficial, jornalista Antônio Tibúrcio Henriques, o Sr. Wilson Castelo Branco sublinha que o lançamento da seção literária do MINAS GERAIS “constitui mais um importante impulso ao desenvolvimento cultural do nosso Estado”.<sup>32</sup>

30 “Minas Gerais lança seu Suplemento Literário”, *loc. cit.*

31 “Minas Gerais lança seu Suplemento Literário”, *loc. cit.*

32 “Suplemento Literário suscita aplausos”. *Minas Gerais*, 9 de setembro de 1966, p. 2.

Para além das impressões enviadas, como afirma a passagem acima, para a redação do *Minas Gerais*, a respeito do lançamento do *SLMG*, o texto também se refere uma menção feita ao caderno no jornal *Estado de Minas*. Segundo nos informa, sob o subtítulo “Na crônica da cidade”,

Outra interessante apreciação sobre o suplemento está na crônica, de domingo último, do prof. Alberto Deodato,<sup>33</sup> no ESTADO DE MINAS. Depois de abordar pontos relacionados com as festividades de sábado, na Imprensa Oficial, discorrendo sobre a tradição de austeridade deste jornal, o ilustre jornalista e mestre de Direito acentua que “se é coisa nova o suplemento na feição que lhe vão dar, colaboração e literatura constituíram, em tempos passados, colunas daquele jornal”, referindo-se ao MINAS GERAIS. Prosseguindo, afirma, ainda, o apreciado cronista, que o “MINAS GERAIS”, desde quando os poucos jornais mineiros não saiam de Belo Horizonte, tem sido, principalmente no interior, a fonte viva das informações e dos conhecimentos”.<sup>34</sup>

Na edição do dia 10 de setembro, em uma matéria de capa, encontramos, sob o título “Novas mensagens de aplauso pelo Suplemento Literário”, mais algumas referências sobre a recepção do *SLMG* em âmbito estadual.

Segundo a matéria no informa,

Continuam chegando ao “Minas Gerais” telegramas, cartas e ofícios contendo mensagens de autoridades, dirigentes de entidades de classe e outra personalidades, contendo palavras de congratulações e aplausos ao nosso Diretor, jornalista Antônio Tibúrcio Henriques, pelo lançamento do Suplemento Literário deste jornal, que tanto sucesso vem alcançando nos meios intelectuais mineiros.<sup>35</sup>

Ainda segundo a matéria, houve outras manifestações de apreço pela publicação como, por exemplo, vinda do “Sr. José Pereira de Faria, Secretário do Governo, [que] enviou radiograma apresentando congratulações pela [...] iniciativa e

---

33 Segundo o verbete, do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, do CPDOC/FGV, Alberto Deodato Maia Barreto “em 1964, juntamente com o governador mineiro José de Magalhães Pinto, participou da conspiração que depôs o presidente João Goulart no dia 31 de março. Logo em seguida, foi nomeado interventor nas emissoras de rádio e televisão de Minas Gerais. Professor por concurso das cadeiras de ciências das finanças e de direito internacional público na Faculdade de Direito de Minas Gerais, da qual foi diretor, dirigiu também o Abrigo de Menores e a Escola de Reforma de Belo Horizonte. Pertenceu ainda à Academia Mineira de Letras e ao Conselho Federal de Educação. Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alberto-deodato-maia-barreto> (Acesso em: 22 mar. 2018).

34 “Suplemento Literário suscita aplausos”, *loc. cit.*

35 “Novas mensagens de aplauso pelo Suplemento Literário”. *Minas Gerais*, capa, 10 de setembro de 1966, n. 177. Na mesma capa, dividindo o espaço da página com o texto, encontramos um outro sob o título “O presidente Castelo Branco estará em Minas no dia 12”.

votos de bom êxito. Também de congratulações foi o telegrama enviado pelo deputado Bonifácio de Andrade, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado”:

Depois de se declarar surpreendido com a feição nova do “Minas Gerais”, o sr. Raimundo Nonato de Castro, Secretário da Administração, assim se expressou em sua carta: “Votos sinceros pela continuidade desse excelente trabalho que liberta a primeira folha de imprensa do Estado das repetições e a ameniza com o lançamento do ‘Suplemento Literário’”. Por outro lado, os srs. Nelson Lemos de Carvalho e José César Rocha, respectivamente presidente e secretário geral da União dos Varejistas de Minas Gerais, apresentando “congratulações, extensivas a todos os colaboradores, desejando ao mesmo tempo que o novo Suplemento contribua para o aprimoramento da cultura mineira e seja um incentivo aos jovens que se dedicam à literatura aos jovens e às artes em geral”.<sup>36</sup>

Encontramos outra matéria datada do dia 17 de setembro em que novamente lemos que o *SLMG* continua sendo aplaudido pelo público leitor. Sob o título “Manifestações de aplausos ao Suplemento Literário”, em um texto de capa, somos informados que

A direção do “Minas Gerais” continua a ser alvo de expressivas manifestações de aplausos pela instituição do “Suplemento Literário” que, desde o dia 3 de setembro, passou a circular nas edições de sábado. Com efeito, tem sido destacada a criteriosa seleção de matéria publicada, bem como o cuidado posto na confecção gráfica. Os números já editados repercutiram em várias camadas sociais, o que se atesta pelas mensagens enviadas à redação.<sup>37</sup>

Também somos informados do envio de uma carta, do Rio de Janeiro, do ex-governador do Estado, Magalhães Pinto, com impressões sobre a publicação do *SLMG* e a reforma do jornal *Minas Gerais*:

O “Minas Gerais” está na tradição literária de Minas, não obstante ser um órgão oficial que publica a enfadonha matéria da burocracia. Todo esforço feito para renová-lo, atualizá-lo e colocá-lo dentro da sua tradição merece, de nossa parte, integral apoio. Sei da influência que o órgão oficial de nosso Estado exerce no funcionalismo e nas altas esferas administrativas. O “SUPLEMENTO LITERÁRIO” é mais uma iniciativa em favor da cultura, que a todos cumpre prestigiar e incentivar. Os meus parabéns, pois, à Direção e a todo o pessoal do velho órgão da imprensa mineira.<sup>38</sup>

Em seguida, a matéria também nos informa que “outras mensagens” também teriam sido enviadas para a redação do *Minas Gerais*. Essas, contudo, vindas de

36 “Novas mensagens de aplauso pelo Suplemento Literário”, *loc. cit.*

37 “Manifestações de aplausos ao Suplemento Literário”. *Minas Gerais*, capa, 17 de setembro de 1966, n. 175.

38 “Manifestações de aplausos ao Suplemento Literário”, *loc. cit.*

algumas regiões do Estado, o que sugere uma tentativa de demarcação de uma imagem do alcance relativamente amplo que o caderno de cultura já gozava naquele primeiro mês de existência.

Outras mensagens de incentivo foram enviadas pelos Srs. Carlos Danilo B. Cabral, oficial-de-gabinete do Secretário do Trabalho e Cultura Popular; João Valle Maurício, reitor da Universidade do Norte de Minas e redator da página literária de “O Diário” de Montes Claros; J. do Carmo Barbosa, de São João del-Rei, que destaca “a primorosa seleção dos artigos publicados”; Sebastião Bemfica Milagre, de Divinópolis, que salienta a repercussão do “Suplemento Literário” naquela cidade, “centro de expansão cultural através de suas Faculdades, Colégios, Academia Divinopolitana de Letras e União Brasileira de Trovadores”.<sup>39</sup>

Ainda sobre a repercussão no âmbito do Estado de Minas Gerais, em matéria publicada no dia 23 de setembro (capa), sob o título “Sucedem-se os cumprimentos pelo Suplemento Literário”, lemos que “a direção da Imprensa Oficial continua recebendo, diariamente, novas e animadoras mensagens de louvor e aplausos, em decorrência do lançamento, nas edições de sábado, do Suplemento Literário do MINAS GERAIS”.<sup>40</sup>

Sobre a receptividade das demais cidades mineiras, para além da região metropolitana de Belo Horizonte,<sup>41</sup> o jornal afirmou que “as manifestações se sucedem alvissareiras, sendo das mais calorosas as oriundas do interior, onde é sempre menos fácil a difusão de jornais e revistas de cunho cultural”.

Segundo a matéria, da região sul de Minas Gerais, da cidade de Varginha,

(...) recebemos cumprimentos do médico Alcebíades Viana de Paula, que é presidente da Secção Regional da Associação Médica e membro da Academia Varginhense de Letras. A certa altura de seu depoimento, afirma o missivista: “o aparecimento do Suplemento Literário do MINAS GERAIS, cujos excelentes primeiros números tive a oportunidade de ler, constitui fato da maior importância para a cultura mineira”.<sup>42</sup>

39 “Manifestações de aplausos ao Suplemento Literário”, *loc. cit.*

40 “Sucedem-se os cumprimentos pelo Suplemento Literário”. *Minas Gerais*, capa, 23 de setembro de 1966.

41 Da região metropolitana, afirma o jornal ter recebido aplausos: “grande amigo da Casa e de seus dirigentes, também o vereador belo-horizontino, sr. Raul Pedreira Passos consignou em carta ao jornalista Antônio Tibúrcio Henriques, sua satisfação pelo fato, acentuando que o suplemento está magnífico: na escolha dos assuntos, na seleção dos autores, na apresentação gráfica”. “Sucedem-se os cumprimentos pelo Suplemento Literário”, *loc. cit.*

42 “Sucedem-se os cumprimentos pelo Suplemento Literário”, *loc. cit.*



Também de outras duas cidades ao sul do Estado, Pouso Alegre e Minduri, afirma o jornal ter recebido

(...) o jornalista Antônio Tibúrcio Henriques, Diretor da Imprensa Oficial, expressivos cumprimentos do juiz de Direito, sr. Jorge Beltrão, e dos exatores Geraldo Laneim e Guilherme Ferrer Godinho. Em sua apreciação, disse o magistrado pousoalegrense que “o Suplemento Literário do MINAS GERAIS veio resolver um sério problema cultural, quando estão ficando raras as revistas e órgãos que cuidam dos assuntos da inteligência”.<sup>43</sup>

Da cidade de Mariana, a redação do *Minas Gerais* recebeu os cumprimentos da Academia Marianense de Letras, manifestados pelo seu presidente:

A Academia Marianense de Letras, pelo seu presidente, sr. Waldemar de Moura Santos, jornalista e escritor, manifestou-se também sobre o acontecimento, consignando, em ata de uma de suas sessões, um voto de congratulações ao Diretor da Imprensa Oficial. (...) “A Academia Marianense de Letras, consignando em ata voto de congratulação a V. Exa., o torna extensivo a toda a colenda família da Imprensa Oficial, superiormente dirigida pelo talento e alta competência de V. Exa., que através da vitoriosa divulgação do novo Suplemento, demonstrou, com expressivo objetivo, atingir às superiores aspirações da cultura geral mineira, sublimando-a no que ela tem de mais precioso para apreciação e ilustração dos que lêem e estudam”.<sup>44</sup>

Enfim, mais importante do que verificar ou afirmar que essas notícias realmente condisseram com alguma “verdade”, nos interessa perceber como o jornal *Minas Gerais* funcionou como um mediador importante na montagem da engrenagem de funcionamento, divulgação e manutenção do *SLMG*. Nesse sentido, ele foi parte central e constituinte da propagação e fortalecimento de um imaginário social sobre a relevância do empreendimento, além de emprestar o seu capital simbólico como impresso oficial à imagem do caderno de cultura. No limite, criticar ou mesmo recusar o projeto, principalmente da parte dos intelectuais envolvidos ou colaboradores do projeto, com todos os seus desdobramentos possíveis nos diversos campos (políticos, sociais ou culturais), seria o equivalente a ir de encontro a uma política pública oficial no âmbito cultural.

## 1.2. Narrativas do *Suplemento Literário*

---

43 “Sucedem-se os cumprimentos pelo Suplemento Literário”, *loc. cit.*

44 “Sucedem-se os cumprimentos pelo Suplemento Literário”, *loc. cit.*

O *SLMG* veio a público em 1966, um sábado, dia 3 de setembro. Contudo, é possível narrarmos o seu início de uma outra data, anterior a sua publicação oficial.

No dia 16 de agosto de 1966, foi enviado um comunicado ao Departamento do *Minas Gerais* e a sua Tesouraria, assinado pelo então diretor da Imprensa Oficial,<sup>45</sup> em papel timbrado do Gabinete do Diretor da Imprensa Oficial, com os seguintes dizeres:

Designo o Sr. Murilo Eugênio Rubião para tratar, como encarregado, dos assuntos referentes ao suplemento literário do “Minas Gerais”, em virtude de seu próximo lançamento, ficando ainda responsável pelo numerário destinado a ocorrer às despesas com o mesmo, devendo, para tanto, prestar contas à Tesouraria da Casa.<sup>46</sup>

Para Vera Lúcia Andrade, Murilo Rubião, àquela data, ocupava o cargo de funcionário estadual licenciado,

(...) que optara pela Imprensa Oficial – quando de seu regresso, em 1960, de Madrid, onde fora adido cultural durante quatro anos –, Murilo Rubião, em 1966, trabalhava na redação do *Minas Gerais*, pouco tendo o que fazer num jornal que se limitava a publicar leis, decretos e atos administrativos. A situação mudará, sensivelmente, para Murilo, quando o então governador de Minas, Israel Pinheiro, atento ao fato de que duzentas localidades do Norte de Minas estavam virtualmente ilhadas, sem receber jornais e informações do resto do país, a não ser o que lhes chegava pelo órgão oficial, e portanto obrigatório em repartições públicas, decide encomendar ao diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo de Senna, que preparasse uma seção noticiosa e uma página de Literatura, revivendo uma antiga tradição do *Minas Gerais* que, por algum motivo se perdera (ANDRADE, 1998, p. 28-29).

Pensado em consonância com as mudanças que vinham ocorrendo no jornal oficial do Estado, o *Minas Gerais*, o caderno de cultura foi saudado e apresentado como uma etapa, uma vitória, no programa de renovação do jornal.

Segundo Jaime Prado Gouvêa,

---

45 O cargo de diretor da Imprensa Oficial, nesse momento, foi ocupado por Antônio Tibúrcios Henriques, nomeado pelo então recente governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, que iniciara o seu mandato em janeiro de 1966. Antônio Tibúrcios foi um jornalista e trabalhou no jornal *Estado de Minas* por 25 anos como secretário de redação. Também fez parte da Academia Mineira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e foi diretor da Rádio Inconfidência, em 1968.

46 O documento foi encontrado em uma das pastas do fundo do Murilo Rubião alocada no Arquivo dos Escritores Mineiros/AEM/UFMG, onde se encontram outros papéis que o escritor guardava sob o título de “Série Correspondência Burocrática”.

Nessa época, apenas dois suplementos literários sobreviviam no Brasil: o do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e o de *O Estado de São Paulo*. Pouco antes, um suplemento que era publicado pelo Estado de Minas fora extinto, deixando com seu editor, o poeta Affonso Ávila, muitas matérias e colaborações inéditas. Murilo Rubião pediu a ajuda do amigo, de sua mulher Laís Corrêa de Araújo – convidada para integrar a comissão de redação – e de seus muitos amigos artistas. A receita deu certo (...) (GOUVÊA, 2016, p. 26).<sup>47</sup>

Para os fins deste subcapítulo, analisaremos os editoriais dos seguintes números: um (de lançamento); 53 (em que foi comemorado o seu 1º aniversário) e 116 (comemorativa de 2º ano de vida).<sup>48</sup> A escolha de apenas esses três números justifica-se pelo fato de serem um dos poucos momentos em que houve a publicação de textos ou notas de apresentação, nos quais foi feito um balanço ou manifestou-se algum posicionamento objetivo por parte dos responsáveis pelo *SLMG*. Os demais números comemorativos de aniversário, dentro do recorte que estabelecemos, são: 3º aniversário (números 155, 156, 157 e 158, de 1969) e 4º aniversário (números 213, 214 e 215, de 1970). Ao que nos parece, esses cadernos especiais só voltarão a circular em razão do 9º aniversário (número 468, de 1975) e 10º (521, de 1976). Eventualmente, faremos referência a outras edições que possam interessar à discussão ou que venha complementar alguma informação.<sup>49</sup>

Vale ressaltar, contudo, que não foram frequentes nos números publicados do *SLMG* a utilização de editoriais, apresentações ou sumários sobre os conteúdos que estavam contidos em suas páginas. Diferente dos estudos com revistas de cultura, em que esse procedimento é algo recorrente, isso traz um problema metodológico adicional no que diz respeito a uma triagem ou mesmo um

47 Em nossa pesquisa, optamos por não analisar o suplemento do jornal *Estado de Minas* dada a extensão dessa publicação e os limites temporais que uma pesquisa de doutoramento impõe para a sua realização. Um empreendimento, por exemplo, de comparação entre as duas publicações, demandaria uma outra estrutura de projeto, para o êxito de sua efetivação. Por ora, nos ocuparemos, especificamente, do *SLMG*, como mostraremos nas páginas que se seguem.

48 Para o seu segundo aniversário, foi organizado um caderno especial distribuído à parte o que acompanhava as edições do *Minas Gerais* aos sábados. Feito em um tamanho um pouco menor do que o formato em papel jornal, ele contou sempre com uma capa colorida e em papel revista, geralmente pensada exclusivamente para essa finalidade. O design da capa foi sempre feito por um artista plástico colaborador do *SLMG*, com uma grande presença de Eduardo de Paula em suas confecções.

49 Outras edições comemorativas de aniversário foram: 15º (n. 779, 1981), 20º (n. 1039, 1986), 30º (n. 17, 1996), 40º (n. 1297, dez. 2006, 2 partes), 45º (n. 1339, 2011) e 50º (out. 2016). Cabe lembrar que a partir de 1994, o periódico para a fazer parte da Secretaria de Cultura, e não mais à Imprensa Oficial, o que modificou a sua denominação de *Suplemento Literário “do” Minas Gerais* para *Suplemento Literário “de” Minas Gerais*. Em razão dessa mudança, uma nova numeração foi iniciada, o que explica o caderno de 30º aniversário carregar o número 17.

levantamento prévio do que cada edição apresentou.<sup>50</sup> Passemos, todavia, para a leitura de alguns textos mais significativos que nos informam sobre os sentidos possíveis da publicação do *SLMG* em seus contextos.

Em texto intitulado “Apresentação”, publicado na primeira página da edição de número um, em 1966, lemos a seguinte passagem:

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o “Minas Gerais” lança hoje o “Suplemento Literário”, de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de sábado. A função precípua de “Órgão Oficial dos Poderes do Estado” em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo como os outros (*SLMG*, n. 1, 1966, p. 1).

---

50 De certa forma, essa questão pode ser resolvida em partes com o recurso à pesquisa ao banco de dados disponível sobre o *SLMG* no site da Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/UFMG. Entre outras ferramentas de pesquisa, podemos utilizar as entradas como, por exemplo, “autor”, “título”, “assunto”, “número”, “mês” e “ano”, dentre outros. Outro recurso que utilizamos para sanar esse problema foi as consultas ao trabalho de Ieda Maria Ferreira Nogueira intitulado “A indexação do Suplemento Literário Minas Gerais”, dissertação apresentada e defendida na UNESP, em 2000, em Teoria Literária e Literatura Comparada, em 2000. Nele, encontramos uma cuidadosa lista com todos os nomes de colaboradores ao caderno de cultura, por ordem alfabética, em um exaustivo levantamento. Aproveito para agradecer a pesquisadora a gentileza por me enviar o texto do seu trabalho.

## APRESENTAÇÃO

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o «Minas Gerais» lança hoje o «Suplemento Literário», de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de sábado. A função precípua de "Órgão Oficial dos Poderes do Estado" em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo como os outros. Essa foi a orientação mantida durante vários decênios da história do «Minas Gerais», tradição interrompida temporariamente e que ora se procura retomar. Melhor ainda se insere na presente fase renovadora o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral, providência que se compreende também no plano cultural do governo. Justo, portanto, que neste primeiro número se faça menção dos nomes do Governador Israel Pinheiro e do seu digno auxiliar, o jornalista Raul Bernardo Nelson de Senna, ex-Diretor da Imprensa Oficial que, na

sua profícua gestão, teve a esclarecida iniciativa de criar o «Suplemento Literário».

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova seção do «Minas Gerais» contém a essência de um programa consciente. Delibéramos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla.

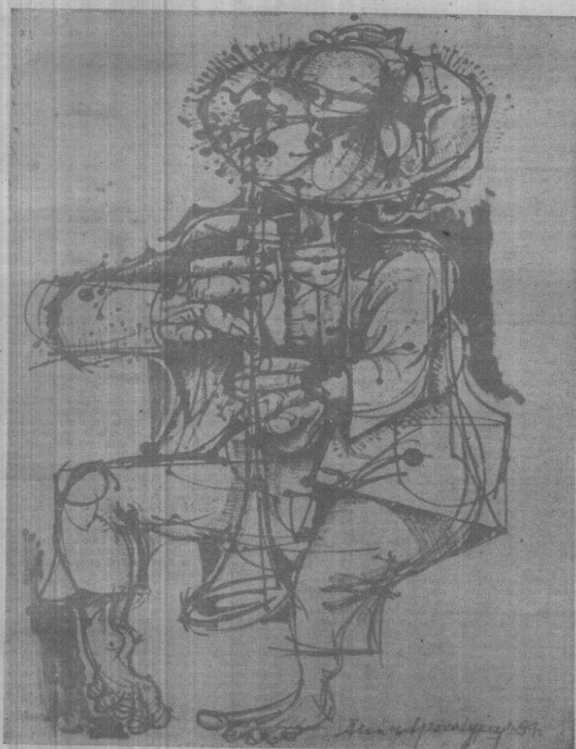
Nessa ordem de idéias, o «Suplemento Literário» vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, e de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir à estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo.

O anseio de atingir a esquiwa perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de

alguns. Porque cientes e conscientes dos lados negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. Para tanto, a Comissão de Redação dará o máximo de si mesmo, para poder exigir igual esforço dos demais escritores da equipe responsável. O trabalho solidário há de superar fraquezas e deficiências.

Esperamos reviver significativa tradição deste jornal, que a história das letras em Minas não deixou de registrar. Alguns entre os mais influentes escritores de hoje publicaram no «Minas Gerais» as primeiras manifestações de seu talento, em poesia e prosa. Ombrearão então com autores já consagrados pela crítica e pelo público. De maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado.

Valham as intenções deste programa. Assim nos seja dado cumpri-lo.



### ÁLVARO APOCALYPSE: do folclore ao surrealismo

Depois de pesquisar muitos temas, principalmente folclóricos, Alvaro Apocalypse — primeiro prêmio de desenho no último Salão da Prefeitura e professor de desenho no Curso de Belas Artes da UFMG — dedica-se agora a uma fase surrealista, que é mais uma consequência de seus trabalhos anteriores do que propriamente uma descoberta de hoje.

Nos seus mais recentes trabalhos, notamos um artista participante, intelectual e inventivo; um profundo conhecedor da técnica do desenho que a domina e a usa para uma melhor comunicação. Em Alvaro Apocalypse, há o gôsto pela fábula do futuro que se mescla com uma leve ironia e notações de grande sutileza.

## MINAS GERAIS

### suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 3 DE SETEMBRO DE 1966

ANO I

N. 1 — Preço Cr\$ 150

### O PAÍS DOS LATICÍNIOS

Bueno de RIVERA

O país dos úberes,  
região da paz bovina!

Aqui as árvores amamentam  
aves, bichos e crianças.

A nossa lua é um seio branco;  
chove leite sobre os campos.

Verdes vales  
longos pastos  
onde os trilhos  
dão no córrego.

Mansas casas  
de varandas  
agucenas  
e quintais.

Muro de rosas  
juritis  
tardes de aboio  
laranjais.

Aguaças de sol e sombra,  
portelas da solidão.

Neste descampado reina a vaca  
mãe do touro  
mãe do ouro  
mãe dos homens.

Neste descampado sofre o boi  
boi de carro  
boi de corte  
sonso boi.

Figura 4: SLMG, n. 1, ano 1, Belo Horizonte, 1966, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.



Figura 5: SLMG, n. 53, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

## SUPLEMENTO LITERÁRIO: SUA PRESENÇA E FUNÇÃO

O conceito de uma publicação periódica, principalmente quando de natureza cultural, não se mede tão somente pelo número de páginas ou pelo tempo de circulação. A aceitação e a repercussão de um órgão especializado de imprensa dependem mais diretamente da obediência a um programa bem definido de trabalho e do nível em que este se realiza. Entretanto, não se pode fugir ainda assim ao imperativo de um balanço de suas atividades, de uma aferição honesta de seus aspectos positivos ou das deficiências que porventura apresente, ao somar-se a seu crédito mais uma etapa vencida de atuação regular e assídua. O SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS, ao entregar aos leitores este número comemorativo de seu segundo aniversário, reafirma os propósitos que determinaram a sua criação e o compromisso de acentuar cada vez mais os esforços de sua equipe dirigente, de seus redatores e colaboradores no sentido de assegurar-se sempre a condição de intérprete vivo e categorizado do processo artístico e literário brasileiro. Editado num dos Estados da Federação, com recursos do plano estadual de incentivo à cultura, nem por isso deixa de exercer o papel fundamental de veículo aberto à participação e à colaboração dos escritores e artistas que, nos vários quadrantes nacionais, exprimam os valores estéticos da atualidade intelectual do País. Nessa mesma perspectiva de órgão voltado para o diálogo franco e permanente das grandes matrizes culturais de nosso tempo, este SUPLEMENTO LITERÁRIO mantém-se sintonizado com os principais centros estrangeiros, acolhendo colaborações especiais, entrevistando, traduzindo e divulgando autores representativos e permitindo ao leitor brasileiro sobre o que o mundo apresenta de novo em matéria de arte e literatura.

Dentro do seu programa de trabalho, o suplemento semanal do MINAS GERAIS passou a assumir,

ao lado da atividade específica e periódica de jornalismo literário, uma função já não mais apenas informativa, mas também didática, formativa. Os números especiais que tem dedicado a movimentos, obras e personalidades significativas da literatura brasileira, confiados sempre à supervisão e organização de conceituados escritores e professores universitários, representam hoje subsídios importantes para o estudo, em escolas e universidades, de fatos e autores dos mais destacados de nossa história literária. As manifestações que a propósito disso temos recebido, sejam de mestres ou de alunos, sejam do País ou do exterior, mostram o alcance dessas iniciativas, alguns feitos em tiragem comum, outros editados em cadernos especiais. O critério adotado para o lançamento de suplementos consagrados a determinados assuntos ou escritores obedece ao mesmo rigor, à mesma isenção que nos impusemos como norma para a elaboração dos números regulares. A escolha dos autores ou temas abordados deve cingir-se antes de tudo à boa qualidade literária, da mesma forma que se exige das colaborações feitas ou recebidas um mínimo de padrão crítico ou estético, sem quaisquer injunções de coerência. Interessa-nos divulgar tanto o que já se incorporou à tradição de nossa literatura, quanto o que apenas está surgindo, mas seguindo a marca de autenticidade, de atualidade. Dedicamos um número especial ao centenário de Afonso Arinos, do mesmo modo que dedicamos outros números especiais aos nomes de Minas. E o nosso trabalho não tem visado tão só à boa divulgação da contribuição mineira ao processo literário nacional. Se realizamos em números lançados ao longo do segundo ano de circulação figuras como Guimarães Rosa, Eduardo Freirol e Mário Matos, dedicamos também números de grande repercussão crítica a Oswald de Andrade e Mário de An-

drade, representantes exponenciais da revolução estética iniciada em São Paulo com a Semana de Arte Moderna de 1922. Novos suplementos especiais estão programados e nêles procuraremos manter igualmente o alto nível alcançado nos precedentes e o idêntico objetivo de contribuir para o melhor conhecimento e divulgação dos valores essenciais de nossas letras e nossas artes.

Uma publicação da natureza deste SUPLEMENTO LITERÁRIO subsiste e cumpre as suas finalidades em razão ao mesmo tempo de um constante aprimoramento de recursos materiais e do interesse conjugado de quantos vêm nele um instrumento necessário e útil de difusão da cultura e de elevação do gosto literário e artístico de nosso povo. O apoio e a simpatia que tem encontrado nos meios intelectuais e artísticos, através de manifestações espontâneas e encorajadoras, exprimem-se de modo bem eloquente neste número de aniversário, presentes que estão em nossas páginas nomes dos mais representativos das letras brasileiras da atualidade. Ao lado desse prestígio intelectual, ressalta também, como colaboração decisiva para o seu êxito, a cooperação de todos aqueles que, desde os mais altos postos administrativos até o desempenho das tarefas de oficina, concorrem para a manutenção deste SUPLEMENTO LITERÁRIO. Mencionamos de maneira especial o Governador Israel Pinheiro e o Diretor da Imprensa Oficial do Estado, professor Paulo Campos Guimarães, que nos têm assistido com o seu incentivo e nos têm facultado meios indispensáveis para que prosigamos em nosso programa. Que todo esse espírito de compreensão e simpatia, somado à generosa receptividade dos leitores, se converta em bons desígnios para o nosso trabalho de uma nova etapa.

## UMA GERAÇÃO -CONY-CLASTA

Rui MOURAO

A mocidade mineira dos vinte anos, com o reforço de alguns desgarrados da casa dos trinta, explodiu nas páginas do número especial deste suplemento (1) num sinal coletivo da sua presença. Ao lado dos que têm sede de essencialidade e se mostram impacientes diante da experiência aleatória do *nouveau roman*, que é capaz de inflacionar "100 páginas descrevendo uma cafeteira", há os angustiados que exclamam simplesmente: "Ea não vejo saída" ou que se proclamam "sobreviventes do desespero". A tentação de perpetrar a frase de efeito confere alta contidência ao depoimento de outros que não sabem "a quem destruir" porque "tudo está superado" e aqueles que, com êsses se mostram de acordo, declarando que não perdem "tempo em chutar o cão morto".

O cadáver impiedosamente abandonado na via pública logo recebe o nome de Cão-ny e a multidão de frases de artifício começa a estourar contra a parede. O primeiro conceito que ganha consistência em meio à sarabanda pirotécnica é o de passadismo. Como, devido a uma profunda desproporção entre as suas possibilidades vitais e as suas realizações artísticas, o herói e patriota Carlos Heitor Cony acabou se transformando num "caso" das nossas letras, na medida em que pode levar ao descaminho as vocações mais apressadas que, "na ânsia de aparecer rápido, brilhar rápido", às vezes nem tem tempo para compreender o caráter passageiro dos fatos de um público equivocadamente, fica bastante evidente uma vigorosa tomada de posição no sentido do esforço criador mais sério, principalmente quando se pro-

cura inquietar aqueles que ainda não conceberam que a literatura "é uma missão humana como qualquer outra" ou quando se insiste em levar vantagem à pândega das negações e às vezes mesmos descrentes e se tropeça em paradoxo para dizer que "a literatura pode não ser necessária, mas que nós (e isso quer dizer o mundo) precisamos dela".

A escolha do bode expiatório não poderia ter sido mais apropriada, de vez que, refletindo o desespero da maioria dos criadores jovens brasileiros diante de um experimentalismo estéril que não conseguiram superar, os novos de Minas instituíram o esforço para equacionar o problema da comunicação como o seu programa por excelência, mas não sem se lançar numa aventura que envolve riscos, seja ao se assumir uma atitude de disponibilidade subjetivo-idealista para a aceitação de que "todos os processos estéticos são válidos, desde que a gente se jogue dentro deles", seja ao se afirmar, não sem alguma ingenuidade, que o que for "produto da cultura europeia" é mesmo num mundo doméstico e de circuito fechado como o atual — "não tem nada a ver conosco".

Mas a i-Cony-clastia se torna verdadeiramente emocionante é quando possibilita ao grupo, em meio a uma revolta de idéias atiradas mais ou menos a esmo, acertar em cheio no alvo e por a nu a limitação das artes do feiticeiro, ao ponderar que de nada "vale fazer um livro contando as nossas manias políticas ou proclamando ao engajamento numa linguagem que, afinal, é a mesma alienada". Para uma geração que deseja pro-

duzir para o consumo amplo e imediato, o conceito de participação tem que ser colocado ao nível dos pressupostos fundamentais e muito coerentemente ela é entendida como o nômimo de comunicação. A esta altura, Cony leva a efeito em parte a sua vingança, desde que ele é também sinônimo de comunicação. A repressália, felizmente, acaba se frustrando, pois entre os clamores extravaiados, lá está um a dizer, ainda que um tanto prejudicado pelo desfoque da mira: "Só admito a participação artisticamente. O que o escritor não pode fazer nunca é alienar-se artisticamente. Participação aparece, aqui, como antônimo de alienação, e podemos compreender que é dentro do sistema de forças de uma tensão semântica contraditória que a verdade complexa se entremostra.

A Cony-vência de determinado setor da nossa literatura com uma estética improvisada, responsável por resultados artísticos às vezes francamente quíscotes, levou boa parte do grupo a formar idéias muito simplificadas do que seja criar em situação. Mesmo quando dessem eleger a sua obra como instrumento de eficiência social, o poeta ou o romancista não estão obrigados aos "derramamentos poltantes" e muito menos a "fazer crítica ao governo". Aos escritores, afinal, é assegurado também o direito à autoterminação. Mas o que é inadmissível é que, e junto no mesmo saco *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e os livros de Dalton Trevisan, ou se esteja a bater peteca com as palavras para afirmar que participação é "o escritor falar aquilo que quer, comprometer-se com a sua obra".

Advertência das mais oportunas, e que poderia ser levada por todos à conta de um chamado à disciplina, é a de que "estamos ainda presos a um subjetivismo perigoso". A fórmula do "eu criador, me confesso a Deus", pode ser a paródia de uma criação, que é um ato de fé, mas esta só remove montanhas na boca dos que desejam enganar. Mais fecunda do que o caótico entusiasmo indistigável dos que proclamam: "Não podemos parar para aprender nada, não queremos mesmo aprender, a ânsia de auto-afirmação é maior que a preocupação de fazer uma obra imperfeita", me parece a atitude dos que chegam a avaliar a extensão da sua própria perplexidade e se declaram necessitados de uma urgente "pausa para meditação".

A consciência de que ninguém é sôzinho nem deixa de estar "situado num determinado contexto" é mais convincente do que qualquer pessoal "vereda de salvação" que possa constituir a aspiração dos desderrados. Foi a vontade de criar em situação que determinamos a já hoje incontestável autonomia das nossas letras e a experiência tem demonstrado, sempre que deixamos de fazê-lo, nos tornamos presas fáceis de influências externas maldigeridas, uma vez que ainda não contamos com o lastro de uma tradição interna suficientemente pesado para garantir o equilíbrio do ato aventureiro solitário. Em face disso é que considero saudável a seguinte declaração, que envolve uma sabedoria dialética: "Não acho que a literatura dêse ou daquele país seja melhor, mas vejo o nosso problema: para o Brasil, a literatura que importa seria

aquela que tentasse apanhar todo o país em uma adaptação, tentasse comunicar isso numa linguagem a mais atual possível".

Outra tomada de posição de grande importância que vem ao encontro da necessidade de dar seqüência ao projeto coletivo de uma arte nacional autônoma, é a daqueles que já se apresentam suficientemente isentos de preconceitos juvenis e, consequentemente, vazios de problemas ao se declararem filhos de outros companheiros a quem chamam de "velhos". Tradicionalmente tidas as gerações têm sido "de um tempo que não houve ainda, que está havendo, que está acontecendo cada minuto, em avanços ultra-rápidos", da mesma forma que também tradicionalmente tidas as gerações depois vão percebendo o quanto há de relativo no fato de que o aprendizado de hoje depende o de ontem, e o de amanhã, o de hoje". Essa é que é a realidade que pode deslindar a muitos, mas que também é a única segurança que temos de não estar construindo sobre areia. A des-Cony-ização que se vem empreendendo me parece para distinguir entre o que seja a verdadeira literatura e a sua contrafeição político-mercantil, mas entendo que é de toda conveniência que se tenha bem viva a noção daquele "agora" que se deseja escrever, "o agora em transformação, o agora que, em si, comporta um futuro".

(1) Suplemento Literário do "Minas Gerais", 27 de janeiro e 3 de fevereiro de 1968.



Alguns pontos merecem uma análise mais detida. Primeiramente, o texto de apresentação coloca a criação do caderno de cultura como uma etapa do “programa de renovação” do jornal *Minas Gerais*, no qual ele passou a ser encartado nas edições de sábado.<sup>51</sup>

Acompanhando as mudanças no *Minas Gerais* ao longo dos anos 1960, podemos perceber algumas modificações que o seu formato tradicional abrigava. Entre elas, cabe citar, a criação, em algumas de suas páginas até então destinadas para notícias oficiais do Estado, de colunas em que eram noticiados eventos culturais da cidade – como horários de peças de teatro, sessões de cinema, exposições de arte, etc –, assim como textos resenhas de publicações, programação de televisão, ao lado de crônicas sociais, esportivas e, por vezes, políticas.<sup>52</sup> Uma outra faceta que surgiu nesse momento, que já pode ser localizada em meados dos anos 60, foi o espaço destinado à vida social e cultural da cidade, como dicas femininas alocadas em uma coluna intitulada *mulher hoje*.

Com o intuito de evidenciar melhor como era o jornal *Minas Gerais* antes da publicação do *SLMG*, vale ressaltar algumas outras frentes que ele abordava em suas páginas, pouco meses antes do surgimento do caderno de cultura mencionado. Esse ponto nos parece relevante por demarcar uma heterogeneidade do jornal ao mesmo tempo que demonstra a participação de alguns nomes reconhecidos no meio jornalístico, que posteriormente deixarão as marcas de suas contribuições na imprensa mineira, como é o caso do jornalista Octávio Dias Leite.<sup>53</sup>

---

51 Além disso, uma quantidade era destinada para a vendas nas bancas da capital mineira, e eventualmente para outras da região metropolitana e para outras cidades; outra leva era enviada para os interessados, situados tanto território brasileiro quanto no exterior. Abordaremos esse ponto em outra parte da tese.

52 Vale ressaltar, sobre esse ponto, a inexistência de referências, ou mesmo pesquisas, que tenham utilizado o jornal *Minas Gerais* como fonte e/ou objeto de investigação. Para tentar sanar algumas (várias) lacunas que apareceram em nosso processo investigativo, recorreremos a alguns estudos, principalmente teses e dissertações, que, de alguma forma, utilizaram-se do *Minas*. Outro ponto que merece destaque é o fato dos dois principais acervos na capital mineira, a Imprensa Oficial e a Hemeroteca Pública, não possuírem esse impresso digitalizado, o que torna uma pesquisa mais intensiva ao jornal inviável. Aliás, merece nota o fato de que boa parte de seu acervo encontra-se em péssimo estado de conservação, dificultando ainda mais a sua consulta.

53 Octávio Dias Leite (1914-1970) nasceu em Belo Horizonte e foi poeta, escritor, jornalista e advogado. Quando residiu no Rio de Janeiro, ao final da década de 1930, morou em uma pensão do Catete, juntamente com os escritores Graciliano Ramos, Rubem Braga, Valdemar Cavalcanti, Moacir Werneck, dentre outros. Em 1937, foi diretor do jornal literário “O Surto”. Nos anos de 1940, com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, trabalhou em sua cobertura e da Primeira Conferência Geral da Unesco, realizada nos meses de novembro e dezembro de 1946, como correspondente da Agence Interpress. Na década de 1950, foi editor e redator responsável pela publicação mensal da revista literária *Livros & Fatos*. Nos anos 1960, teve participação ativa em



Em “Capas & Contra-Capas”, coluna constante e assinada por Leite, este comentou, por exemplo, o aparecimento de um novo livro de Carlos Drummond de Andrade, *Cadeira de Balanço*.<sup>54</sup> Segundo o resenhista, a obra “põe mais uma vez em evidencia o grande poeta de A Máquina do Mundo, cuja prosa cotidiana, na imprensa, tem sido de algum tempo para cá uma das melhores contribuições ao jornalismo” (LEITE, 1966, p. 6). Em abertura ao mesmo texto, o autor afirma que “segundo Pedro Nava, nenhuma de suas crônicas aparecidas no ‘MG’ foram ainda aproveitadas em livros”. Valendo-se de sua própria experiência como leitor e crítico literário, ainda ressaltou: “Lembro-me de algumas, deliciosas (muitas com os mais variados pseudônimos). Motivo para pesquisa e reuni-las em volume. O poeta não se arrependeria” (LEITE, 1966, p. 6). Em outra oportunidade, na mesma coluna, encontramos uma resenha ao livro de Eduardo Frieiro, *Feijão, angu e couve*. Nela, vemos que Frieiro seria

(...) um dos escritores mais deliciosos para se ler, pela malícia, finura de estilo. Seus livros de ensaios, ou romances, são lidos de uma só arrancada, justamente pela maneira como são escritos. Depois de escrever 13 livros, lança agora um curioso, muito de agrado de escritores que motivos óbvios evitam o assunto: o culinário (este colunista assinou uma coluna por mais de dois anos sob o título – Cozinha Pitoresca – e conhece os vexames por que passou) (LEITE, 1966, p. 4).

Em outra coluna, intitulada “Artes e Diversões”, assinada por Wilson Ângelo, era comentada a programação, intitulada “Rádio TV & Discos”, ao lado de uma outra nomeada “Cinemas - Cartazes de Hoje”, que dava a programação, dentre outros, dos cines Acaiaca, Alvorada, Amazonas, Arte, Art-Palácio, Brasil. Na mesma página, encontramos, ainda, informações sobre futebol, na coluna “Esportes”, uma outra intitulada “Notas sindicais” ao lado de matérias como “7ª Convenção Nacional do Comércio Lojista” e “Aplausos do ‘Minas Gerais’”.<sup>55</sup> Junto a tudo isso, ainda era reservado um espaço para o mundo das letras, ou das “altas letras”, como podemos

---

alguns jornais brasileiros em que foi responsável por várias colunas, como a “Capa e Contra-Capa”, do jornal *Minas Gerais*, tendo uma forte atuação no campo da literatura e crítica literária. Em 2014, o Acervo dos Escritores Mineiros/UFMG recebeu parte do seu espólio, que se encontra aberto a pesquisas e visitação.

54 O livro foi lançado em 1966 e é fruto de uma seleção de crônicas que reúne textos publicados em colunas de jornal brasileiros.

55 Todas as colunas e matérias mencionadas encontram-se na página 14 do jornal *Minas Gerais* de 03 de agosto de 1966.

ver em matérias que davam notícias sobre as reuniões da Academia Mineira de Letras.<sup>56</sup>

Em entrevista ao autor, Lucas Raposo, diagramador e paginador do *SLMG* desde a sua criação, assim me respondeu quando perguntado sobre o processo de renovação do caderno:

Começou com uma renovação gráfica e depois começaram a incrementar mais a parte de noticiário. Por que tinha, só na primeira página do Minas, até então, uma coluna com notícias do Governo, dia a dia, e do outro lado notícia internacional que algum jornalista catava lá, fazia uma sinopse e punha lá. E um editorial, alguma coisa assim, tava lá na primeira página. Amílcar de Castro foi quem fez aquele projeto da primeira página, mas é principalmente quando começa o Suplemento que o Minas Gerais, na parte de noticiário, começa a incrementar mais.<sup>57</sup>

Contudo, valeria ressaltar que, mesmo não sendo o jornal *Minas Gerais* um objeto de estudo desta pesquisa, a nossa leitura é orientada por uma dinâmica que tenta ir além da ideia de uma influência de um processo sobre o outro, ou seja, de que o caderno de cultura teria surgido em detrimento do que acontecia no *Minas*. Em nosso entender, são movimentos que têm que ser investigados em conjunto, em suas trocas culturais dinâmicas, para dar conta de um entendimento mais complexo no domínio de uma produção sociocultural. Mesmo que o surgimento do *SLMG* tenha vindo na esteira do jornal *Minas Gerais*, afirmamos que eles movimentaram um sistema cultural de influências mútuas e sincronizadas, ainda que se percebam tensões e disputas no seio de suas realizações e manutenções.<sup>58</sup> Esse ponto, em suma, reforça o nosso argumento, como apontamentos em outras passagens deste texto, de que o *SLMG* teria se configurado como um importante dispositivo de cultura.

Sobre essa questão, também recorreremos às opiniões de Raposo para nos auxiliar em nossa compreensão dessa dinâmica e diálogo entre as duas

56 Em matéria publicada em 30 de agosto de 1966, uma espécie de ata, encontramos uma matéria com o título “Academia Mineira de Letras – seção solene de 18 do corrente – Empossamento do acadêmico Mello Cançado – Palavras do presidente José Oswaldo de Araújo”, dentre outras questões que fora tratadas naquele reunião.

57 Lucas Raposo, entrevista cedida ao autor em agosto de 2016.

58 Na maioria dos depoimentos colhidos com colaboradores, membros da redação, funcionários da parte de feitura do *SLMG*, e mesmo em outras entrevistas encontradas, é lugar comum encontrar opiniões sobre um certo ciúme, fonte de intrigas, mantido pelos membros da Imprensa Oficial ao caderno de cultura (e, por extensão, aos membros da redação). Esta era alocada em uma sala, dentro das dependências da Imprensa, mas em um lugar reservado das demais localidades internas.

publicações. Ao ser perguntado se ele achava que o surgimento do *SLMG* teria a ver com essa renovação do Minas Gerais, ouvimos esta resposta:

O pessoal que trabalhava no *Suplemento* não era o mesmo que trabalhava no *Minas*. Eram duas redações diferentes, mas eu acho que faz parte do mesmo esforço porque o *Suplemento* foi uma coisa que deu certo e prontamente teve uma repercussão muito grande e a importância dele nessa época da criação é que ele chegava em todos os municípios do Estado e em muitos desses municípios mais distantes, mesmo que chegasse um pouco atrasado, era a única coisa que chegava. Não tinha televisão. Acho que o meio de comunicação que pudesse ser mais eficiente na época era só rádio mesmo. Televisão também não chegava em todos os lugares. Então o *Suplemento* indo dentro, encartado em toda edição do *Minas Gerais* é que ganhou um lastro muito forte.<sup>59</sup>

Uma segunda questão que nos surge em relação ao primeiro texto de apresentação tem a ver com a afirmação sobre a orientação e sentido do *SLMG*, principalmente na passagem “a função precípua de ‘Órgão Oficial dos Poderes do Estado’ em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo como os outros”, que nos ateremos agora.

Nesse texto em questão, a sua primeira parte assim se completa:

Essa foi a orientação mantida durante vários decênios da história do “Minas Gerais”, tradição interrompida temporariamente e que ora se procura retomar. Melhor ainda se insere na presente fase renovadora o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral, providência que se compreende também no plano cultural do governo. Justo, portanto, que neste primeiro número se faça menção dos nomes do Governador Israel Pinheiro e de seu digno auxiliar, o jornalista Raul Bernardo Nelson de Senna, ex-Diretor da Imprensa Oficial que, na sua profícua gestão, teve a esclarecida iniciativa de criar o “Suplemento Literário” (*SLMG*, n. 1, 1968, p. 1).

Nessa passagem, podemos notar um posicionamento inicial do caderno em relação ao tempo. Mesmo sendo parte de uma renovação, a construção discursiva do texto sugere um sentido de uma permanência. A orientação da empreitada equaciona um itinerário de uma tradição interrompida “temporariamente”, mas a qual se busca reconectar/retomar. Contudo, uma tradição que se insere é uma fase “renovadora” que compreende “o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral”.

---

59 Lucas Raposo, entrevista cedida ao autor em agosto de 2016.

Sobre a sua temporalidade, insistamos no destaque dado à tradição nessa primeira manifestação do *SLMG*. Não poderíamos deixar de notar, aliás, já uma diferenciação significativa com as revistas que o precederam. Se para o caso de *A Revista*,<sup>60</sup> a tradição era declaradamente seletiva, especificamente àquela que melhor respondesse ao caráter nacional modernizante daquele Brasil dos anos 1920, ou mesmo dos membros da *Edifício*, que demonstraram fazer uma leitura mais ambivalente, às vezes nostálgica ou angustiada da tradição, o *SLMG* parece surgir em uma “brecha” flexibilizada, digamos, dessa economia do tempo histórico ou das experiências históricas. Em sua discursividade, não há nenhuma referência a um passado que deveria ser evitado, rompido ou mesmo esquecido, como para os “moços” de 1920 e de 1940. Ao contrário, a hipótese que lançamos é que o *SLMG* faz exatamente a mediação entre essas experiências, não como síntese, mas como acumulação.

Nas páginas do *SLMG*, a tradição recuperada assume um papel valorativo equidistante com o presente e as expectativas de futuro. Obviamente, reconhecemos que essa marca carrega seus complicadores, assim como suas vantagens, por assim dizer. Se nos empreendimentos anteriores tivemos definições, ou tentativas, demarcadas por escolhas explícitas (e também implícitas), nos âmbitos político e social, essas marcações ficam menos evidentes, mas não ausentes, obviamente, no caso do *SLMG*. Dito de outra forma, no caderno de cultura parece ter reinado o tão referido “espírito de conciliação” que tanto tem sido afirmado como uma marca do “ser mineiro”, conferindo sentido à ideia de “mineiridade”.

De acordo Walderez Simões Costa Ramalho, na dissertação intitulada “A historiografia da mineiridade: trajetórias e significados da história republicana no Brasil”, “desde os primeiros anos de sua colonização, Minas Gerais foi objeto de vasta literatura dedicada a explicar as características formadoras de sua suposta identidade, seja pela via da ficção, seja pela do pensamento social brasileiro” (RAMALHO, 2015, p. 9).

Ainda para o autor,

---

60 Trabalhamos mais detidamente esse as noções de tempo histórico mobilizadas pelos atores sociais envolvidos no projeto da revista no artigo “Não somos românticos; somos jovens”: embates entre a tradição e a modernidade nas páginas de *A Revista* (1925-1926). Cf. CUNHA, 2016.

Essa produção intelectual conferiu um amplo leque de atributos e caracterizações, algumas delas conflitivas entre si: por exemplo, a visão do “mineiro” rebelde e insubmisso contrasta com o seu “senso grave da ordem”, na famosa expressão de João Pinheiro. Também as fronteiras do território são bastante indefinidas: para uns, trata-se sobretudo da região central, mineradora, já que as demais sofreriam “contaminações” de outras regiões; para outros, ao contrário, ocorre uma expansão sociocultural de Minas para além das fronteiras administrativas, avançando sobre os estados vizinhos e transformando-lhes a feição (RAMALHO, 2015, p. 9-10).<sup>61</sup>

Sobre essa questão do “ser mineiro”, leiamos o que o texto de apresentação do *SLMG* informa-nos:

O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. Para tanto, a Comissão de Redação dará o máximo de si mesmo, para poder exigir igual esforço dos demais escritores da equipe responsável. O trabalho solidário há de superar fraquezas e deficiências (*SLMG*, n. 1, 1968, p. 1).

Nessa sequência de ideias, assim se definiu o *SLMG* em relação ao trabalho, no campo cultural, que era o seu projeto e expectativa de realização:

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do “Minas Gerais” contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla. Nessa ordem de ideias, o “Suplemento Literário” vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo (*SLMG*, n. 1, 1968, p. 1).

Curiosa equação, que sugere uma dinâmica instigante entre o regional e o universal, entre o local e o global – mesmo que a balança tenda a pender um pouco para “a feição predominantemente mineira”, em seu estilo de “julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável”. Se tomado com um “lugar da memória”, nos temos de Pierre Nora, ou como preferimos, um lugar de cultura, como poderíamos abordar o trabalho feito pelo *SLMG*, pelo menos como o estamos lendo em comparação às revistas que o antecederam, em relação aos regimes de

<sup>61</sup> Ainda sobre a questão da mineiridade, Cf. LIMA, [1945] 1983; ARRUDA, 1990; PINHEIRO NETO, 1996; CARVALHO, 2015; VASCONCELLOS, 1968. Para uma bibliografia mais completa, Cf. RAMALHO, 2015.

temporalidade, investigações sobre o seu trabalho com a memória cultural? Se o *SLMG* se prestou a essa tarefa de equacionamento entre passado, presente e futuro, quais passados ele pretendeu “reviver” (e quais ele “silenciou”) em seu presente? E, por extensão, quais futuros foram desejados?

Em sua conclusão, verificamos a seguinte passagem, que se encerra com a sugestão de ser toda a construção argumentativa e descritiva da apresentação, um programa, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma carta/manifesto de intenções:

Esperamos reviver significativamente [a] tradição deste jornal, que a história das letras em Minas não deixou de registrar. Alguns entre os mais influentes escritores de hoje publicaram no “Minas Gerais” as primeiras manifestações de seu talento, em poesia e prosa. Ombreamos então com autores já consagrados pela crítica e pelo público. De maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado. Valham as intenções deste programa. Assim nos seja dado cumpri-lo (*SLMG*, n. 1, 1968, p. 1).

Novamente, notamos que a sua orientação operou uma lógica que estabelecia uma recuperação da experiência do passado como norteadora para a consolidação de um presente. Estaríamos, como discutimos mais no início deste trabalho, sob o domínio de uma concepção da *historia magistra vitae*, da história mestre da vida? Aqui, curiosamente, não nos parece ser somente o conteúdo desse passado que deveria ser lembrado e celebrado pelo presente, em uma concepção monumental da cultura, no sentido de uma valorização/exaltação do passado, mas também o reviver de uma prática. Esse ponto nos parece expresso na afirmação “de maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado”, ou seja, englobaria tanto os “moços” estreantes ou ainda em começo de carreira, quanto os já consagrados.

Se para um historiador como Hartog a noção de um regime de historicidade presentista é marcada pelas necessidades e demandas de um “presente absoluto”, defenderemos, contudo, que o trabalho desenvolvido pelo *SLMG* em relação à temporalidade conjuga e confunde as fronteiras de apreensão entre “passadismo”, “presentismo” e “futurismo”, marca das noções do tempo que se instauram nos limiares da modernidade. E são nessas “brechas”, para pensar junto a Hannah Arendt, ou nessas “margens”, como nos sugere ser o trabalho do historiador, como

para Michel de Certeau, que pretendemos andarilhar pelas páginas desse caderno de cultura.

Em 2 de setembro de 1969, o *SLMG* lança a sua edição de número 53, caderno especial de 2º aniversário. Logo em sua capa podemos ler, em uma chamada com letras em caixa alta, o título do texto de apresentação “Um ano de participação e diálogo”.<sup>62</sup> Em sua abertura, percebemos uma recuperação e conciliação com os propósitos estabelecidos e manifestados no momento de seu lançamento. Vale destacar que, ainda nesse momento, o caderno continua sob o secretariado do escritor Murilo Rubião, o que traz a sugestão de que tenha sido ele, novamente, quem compôs o texto em questão, dado não trazer, novamente, nenhuma assinatura:

A 3 de setembro de 1966 circulava o primeiro número deste SUPLEMENTO LITERÁRIO. Tão nítidos quanto ambiciosos eram os propósitos que nos animavam. E deliberadamente, na apresentação do novo caderno de letras do “Minas Gerais”, reivindicamos a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida (*SLMG*, n. 53, 1969, p. 1).

Mesmo decorrido um curto período de tempo (apenas um ano), o momento de (co)memoração não deixou de incluir, dentro dos limites de uma apresentação geral, uma pequena retomada de alguns pontos colocados em seu lançamento, assim como teve lugar algumas reconsiderações e afirmações. De certa forma, esse momento também pode ser pensado como marcado por uma autopromoção, dada a estrutura e a lógica discursiva postas em movimento. Isso ficará mais claro, acreditamos, quando falarmos rapidamente do caderno especial lançado juntamente com o suplemento em jornal. Naquele, foram publicados opiniões de alguns expressivos escritores, jornalistas e intelectuais, obviamente sob a orientação e organização do próprio caderno, sobre a sua importância nesse fechamento de primeiro ano de vida.

Na continuidade do texto de apresentação, recolhemos uma passagem bem enfática que mistura algumas das características mencionadas:

---

62 O texto foi inserido ao lado de um desenho do artista plástico Álvaro Apocalypse, também o responsável pelo desenho da primeira capa do *SLMG*, em sua estreia em setembro de 1966, sendo o pintor novamente homenageado nessa edição de primeiro aniversário.

Decorrido este ano de trabalho, podemos afirmar que, se o programa que nós traçamos tinha um alcance cultural bem definido, a sua concretização não deixou de corresponder às proporções e à natureza do projeto. Compensando os nossos esforços, logrou o SUPLEMENTO atingir o nível das melhores publicações do gênero. Desde o início procuramos valorizar a autêntica literatura e permanecemos abertos, embora sem concessões, aos fatos novos que assinalam a atual etapa do processo vivo das letras e das artes no país e no mundo (SLMG, n. 53, 1969, p. 1).

Colocadas em um sentido quase de um “futuro manifesto”, com uma marca fortemente teleológica, esse momento de (co)memoração procurou, se não apagar, pelo menos borrar algumas das incertezas que marcaram o sentido de sua aparição:

63

Em verdade, o que o SUPLEMENTO LITERÁRIO realizou ao longo do seu primeiro ano de circulação não foi outra coisa senão o objetivo de tornar presente no panorama da cultura brasileira a participação mais efetiva de Minas, através de um diálogo em que nós mineiros, ao mesmo tempo que fizéssemos ouvir a nossa mensagem, recebêssemos em troca a contribuição de outras vertentes do pensamento e do espírito criador, representativas dos diferentes centros intelectuais que se situam além de nossas fronteiras. Dentro dessa orientação, evitamos centralizar a nossa atividade numa direção regional e particularista. E se, por mais de uma vez, detivemos a atenção de modo especial em determinados compartimentos da chamada *mineiridade*, isto de deu em consequência da imposição de temas e valores que, não obstante mineiros, ganharam historicamente dimensão nacional (SLMG, n. 53, 1969, p. 1).

Se tomarmos como guia o trabalho em torno da concepção de “mineiridade” colocada tanto no primeiro número como agora, podemos perceber que esse uso opera segundo lógicas distintas. No início, o termo aparece como uma diferença, uma marcação que traz, subjacente, um traço político e se mostra como um elemento disponível, como um dispositivo, para situar o projeto cultural em um princípio identitário. Aqui, por outro lado, a sua apresentação sugere uma sedimentação e um tom menos operatório, mesmo presente. Se antes ele apareceu como um fim, o que nos parece expresso na afirmativa sobre o projeto expresso, lembramos, em “queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente

63 Sobre essa posição de incerteza que pairou sobre o lançamento de um caderno de cultura ligado a um órgão oficial do Estado, vários depoimentos dão conta de uma certa desconfiança ou mesmo pessimismo que rondou o projeto, mesmo antes de seu lançamento. Esses jogos de memórias, que tanto pendem para uma afirmação sobre a excelente e positiva receptividade, como para relatos inversos, que apontam para um certo marasmo da vida cultural na capital mineira em meados dos anos de 1960 assim como um pessimismo com o empreendimento, vão marcar vários momentos de nossa narrativa. Por ora, ressalto que em entrevista concedida por Murilo Rubião, na década de 1990, o escritor afirmaria que poucos chegaram a acreditar que o suplemento vingaria. Abordaremos melhor essa entrevista, e outras, no desenvolvimento da tese.



mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável” (*SLMG*, n. 1, 1966, p. 1); nesse segundo momento, ele nos sugere estar mais aberto a outras possibilidades, como um meio, para atingir ou chegar a um universalismo, na medida que os “temas e valores que, não obstante mineiros, ganharam historicamente dimensão nacional”. Essa tentativa de superação, ou ampliação do espectro de ação, parece-nos sugerida na passagem, uma vez que “dentro dessa orientação”, evitou-se “centralizar a nossa atividade numa direção regional e particularista”.

Marcado, agora, pelo tempo da experiência, pelos elogios recebidos e pela superação, em parte, dos desafios colocados em movimento a partir de seu lançamento, o texto apresenta-se marcado por uma lógica do diagnóstico e sem maiores necessidades de traçar novas questões ou novos rumos para o caderno. O momento é de sedimentação da experiência, de valorização do presente da (co)memoração:

Aberto a escritores e artistas de todas as tendências, desde que esteticamente categorizados, o SUPLEMENTO LITERÁRIO tem acolhido com igual receptividade a colaboração do nome consagrado e a contribuição nova do autor que, evidenciando alguma forma de talento, apenas experimenta os passos iniciais na literatura. Sensível, por outro lado, à alta missão didática de publicações deste tipo, a Comissão de Redação tem promovido a divulgação de números especiais dedicados a assuntos do mais amplo interesse das várias camadas de leitores, procurando mesmo preencher, com algumas de suas edições especiais, lacunas existentes na bibliografia quase sempre pouco acessível de muitos dos temas abordados. E o argumento principal para a continuidade do nosso trabalho reside numa concepção aqui repetida e tornada clara de que a literatura, as artes plásticas e outras formas criadoras são tão essenciais à vida do indivíduo quanto qualquer outro conjunto de valores que dêem medida e sentido à existência do homem (*SLMG*, n. 53, 1969, p. 1).

Confirmando uma marca de temporalidade também como lugar de memória já anunciado no ato de criação do *SLMG*, temos agora a confirmação de sua prática na constatação de que o trabalho do caderno prezou por acolher, “com igual receptividade” os colaboradores com “nome consagrado e a contribuição nova do autor que, evidenciando alguma forma de talento”. Obviamente, não dispomos de recursos estatísticos ou mecanismos de medição para comprovar essa afirmação, mas podemos afirmar que, em linhas gerais, houve uma grande valorização da tradição cultural tanto do estado de Minas Gerais quanto do Brasil e uma

considerável receptividade de escritores, artistas plásticos, intelectuais, dentre outros, não consagrados, digamos. Essa questão ficará mais bem demarcada, contudo, quando explorarmos mais detidamente os sentidos e formas do *SLMG* em seu itinerário, que vai ser demarcado por algumas diferenças identitárias com a ocupação de diferentes secretários, assim como também pela sedimentação das narrativas de si recolhidas nos depoimentos.<sup>64</sup>

Outra questão que não deixa de chamar a atenção apresenta-se em relação à “alta missão didática de publicações deste tipo”. Infelizmente, não houve citação de quais outras revistas, por exemplo, também carregariam essa “missão” civilizacional.<sup>65</sup> Não obstante, essa marca carrega consigo um forte traço ou uma referência com as formas de se tomar a herança cultural como grande guia da (e para a) vida, como um repositório de exemplos importantes no processo educacional. Em termos historiográficos, não haveria dificuldades para o estabelecimento de paralelos com concepções valorativas do conhecimento histórico como mestre para a vida, em seu formato *historia magistrae vitae*. Como missão, enfim, para além de se colocar um sentido pedagógico em sua ação, o *SLMG* carrega as intenções de preencher lacunas culturais existentes sobre as temáticas abordadas. Nesse sentido, justificavam a existência, por exemplo, dos cadernos e números especiais.<sup>66</sup>

Como conclusão dessa apresentação de aniversário, podemos ainda ler que

Fazendo editar este SUPLEMENTO LITERÁRIO, o poder público estadual exerce, portanto, uma de suas finalidades precípuas, qual a de estimular e aprimorar em nosso Estado o gosto artístico e elevar o nível cultural de nossa gente. Assim, é justo destacar neste número de aniversário, em que colaboram, assinando trabalhos inéditos, nomes dos mais expressivos no cenário das letras brasileiras, o apoio recebido do atual Governador Israel Pinheiro, homem sensível a realizações como esta. Com apoio valioso da Direção da Imprensa Oficial, dos nossos colaboradores, partimos para o

64 Por exemplo, em vários casos as opiniões divergem sobre o período de Murilo Rubião à frente do *SLMG* (1966-1970) ter sido o mais tradicional e, ao mesmo tempo, o mais rico e bem estruturado. Por outro lado, aparecem em outros depoimentos ao autor, e em entrevistas concedidas a outros pesquisadores, que os anos de 1971-1973, período marcado pelo secretariado de Ângelo Oswald de Araújo Santos, teriam sido de maior experimentalismo e abertura para outros manifestações culturais.

65 Aqui, estamos pensando em dois trabalhos que, guardadas as devidas proporções, nos inspiram a ler essa “alta missão” como civilizacional, que seriam o *O processo civilizador* ([1976] 1994), do sociólogo alemão Norbert Elias, e o *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* ([1983] 2003), do historiador brasileiro Nicolau Sevcenko.

66 Essa parte específica será melhor trabalhada na “Parte 3” desta tese.

nosso segundo ano de atividades, certos de que não nos faltarão estímulo e receptividade (*SLMG*, n. 53, 1967, p. 1).

Composto por 20 páginas, diferentemente de sua publicação semanal acompanhando o *Minas Gerais*, quando mantinha-se na casa das 8 páginas, o número especial de aniversário trouxe assinaturas de nomes importantes do universo cultural brasileiro como, por exemplo, do crítico literário Fábio Lucas (“Gaveta, consciência fragmentada”), do escritor Bueno de Rivera “Navio da música”, do filósofo Benedito Nunes (“A esperança na educação”), do historiador João Camilo de Oliveira Torres (“O Barroco e o mundo que nasce”), do crítico e escritor Haroldo de Campos (“Bastidor para um texto em progresso”), do escritor Samuel Rawet (“O crime perfeito”), do crítico de arte Frederico Morais (“O ‘Maneirismo’ revisitado” (Frederico Morais), do historiador Francisco Iglésias (“Conhecimento de Minas”), do escritor Carlos Drummond de Andrade (“diabo na escada”), dentre outros.

Vale ressaltar que no número seguinte (54), o *SLMG* publicou uma nova matéria felicitando o aniversário do caderno. Intitulada “Primeiro aniversário do Suplemento Literário”, nela há a transcrição de um discurso feito pelo Diretor da Imprensa Oficial, o Prof. Paulo Campos Guimarães<sup>67</sup>, e trechos de algumas opiniões acerca do *SLMG*.<sup>68</sup> Seleccionamos, a título de ilustração, quatro nomes: dois que consideramos representantes de uma geração anterior à criação do *SLMG* e dois que ainda estreavam na vida cultural e que se reconheciam como parte da “Geração Suplemento”.<sup>69</sup>

---

67 Paulo Campos Guimarães (1918-1980) foi um político brasileiro do estado de Minas Gerais. Em 1950, foi eleito deputado estadual em Minas Gerais, sendo reeleito nas eleições de 1954 e de 1958. Em 27 de abril de 1961, renunciou à cadeira da Assembleia Mineira para ocupar o cargo de Chefe de Gabinete do Governador do Estado. Foi diretor da Imprensa Oficial (1967-1975) e Coordenador de Cultura do Estado, entre 1975-1980. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos\\_colecoes/brtacervo.php?cid=212](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=212). Acessado em: 5 jun. 2017.

68 Opinaram, segundo a matéria do *SLMG*, Bueno de Rivera, Frederico Morais, Lúcia Machado de Almeida, André Carvalho, Euclides Marques Andrade, José Márcio Penido, Luiz Vilela, Carlos Roberto Pellegrino, Humberto Werneck, Álvaro Apocalypse, Júnia Rios Neto e Cyro Mendonça. Podemos observar que uma quantidade considerável deles também escreveram para o caderno especial de aniversário, como mencionado logo acima.

69 Abordaremos essa questão em outras partes da tese. Para uma discussão específica sobre a importância dessa geração e o os lugares ocupados no *SLMG*, Cf. MAROCA, 2009; NUNES, 2012.

Como parte do primeiro grupo, destacamos as considerações de Álvaro Apocalypse<sup>70</sup> e de Bueno de Rivera:<sup>71</sup>

Álvaro Apocalypse (Professor da Faculdade de Artes Visuais) – A par de sua excelente apresentação gráfica e o alto nível dos trabalhos publicados, o Suplemento representou para nós, artistas plásticos, ótimo meio de divulgação. Releve-se, também, o incentivo que vem dando aos escritores novos de Minas, a qualidade, a preparação esmerada dos números especiais que lançou.

Bueno de Rivera – O Suplemento acolheu sem reservas as novas manifestações expressas através do mais homogêneo grupo de vanguarda do país. Isto basta para colocá-lo entre as mais importantes realizações culturais do Brasil (*SLMG*, n. 54, 1967, p. 4).

Como membros da “Geração Suplemento”, trazemos os ainda estreantes Humberto Werneck<sup>72</sup> e Carlos Roberto Pellegrino:<sup>73</sup>

Humberto Werneck – O *SLMG* não precisa de louvores; basta lê-lo todas as semanas, para se ter a confirmação de tudo que se afirmou a respeito dele: sério, bem dirigido, divulgador dos talentos jovens, representantes autêntico desse movimento literário mineiro, tido por Nelson Werneck Sodré como o mais sério do Brasil atualmente.

Carlos Roberto Pellegrino – O Suplemento edificou, incentivou, difundiu, educou e se firmou, com grande brilho, neste primeiro ano de existência.

70 Álvaro Brandão Apocalypse (1937-2003) foi pintor, ilustrador, designer de bonecos, diretor teatral, cenógrafo, gravador, museólogo e professor. Em 1956, estuda litografia e gravura em metal na Escola Guignard e inicia curso de direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realiza desenhos e atua como ilustrador em várias publicações. Em 1959, leciona na recém-criada Escola de Belas Artes da Faculdade de Arquitetura da UFMG, da qual se torna professor em 1981. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8893/alvaro-apocalypse>. Acessado em: 5 jun. 2017.

71 Odorico Bueno de Rivera Filho, mais conhecido por Bueno de Rivera (1911-1982), foi um radialista e poeta surrealista brasileiro. Personagem conhecido da vida cultural belorizontina, teve seus poemas publicados em várias revistas da capital. Com a criação do *SLMG*, em 1966, seu nome estampou na primeira edição do caderno com um poema, publicado na primeira página, intitulado “O país dos laticínios”. Sua presença foi marcante na redação do *SLMG*, sendo lembrado por vários depoentes como uma figura importante na formação cultural da nova geração de escritores de Belo Horizonte.

72 Humberto Werneck nasceu em Belo Horizonte em 1945, é jornalista e escritor. Iniciou a sua carreira no jornalismo no *SLMG*. Mora em São Paulo desde 1970, onde já trabalhou no *Jornal da Tarde*, *Veja*, *Jornal da República*, *Isto É*, *Jornal do Brasil* e *Elle*. É cronista do jornal *O Estado de S. Paulo* e autor de *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*, *O pai dos burros*, *O santo sujo: a vida de Jayme Ovalle*, dentre outros livros.

73 Carlos Roberto Pellegrino nasceu em Belo Horizonte em 1945, é um autor, jornalista, jurista e *chef* brasileiro. Foi redator da *Revista Minas Gerais* e do *SLMG*, onde publicou contos, críticas, entrevistas e reportagens a partir de 1967. Colaborou com publicações literárias no Brasil e no exterior. Como jornalista, trabalhou em Bauru e São Paulo, nos jornais *Última Hora* e *O Globo*. Formou-se em Direito e Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e, hoje, atua na área jurídica, como advogado. Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2011/04/22/carlos-roberto-mota-pellegrino-1945/>. Acessado em: 5 jun. 2017.

Sua trajetória foi exemplar e os frutos, com toda certeza, virão com o tempo (*SLMG*, n. 54, 1967, p. 4).

No discurso, Guimarães afirma, ao final:

Não ficaremos apenas no Suplemento Literário. Estamos em marcha para o reaparelhamento e o funcionamento regular da Escola de Belas Artes ou Escola Guignard, para a Revista Minas Gerais,<sup>74</sup> para o novo modelo do “Minas Gerais”, já aprovado, e pretendemos reformular administrativamente a Imprensa Oficial, dando-lhe a estrutura e a mobilidade de empresa pública industrial de cultura e divulgação, com as sugestões oportunas, o apoio decisivo, o espírito realizador e o grande interesse pelas atividades artísticas do ilustre Governador Israel Pinheiro (*SLMG*, n. 54, 1967, p. 4).

Em sua publicação de número 106, de setembro de 1968, o *SLMG* apresentou a edição comemorativa de seu terceiro aniversário. Intitulado “Suplemento Literário: sua presença e função”, novamente, em sua abertura, presenciamos o sentido de balanço, de diagnóstico, a respeito do fechamento de mais um ano de trabalho pelo caderno de cultura. Nesse sentido, aparece a sugestão de uma temporalidade cíclica, de encerramento de um ciclo e a abertura de uma nova etapa. Aliás, essa sensação já pode ser percebida no texto precedente, que acompanhou o caderno de segundo aniversário, analisado anteriormente:

O conceito de uma publicação periódica, principalmente quando de natureza cultural, não se mede tão somente pelo número de páginas ou pelo tempo de circulação. A aceitação e a repercussão de um órgão especializado de imprensa dependem mais diretamente da obediência a um programa bem definido de trabalho e do nível em que este se realiza. Entretanto, não se pode fugir ainda assim ao imperativo de um balanço de suas atividades, de uma aferição honesta de seus aspectos positivos ou das deficiências que porventura apresente, ao somar-se a seu crédito mais uma etapa vencida de atuação regular e assídua (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

Não diferente do seu especial de segundo ano, o tom do texto que acompanha esse novo caderno comemorativo é o de reafirmação dos propósitos, sentidos e compromissos assumidos, ou pelo menos tacitamente explícitos, desde o edital da primeira edição do *SLMG*. Essa engrenagem argumentativa, estrategicamente retomada e reafirmada, para além de uma função retórica, que nos sugere uma função programática e imediata, carrega também um sentido edificante

74 O projeto de criação da *Revista Minas Gerais* foi levado a cabo, confirmando o anunciado pelo então Diretor da Imprensa Oficial Paulo Campos Guimarães. Sua publicação veio a público no ano de 1969 e foi interrompida em 1971. Foi retomada em 1987 e interrompida, definitivamente, em 1991.

nas formas de (re)atualização dos princípios elencados anteriormente. Mesmo que alguns problemas possam porventura aparecer, o discurso é de eficiência e comprometimento com as escolhas assumidas. A assiduidade e regularidade teriam sido uma das chaves centrais para a vitória de “mais uma etapa”. Somados a isso, o discurso também se estrutura nas dificuldades de manutenção de um caderno que sustenta um conceito rígido em relação a sua periodicidade.

Publicado semanalmente, até o momento da edição do caderno especial, de fato o *SLMG* não havia deixado de cumprir o seu cronograma metodicamente. Não seria de se estranhar, assim, que essa conquista fosse um motivo de orgulho:

O SUPLEMENTO LITERÁRIO do MINAS GERAIS, ao entregar aos leitores este número comemorativo de seu segundo aniversário, reafirma os propósitos que determinaram a sua criação e o compromisso de acentuar cada vez mais os esforços de sua equipe dirigente, de seus redatores e colaboradores no sentido de assegurar-se sempre a condição de intérprete vivo e categorizado do processo artístico e literário brasileiro (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

Em relação à mineiridade, conceito que nos pareceu ter sido alvo de uma reformulação preliminar no caderno de segundo aniversário, agora a ideia é suprimida, de uma forma geral, nessa nova construção discursiva sobre as formas de se pensar e lidar com a cultura. Mesmo que nos seja possível perceber ainda o seu eco, as considerações tecidas nesse momento estão mais afinadas com uma lógica cosmopolita e universalista do que aquele olhar já referido com uma certa forma de apreender cultura de um ponto de vista local. De modo geral, podemos afirmar que o *SLMG* já se encontrava inserido globalmente nas dinâmicas de trocas culturais. Sobre esse ponto, vale mencionarmos algumas cartas recebidas pelos membros da Comissão de Redação.

No caderno especial feito em paralelo a sua edição encartada no *Minas Gerais*, também em comemoração ao aniversário, podemos encontrar algumas impressões e opiniões, vindas de lugares diferentes, em saudação ao trabalho até então feito pelo *SLMG* no campo da cultura.

Segundo recolhemos no caderno, Murilo Rubião recebeu uma carta do poeta e professor da University of Hawaii (Department of European Languages) Stefan Baciu, que citamos na passagem seguinte:

Esta carta, para dizer a verdade, deveria ser solene, algo assim como costumam mandar deputados ou vereadores: Abraços ilustre patricio e companheiro pela brilhante realização intelectual, apresentando ao leitor brasileiro a novíssima geração mineira. É mesmo! O Suplemento dos moços e das moças interessou e tocou-me profundamente, e já se encontra circulando na roda dos “hippies” que sabem um pouco de espanhol e adivinham o português! Parabéns! Desde o Suplemento de Jorge Lacerda não houve “coisa” como esta. Vai neste envelope uma “curiosidade”: ecos do Pacífico da *pedra* do Drummond. Minas em Honolulu (BACIU, n. 106, 1968, p. 2).

Uma outra carta mencionada refere-se ao escritor e professor português Adolfo Casais, também enviada para Murilo Rubião. Nela, lemos que “a verdade é que eu deveria realmente ter-lhe escrito para felicitar, e aos que consigo trabalham, por terem conseguido fazer - e ainda mais por terem conseguido manter, e eu sei o que isso significa – com o mesmo nível, o Suplemento em vida” (CASAIS, n. 167, 1968, p. 2).

Entre os brasileiros, verificamos também algumas passagens que são bons indicativos dessa dinâmica das trocas culturais.

Enviada para Ayres da Mata Machado, encontramos uma passagem referente a uma carta assinada pelo Arcebispo de Niterói e membro da Academia Mineira de Letras, Dom Antônio de Moraes:

Cumprimentando-o afetosamente quero apresentar-lhe bem como ao grupo redacional do “Minas Gerais”, os meus efusivos parabéns pela publicação do Suplemento Literário, valorizando nossos escritores e intelectuais. Peço ao amigo enviar-me uma assinatura deste ano, incluindo os números atrasados que não tenho (MORAIS, n. 106, 1968, p. 2).

E uma carta, enviada para Murilo Rubião, do escritor e crítico literário José Paulo Paes:

(...) aproveito o pretexto para mandar-lhe meus aplausos pelo excelente órgão literário que você e sua equipe vêm conseguindo fazer. O Suplemento é do melhor nível intelectual e reflete, com dinâmica fidelidade, o que há de realmente vivo no nosso panorama literário. Meus parabéns (PAES, n. 106, 1968, p. 2).

Em consonância com o sentido que expusemos anteriormente de criação e de manutenção de uma engrenagem afeita à produção de uma memória edificadora, que poderíamos chamar de *criação de uma memória monumental*, o caderno

especial também trouxe um texto da escritora Rachel de Queiroz. Nele, a autora tece elogios ao *SLMG*, ao mesmo tempo em que faz uma reflexão instigante sobre a história dos suplementos no país, sua importância para a estreia e divulgação de talentos, e a necessidade de se pensar em políticas públicas que possam garantir a difusão da cultura no país.<sup>75</sup>

De acordo com Queiroz,

O “Diário Oficial” do Estado de Minas Gerais tomou uma iniciativa que parece das mais louváveis e interessantes, e que todos gostaríamos de ver imitada pelos demais Diários Oficiais do País. Como todos sabemos, cada vez se torna mais difícil, ao escritor novo, ao poeta novo, aparecer ao público e conquistar leitores (QUEIROZ, n. 106, 1968, p. 3).

Para ela, seria mais interessante aos governos estaduais “que, em lugar, ou ao lado prêmios literários em dinheiro, oferecessem ‘prêmios de edição’ a obras literárias escolhidas em concurso”. Para além dessas dificuldades, ressalta Queiroz, “antes de chegar em livro, o autor de província (e mesmo o autor federal) padece outro estrangulamento: o impossível acesso à imprensa” (QUEIROZ, n. 106, 1968, p. 3).

Como parte do diagnóstico, Queiroz também afirmou que um dos problemas no Brasil, que também pode ser encontrado com uma grande frequência na história da sobrevivência das revistas de cultura em Minas Gerais, e em Belo Horizonte especificamente, dizia a respeito à duração e continuidade das publicações:

Já que não existem revistas literárias e as poucas que ainda restam, tem vida precária e irregular. Pouco a pouco foram-se acabando os suplementos literários dos grandes jornais, que eram o desaguadouro habitual da produção de prosadores, poetas e ilustradores, abrindo-lhes assim possibilidade de contato com o público (QUEIROZ, n. 106, 1968, p. 3).

Essa constatação, a qual compartilhamos e a reconhecemos muito próxima da história dos objetos que viemos investigando até o momento, abre para o desdobramento de uma reflexão sobre o lugar ocupado pelos suplementos (ou que eles ocuparam) dentro da dinâmica de mercado em que os jornais fazem parte,

---

75 Não sabemos ao certo para qual coluna ela compôs esse texto, dado que em sua tessitura encontramos referências sobre o texto fazer parte de um trabalho constante de Queiroz como colunista de algum jornal ou revista daquele período. Ao que parece, o artigo foi recolhido e transcrito para as páginas do caderno comemorativo do aniversário do *SLMG*.



como produtos de consumo em massa, em que os cadernos de cultura aparecem como “luxos” ou meros itens de entretenimento para àqueles que podem dispensar um tempo ocioso, principalmente aos finais de semana, para a sua leitura e apreciação. Aliás, vale ressaltar que uma leitura de cunho marxista chegou mesmo a afirmar o pouco valor de iniciativas como essa, por seu caráter “suplementar”, como um desfavor para a cultura, de uma forma geral, ou por servir apenas para o lazer da “classe média”, uma vez que eram cadernos de circulação aos finais de semana, quando encontrariam o tempo necessário (ocioso) para a sua leitura:<sup>76</sup>

Parece que os suplementos são anti-econômicos, e os jornais diários, que já lutam com imensas dificuldades para garantir a simples sobrevivência, vão abrindo mão de todo luxo caro e não podem roubar à publicidade paga o precioso espaço exigido pelas lucubrações dos literatos. (...) é nessa conjuntura que surge a novidade mineira: o “Diário Oficial” de Minas, que não se faz para ganhar dinheiro, tomou a iniciativa de publicar ele próprio, um Suplemento Literário. Já recebi vários números dessa publicação, que é excelente, tanto em apresentação gráfica como em escolha de colaboração. E não preciso dizer aqui a ajuda que representa para as letras mineiras tal contribuição da parte do governo estadual (QUEIROZ, n. 106, 1968, p. 3).

Ainda para a escritora, o modelo deveria servir para que outras iniciativas similares pudessem ter lugar: “agora, o que é preciso, é levarmos esse exemplo mineiro a todos os Estados do Brasil”, pois, “se foi realizável em Minas, por que não será realizável nos outros Estados? Creio que é, principalmente, uma questão de boa vontade”. Vale ressaltar que o exemplo mineiro, incluindo o seu caráter oficial, mereceu a atenção da escritora e considerações positivas em relação ao trabalho que vinha sendo feito em suas páginas e a seu potencial como exemplo para o resto do país.

Mas voltemos, contudo, ao texto sobre a presença e função do *SLMG*. Ressaltávamos a sua consonância com as dinâmicas de trocas culturais, que acreditamos poder ser assim percebida na seguinte passagem do texto, como vínhamos analisando:

Editado num dos Estados da Federação, com recursos do plano estadual de incentivo à cultura, nem por isso ele se exime do papel fundamental de

76 De acordo com a pesquisadora Alzira Alves de Abreu, “para Nelson Werneck Sodré, esse fato indica que a literatura e a arte eram vistas como algo sem importância, já que eram destinadas simplesmente ao ‘lazer, à pausa, à ociosidade, coisa domingueira, aos dias em que, com a trégua no trabalho, é possível cuidar de alguma coisa sem importância, gratuita, fácil e vazia” (SODRÉ *apud* ABREU, p. 20, 1996).

veículo aberto à participação e à colaboração dos escritores e artistas que, nos vários quadrantes nacionais, exprimam os valores autênticos da atualidade intelectual do País. Nessa mesma perspectiva de órgão voltado para o diálogo franco e permanente das grandes matrizes culturais da nossa época, eles SUPLEMENTO LITERÁRIO mantêm-se sintonizado com os principais centros estrangeiros, acolhendo colaborações especiais, entrevistando, traduzindo e divulgando autores representativos e informando o leitor brasileiro sobre o que o mundo apresenta de novo em matéria de arte e literatura (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

No mesmo sentido de reafirmação de um lugar de produção cultural voltado para as duas frentes, quais sejam, a preocupação com o novo e a valorização da tradição, em uma síntese político-cultural que se apresenta como mediadora, assistimos, paulatinamente, a construção de um importante lugar da memória. Nesse sentido, novamente assistiremos a retomada do sentido pedagógico explicitado e assumido na apresentação de seu segundo aniversário. Esse movimento parece-nos importante no sentido que nos oferece elementos para pensar que esses lugares de produção de cultura mantêm-se e prezam pelo dinamismo, mesmo que em alguns momentos aparentam operar por modelos consagrados. Esse repensar-se parece uma das condições necessárias para as convergências e trocas no âmbito da cultura. Sobre esse ponto, e como ressaltamos acima, ao trabalharmos rapidamente com algumas cartas recebidas, não parece haver dúvidas que a sua recepção foi ampla e positiva. Esse aspecto, aliás, também não deixou de ser ressaltado no texto do *SLMG*: “as manifestações que, a propósito disso temos recebido, sejam de mestres ou de alunos, sejam do País ou do exterior, mostram o alcance desses números, alguns feitos em tiragem comum, outros editados em cadernos especiais” (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

Sobre o seu caráter pedagógico, somado a sua característica de jornalismo literário, lemos:

Dentro do seu programa de trabalho, o suplemento semanal do MINAS GERAIS passou a assumir, ao lado da atividade específica e periódica de jornalismo literário, uma função já não mais apenas informativa, mas também didática, formativa. Os números especiais que têm dedicado a movimentos, obras e personalidades significativas da literatura brasileira, confiados sempre à supervisão e organização de conceituados escritores e professores universitários, representam hoje subsídios importantes para o estudo, em escolas e universidades, de fatos e autores dos mais destacados de nossa história literária (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

As marcas temporais, em uma conjugação entre passado e presente, são reafirmadas em conformidade com uma economia do tempo histórico sobre a qual mencionamos em outros momentos do texto, qual seja, de um mecanismo que equilibra a tradição com o contemporâneo. Se pensarmos que essas duas dimensões da vida cultural não têm como característica conviverem em harmonia plena, sendo, antes, locais de tensão e disputas, poderíamos ver no *SLMG* um lugar de manifestação cultural fortemente marcado pela mediação. Observamos que, mesmo que ele não tenha como finalidade patrocinar ou conformar um espaço de conciliação, ele também não parece operar pelo apagamento dos conflitos ou pela sua negação, mesmo não os explicitando abertamente e com alguma frequência. Talvez estejamos assistindo aos resquícios subjacentes de uma “mineiridade”? Seria esse ingrediente parte da receita de sucesso e de positiva receptividade do caderno de cultura, tanto no âmbito nacional quanto fora do país?

Seguindo as formas argumentativas do *SLMG*, parte de uma possível resposta esboça-se pela chave da “qualidade literária”, algo demasiadamente subjetivo, para que consigamos um ponto satisfatório acerca das questões levantadas acima. Se conceituarmos o que seria esse “estranho objeto” chamado literatura já nos coloca um desafio em gigantescas proporções, não menos espinhoso seria operarmos por uma lógica axiológica.<sup>77</sup>

Somadas à questão pouco palpável da qualidade, as escolhas do *SLMG* também recaíram, como mencionado na passagem que segue, principalmente no que diz respeito ao que era produzido contemporaneamente à época do texto, uma vez que já se possuía uma tradição incorporada à cultura:

A escolha dos autores ou temas abordados deve cingir-se antes de tudo à boa qualidade literária, da mesma forma que se exige das colaborações efetivas ou eventuais um mínimo de padrão crítico ou estético, sem quaisquer injunções de correntes. Interessa-nos divulgar tanto o que já se incorporou à tradição de nossa literatura, quanto o que apenas está surgindo, mas surgindo sob a marca de autenticidade, de atualidade (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

<sup>77</sup> Misturamos, aqui, o título que Jacques Derrida deu a sua obra, *Essa estranha instituição chamada literatura* (2004, mas a entrevista é de 1992), com o título do filme *Esse obscuro objeto do desejo* (1977), do cineasta espanhol Luis Buñuel. A literatura nos parece, ao mesmo tempo, tanto causar um constante estranhamento como despertar o desejo por seu entendimento, mesmo mantendo-se, com certa frequência, “obscura”.

Se “autenticidade” e “atualidade” se aplicariam às duas configurações, passado e presente, houve uma ressalva para o que estava “surgindo”, ou seja, o que nos sugere haver pouca dúvida em relação à produção cultural do passado. Talvez por ser fruto de um recorte do presente, seu regime de “autenticidade” seria menos inequívoco? Ou seriam essas categorias necessariamente formas de se (e de) pensar o (no) presente? Por outro lado, não seria uma forma de congelar “o que passou”, o que não é mais presente? Não estaria nessa operação exatamente aquilo que acaba por condenar a tradição, em uma leitura reducionista, àquilo que não pode mais ser rediscutido, reconfigurado ou mesmo reinterpretado no presente?

Em termos historiográficos, e em um ponto que acreditamos justificar a discussão até o presente momento, essas questões encontram frutíferos debates no âmbito da historiografia e da história da historiografia.<sup>78</sup> De uma forma geral, poderíamos dizer que a historiografia surge exatamente devido ao fato de não haver “verdade” em história. Como são verdades parciais, elas estão sujeitas aos vários domínios e regimes de historicidade.

No intuito de exemplificar a sua forma de pensar o trabalho que conjugaria o “novo” e a “tradição”, o *SLMG* afirmaria ter dedicado “um número especial ao centenário de Afonso Arinos, do mesmo modo que dedicamos outro aos escritores novos de Minas”.<sup>79</sup>

Contudo, entre esses posicionamentos ou formas de trabalhar os conteúdos, autores ou escolas literárias, houve clivagens curiosas no âmbito da tradição, digamos. Nesse sentido, o discurso do *SLMG* movimentava uma dinâmica do tempo histórico própria que faz se aproximarem e conviverem temporalidades diversas. Esse trabalho de mediação cultural parece-nos capaz de dar elementos muito instigantes para investigarmos a dinâmica temporal que tem caracterizado esse caderno de cultura.

78 Cf., por exemplo, FERREIRA; BEZERRA; LUCA, 2008; AVELAR; FARIA; PEREIRA, 2012; NICOLAZZI; MOLLO; ARAÚJO, 2011.

79 Para termos um pequeno exemplo do trabalho feito pelo *SLMG* com os cadernos especiais, citemos os casos mencionados pela passagem anterior: A respeito d’“Os novos”, o *SLMG* publicou dois cadernos intitulados “Literatura e arte: os Novos”, I e II, nas edições de número 74 e 75, no ano de 1968, com apresentação de Laís Corrêa de Araújo. Sobre o escritor Afonso Arinos (1868-1916), foram feitos três cadernos, no ano de 1968, os números 87, 88 e 89, todos organizados também por Araújo. Ainda neste ano foram publicados os cadernos sobre os “40 anos da antropofagia” (n. 85), “Mário de Andrade, Minas e os mineiros” (dois cadernos, números 93 e 94), edições especiais sobre os escritores Abgar Renault (n. 99), Manuel Bandeira (n. 112) e Lúcio Cardoso (n. 118), dentre outros escritores ou temas.

Segundo as autoras Ângela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen, em livro organizado sobre o tema da mediação intelectual, intitulado *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, é importante reconhecer que “as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9).

Ainda para as autoras, a categoria nos possibilitaria operar com um leque amplo de situações passíveis de serem interpretadas como práticas mediadoras:

No que diz respeito às relações com o passado, esse é o caso, por exemplo, dos chamados “guardiões da memória” familiar, encarnados em pessoas idosas ou em um membro da família que estabelece como seu objetivo “produzir”, de maneira mais ou menos informal, um arquivo de documentos ou de relatos sobre a história dessa família. (...) Outros mediadores culturais podem ser identificados nos leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações. Tais mediadores, de enorme relevância na construção de identidades culturais de indivíduos e comunidades, geralmente não são identificados e não se identificam pela categoria de intelectual (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9).

Em linhas gerais, podemos notar que o *SLMG* tem funcionado como um dispositivo, segundo as proposições de Foucault e Agamben, em consonância com um lugar de produção e reprodução de memórias. Este, por sua vez, nos sugere ser alimentado pela possibilidade de (co)existência, de (co)habitação e de (con)vivência de múltiplas temporalidades, traduzidas, também, na criação de uma rede de saberes como, por exemplo, a história, a literatura, o cinema, as artes plásticas, a música, a arquitetura, a filosofia, dentre outras.

Na passagem a seguir, nos é sugerido um pequeno exemplo dessas aproximações, ou mesmo misturas, feitas pelo *SLMG*:

Se focalizarmos em números lançados ao longo do segundo ano de circulação figuras como Guimarães Rosa, Eduardo Frieiro e Mário Matos, dedicamos também números de grande repercussão crítica a Oswald de Andrade de Mário de Andrade, representantes exponenciais da revolução estética iniciada em São Paulo com a Semana de Arte Moderna de 1922 (*SLMG*, n. 106, 1968, p. 2).

Nesse sentido, apresentamos o esboço de uma hipótese geral de trabalho, qual seja, encetar uma análise que tenha como centro a questão de como o *SLMG*

teria organizado e dado forma às noções de passado, de presente e de futuro ao se inserir no âmbito da cultura como um dispositivo; como suas leituras dos presentes-passados localizados em sua tessitura nos são índices para entender os presentes-futuros? Quais os passados “acabados” foram selecionados e quais suas possíveis conexões com os presentes das escolhas? Quais os projetos/expectativas de futuro? Para pensarmos junto com autores como Ricoeur (1991) e Pereira (2009), quais os passados da experiência cultural brasileira (belorizontina, mineira) teriam sido privilegiados? Houve um “boom” valorativo do período colonial ou também estiveram presentes manifestações dos séculos XIX e XX? Por outro lado, quais histórias foram trabalhadas como “abertas”,<sup>80</sup> ao pensarmos nos acontecimentos do século XX – décadas de 1960 e 70? Quais as leituras/apropriações/posicionamentos? Seu “regime de historicidade” (ou regimes de historicidade) coincide com os marcos/ limites da “história política oficial”, principalmente se considerarmos a periodização mais recorrente do período da ditadura militar brasileira?

### **1.3. Narrativas sobre o *Suplemento Literário***

Os discursos que compõe as múltiplas narrativas sobre a ideia, ou a iniciativa, ou mesmo as razões que fundamentam a criação do *SLMG* convergem quase sempre para um mesmo ponto: o seu surgimento deveu-se à constatação do então governador do Estado, Israel Pinheiro, de levar cultura a todos os municípios mineiros. Ao ter conhecimento do isolamento informacional em que vivia algumas regiões do Estado, principalmente ao norte, resolveu-se por uma estratégia comunicacional que se levasse a essas regiões algo para além de informações burocráticas do governo.

---

80 Aqui, nos baseamos na pesquisa de doutoramento de Mateus Henrique de Faria Pereira, que deu origem ao livro *A máquina da memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo*. Ao utilizar das categorias “tempo acabado” e “tempo inacabado”, propostas por Paul Ricoeur, o autor analisou, no quarto capítulo do livro, “como os historiadores e os textos construídos essencialmente por jornalistas tratam dois eventos do tempo presente ‘terminado’, a Primeira Guerra Mundial e a Era Vargas; e, no capítulo cinco, dois eventos do tempo presente ‘inacabado’, o Golpe Militar de 1964 e a queda do muro de Berlim”. Ainda para o autor, sua investigação não se interessou “pelos eventos em si, nem pela relação entre eles e, sim, pelas questões que eles suscitam a partir da forma como foram postos em perspectiva e narrados pela *Máquina da Memória*” (PEREIRA, 2009, p. 30).

Ao lançar mão do alcance de distribuição do *Minas Gerais*, pensou-se na confecção de uma página de cultura que, ao ser inserido em suas páginas, seria apresentado para o público leitor como um universo à parte constituído de informações, principalmente literárias. Contudo, essa ideia inicial teria sofrido alguns ajustes, configurando-se em um projeto mais amplo de fabricação de um suplemento, diferente de uma única página, como dizem ter sido a orientação de Pinheiro. Teria sido proposto por Murilo Rubião a composição de um caderno de caráter mais abrangente. Portanto, uma publicação que abarcasse, para além da literatura, outras áreas do conhecimento como, por exemplo, o cinema, as artes plásticas, a música, o teatro, dentre outros.

Constata-se, por fim, a ausência de disputas narrativas relativas às formas de concepção de seu surgimento, sendo possível perceber, ao contrário, uma narração consolidada sobre o surgimento do *SLMG*, apresentado ao público em setembro de 1966: sua imagem é de um caderno amplo, heterogêneo e criado pelo escritor Murilo Rubião, seu primeiro diretor e idealizador.

Em relação a essa imagem, destacamos o lugar central ocupado pelo livro *O desatino rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*, publicado pelo escritor e jornalista Humberto Werneck, no ano de 1992.<sup>81</sup> Nele, localizamos a primeira narração que incluiu o *SLMG* dentro de uma trajetória do jornalismo cultural da cidade de Belo Horizonte. Ao percorrer as principais publicações escritas a partir dos anos de 1920, com o seu início no surgimento de *A Revista*, grupo modernista liderado pelo escritor Carlos Drummond de Andrade, sua narrativa caminha até os anos 1960, com a inclusão do *Suplemento Literário* como momento final de seu recorte. Nesse sentido, essa obra ocupa, sem dúvida, uma referência constante nos vários estudos ou menções feitas ao *SLMG*.

Para Werneck, Murilo Rubião, depois de passar quatro anos em Madri, como chefe do Escritório Comercial do Brasil na Espanha, retornou a Belo Horizonte, ao fim do governo de Juscelino Kubitschek. “Ao sabê-lo de volta à terra, o governador Magalhães Pinto quis tê-lo no Palácio da Liberdade. Murilo, porém, era um

---

81 Vale ressaltar que o livro foi publicado no ano seguinte a morte de Murilo Rubião (1916-1991), sendo esse o primeiro trabalho que daria destaque à importância do escritor na idealização, criação e condução do *SLMG*. Destaca-se também a doação de parte seu arquivo, ainda em vida, para a Universidade Federal de Minas Gerais, o que certamente impulsionou o interesse em pesquisas sobre a sua trajetória intelectual e vida de escritor.

juscelinista histórico” (WERNECK, 1992, p. 117).<sup>82</sup> Ainda para o Werneck, “lotado na redação do *Minas Gerais*, (...) Murilo Rubião tinha quase nada o que fazer num jornal que se limitava a publicar leis, decretos e atos administrativos” (WERNECK, 1992, p. 117). A resolução, então, de tornar o jornal mais dinâmico teria partido do então governador, Israel Pinheiro. A proposta seria amenizar “a prosa burocrática com algum noticiário, colunas e um pouco de literatura” (WERNECK, 1992, p. 178). Contudo, ideia de fabricar um suplemento teria sido de Rubião:

A tarefa de executar a reforma foi entregue ao secretário de Governo, Raul Bernardo Nelson de Senna, sobrinho de Israel Pinheiro e diretor da Imprensa Oficial. Ele imaginou uma página semanal de literatura, ideia que levou a três escritores da redação do *Minas* – Murilo Rubião, Ayres da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera. Por que não um suplemento, em vez de uma simples página?, sugeriu Murilo. Raul Bernardo gostou da ideia e o projeto começou a andar – em meio a generalizado ceticismo da intelectualidade belo-horizontina (WERNECK, 1992, p. 178-179).<sup>83</sup>

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, que ocupou também o lugar de diretor do caderno, entre os anos de 1970 a 1973, também compartilha de um ponto de vista muito próximo ao de Werneck:

Saído da eleição derradeira de 3 de outubro de 1965 e empossado, sob graves tensões, em 31 de janeiro de 1966, o governador autorizou Murilo Rubião a fazer o Suplemento Literário. Iria circular aos sábados, no ventre da baleia burocrática, de modo a alcançar, pela capilaridade do jornal do governo, as escolas, os cartórios, as delegacias, os fóruns e demais repartições espalhadas por todo o território mineiro. Pelo menos um Suplemento em cada município, como as namoradas de Drummond (SANTOS, 2016, p. 3)

Vera Lúcia Andrade, em texto intitulado “Murilo Rubião e a Geração Suplemento”, desenvolve uma narrativa que, em grande medida, também faz eco às afirmações de Werneck, ao reafirmar que coube ao escritor a sugestão da criação de um caderno de cultura, ao invés de apenas uma página (ANDRADE, 2016, p. 9-11).

82 Sobre a participação de Murilo Rubião no governo de Juscelino Kubitschek, Werneck afirma que “em 1950, o escritor comandou o comitê de imprensa do candidato a governador, que, vitorioso, fez dele seu chefe de gabinete. (...) funcionário estadual licenciado, na hora de voltar à ativa optou pela Imprensa Oficial – onde permaneceria até se aposentar, muitos anos depois” (WERNECK, p. 177).

83 Em texto intitulado “Um ponto de encontro e de partida”, o autor retoma os principais pontos apresentados em seu livro, acrescentando, dentre outras informações, que “Murilo Rubião era um comandante firme e doce, tolerante ao ponto de em mais de uma ocasião ter permitido que alguns dos comandados saíssem mais cedo para participar de passeatas conta a ditadura militar” (WERNECK, 2016, p. 69).



Por sua vez, Jaime Prado Gouvêa, no texto “O *SLMG* nos tempos da juventude (e a troca de chumbo entre o linotipo e a repressão)”, estabelece uma relação entre a constatação do governador, ao visitar o norte de Minas, e a pouca informação que por lá chegava em meados dos anos 1960. Segundo Gouvêa, teria sido a constatação de que a região encontrava-se “virtualmente isolada, sem receber jornais ou informações de espécie alguma” que teria motivado uma estratégia, por parte do poder público, para preencher essa lacuna por informações:

Preocupado com essa lacuna, o Governador recomendou ao então diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo Nelson de Senna, que preparasse uma seção noticiosa e uma página de Literatura, revivendo uma antiga tradição do “Minas Gerais” que, por algum motivo, fora interrompida. Raul Bernardo tinha, nessa época, alguns intelectuais servindo na redação do jornal: Murilo Rubião, Aires da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera. Chamou-os e recomendou a página de Literatura. Murilo Rubião sugeriu, então, que se fizesse um suplemento literário em vez de uma simples página. Sugestão aceita, Murilo, encarregado de ser o secretário da publicação (compondo com os dois colegas a comissão de redação) pediu um mês para preparar seu lançamento. No dia 3 de setembro de 1966, com Paulo Campos Guimarães na direção da Imprensa Oficial, surgia o primeiro número do Suplemento Literário do “Minas Gerais” (GOUVÊA, 2016, p. 26).<sup>84</sup>

Mesmo em pesquisas mais recentes, de estrato acadêmico, em que as afirmações sobre o surgimento da ideia de criação do *SLMG* parecem não priorizar uma localização precisa ou mais bem demarcada, é recorrente os ecos estabelecidos com o livro de Werneck. Para a pesquisadora Viviane Monteiro Maroca, em texto intitulado “Gênese de uma geração: os novos contistas no Suplemento Literário (1966-1975)”:

De dentro do diário oficial do estado de Minas Gerais, o jornal Minas Gerais, surgiu a ideia, atribuída ao então governador do estado, Israel Pinheiro, de que se publicasse semanalmente uma página especial, que acabou por tornar-se um caderno que amenizasse a prosa burocrática com algum noticiário, colunas e um pouco de literatura. Essa página especial se dedicaria não apenas à literatura, mas também ao teatro, ao cinema e às artes plásticas (MAROCA, 2016, p. 32).

Encontramos uma posição similar nos estudos da professora e pesquisadora do Acervo dos Escritores Mineiro, Haydée Ribeiro Coelho. Para ela, “o Suplemento Literário do Minas Gerais surgiu em 1966, tendo o escritor Murilo Rubião como seu

<sup>84</sup> Esse texto é uma reedição do intitulado “Suplemento, ano XX: mil números de história”, publicado em comemoração a edição de número 1.000, de novembro de 1985, do *SLMG*.

organizador e editor. Publicado em o Minas Gerais, não se restringiu ao local, abrindo-se à colaboração de escritores de outras nacionalidades, outros países” (COELHO, 2004, p. 86).<sup>85</sup>

Na trilha de trabalhos defendidos em instituições de ensino superior brasileiras, apresentaremos um panorama das principais pesquisas que tiveram o *SLMG* como fonte ou objeto de estudos. Esse levantamento foi de suma importância, pois nos possibilitou localizar tanto os interesses que motivaram as investigações, as formas de abordagem, as inquietações e resultados, como a verificação da completa ausência de pesquisa sobre o caderno no âmbito dos estudos históricos.<sup>86</sup>

Ieda Maria Ferreira, no ano de 2000, defendeu uma dissertação junto à Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP, em Teoria Literária e Literatura Comparada, intitulada *A indexação do Suplemento Literário Minas Gerais*. Representado como um “arranjo científico”, o termo indexação mobilizado no título da pesquisa teve, como objetivo, “facilitar o trabalho de futuros pesquisadores”. Nas palavras da pesquisadora, “com este trabalho, foi confeccionado três índices diferentes: o onomástico remissivo, de toda a literatura no jornal, o de autor citado e o de obra citada”. Somados a isso, a pesquisa também produziu uma pequena biografia da comissão de redação, “além de uma discussão sobre a história do Suplemento e a sua contextualização” (FERREIRA, 2000, p. 11). Em um trabalho que se desenvolve em quase 600 páginas, Ferreira o dividiu em dois volumes, sendo o primeiro (com algo em torno de 60 páginas) responsável por apresentar o caderno de cultura, em linhas gerais, e o segundo ocupando as demais páginas com um extenso “Índice Onomástico” (de A a Z), “Autor citado”, “Obra citada”, “Comissão de redação” e “Anexos”.

Léia Patrícia Camargos, em 2004, defendeu a dissertação intitulada *A presença das literaturas portuguesa e africana de língua portuguesa no Suplemento Literário Minas Gerais (1966-1988): indexação, coletânea de textos e banco de*

---

85 Em outros artigos de Coelho como, por exemplo, “América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais (1969-1973)”, de 2007, ou em “América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais 1967-1975 (Crítica Literária)”, de 2009, é perceptível o mesmo foco de apreensão sobre a criação do *SLMG*.

86 Abordamos rapidamente essa questão no texto “O *Suplemento Literário* como fonte e objeto para a pesquisa histórica”, publicada no caderno especial em comemoração aos 50 anos do *SLMG*. Cf. CUNHA, 2016, p. 70-71.

*dados*, junto a Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP, na área de Literaturas de Língua Portuguesa. Para o seu trabalho, Camargos também teve acesso ao mesmo arquivo, em papel, utilizado pela pesquisadora Ieda Ferreira Nogueira que, segunda comenta Camargos, doou o material que utilizou em sua pesquisa, concorrendo para que o arquivo (CEDAP) passasse a ser “o único local em São Paulo em que o *SLMG* estará com a coleção quase completa” (CAMARGOS, 2004, p. 13). A pesquisa teve como foco a “indexação de textos de crítica e de criação literária das literaturas portuguesa e africana de língua portuguesa publicadas no *Suplemento Literário Minas Gerais*” (CAMARGOS, 2004, p. 5), entre os anos de 1966 e 1988. Entre os seus objetivos, a pesquisadora pretendeu resgatar a memória de ambas as literaturas, traçar um percurso do caderno de cultura, indexar os textos, “elaborar uma coletânea de textos integrais (impressa) de crítica e de criação literária com os textos referentes ao item” e criar um banco de dados informatizado. Como resultado de sua pesquisa, a autora enfatizou que “o produto da pesquisa democratizará e disponibilizará o acesso a periódicos brasileiros e a um número considerável de textos integrais digitalizados das literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa” (CAMARGOS, 2004, p. 5).

Em 2006, Eliana da Conceição Tolentino defendeu a tese *Literatura Portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais: relações Brasil/Portugal*, no Programa de Pós-Graduação do Curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, na área de Literatura Comparada. Nela, afirma que o objetivo de seu trabalho foi “investigar o papel do Suplemento Literário do Minas Gerais como espaço de divulgação das literaturas brasileira e portuguesa, durante os anos de 1966 a 1976, bem como as relações que são estabelecidas entre intelectuais brasileiros e portugueses nesse período”. Para a pesquisadora, nesse campo intelectual, as “relações foram estabelecidas, principalmente, pela publicação, no Suplemento Literário, de textos literários, ensaios críticos e/ou teóricos e entrevistas realizadas com escritores portugueses. Houve também encontros e viagens de portugueses ao Brasil e de brasileiros a Portugal” (TOLENTINO, 2006, p. 7). Para a pesquisadora, os escritores portugueses do período recortado, aqueles “considerados pelo governo salazarista como de esquerda e cuja escrita oferecia

perigo ao regime político de ditadura”, conseguiram encontrar no *SLMG* “um meio de divulgação de suas produções literárias” (TOLENTINO, 2006, p. 7).

Segundo Tolentino,

Neste trabalho pretendemos compreender o papel do Suplemento Literário para as literaturas brasileiras e portuguesas; como escritores brasileiros e portugueses liam a sua atuação em um periódico oficial do governo, durante o período de ditadura militar; e ainda, como o escritor português lia seu livre acesso a um periódico brasileiro em oposição à censura que sofria em seu país, que sentimentos de exílio poderiam estar presentes nos textos dos portugueses que se viam impedidos de expressão em seu país? Que reterritorialização é possível a um português dos anos 60 no Brasil? E também, que identidade é possível a um brasileiro dos anos 60 que busca a “boa” relação com o português? Em que medida conceitos como centro e periferia na relação Brasil/Portugal, no período da colonização, voltam à tona nesse espaço de trocas literárias? Como o ressentimento em relação a Portugal aparece representado nos textos dos brasileiros? Como são representadas as nações brasileira e portuguesa no Suplemento Literário? (TOLENTINO, 2006, p. 23-24).

No ano de 2009, a pesquisadora Viviane Monteiro Maroca defendeu uma dissertação com o título *Nos rastros dos novos: o fazer crítico e literário dos contistas do Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-1975)*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, na área de Teoria da Literatura. Em sua pesquisa, a autora afirma que seus objetivos foram “refletir sobre o conto nos anos 60 e 70; focar o conceito de conto que circulou no Suplemento Literário do Minas Gerais, entre os anos de 1966 a 1975; relacionar os aspectos mencionados com alguns contos publicados no Suplemento, tendo em vista a teoria e a prática ficcional dos *Novos*” (MAROCA, 2009, p. 8). Dividido em três capítulos, o seu primeiro capítulo situou o Suplemento, “no qual foi divulgado o fazer crítico e literário dos contistas brasileiros (1966-1975)”. Já o segundo foi dedicado ao estudo do conto. “Para tanto, foram realizadas uma revisão da teoria do gênero e um estudo de algumas séries sobre contos e contistas, publicadas no periódico mineiro”. E no terceiro, a autora afirma que “foram selecionados, para estudo, alguns dos contos publicados no Suplemento Literário do *Minas Gerais*” (MAROCA, 2009, p. 8).

No ano de 2012, Eliana Mirian Ferreira Nunes defendeu a dissertação *Geração Suplemento: memória e representação cultural*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Ouro Preto, na área de Linguagem e

Memória Cultural. Em sua pesquisa, a autora apresenta a atuação do grupo denominado “Geração Suplemento”, no final da década de 60 e início dos anos 70 em Minas Gerais no *SLMG*, “como modo de refletir e analisar os modos de representação do grupo e da memória através da abordagem de textos produzidos e dedicados aos intelectuais que compunham esse grupo” (NUNES, 2012, p. 5). Nesse sentido, também buscou demonstrar “os mecanismos de construção da biografia dessa geração” (NUNES, 2012, p. 11), assim como de sua memória coletiva.

Como fundamentação teórica para a sua pesquisa, a autora utilizou dos trabalhos de Maurice Halbwachs, Paul Connerton, Paul Ricoeur e Andreas Huyssen. As noções de representação e memória foram analisadas a partir de um recorte específico em dois números especiais publicados pelo caderno de cultura, intitulados “Os Novos I” e “Os Novos II”, de uma série dedicada aos escritores do grupo, intituladas “O escritor mineiro quando jovem”, “Os novos de toda parte” e “Os novos em Antologia” e do romance do escritor Luiz Vilela denominado *Os Novos*. Para a autora, seu trabalho procurou buscar “um diálogo entre as produções desses escritores de maneira a perceber como essas produções corroboraram para compor a identidade e a biografia do grupo” (NUNES, 2012, p. 5).

No ano de 2014, Mariana Novaes defendeu a dissertação, junto à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada *O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião (1966-1969)*. Nela, a autora teve, como objetivo, “tratar, investigar e analisar o *Suplemento Literário* do Minas Gerais, sua história e literatura produzida, nos anos de 1966 a 1969, a partir do arquivo de Murilo Rubião, seu diretor e idealizador nestes anos” (NOVAES, 2014, p. 12). Nesse sentido, o trabalho pretendeu “abordar a história (a criação, amadurecimento, sucessos, crises e personagens), as características (estruturas e diretrizes) e colaboração (sobretudo da literatura e crítica brasileira)” que compuseram o *SLMG* nas edições (172) as quais o escritor Murilo Rubião assinou como secretário do jornal (NOVAES, 2014, p. 12). Em sua pesquisa, a autora foi motivada “não apenas pelo seu fundo (correspondências, periódicos e fotografias), mas também pela sua obra, da qual faz parte o *Suplemento Literário* de Minas Gerais” (NOVAES, 2014, p. 12).

Sobre os usos das cartas trocadas entre os escritores colaboradores com o jornal com o seu principal responsável, Murilo Rubião, a autora afirma que sua estratégia de pesquisa foi de ler “Suplemento Literário pelo que é: depois de mais de 45 anos continua sendo consagrado pela crítica literária e responsável pela divulgação de novos autores (Ana Martins Marques, Ricardo Aleixo, Fabrício Marques)” e também “pelo que foi: um jornal que teve à frente personagens como Drummond e Murilo Rubião; e pelo que poderia ter sido: uma edição especial sobre Carlos Drummond de Andrade sem a permissão e colaboração consentida pelo autor” (NOVAES, 2014, p. 19).

Do ponto de vista da trajetória do próprio *SLMG*, podemos constatar que o interesse pela retomada da memória de Murilo Rubião como figura central de idealizador e aquele que conseguiu criar, manter e dar seguimento ao caderno iniciou-se em meados dos anos 1980, pouco depois do seu retorno como diretor da Imprensa Oficial, a partir de 1983.<sup>87</sup> Dois momentos específicos demonstram esse investimento em recuperar essa memória sobre a criação do *SLMG*: a publicação do caderno de número 1000, em novembro de 1985, e os três cadernos, de números 1060, 1061 e 1062, como edições especiais intitulados “40 anos de Ex-Mágico”, dedicados ao próprio Murilo Rubião.<sup>88</sup>

Em relação à primeira publicação, assim nos informa o texto de apresentação localizado na capa do caderno:

O Suplemento Literário do MINAS GERAIS – criado há quase 20 anos por Murilo Rubião – chega ao Número 1.000, com esta edição de 40 páginas. Rompendo fronteiras e lançando valores novos, o *SLMG* fez escola em sua concepção gráfica e em seus movimentos artísticos. Por isso recebeu prêmios e o reconhecimento dos intelectuais (*SLMG*, n. 1000, 1985, p. 1).

87 Segundo Jaime Prado Gouvêa, “a vitória de Tancredo Neves nas eleições de 1982 prenunciava mudanças profundas, em particular no mundo artístico. Para o Suplemento, isso foi fundamental. Murilo Rubião, seu criador, foi nomeado Diretor da Imprensa Oficial. Entre suas metas estava a renovação do Suplemento, que voltasse a ter a importância que tivera em outros tempos, quando chegou a ser reconhecido internacionalmente como um dos mais importantes veículos de informação cultural da Língua Portuguesa. Queria que fosse varrido todo o anacronismo e o provincianismo por onde o jornal havia se enveredado, uma mudança que fosse até física” (GOUVÊA, 1985, p. 3).

88 Segundo Jaime Prado Gouvêa, integrante do *SLMG* em finais da década de 1960 e início de 1970 e hoje diretor do Suplemento Literário, em entrevista a nós concedida, todo o material reunido para a confecção das três edições teria ficado sob a responsabilidade do próprio escritor. Teria sido dele também a iniciativa do empreendimento, configurando-se em um exercício de produção da própria imagem.

Do primeiro caderno, de três publicados, dedicado aos 40 anos do primeiro livro de contos publicado por Rubião, lemos no texto de Renard Perez, intitulado “A trajetória de um escritor”:

Em 1966, realizando um velho sonho, funda o *Suplemento Literário* do MINAS GERAIS, sendo também o seu primeiro editor. Suplemento esse que prestará um serviço dos mais valiosos de divulgação das Letras do Estado e do País – quer em suas edições semanais, quer nas especiais – essas dedicadas a personalidades e acontecimentos de nossa História Cultural e sobretudo mineira. Conservar-se-á o escritor à frente do Suplemento até 1969. Mas este prosseguirá até o presente, sem interrupções - ou seja, 20 anos - dentro das mesmas linhas traçadas por seu criador (PEREZ, 1987, p. 3).

Em relação a sua produção literária,<sup>89</sup> pode-se verificar que em alguns momentos o escritor se valeu das páginas do *SLMG* para publicá-los.<sup>90</sup> Isso sugere que Rubião teria se beneficiado ou se valido dos lugares que ocupou, tanto na direção do *SLMG* ou na Imprensa Oficial, para uma relativa autopromoção. Na década de 1980, como sinalizamos acima, verificamos a publicação de mais dois de seus contos, “O edifício” e “Ofélia, meu cachimbo e o mar”, ambos presentes nos três cadernos dedicados ao próprio escritor.

Posteriormente, encontramos uma nova referência a sua participação na condução do *SLMG*, na edição comemorativa de 30º aniversário, publicada no ano de 1996, data que o escritor comemoraria 80 anos de vida.<sup>91</sup>

89 Ao que se sabe, Rubião compôs e publicou um universo pequeno de contos. Em livro organizado sob o título de *Obras Completas*, pela editora Companhia das Letras (Edição de bolso), contam-se 33 contos. Cf. RUBIÃO, 2010.

90 Em nosso levantamento, verificamos a existência das seguintes publicações nas páginas do *SLMG*: “Os comensais”, v. 3, n. 106, p. 14-15, set. 1968; “Petúnia”, v. 4, n. 158, p. 6-7, set. 1969; “Os dragões”, v. 5, n. 196, p. 4, maio 1970; “O Ex-mágico da taberna minhota”, v. 6, n. 272, p. 8-9, nov. 1971; “Epidólia”, v. 8, n. 378, p. 10-11, nov. 1973; “O convidado”, v. 10, n. 445, p. 1, mar. 1975; “O bloqueio”, v. 10, n. 445, p. 6-7, mar. 1975; “Alfredo”, v. 10, n. 460, p. 6-7, jul. 1975; “O homem do boné cinzento”, v. 11, n. 522, p. 1, set. 1976; “O convidado”, v. 22, n. 1060, p. 4-5, fev. 1987; “Teleco, o coelhinho”, v. 22, n. 1061, p. 6-7, fev. 1987; “O edifício”, v. 22, n. 1062, p. 8, fev. 1987; “Ofélia, meu cachimbo e o mar”, v. 22, n. 1062, p. 12, fev. 1987. Vale ressaltar que privilegiamos o recorte até o início dos anos 1990, período anterior a morte do escritor.

91 Foram consultados os seguintes cadernos comemorativos de aniversário do *SLMG*: Caderno em comemoração aos aniversários do *SLMG*: 1º ano (n. 53, 1967); 2º ano (n. 106, 1968); 3º ano (ns. 155, 156, 157 e 158, 1969); 4º ano (ns. 213, 214 e 215, 1970); 9º ano (n. 468, 1975); 10º ano (n. 521, 1976); 15º ano (n. 779, 1981); 20º ano (n. 1039, 1986); 25º ano (ns. 1170 e 1171, 1991); 30º ano (n. 17, 1996); 40º ano (n. 1297 - parte I e II, 2006); 45º ano (n. 1339, 2011) e 50º ano (2016). As lacunas a partir do quinto ano são referentes a inexistência, pelo menos explícita, de que os cadernos publicados nos meses de setembro, próximos da data de aniversário do *SLMG*, tivessem sido organizados para uma comemoração. Para além desses, foram consultados os cadernos de número 1000, de novembro de 1985, e os números 1060, 1061 e 1062, edições especiais sobre Rubião e os 40 anos de publicação de seu livro “O Ex-Mágico”.

Para Carlos Ávila, então diretor do *SLMG* naquele momento:

No dia 3 de setembro de 1966, circulava pela primeira vez o Suplemento Literário, como encarte do jornal "Minas Gerais", o órgão oficial do Governo do Estado. Criado pelo escritor Murilo Rubião (1916/1991) com o objetivo de publicar e divulgar a literatura mineira e brasileira (e estabelecer diálogo com a produção estrangeira, através de traduções), o então Suplemento Literário do Minas Gerais fez história tornando-se, através de anos, um dos mais importantes jornais de cultural do Brasil (ÁVILA, 1996, p. 2).<sup>92</sup>

Contudo, até o presente momento, não há nenhuma referência sobre alguma pesquisa feita sobre o retorno do escritor para o serviço público na Imprensa Oficial, assim como algum estudo sobre o período do *SLMG* nos anos de 1980. Essa seria, aliás, uma importante investigação que possivelmente traria mais luzes sobre, por exemplo, o processo de abertura política vivenciado pelo país no mesmo período e se houve diferenças nas formas de inserção do caderno de cultura na cena pública mineira e brasileira<sup>93</sup>. Nesse momento, mais especificamente no ano de 1983, Murilo Rubião ocupou o cargo de diretor da Imprensa Oficial e teve ao seu lado novamente, a convite do próprio escritor, a presença de Aires da Mata Machado Filho.

Vejamos, entretanto, como se deu a participação e o apoio dos principais intelectuais que estiveram envolvidos no projeto de criação do *SLMG*, no início da segunda metade dos anos de 1960, e como teria se configurado suas atuações na vida cultural de Belo Horizonte, principalmente como mediadores culturais.

---

92 Negrito no original.

93 Para o caderno especial em comemoração aos 40 anos do *SLMG*, publicado em 2006 (n. 1297), os professores Haydée Ribeiro e Jacyntho Lins Brandão escreveram, respectivamente, os ensaios "O Suplemento Literário: 1969/1981" e "Anos Suplemento". Neles, os autores fazem algumas reflexões sobre a importância do caderno no final dos anos de 1970 e nos anos 1980, configurando um dos poucos momentos em que temos notícia sobre a abordagem desses períodos.



## Capítulo 2: A participação e apoio dos intelectuais

### 2.1. Os criadores do caderno e os seus papéis como “mediadores culturais”: primeira geração

O *SLMG* iniciou a sua história contando com três nomes importantes dentro do cenário intelectual belo-horizontino: Aires da Mata Machado Filho, Laís Corrêa de Araújo e Murilo Rubião. Para além de colaboradores no caderno de cultura e das funções que ocuparam, pontos que abordaremos em outros momentos desta tese, nos interessa nesta parte do estudo identificar o trabalho que ambos exerceram como mediadores culturais.

Segundo as autores Ângela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen, em livro organizado sobre o tema da mediação intelectual, intitulado *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, é importante reconhecer que “as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9).

Ainda para as autoras, a categoria nos possibilitaria operar com um leque amplo de situações passíveis de serem interpretadas como práticas mediadoras:

No que diz respeito às relações com o passado, esse é o caso, por exemplo, dos chamados “guardiões da memória” familiar, encarnados em pessoas idosas ou em um membro da família que estabelece como seu objetivo “produzir”, de maneira mais ou menos informal, um arquivo de documentos ou de relatos sobre a história dessa família. (...) Outros mediadores culturais podem ser identificados nos leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações. Tais mediadores, de enorme relevância na construção de identidades culturais de indivíduos e comunidades, geralmente não são identificados e não se identificam pela categoria de intelectual (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9).

Nesse sentido, nosso objetivo é captar e entender qual a importância dessa função como parte do funcionamento do *SLMG* como um dispositivo de cultura. Entender esse funcionamento e as dinâmicas de mediação constitutivas do trabalho de comunicação e produção cultural nos parece um ponto central para a compreensão do lugar ocupado pelo caderno de cultura.

Para tanto, vamos nos valer das contribuições da prosopografia, ou da biografia coletiva, para traçar um pequeno mapa intelectual dos principais nomes envolvidos e responsáveis pelo planejamento, concepção e criação do *SLMG*.<sup>94</sup>

Para Christophe Charle, por exemplo,

A prosopografia ou biografia coletiva é um método que, após ter sido inventado e praticado sobretudo em história antiga e medieval, muito se desenvolveu nos últimos 40 anos em história moderna e contemporânea. Seu princípio é simples: definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise (CHARLE, 2006, p. 41).

Mesmo com uma pequena diferença de idade entre os intelectuais participantes do projeto do *SLMG*, acreditamos que eles pertenceram, em grande medida, de uma mesma geração que teve o seu principal momento de produção no período pós-Segunda Guerra, período em que assistiu a várias mudanças no cenário político e social, tanto no Brasil como no mundo.

Especificamente no caso de Belo Horizonte, principal cenário de atuação de todos os nomes estudados, esse é o momento de modernização e crescimento da imprensa jornalística, lugar em que todos atuariam, seja como colaboradores em jornais, seja em revistas de cultura e variedades.<sup>95</sup> De uma forma geral, todos estiveram envolvidos em uma interface entre o jornalismo, a literatura e a atuação política. Vejamos, então, como se deram as suas trajetórias.

---

94 Para um levantamento das elites políticas mineiras, a partir de um estudo prosopográfico, especificamente sobre a Primeira República, Cf. VISCARDI, 1995.

95 Sobre o crescimento e modernização da imprensa em Belo Horizonte do período pós-Guerra, Cf. ALMEIDA, 2014; Covemg, 2017.



Figura 7: Da esquerda pra direita: Murilo Rubião, Jokobson, Laís Corrêa de Araújo, Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Rui Mourão e Affonso Ávila. Belo Horizonte, out. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.



Figura 8: Da direita para a esquerda: Affonso Ávila, Ildeu Brandão, Décio Pignatari e Murilo Rubião no Suplemento Literário. Belo Horizonte, mai. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.



Figura 9: Da direita para a esquerda: Laís Corrêa de Araújo, Murilo Rubião, Ana Hatherly e Affonso Ávila. Belo Horizonte, abr. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.



Figura 10: Lançamento do *SLMG* em homenagem a Eduardo Frieiro. Da direita para a esquerda: Tote, Murilo Rubião, Emílio Moura, Fábio Lucas, Mário Mendes Campos, Eduardo Frieiro, José Maria de Alkmin, Martins de Oliveira e outras pessoas não identificadas. Belo Horizonte, dez. 1967. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.



Figura 11: Entrega ao governador Israel Pinheiro de uma coleção do *SLMG* (seis primeiros números). Da direita para a esquerda: Israel Pinheiro, Murilo Rubião, José Bento, Ildeu Brandão e Aires da Mata Machado. Belo Horizonte, fev. 1967. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.



Figura 12: Da direita para a esquerda: Francisco Iglésias, Paulo Campos Guimarães, Eduardo Frieiro, Autran Dourado, Emílio Moura, Murilo Rubião, Aires da Mata Machado, Franklin de Salles e Ildeu Brandão. Belo Horizonte, s.d.. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.

### 2.1.1. Murilo Rubião

Murilo Eugênio Rubião nasceu na cidade Carmo de Minas em 1916, filho de Eugênio Rubião e Maria Antonieta Ferreira Rubião, e faleceu em Belo Horizonte, ano de 1991.

Seus primeiros anos de estudos se deram nas cidades de Conceição do Rio Verde e Passa-Quatro, sendo concluídos, em nível primário, em Belo Horizonte (1928), no Grupo Escolar Afonso Pena. No ano de 1935, concluiu o bacharelado em Humanidades, no Colégio Arnaldo, também na capital mineira, tendo sido orador da turma.

Dentre as suas ocupações, foi contista, jornalista, professor, advogado e funcionário público, ocupando vários cargos durante a sua trajetória profissional. Segundo Cleber Cabral Araújo, “advogado, funcionário público e jornalista, Murilo Rubião se tornou conhecido como contista, sendo considerado pela crítica literária brasileira e internacional como o precursor do realismo fantástico (ou mágico) latino-americano” (ARAÚJO, 2016, p. 316).

Sobre a suas características pessoais e formas de lidar com o espaço público, Rui Mourão nos informa que Rubião era

Portador de uma gagueira residual satisfatoriamente dominada, que o deixou apenas a engolir na fala o r ou com um arranque verbal atropelado quando nervoso ou perplexo diante do assalto de alguma surpresa, Murilo Rubião se plantou dentro do mundo com absoluta reserva. Essa seria a base definitiva da sua personalidade, dotada de cautela, vigilância constante, disciplina sustentada, rigor de comportamento moral inabalável. Com ele não havia tergiversações, só certezas (MOURÃO, 2016, p. 16).

Segundo depoimento de Ângelo Oswaldo,

O Murilo era um homem tímido, discreto, muito reservado e sempre escondido atrás dos óculos e do bigode, parecia até o homem do poema do Drummond, que ficava atrás da piteira. Murilo fumava muito e usava uma pequena piteira. Gaguejava um pouco, ele baixava um pouco os óculos e olhava, tinha os olhos grandes, era um homem tímido e reservado, falava pouco, mas sempre o que ele dizia era inteligente, irônico, ele gostava de rir, de satirizar as situações.<sup>96</sup>

Para Jota D'Ângelo,

96 Depoimento publicado no *site* dedicado a vida do escritor, mantido pelo professor Roniere Menezes. Disponível em: <http://www.murilorubiao.com.br/academia.aspx> (Acessado em: abr. 2018). Infelizmente, não conseguimos precisar a data em que ele foi pronunciado.

Ele era um sujeito muito introspectivo, muito tímido, de relacionamento contido. Murilo se blindava numa redoma, era de difícil acesso, particularmente em relação às suas emoções, às suas explosões afetivas. Tinha um temperamento racional, analista, embora fosse uma pessoa muito afável, fácil de conviver. Não fazia confidências das coisas amorosas. Lembro-me de um caso dele, a moça trabalhava na faculdade de medicina, chamava-se Amélia Dulce, e esse caso durou bastante tempo, guardado em absoluta discrição. Ela ia na nossa roda de vez em quando, e lá, não se tinha qualquer manifestação por parte dele (PEREZ, 1987, p. 2).

Em 1938, no período de seus estudos em nível superior, atuou no Diretório dos Estudantes da Faculdade de Direito da UMG, hoje UFMG, onde fundou com outros estudantes a revista *Tentativa*. No ano seguinte, foi redator da revista *Belo Horizonte* e estreou como jornalista no jornal *Folha de Minas*.

Para Renard Perez,

Também a atividade jornalística – a que se dedicará – se inicia nesse período, nela se incluindo igualmente a área literária. Assim é que, ainda em 1938, funda com um pequeno grupo uma revista – *Tentativa*, de publicação mensal, e que chega a durar doze números, e começa, em 1939, a trabalhar como repórter na *Folha de Minas*. No ano seguinte acrescenta, a essa atividade, a de redator da revista *Belo Horizonte*, tendo ainda aí a seu cargo o serviço de revisão e publicidade (PEREZ, 1987, p. 2).<sup>97</sup>

A década de 1940 apresenta-se como um período significativo no que diz respeito a sua inserção no âmbito do jornalismo, da ocupação de cargos de chefia em instituições de cunho cultural e do início de sua vida profissional.

Em 1942, formou-se como advogado, profissão que não chegaria a exercer, e foi eleito para o cargo de Diretor da Associação de Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

No ano de 1943, foi designado diretor da Rádio Inconfidência e, dando continuidade ao trabalho como jornalista, ocupou o cargo de redator do *Folha de Minas*.

Em 1945, ocupou a chefia, da delegação mineira que participou, em São Paulo, do I Congresso Brasileiro de Escritores, que contribuiu, em alguma medida,

---

<sup>97</sup> Ainda sobre esse período, Perez afirma que “a essa altura já havia Murilo trocado, no tocante à Literatura – a poesia pela prosa de ficção. Tinha, por outro lado, por seu próprio trabalho de jornal, conhecimento com vários escritores. Entre estes estará Marques Rebêlo (1907-1973), que se encontrava então em Belo Horizonte e frequentava a *Folha* [de Minas]”.

para a derrubada, em outubro, da ditadura do Estado Novo.<sup>98</sup> Nesse momento, foi designado presidente da seção mineira da Associação Brasileira de Escritores.

No ano de 1946, ocupou o cargo de Oficial de Gabinete do interventor federal em Minas, João Beraldo.<sup>99</sup>

Em 1947, publica o seu primeiro livro de contos, intitulado *O ex-mágico*,<sup>100</sup> obra que conquistou, no ano seguinte, o prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo, da AML (Academia Mineira de Letras).<sup>101</sup>

Em 1949, exerceu funções de chefe do Serviço de Documentação da Comissão do Vale do Rio São Francisco. Segundo o próprio autor, “como escritor, alcancei algum êxito na burocracia das letras. Três vezes presidente da Associação Brasileira de Escritores (Secção de Minas Gerais) e vice-presidente do I Congresso Brasileiro de Escritores” (RUBIÃO *apud* PEREZ, p. 3 [1949]). Sobre esse período, década de 1940, em sua trajetória, assim se manifestou, em entrevista cedida a Perez: “Comecei a ganhar a vida cedo. Trabalhei em uma baleira, vendi livros científicos, fui professor, jornalista, diretor de jornal e de uma estação de rádio. Hoje sou funcionário público” (RUBIÃO *apud* PEREZ, p. 3 [1949]).

No início da década de 1950, foi nomeado, com a eleição de Juscelino Kubitschek para governador do Estado, Oficial de Gabinete. Nesse momento, também passa a ocupar o cargo de diretor interino da Imprensa Oficial e do jornal *Folha de Minas*.

---

98 Sobre a importância desse evento e as suas relações com o final do Estado Novo, Cf. LIMA, 2010. Algumas informações a esse respeito também podem ser encontradas em “I Congresso Brasileiro de Escritores” – Diretrizes do Estado Novo (1937 – 1945) –, no site da FGV/CPDOC, disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/CongressoEscritores> (Consultado em: abr. 2018).

99 Cf. “Verbete João Tavares Correia Beraldo”, FGV/CPDOC, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-tavares-correia-beraldo> (Acessado em: abr. 2018).

100 Sobre os desafios enfrentados por Murilo Rubião para a publicação de sua primeira obra, Perez nos informa que “por cerca de de quatro anos rodaram os originais pelas editoras – do Rio, de Porto Alegre. Ninguém se aventurava a publicar aquelas histórias meio estapafúrdias que fugiam de tudo o que se considerava literatura. E cada vez que o volume tornava, sofria transformações radicais” (PEREZ, 1987, p. 2).

101 No aniversário de 40 anos do lançamento do livro, em 1987, Rui Mourão assim se manifestou em relação ao trabalho literário de Murilo Rubião, assim como a sua importância como o responsável pela criação do SLMG: “Murilo Rubião é pessoa das mais caras a este jornal, na condição de seu fundador. Reunindo matéria variada – estudos inéditos e trabalhos selecionados de uma bibliografia já numerosa, o Suplemento Literário homenageia o escritor quando se completam quarenta anos de sua estreia em livro” (MOURÃO, 1987, p. 1).



Em 1953, publicou, em edição limitada, sua segunda obra, *A estrela vermelha*, “dentro da mesma linha do volume de estreia” (PEREZ, 1987, p. 2).

Sobre o trabalho executado junto a administração de Juscelino Kubitschek, no período em que ele ocupou o governo de Minas Gerais (1951-1955), lemos, a partir das memórias e lembranças afetivas de Lomelino Couto, as seguintes palavras elogiosas:

Coube a Murilo, por decisão de JK e através da Rádio Inconfidência, dar início à luta eleitoral. Em nosso trabalho estafante, eu tinha, em Rubião, mais que um chefe, um mentor afável e incentivador. Durante nossa convivência, jamais me advertiu ou censurou e, quando era preciso um conselho, ele raspava, suavemente, a garganta e dela brotavam palavras amigas, ternas e edificantes. Murilo, conciliador, ouvia mais do que falava, mas se exasperava quando o assunto requeria reprovação. Uma vez por semana (às segundas-feiras), no apartamento de Rubião, montávamos uma rodinha de pôquer, onde havia mais lazer do que voracidade por dinheiro.<sup>102</sup>

Sobre a relação entre o escritor e o funcionário público, que nos parece ter atravessado parte significativa da vida de Rubião, uma vez que as ambas as atividades coexistiram ligadas aos compromissos que assumiu e o seu interesse em continuar a produzir literatura, Mourão, em tom elogioso, assim se manifestou:

De todo modo, o importante a apontar é que, embora trabalhando e organizando serviços públicos, em vários cargos – dentro dos ternos e gravatas, e, na juventude, até chapéus, como se fosse um daqueles homens pintados por Magritte – Murilo trazia dentro de si o destruidor da lógica aparente da vida social. Como se fosse o pacífico cidadão durante o dia, para, de noite, debruçado sobre páginas, tornar-se o mágico pirotécnico fabricando seus fogos e bombas (MOURÃO, 1987, p. 1).

Ainda em relação a atuação de Rubião nesse período, Hélio Pellegrino também nos informa sobre a sua inserção no serviço público: “Não se considera [Rubião], no entanto, homem público, e sempre foi levado ao terreno da controvérsia cívica por razões sentimentais: amigos, gratidão, vontade de servir” (PELLEGRINO, Hélio. *Espelho dos escritores*. SL, n. 1061, fev. 1987 [texto publicado na *Revista da Semana*, 1954, ]).

---

<sup>102</sup> Sobre a sua ligação profissional com Murilo Rubião, Couto afirma que “Murilo me fez vice-diretor (ele era diretor), confiava inteiramente em mim, quando ele não podia ir à rádio, a rádio ficava nas minhas mãos. Eu comecei a admirar não só o talento dele, mas também o Murilo homem, um sujeito correto, fino no trato, amigo dos amigos, desprendido, avalizava todo mundo, avalizava funcionário da rádio em banco e não comentava com ninguém” (COUTO, 2016, p. 59).



No ano de 1956, foi Chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri, na Espanha, assim como também exerceu a função de adido cultural à Embaixada do Brasil, voltando ao país no início dos anos 1960.

Para Mourão,

Murilo era um homem de faces distintas e complementares, e, por favor, não me acusem de acaciano, antes de verem onde quero chegar. De um lado, era o funcionário público exemplar, pois sempre dava o melhor de si em tudo o que fazia, o que levou o então governador de Minas, Juscelino Kubitschek, a nomeá-lo chefe de seu gabinete, em 1952 (MOURÃO, 1987, p. 1).

Ainda sobre as formas de trabalho de Rubião no serviço público, ao mesmo tempo ao demarcar as relações de sociabilidade e amizade que permearam as relações de Rubião com aqueles que com ele estiveram presentes, ainda é com Mourão que colhemos a seguinte passagem:

Nós tivemos uma convivência intensa. Eu tenho aqui em casa até um armário que foi dele. Grande amigo. O Murilo era uma pessoa muito interessante. Ele, como funcionário, era uma pessoa muito exigente, tinha um senso de responsabilidade e uma isenção para tratar das coisas muito grande. Gastar o dinheiro público para ele, por exemplo, era uma coisa sagrada. Ele fazia aquilo com a maior fidelidade possível. Na fase de execução das coisas, ele era muito exigente, e depois na fiscalização. Era um funcionário exemplar, pessoas que trabalhavam com ele e não gostavam de manter horário tiveram problemas, ele era inflexível (MOURÃO, 1987, p. 1).

Em 1961, participou da redação do jornal *Minas Gerais*. Segundo Perez, “em 1961, outra vez no Brasil e em Minas, reassume as funções do designado para a redação do Minas Gerais” (PEREZ, 1987, p. 2).

No ano de 1965, publicou o seu terceiro livro, *Os dragões e outros contos*. No ano seguinte, é designado para a criação e manutenção do *SLMG*, cargo que se ocupará até o final dos anos de 1969.<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> Nesse momento, trabalhavam na redação do *Minas Gerais*, para além de Murilo Rubião, Bueno Rivera e Aires da Mata Machado Filho. Cf. ANDRADE, 1998. Ainda segundo a autora, sobre a saída de Rubião da direção do *SLMG*, “em 1969, Murilo Rubião saiu do comando do suplemento, para assumir outras funções na Imprensa Oficial e nunca mais cuidaria diretamente do semanário, embora tivesse sempre de passagem por ali, nos finais de tarde, para ver o que se tinha feito e levar para casa, dando opinião” (ANDRADE, 1998, p. 32).

O *SLMG* veio a público, como já mencionamos, em 1966, um sábado, dia 3 de setembro. Para Vera Lúcia Andrade, Murilo Rubião, àquela data, ocupava o cargo de funcionário estadual licenciado,

(...) que optara pela Imprensa Oficial – quando de seu regresso, em 1960, de Madrid, onde fora adido cultural durante quatro anos –, Murilo Rubião, em 1966, trabalhava na redação do Minas Gerais, pouco tendo o que fazer num jornal que se limitava a publicar leis, decretos e atos administrativos. A situação mudará, sensivelmente, para Murilo, quando o então governador de Minas, Israel Pinheiro, atento ao fato de que duzentas localidades do Norte de Minas estavam virtualmente ilhadas, sem receber jornais e informações do resto do país, a não ser o que lhes chegava pelo órgão oficial, e portanto obrigatório em repartições públicas, decide encomendar ao diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo de Senna, que preparasse uma seção noticiosa e uma página de Literatura, revivendo uma antiga tradição do Minas Gerais que, por algum motivo se perdera (ANDRADE, 1998, p. 28-29).

Ainda para Andrade,

Intelectual respeitado, vivia cercado de amigos e admiradores, tendo sido o criador do “Suplemento Literário do Minas Gerais”, responsável pela publicação, entre nós, do primeiro conto de Cortazar e pelo lançamento de um grupo de jovens escritores mineiros, de quem foi o “guru” – a chamada “Geração Suplemento”, que tinha no Edifício Maleta, localizado no centro da cidade, o seu “quartel general” – e que depois se tornaram grandes nomes de nossa literatura, como Luís Vilela, Humberto Werneck, Adão Ventura, Jaime do Prado Gouveia, e outros (ANDRADE, 2006, p. 6).

Segundo Perez,

Em 1966, realizando um velho sonho, funda o *Suplemento Literário* do MINAS GERAIS, sendo também o seu primeiro editor. Suplemento esse que prestará um serviço dos mais valiosos de divulgação das Letras do Estado e do País – quer em suas edições semanais, quer nas especiais – essas dedicadas a personalidades e acontecimentos de nossa História Cultural e sobretudo mineira (PEREZ, 1987, p. 2).

Ainda sobre a criação do *SLMG*, para Mourão,

Em 1966, a mão esquerda e a direita de Murilo – uma espécie de machadiano abstracionista –, se juntaram para fundar o Suplemento Literário do “Minas Gerais”, encartado, aos sábados, no órgão oficial do governo de Minas, muitas vezes para que colaboradores contrariassem e até sabotassem a ideologia oficial, o que deu margem a inúmeros conflitos, e isso, vejam bem, em plena ditadura militar (MOURÃO, 1987, p. 1).

Em 1967, ocupou o cargo de diretor da Rádio Inconfidência. No ano seguinte, a pedido do governador Israel Pinheiro, implanta a FAOP (Faculdade de Artes de Ouro Preto), tornando-se o seu primeiro presidente.

No ano de 1969, afastou-se da direção do *SLMG* e assumiu a chefia do Departamento de Publicações da Imprensa Oficial de Minas Gerais. No momento de sua saída da direção do *SLMG*, houve uma manifestação, por parte dos principais nomes ligados ao caderno de cultura, de apoio, por meio de uma espécie de carta-manifesto, para que Rubião permanecesse à frente da publicação. O documento encontra-se no acervo do escritor, depositado na Biblioteca Central da UFMG e, nele, constam uma lista de assinaturas, nem todas legíveis, em que é possível reconhecer alguns dos principais nomes:

Murilo:

os seus amigos fazem aqui um apelo de coração para que continue à frente do suplemento literário, criação sua, filho seu, que você, como seu prestígio projetou nacional e internacionalmente, projetando com ele também a literatura e arte de Minas. O suplemento é você e sem você não será o mesmo. (22 assinaturas no total, entre elas, as mais legíveis: Affonso Ávila, Márcio Sampaio, Humberto Werneck, Luiz Vilela, Carlos Roberto Pellegrino, Sérgio Sant'Anna e Silva, Luíz Gonzaga Vieira, Adão Ventura, Laís Corrêa de Araújo, Heitor Martins e Gilberto Mansur).

Em 1974, Rubião publica o livro *O pirotécnico Zacarias*, pela Editora Ática, São Paulo, com apresentação do professor David Arrigucci Júnior. No mesmo ano, também publicou o conto *O convidado*, que lhe conferiu o prêmio Pen Clube do Brasil, obra que trouxe um estudo introdutório do pesquisador e professor argentino Jorge Schwartz, um dos primeiros especialistas na obra de Rubião.

Em 1975, foi diretor de Publicações e Divulgação da Imprensa Oficial do Estado e presidente do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Aposenta-se no serviço público.

No ano de 1983, Rubião retornou ao serviço público, a convite do então governador de Minas Tancredo Neves, para ocupar o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado.

### **2.1.2. Aires da Mata Machado Filho**

Aires da Mata Machado Filho nasceu no ano de 1909, em Diamantina, no seio de uma família de destaque político e econômico, e faleceu em Sete Lagoas, em 1985. Seu Ensino Secundário foi feito no Rio de Janeiro, no Instituto Benjamin Constant. No Ensino Superior, foi professor (emérito) da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Católica de Minas Gerais e obteve o título de doutor em Letras e Bibliografia Filológica e Literária. Na área dos estudos de línguas, lecionou cursos em filologia românica e, no âmbito literário, ensinou sobre as literaturas de diferentes expressões como, por exemplo, a portuguesa, a brasileira, a italiana, a espanhola, dentre outras. No campo institucional, contribuiu para a fundação da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA), trabalhou na administração pública, foi redator do jornal *Minas Gerais*, produziu programas para as rádios (Guarani e Inconfidência) e ajudou a implantar o Instituto São Rafael, em Belo Horizonte, onde também foi professor. Entre as instituições que esteve ligado, foi membro da Academia Mineira de Letras, da Academia Brasileira de Filologia, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Comissão Nacional de Folclore, da Academia Carioca de Letras, da Associação Brasileira de Antropologia, da Sociedade Brasileira de Filologia, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras de Viçosa.<sup>104</sup>

Sobre a sua produção no campos jornalístico, assim como de sua trajetória como mediador nos lugares em que atuou, é o próprio autor que nos informa, a partir de uma entrevista publicada no livro *Memórias do jornalismo mineiro*, publicado em 1995.<sup>105</sup>

Segundo Machado Filho,

Meu primeiro artigo saiu num jornal que havia em Belo Horizonte, chamado “Diário de Minas”, em 1928. Foi fundado por Augusto de Lima Júnior, o Liminha. Em 1928, meu segundo artigo, que é o primeiro capítulo do livro *Educação de Cegos no Brasil*, lançado em 1931, foi publicado no “Minas Gerais” em 1928. Eu nasci em 1909, por aí vocês vêem que loucura e que

104 Machado Filho é dono de uma biografia extensa e marcada por uma trajetória heterogênea no que diz respeito a sua atuação no âmbito intelectual, de uma forma geral. Para a montagem desse pequeno panorama, recorreremos a fontes variadas, na tentativa de captar alguns das principais informações que julgamos importantes.

105 Uma face pouco explorada, diríamos, é este seu lado jornalista. Em suas palavras, “a sindicalização dos jornalistas aqui em Belo Horizonte começou pela UTLJ (União dos Trabalhadores do Livro e do Jornal), que representava um grande ideal (...). Foi nessa ocasião que eu me sindicalizei. Minha carteira do sindicato é a de número 200. (...) Até que um dia me convidaram para tomar parte da diretoria do sindicato (MACHADO FILHO, 1995, p. 145).

bondade do grande Abílio Machado que me admitiu (MACHADO FILHO, 1995, p. 128-130).

Para Oswaldo Giovannini Júnior, em artigo intitulado “A mineiridade no modernismo: Aires da Mata Machado e o registro dos vissungos”, seria possível afirmar que Machado Filho atuou, de uma forma geral, como um mediador cultural ao ter em vista as várias espaços em que ele esteve inserido e os trabalhos neles desenvolvidos:

[Machado Filho] foi um “mediador” entre fronteiras geográficas, culturais, econômicas, sociais e simbólicas da cultura brasileira, entre o erudito e o popular, entre o interior e a capital, entre brancos e negros, entre o pensamento folclórico e o institucional/acadêmico. Este estudioso do folclore cumpriria papéis sociais pouco delimitados e mais fluidos, levando e trazendo informações e interpretações entre grupos sociais distanciados, cumprindo o papel de mediador sócio-cultural entre intelectuais de grandes cidades e grupos tradicionais de pequenas cidades do interior, entre a “metrópole” e a “província” (GIOVANNINI JÚNIOR, 2014, p. 4).

Sua passagem por diferentes redações de jornais pode conferir a sua trajetória o acúmulo de uma experiência considerável e do estabelecimento de seu nome como uma referência no campo de atuação jornalística. Nesse sentido, também é perceptível um leque amplo de lugares de atuação, assim como uma heterogeneidade de temas abordados, mesmo que pontualmente:

O segundo “Diário de Minas” também teve suas épocas muito boas e como estou sempre me esforçando para estar presente nos jornais, aí também eu escrevi. Eu fiz reportagens e tive lá uma seção de folclore. Quero mencionar ainda o “Jornal do Povo”, do Partido Comunista. Escrevi nele um artigo sobre as dedicatórias de Graciliano Ramos, que são muito interessantes (...). Escrevi uma série de artigos sobre a Rússia, evidentemente sem dar nenhum quartel ao comunismo. Quem sabe até se numa antecipação da TFM, Deus me perdoe. Eu não sei se chegaria a essa abjeção, mas não acredito muito nesses artigos (MACHADO FILHO, 1995, p. 130-131).

Ainda sobre a sua atuação como jornalista, mas agora centrada nos anos de 1950 e 60, Machado Filho assim nos conta sobre a sua atuação:

Tenho que mencionar também a colaboração no “Diário de Notícias”, mais tarde, bem mais tarde, no “Estado de S. Paulo” em duas fases: uma mais antiga na década de 50, 60 e outra, mais recente, onde eu fiz resenhas de livros e artigos de literatura. Também na antiga “Folha de Minas” eu escrevi. E escrevi também numa linha de colaboração, organizada pelo Arnaldo Pedroso Tosta. A gente entregava a ela os artigos, que saíam no Brasil todo, de Belém do Pará até Porto Alegre. Cada jornal pagava um bocadinho e

como eu sempre tive o meu ganhamo desse esforço, pegava um cobrinho aqui, outro acolá e somando, dava para comprar uns livros, melhorar a mesa na minha casa... A manutenção, em suma. E hoje eu estou aí como editorialista no “Estado de Minas” (MACHADO FILHO, 1995, p. 132).

Em sua concepção sobre as formas de atuação e os lugares ocupados pelo escritores e pelos jornalistas, Machado Filho nos informa que “no caso do escritor, como é o meu caso, o jornalismo e o magistério atuam como profissões auxiliares, ou que outro nome tenha” (MACHADO FILHO, 1995, p. 133):

Se é lícito eu dar exemplos meus, posso dizer que dos meus 40 e tantos, quase 50 livros publicados, quase tudo saiu primeiro em jornal. O que não saiu primeiro em jornal? “O Negro e o Garimpo em Minas Gerais”; um livro chamado “Arraial do Tijuco Cidade Diamantina”, assim mesmo lá há umas duas coisas que forma primeiro crônicas; e os livros sobre Diamantina, talvez. Mesmo o livro “Linguística e Humanismo” – que teve uma sorte muito triste, porque eu pensava que prestasse e ele acabou vendido como papel velho –, saiu primeiro no jornal. Às vezes fico imaginando que eu tenho a presunção de ser escritor, mas talvez não passe de um fazer de artigos de jornal. O que não acho uma coisa muito triste, porque cada vez mais o jornal terá de transformar-se no livro do povo (MACHADO FILHO, 1995, p. 134).

A sua relação com o espaço público, com a sua atuação como “escritor público”, como ele mesmo se definiu em algumas ocasiões, pode ser percebida, em conjugação com os temas por ele explorado em outras áreas do conhecimento, a partir de sua inserção no espaço jornalístico como um professor da Língua Portuguesa. Nesse sentido, podemos perceber já uma preocupação com os contatos entre a escrita e o público leitor já se manifestava em suas formas de entender o trabalho no âmbito da comunicação.

Sobre a sua coluna “Escrever Certo”,<sup>106</sup> Machado Filho afirma que

(...) eu os escrevo para ajudar aqueles que não puderam tirar todo o proveito da escola, para eu aprender alguma coisa, porque o primeiro estuda para escrever alguma coisa sou eu, e para atingir o por, porque eu sou, salvo melhor juízo – porque a gente nunca se conhece –, um indivíduo dotado de espírito público (...). E cheguei à conclusão que, na minha mesquinha, o que eu posso mesmo fazer pelo povo são essas coisas, que já teve mais penetração do que hoje. Mas ainda tem alguma

---

106 Segundo nos informa o próprio autor, “em 1933, inventei a coluna de jornalismo gramatical “Escrever Certo”, no Estado de Minas. Aí, pela forma ao meu limitado alcance, tenho dado vazão ao espírito público, procurando ajudar os que não puderam ter escolaridade completa, aprendendo, por minha vez, com as dúvidas que os consulentes me transferem”. “Aires da Mata Machado Filho”, publicação do site *NossaGente*. Disponível em: <https://www.nggenealogia.com.br/tree/individual.php?pid=1656> (Acessado em: set. 2018).

penetração, porque recebo uma quantidade enorme de cartas que eu não posso responder com a devida rapidez (MACHADO FILHO, 1995, p. 135).

Outra a função exercida por Machado Filho em sua trajetória como jornalista teve ligação com uma certa especialização que ele nos informa ter adquirido com a função de escrever editoriais. Essa informação é importante para esta pesquisa na medida que nos indica uma experiência que vai ser levada até a redação do *SLMG*. Vale lembrar, por exemplo, que Machado Filho foi o orador responsável por apresentar o caderno de cultura no evento de lançamento de seu primeiro número, nas dependências da Imprensa Oficial. Aliás, uma das características sempre mencionada em textos sobre a sua atuação é que ele tinha o “dom” da oratória.

Sobre a sua produção editorial, Machado Filho organizou um livro intitulado *Exercícios de jornalismo*, publicado no ano de 1983. Segundo o autor, ele iria escrever uma introdução sobre o trabalho de escrita de editoriais à época. Em suas palavras, “como é que eu faço para escrever os editoriais, que nem são tão meus, porque são revistos por uma porção de gente. Eu vou publicar e isso prova a minha qualidade de mau jornalista nesse sentido estrito” (MACHADO FILHO, 1995, p. 138).

Ainda sobre a sua atuação no campo das produções editoriais, Machado Filho nos informa que seus

(...) primeiros editoriais foram na “Folha de Minas” há muitos anos, quando era diretor o Gualter Gontijo Maciel. Eu ganhava muito pouco, o pagamento andava atrasado e eu arranjei com ele a possibilidade de fazer três sueltos por semana para melhorar o meu “ganhame”. Mais tarde, acertei com o José Mendonça, no “Diário”, onde havia uma seção de educação, só de noticiário, ganhar mais 50 mil réis para fazer três notinhas sobre educação. Mais tarde, foi no “Minas Gerais”, quando o Israel Pinheiro fez com que o jornal retomasse a sua função mais jornalística, porque há lugares em Minas onde o único jornal que vai é o órgão oficial (MACHADO FILHO, 1995, p. 146).

O lugar que chegou a ocupar na memória intelectual belo-horizontina, e para além da capital mineira, pode ser percebida, se não medida, pela homenagem a Machado Filho feita quando o *SLMG* dedicou a sua trajetória e obras dois cadernos especiais. Publicados no mês de outubro de 1969, números 165 e 166, neles reuniram-se uma quantidade significativa nomes de expressividade do meio intelectual mineiro e nacional. Para citarmos apenas alguns, escreveram especialmente parte os cadernos Francisco Iglésias (“Aires da Mata Machado Filho,

historiador”), Alphonsus de Guimaraens Filho (“Memorial de Aires”), Antenor Nascentes (“Minha amizade com Aires”), Emílio Moura (“O negro e o garimpo em Minas Gerais”), Brito Broca (“Crítica e ensaio”), João Dornas Filho (“Problemas da língua”) e José Afrânio Moreira Duarte (“Aires da Mata Machado Filho, ensaísta”).<sup>107</sup> Outro nome importante que marcou presença em ambos os cadernos foi o do poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade. Inserido na capa do primeiro caderno especial, lemos um poema feito em homenagem a Machado Filho, intitulado “Em louvor de mestre Ayres”:

Ó Ayres dos ares bons/ Ayres da mata/ da linguagem/ e do machado que não mata/ mas desbasta e aparelha/ a fina palavra/ diamantina/ palavra certa/ que uma enlaçada a outra vai formando/ festa floral/ floresta/ de bem escrever/ (ou bem pensar)/ Ayres faiscador/ das últimas pedras musicais do Tijuco/ Ayres dicionário/ sem empáfia sem ares, maneiro/ mineiro ladino/ que soubeste ver no Tiradentes/ o único herói possível/ – herói humano –/ e na fala do povo/ no mistério dos ritos/ no arco-íris das serras/ captaste o ar, a alma de Minas/ ó Ayres/ da verde mata/ do machado de prata portuguesa/ legítima/ onde se oculta um brilhante/ com todos os fogos tranquilos/ da sabedoria/ mestre Ayres, recebe meus saudaes (ANDRADE, *SLMG*, 1969, n. 165, p. 1).<sup>108</sup>

Dividindo a mesma página com o poeta, encontramos um texto elogioso escrito pelo crítico e literato Eduardo Frieiro. Nele, há a exaltação da figura de Machado Filho como um “mestre” que teria sido importante para a formação de uma geração inteira de intelectuais que iniciaram a sua carreira no mundo das letras a partir de meados dos anos de 1930. No texto, há a referência da estreia de Machado Filho na imprensa jornalística ao final dos anos de 1920, trajetória que estaria completando, no ano de 1969, 40 anos de produção cultural.

Segundo Frieiro,

Há quarenta anos, saiu o seu primeiro artigo assinado no “Minas Gerais”. Tinha então o estreante dezenove anos de idade e desde essa ocasião não interrompeu e ainda mantém com regularidade a sua linha de jornalista literário (...). Admiramos em Aires o mestre da arte de bem dizer. E admiramos nele, mais ainda, talvez, o homem de imprensa, o articulista, o ensaísta, o crítico, o erudito, ângulos do seu múltiplo talento que o impõem como uma das personalidades mais cultas de Minas, como uma de nossas

107 Os cadernos também contaram com trechos de algumas das principais obras de Machado Filho como, por exemplo, “Os garimpeiros”, trecho do livro *Arraial do Tijuco Cidade Diamantina*; “Amores de Tiradentes”, trecho de *Tiradentes, herói humano*; “Apontamentos do linguajar mineiro”, trechos retirados de alguns de seus livros sobre o estudo da Língua Portuguesa.

108 O outro texto de Drummond, publicado no segundo caderno, também foi apresentado na capa e teve como título “Caçador de palavras”.



inteligências mais informadas acerca do “seibile” e enfim como um espírito que aos dons naturais de sagacidade e finura junta os da boa educação humanística e uma invejável formação livresca, no melhor sentido da palavra (FRIEIRO, *SLMG*, n. 165, 1969, p. 1).

Sobre a criação dos cadernos especiais, o jornal *Minas Gerais* ofereceu aos seus leitores informações sobre o evento que ocorreria em homenagem a Machado Filho em razão do lançamento da primeira edição, nas dependências da Imprensa Oficial. Na edição do *Minas Gerais* de 1º de novembro de 1969, lemos uma notícia que a edição especial do *SLMG* iria focalizar “a vida e a obra do escritor e filólogo Aires da Mata Machado Filho”.<sup>109</sup> Na matéria, nos é afirmado que ele seria lançado às 10 horas da manhã, na sede da Associação Mineira de Imprensa.<sup>110</sup>

Em matéria do dia 4 de novembro do mesmo ano, intitulada “O professor Aires da Mata Machado é um patrimônio de Minas Gerais”, foi publicada a saudação feita a ele pelo então diretor da Imprensa Oficial, na ocasião do evento do dia do lançamento do caderno especial, Paulo Campos Guimarães. Em suas palavras,

Grande é a minha honra como um dos interpretes desta cerimônia de lançamento, na Sede da Associação Mineira de Imprensa, do número especial do Suplemento do “Minas Gerais” dedicado ao Professor Aires da Mata Machado Filho, honra tanto maior quanto distante do meu pensamento de modesto homem público, embora próxima do meu coração de amigo e de Diretor da Imprensa Oficial, que é, hoje, poderoso instrumento de comunicação cultural em nosso Estado. Aires da Mata Machado Filho, é sem dúvida, um patrimônio de Minas.

No texto, há uma menção aos vários cargos e as ocupações de Machado Filho, em uma narrativa biográfica e bibliográfica do filólogo. O homenageado é apresentado como “verdadeiramente humanista”, para além das funções, que segundo o seu orador, ele teria ocupado como “gramático, filólogo, dicionarista, folclorista, jornalista literário, ensaísta, historiador e sociólogo”.

109 O *Minas Gerais* chama a atenção para o grupo de intelectuais que sobre Machado Filho escreveram no *SLMG*: “Carlos Drummond de Andrade, Alphonsus de Guimaraens Filho, Emílio Moura, Francisco Iglésias, Antenor Nascentes, Brito Broca, Moacir Andrade, José Oswaldo de Araújo e diversas outras figuras expressivas das letras brasileiras escrevem o Suplemento Literário sobre a personalidade do conhecido intelectual mineiro”. “Minas Gerais’ lança hoje suplemento em homenagem a Aires da Mata Machado”. *Minas Gerais*, nov. 1969, p. 1.

110 A matéria do *Minas Gerais* coincide com o lançamento do segundo caderno especial, que é de 1º de novembro de 1969 (o primeiro carrega a data do dia 25 de outubro). Possivelmente o evento foi pensando para que fossem apresentados as duas publicações ao público presente e à imprensa.

Por fim, vale ressaltar que Machado Filho passaria a ocupar, dentro do corpo redacional do *SLMG*, a partir do ano de 1969, um cargo de “crítico oficial” junto a outros nomes que também exerciam essa função. Com algumas mudanças ocorridas na estrutura interna do caderno, que exploraremos melhor em outro momento desta tese,<sup>111</sup> seu nome passa a não mais figurar entre os responsáveis para redação do *SLMG*, mas sim como crítico literário. Contudo, sua presença ainda é marcante no espaço físico da redação do caderno, o que não deve ter diminuído a sua importância e participação em relação a algumas decisões.

Em carta enviada para Murilo Rubião, em junho de 1969, Machado Filho agradece e comenta sobre o convite feito a ele para ocupar a nova função dentro do *SLMG*:

Belo Horizonte, 10 de junho de 1969  
Prezado Murilo Rubião,

Agradeço, desvanecido, a inclusão entre os escritores que vão revezar-se, na página de crítica que você teve a excelente ideia de instituir, em nosso Suplemento. Ponho-me à sua disposição. Comprometo-me a dar um artigo semanal, nas condições planejadas. Embora possa encarregar-me de qualquer livro, segundo as conveniências do Suplemento e do seu próprio desejo, prefiro memórias, ensaios em geral, particularmente de crítica literária, teoria da literatura, filologia, estilística, história literária, folclore, brasileira. Pelo menos, são esses os gêneros que mais aprecio. Se os crítico menos mal, você verificará e determinará o que for necessário.

Um abraço do amigo certo e sempre muito grato,  
Aires da Mata Machado Filho

### 2.1.3. Laís Corrêa de Araújo

Laís Corrêa de Araújo nasceu no ano de 1927, em Campo Belo, Minas Gerais, e veio a falecer no ano de 2002, em Belo Horizonte. Em 1942, depois de completar o curso ginasial, com 15 anos, “que durava então 5 anos, ingressei logo na Faculdade de Filosofia, como aluno do curso de Letras Neo-Latinas”:

Era a menor e mais jovem estudante, com muita leitura porém, o que me facilitou bastante o cumprimento do currículo. Nunca fui uma aluna destacada e brilhante, o curso não era aprofundado e a gente saía com uma noção geral e um tanto superficial de literatura, mas tive professores muito

<sup>111</sup> Vale mencionar que esse foi o momento da saída de Laís Corrêa de Araújo da equipe do *SLMG*, o que ocasionou o fim da coluna fixa “Roda Gigante”, responsável pela crítica literária e divulgação de informações sobre a literatura para o público leitor.

bons, como Eduardo Frieiro, Arthur Velloso, Marcel Debrot, que despertaram em mim a ampliação de minha curiosidade, o empenho de conhecer (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 31).

Aos 18 anos, Araújo terminou o curso e já inseriu-se no serviço público, como nos informa na seguinte passagem:

(...) fiz logo o concurso do IAPI (hoje INSS), onde comecei a carreira de funcionária pública (1946). Em fevereiro de 1952 casei-me com o poeta Affonso Ávila, que conhecera em 1950, quando ele criou a revista, de que participei com meus primeiros poemas publicados. Ainda em 51, tive a surpresa de ver editado o livro *Caderno de Poesia*, promoção secreta, em subscrição, do Affonso, que só me entregou o livro pronto, dentro de uma caixa de orquídeas. Um gesto romântico, com certeza, mas também de confiança estética no caderninho que eu lhe dera, manuscrito. Daí em diante, comecei a acreditar na literatura, como trabalho e paixão, pois o meu primeiro livro foi bem recebido pela crítica, que avalizou a minha condição de escritora (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 31-32).

Sobre o seu casamento, Araújo nos fala sobre o esforço posterior para assegurar a “sua independência intelectual”. Para ela, sua união com Affonso Ávila era uma “comunhão de bens” e não uma “comunhão de ideias” (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 32). Para ela, esse lugar de autonomia fora conquistado a partir do trabalho constante em várias frentes como, por exemplo, as suas publicações em jornais, especialmente com crônicas, ao mesmo tempo em que desenvolvia a sua linguagem como escritora. Para ela, suas atividades se dividiam ao fazer “a seção ‘Conversa na mesa’, crônicas no jornal *Diário de Minas* e depois no *Estado de Minas* (então com o nome de ‘Roda Gigante’), entremeando as crônicas com divulgação de livros, respeitada por minha atitude crítica considerada ‘severa’” (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 32).

No ano de 1945, publicou, pela primeira vez na imprensa, o poema “O vento”, no Suplemento Literário da *Folha de Minas*, caderno editado pelo historiador João Camilo de Oliveira Torres.

Em 1951, veio a público o poema “Desencontro” no primeiro número de *Vocação*; participou, em Porto Alegre, do IV Congresso Brasileiro de Escritores, presidido pelo escritor Graciliano Ramos; lançou o primeiro livro de poemas, *Cadernos de Poesia*, na coleção Santelmo da revista, estreia que obtém

repercussão, o que lhe rendeu um artigo especial do crítico Sérgio Milliet no jornal *O Estado de S. Paulo*.<sup>112</sup>

No ano seguinte, 1952, iniciou suas atividades como cronista na revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, nos jornais *Diário de Minas* e *Estado de Minas*, com a seção “Conversa de mesa”, e, logo depois, no Suplemento Feminino de *O Estado de S. Paulo*, atividades que se estenderão até 1959.

Em 1954, recebeu o Prêmio de Poesia do jornal *A Gazeta*, de São Paulo, pelo livro inédito *O Signo*.

No ano de 1955, traduziu as peças *A Voz Humana*, do escritor francês Jean Cocteau, *Mariana Pineda*, e dos espanhóis Federico Garcia Lorca Fernando Arrabal. Desse, foram traduzidas peças avulsas entre os anos de 1955 e 1960.

Em 1956, passou a exercer a função de secretária particular da senhora Francisca Tamm Bias Fortes, esposa do governador do Estado José Francisco Bias Fortes, função que ocupará até janeiro de 1961.

No ano de 1959, iniciou seu trabalho como crítica literária com a coluna “Roda Gigante”, que passou a assinar, primeiro no jornal *Estado de Minas* e depois no *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*. Com a sua finalização nesse caderno, ela voltou a fazê-la no ano de 1981, novamente para o *Estado de Minas*, coluna que se manterá até o ano de 1986.<sup>113</sup>

Em 1963, participou, “como única representante feminina” (MACIEL, 2002, p. 58), da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, que contou com uma exposição de poemas-cartazes, promovidos em Belo Horizonte pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Segundo Maciel,

Como uma das raras vozes femininas da vanguarda poética brasileira dos anos 50 e 60, participou ativamente no contexto cultural mineiro desse período e dos anos subsequentes, sempre atenta aos principais

112 Para Maciel, em texto introdutório ao livro de depoimentos de Araújo, intitulado “O *phatos* da lucidez – a trajetória poético-intelectual de Laís Corrêa de Araújo”, “pode-se afirmar que, ao longo de toda a sua trajetória poético-intelectual, iniciada com a publicação do livro *Caderno de Poesia* em 1951, Laís nunca deixou de causar estranhamento e inquietação” (MACIEL, 2002, p. 15).

113 Sobre a sua atuação em relação à coluna literária, assim encontramos a referência em seu livro de depoimento: “‘Roda Gigante’. Coluna semanal de crítica e notas literárias. 1ª fase: *Estado de Minas*, Suplemento, 1º de novembro de 1959 a 3 de dezembro de 1961 e 21 de janeiro de 1962 a 8 de março de 1964; 2ª fase: Suplemento Literário de *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 de abril de 1967 a 3 de maio de 1969; 3ª: *Estado de Minas*, feminino, 3 de maio de 1981 a 12 de janeiro de 1986” (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 76).

acontecimentos estéticos do país e do mundo. Vale dizer, dentro disso, que foi a única representante feminina da *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, realizada em agosto de 1963, quando integrantes do movimento da Poesia Concreta e da revista mineira *Tendência* reuniram-se em Belo Horizonte para articular uma frente ampla de poesia de vanguarda (...) (MACIEL, 2002, p. 14).<sup>114</sup>

No campo da tradução, foi responsável por transpor para o português alguns ensaios de escritores nas línguas inglesa, francesa, espanhola e italiana, que foram publicados no Suplemento Dominical do *Estado de Minas*. Entre os autores traduzidos por Araújo, destaca-se, dentre outros, o primeiro texto de Roland Barthes sobre o estruturalismo publicado no Brasil.

Segundo Maciel,

Merece atenção, por exemplo, a tradução feita do ensaio “L’activité structuraliste”, de Roland Barthes, em maio de 1963, e publicada no jornal *Estado de Minas* três meses depois de o original ter saído em Paris, na revista *Les lettres nouvelles*. Com esse trabalho, ganhava divulgação, pela primeira vez nos meios intelectuais brasileiros, um texto do pensador francês sobre o estruturalismo (MACIEL, 2002, p. 18-19).

No decorrer da década de 1960, junto a sua participação no *SLMG*, ainda para Maciel, “Laís iniciou também um trabalho profícuo no campo da tradução, vertendo para o português textos de Cortázar, Pound, Eliot, Sartre, Breton, Barthes, García Lorca, Robert Frost, dentre outros representantes do cânone literário da modernidade” (MACIEL, 2002, p. 18).

No ano de 1965, Araújo recebeu o “Prêmio de Poesia Cidade de Belo Horizonte” pelo livro inédito *Cantochão*. Sobre a importância dessa obra, na trajetória intelectual e poética da escritora, Maciel nos informa, em um ensaio publicado no caderno *Pensar*, do portal *Uai*, intitulado “Inventário poético de Laís Corrêa de Araújo: ironia à sociedade patriarcal”:

A entrada da poeta numa poética mais construtiva e radical deu-se, sobretudo, a partir do já referido *Cantochão*. Poemas de arquitetura primorosa, em que os experimentos da linguagem se aliam a uma visão

---

114 Ainda para Maciel, Araújo poderia ser tomada “como uma das poucas poetisas-mulheres de sua geração a se filiar a uma linhagem poética que se transformou num dos ramos mais importantes da história da poesia e da crítica modernas: a dos poetas que, sob o signo da ‘paixão crítica’, não apenas converteram poesia em espaço de debate sobre o próprio ato de criação, mas também se dedicaram ao exercício da reflexão crítica, escrevendo textos sobre outros autores e obras, estudos sobre a poesia e considerações sobre temas de distintos matizes” (MACIEL, 2002, p. 17).

irônica sobre a vida e o mundo, compõem esse livro digno de figurar entre as mais instigantes obras da poesia brasileira do período. Poemas como *Fábula do burguês*, *Construção do filho*, *Sólida e só* e *Abecedardo* são alguns exemplos disso.<sup>115</sup>

No ano de 1966, a escritora e crítica literária foi designada como membro-fundador da comissão de redação do *SLMG*, para a formação da primeira equipe do caderno, ao lado de Murilo Rubião e Ayres da Mata Machado Filho, função que ocupará até 1970.<sup>116</sup>

Sobre o seu trabalho no caderno de cultura do *Minas Gerais*, Araújo nos conta, em seu depoimento, que

(...) trabalhei para o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criado também sob a sugestão e esforço de Affonso Ávila (e não apenas de Murilo Rubião), onde eu era responsável pela seleção de textos (lia desbragadamente tudo o que chegava), responsável pela dupla página de crítica literária com o mesmo nome de *Roda Gigante*, fazendo ainda traduções de poesia e ficção, tendo sido a primeira a apresentar ao público um conto de Cortázar, Villefañe, e outros autores latino-americanos, Erza Pound, autores franceses etc. – essa é chamada a “fase áurea” do Suplemento, quando também apareceram autores jovens e hoje importantes de nossa literatura (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 32).

Segundo o escritor e livreiro Sebastião Nunes, que também fez parte da redação do *SLMG* em meados dos anos 1970, Araújo era “temida e admirada, assim era a ‘Roda Gigante’, coluna de Laís no ‘Suplemento Literário’, do ‘Minas Gerais’, o bravo e velho ‘Suplemento’. Ser elogiado por ela representava a glória” (NUNES, 2006).<sup>117</sup>

Ainda para Nunes,

Uma das vozes críticas mais lúcidas, sérias e competentes do país, suas opiniões e ideias repercutiam no Brasil inteiro, fazendo frente aos que

115 MACIEL, Maria Esther. “Inventário poético de Laís Corrêa de Araújo: ironia à sociedade patriarcal”. <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2017/11/24/noticias-pensar,217398/o-inventario-poetico-de-lais-correa-de-araujo.shtml> (Acessado em: 30 mar. 2018). Vale mencionar que no ano de 2004 foi lançando o livro *Inventário (1951-2002)*, que reuniu a produção poética de Araújo nesse período, pela Editora UFMG, inserido na “Coleção Inéditos & Esparsos”.

116 Para Maroca, sobre o surgimento do *SLMG*, afirmou que “o poeta Affonso Ávila, a poetisa e crítica de literatura Laís Corrêa de Araújo e o também crítico e escritor Rui Mourão estavam intimamente ligados à concepção e elaboração do periódico, sendo, assim, possível inferir a dimensão qualitativa deste suplemento literário” (MAROCA, 2009, p. 22).

117 A passagem foi extraída do ensaio “A risada cristalina de Laís Corrêa de Araújo” publicado por Sebastião Nunes na página do jornal mineiro *O Tempo*, em 24 de dezembro de 2006, em uma coluna sobre cultura por ele assinado. Cf. <http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/sebastiao-nunes/sebastiao-nunes-a-risada-cristalina-de-la%C3%ADs-corr%C3%AAa-de-ara%C3%BAjo-1.205634> (Acessado em: 30 mar. 2018).

brilhavam na grande imprensa carioca e paulista, onde Laís também circulava com desenvoltura, segurança e sabedoria, já que nenhum ensaísta brasileiro a superava. Sua coragem não tinha limites. Com a mesma agudeza com que jogava para o alto jovens estreantes, derrubava do trono velhos reis redundantes e embrutecidos. Sua palavra era clara e dura, daquela clareza que se perdeu nos labirintos da mediocridade atual, e daquela dureza que foi amansada, hoje em dia, pelo compadrismo dos interesses midiáticos e pelos editoriais que corroem os moles miolos da cultura brasileira (NUNES, 2006).

Em 1967, lançou o livro de poemas *Cantochão* pela coleção “Imprensa Publicações” e foi designada membro da Comissão de Apreciação do Mérito das Publicações da Imprensa Oficial do Estado.

No ano de 1970, passou a exercer a função de assessora técnico-cultural da Biblioteca Pública Estadual “Luís de Bessa”.

Em 1973, viajou aos Estados Unidos junto com a escritora Lygia Fagundes Telles e representou o Brasil no Seminário Internacional Feminino de Literatura, promovido pela Universidade de Bloomington, Indiana.

Em 1974, foi designada membro do Conselho Estadual de Cultura, função a que logo resignará por incompatibilidade com a orientação do mesmo.<sup>118</sup>

Em seu próprio depoimento, dado no ano de 1997 para a confecção de um livro em sua homenagem, feito pela Faculdade de Letras da UFMG, Araújo nos informa que ela foi uma pessoa “bem nascida”. Descendeu de uma família, do lado paterno, que veio “da linhagem da Casa Grande, de senhores de engenho de Pernambuco”, e do lado materno sua mãe “descendia de espanhóis, sendo seu pai (...) fazendeiro de café”, e seus filhos poetas. “Do lado pernambucano e do lado mineiro havia, pois, uma certa tradição de cultura, com muitos juristas e jornalistas conhecidos e respeitados” (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 27).

Em sua infância, devido ao fato de seu pai ter sido nomeado promotor de justiça para a cidade mineira de São João del Rei, “transferiu-se para aquela cidade, levando-me com poucos meses”. Segundo Araújo, “menina, eu vivi em São João del

---

118 Como a sua participação efetiva, como colunista e mediadora cultural no *SLMG* terminou no ano de 1970, não demos seguimento ao levantamento das informações de sua trajetória. Uma cronologia mais abrangente pode ser consultada em MACIEL, 1997; ARAÚJO, 2004. Vale ressaltar que com a vitória para o governo de Minas Gerais de Tancredo Neves, no ano de 1983, Araújo foi nomeada para o cargo de Superintendente das Bibliotecas Públicas do Estado. Com a orientação do arquiteto Niemeyer, autor do projeto do edifício, procede à restauração e reestruturação da Biblioteca Luís de Bessa. Permanecerá no cargo até inícios de 1988.

Rei, rodeada daquele ambiente de religiosidade e arte” (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 28).

Sobre o sentido de sua trajetória, afirma que não ter ido longe, que profetizara seu pai, talvez por ter enfrentado alguns desafios de ter, muito cedo, ficado órfã de pai e mãe. Contudo, segundo nos informa, “mas caminhei muito, entre o sofrimento, a luta pela sobrevivência, uma rebeldia natural contra a injustiça social e a dificuldade de afirmar a minha identidade. Por ter ficado órfã de mãe com 1 ano e de pai aos 7 anos, a tradição de proteção e prosperidade da família foi riscada do meu currículo” (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 28).

Esses dados do início de sua trajetória teria contribuído para moldar os primeiros contatos com o mundo das letras, experiências que sugerem ter marcado e acompanhado a sua trajetória pelos anos seguintes de sua formação intelectual:

Minha formação literária foi desordenada e sem nenhum controle moral. Eu lia tudo o que vinha à minha mão, misturando Monteiro Lobato (todos os livros) com Chico e Juca (os meninos alemães endiabrados), a Condessa de Segur (as meninas exemplares) e as aventuras de Tarzan ou as histórias “de capa e espada”, como também os livros dos irmãos mais velhos, até *A carne*, de Júlio Ribeiro! (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 30).

Sobre as experiências vivenciais, assim nos conta como foi a sua percepção ao ter contato com pessoas de estratos sociais diferentes naquele momento:

Só percebi que éramos pobres e desimportantes quando vivemos na rua Aimorés, perto da igreja da Boa Viagem, região da Tradicional Família Mineira e entrei, meio enviezadamente, na “turma da Gameleira”. (...) Tentei ingressar na pequena burguesia da vizinhança (as famílias Vidal Gomes, Araújo Paulino, Mascarenhas e outras), mas nunca me senti dentro do esquema religioso e moral rígido da época (ARAÚJO *apud* MACIEL, 2002, p. 30).

#### **2.1.4. Affonso Ávila**

Affonso Ávila nasceu em Belo Horizonte, no dia 19 de janeiro de 1928, e faleceu em 26 de setembro de 2012, também na capital mineira. Foi filho único de Lindolpho de Ávila e Silva e Liberalina de Barros Ávila, ambos mineiros de Itaverava.

Sobre a sua adolescência e juventude, Ávila narrou, em depoimento para livro organizado em sua homenagem, a sua trajetória “desde a adolescência literária até agora, até esta maturidade” (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 17). Centrado



principalmente em seu itinerário como escritor e poeta, nele lemos que sua intenção era “poder com isso oferecer alguma coisa que auxilie não só a compreender o meu trabalho, mas a compreender como uma pessoa, um escritor se forma e vai realizando a sua vida no dia-a-dia, no passo a passo da criação” (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 17).

Sua trajetória no mundo das letras iniciou-se desde de cedo. Em suas palavras, ele afirma ter começado a escrever

(...) muito jovem, aos treze, quatorze anos já escrevia. Escrevia coisas que geralmente todo mundo que começa escreve, mas tinha uma curiosidade muito grande por tudo e, embora tenha lutado muito em minha vida, com um começo de vida muito duro, trabalhando e estudando desde onze anos de idade, sempre tive uma atração pela literatura. Isso não obstante eu não desfrutasse em minha casa de nenhum estímulo imediato para essa vocação, esse interesse, a não ser talvez uma tendência de sensibilidade, herdade de família, de meus avós que eram artistas, ambos músicos, um compositor e maestro, o outro instrumentista (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 18).

Mesmo sem a presença de “estímulos à leitura”, o Ávila afirmaria, contudo, que “sou propenso a acreditar que o fator ancestral tenha de algum modo influído na minha inclinação literária” (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 18).

Sobre o momento seguinte de sua trajetória, nos informa sobre os seus primeiros contatos com a imprensa escrita, que teria sido responsável pelo seu primeiro contato com o jornalismo na capital: “quando adolescente, ou até os dezoito anos, vivi nos bairros Santa Tereza e Floresta. Era costume naquele tempo a publicação de jornaizinhos de bairro. Na Floresta havia dois: ‘A Sogra’ e o ‘Veneno’, jornais de certa forma rivais” (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 18).

Em sua vida escolar, teve que interromper os estudos regulares no ano de 1948, quando necessitou passar por um tratamento de saúde, tornando-se, a partir de então, um intelectual autodidata. Logo depois desse período, em 1950, iniciou a sua colaboração regular na imprensa literária, assinando, junto com o escritor e crítico literário Fábio Lucas, a seção “Tribuna das Letras” do suplemento do jornal *Diário de Minas*.

A sua relação com a literatura também guardaria um lugar de início já em sua primeira juventude. Desde de cedo, Ávila afirma ter estabelecido leituras do que ele qualificou de a “poesia brasileira tradicional”, sendo só com o passar do tempo que

sue interesse chegaria até a poesia moderna. Nesse percurso, sua “paixão maior” esteve ligada à leitura do poeta paraibano Augusto dos Anjos, que o “marcou muito pela visão de desencanto que tinha da vida e também por uma inovação bastante moderna no vocabulário” (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 18):

Passei, assim, por toda a evolução da poesia brasileira, até vir dar com os costados na poesia moderna, isso por volta dos meus dezesseis, dezessete anos, e me apaixonei pela poesia livre dos modernistas, a poesia e também a prosa, pois li muita coisa da prosa do modernismo. (...) Essas leituras todas foram me marcando muito, um pouco aqui, outro ali, mais um pouco um autor, menos outro, até que nos vinte e um anos comecei a fazer poesia séria, poesia para ser publicada, para livro, poesia que merecesse já uma edição em livro (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 20).

Sobre a sua inclusão nas discussões sobre renovação da linguagem na poesia – ele afirmava praticar sonetos a sua maneira, com pouca consideração pelas regras estabelecidas para esse gênero –, Ávila defende que em seu primeiro livro, *O Açude*, sua escrita assumia uma “postura moderna, prevendo uma evolução da poesia no sentido da síntese, dessa coisa que hoje se vê, eu já pronunciava isso aos vinte e dois, vinte e três anos, ou quem sabe vinte e um, não me lembro com exatidão de quando são alguns poemas” (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 20-21).

Sua postura como escritor também comportou uma dimensão ligada às preocupações de cunho político e social. No poema “Ao longo do rio Chongchon”, por exemplo, Ávila afirma que já lhe interessava uma “solicitação participante” no âmbito de sua construção poética.<sup>119</sup> Para ele, no contexto dos dilemas internacionais vividos nos anos de 1950,

(...) o mundo acompanhava na época a chamada Guerra da Coréia e uma das mais sangrentas batalhas dessa guerra se desenrolou ao longo do rio Chongchon, batalha que parece durou mais de um ano. Foi uma carnificina tremenda, parte do exército norte-americano morreu ali, batalhões se perderam naquela luta contra os coreanos. A batalha sugeriu o poema (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 21).

---

119 Ainda sobre a sua forma de conceber e produzir poesia, principalmente no que diz respeito a suas pesquisas sobre o Barroco, Ávila afirmou que “eu me reconheço um homem preso existencialmente à fatalidade da origem e minha poesia não poderia deixar de exprimir, mesmo enquanto linguagem e atitudes radicais, o que eu o fundo carrego de dilaceramento barroco. Mas é curioso que, ao invés de os estudos sobre o barroco terem condicionado a minha última poesia, a minha pesquisa poética é que, ao contrário, me conduziu à descoberta do barroco” (ÁVILA, 1978, p. 129).

Também seria nesse período que podemos notar a sua entrada e estabelecimento no campo do jornalismo literário, que iniciou-se com a criação de uma revista de literatura e cultura com alguns amigos de sua geração:<sup>120</sup>

Por volta dos trinta anos, tive uma participação política de certa forma notória, e isso refletiu muito na minha poesia. Havíamos publicado em Belo Horizonte – eu, Fábio Lucas, Rui Mourão, Laís (que é minha mulher), Cyro Siqueira e outros jovens – uma revistinha literária, a revista se chamava *Vocação*. Passados alguns anos – 1956/1957, parte desse mesmo grupo acabaria por se situar politicamente: era um período muito rico da vida brasileira, em que o pensamento era amplamente discutido, não havia lugar para a alienação intelectual, quer dizer, todo mundo da área cultural estava engajado de uma forma ou de outra. Foi quando, sob a direção de Fábio, lançamos então a revista *Tendência*, que alcançaria uma repercussão nacional muito grande para nós e para a época (ÁVILA *apud* BUENO, 1993, p. 25).

Em depoimento gravado em vídeo para a série “Memória & Poder”, da *Tv Assembleia*, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, de 2011, intitulado “Affonso Ávila: Literatura”,<sup>121</sup> o escritor afirma que “os membros da revista eram amigos da Faculdade de Direito em Belo Horizonte”.<sup>122</sup>

Nos anos de 1950 também veremos Ávila envolvido de uma maneira mais próxima com o campo da política e dos projetos culturais. No seu vídeodepoimento, Ávila comenta sobre a sua proximidade com o poeta ensaísta e tradutor Cristiano Martins, principalmente em suas ocupações no campo político – “era um homem de mais projeção política do que literária”, afirmou Ávila. Segundo o escritor, nos anos do governo de Juscelino Kubitschek em Minas Gerais, foi criada uma equipe de assessoramento, “uma grande equipe”, e Martins teria incluído Ávila no grupo:

120 Para Ávila, ao se referir a essa ideia, “o que eu entendo por minha, por ‘nossa’ geração (pois a pergunta parte exatamente de um de meus companheiros [Rui Mourão]), parece ter trazido à cultura brasileira uma contribuição não só renovadora das formas artísticas, como também repensadora dos conceitos e posições quer estéticos, quer ideológicos. Tudo o que hoje é válido entre nós como expressão de autenticidade traz um pouco da marca de linguagem, da força modificadora, até mesmo do sacrifício dos moços que começaram a escrever e a criar por volta de 1950” (ÁVILA, 1978, p. 130).

121 Literatura: Affonso Ávila (TV Assembleia: Memória e Poder). Disponível em: [https://www.almg.gov.br/acompanhe/tv\\_assembleia/videos/index.html?idVideo=656778&cat=87](https://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=656778&cat=87) (Acessado em abr. 2018).

122 Ainda em torno da ideia de uma geração, Ávila diz que esse pequeno grupo teria surgido no bojo da chamada “Geração de 45”, que ocupava uma posição hegemônica no período. Ela estaria ligada a uma retomada de um “nacionalismo partidário”, dentre outras questões, da construção de Brasília – que ele diz ter acompanhado a sua construção e ter ido na inauguração – e da defesa da Petrobrás. Cf. nota 119.

No princípio, foram eu, Fábio Lucas, Lilian Aparecida Pinto, Wilson Castelo Branco, Autran Dourado, Alphonsus de Guimaraens Filho, Murilo Rubião – que no início era o chefe do gabinete –, Cristiano Martins – que era o secretário particular e aí nós formávamos um, então, um assessoramento intelectual ao Juscelino. (...) Era um homem muito inquieto. Raramente eu via Juscelino no Palácio (ÁVILA, 2011, depoimento).<sup>123</sup>

Sobre as suas relações com Martins e com o Juscelino, Ávila nos informa que o dia de seu casamento com a escritora, poetisa e crítica literária Laís Corrêa de Araújo, coincidiu com a sua nomeação para o cargo de Auxiliar de Gabinete do governo do Estado. Segundo suas próprias palavras, “um cargo criado especialmente para mim para o governo de Juscelino”, que teria como uma indicação “diretamente dele e de Cristiano Martins” (ÁVILA, 2011, depoimento).<sup>124</sup> Para além da sua participação nessa comissão mencionada, o escritor também nos informa que ele também chegou a trabalhar com Juscelino no Rio de Janeiro. Com o término de seu governo, Ávila foi convidado pelo sucessor de Juscelino, o então governador de Minas, Bias Fortes, para assumir a sua principal assessoria. Segundo nos informa, “eu fui o principal assessor de Bias Fortes. Eu vim para uma posição muito superior a que eu teria no Rio de Janeiro”.

Encontrávamos já no ano de 1956 e foi nesse período que Ávila foi para o jornal *O Estado de S. Paulo* – antes, ele havia ficado um tempo no jornal *Diário de Minas* e, depois, no *Estado de Minas*. Ele foi convidado pelo escritor, ensaísta e crítico de arte e literário Sérgio Milliet. Ávila começou, então, a fazer uma sessão sobre o estado Minas Gerais, a convite de Antonio Candido, que foi o organizador do suplemento literário do *O Estado de S. Paulo* naquele momento. Posteriormente, essas crônicas foram publicadas em livro, organizado pelo próprio escritor, intitulado *Catas de aluvião: do pensar e do ser em Minas*. Ávila nos diz que a importância dessas crônicas teria uma forte conexão com o lançamento de seu nome nacionalmente. Segundo nos informa em seu depoimento, “*O Estado de S. Paulo* era um jornal nacional, com maior projeção, como depois surgiu *O Globo*. Eles tinham muito mais projeção que *O Globo*. Era o grande jornal no Brasil todo era o

123 As transcrições são de nossa autoria. Para realizá-las, tentamos ser fiéis as passagens de Ávila, assim como, na medida do possível, manter a oralidade do relato. Para ter acesso ao vídeodepoimento, Cf. nota 119.

124 Vale ressaltar, como nos informa o próprio escritor, Juscelino teria autorizado a publicação de seu primeiro livro, *O açude e os sonetos da descoberta*, pela Imprensa Oficial, quando o escritor contava com “apenas 25 anos”, que fez questão de frisar.

*Estadão*, *O Estado de S. Paulo*, e o *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, no qual eu também viria a escrever” (ÁVILA, 2011, depoimento).

Para Ávila, esses seriam anos os quais foram marcados por importantes mudanças ideológicas, tendo sua participação política sido ostensiva, não só como poeta, mas também como jornalista. Nessa época, ele foi diretor da *Folha de Minas*, fechada durante o governo de Magalhães Pinto. Nela Ávila fazia o editorial. Lá, afirmou, eles apoiavam as coisas “mais avançadas da época, inclusive a Revolução Cubana” (ÁVILA, 2011, depoimento). Segundo nos informa, houve muita polêmica na época, “principalmente com os jornalistas ligado a Hanna.Co” – grande empresa americana ligada a exploração de minério à época –, chamados por eles de “hanna-boys”. Esses, seriam parte de uma geração de “jornalistas jovens que tinham subsídio, como a polícia”, segundo afirmou. Nesse momento, ele dividia a função de diretor do jornal com o escritor e ensaísta Rui Mourão – “cada um fazia em um dia. Toda essa situação acabou por causar alguns problemas no período da eleição de Jânio Quadros” (ÁVILA, 2011, depoimento).

Ao conectar a sua trajetória e experiência, assim como dos membros de sua geração ao contexto mundial, Ávila se afirmou ter sido parte da mesma geração da Revolução Cubana (1959) e de Fidel Castro, de quem diferia em apenas 2 anos de diferença. A Revolução, segundo sugeriu, foi recebida com muita simpatia por ele e seu grupo. Em relação a clima político, sua teria sido responsável pela composição de dois importantes poemas escritos sobre o evento: “A estela cubana”, do escritor, poeta e ensaísta Décio Pignatari, e “Cubagrama”, do poeta e tradutor Augusto de Campos. Ávila ainda afirma que eles foram uns dos poucos intelectuais que chegaram a discutir com o escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre, em sua passagem pelo Brasil, sobre a questão do engajamento na literatura. Afirma que o escritor francês havia acabado de publicar o livro “Furacão sobre Cuba”.<sup>125</sup>

---

125 Sartre visitou o Brasil, junto a sua esposa Simone de Beauvoir, no ano de 1960. Para mais detalhes sobre a importância desse evento em solo nacional assim como as suas repercussões, cobertura midiática, recepção da intelectualidade brasileira, Cf. ALMEIDA, 2009. O livro, intitulado *Furacão sobre Cuba*, originalmente concebido com o título *Furacão sobre o açúcar*, foi publicado no ano de 1960, ou seja, um ano após o advento da revolução naquele país e está diretamente ligado a passagem do casal francês por Cuba entre fevereiro e março de 1960. Para mais informações sobre, Cf. MENEZES, 2013 (*Socialista Morena: jornalismo anticapitalista*, “A noite em que Jean-Paul Sartre fumou um charuto com Che Guevara”: <http://www.socialistamorena.com.br/a-noite-em-que-jean-paul-sartre-fumou-um-charuto-com-che-guevara/>. Acessado em: abr. 2018).

O início dos anos de 1960 marcou o momento de um importante evento na Reitoria da UFMG, em 1963, chamado *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*. Ávila afirma que fez parte da proposta um grupo de jovens de Minas que queria trazer para cá a exposição realizada em São Paulo, no ano 1956, sobre o Concretismo. O escritor foi o coordenador geral do evento, numa junção com os poetas de São Paulo, principalmente Haroldo de Campos. A *Semana* foi feita, segundo nos informa, na “Reitoria recém-inaugurada na Pampulha. Pampulha era um deserto. Só tinha o prédio da Reitoria” (ÁVILA, 2011, depoimento).

Para Ávila,

(...) a repercussão foi a mais positiva possível, porque nós não encontramos resistência. Nessa época eu era editor de cultura do *Estado de Minas*. Então eu tinha um órgão de poder muito grande, com uma força de poder muito grande pra divulgação, para sustentar. E isso resultou na minha saída em 64 do jornal. Eu fui demitido do jornal exatamente por ter dado essa feição, a essa participação ao movimento que depois considerado um movimento de esquerda (ÁVILA, 2011, depoimento).<sup>126</sup>

A década de 1960 ainda assistiu a criação do *Suplemento Dominical* ligado ao jornal *Estado de Minas*, que chegou a contar com alguns intelectuais ligados à revista *Tendência*, como Affonso Ávila e Cyro Siqueira. Contudo, o projeto sobreviveu apenas entre os anos de 1963, ano de sua inauguração, e 1964, devido às imposições deferidas ao meio cultural com o evento do golpe civil-militar.

Segundo Ávila,

No início dos anos 60 estava surgindo em Belo Horizonte uma geração de interesses muito diversificados, voltada para a poesia, a ficção e também para as artes plásticas e a música. Havia uma inquietação muito grande que se somava à própria inquietação nacional. Era um período de muita discussão ideológica, de acirramento político de ideias. As pessoas iam se definindo, tomando posições diante da opressão crescente (ÁVILA *apud* RIBEIRO, 1997, p. 107).

Ainda sobre o desfecho do projeto com o suplemento no jornal *Estado de Minas*, assim comentou:

---

<sup>126</sup> Ávila afirma que o reitor da UFMG naquele ano, o professor Orlando Magalhães Carvalho, no momento da inauguração da *Semana*, recebeu um telefonema do secretário da Segurança Pública perguntando “se ele não tinha medo de receber tantos comunistas no evento” (ÁVILA, 2011, depoimento).

Foi com essa atuação que passamos a influenciar os jovens que estavam surgindo, e colaboramos para que eles tivessem voz, não só no jornal, mas também em outros tipos de manifestações. Infelizmente, por questões políticas, o caderno foi considerado organização de esquerda e nós fomos afastados e demitidos com o golpe de 64 (ÁVILA *apud* RIBEIRO, 1997, p. 107-108).

Sobre o *SLMG*, Ávila afirmou que o caderno foi lançado exatamente no período da ditadura militar e “era uma forma de dar uma voz, principalmente para as gerações mais novas. Eu fui o autor do projeto de lei que criou o Suplemento e minha mulher foi da comissão diretiva do Suplemento. Ela com o Murilo Rubião e Aires da Mata Machado Filho”. Ao ser referir a “Geração Suplemento”, comentou que dela fizeram parte “jovens que começaram a trabalhar lá [redação do *SLMG*]. Eu tinha muita ligação com os jovens, alguns amigos meus, muito chegados, que são os meus amigos até hoje, mas entre os quais eu distingo dois que tiveram sucesso muito grande, dessa geração”. Dentre eles, destacou a participação dos escritores Sérgio Sant’Anna e Sebastião Nunes, que seriam “dois grande nomes da chamada Geração Suplemento” (ÁVILA, 2011, depoimento).

Para Affonso Ávila, em depoimento cedido à professor Marília Andrés Ribeiro, para a sua pesquisa sobre as neovanguardas situados nos anos 60,

(...) o *Suplemento* surge num momento político em que Minas Gerais reage ao golpe de 64 e os grupos progressistas conseguem eleger, com maioria esmagadora, o governador Israel Pinheiro, derrotando o candidato dos militares. (...) Israel Pinheiro era um homem muito aberto e inteligente, mas de temperamento um pouco explosivo, apoiou a ideia de se fazer um suplemento voltado para a divulgação da cultura em Minas. (...) Fui a algumas reuniões preliminares, mas o meu trabalho foi redigir a lei que criava o suplemento.<sup>127</sup>

A partir dos anos 1970, mais especificamente no ano de 1973, até a década de 1990, Ávila passou a trabalhar na área do Patrimônio Cultural, sendo a sua contribuição no projeto da Unesco para Ouro Preto a demarcação, segundo nos informa em seu depoimento (ÁVILA, depoimento, 2011), da sua entrada nesse campo. Mesmo não fazendo parte do corpo editorial do *SLMG*, contudo, sua presença como colaborador sazonal do caderno e como organizador de alguns números especiais foi importante para o sucesso do empreendimento. Para além dessas participações mais visíveis, também é importante considerar a sua presença

<sup>127</sup> Cf. RIBEIRO, 1997, p. 136.

física na redação do *SLMG*, como mencionada por ele, o que contribuiu para a continuidade e manutenção de uma rede de sociabilidade, cumplicidade e apoios mútuos.

Assim, podemos perceber que esse primeiro quadro composicional do *SLMG* abrigou quatro personalidades intelectuais portadoras de algumas distinções e, ao mesmo tempo, de pontos de contato. De uma forma geral, acreditamos que elas podem ser encaixadas em três perfis identitários ou representacionais: Murilo Rubião pareceu encarnar a imagem do intelectual conciliador, tradicional e aberto ao diálogo quando à frente das responsabilidades burocráticas de manutenção e direção dispositivos de cultura. Nesse sentido, teria emprestado ao *SLMG* a sua experiência adquirida nos vários cargos públicos que assumiu, nas equipes das quais fez parte e de sua proximidade com o trabalho cotidiano como funcionário público, em grande medida próximo do poder e de suas tomadas de decisão.

Por sua vez, a imagem de Aires da Mata Machado Filho nos sugere também a representação da tradição, da valorização do trabalho acadêmico, do preciosismo e salvaguarda dos valores tradicionais da cultura e da Língua. Nesse sentido, pareceu-nos uma imagem típica daquela voz tradicionalista trabalhada por Carvalho (2015) e retomada por Reis (2017), em seus trabalhos de entendimento e interpretação das identidades, ou vozes, dos mineiros. Também conciliador, sua presença e participação aproxima-se da ocupada por Rubião, uma vez que sobressairia a postura do equilíbrio e da mediação entre o passado e o presente. Vale ressaltar, por fim, o seu trânsito livre entre o trabalho com o *SLMG* e a Academia Mineira de Letras, que nunca deixou de exaltar e homenagear a sua importância como intelectual, pesquisador e professor.

Por fim, uma terceira frente nos parece sugerida na atuação e presença da dupla Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila, que representariam, em conjunto, a valorização do contemporâneo para a cultura posto em movimento nas páginas do caderno. A partir de suas trajetórias, marcadas pelo interesse nas propostas culturais alocadas nos anos de 1950 e 60, como o concretismo, o neoconcretismo e as vanguardas literárias, eles teriam emprestado ao trabalho no *SLMG* um sentido de modernidade e contemporaneidade. Nesse sentido, nota-se a importância da revalorização do Barroco e das poesias de vanguarda nas páginas do caderno,



assim como a valorização dos jovens escritores recém estreantes na vida literária naquela segunda metade do século XX.

Ao mesmo tempo, a formação dessa *coalização intelectual* para a manutenção e desenvolvimento do *SLMG* também pôde contar com a presença de outros nomes que, de alguma forma e de maneiras variadas, também contribuíram para o caderno, seja como colaboradores eventuais ou seja como membros efetivos de seu corpo redacional. O que não significa, contudo, que as relações tenham sido pacíficas ou mesmo marcadas pela ausência de conflitos ou tensões entre os seus membros.

A saída de Araújo, por exemplo, no final dos anos 1960, quando ela deixa extra-oficialmente o caderno, embora seu nome ainda figurasse como integrante de sua redação, se apresenta a nós como um desses momentos de tensão. A colunista de “Roda Gigante” menciona alguns problemas com a censura e desentendimento com Rubião, o que teria feito com que ela se retirasse do *SLMG* “bastante magoada, como atesta carta do dia 12 de maio de 1969, endereçada a poeta portuguesa Ana Hatherly”, segundo nos informa Tolentino (2006, p. 42).

Para a pesquisadora,

Na correspondência, Laís C. Araújo narra o episódio em que teve desentendimentos com Murilo Rubião: nos comentários que fazia de obras na coluna “Roda Gigante”, escreveu a respeito de um romance do escritor equatoriano Jorge Icaza, porém tinha várias restrições sobre esse livro e, para justificar o seu parecer sobre o romance, escreveu que “o escritor latino-americano, vivemos num contexto de miséria e analfabetismo, de subdesenvolvimento enfim, sente-se obrigado quase a escrever um livro de denúncia, reivindicatório, etc., etc”. Murilo Rubião achou o texto ofensivo à pátria e o encaminhou ao diretor da Imprensa Oficial que o censurou e proibiu. Segundo Laís Corrêa de Araújo, essa foi uma “Atitude de alcagüete, de ‘dedo-duro’”. Sendo assim, a escritora recusou-se a permanecer no Suplemento, entretanto continuava publicando ensaios esporadicamente (TOLENTINO, 2006, p. 42-43).<sup>128</sup>

---

128 Essa constatação é curiosa, haja vista que todas as pessoas que nós entrevistamos sempre mantiveram uma postura unânime em dizer que Rubião nunca teve problemas com membros da redação ou com colaboradores mais próximos ao caderno. Ao mesmo tempo, vale destacar que esse deslocamento de pontos de vista ou nas narrativas consolidadas sobre a figura do escritor torna-se possível a partir do levantamento de outras fontes e seu cotejamento, como no caso em questão a correspondência de Araújo com uma escritora portuguesa. Sem dúvida o trabalho de investigação das trajetórias intelectuais que conseguem lançar mão de arquivos pessoais tem grandes possibilidades de ampliar o espectro de interpretações por vezes sedimentado sobre a vida e a produção cultural dos pesquisados.

Posteriormente a saída de todos eles ao final dos anos de 1970, teremos pequenas variações dentro desse mesmo espectro, ora tendendo para propostas de maior ousadia vanguardista ou contemporânea, com a direção de Ângelo Oswaldo e, mesmo que rapidamente, de Wander Piroli, ora pelo predomínio do equilíbrio, com os diretores Mário de Garcia Paiva ou Ildeu Brandão, que acabam sendo pouco lembrados como parte da direção do caderno. Logo após a crise vivida pelo *SLMG* em 1975, podemos afirmar que até o ano de 1983, como já mencionamos em outros momentos desta tese, a imagem que se estabeleceu e predominou é a de um caderno marcado, talvez até mesmo excessivamente, pelo tradicionalismo e pelo retorno à produção mais consagrada da literatura, especificamente, e da cultura, de uma forma mais ampla.

Contudo, como mencionamos ao final do subcapítulo anterior, esta ainda é uma pesquisa a se fazer, o que em muito poderia confirmar ou mesmo refutar essa imagem de ruptura que perpassa a memória e o imaginário sobre e do *SLMG* nos anos 1980. De uma forma geral, insiste-se que caderno teria perdido a sua eficácia ou “brilho” no pós-1975 e essa imagem acaba por ser fruto dos depoimentos e legados de uma parte significativa os próprios membros que estiveram presentes em sua redação. Não raro, enfim, encontramos afirmativas que nos dizem que essa primeira fase teria sido a “áurea”, “heroica” ou mesmo “digna de elogiosos”. Em contraposição, o caderno que passa a existir a partir de 1975, sob a direção do escritor Wilson Castelo Branco, foi visto como o reduto de uma “subliteratura” e apenas uma caricatura do caderno vigoroso que o *SLMG* foi um dia. Vejamos, portanto, como se configuraram os anos finais da década de 1960 e os anos iniciais de 1970 e que imagens podemos captar da atuação dos demais membros que participaram do caderno.

## 2.2. Os continuadores do projeto: transição e surgimento de uma segunda geração

Podemos dizer que os primeiros anos de existência do *SLMG* foram marcados por uma considerável estabilidade, principalmente se os compararmos aos problemas e desafios que o caderno sofreria ao final dos anos de 1960 e nos primeiros anos iniciais da década seguinte. Sobre esse segundo momento, contudo, as narrativas sobre a trajetória do caderno se multiplicam e, a partir das memórias de seus principais colaboradores e membros, apresentam enquadramentos que, na maioria das vezes, não são consensuais.

Para alguns, houve sim repressão e censura aos cadernos produzidos, principalmente a partir do ano de 1968, que teria gerado uma crise interna tanto na Imprensa Oficial quanto na redação do *SLMG*, eventos que teriam contribuído para a saída de seu primeiro diretor, o escritor Murilo Rubião. Em conformidade com essa leitura, vale ressaltar, o caderno é citado no Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais, publicado no ano de 2017.<sup>129</sup> Nele, a partir de relatos de ex-diretores, como Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, que esteve à frente da publicação nos anos de 1971 a 1973, ou de Humberto Werneck, autor do livro *O destino da rapaziada*, é apresentada ao público uma imagem do *SLMG* como um dos focos intelectuais, de certa forma, de resistência à ditadura, afirmação que acreditamos conter, contudo, exageros. Efetivamente, constam dois momentos: um, relativo a censura da publicação de dois cadernos (números 378 e 379, ambos em 1973), em que o segundo teve parte de seu conteúdo censurado; outro, em 1975, em que, devido a uma crise interna e motivada por vários boatos que envolviam a administração do *SLMG*, Wander Pirolí pediu demissão de sua direção.

Em relação ao primeiro evento, Viviane Maroca nos informa que:

Nesse ano [1973], elaboraram-se dois números especiais dedicados à nova ficção brasileira, com 16 páginas cada. O primeiro foi publicado integralmente, sob o título de *24 textos de ficção*, o segundo, mutilado por censores e reduzido a oito páginas e a seis textos, foi chamado de *Textos de ficção II*. Sérgio Sant'Anna descreve este período como o de maior ousadia da história do *Suplemento*. Com a saída de Ângelo Oswaldo,

---

129 O subtópico em que se encontra o texto sobre o *SLMG* localiza-se no “Volume 4” do Relatório, em uma seção intitulada “Censura aos meios de comunicação de massa de Belo Horizonte, aos espetáculos artísticos e culturais e aos intérpretes”. Cf. Covemg, 2017, p. 264-267.

assume, então Garcia de Paiva, como secretário, e Maria Luíza Ramos, como membro da comissão (MAROCA, *SLMG*, out. 2016, p. 34).

Em relação aos acontecimentos ocorridos no ano de 1975, Santos afirma que:

No governo Aureliano Chaves, sendo Wander Piroli o editor, houve o empastelamento de uma edição, nas oficinas da Imprensa Oficial. Piroli se demitiu e o Suplemento entrou em crise. Não foi extinto, graças ao empenho de poucos lúcidos que o defenderam, na difícil circunstância, mas passou a sofrer incontornáveis constrangimentos. Um grupo de escritores levou um manifesto ao governador Francelino Pereira, pedindo a revitalização do Suplemento, sem as amarras que aqueles tempos de abertura política pareciam pretender eliminar (SANTOS, *SLMG*, 2016, p. 3).

Ainda para ele, esse mal-estar só seria resolvido, efetivamente, no segundo governo de Hélio Garcia,<sup>130</sup> em que teria sido fabricada uma “fórmula da sobrevivência”: “não seria mais o Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’, mas de Minas Gerais, uma publicação mensal da Secretaria de Estado de Cultura, atualmente de novo inserida numa edição do diário oficial, além de tiragem própria” (SANTOS, *SLMG*, 2016, p. 3), ou seja, não mais pertencente à Imprensa Oficial, como no seu início.

No texto de Santos, referência sobre a qual foi montada a parte sobre o *SLMG* para o Relatório da Covemg, porém em outro trecho não utilizado por esse, lemos a seguinte passagem:

Que história é essa, no jornal do governo, desse governo que é contra a Revolução de 64? Foi essa a indignação que levou o comandante da ID/4, maior autoridade do Exército no Estado, a exigir a saída do escritor Rui Mourão da editoria do Suplemento, sob o argumento de que fora ele um dos signatários do subversivo protesto contra a invasão da Universidade de Brasília, na qual lecionava. Na verdade, tudo no semanário seria pura subversão (SANTOS, *SLMG*, 2016, p. 3).

Para outros, essa questão é relativizada, chegando mesmo a ser sugerida como um evento isolado, que não pode ser tomado como uma prática constante e recorrente, em relação tanto ao trabalho feito pelo *SLMG* ou quanto a atuação de

---

<sup>130</sup> Hélio Garcia foi eleito vice-governador de Minas Gerais, em 1982, e foi escolhido para prefeito de Belo Horizonte, em abril de 1983, pelo então governador Tancredo Neves. Com a sua renúncia ao cargo, para que pudesse concorrer à presidência da República, Garcia passou, então, o comando da prefeitura a Rui Lage e assumiu o comando do Estado, concluindo o seu governo no ano de 1986.

sua equipe. Para Márcio Sampaio, por exemplo, em uma entrevista a nós concedida, essa posição de possível resistência ou mesmo de oposição à ditadura aparece relativizada. Vale lembrar que ele é um dos membros da redação que por mais tempo esteve presente na equipe do *SLMG*, estando presente desde o seu lançamento, em 1966, e deixando-a somente na segunda metade dos anos de 1970.

Ao ser perguntado sobre a importância de uma figura política como a de Paulo Campos Guimarães, à época diretor da Imprensa Oficial e ex-deputado estadual, como um mediador entre os campos da cultura e da política em Minas, e, nesse sentido, uma peça chave nas negociações sobre a atuação do *SLMG*, Sampaio afirmou que, assim como ele, Rubião também teria ocupado um papel central, uma vez que

(...) de uma certa maneira, ele segurou muito as coisas, porque o Murilo, em certo momento, no tempo do Israel Pinheiro, que foi na gestão dele que criou o Suplemento. O Murilo também era um homem muito inteligente e tinha um jogo de cintura com a moral que ele tinha. Ele tinha uma força moral muito grande e o Paulo era aquele político, foi deputado, era o cara que sabia tratar com todo mundo, com os mais endurecidos quanto o resto, a intelectualidade. Ele era um cara muito perspicaz.<sup>131</sup>

Perguntado sobre se a censura, principalmente depois da promulgação do Ato Institucional n. 5 (AI-5), havia agido sobre o *SLMG* ou se o caderno chegou a incomodar a Ditadura, Sampaio nos respondeu:

Incomodou, não num sentido de ser revolucionário. É no sentido de não abrigar determinadas correntes literárias ou determinados escritores, determinadas figuras que eram ligadas, talvez mais próximas a eles. Nesse sentido, o Suplemento foi rigoroso por que era a questão da qualidade mesmo, né?<sup>132</sup>

Ainda sobre o AI-5 e a vida cotidiana na redação do caderno, o entrevistado nos informou que

A coisa endureceu mesmo, né? A situação. Olha, ou nós éramos ingênuos ou irresponsáveis, ou algo assim, mas a gente mantinha o pique do mesmo jeito, sabe? Agora, é claro que você estava sempre, até inconscientemente, você estava sempre na defensiva porque você sabia que de uma hora pra outra podia estourar alguma coisa. Você nem sabia que você não tinha nada a ver e espirrava em você. Havia uma dificuldade aí até de comunicação e tudo mas que não foi, não nos pegou assim tão de saia justa, não sabe?

131 SAMPAIO, 2016. Entrevista cedida ao autor.

132 SAMPAIO, 2016. Entrevista cedida ao autor.

Porque, na verdade, lá dentro era um espaço bem arejado. Não havia, nunca, não tinha ninguém que fosse um defensor da ditadura, pelo menos que eu saiba, não. Acredito que não havia mesmo.<sup>133</sup>

Também conversamos com o jornalista e escritor Humberto Werneck, que chegou a fazer parte da redação do *SLMG* entre os anos de 1968-1970. A partir de uma pergunta similar a feita para Sampaio, ou seja, sobre a questão da censura e da vigência do AI-5, ele nos afirmou que:

Não tenho notícia de censores dentro da Imprensa Oficial. O episódio mais preocupante de que me lembro, nos dois anos em que lá estive (1968-70), foi o veto da ID-4 à nomeação de Rui Mourão para o comando do *SLMG*, quando Murilo dele se afastou. De maio de 1968 a maio de 1970, não houve prisões nem ameaças. Mas, naturalmente, o comando do *SLMG* redobrou seus cuidados.<sup>134</sup>

Outro ex-membro do *SLMG*, dos finais dos anos de 1960 e do começo dos anos 1970, e hoje seu diretor, Jaime Prado Gouvêa, também nos deu um depoimento sobre esse período da vida, principalmente sobre as relações entre o caderno de cultura e os militares no que diz respeito à censura:

Era aquele negócio, que nem a música que se fazia. Fazia um negócio mais na metáfora que os caras da censura não entendiam, são muito burros. Os caras, os militares só criavam caso quando alguém, por exemplo da Academia, falava “eles estão fazendo isso lá”. Por que esses caras estão nem aí pra gente não, estava nem aí.<sup>135</sup>

Como as passagens nos sugerem, enfim, as opiniões e narrativas sobre a trajetória do *SLMG* e as memórias que ele produziu ou que se sobre ele foram produzidas são heterogêneas. Lugar de resistência ou não, os relatos, contudo, nos sugerem uma leitura, que nos parece atravessar todas as narrativas, de uma certa prudência e desconfiança por parte dos membros da redação do caderno, assim como por parte daqueles, como Rubião e outros que o seguiram, em relação aos limites de atuação de uma publicação cultural.

Sobre isso, assim se manifestou Gouvêa:

O Suplemento era limitadíssimo, porque era uma publicação oficial, dum jornal oficial, em plena ditadura. Então a gente tinha que, a gente conseguia fazer, publicar algumas coisas por debaixo dos panos, mas tinha aquele

133 SAMPAIO, 2016. Entrevista cedida ao autor.

134 WERNECK, 2017. Entrevista cedida ao autor.

135 GOUVÊA, 2016. Entrevista cedida ao autor.

cuidado, por exemplo, o Murilo falava “publica o que vocês quiserem, mas evita palavrão, se não...”. Uma vez saiu uma palavrinha qualquer e baixou o espalho todo em cima, deputado, o cacete tudo enchendo o saco, dona de casa, você imagina isso na década de 60 como é que era. Então a gente tinha essa limitação, mas tinha aquele negócio de driblar. Publicamos muita coisa, inclusive obrigando a criatividade da gente a funcionar, não era aquele negócio moleza não e era até legal. Quando passava alguma coisa lá, “você, porra, passou um troço desse!”.<sup>136</sup>

Em sua dinâmica interna, as primeiras mudanças localizadas no corpo da redação do *SLMG* pode ser localizada ao final do ano de 1968, que foi noticiada em sua edição de número 114, com a saída, por aposentadoria, de Ayres da Mata Machado Filho da comissão de redação.<sup>137</sup> Para ocupar o lugar, foi convocado Rui Mourão. Essa mudança, apesar de sentida pela equipe do caderno, não trouxe mudanças estruturais significativas na composição ou nas orientações do caderno.

Para o ano de 1969, não encontramos nenhuma alteração no quadro da redação. As edições que vieram a público nesse período contaram, todas, com a mesma equipe.<sup>138</sup>

Em 1970, entretanto, verificamos uma primeira sugestão de mudança estrutural de relevância em sua comissão. Na edição de número 175, de janeiro desse ano, Paulo Campos Guimarães passa a ocupar o lugar de diretor da Imprensa Oficial. Para chefe do Departamento do *Minas Gerais*, foi nomeado Murilo Rubião. Rui Mourão passa a ser, a partir desse momento, o secretário do *SLMG*. A Comissão de Redação configurou-se por Rui Mourão, Laís Corrêa de Araújo e por Libério Neves. Entretanto, a presença de Rui Mourão não durou mais do que 6

---

136 GOUVÊA, 2016. Entrevista cedida ao autor.

137 Ayres Mata Machado Filho pode ser considerado a ponte entre a geração do *SLMG* e os membros da Academia Mineira de Letras, funcionando como um mediador entre os interesses de cada agrupamento e suas disputas. Dono de uma bibliografia extensa e muito respeitado no meio intelectual belorizontino, seu prestígio nos é confirmado no texto que noticiou a sua saída da comissão de redação, que foi intitulado “Ayres: missão cumprida”. Em outubro de 1968, duas edições, 165 e 166, foram feitas em homenagem a sua vida e obra. Na primeira, podemos ler um poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado “Em louvor de mestre Ayres”, uma apresentação feita por Eduardo Frieiro e, dentre outros textos, “Aires da Mata Machado Filho, historiador”, escrito por Francisco Iglésias.

138 É importante ressaltar, contudo, que estamos focalizados nas informações expressas nas publicações feitas pelo *SLMG*. Assim, nelas eram publicadas apenas os nomes daqueles que ocupavam os cargos de diretor e eram partes efetivas de sua redação, sempre ocupada, oficialmente, por três nomes. Isso não significa, entretanto, que não houvesse outros membros, e remunerados, que faziam parte do caderno. Figuras como Márcio Sampaio, Humberto Werneck, Adão Ventura, Márcio Penido, Sebastião Nunes, Jaime Prado Gouvêa, dentre outros, em períodos diferentes, em alguns casos, eram nomes que integravam a sua redação. Como já foi mencionado, por exemplo, Werneck prestou serviços para o caderno entre os anos de 1968 e 1970, quando recusou assumir a vaga de diretor e preferiu ir para São Paulo.

números. Na edição de número 181, de fevereiro de 1970, uma nova mudança em sua redação. Agora, como secretário, temos a presença de Libério Neves, que passa a compor a comissão de redação junto a Laís Corrêa de Araújo. Contudo, essa nova configuração também não dura mais do que alguns números.

Para Santos,

Com a saída de Rui Mourão, o contista Ildeu Brandão, antigo redator do Palácio da Liberdade, assumiu o cargo, avisando que não pretendia ali permanecer por muito tempo. Murilo Rubião escolheu Humberto Werneck e tentava convencê-lo, quando o jovem escritor recebeu o convite para integrar a equipe do “Jornal da Tarde”, que surgia em São Paulo como uma grande novidade na imprensa brasileira (SANTOS, *SLMG*, 2016, p. 3).

As transformações não pararam por aí. Ano de significativos rearranjos, que nos sugere, entre outras possibilidades de entendimento, uma instabilidade interna no corpo da redação do *SLMG*, ainda podemos constatar a saída de Laís Corrêa de Araújo da comissão de redação, sendo sua última participação no número 193, de maio de 1970; a entrada do escritor Emílio Moura em seu lugar, fazendo par com Libério Neves, como membro da comissão de redação e secretário. A partir do número 200, de junho de 1970, Moura deixou a vaga de secretário, a qual passou a ser ocupada por Ildeu Brandão. Desde a edição 201, a comissão de redação foi composta por Ildeu Brandão e Mário Garcia de Paiva, que passou a ocupar o lugar momentaneamente assumido por Emílio Moura.

Para o ano de 1971, novas mudanças marcaram a trajetória do *SLMG*. Já em fevereiro, em seu número 232, teve a saída de Ildeu Brandão do cargo de secretário, para a entrada de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, que passa a compor a comissão de redação junto com Libério Neves e Mário Garcia de Paiva.<sup>139</sup> Segundo Santos (2016, p. 3), ele teria sido chamado por Rubião “ao gabinete de Paulo Campos, já com o beneplácito de Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo e Aires da Mata Machado, entre surpreso e entusiasmado, aceitei a tarefa”, o que contribui para a confirmação da importância dessa *coalização intelectual*, como defendemos ao final do terceiro capítulo, em que trabalhamos a questão da “participação e apoio

---

<sup>139</sup> Houve apenas uma rápida inversão nos números 275 e 276, sendo Ildeu Brandão como secretário naquele número, e o retorno de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos nesse, o que não se modificou nos números seguintes.



dos intelectuais”. Essa composição manteve-se estável durante todo o ano de 1972, sendo novamente modificada em meados no ano seguinte.

Em 1973, em seu número 360, de julho, apareceu um novo cargo na redação do *SLMG*: o da Divisão de Assuntos Culturais que, curiosamente, foi ocupado por Rui Mourão. Outra mudança verificada em sua coordenação foi a saída de Ângelo Oswaldo da secretaria e a entrada de Mário Garcia de Paiva, passando a comissão de redação a ser ocupada por ele, Libério Neves e Maria Luiza Ramos, o nome desconhecido na história do caderno até esse momento.

Para o ano de 1974, temos a saída de Rui Mourão da Divisão de Assuntos Culturais, já no número 408, de junho, e a entrada de Geraldo Magalhães, a partir do número 411, de julho.<sup>140</sup> Em dezembro, assistimos a mais uma mudança de secretário, agora com a entrada de Wander Piroli para o lugar de Mário Garcia de Paiva. Dessa maneira, a redação foi composta por Wander Piroli, Libério Neves e Maria Luiza Ramos.

Para o ano de 1975, o último de nossa trajetória, acompanhamos as mudanças que sinalizem, de uma forma bem sugestiva, o que estamos chamando de o fim de uma (primeira) geração. Nesse ano, assistimos o esvaziamento do projeto editorial inicial que, de uma forma geral, já vinha sendo anunciado, ainda que com momentos de revitalização. No número 450, de abril de 1975, houve a mudança na direção da Imprensa Oficial, com a saída de Paulo Campos Guimarães e a entrada de Hélio Caetano de Fonseca; na edição de 454, a saída de Murilo Rubião e a entrada de Acyr Luz de Faria, para ocupar a direção de Publicações e Divulgação e já na próxima edição, de junho, temos a saída de Wander Piroli da secretaria do *SLMG*. A partir desse momento, em seu lugar, temos a presença de Wilson Castelo Branco.<sup>141</sup>

---

140 A instabilidade nos cargos ocupados por Rui Mourão pode estar ligado ao olhar de desconfiança que sua presença pode ter gerado na redação do *SLMG*, dado que ele foi um dos professores a deixar o cargo que ocupava na UnB logo após o golpe civil-militar de 1964. Entretanto, mesmo afastado dos cargos de chefia do caderno, foi de relevância a sua presença como organizador de números especiais, estudos temáticos e contribuições como colaborador no campos da crítica cultural e literária.

141 Wilson Castelo Branco vai ocupar a direção do caderno entre os anos de 1975 e 1983. Depois desse período, a Imprensa Oficial voltou a contar com a presença de Rubião com seu diretor e o caderno passou a ser dirigido por outra equipe, escolhida a partir de sua rede de contatos e influência.

Como podemos observar, dentro do recorte temporal selecionado por esta pesquisa, houve uma significativa mudança no quadro de pessoal envolvido na administração do *SLMG*, assim como na ocupação de demais cargos de seu corpo redacional. Em paralelo a essas mudanças, também podemos perceber a presença de outra dinâmica, esta relacionada com quem escrevia para o caderno, com ou sem alguma frequência ou periodicidade, e sobre o que escreviam, tema esse explorado mais detidamente no próximo capítulo desta tese.

### Capítulo 3: Quem e sobre o que escreviam no *SLMG*?

O *SLMG* nos sugere uma estruturação organizada basicamente em duas formas distintas: o colunismo fixo, preenchido por nomes que publicavam com uma regularidade semanal e faziam parte da redação do caderno na forma de funcionários, e as contribuições ocasionais, sendo que algumas delas chegaram a manter uma pequena continuidade, dado o assunto trabalhado. Esse seria o caso de matérias ou ensaios ou mesmo resultados de pesquisas maiores que estavam em processo de composição. Nesse sentido, a possibilidade de publicação no *SLMG* por seus autores abria-se como uma opção. Em decorrência dessa forma de composição dos cadernos durante os anos de nosso recorte, percebemos uma característica híbrida tanto nas escolhas e aceites dos temas que fizeram parte de seu escopo de publicações, assim como nos nomes que contribuíram com textos (ensaios, críticas, entrevistas, resenhas, depoimentos etc.) ou com poesias e ilustrações.

Ainda dentro do segundo grupo, daqueles que publicavam sem uma determinada periodicidade, também podemos encaixar aqueles que foram convidados, em dados momentos, para contribuir com o caderno, seja em decorrência de um número especial, como veremos mais à frente, seja para um comemorativo ou temático. Alguns nomes, não obstante, serão recorrentes nas páginas no *SLMG*, devidos a vários fatores, entre eles, tanto pelo prestígio acumulado no âmbito das letras e humanidades, quanto pela amizade mantida com os responsáveis pelo caderno.

Nos subcapítulos que se seguem, mapeamos os nomes daqueles que, dentro do recorte que propomos, publicaram no *SLMG*, indo desde os que tiveram uma passagem pontual pelas páginas do caderno, não ultrapassando a marca de cinco publicações, até os que se mantiveram presentes em vários momentos diferentes em suas páginas. Vale ressaltar que alguns desses fizeram parte da comissão de redação do *SLMG*, contudo, não sendo essa a razão central e única que explicariam todas as contribuições de maior vulto, que na tabela quantificamos como contribuições acima de 30 textos.

Esse levantamento (tabela 1, em Anexos), mesmo sem a pretensão de esgotamento de todas as contribuições feitas ao caderno, dentro do recorte temporal

escolhido para esta pesquisa, abre para o pesquisador uma incontável possibilidade de abordagens, dado o volume considerável de material publicado e posto em circulação pelo *SLMG*. Não obstante, as perguntas e investigações que poderiam dele desdobrar apresentam-se, àqueles que se lançam na árdua tarefa de ler “com os olhos” essas experiências do passado, como um empreendimento impossível de se completar, uma vez que se apresenta ao presente do leitor como um objeto de uma amplitude e um hibridismo consideráveis.

Por outro lado, consideramos que fazer um levantamento temático, também esse exaustivo, que consiga dar conta de cobrir o amplo leque de assuntos abordados, nos parece um trabalho, além de pouco factível, pouco produtivo, uma vez que temos que considerar a dispersão que geralmente acompanha produções desse volume e tamanho. Para esse fim, reservamos o capítulo seguinte, em que faremos uma leitura e analisaremos alguns cadernos temáticos, que se prestaram a dar um sentido de conjunto sobre determinados assuntos e/ou personalidade do mundo da cultura, sendo esses exemplos mais bem acabados de como o *SLMG* se colocou e apresentou-se em relação a algumas questões.

Para este capítulo, nosso interesse será a tentativa de entendimento das razões pelas quais fazer parte do projeto do *SLMG* pode ter interessado mais a uns do que outros. Quais os atrativos possíveis podem ter motivado alguns a participarem com uma certa frequência e recorrência do caderno e, ao mesmo tempo, feito despertar menos interesse a outros? Ao mesmo tempo, em que medida podemos entender essa dinâmica como uma parte importante do prestígio que o caderno manifestava ou mesmo como um indício das estratégias de investimento pessoal no que diz respeito a uma “porta de entrada” para o mundo das letras e/ou para nele se estabelecer? Acreditamos, enfim, que esse quadro de contribuições e investimentos nos ajudam a equacionar o trabalho em dois sentidos não excludentes, um “para fora” e outro “para dentro”, dos limites do caderno e de sua redação.



Figura 13: Na redação do *SLMG*, em 1970. Da direita para a esquerda: Em pé: Duílio Gomes, Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Sant' Anna, Luís Márcio Vianna, Antônio Carlos Braga, Sérgio Tross e Humberto Werneck. Agachados: Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela e Vladimir Diniz. Fonte: *SLMG – 50 anos*, Belo Horizonte, out. 2016, p. 29.



Figura 14: Residência de Affonso Ávila. Da direita para a esquerda: Márcio Sampaio, Murilo Rubião, Sebastião Nunes, Henry Corrêa de Araújo, Affonso Ávila, dentre outros não identificados. Belo Horizonte, fev. 1968. Fonte: Arquivo Murilo Rubião/ Arquivo dos Escritores Mineiros/ UFMG.

Para o primeiro, podemos observar as várias contribuições de personalidades situadas em outros Estados e mesmo fora do Brasil, que emprestaram às páginas do caderno uma visibilidade cosmopolita. Outro centrado nos escritores e intelectuais mineiros, em grande medida residentes na cidade de Belo Horizonte, sendo possível dividi-los em duas gerações que, em grande medida, atuaram nas páginas do *SLMG*: uma geração formada no pós-Segunda Guerra, principalmente nos anos de 1950, que seriam os principais responsáveis por dar o sentido primeiro da construção e estabelecimento do projeto, emprestando a ele o seu prestígio, relativamente já constituído no mundo da produção dos bens simbólicos; e outra, mais nova, ainda não estabelecida nas redes dessa mesma produção, estreante, mas ciosa em conquistar posições de destaque e relevância no que tange as possibilidades relativamente em aberto ou em vias de se abrirem no mundo da cultura.<sup>142</sup>

Dentre ensaios de diversas naturezas – filosóficos, históricos, literários, teóricos, etc. –, contos, crônicas, poesias, resenhas de livros variados – da literatura ao ensaísmo, históricos ou de cunho especulativo –, entrevistas, depoimentos, fragmentos de obras, jornalismo literário, o mapeamento das recorrências das publicações no *SLMG* nos informam ou nos permitem alguns cruzamentos que nos ajudam a compreender um pouco da dinâmica de funcionamento do caderno.

### 3.1. Vários colaboradores, publicações bissextas

---

142 Para efeitos analíticos e de clivagem entre as formações geracionais, é possível considerar que na história da intelectualidade mineira os anos de 1960 viram surgir uma terceira geração, formada por jovens escritores que ali despontaram no âmbito da produção de contos e na poesia e de 20 a 30 anos. Nesse sentido, a primeira poderia ser considerada aquela integrada por escritores que, com a mesma faixa etária, fizeram parte da composição das primeiras revistas publicadas em Belo Horizonte, com especial destaque para *A Revista*, e a segunda composta por aqueles que se integravam à vida cultural nos anos 1940, também formada por escritores e intelectuais que ali apresentavam a mesma idade, principalmente em torno da revista *Edifício*. Similar à trajetória de *A Revista*, *Edifício* também publicou apenas alguns números, somando um total de quatro edições. O primeiro veio a público no mês de janeiro de 1946 e contou com Wilson de Figueiredo como secretário, Valdomiro Autran Dourado, como redator-chefe, Sábato Magaldi, Otto Lara Resende, Edmur Fonseca e Pedro Paulo Ernesto como redatores. Os demais números foram publicados nos meses de fevereiro, maio e julho. De uma forma geral, pertenceriam a essa primeira geração Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e Aires da Mata Machado Filho; da segunda, Murilo Rubião, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo e Rui Mourão; e da terceira, Márcio Sampaio, Humberto Werneck, Ângelo Oswaldo, Jaime Prado Gouvêa. Por fim, pode-se afirmar que a coalização intelectual montada para a criação e manutenção do *SLMG*, em seu primeiro momento, foi formada por membros representativos das três gerações.

De uma forma geral, nos dados contidos na primeira e segunda colunas, que demarcam a recorrência mais efêmera das publicações, entre 1 a 10 textos,<sup>143</sup> notamos uma quantidade muito mais ampla de nomes que no *SLMG* tiveram seus trabalhos publicados. Outro dado importante, que contrasta com as demais colunas, principalmente quando notamos o movimento horizontal do aumento do número de publicações, está no fato de que são nessas contribuições efêmeras, ou epifenomênicas, que temos um número expressivo de autores variados do mundo da cultura. Nesse sentido, é perceptível uma variedade muito grande de escritores de diversas localidades brasileiras, de norte a sul do país, incluindo, também, alguns nomes estrangeiros.

Javier Villafañe, um poeta e escritor argentino, por exemplo, teve 9 de seus poemas publicados no *SLMG*, quase todos eles traduzidos por Laís Corrêa de Araújo, especialmente para o caderno, nos anos de 1969, 1970 e 1973.<sup>144</sup>

Para a pesquisadora Haydée Ribeiro Coelho, em seus estudos sobre o lugar do *SLMG* ocupado em relação ao contexto latino-americano,

(...) a interlocução entre o Brasil e os países hispano-americanos ocorreu de várias maneiras nos anos 60 e 70. O Suplemento Literário do *Minas Gerais* (cuja primeira edição data de 1966), buscava romper o isolamento do Brasil em relação aos demais países da América Latina, publicando literatura e crítica hispano-americanas (COELHO, 2007, p. 120).

Outro importante trabalho realizado por Coelho encontra-se na organização do livro *A América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais – mapas críticos, anos 60 e meados de 70*, publicado no ano de 2009, junto com professora Júnia Lessa França, pela Faculdade de Letras da UFMG. Ele é resultado de um levantamento de textos publicados no periódico mineiro entre os anos de 1967 e 1975, o que proporcionou a seleção e apresentação de uma coletânea de textos publicados por brasileiros sobre os escritores latino-americanos, e vice-versa.

Segundo as pesquisadoras, foram selecionados

---

143 Como “texto” estamos considerando produções que tenham as formas verbais como meio de expressão, dentre elas os gêneros ensaio, conto, crônica, poesia, entrevista, dentre outros, que os distinguem de outras formas textuais como, por exemplo, o visual ou o imagético.

144 Foram publicados no *SLMG* “Conto II”, “A solitária”, “O chapéu de pele”, “A barata” (1969); “A carta”, “O audífono”, “Os gatos e o homem da família”, “A jaula” (1970, com tradução de Carlos Roberto Pellegrino) e “A bem da poesia” (1973).

(...) textos críticos que tornaram possível mostrar a interlocução entre o Brasil e os países hispano-americanos o que culminou na escolha de estudo de autores da literatura hispano-americana realizado por críticos brasileiros e aquele de escritores hispano-americanos sobre autores brasileiros; abordagem de críticos hispano-americanos sobre a literatura produzida em seu país de origem; a divulgação de antologias de textos literários latino-americanos e, ainda, reflexões sobre a América Latina (COELHO; FRANÇA, 2009, p. 16).<sup>145</sup>

Contudo, o que percebemos é uma predominância da recepção brasileira aos textos de escritores e ensaístas hispano-americanos por brasileiros, nas páginas do *SLMG*, e uma pequena abordagem ou recepção inversa, o que demarca uma assimetria nessa dinâmica, ponto esse não relativizado no tratamento dos textos levantados pelas pesquisadoras. Por exemplo, os textos de brasileiros sobre hispano-americanos abarcam escritores como Alfonso Reyes, Vicente Huidobro, Vargas Llosa, Pablo Neruda, Miguel Ángel Asturias, Carlos Fuentes, Jorge Luís Borges, Severo Sarduy, Rubén Darío, José Gómez Sicre, Fernando Vallejo, Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Octávio Paz, Alejo Carpentier, Eduardo Galeano, Leopoldo Marechal, dentre outros, ao passo que os estudos sobre a produção brasileira praticamente resume-se aos trabalhos de Henriqueta Lisboa, Carlos Drummond de Andrade e Castro Alves. Esse, em um estudo comparativo com Rubén Darío, feito por Joel Pontes. Para além desses, verificamos um estudo também comparativo de Bella Josef entre romance brasileiro e o “íbero-americano na atualidade” e um outro sobre os novos contistas brasileiros, feito por Miguel Donoso Pareja.

Voltemos, contudo, para o nosso levantamento exposto na tabela 1. A diversidade de publicações pode ser medida também pela quantidade de escritores de diferentes localidades que encontraram um lugar de publicação nas páginas do *SLMG*. Uma rápida olhada nas duas primeiras colunas nos mostra uma mescla considerável de nomes como, por exemplo, José J. Veiga (GO), Guimarães Rosa (MG), Mário Quintana (RS), Samuel Rawet (DF),<sup>146</sup> Adélia Prado (MG), Nélida Piñon (RJ), Luiz Vilela (MG), Dantas Motta (MG), José Guilherme Merquior (RJ), Antônio

<sup>145</sup> Sobre o *SLMG* como uma publicação que apresentou uma “diversidade de sistemas literários”, Cf. COELHO, 2003/2004.

<sup>146</sup> Samuel Rawet nasceu na Polônia, em 1929, e faleceu em Brasília, em 1984. Foi contista, dramaturgo, ensaísta e engenheiro. Filho de uma família judaica, veio para o Brasil em 1936, trazido por seus pais. Passou o restante de sua infância e adolescência nos subúrbios do Rio de Janeiro, nos bairros de Ramos e Olaria. Tendo se formado em engenharia, participou, como calculista, das obras de construção de Brasília, onde fixou residência.



Houaiss (RJ), Bernardo Guimarães (MG), Lúcio Cardoso (MG), enfim, um hibridismo muito grande de escritores e intelectuais com produções bem diferentes entre si, mas que, de uma forma geral, conseguiram algum espaço para publicação de seus textos.

Outro ponto que merece ser mencionado diz respeito a ampla rede de contatos, trocas e contribuições que pode ser percebida a partir dessa confluência de escritores e intelectuais nas páginas do *SLMG*. Mais do que uma preocupação em remontar uma noção de campo de atuação intelectual, como propôs Pierre Bourdieu, acreditamos que observar a montagem do caderno em uma forma de rede, como nos ensina Bruno Latour, acrescenta à dinâmica de seu funcionamento uma característica central para a compreensão de seu funcionamento. Para o sociólogo, “nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível do que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destes histórias confusas” (LATOUR, 1994, p. 9).

Ainda segundo Latour,

(...) de duas coisas uma: ou as redes de desdobramentos realmente não existem, e os críticos fazem bem em marginalizar os estudos sobre as ciências ou separá-las em três conjuntos distintos – fatos, poder, discurso –, ou então as redes são tal como as descrevemos, e atravessam a fronteira entre os grandes feudos da crítica – não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discurso, sendo ao mesmo tempo reais, e coletivas, e discursivas (LATOUR, 1994, p. 11-12).

A ideia de redes como coletividade, conforme demarcado por Latour, é o sentido que mais nos interessa de perto, o que não nos leva a desconsiderar as dimensões de realidade e de discursividade das mesmas. Esse sentido coletivo, por se tratar de uma publicação de natureza híbrida e fluida, reforça a ideia de que o *SLMG* é um empreendimento exemplar que se caracteriza por uma montagem em rede. Mesmo ainda não usual nos anos de 1960, sua estruturação nos faz lembrar algumas discussões que, na contemporaneidade, utilizam-se das ideias de transdisciplinaridade.

Se, por um lado, podemos afirmar que o mapeamento das contribuições mais efêmeras ou epifenomênicas, como dissemos mais acima, nos ajudam na construção de um sentido de funcionamento da publicação do *SLMG* como e a partir

de uma rede de contatos, interesses e apoios recíprocos, a troca de cartas entre alguns escritores e a redação do caderno, principalmente na figura de Murilo Rubião, nos oferece um emaranhado de fontes que reforçam a organização em rede do trabalho com a publicação.

José J. Veiga, do Rio de Janeiro, envia duas cartas para Murilo Rubião, nos anos de 1967 e 1969, em que são indicativas de algumas estratégias utilizadas pelo *SLMG* no que diz respeito a captação de contribuições textuais e dinâmica de acionamento de uma rede de comunicação entre o caderno e os escritores disponíveis para a ele darem o seu apoio:

Rio, 2 de janeiro de 1967  
 Meu caro Murilo Rubião,  
 Seguem os recibos assinados. Recebi sim o Suplemento. O conto ficou muito bonito. Obrigado pelo cuidado.<sup>147</sup>  
 Há cerca de duas semanas mandei-lhe meu novo livro pelo Civilização, mas desconfio que ainda não o despacharam. Vou verificar hoje.  
 (...)  
 Obrigado mais uma vez, e aceite um abraço de  
 J. Veiga.

Vale destacar um ponto importante manifestado nessa carta que diz respeito ao pagamento conferido às publicações feitas no *SLMG*, uma questão que também nos é indicativa dos interesses, para além do prestígio simbólico e de divulgação da produção, que moviam os escritores na busca do caderno como um lugar para a publicação de seus trabalhos.

Sobre esse aspecto, o escritor e jornalista Humberto Werneck<sup>148</sup> narra uma história em que ele teria sido escalado por Murilo Rubião para pedir por colaborações e uma entrevista<sup>149</sup> para a escritora Clarice Lispector, quando ela esteve em visita a cidade de Belo Horizonte. Segundo Werneck, a escritora teria o

147 Pela referência da data da carta e das poucas publicações de Veiga no *SLMG*, é possível que ele estivesse se referindo ao conto “Domingo de festa”, publicado em novembro de 1967, número 63, que foi ilustrado por um desenho do já consagrado artista plástico Álvaro Apocalipse.

148 Depoimento em vídeo publicado no *site* da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, para o programa “Memória & Poder”, em 18 de fevereiro de 2017, intitulado “Literatura: Humberto Werneck”. Disponível no endereço: [https://www.almg.gov.br/acompanhe/tv\\_assembleia/videos/index.html?idVideo=1122735&cat=87](https://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=1122735&cat=87) (Acessado em: mai. 2018).

149 A entrevista com a escritora, única, foi publicada no *SLMG* em setembro de 1968, em seu número 109, sob o título “A literatura, segundo Clarice”. Nas duas páginas ocupadas por ela, foram também publicadas duas fotografias em que aparecem o jornalista, Humberto Werneck, ao lado de Lispector, acompanhado de outros escritores, alguns membros da redação do caderno, em uma espécie de entrevista coletiva com a escritora.

interpelado sobre se o *SLMG* pagava pelas publicações. Para ele, era um “ponto de honra” para Murilo Rubião o pagamento pelas contribuições, mesmo que uma quantia não tão significativa.<sup>150</sup>

Para Márcio Sampaio, quando perguntado sobre como funcionou essa questão do pagamento, tanto para os colaboradores quanto para os que trabalhavam diretamente na redação do *SLMG*, ele assim nos informou:

(...) as matérias publicadas seriam pagas, uma coisa que o Murilo pôs como regra mesmo. (...) seria um pro-labore, um cachezinho, né? Mas era uma coisa pequena, mas era muito bom, principalmente para os artistas plásticos e para os poetas, que nunca tinham recebido nada para publicar e naqueles primeiros momentos saía o Suplemento, o Murilo fazia o relatório financeiro, recebia na Tesouraria da Imprensa o dinheiro dos pagamentos de direitos autorais, os cachês de escritores e colunistas e tudo mais. O Murilo me dava o dinheiro, eu punha nos envelopes com o nome de cada um, com o valor de cada um, punha no bolso do paletó, que a gente trabalhava de paletó.<sup>151</sup>

Em outra carta enviada há cerca de dois anos depois, notamos que essas questões aparecem mescladas nos dizeres de Veiga, não sendo possível uma separação clara entre o simbólico e o econômico. Nota-se, nesse sentido, os termos usados pelo escritor para qualificar o caderno, ao mesmo tempo a sua gratidão e envolvimento (com a escrita de um conto inédito)<sup>152</sup> pelo e no convite para a participação do número especial organizado em comemoração do terceiro aniversário do *SLMG*:

Rio, 12 de março de 1969  
 Prezado Murilo Rubião,  
 Distinguido com a honra de um convite para colaborar no número de aniversário do Suplemento do “Minas Gerais”, escrevi o conto que aí vai, especialmente para o Suplemento. (os que eu tinha prontamente ou eram longos demais para jornal, ou não estavam ainda suficientemente resolvidos). Não é preciso dizer que se você não o considerar à altura de ocasião tão importante, como é a comemoração do terceiro aniversário do nosso importantíssimo Suplemento, pode recusá-lo tranquilamente.  
 Agradeço a honra do convite, e também a remessa regular do Suplemento.  
 Um abraço do admirador,

150 Segundo Werneck, o pagamento por contribuições ao *SLMG* era de “dez dinheiros”, que ele não soube melhor precisar, mas que pôde ser mensurado a partir da relação com o que ele ganhava à época, que eram “400 dinheiros”. Para ele, “não era grande coisa”. Cf. nota 190.

151 SAMPAIO, 20016. Entrevista cedida ao autor.

152 Em comemoração ao terceiro aniversário do *SLMG*, foram organizados quatro cadernos, lançados como números 156, 157, 158 e 159. O conto mencionado por José J. Veiga foi publicado sob o título de “Reversão” e publicado no segundo caderno, ocupando toda a página sete, com ilustração da artista plástica Anamélia.

José J. Veiga

Samuel Rawet também envia uma carta para Rubião agradecendo-o pela inclusão de um conto seu em um número de aniversário, o primeiro, do *SLMG*. Novamente percebemos uma resposta a um convite, por parte do caderno, para que um escritor com ele contribuísse com um trabalho para a composição de um volume especial:

Guanabara, 7 de junho de 1967

Prezado amigo Rubião.

Recebi sua carta de 23 de Maio. Obrigado pela inclusão de meu nome entre os colaboradores do número especial dedicado ao primeiro aniversário do Suplemento. Agradeço também a remessa constante dos últimos números. Muito bons. Magnífica a ideia de traduzir alguns poemas de Nelly Sachs.

Submento à sua apreciação o conto "O crime Perfeito".<sup>153</sup>

Um grande abraço,

Samuel Rawet.

Também do Rio de Janeiro, a escritora Nélida Piñon enviou uma carta para Rubião por ocasião do convite feito a ela para que colaborasse no número especial de segundo aniversário do *SLMG*, publicado em setembro de 1968:

Rio, 12-10-68

Murilo, querido amigo

fiquei muito feliz com sua carta, especialmente pelo "flor da nossa ficção". Que beleza, tinha mesmo que vir das Minas Gerais, a terra brasileira mais fundo no meu coração.

Não se preocupe quanto ao que aconteceu ao conto, logo corrigido na edição comum. Estas coisas são assim mesmo. O importante é que o Suplemento de Aniversário foi uma beleza, do mais alto nível. Orgulhei-me de figurar entre seus pares.<sup>154</sup> Logo que me organize melhor, envio-lhe trabalho inédito. Abrace Laís, Afonso e todos. O abraço sempre amigo da sua

153 O conto foi publicado no referido caderno especial de primeiro aniversário, publicado em setembro de 1967, em seu número 53.

154 Para esse número, foi organizado um caderno com 28 páginas onde foram reunidos uma quantidade significativa de nomes representantes de várias áreas do conhecimento, desde o âmbito literário quanto ao ensaístico e historiográfico. Publicaram nesse número Emílio Moura, Rui Mourão, Laís Corrêa de Araújo, Henriqueta Lisboa, Antonio Candido, Carlos Drummond de Andrade, Samuel Rawet, José Geraldo Vieira, Luiz Costa Lima, Affonso Ávila, Autran Dourado, Marco Aurélio Matos, Tristão de Athayde, Libério Neves, Murilo Rubião, Nelly Novaes Coelho, Bueno de Rivera, Fábio Lucas, Osman Lins, Luiz Vilela, Eugênio Gomes, Francisco Iglésias, Maria Alice Barroso, Humberto Werneck, Ayres da Mata Machado Filho, Eliane Zagury, Sebastião Nunes e Lucy Teixeira. No campo das artes plásticas, houve a participação de ilustradores como, por exemplo, Márcio Sampaio, Madu, Terezinha Veloso, José Márcio Brandão, Álvaro Apocalipse, Jonas Bloch, dentre outros. Para uma apresentação panorâmica e introdutória da produção das artes plásticas em Minas, e sua importância em âmbito nacional, Cf. RIBEIRO, 2013.

Nélida Piñon<sup>155</sup>

Para além da dinâmica que marcaram os pedidos, como demonstrados nas cartas acima, para colaborações para os cadernos especiais, vejamos dois exemplos que nos dão alguns elementos sobre as respostas de colaboradores e os ecos de pedidos de avaliação do *SLMG* por parte de Murilo Rubião.

Guimarães Rosa, em 9 de agosto de 1967, do Rio de Janeiro, assim se dirige a Murilo Rubião:

Oh Murilo Rubião!

Perdoe-me, muito, o atraso em responder à sua, de 22 de maio. E, mais, não poder trazer artigo ou conto à Comissão de Redação. Debato-me. Nada sai. Os astros desajudam-me. Os tempos são de aspereza. E eu mesmo me culpo quase de ingratidão; porque o contentamento e interesse que tenho, de receber o SUPLEMENTO, são para mim de verdade. Acho-o sem falhas. Digo que está redondamente – esplendidamente – expressando a literatura de Minas, a cultura. Pode alguém, sem susto e protesto, imaginar que acaso ele viesse, por infortúnio, a desaparecer?! Nem mesmo compreendo que não tivesse havido antes esse mensageiro da altura. Parabéns, pois, aos brados. Deus o mantenha sempre! – para alegrar-nos e orgulhar-nos e nos enriquecer.

Obrigado, vezes e vezes. Com o fraternal abraço do seu,  
Guimarães Rosa

De São Paulo, datada do dia 2 de junho de 1967, o poeta concretista e crítico literário Haroldo de Campos também envia as suas opiniões sobre o *SLMG*, assim como algumas ideias para um possível número especial:

Meu caro Murilo Rubião:

Muito obrigado por sua carta-convite de 23.5. Gostaria de saber se caberia no projeto do número especial em organização a publicação de uma página-fragmento inédita de minha prosa em progresso GALÁXIAS, precedida de uma nota minha sobre este meu trabalho em andamento e sua concepção. Seria então minha colaboração para o número de aniversário.<sup>156</sup> A nota, que poderia ter de 2 a 3 pgs., esboçaria uma teoria da prosa. Quanto à minha opinião sobre o Suplemento, lá vai: Considero o Suplemento Literário MINAS GERAIS, dirigido por Murilo Rubião com a colaboração de

155 O conto referido e publicado pela escritora no *SLMG* foi intitulado “O novo reino”.

156 Haroldo de Campos menciona o número especial que estava sendo organizado em comemoração ao primeiro ano de existência do *SLMG*, que foi lançado dia 02 de setembro de 1967, edição 53. Nele, encontramos o artigo intitulado “Bastidor para um texto em progresso”, com subtítulo “De um livro de ensaios – Galáxias”. Curioso perceber, por exemplo, que os bastidores para a fabricação da edição especial já estava sendo pensada, pelo menos, desde o mês de maio daquele ano, data informada por Campos em sua carta resposta. Outra informação curiosa diz respeito ao fato do livro de Campos ser um projeto experimental que vinha sendo escrito desde o ano de 1963, que consta em sua biografia ter sido terminado em 1976, mas publicado apenas em 1984. Esse detalhe sugere um ineditismo na publicação do seu texto, o que também concorre para a valorização das páginas do *SLMG*.

intelectuais como Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, uma iniciativa de vanguarda, destinada a projetar-se – como já se projetou – para além das fronteiras de seu Estado de origem e a contribuir positivamente para a manutenção da vida do espírito num momento em que nos é mais do que nunca importante pensar e repensar, contra obscurantismos e inércias, o homem brasileiro moderno. Queira aceitar os meus mais amistosos cumprimentos,  
Haroldo de Campos

Avancemos, contudo, em algumas questões que envolvem os dados inseridos na tabela 1.

### **3.2. Alguns colaboradores, publicações recorrentes**

Ao caminharmos das colunas da esquerda para a direita, já nos foi possível notar algumas recorrências sobre as formas de agenciamento dos colaboradores e algumas estratégias lançadas pelos membros da equipe de redação do *SLMG*, principalmente Murilo Rubião, nos anos iniciais do caderno.

Ao focalizarmos a coluna 3, que demarcam a recorrência de contribuições dentro de um universo entre 11 a 20 textos, percebemos que elas obedecem a mesma lógica daquelas situações em que esse número foi menor (publicações de 1 a 10 textos), localizadas nas duas primeiras colunas. Mesmo ao apresentar um número relativo (por colaboradores) maior do que as anteriores, notamos que as publicações desse volume também se mantinham com certa efemeridade e fluidez. Contudo, começa a ser possível notar alguns elementos que demarcam aspectos de continuidade de pesquisas ou ensaios temáticos de alguns dos principais nomes, que encontraram no *SLMG* um importante lugar para publicação de sua produção.

A partir da coluna 3, destacamos alguns nomes que julgamos mais significativos, para que seja possível montarmos um pequeno mapa das contribuições mais expressivas, dentro dessa lógica de autores que marcaram uma relativa presença nas páginas do *SLMG*.

José Márcio Penido fez parte da primeira equipe de jovens jornalistas e escritores do *SLMG*. Contudo, sua produção foi pequena, uma vez que ele foi um dos primeiros integrantes do caderno a deixá-lo em direção ao estado de São Paulo, em resposta aos convites que eram frequentemente feitos aos belo-horizontinos para trabalharem fora da capital mineira. Ao todo, sua produção alcançou a marca

de 15 publicações, entre contos, jornalismo literário, traduções, reportagens com escritores (algo como entrevistas) e, no ano de 1971, jornalismo informativo sobre o mundo das artes plásticas, cinema e música. Sua atuação acabou por se diferir, contudo, de outros nomes que assumiram por um tempo mais longo as funções no *SLMG*, a exemplo de Márcio Sampaio, Laís Corrêa de Araújo ou Luiz Gonzaga Vieira, mesmo esse não sendo um funcionário do caderno, mas um colaboracionista assíduo.

Segundo Humberto Werneck, um dos jovens jornalistas que também trocou a redação do *SLMG* com destino a São Paulo, desde a segunda metade do ano de 1965 já havia uma quantidade significativa de belo-horizontinos na composição do paulistano *Jornal da Tarde*. Seu editor “arrebanhou um time de que fizeram parte, entre outros, Ivan Angelo, Carmo Chagas, Moisés Rabinovici, Flávio Márcio, Kleber de Almeida e Luciano Ornelas”.

Aos poucos, muitos outros mineiros haveriam de somar-se àquele time – e nem poderia ser diferente. Quando se abria uma vaga na redação, os montanhese vasculhavam a memória em busca de quem pudesse preenchê-la – e como a maioria de seus conhecidos estava em Belo Horizonte, era lá que se ia buscar reposição. Assim vieram, por exemplo, não sei em que ordem de chegada, Fernando Morais, Gilberto Mansur, Marco Antônio de Menezes, Marco Antônio de Rezende e, no mesmo ônibus da Cometa, em maio de 1968, Nirlando Beirão e José Márcio Penido. Também em 1968, na esteira de prêmios literários, veio uma revelação da ficção nacional, Luiz Vilela, mineiro de Ituiutaba. Não esquentou lugar, mas recolheu inspiração para um romance cujo título já dá conta das impressões do autor: *O Inferno É Aqui Mesmo*, de 1979.<sup>157</sup>

Wilson Castelo Branco contribuiu com um universo de aproximadamente 20 textos, entre ensaios, resenhas e “críticas e interpretações”<sup>158</sup>, não chegando a se estabelecer como parte do grupo da redação do *SLMG* nas duas primeiras décadas do caderno, mas ocupou o posto de diretor da publicação a partir do ano de 1976, permanecendo em seu comando até o ano de 1982. Essa dado é curioso, uma vez que será exatamente nesse período que teremos algumas mudanças significativas no formato e sentido do caderno, recorte que não contemplaremos nesta pesquisa,

157 WERNECK, Humberto. “O meu ‘Jornal da Tarde’”, 2013. *Observatório da Imprensa*. Disponível em:

[http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/\\_ed748\\_o\\_meu\\_jornal\\_da\\_tarde/](http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed748_o_meu_jornal_da_tarde/) (Acessado em: mai. 2018).

158 São sob essas marcações que o arquivo digital do *SLMG* classificou o trabalho feito por Branco em sua seção “Assunto”.

mas que chamam a atenção pelo esvaziamento praticamente completo da redação do *SLMG* dos principais nomes das duas gerações as quais estamos analisando.<sup>159</sup>

Outra presença que nos chama a atenção é do professor e intelectual português Manuel Rodrigues Lapa. Personagem marcado por algumas controvérsias políticas e partidárias, ele chegou a ser preso em 1949, mas libertado após pagamento de fiança. Em 1954, segundo Tolentino (2006, p. 91), “viajou, juntamente com Miguel Torga e Adolfo Casais Monteiro para participar do Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo”:

Optou por vir para Brasil em 1957, lecionando em diversas universidades brasileiras como nos estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, na Universidade Federal de Minas Gerais, permaneceu por mais tempo, pois a partir de Belo Horizonte poderia se deslocar com mais facilidade para realizar suas pesquisas nas cidades históricas. Além disso, realizou grande parte das pesquisas no Arquivo Público Mineiro. Foram seus alunos Affonso Romano de Sant’Anna, Heitor Martins, Ivana Versiani, Silvano Santiago, Terezinha Alves Pereira (TOLENTINO, 2006, p. 91).

Dentro do recorte temporal que estabelecemos para esta pesquisa, encontramos uma quantidade expressiva de 20 textos publicados no *SLMG*, distribuídos como ensaios, “crítica e interpretação”, resultados de pesquisas históricas, apontamentos sobre a literatura brasileira, dentre outros temas que lhe interessaram, principalmente em relação à cultura mineira.<sup>160</sup>

Em 1975, dois cadernos especiais são organizados sobre a sua importância como pesquisador e sobre os resultados de suas investigações, ressaltando-se, dentre outras questões, as relações entre Brasil e Portugal no tempo.<sup>161</sup> Ambos foram coordenados pelo escritor e crítico literário Rui Mourão, nos números 443 e 444. Ou seja, a amplitude de sua presença no *SLMG* acabou por se dar em uma via de mão dupla: como colaborador e tema de publicações especiais.

---

159 Sobre a participação de Wilson Castelo Branco junto a equipe que se formou, nos anos 1950, para o assessoramento do governador Juscelino Kubitschek, Cf. nota 183 desta tese. Werneck (1994) comenta rapidamente sobre a sua passagem no jornal *Estado de Minas*, mas sem dar maiores detalhes de sua trajetória como jornalista.

160 Para uma abordagem mais detalhada sobre os trabalhos feitos por Lapa em relação, principalmente, à cultura mineira dos séculos XVII e XVIII, Cf. TOLENTINO, 2006.

161 Segundo Tolentino (2006, p. 93), “a figura do professor português, que vai se delineando nos textos do *Suplemento Literário*, contribui para se tentar entender a relação que o brasileiro e o português mantêm. Relação essa que, apesar de acontecer num período pós-colonial ainda traz resíduos de um tempo em que imperava a hierarquia, conduzida por uma visão colonizador/colonizado, centro/periferia”.



Sobre a sua importância em terras brasileiras, Rui Mourão assim escreveu em sua apresentação de Lapa no caderno especial:

Rodrigues Lapa não é apenas um português que, interessado em rastrear o passado lusitano no Brasil, tenha contribuído para a elucidação de aspectos fundamentais de nossa história. Ele é o amigo que por muitos anos adotou a nossa terra, aprendeu a admirar o nosso povo e soube contribuir, com o exemplo do trabalho esclarecido em Faculdades de Letras, para a modernização do nosso ensino (MOURÃO, 1975, p. 2).

Outro nome por nós escolhido é o do mineiro, de Belo Horizonte, Paulo Mendes Campos. O escritor teve uma participação no *SLMG* similar a que ocorreu no caso de Lapa, ou seja, o autor também foi colaborador e tema de um caderno espacial, organizado em sua homenagem.<sup>162</sup> Suas publicações somam um volume de 15 textos, entre fragmentos de suas obras, poemas, ensaios críticos, traduções, depoimentos e uma entrevista com o escritor Marques Rebêlo, intitulada “Um escritor olha o mundo”.<sup>163</sup>

Para além das contribuições mencionadas, em 1966 Campos foi entrevistado por Zilah Corrêa de Araújo para a confecção de um depoimento sobre o seu pai, o escritor e médico Mário Mendes Campos,<sup>164</sup> para uma curiosa série de depoimentos colhidos por ela sobre escritores já consagrados ou atuaram ou mesmo estrearam na primeira metade do século XX, mas feitos por uma via indireta, como nesse caso.

Em um texto intitulado “Um conto em 26 anos”, algo como um escrito memorialista e sentimental sobre a sua participação no Primeiro Encontro de Escritores, realizado em São Paulo no ano de 1945, assim Campos se refere a sua inserção e a dos intelectuais mineiros no evento:

Foi em 1945. Realizava-se em São Paulo, em fevereiro, o primeiro congresso brasileiro de escritores. A sério. Tratava-se antes de tudo (como foi feito) de rasgar no dente a mordança do Estado novo, com uma declaração de princípios contra a ditadura. Carlos Lacerda e Caio Prado Júnior brilhavam nos debates. Oswald de Andrade, centrando seu veneno contra a burguesia argentária, reassumia um jeito doce de tratar os amigos. Mário de Andrade, que ia ser fulminado de angina pouco depois, pairava em serenidade de misteriosas previsões. Sérgio Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes bebiam cerveja e cantavam até o raiar da aurora ou mais, aquele

162 O caderno em questão foi publicado no ano de 1971, n. 261, sob o título “Paulo Mendes Campos, o poeta em verso e prosa”.

163 A entrevista foi publicada no *SLMG* de número 66, p. 3, dez. 1967.

164 Mário Mendes Campos publicou as obras “Flâmulas” (1914, poesia), “Stalactites” (1916, poesia), “Ruben Darío e o modernismo Hispano-Americano” (1967), “Castro Alves: glória e via-sacra do Gênio” (1973), além de publicar em revistas e jornais.

samba de Noel: Você me pediu cem mil-réis. Chico ainda não sabia falar. Nós, os mineiros, que vexame! (CAMPOS, *SLMG*, n. 261, 1971, p. 3).

O texto é acompanhado de uma fotografia em que estavam presentes, no ano de 1948, nas escadarias da Igreja São José, em Belo Horizonte, Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e João Dornas Filho. Essa referência, assim como a imagem agregada a ela, são importantes elementos demarcadores da presença de uma geração de escritores que já atuavam no meio intelectual da capital mineira, assim como no âmbito nacional, e que, na década de 1960, atuariam como colaboradores e apoiadores do projeto do *SLMG*. Todos, sem exceção, mesmo que de forma tímida (no caso de Otto Lara Resende), estiveram presentes nas páginas do caderno, tanto como colaboradores ou temas de discussão, quanto pela produção intelectual ou por suas trajetórias.

Por fim, destacamos a atuação do professor e crítico literário Antonio Candido. Colaborador com 13 textos para o *SLMG*, em sua grande maioria ensaios de crítica literária, sua participação esteve presente em momentos importantes da história do caderno, uma vez que foram publicados contribuições suas em cadernos especiais, geralmente temáticos, com extensões textuais de tamanhos consideráveis. Essa questão, aliás, fica evidente em uma carta enviada por Candido a Rubião, no ano de 1969, em que ele comenta sobre a viabilidade de se publicar algo mais extenso nas páginas do *SLMG*:

Poços de Caldas, 8 de julho de 1969

Meu caro Murilo:

Chegando de Curitiba, onde lamentei muito não vê-lo, e onde a sua presença fora anunciada, encontrei o seu telegrama. Com a avalanche dos contos, não tinha mesmo achado um meio de escrever o artigo prometido, e isto estava me aborrecendo. Agarrei a sua sugestão e, chegando a Poços sábado, logo tratei de copiar o original do texto que você sugeriu, através da tradução inglesa, que saiu com alguns cortes e modificações. Relendo, acho que é uma longa xaropada, que para estrangeiro funciona, mas que para brasileiro tem pouco interesse. E é longo demais para o Suplemento, não acha? Em todo o caso, se lhe parecer adequado, para mim é uma honra.

Fico por aqui durante todo o mês de julho, com uma escapada a São Paulo de 17 a 20. Se precisar, escreva-se para o endereço abaixo.

Abraço afetuoso do

Antonio Candido<sup>165</sup>

165 Ao fim da carta, lemos o seguinte comentário de Candido: "PS.: A nota ao pé da pag. 1 tem por finalidade explicar ao leitor brasileiro que certas coisas óbvias, e certa maneira explicativa, são devidas ao fato do estudo ser destinado ao público estrangeiro jejuno. Se v. achar que não convém declarar que se trata de uma reprodução (embora só tenha sido divulgado em inglês), pode reduzir a nota ao seguinte: 'Este estudo é o texto de uma conferência feita no estrangeiro,

O texto em questão foi publicado no *SLMG*, sob o título de “Literatura e consciência nacional”, em seu número 158, de setembro de 1969. Ao que nos parece, o mesmo não sofreu nenhum corte, como sugerido como possibilidade por Candido, uma vez que ele foi distribuído em 4 páginas no caderno organizado. Ao final do texto, como também sugerido pela carta, foi incluída uma nota explicativa contendo exatamente as recomendações de Candido sobre a natureza do estudo, em seu formato reduzido como mencionado ao final.

Em outra carta, datada de junho de 1968, encontramos Candido agradecendo pelo convite feito por Rubião para que ele fizesse parte de uma edição especial do *SLMG*, de número 106, de setembro de 1968, em comemoração ao segundo aniversário do caderno. Para ele, o escritor enviou um ensaio intitulado “O ritmo do mundo”, publicado em uma página inteira com três colunas verticais:

São Paulo, 11 de junho de 1938<sup>166</sup>

Caro Murilo:

Só agora recebi a sua carta de 3 de abril, pois acabo de chegar dos Estados Unidos, onde estive quatro meses. Agradeço o convite para colaborar, que é uma honra. Tomei um estudo longo sobre Basílio da Gama, que deveria servir de introdução a uma edição universitária do Uruguai, tirei um pedaço coerente e mando anexo. Rigorosamente inédito, pois a tal edição morreu nas pedras e a introdução na gaveta. Pode, portanto, juntar sem medo o Especial para o Suplemento. É claro que se acharam muito pesado e inadequado, não precisam publicar...

Espero que chegue em tempo e aproveito para mandar o velho abraço amigo.

Antonio Candido

Novamente, temos presente a preocupação do escritor com a natureza de seu texto e o seu tamanho, que podemos inferir pela passagem em que ele se referiu ao mesmo como “pesado e inadequado”. Contudo, essa questão nos sugere que, mesmo que os textos pudessem carregar essas marcas do universo da escrita acadêmica, a pronta aceitação por parte de Rubião às suas colaborações é indicativa do alto prestígio intelectual que Candido possuía no *SLMG* e ao seu diretor. Vale ressaltar, outrossim, que a carta se apresenta como uma resposta a um

---

com tema preestabelecido, para ouvintes estrangeiros com pouco conhecimento das nossas coisas. Daí certas formulações elementares e o fato de constar ideias já exploradas em outros escritos do autor”.

166 Pela data da publicação do texto no *SLMG*, setembro de 1968, essa data presente na carta de Candido foi um simples erro de datilografia.

convite do próprio Rubião sobre o envio de uma colaboração para o caderno especial.<sup>167</sup>

Outro dado curioso diz respeito as abordagens de Candido sobre o escritor mineiro Guimarães Rosa. Dentro do universo de textos escritos para o *SLMG*, em 1967, para o seu número 65, foi organizado um caderno especial intitulado “Guimarães Rosa: sua hora e vez”.<sup>168</sup> Nele, foi publicado um texto de Candido intitulado “O Sertão e o mundo”. Ao final, lemos que esse era um fragmento de um artigo publicado na “revista ‘Diálogos’, n. 8, novembro de 1957”. Mais adiante, já no ano de 1974, foram organizados outros três cadernos em homenagem a Guimarães Rosa e, no número 395, primeiro da trilogia, novamente apareceu o texto de Candido, mas agora em uma versão ampliada. Ao final, novamente lemos “(Revista ‘Diálogo’, n. 8, novembro de 1957, São Paulo)”.<sup>169</sup>

Enfim, também é possível perceber nas páginas do *SLMG* que a receptividade da produção acadêmica de Candido teve uma boa acolhida.<sup>170</sup> Em dois momentos distintos, e partindo de autores diferentes, obras do crítico foram bastante elogiadas como, por exemplo, em “A função social da obra de arte” (n. 84, abr. 1968), de Laís Corrêa de Araújo, em resenha ao recém lançado livro “Literatura e Sociedade” ou em “Vários escritos”, resenha do historiador Francisco Iglésias, para o livro homônimo (n. 232, fev. 1971).<sup>171</sup>

---

167 Curiosamente, encontraremos o mesmo texto republicado nas páginas do *SLMG*, em setembro de 1969, n. 174, mas com uma nova indicação, ao final do texto: “(In *Formação da Literatura Brasileira*, ps. 133-136)”.

168 Abordaremos mais detidamente esse caderno no Capítulo 6 desta tese, no subitem 6.2.

169 Os outros temas explorados por Candido nas páginas do *SLMG* nos sugerem que o escritor esteve ligado a uma produção voltada para questões concernentes à literatura mineira. Dentre os seus ensaios, destacamos os títulos, para além da abordagem de Guimarães Rosa: “A formação barroca de Cláudio Manoel da Costa” (1967), “Alvarenga Peixoto” (1969), “O contador de casos Bernardo Guimarães” (1970) e “O problema das cartas chilenas” (1975).

170 Vale destacar que, até o presente momento, não há trabalhos que tenham se interessado pela recepção ou presença de alguns dos principais nomes da intelectualidade brasileiras nas páginas do *SLMG*. Um primeiro levantamento, mesmo que sumário, do volume de publicações presentes nas páginas do caderno já nos apresenta um instigante mapa da participação de alguns dos nomes mais proeminentes de nossa produção nacional. Trabalho esse, diga-se de passagem, que temos interesse em desenvolver no futuro.

171 Encontramos, contudo, uma pequena passagem em um texto de Rui Mourão, intitulado “Minas redescoberta” (n. 57, set. 1967), em que, ao analisar a obra de Affonso Ávila dedicada ao barroco mineiro, “Resíduos seiscentistas em Minas”, lançado em 1966, comenta a respeito das análises de Candido: “Uma total cegueira a esse respeito, por exemplo, condena basicamente um livro grande sob tantos aspectos como é o de Antonio Candido que, estudando a Formação da Literatura Brasileira, parte do arcadismo, como se o que veio antes fosse apenas uma folha em branco.”

### 3.3. Poucos colaboradores, publicações constantes

Por último, atentemos para as duas últimas colunas de nossa tabela 1, mantendo o sentido da esquerda para a direita. Nelas, encontramos os principais nomes que mantiveram uma contribuição frequente e diversificada, na maioria dos casos, com o *SLMG*. Apesar de se tratar de um grupo relativamente pequeno, não o abordaremos e aos seus membros em sua totalidade. Acreditamos, contudo, que a avaliação dos nomes mais representativos seja suficiente para nos dar algumas das principais características e estratégias mobilizadas pelo caderno para o seu funcionamento.

A princípio, notamos que os escritores e intelectuais tabelados nessas colunas podem ser divididos em três grupos, a partir dos seguintes critérios: 1) daqueles que ocuparam cargos, por assim dizer, na redação do *SLMG*, exercendo, então, a função como contratados ou funcionários do caderno. Seriam representantes desse grupo Márcio Sampaio, Laís Corrêa de Araújo, Carlos Roberto Pellegrino, Adão Ventura, Aires da Mata Machado Filho, Duílio Gomes, Humberto Werneck, Rui Mourão, Jaime Prado Gouvêa, Mário Garcia de Paiva e Libério Neves; 2) daqueles que eram frequentadores assíduos da redação do *SLMG* e mantinham uma ligação muito estreita de amizade com os seus principais membros, mas sem fazerem parte efetivamente de seu quadro. Desse grupo, teríamos Affonso Ávila, Francisco Iglésias, Emílio Moura, Bueno de Rivera, Fritz Teixeira de Salles e Sebastião Nunes;<sup>172</sup> 3) dos que se ligavam aos membros do caderno ou equipe por laços de amizade, por consideração ou por terem pertencido a mesma formação geracional, mas com a singularidade de não mais residirem em Belo Horizonte, sendo colaboradores do *SLMG* por convites de seus membros, por interesse pessoal ou estima pelo projeto, talvez por ele já ocupar um lugar de projeção cultural tanto em Minas, quanto fora do Estado. Como parte desse grupo, localizamos Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Sant'Anna, Luís Gonzaga Vieira,<sup>173</sup> Silvano Santigo,

---

172 A princípio, havíamos considerado a possibilidade de Eduardo Frieiro ter sido um dos intelectuais que constantemente frequentaram a redação do *SLMG*, mas, com o tempo, fomos percebendo que ele raríssimas vezes a visitou. Sobre isso, Gouvêa também nos confirma, em depoimento dado para esta pesquisa, não lembrar dele na redação do caderno.

173 Sérgio Sant'Anna e Luís Gonzaga Vieira são dois exemplos de escritores, contudo, que transitaram entre Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e no exterior. Abordaremos essas questões mais detidamente no desenrolar deste capítulo.

Affonso Romano de Sant'Anna, Henriquetta Lisboa, Fábio Lucas, Celina Ferreira, José Lobo, Benedito Nunes, Joaquim Branco, Lázaro Barreto, Heitor Martins e Nelly Novaes Coelho.

No que diz respeito a atuação do primeiro grupo de colaboradores/membros do *SLMG*, foi muito importante para esta pesquisa conseguirmos conversar e entrevistar alguns nomes que se dispuseram a nos dar seu depoimento e, sempre que possível, sanar algumas de nossas dúvidas sobre como teriam se dado as dinâmicas de colaboração ao caderno.<sup>174</sup>

Sobre esse ponto, Márcio Sampaio nos ofereceu uma primeira possibilidade de entendimento a partir da forma em que se deu a sua chegada à redação do *SLMG*, como ele foi pensado, como se deu o início de seu trabalho e publicação, dentre outras informações importantes para a nossa pesquisa. Ao ser perguntado sobre as funções que ele teria exercido no Suplemento, assim Sampaio nos informou:

Eu cheguei pra fazer a página de arte, a coluna de arte, artes plásticas, e tinha outros que iam fazer de teatro, de música, de... que mais? Cinema. E eu fui fazer e era encarregado de fazer entrevistas. Vinha um escritor aí e eu fazia entrevista, no início. Depois que entraram os outros aí essa função ficou por outros, pro Werneck, pro Pellegrino. Bom, enfim, eu fazia isso e naquela princípio era uma coisa muito artesanal e uma coisa que era importante é que as ilustrações, as matérias publicadas seriam pagas, uma coisa que o Murilo pôs como regra mesmo.<sup>175</sup>

Como informado pelo próprio entrevistado, as suas funções no caderno foram, desde o início, ligadas a escrita sobre as artes plásticas. Mesmo ocupando-se de outras funções, como entrevistador, ilustrador, colaborador como poeta, a parte mais considerável de suas contribuições foram feitas para a coluna fixa que carregou o nome de “Artes Plásticas”, criada em 1966 e mantida até meados da segunda metade da década de 1970.

Segundo Sampaio, sobre os tipos diferentes de colaboradores que enviavam textos para o *SLMG*, assim se dava a dinâmica das publicações, entre aqueles que eram fixos e os eventuais:

---

<sup>174</sup> Cf., ao final desta tese, na parte destinadas aos Anexos, a descrição feita pelo diagramador Lucas Raposo sobre o processo de produção do *SLMG*. Aproveitamos para, novamente, agradecer a gentileza e atenção demonstrada e pela produção do texto descritivo sobre a prática de fabricação do caderno.

<sup>175</sup> SAMPAIO, 2016. Depoimento cedido ao autor.

Os colaboradores, uns desistiam. Assim, não tinham muita... às vezes não entregavam... eu fui o único colunista que nunca deixei de escrever. Eu estava sempre lá, até nas férias eu já deixava as coisas prontas. Já no programa do Suplemento, tinha uma coluna de artes plásticas, uma de cinema, uma de teatro, já estabelecido. Essa de crítica literária como coluna da Laís. Isso era o programa do Suplemento, estabelecido. E agora, os colaboradores, que cuidavam das colunas, um escrevia, mas não escrevia para a outra semana, como era semanal, e eles não pertenciam à redação, eram só colaboradores. O único colunista que fazia parte da redação era eu.<sup>176</sup>

Especificamente no área de publicações sobre as artes plásticas, nas páginas do caderno, Sampaio ainda nos informa sobre a importância de outros colaboradores terem participado com publicações, mesmo que esporádicas.

Havia outros colaboradores que escreviam sobre artes plásticas, um deles, que foi muito importante para o Suplemento, que é o Roberto Pontual, que era um crítico do *Jornal do Brasil*, que de vez em quando mandava matéria pro Suplemento, matérias muito boas, mas eu mantive, enquanto estava lá, eu mantive a coluna.<sup>177</sup>

Curiosamente, o autor nos informa que, devido ao seu envolvimento com o trabalho como crítico de artes plásticas, o seu trabalho como artista, propriamente dito, ficou para segundo plano, o que conferiu a sua produção um volume menor do que desejado. Segundo nos informa, “eu era, na verdade, eu passei a ser percebido muito mais como crítico, mais do que artista. Por estar atuante na área da crítica, eu ficava um pouco por fora, até a minha produção é muito pequena”.<sup>178</sup>

De uma forma similar, o comentário a seu próprio respeito nos levou a uma questão, feita ao autor, sobre se o mesmo destino poderia ser atribuído à carreira de Rubião como escritor, imagem associada com frequência a sua pequena produção enquanto literato. Sobre isso, Sampaio nos diz que o escritor “poderia ter feito muito mais. A gente que frequentava ele, tanto em casa quanto na mesa de bar, nós ouvíamos os contos dele, ele ficava contando, contando, ia inventando, inventando e depois ele não conseguia escrever”.<sup>179</sup>

176 SAMPAIO, 2016. Depoimento cedido ao autor.

177 SAMPAIO, 2016. Depoimento cedido ao autor. Abordei essa questão mais detidamente em CUNHA, 2017.

178 SAMPAIO, 2016. Depoimento cedido ao autor.

179 Em obra mais recente publicada sobre Murilo Rubião, em que consta a reunião de todos os seus contos, a edição conta com um universo de 33 textos. Cf. RUBIÃO, 2010. Na apresentação da obras, contudo, há a informação de que o escritor teria se dedicado, durante toda a sua vida de escritor, a escrever e reescrever um universo de 50 contos (SAMPAIO, 2016. Depoimento cedido ao autor).

Outra questão que levantamos foi sobre os possíveis impactos que o *SLMG* poderia ter provocado na “República das Letras”, especificamente, e no âmbito da cultura, de um modo geral, pensando nos significados que o seu surgimento pode ter trazido ou produzido. Nesse sentido, Sampaio comentou que o seu aparecimento na cena pública teria sido positivo, porque houve “a possibilidade, novamente, de publicar. Os jovens, principalmente, e os mais velhos como Emílio Moura, como Henriqueta Lisboa, como Bueno de Rivera, essa gente toda que ia pra lá [redação], que ia no Suplemento, frequentava o Suplemento. O Suplemento era, em especial, o lugar dos jovens”.<sup>180</sup>

Laís Corrêa de Araújo teve a sua participação no caderno de uma forma bem similar a de Sampaio, uma vez que ela também ocupou uma coluna fixa, intitulada “Roda Gigante”,<sup>181</sup> e escreveu com regularidade para a seção “Informais”, que vinha junto com a anterior. Para aquela, foram produzidas resenhas críticas de livros que constantemente eram enviados para esse fim, ficando aos cuidados da articulista a sua leitura e análise. Para as “Informais”, foram produzidas, como o próprio nome já nos indica, pequenos textos informativos sobre o que estava acontecendo no âmbito da cultura, de uma forma geral, desde o lançamento de um livro, uma palestra, uma premiação, etc. Na seção, de 15 de outubro de 1966, a colunista informou aos leitores, e possíveis interessados no envio de obras para participação no caderno, que a sua função nele seria a de

(...) comentar as notícias, as obras, livros, jornais ou revistas publicados, não nos cabendo selecionar produções inéditas para o suplemento. As colaborações são, em geral, solicitadas aos escritores, mas podem também ser enviadas à redação do Minas Gerais para exame do corpo de redatores do Suplemento (*SLMG*, n. 7, 1966, p. 3).

Outrossim, o seu colunismo iniciou-se desde o primeiro número do *SLMG*, em 1966, e se manteve até a sua saída, no início dos anos de 1970. Contudo, como informamos quando analisamos a sua trajetória no segundo capítulo desta tese, sua importância para o caderno de cultura também se deveu a sua participação na criação do mesmo. Nesse sentido, para Araújo, foi árduo o trabalho “para a

<sup>180</sup> SAMPAIO, 2016. Depoimento cedido ao autor.

<sup>181</sup> Para um estudo comparativo entre a produção de Corrêa para coluna “Roda Gigante”, no *SLMG*, a seção literária coordenada pelo escritor e crítico uruguaio Ángel Rama, para a revista *Marcha*, Cf. COELHO, 2005.



valorização profissional do artista”, tanto no que diz respeito à sua remuneração quanto à “criação de um espaço onde fosse possível a liberdade de expressão”:

Trabalhei efetivamente com a colaboração de pessoas importantes, fazendo leituras críticas de tudo o que recebia. (...) O trabalho foi uma válvula de escape para os intelectuais brasileiros (...). O curioso em Minas é essa posição de contraditória do intelectual, que ao mesmo tempo se liga a um órgão oficial e mantém uma posição política revolucionária. (...) Existia uma ligação com a coisa oficial, e nós intelectuais não tínhamos muito campo para exercer nossas atividades, então servíamos-nos desses espaço para agir (ARAÚJO *apud* RIBEIRO, 1997, p. 137).

Sobre o seu trabalho constante no *SLMG*, Corrêa assim contou, em carta, para a sua correspondente e amiga Cosette de Alencar:

20/01/68

Cosette,

Imagine em que situação encontrei minha casa! Tudo à espera de minhas providências: cozinha nova, matrículas dos meninos por fazer, nada na geladeira, serviço acumulado do suplemento, contas a pagar, enfim todos esses pequenos e aborrecidos expedientes de uma dona-de-casa os dois primeiros dias, passei-os a acertar as coisas e só agora acho um tempinho para cumprir o dever de agradecer-lhe as inúmeras gentilezas que teve para comigo. (ARAÚJO *apud* AFFONSO, 2017, p. 53).

Em outra carta, data do mesmo ano, Araújo comenta, em determinado momento da conversa, como se dava a organização do *SLMG* e quais as possibilidades estavam à disposição para a publicação de textos dos colaboradores. Essa passagem é especialmente interessante, pois nos dá uma dimensão, por ser uma resposta de uma colunista responsável pela produção e seleção de material para o caderno, junto a Rubião, de como eram pensadas e planejadas as publicações:

Belo Horizonte, 10. 6. 68

Cosette,

(...)

Recebi sua carta e o artigo 47. Este, que está muito bom, muito equilibrado e sobretudo simpático, tem um defeito grave para nós: o tamanho. São 14 páginas datilografadas, o que equivale, em papel de jornal, a 3 páginas em tipo muito miúdo. Mande-o para o Murilo, que me disse para lhe escrever, perguntando-lhe se pode parti-lo em dois, publicando uma parte num número e outra parte depois. É o único jeito, pois como o Suplemento tem muita matéria, é impossível dar três páginas para um só artigo. Desta forma, o que me cumpre fazer é esperar que você nos autorize essa solução. Fico aguardando sua resposta (ARAÚJO *apud* AFFONSO, 2017, p. 81).

Se Sampaio ocupou o lugar de destaque no âmbito da produção, divulgação e cobertura jornalística ligado ao mundo das artes plásticas, foi de Corrêa a proeminência do trabalho com a crítica literária nas páginas do *SLMG*. Para além dessa ocupação, ela também foi responsável por várias traduções para o caderno, por entrevistas com visitantes estrangeiros a Belo Horizonte – como, por exemplo, Roman Jakobson, Tzvetan Todorov, Michel Butor –, organização de cadernos especiais, dentre outras atividades para a manutenção e continuidade do projeto.

Sobre o terceiro grupo, que enquadrámos aqueles que estavam ligados ao *SLMG* por laços mais fluidos de amizade, consideração ou por investimentos pessoais particulares voltados para suas carreiras de escritores, ou seja, não ligados a funções de trabalho na redação, podemos perceber uma segunda clivagem. Nela, podemos situar alguns nomes que tiveram a redação do caderno como um importante lugar de trocas intelectuais, sociabilidades e amadurecimento literário, de outros que não frequentavam aquele espaço, contribuindo com o *SLMG*, portanto, como articulistas. Essa divisão nos pareceu importante por demarcar exatamente uma importante função social que foi destinada para a redação do *SLMG*: o florescimento e criação de uma nova geração de escritores, críticos, ensaístas, desenhistas, dentre outros, que passaram, paulatinamente, a conviver e ganhar espaço junto aos “veteranos”, como os chama Werneck, que ali também tinham entrada e convívio.

Em relação a esse primeiro subgrupo, destacam-se os nomes Sérgio Sant’Anna e de Luís Gonzaga Vieira, dois escritores estreados na vida literária daquele final dos anos de 1960,<sup>182</sup> ambos parte do que ficou conhecido como a geração dos “novos”.<sup>183</sup>

Sérgio Sant’Anna teve uma participação que nos chama atenção, pelo fato de poder ser analisada e descrita em uma dupla frente de atuação no caderno: como

---

182 O primeiro livro publicado por Sant’Anna foi intitulado de *O sobrevivente* (contos, 1969), sendo o de Vieira *Aprendiz de feiteiro* (contos, 1969). Contudo, ambos já haviam publicado nas páginas no *SLMG* anteriormente. Eles haviam escrito, respectivamente, “Lassidão”, “A morte” e “Exercício” (contos, 1968) e “Franz Kafka” (suposta entrevista, 1966). A presença de Vieira, contudo, manifesta-se na publicação de ensaios de características crítico-filosóficas sobre temas como, por exemplo, a dialética ou o ofício do escritor, ou sobre livros recém lançados.

183 Para pesquisas específicas sobre os representantes dessa geração, sua participação no *SLMG* e sua importância no cenário nacional, principalmente ligado ao trabalho literário com o gênero contos, Cf. MAROCA, 2009; NUNES, 2012. Cf. também o romance de Luiz Vilela (1971), intitulado *Os novos*.

criador de conteúdos, ou seja, como um colaborador médio no caderno (as suas publicações enquanto contista não ultrapassaram a cifra de 20 textos) ao mesmo tempo em que atuou como um importante mediador ou mesmo “agitador” cultural em relação as atividades da redação do *SLMG*, como demonstraremos a seguir. Segundo palavras do próprio escritor, “eu me considero mesmo parte do Suplemento a partir da década de 70, que aí sim, eu comecei a participar ativamente, ia lá pro jornal, dava palpite, escrevia crítica, me divertia lá, a gente fazia muita bagunça” (SANT’ANNA *apud* MAROCA, 2009, p. 141).

Sobre o funcionamento da redação do *SLMG*, e a participação de Sant’Anna na mesma, assim nos informou Werneck:

O expediente era das 13 às 18 horas, e à tarde costumavam aparecer por lá o Emílio Moura, o Bueno de Rivera, o Manoel Lobato e outros veteranos das letras, além de integrantes da nova geração, com o Sérgio Sant’Anna, o Sérgio Tross, o Luís Vilela e o Luís Gonzaga Vieira. Tudo muito animado e divertido. De vez em quando, éramos visitados por forasteiros ilustres como Clarice Lispector, João Antônio, Décio Pignatari, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino.<sup>184</sup>

Ainda é o jornalista que nos informa sobre como era composto a redação, no que diz respeito aos nomes e aos cargos ocupados no momento de sua chegada no *SLMG*, assim como em relação ao período que ele por lá esteve:

Comigo entraram os poetas Valdimir Diniz (redator, como eu), João Paulo Gonçalves da Costa e Adão Ventura (revisores) e, já não sei se como redator ou revisor, o contista Carlos Roberto Pellegrino. Márcio Sampaio e o diagramador Lucas Raposo, da primeira equipe, permaneceram. O auxiliar imediato de Murilo Rubião era o romancista e ensaísta Rui Mourão. O ambiente era, para mim, acolhedor. Murilo, comandante firme e suave, nos dava corda.<sup>185</sup>

Ao ser perguntado sobre como teria se dado o seu acesso ao *SLMG* e sobre como teria sido estabelecida as suas relações com os demais membros da redação do caderno, Sant’Anna fez uma importante demarcação temporal sobre os períodos antes e depois da direção do caderno pelo escritor Murilo Rubião:

184 WERNECK, 2017. Depoimento cedido ao autor.

185 Segundo Jaime Prado Gouvêa, “a redação era uma sala com dois revisores, dois editores, o diagramador, o diretor, que era o Murilo, na época chamava secretário do Suplemento, lá dentro ficava o secretário dele que era o Rui Mourão, o diagramador era o Lucas Raposo e os redatores, que na época era o Humberto, o Carlos Roberto Pellegrino e o Márcio Sampaio, que mexia mais com as artes plásticas” (GOUVÊA, 2016. Depoimento cedido ao autor).

Quando o Ângelo Oswaldo se tornou o Secretário de Redação, a gente assustou. “Quem é esse cara?”, porque o Ângelo Oswaldo é um cara da sociedade, que tinha cacife político, com vinte e poucos anos ser diretor do Suplemento. Aí, o Valdimir Diniz, que já morreu, preparou um número, o primeiro número do Ângelo, revolucionário, todo cheio de coisa, o Tião (Sebastião Nunes) fez uma experiência com rato, algo assim... e era ditadura, era perigoso. E o Ângelo bancou. Disse que estava tudo bem e publicou. E a partir daí a gente foi ficando amigo dele. Eu não precisava trabalhar lá, eu ia pra lá todos os dias, como ia gente da música, ia gente de fora, do Rio, o Fernando Brant, todo mundo passava por lá, era um ponto de encontro. Na época do Murilo era uma época meio séria, o Murilo era um cara de terno e gravata (SANT’ANNA *apud* MAROCA, 2009, p. 139).

Vale ressaltar, a partir dessa passagem e de outras de algumas entrevistas com Sant’Anna, que encontramos no escritor uma recorrente postura crítica em relação às formas de administração e condução do *SLMG* feitas por Murilo Rubião.

Ao comentar a sua relação com as duas publicações que, na opinião de Sant’Anna, marcaram os anos de 1960 em Belo Horizonte, a revista *Estória* e o *SLMG*, o escritor lembrou-se, e fez questão de ressaltar, que, diferente de algumas personalidades que consideram que o caderno foi melhor sob a direção de Rubião, a sua opinião não coincidia com essa afirmação. Em sua análise, o *SLMG* teria conseguido se abrir mais as experimentações e se liberar de um certo conservadorismo a partir dos anos de 1970:

No Suplemento eu tive um pouco mais de receio porque o Murilo Rubião, embora eu gostasse muito do Murilo, eu o achava uma pessoa excepcional (até quando eu saí de Minas ele me deu uma festa de despedida), enfim, tínhamos uma ótima relação, mas eu achava o Murilo Rubião um pouquinho conservador, ele era um sujeito habituado com a política, entre mim e o Murilo Rubião não havia propriamente esse vínculo de influência (SANT’ANNA *apud* MAROCA, 2009, p. 137).<sup>186</sup>

Sobre o ambiente construído em torno da redação do *SLMG*, misto de um lugar de resistência à ditadura militar e local de sociabilidades intelectuais, Sant’Anna destaca a importância desse espaço como um lugar do encontro e das trocas, tanto culturais quanto afetivas, ressaltando que não deixava de ser também um espaço da “farra”.

Para ele,

---

<sup>186</sup> Ainda segundo o Sant’Anna, “o *Suplemento*, realmente, foi mais conservador do que na década de 70. Tem gente que discorda frontalmente, o Humberto Werneck pensa que o Suplemento só teve importância na época do Murilo. Mas na *Estória* não, eu era completamente livre” (SANT’ANNA *apud* MAROCA, 2009, p. 138).

Na época do Ângelo era bagunça mesmo, era a maior gozação, como eu te falei, o Sebastião Nunes publicou duas resenhas de livros inexistentes e que passaram. Só nós sabíamos que eram livros inexistentes. Aquilo era também um ponto de resistência à ditadura, sem dúvida (SANT'ANNA *apud* MAROCA, 2009, p. 139).

Esse ponto é confirmado por mais dois nomes que fizeram parte do *SLMG* e nos informaram sobre essas mudanças ocorridas na redação do caderno a partir dos anos de 1970: Jaime Prado Gouvêa e Sebastião Nunes.

Sobre esse “espírito rebelde” que movimentou algumas iniciativas ou formas de lidar com o trabalho feito na redação do *SLMG*, Nunes comenta, ao ser perguntado sobre as resenhas falsas que eles fizeram para o caderno, que “eu mesmo escrevi algumas resenhas de livros que não existiam sobre autores e editoras também inexistentes. Pura anarquia e um espírito, digamos, anarquista”. Em sua opinião, em seu espaço coabitaram, talvez fruto de um exagero por parte de sua leitura em retrospectiva, “uma mistura de tudo, com vários militantes dos grupos de esquerda lá dentro, eu inclusive, todos trabalhando para minar o sistema”.<sup>187</sup>

Para Gouvêa,

(...) realmente o negócio ficou legal a partir da década, a partir de 69, 70, quando o Sérgio Sant’Anna começou a frequentar mais assiduamente lá. Ele já frequentava, mas não era tanto. Em 72, ele voltou dos EUA na época que o Ângelo Oswaldo passou a ser secretário. Aí o negócio ficou mais esculhambado ainda, foi uma farra de lascar. Em 70, pra você ter uma ideia, em 70 nós começamos a lançar livro lá.<sup>188</sup>

Sobre os usos do espaço utilizado pela equipe do *SLMG* e disponível para o encontro com aqueles que por ele passaram, assim como de sua espacialidade geográfica, localizado no centro, “coração”, da capital mineira, Gouvêa nos informa, a partir de uma cartografia sentimental de suas memórias, que

(...) a vantagem do Suplemento, no lugar que ele ficava, por exemplo, tinha o negócio do Sallon. O Sallon era virando, na frente do [Sesc] Palladium. O Fernando Brant, por exemplo, trabalhava na [revista] do Cruzeiro, na Goitacazes quase com Bahia, e o Sérgio Sant’Anna na Rua Tamoios, que era na Justiça do Trabalho.<sup>189</sup> Trabalhava lá e era chefe do Henry Correia de Araújo. Quando chegava mais ou menos 4 horas da tarde os dois iam e encontravam com a gente no Suplemento e descia pro Sallon pra tomar

187 NUNES, 2017. Depoimento cedido ao autor.

188 GOUVÊA, 2016. Depoimento cedido ao autor.

189 Todas essas localizações geográficas situam-se no centro da cidade de Belo Horizonte, configurando-se como ruas e avenidas que se entrecruzam ou são de fácil acesso entre elas.

umas. Então o ponto de encontro dessa turma era ali no Suplemento. Era ponto de encontro mesmo. O cara dia a dia não tinha nada pra fazer, ia pra lá pra conversar fiado.<sup>190</sup>

Como podemos facilmente perceber pelos dados apresentados na tabela 1, a qual nos serviu até este momento para organizar e dar sentido a nossa exposição sobre os principais nomes que contribuíram com e para o *SLMG*, Gouvêa e Nunes também encontram-se em lugares de destaque entre aqueles que tiveram uma presença importante na vida do caderno de cultura.

Em relação ao primeiro, sua entrada para o corpo da redação do *SLMG* deveu-se a sua amizade com nomes como o de Werneck que, àquela altura dos anos finais da década de 1960, já exercia alguma influência nas indicações para cargos que compunham a sua equipe.

Sobre a sua ida para o *SLMG*, uma vez que ele exercia a função de funcionário público do Estado, ela foi marcada

(...) com a ida do Humberto [Werneck] pra lá. Então eu sou amigo dele há muitos anos, conheci o Humberto no basquete do Minas, com 14 anos de idade. Então ele entrou pro Suplemento e eu já, em 66, em dezembro de 66, o Suplemento já existia, foi quando eu escrevi o meu primeiro conto a caneta, eu nunca mais me esqueço disso, meu primeiro conto. Passei pro Humberto e ele publicou numa revistinha da Faculdade de Engenharia. Não chegava a ser um conto, era uma página escrita. Isso deve ter sido em 66 e publicou em 67. Aí teve uns concursos. Eu entrei e ganhei o concurso da Reitoria, em 68, e em 69 eu entrei no concurso do Paraná, na categoria estudante, e tirei o segundo lugar, foi quando o Rubem Fonseca ganhou o primeiro e tal. Isso foi em 69. Então na volta o João Paulo Gonçalves, poeta, saiu do Suplemento, que ele estava formando em Direito, estava querendo casar, não sei o quê, ele saiu pra arrumar um emprego bom (que também não é) e sobrou uma vaga. Então o Humberto foi lá no Murilo e falou: “olha, tem um amigo meu aí” e ele pegou e me chamou.<sup>191</sup>

Em relação a Nunes, por outro lado, o seu contato com o *SLMG* deveu-se a sua participação na revista *Estória*, como também aconteceu no caso dos escritores Sérgio Sant’Anna e Luiz Gonzaga Vieira, mas sem se configurar na ocupação de um cargo na redação. Segundo o escritor, “eu não era funcionário, mas colaborador. Claro que às vezes a turma de fora atuava junto com a turma de dentro, criando verdadeiras guerrilhas culturais novos x velhos”.

190 GOUVÊA, 2016. Depoimento cedido ao autor.

191 WERNECK, 2017. Depoimento cedido ao autor.

Sobre o panorama de produção e vida intelectuais na capital, afirmou que “o pessoal estava bastante disperso até que surgiu o *SLMG*. Não foi convite, foi curiosidade mesmo e o incentivo do Murilo para publicar qualquer coisa. Daí deitamos e rolamos”.<sup>192</sup>

Outro nome que consideramos importante mencionar é o de Luís Gonzaga Vieira, responsável por contribuir com uma quantidade significativamente grande de textos para o *SLMG*, chamando a atenção pelo volume de ensaios teóricos sobre temas literários e filosóficos, de uma forma geral. Ao todo, foram mais de 50 textos, que incluíam também a sua produção literária, principalmente como contista. Sua produção iniciou-se com a sua inserção na revista belo-horizontina *Estória*, criada por ele e Luiz Vilela, com o primeiro número publicado em 1965.

A respeito de seu primeiro contato, sua inserção no *SLMG* e o tipo de trabalho que ele realizou como colaborador, Vieira comenta que escrever para o caderno “foi uma experiência gratificante”. Para ele, um dos pontos altos dessa experiência esteve ligada ao fato de contar com “a companhia dos outros. A companhia dos colegas: amigos e escritores ‘enfrentando’ todos e escrevendo livros, tentando pelo menos. Quer dizer: valeu a pena (todas as penas...)”.<sup>193</sup>

(...) meu contato com o Suplemento foi estritamente de colaborador. Pagava-se muito pouco, mas compensava porque tínhamos à nossa disposição um veículo de informação literária. E, afinal, eu trabalhava como jornalista, não dependia do dinheirinho do Suplemento. (me formei em jornalismo em Belo Horizonte, depois fui pro Rio onde continuei trabalhando em jornal, escrevendo livros e não conseguindo editoras, como acontece.) (VIEIRA *apud* MAROCA, 2009, p. 133).

Sobre o surgimento da revista e, logo em seguida, do *SLMG*, assim nos informou:

Naquele tempo (década de 60, digamos) havia em Belo Horizonte o pessoal que escrevia contos. (Dizia-se que todo mineiro escrevia contos, era fatal.) A certa altura do tempo aconteceu o aparecimento de um suplemento literário. Porque foi um aparecimento, dada sua importância (óbvia). Tinha-se uma revista literária, tinha-se um suplemento. Nada mais natural então de que o

192 WERNECK, 2017. Depoimento cedido ao autor.

193 Depoimento dado ao autor. Segundo Vieira, nesse período de produção “o que interessava era o fato, não a teoria – não desprezavam a teoria, apenas a preferência era o fato, o conto. Quer dizer, a liberdade era total. Todos se sentiam como que na “obrigação” de fazer alguma coisa. (E, afinal, jovens não costumam ficar parados, de certo modo eram todos agitadores culturais aqui no caso.)” (VIEIRA *apud* MAROCA, 2009, p. 131).

peçoal se reunir no suplemento (os iguais se atraem (*pares cum paribus*), suplemento criado pelo grande escritor Murilo Rubião, que acabou entregando a direção do Suplemento aos jovens, não necessariamente aos Novíssimos e muito menos ao pessoal da academia, que tinha uma visão quadrada da literatura (VIEIRA *apud* MAROCA, 2009, p. 133).

Assim como no caso de Vieira, como mencionamos anteriormente, nesse grupo incluímos os nomes de Carlos Drummond de Andrade, Silviano Santiago, Affonso Romano de Sant'Anna, Henriquetta Lisboa, Fábio Lucas, Celina Ferreira, José Lobo, Benedito Nunes, Joaquim Branco, Lázaro Barreto, Heitor Martins e Nelly Novaes Coelho. Desses, chama a nossa atenção o fato de praticamente todos residirem fora de Belo Horizonte, ou mesmo de Minas, no período de vigência do *SLMG* (exceção apenas para a Lisboa,<sup>194</sup> que passou a morar na capital a partir de 1935, nela fixando residência), o que os classificam como colaboradores externos ao caderno e que pouco, ou quase nada, conviveram com o espaço de sua redação.

Outro ponto que vale ser mencionado tem a ver com serem Santiago, Sant'Anna, Lucas e Heitor Martins integrantes da chamada “geração Complemento”, nome derivado da participação de ambos na revista *Complemento*, publicada em Belo Horizonte entre os anos de 1956 e 1958.<sup>195</sup>

A respeito dessa geração, somos informados, por meio de uma carta de Sant'Anna, enviada dos Estados Unidos, no ano de 1969, sobre uma proposta endereçada a Rubião para a feitura de um caderno especial sobre a sua importância, tanto para a década de 1950 quanto posteriormente. Curiosamente, contudo, o caderno não chegou a ser feito, talvez pela falta de tempo hábil entre a data da correspondência, mês de maio, e a saída de Rubião da direção do *SLMG*, localizada nos finais do mesmo ano:

Iowa, 21.5.1969

Caro Murilo:

Nada de especial nesta carta senão dizer um alô e fazer uma sugestão que me ocorreu aqui. Como você sabe, no estrangeiro dá aqueles ataques de saudade, que... No fundo, passamos quase que grande parte de nossas conversas, Luís [Vilela] e eu, falando de Minas.

Então me lembrei dos colegas de geração literária. E de lembrança em lembrança, me ocorreu que está fazendo cerca de dez anos que a “geração complemento” se dissolveu geograficamente. Pensei que talvez você

194 A partir dos depoimentos de conseguimos fazer com alguns dos membros do *SLMG* ou que frequentaram a redação do caderno, não houve menção da presença da escritora nela.

195 Cf. CURY, 1997; MIRANDA, 1998.



puddesse se interessar pela ideia de fazer aí um número dedicado a essa geração que, entre outros continha: Heitor Martins, Silviano Santiago, Ivan Ângelo, Maurício Gomes Leite, Carlos Kroeber, João Marschner, Ezequiel Neves, Teotônio Junior, Flávio Vieira, Frederico Moraes e outros. Todo mundo por aí espalhado, mas fazendo algo. (...)  
 Estou seguindo para a Europa e dentro de um mês apporto aí. A tese está pronta.<sup>196</sup> Abraços em toda a confraria.  
 Seu, Affonso Romano de Sant'Anna

Silviano Santiago, também do exterior, envia correspondência para Rubião. Nela, lemos alguns elogios ao trabalho feito pelo *SLMG*, destacando o alcance de sua circulação, que ultrapassava as fronteiras brasileiras. Ao mesmo tempo, o escritor aproveita para agradecer pelos textos de sua autoria que estavam sendo publicados no caderno, além de endossar o interesse em continuar participando com contribuições para as suas páginas:

Meu caro Murilo,  
 Abro com uma série de agradecimentos e elogios: a perfeição com que estão distribuindo o Suplemento (tanto nos States como aqui o recebo com grande regularidade), o excelente número duplo sobre a áurea idade mineira (elogios com vistas ao Affonso Ávila) e o de aniversário, ótimo também. Continuo com agradecimentos: a boa acolhida que tem merecido as coisas que lhe envio. Fecho com grande vergonha e desculpas: infelizmente, não poderei cumprir com o prometido, ou seja, uma carta de Paris. Explico: resolvi terminar a tese o mais depressa possível, e dar um pulo no Brasil em fevereiro ou março. Me tranco no quarto.<sup>197</sup> (...)  
 Tomo a liberdade de lhe enviar o meu último poema. (...)  
 O amigo e admirador sempre,  
 Silviano  
 Paris, 8/11/1967<sup>198</sup>

Dentre os nomes elencados mais acima para esta parte do trabalho, apenas Lobo e Nunes não eram de Belo Horizonte (ou Minas), sendo que nasceram e fizeram carreira, respectivamente, de Cuiabá e Belém. Contudo, não deixaram de ser nomes de grande importância e presença no *SLMG*, uma vez que estiveram

196 Em 1969, Sant'Anna defendeu a tese intitulada *Carlos Drummond de Andrade o poeta "Gauche" no tempo & espaço*, na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, em que fez uma análise do conceito de *gauche* ao longo de sua obra literária.

197 Em sua página na Plataforma Lattes, somos informados que houve um estudo que foi concluído em 1962, Universidade de Paris-Sorbonne IV, sob o título "Un manuscrit d'André Gide au Bresil". Não encontramos outra referência antes dos anos 2010, em que consta o término de um doutorado, *Honoris Causa*, na Universidade de Chile, UCHILE.

198 Em outra carta, datada do dia 7/3/69, Santiago responde a um convite, feito por Rubião, para que colaborasse com o número especial de terceiro aniversário. Nela, lemos: "Meu caro Murilo, recebi e agradeço sua carta solicitando-me matéria para o número comemorativo do terceiro aniversário. Creio que dentro do prazo estipulado lhe enviarei um artigo sobre Machado de Assis que versará sobre verossimilhança (em oposição a verdade), retórica e jussuismo. (...) Seleccionarei um trecho que tenha sentido global e que não ultrapasse 10-12 páginas".

presentes em momentos-chaves dele. Em alguns deles, como nos cadernos de comemoração de aniversário, suas contribuições marcaram presença em suas páginas. Ao mesmo tempo, também foram correspondentes de Rubião, além de leitores e colaboradores eventuais.

Em carta enviada por Nunes a Rubião, no final do ano de 1966, lemos o agradecimento do escritor paraense pelo convite para colaborar com o *SLMG*:<sup>199</sup>

Belém, 3/11/66

Prezado Murilo Rubião:

É com grande prazer que aceito o convite para colaborar no Suplemento Literário do Minas Gerais. Agradeço-lhe.

Espero, dentro de pouco tempo, poder mandar-lhe alguns trabalhos, dentro da bitola prescrita. Os que tenho prontos, no momento, ultrapassam essa medida.

Tentarei levar a cabo uma experiência nova: escrever pequenos artigos de interesse filosófico, o primeiro dos quais será, possivelmente, dedicado ao exame da última obra, por sinal acabada, de Merleau-Ponty.<sup>200</sup>

Cordialmente,  
Benedito Nunes

De Cuiabá, no mesmo ano, Rubião recebeu uma carta de José Lobo que teceu elogios ao *SLMG*, ao mesmo tempo que aproveitava para agradecer ao convite para ser colaborador do caderno. Nela, notamos dois elementos importantes que demarcam a importância e relevância, em primeiro lugar, dos nomes do casal Ávila (Affonso e Laís) como vozes que respondiam pelo caderno, em suas dimensões crítica e avaliativa, e, em segundo, o poder decisório de Rubião sobre o envio ou não (assim como da validade ou não) das contribuições do escritor cuiabano:

Cuiabá, 5 de outubro de 1966

199 Em relação às suas contribuições para as páginas do *SLMG*, destacam-se um longo estudo, publicado em quatro partes, em que o escritor e filósofo explora as relações entre o Modernismo brasileiro, as vanguardas estéticas e o canibalismo literário, termo utilizado por ele. Parte desse material foi publicado, posteriormente, no livro *Oswald canibal*, em 1979. Para além desse tema, Nunes também escreveu sobre o barroco mineiro, a artista plástica Tarsila do Amaral, o escritor mineiro Guimarães Rosa, dentre outros.

200 Ao verificarmos as contribuições de Nunes ao *SLMG*, não conseguimos encontrar nenhuma artigo, ensaio ou resenha que tivesse como tema ou assunto a obra ou a vida de Merleau-Ponty. Contudo, no arquivo de Rubião constam mais três cartas: uma de 67, a respeito do envio de dois textos inéditos sobre o escritor Fernando Pessoa, que foram publicados no *SLMG*, e outras duas de 69, ambas comentando sobre o envio de recibos de colaborações feitas por Nunes ao *SLMG* e agradecendo um convite feito para que ele colaborasse no caderno especial de terceiro aniversário, que também ocorreu.

Meu caro Murilo

Do Suplemento Literário, não posso dizer de pronto. Enquanto durar o efeito da surpresa, ficarei como das outras vezes, em monólogo. No que me chega de Belo Horizonte (o meu caro Affonso, nunca me esquecendo) agarro como numa tábua de salvação. Aqui me chamam de tudo, e tudo suportado pelo pão de cada dia, sendo o último apelativo o de burocrata, também suportado. A situação é equívoca, e noto que todos me desejariam mais objetivizado (sic) nas circunstâncias deste tempo e lugar. Do que lhe envio, recebendo a promoção de seu convite para colaborar no Suplemento, desejaria que você me escrevesse, dizendo. E gostaria também, de ouvir a opinião de Affonso e Laís. Lugar e Tempo, é um escrito que há dois anos venho trabalhando. Divide-se em dois ciclos (do tempo vivencial) comportando, cada um, fragmentos ou cortes (tempos operacionais). Do primeiro ciclo estou lhe enviando o T1 e T2.

Se você o desejar estou pronto para lhe remeter todos os fragmentos para publicação em série. Aguardo, portanto, suas ordens.

José Lobo

Ao pesquisarmos nas páginas do *SLMG*, verificamos que os fragmentos “T1” e “T2”, como referidos por Lobo no trecho acima citado, foram publicados ainda no mês de outubro, ocupando um lugar de destaque na capa do caderno de número 9.<sup>201</sup> Observamos também, aliás, que os demais fragmentos de Lobo foram publicados no *SLMG*, em um total de 12 partes, que entraram pelo ano de 1970, sendo o último publicado em abril, no caderno de número 31.<sup>202</sup>

Do interior de Minas, região centro oeste do Estado, o poeta Lázaro Barreto também manifestou os seus elogios ao trabalho feito pelo *SLMG*, escrevendo a Rubião em nome de um pequeno grupo de escritores que em sua cidade, Divinópolis, atuavam nos anos 1960:

Divinópolis, 9 de maio de 1968

Ao Ilmo. Snr.

Murilo Rubião

Suplemento do “Minas”:

Com muito prazer e proveito recebemos o Caderno Especial dedicado a Affonso Arinos.<sup>203</sup> Nosso sinceros agradecimentos.

201 Na capa, os fragmentos de Lobo dividiram a página com um texto a respeito do escritor e cartunista Henfil, que carregou o título: “Henfil: Bomba atômica num campo de margaridas”, que comentava o lançamento de seu livro “Hiroshima, meu humor”, recém publicado.

202 Os fragmentos são pequenos textos que nos sugerem estar localizados entre os gêneros do conto e da crônica, como podemos perceber na seguinte passagem, retirado de “T2”: “Vai que vai, e vem vindo, descendo a Rua Nova, apertando o passo e recolhendo tudo, o que vê de perto, o São Caetano, a taipa que se descobre no arrombado. É onde passa que o caminho segue, onde vai, o mato, alto, as moitas, nas quais se agarra de lado a lado, vão indo” (LOBO, *SLMG*, n. 9, 1966, p. 1).

203 No ano de 1968, foram publicados três cadernos, de números 87, 88 e 89, em homenagem ao centenário de Affonso Arinos, todos organizados sob a responsabilidade de Laís Corrêa de Araújo.

Na oportunidade desejamos reiterar o nosso apreço e parabéns por essa realização inédita nos anais da literatura brasileira: O SL tão conciso e abrangente, tão aberto e regular. Pela divulgação de aspectos pouco conhecidos de nossa cultura tradicional e dos ângulos novos da cultural em formação, a redescoberta dos velhos (remoçamento) e lançamento dos novos, por tudo o que o SL nos traz de válido constantemente nos setores da arte e da cultura mais vivas: é que nos regozijamos augurando-lhe a mesma vitalidade através dos anos. Não fôra o SL do “Minas” não haveriam os renovados balbucios literários de Cataguazes, Oliveira, Pirapora e Divinópolis. A única esperança de um Brasil politicamente emancipado é a vigência de cultura dinâmica.

Esperando merecer sempre a generosa atenção para novas remessas muito gratos somos.

Atenciosamente

Lázaro Barreto

Barreto fazia parte de um grupo de escritores, prosadores e poetas, reunidos em torno de um jornal, por eles fundado, intitulado *Agora*. A importância desse grupo e de sua produção também foi tema de uma reportagem feita pelo *SLMG*, na trilha do espaço há pouco aberto nas páginas do caderno para a divulgação e publicação de escritores estreados no âmbito da literatura, em particular, e da cultura, de modo geral.

Segundo texto publicado no *SLMG* como abertura à entrevista feita coletivamente com os principais escritores do grupo de *Agora*, sob o título “Divinópolis, agora: canto e palavra”, lemos:

Na edição especial que o *Suplemento* dedicou aos escritores e artistas novos de Minas (números 74 e 75) e que apresentou trabalhos em prosa e poesia de 33 jovens, foi dedicada uma página à nova geração de Cataguazes. Como grupo do interior do Estado, foi o único a figurar no número especial. Visando dar prosseguimento à divulgação de trabalhos e depoimentos da novíssima geração, o SL apresenta hoje o grupo de Divinópolis, que veicula sua produção (principalmente poética) através do jornal AGORA, por eles fundado e mantido (*SLMG*, n. 95, 1968, p. 6).

Sobre a sua ligação com o *SLMG*, vale ressaltar que Barreto, além de colaborar com as suas páginas, principalmente com poemas, também foi tema de uma matéria dentro de uma série sobre “novos escritores”.<sup>204</sup> Para a sua realização, Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino entrevistaram o poeta, em 1969, e

---

<sup>204</sup> Barreto foi apresentado ao público segundo as seguintes palavras: “Começou com a Geração Complemento, parou, recomeçou faz pouco tempo: duas vezes escritor novo, Lázaro Barreto é bem mineiro e trabalha em silêncio, lá em Divinópolis, onde fundou o Agora. De vez em quando, está aqui no Suplemento: cada vez melhor, e por isso vai estar também em duas antologias nacionais. Contos do Apocalipse Clube sai muito breve. Mas é apenas um dos livros que ele tem na gaveta” (*SLMG*, n. 162, 1969, p. 10).

seu depoimento foi publicado sob o título de “Lázaro Barreto: a literatura contra o automatismo”, como parte de vários outros denominados “O escritor mineiro quando jovem – VI”.

Enfim, para fecharmos com outro mineiro, esse de Itabira, mas que desde os anos 1930 radicado no Rio de Janeiro, lemos em uma carta enviada por Carlos Drummond de Andrade que o *SLMG* apresentava várias características positivas, manifestando o poeta o interesse em continuar recebendo seus números com frequência:

Rio, 8 de outubro 1966,

Murilo Rubião:

Obrigado pela remessa regular do SG do “Minas”. Está o fino: bem planejado, bem apresentado, bom de ler. Parabéns pela realização, e que continue assim. Não deixe de mandar cada número a este velho mineiro, hein?

Abraços do,

Carlos Drummond

Se nessa curta carta não conseguimos perceber nenhum diálogo implícito ou mesmo um indício de resposta a algum pedido de Rubião, como parecem sugeridos em outras passagens que apresentamos acima, em outra cara, essa do ano de 1968, percebemos em Drummond um interlocutor de alguns possíveis desabafos daquele sobre o árduo trabalho requerido para a manutenção do *SLMG*. Outrossim, essa correspondência também nos permite perceber um pedido feito por Rubião para que Drummond colaborasse com algum texto para a confecção de um caderno especial sobre o jornalista e escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade:

Rio, 8 janeiro 1968

Murilo:

Respondo com atraso sua carta: o trabalho tem sido pesado nos últimos tempos. Fiquei impressionado com o que você me conta sobre o esforço requerido para botar o SL circulando. A publicação, em si, já deve exigir muita dedicação; as circunstâncias burocráticas tornam mais dura a empreitada. Por isso mesmo, você e a equipe merecem louvor dobrado.

Sobre nosso mestre Rodrigo já escrevi tanto, em prosa e verso, que não sei como dizer algo novo. O melhor será mesmo escolher entre crônicas antigas ou recentes (umas quatro ou cinco) que tenho em meu arquivo. Também me ocorre indicar a saudação feita pelo Abgar Renault na Universidade de MG, e o perfil-reportagem de Rubem Braga na Manchete de 22 de agosto de 1953. Tenho esse material, que está à sua disposição.

(...)

Um abraço amigo do

Carlos Drummond

De fato, como orientado por Drummond, no caderno em homenagem a Rodrigo de Melo Franco Andrade, publicado no ano de 1968, em seu número 113, os textos de sua autoria foram retirados de outras publicações feitas pelo poeta sobre o “homem do patrimônio”, como era conhecido no meio intelectual ou entre amigos. No título do *SLMG*, inclusive, foi feita essa menção devido as suas atividades ligadas a preservação do patrimônio nacional: “Rodrigo: 70 anos. O escritor e homem do patrimônio”.

Em texto de apresentação ao caderno especial, escrito por Milton Campos, o autor comenta como teria se dado escolha de Andrade pela dedicação ao patrimônio, em detrimento às outras ocupações que até então ele se dedicava como, por exemplo, a advocacia e a escrita literária:

Abandonando a profissão de advogado, consagrou toda a sua capacidade ao novo e nobre encargo, em doação total. Mesmo à atividade literária propriamente dita se esquivou, embora nela já se tivesse destacado com merecido renome. (...) Integrou-se nos domínios da História e da Arte, para que pudesse, no mais alto nível de cultura dar a maior dignidade e eficiência às novas funções a que se devotara (CAMPOS, *SLMG*, n. 113, 1968, p. 1).

Do poeta itabirano, por seu turno, foram utilizados o texto “Rendição de guarda”,<sup>205</sup> publicado no jornal *Estado de Minas*, em 1967, e incluído no *SLMG* sob o título “Drummond: Rodrigo em prosa e verso”, e dois poemas, sendo um intitulado “Velho amor”, publicado no jornal *Correio da Manhã*, em 1966, e outro “Viagem na família”, sem referência de data ou de onde poderia ter sido retirado. Curiosamente, também seguindo as dicas de Drummond sobre como poderiam ser escolhidos os seus textos e de outros possíveis nomes que escreveram sobre o homenageado, constatamos que o texto de Abgar Renault, mencionado na carta supracitada do poeta a Rubião, foi publicado na última página do caderno especial. Sob o título “Saudação a Rodrigo M. F. de Andrade”, lemos, em seu primeiro parágrafo, que o texto tratava-se de uma saudação de Renaut “na cerimônia que assinalou a entrega ao sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade do diploma de ‘Doutor Honoris Causa’ da UMG”, hoje UFMG (RENAULT, *SLMG*, n. 113, 1968, p. 16).

---

205 Junto ao texto, encontramos uma fotografia (sem data), retirada em Ouro Preto, em que constam Rodrigo e Drummond.

Esse fato nos chama a atenção para uma outra característica que podemos observar como fundamental para o funcionamento de uma publicação baseada em uma dinâmica de redes de contatos e trocas, para além das estratégias de captação de colaboradores, por um lado, e da presença de alguns deles como temas do caderno, por outro: a importância das influências mútuas implicadas no processo. Podemos perceber, nesse sentido, que, ao acatar as sugestões de Drummond, Rubião mostrava-se aberto e receptivo às demandas, ideias, propostas, dentre outras questões, que porventura os próprios colaboradores sugeriam, ponto que consideramos também uma forma de contribuição para o funcionamento do caderno. Essa questão, aliás, também foi mencionada em outras passagens, quando analisamos, por exemplo, algumas sugestões dos críticos e escritores Antonio Candido e Affonso Romano de Sant'Anna ou de Humberto Werneck sobre a criação de uma série de entrevistas com escritores novatos, que desembocou na coluna temporária "O artista mineiro enquanto jovem".<sup>206</sup>

Se, por um lado, podemos perceber essa abertura para a composição de novas colunas ou séries de publicações, por outro algumas propostas nos sugerem ter ocupado um lugar de destaque na vida do caderno como, por exemplo, a criação de cadernos, ou "especiais", como foram chamados pelos próprios responsáveis em organizá-lo ou concebê-los. Para a próxima parte da tese, nos ocuparemos do estudo de alguns desses cadernos por nós selecionados, afim de compreendermos como funcionaram como "galerias abertas à memória" cultural, segundo a nossa forma de vê-los a partir de um trabalho que envolveu uma dinâmica de reconfiguração dessas experiências e rerepresentação das produções intelectuais reatualizando-as nos diversos presentes das publicações. Para tanto, foram selecionados os cadernos que julgamos mais significativos organizados sobre escritores ou temas circunscritos aos séculos XVIII, XIX e XX, trabalhados respectivamente nos capítulos 4, 5 e 6.

---

<sup>206</sup> Werneck comenta essa questão em vários lugares, como textos e entrevistas, sempre enfatizando que Murilo Rubião teria sido sempre muito receptivo às ideias que a ele chegavam para o melhoramento ou atualização do *SLMG*. Essa questão também nos foi confirmada pelo jornalista quando tivemos a oportunidade de entrevistá-lo para esta pesquisa, no início do ano de 2017.

## Parte 2

Nesse mosaico amplo e complexo formado pelas as inúmeras páginas publicadas pelo *SLMG*, desde o seu primeiro número até meados dos anos de 1975, período recortado para esta pesquisa, quais (ou quantos) “enquadramentos da memória” (POLLAK, 1989) seria possível reconfigurar? Por outro lado, seria possível (ou desejável) a apreciação de uma pesquisa totalizadora, que conseguisse cobrir todas as lacunas, caminhos ou linhas de força sugeridas pelo universo de fontes?

Para o desenvolvimento dos próximos capítulos, contudo, escolhemos um recorte específico, que estamos considerando como passíveis de dar conta de uma primeira síntese do trabalho realizado nas páginas do *SLMG*, ao longo do tempo, sobre os usos da memória da cultura intelectual mineira. Para isso, foram privilegiados os cadernos pensados, organizados e produzidos com essa finalidade justificada em sua criação. Dentre eles, foram analisados mais de perto aqueles destinados a homenagear, como dedicação especial, algum intelectual ou mesmo dar destaque a temas considerados relevantes para a questão da identidade e cultura mineiras. Nesses, para além da produção de sentido, também serão alvo de análise o trabalho mais bem localizado sobre as relações entre o passado, presente e futuro que deram sentido às publicações e à imagem ou ao projeto do *SLMG* como um todo orgânico. Ou seja, são nesses números que foram identificados os sentidos mais acabados e melhor explicitados das razões de ser do caderno de cultura.

A pesquisa valeu-se da questão da narrativa e das considerações de Paul Ricoeur sobre a importância do ato de narrar, uma vez que ele carregaria consigo, dentre outras questões fundamentais para a interpretação histórica, a ideia de uma “compreensão narrativa”, fundamentada numa atitude hermenêutica de adoção necessária para todo aquele que se presta a ler o passado vivido. Compreender, nesse sentido, seria uma atitude crítica e reflexiva que procuraria reunir em uma totalidade os múltiplos sentidos e aspectos de uma obra, de um tema, de um conjunto de textos, etc. emprestando a eles “a ‘revelação’ de um sentido maior, que o transcende”. Segundo José Carlos Reis, “é como se o sentido não estivesse nas palavras realmente escritas, que são apenas vestígios, os sinais, de um sentido maior, que se percebe além delas” (REIS, 2017, p. 15).



Nesse ponto, as reflexões sobre o trabalho feito pelo *SLMG* em relação ao tempo foram ao encontro a outra consideração de Paul Ricoeur, no texto “O passado tinha um futuro”. Nele, o filósofo francês identifica, na dinâmica de apreensão das experiências dos homens no tempo, a importância de se pensar que todo o passado carrega, em si, uma ideia de futuro:

Se levarmos até as últimas consequências essa ideia da indeterminação do futuro no passado, atingiremos a ideia, mais importante ainda, das promessas não cumpridas do passado. Os homens de outrora não tinham somente um vívido presente e um horizonte de incerteza quanto ao futuro. Eles tinham também opções abertas, projetos, temores, expectativas, sonhos (RICOEUR, 2001, p. 375).

Em acordo com essas perspectivas de apreensão da experiência temporal de produção de sentido, uma noção ampla de narrativa – para além das construções verbais –,<sup>207</sup> assim como a de temporalidade – uma semântica que conjuga passado, presente e futuro –, serão de grande importância para a compreensão dos cadernos selecionados.

As narrativas analisadas nesta parte da pesquisa primaram pelo trabalho com o tempo em suas dimensões de passado, presente e futuro e, ao fazê-lo, sugeriram indícios para a investigação do trabalho com o enquadramento da memória, como sugerido por Pollak, recorrente nos cadernos especiais.

Para o autor,

(...) o trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento. Eu poderia dizer que, em certo sentido, uma história social da história seria a análise desse trabalho de enquadramento da memória. Tal análise pode ser feita em organizações políticas, sindicais, na Igreja, enfim, em tudo aquilo que leva os grupos a solidificarem o social. Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o *trabalho da própria memória em si*. Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização (POLLAK, 1, p. 206).

Ao todo, foram publicados algo próximo de 70 cadernos especiais, dedicados a vários nomes da vida cultural brasileira, especialmente mineira, e a alguns temas

---

<sup>207</sup> Aqui, estamos considerando a ideia de narrativa em um sentido amplo e não meramente em seu aspecto verbal. Nesse sentido, serão importantes em nossa análise questões que envolvem as formas de organização dos cadernos uma vez que as entendemos como elementos constituintes de sua produção de sentido.

identificados como parte ou integrante desse mesmo universo ou a ele referido.

Procurou-se organizar e avaliar os sentidos ou leituras que foram feitas em relação a uma perspectiva essencialista, voltados para um passado em que se desejou recuperar e se reinserir no presente, de uma outra mais difícil de qualificar, mas que será chamada aqui, por oposição, de não essencialista, que igualmente valoriza o passado/tradição, mas não o evoca em sua suposta pureza, reconectando-se a ele a partir de uma postura crítica e, digamos, renovadora. Ao final do processo, procurou-se entender se houve algum equilíbrio entre elas ou se, de outra maneira, pode ter havido a predominância de uma perspectiva sobre a outra ou mesmo um confluência ou hibridação, com fronteiras tênues e de difícil demarcação.

No âmbito da produção cultural em Minas Gerais, várias pesquisas têm demonstrado o lugar de destaque dado ao trabalho com a memória, característica essa presente em autores de diferentes épocas, seja nas composições dos poetas árcades do século XVIII mineiro até em algumas expressões culturais contemporâneas, como nos mostra pesquisas como a de Melânia Silva de Aguiar (2007). A autora, ao comparar a poética de escritores localizados em épocas diferentes – Cláudio Manoel da Costa e Carlos Drummond de Andrade –, sob a perspectiva de um trabalho com a memória, nos mostra as nuances por eles criadas nas construções/invenções de identidades mineiras. Em seu trabalho, é perceptível o forte caráter essencialista presente em ambos os poetas.<sup>208</sup> Para a autora, do “procedimento [essencialista] – isto é, a recorrência aos elementos da memória ou da tradição na reconstituição de uma pretensa identidade perdida ou ameaçada – a literatura mineira oferece inúmeros exemplos” (AGUIAR, 2007, p. 102).

No processo dinâmico de um trabalho com a memória, é importante ressaltar como os diferentes presentes podem exercer o papel central na construção, na invenção ou no reforço de sentidos de continuidade/ conservação, referentes a um olhar essencialista do passado, ou de ruptura/ superação, centrados numa visão crítica do mesmo. Ou, por uma outra perspectiva, para a conformação de “entre-lugares”, como definiu Homi K. Bhabha (2013), que os considera como terrenos “para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão

---

208 Também a partir de perspectivas comparativistas, mas investigando um espectro mais amplo, em nível nacional, Cf. SOUZA, 2013; REIS, 2017.

início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2013, p. 20).

Ao funcionar a partir de uma lógica de montagem similar a “galerias abertas à memória”, sentido esse recorrente nos vários números organizados pelo caderno ao longo das suas 70 publicações levantadas para a pesquisa, consideramos pouco produtivo explorá-las exaustivamente, analisando caso a caso, no intuito de extrair de cada exemplar publicado leituras pormenorizadas.

Como recurso metodológico, foram selecionados aquelas que, em cada ano de publicação do *SLMG*, se destacaram como exemplares para a análise e discussão, segundo os objetivos deste capítulo. Nesse sentido, a nossa análise concentrou-se, nesta terceira parte da pesquisa, em uma divisão em três partes, considerando o trabalho de retorno ao passado da tradição cultural mineira feito pelo *SLMG* à produção cultural dos séculos XVIII, XIX e XX mineiros. Para tanto, a investigação se concentrará em duas frentes: serão analisados, em uma primeira, os cadernos que trabalharam especificamente, como tema, os séculos em questão, como, por exemplo, os dedicados aos poetas árcades e a sua importância para a história de Minas ou aos viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil, e sobre ele escreveram, no século XIX.

Em uma segunda frente, analisaremos as publicações que, ao homenagear um determinado autor, referiram-se à importância de seu trabalho localizado em um contexto específico, integral ou parcialmente. Esse é o caso, por exemplo, de escritores como Bernardo Guimarães, Eduardo Frieiro, João Alphonsus e Guimarães Rosa.

Na tabela a seguir, as publicações foram divididas em relação ao recorte temporal as quais se referiram, em uma perspectiva de separação por séculos da produção cultural mineira ou sobre ela referida.

Tabela 1: Levantamento por referência aos séculos e ano de publicação

	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	Total
Século XVIII	0	3	2	5	0	0	1	0	0	2	13
		(45, 46, 61)	(121, 122)	(143, 144, 145, 173, 174)			(290)			(443, 444)	
Século XIX	0	0	3	1	7	4	0	2	0	0	17
			(87, 88, 89)	(172)	(203, 204, 205, 213, 214, 215, 226)	(227, 228, 241, <sup>209</sup> 271, 272)		(330, 341)			
Século XX	1	7	8	5	0	1	4	5	4	1	36
	(16, 17 <sup>210</sup> )	(19, 23, 29, <sup>211</sup> 33, 50, 60, 65, 68, 70)	(74, 75, 85, 93, 94, 99, 113, 118)	(131, 132, <sup>212</sup> 137, 138, 165, 166, 169)		(261)	(282, 283, 286, 305)	(343, 355, 356, 378, 379)	(395, 396, 397, 410)	(450)	
Total	1	10	14	11	7	5	5	7	4	3	66

209 Caderno especial sobre o escritor Marcel Proust, organizado sob a responsabilidade de José Nava.

210 Caderno especial intitulado "Natal, poesia e prosa".

211 Respectivamente, cadernos especiais sobre "Carnaval na Literatura" e "Semana Santa: tema de literatura", ambos organizados por Laís Corrêa de Araújo.

212 Cadernos organizados sob o tema "Portugal: a literatura nova (I)" e "Portugal: a literatura nova (II)", ambos sob a responsabilidade de Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro.

Vale ressaltar que essa divisão, por mais esquemática que possa parecer, a primeiro momento, encontra-se baseada nas próprias formas de conceber as relações entre o passado e presente encontradas nas páginas do *SLMG*, por vezes implicitamente, mas, em sua grande recorrência, como um dado exposto e constante. Alguns autores, inclusive, também a utilizam para fundamentar as supostas “vozes de Minas”, que seriam encontradas nesses três períodos da história de Minas Gerais.

José Murilo de Carvalho afirma, em uma explícita referência ao livro de Alceu Amoroso Lima, publicado em 1946, *A voz de Minas*, que haveria a necessidade de ouvir a pluralidade sonora produzida pelo Estado, superando o olhar singularizante proposto por esse. Segundo Carvalho, “não há uma voz de Minas, como queria Alceu Amoroso Lima. Em Minas, há muitas vozes, algumas dissonantes. O Triângulo tem sua voz, o Centro, o Sul, o Norte, a Mata” (CARVALHO, 2005, p. 55).

Para o autor, a voz do ouro seria aquela do século XVIII, ligada à mineração, à urbanidade, à rebeldia; a Minas da utopia e da liberdade. A voz do século XIX, por sua vez, seria marcada pela presença da agricultura e pecuária. Rural e conservadora, suas características seriam o predomínio da ordem, do equilíbrio, da presença marcante do núcleo familiar. A voz do ferro, por fim, mais verificável na segunda metade do século XX, estaria marcado pelo progresso, pelas grandes siderurgias e pela industrialização. Nesse cenário e divisões, o que conseguiríamos ouvir, hoje, seria uma profusão polifônica de vozes diferentes emitidas principalmente por personalidades históricas igualmente diferentes. Para o século XVIII, sobressairiam ou seriam representantes Felipe dos Santos e Tiradentes; para o XIX, Silviano Brandão e Bias Fortes e, por último, para o XX (a partir de 1950), Israel Pinheiro e Juscelino Kubitschek. Respectivamente, foram momentos de “gritos”, “cochicho” e “conversa”:

Vou limitar-me a sintonizar três vozes marcantes ao longo da história, que apenas em parte se prendem a regiões. Elas se referem sobretudo a diferentes tipos de economia e sociedade, sem que sejam deles produtos automáticos. Vou chamá-las metaforicamente de vozes do ouro, da terra e do ferro, em referência aos produtos que, em diferentes épocas, conferiram dinamismo à economia e marcaram a sociedade mineira. A voz do ouro fala sobretudo de liberdade, a voz da terra, de tradição, a voz do ferro, do progresso (CARVALHO, 2005, p. 55).

Também em um trabalho de interpretação e compreensão sobre a heterogeneidade de vozes regionais brasileiras, e especificamente em um capítulo sobre a ideia de “mineiridade” no trabalho do escritor e sociólogo Darcy Ribeiro, José Carlos Reis, em *Identidades do Brasil 3: de Carvalho a Ribeiro*, apropria-se das considerações de Carvalho para dar sustentação a sua análise. Interessado, contudo, em entender especificamente as contribuições do autor à cultura brasileira, Reis defende que considerar essa polifonia é importante para se “evitar noções como ‘enteléquia’, ‘alma’, ‘essência’, ‘identidade una e indivisível’ e apostar no tempo e na história” (REIS, 2017, p. 297). Em sua leitura, Reis chamou “a voz do ouro de ‘tempo inconfidente’, a voz da terra de ‘tempo tradicional’ e a voz do ferro de ‘tempo moderno’” (REIS, 2017, p. 297).

Carvalho, contudo, nos chama a atenção para o fato da não predominância da “voz do ouro”/liberdade ou mesmo da “voz do ferro”/progresso sobre as demais. Pelo contrário, seria a “voz da terra” que se sobressaiu e ainda se sobressaia quando o assunto é Minas Gerais:

A imagem ainda predominante de Minas não é essa da Minas do ouro. É seu oposto, a da Minas da terra. Não é a da voz da liberdade, é a da voz da tradição, por mais que a muitos mineiros desagrade tal versão. Como a primeira voz era marcada pela economia do ouro, a segundo o era pela da terra. O que tinha o ouro de instável e móvel, tinha a terra de estável e imóvel. (...) A imagem do mineiro, dos meados do século XIX até a metade do século XX, conformava-se com a da psicologia das populações rurais (CARVALHO, 2005, p. 61-62).

Outras divisões ou perspectivas metodológicas são encontradas em livros, estudos acadêmicos, artigos, dentre outros, que também apontam para alguns caminhos trilháveis para a apreensão do passado histórico de Minas Gerais. Reis (2017), por exemplo, dividiu o seu estudo entre autores “realistas” e “utópicos”,<sup>213</sup> ao entender que seria nessa segunda categoria que se encontraria Darcy Ribeiro. Ramalho (2015), por sua vez, aposta na divisão da historiografia mais propriamente mineira em dois grupos: os “essencialistas” e os “não essencialistas”, divididos em função do tipo de discurso emitidos por alguns de seus principais autores sobre o tema da mineiridade. Contudo, constata-se que ainda predominaram estratégicas ou

---

<sup>213</sup> Os representantes “realistas” são José Murilo de Carvalho e de Fernando Henrique Cardoso. Na categoria de “utópicos”, foram elencados Raymundo Faoro, Evaldo Cabral de Mello, Raimundo Moraes e Darcy Ribeiro.

escolhas metodológicas que priorizam os recortes temáticos, muito similares aos encontrados em trabalhos feitos nas décadas de 1950 e 60. Nesse sentido, vale destacar as publicações feitas pelo Centro de Estudos Mineiros, na maioria das vezes como fruto de seminários temáticos ocorridos naquele período como, por exemplo, o Primeiro Seminário de Estudos Mineiros, ocorrido em 1956. Nele, encontramos trabalhos voltados, quase que exclusivamente, para as questões da Minas colonial, ou o Seminário sobre a Cultura Mineira no Período Colonial, ocorrido em 1978 e publicado em livro no ano seguinte, 1979.

Mais próximo a esses últimos, há também o interesse na abordagem por grandes configurações temáticas como na expressa no livro *História de Minas Gerais: as Minas setecentistas*, em dois volumes, sob a coordenação dos professores Luiz Carlos Villalta e Maria Efigênia Lage de Resende. Neles, são expressos uma série de estudos mais recentes de pesquisadores, nacionais e estrangeiros,<sup>214</sup> organizados sob as frentes “Territorialização: caminhos, urbanização, fronteiras e cartografia”, “Política, sociedade e administração”, “Economia: diversificação, dinâmica evolutiva e mercado interno”, “Escravidão: demografia, resistência e cotidiano” e “Guerra, sedições e motins”, presentes no volume 1; e “Igreja, clero e irmandades”, “Trabalho, ciência e técnica”, “Educação e letras”, “Artes, religiosidade, iconografia”, “Cotidiano e vida privada” e “Inconfidência Mineira e inconfidências”, no seu segundo volume.

Outra publicação que merece destaque é o livro *As Minas e o império: dinâmicas locais e projetos coloniais portugueses*, que, assim como o anterior, reúne uma quantidade significativa de trabalhos e artigos. Publicado no ano de 2013, a obra, organizada por Adriano Toledo Paiva e Pablo Menezes e Oliveira, configura-se como o resultado de pesquisas recentes sobre o século XVIII em Minas Gerais, tendo sido dividido em três partes: “Os corpos e comunidades: sociabilidades e representações sociais”, “Poderes e instituições: estudos de história política” e “Homens letrados no interior mineiro: Os juízes de fora em Vila do Carmo”.

---

214 Segundo Maria Efigênia Lage de Resende, em “Escrever a história de Minas Gerais”, que acompanha os dois volumes publicado como texto de apresentação, “participaram dos volumes, referentes ao Setecentismo mineiro, 41 pesquisadores da história de Minas, em sua maioria historiadores, a que se reúnem *experts* de áreas vizinhas, cuja contribuição foi inestimável para que pudéssemos compor um cenário mais ampliado do século XVIII mineiro” (RESENDE, 2007, p. 12).

Ao fazer um balanço sobre a produção historiográfica sobre a capitania das Minas Gerais produzida a partir dos anos 1980, sob a denominação de uma “historiografia sobre Minas Gerais”, a historiadora Júnia Ferreira Furtado, em artigo intitulado “Novas tendências da historiografia sobre Minas Gerais no período colonial”, publicado em 2009, informa que até “últimas décadas do século XX, os estudos históricos sobre as Minas Gerais haviam se dedicado eminentemente aos acontecimentos políticos e econômicos da capitania no período colonial” (FURTADO, 2009, p. 117).

Segundo Furtado,

Mesmo o barroco mineiro, enquanto objeto de análise, mereceu abordagens notadamente no campo da história da arte e da literatura (ÁVILA, 1967). Raras foram as exceções, como os trabalhos de Eduardo Frieiro, que abordaram a cultura mineira, os costumes ou a vida social da capitania. Seu livro sobre as leituras que inspiraram os inconfidentes, baseado na análise da biblioteca do Padre Luís Vieira, intitulado *O diabo na livraria do cônego*, (FRIEIRO, 1981) se tornou clássico. Até então, os estudos acerca da capitania das minas do ouro pouco tinham explorado os temas instigantes sobre a vida cotidiana e o universo cultural sugeridos por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, em “Metais e pedras preciosas”, ou mesmo em *Caminhos e fronteiras* (HOLANDA, 1994) (FURTADO, 2009, p. 117).

O caminho seguido por este capítulo, porém, será diferente. Ele não se baseará em fontes primárias, com um intuito de escavar mais fundo “acerca da capitania de minas do ouro”, como mencionado por Furtado, com o fito de explorar “temas instigantes sobre a vida cotidiana e o universo cultural”, e nem irá procurar por uma, ou várias, “identidades” mineiras, ou por outras “vozes” de Minas, como feito por Carvalho e Reis, principalmente. Aqui, procurou-se ler como uma produção cultural situada na segunda metade do século XX abriu as suas páginas para expor o universo cultural, em grande medida literário, referente aos séculos XVIII, XIX e XX mineiros. Assim, a escolha do *SLMG* como objeto e fonte para este estudo procurou mostrar como o passado foi apropriado, ressignificado, reorganizado e dado a ler nas páginas do caderno. E, ao fazê-lo, intentou-se investigar como foi feito o trabalho com a memória.



## Capítulo 4: Galerias abertas à memória cultural de Minas setecentista

### 4.1. Barroco: Áurea idade da áurea terra: literatura e estilo de vida, artes plásticas, música e teatro

Os estudos de cunho histórico sobre o barroco mineiro guardam um lugar especial em relação às investigações pelas quais se interessou a intelectualidade mineira, o que conferiu a esse tema uma posição de destaque e ao seu tratamento uma historiografia que apresenta um volume considerável de publicações e pesquisas realizadas. Nesse sentido, pode-se afirmar que, historicamente, esse é um tema integrante e de relevância da (e para a) cultura intelectual mineira.

Na década de 1950, encontra-se no caderno publicado referente as conferências pronunciadas por ocasião do Primeiro Seminário de Estudos Mineiros, realizado em abril de 1956 em Belo Horizonte, na então Universidade de Minas Gerais, um texto esclarecedor do professor Lourival Gomes Machado, intitulado “O barroco em Minas Gerais”. Nele, logo em sua abertura, localiza-se um balanço sobre o estágio em que se encontrava os estudos sobre esse tema no Brasil, que enquadra-se também ao caso mineiro:

O estudo do barro[co] (sic) mineiro, em sua fase atual, ainda não permite o recurso às sínteses compendiadoras, tão apetecíveis ao gosto acadêmico e tão cômodas para os que devem respeitar os exigentes limites de uma conferência. Farto, muito farto mesmo, é o levantamento das peças, dos monumentos e da documentação que, com admirável severidade e plena eficiência, vem praticando quase sozinha a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, numa irrecusável demonstração de que certas tarefas intelectuais só podem realizar-se satisfatoriamente se entregues a uma equipe capaz e submetida a direção competente. Menos abundante, porém sugestiva e proveitosa, é a contribuição de certos estudiosos isolados que, conhecendo a sábia continência do organismo oficial em matéria interpretativa, buscam desenvolver a pesquisa das significações (MACHADO, 1956, p. 45).

Se esse é o panorama pintado para a década de 1950, o estudo mais acurado e abrangente sobre o tema só ocorreria com rigor e sistematização nos anos 1980. Segundo Furtado (2007, p. 137), teria sido apenas a partir dessa década que o estudo do barroco como práticas culturais, “libertado das amarras do determinismo econômico, ou dos limites impostos pelo conceito de ideologia, abriu um universo infinito de temas ao pesquisador”. Ainda segundo a historiadora, teria

sido a partir desse marco temporal que os estudos sobre o barroco seriam concebidos de forma ampla, “como um conceito capaz de articular o estudo das práticas culturais da capitania, do modo de vida de seus habitantes, da forma de organização do espaço urbano, etc., enquanto expressões do mesmo ambiente cultural que imperava” (FURTADO, 2007, p. 137-138). Contudo, houve nos anos 1960 um interesse renovado pelas discussões do barroco para além de seus condicionantes econômicos e sua importância arquitetônica, como é possível perceber em sua inserção nas páginas do *SLMG*.

Situado quase que exatamente no “meio do caminho” desses dois períodos bem distintos da pesquisa histórica sobre o barroco em Minas, o *SLMG* publicou três cadernos dedicados ao tema: dois no ano de 1967, números 45 e 46, e um terceiro em 1972, de número 290.<sup>215</sup>

Contando com a organização de Affonso Ávila, que havia lançado em 1967 o seu livro *Resíduos seiscentistas em Minas*, publicado pelo Centro de Estudos Mineiros, de Belo Horizonte, ambos os eventos demarcam um momento de destaque para tema na produção cultural mineira e sua presença nas páginas do *SLMG* sugere um reforço dessa importância.<sup>216</sup> Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a seleção do tema, sua apresentação e discussão reorganiza e reconfigura o imaginário sobre o barroco presente no universo cultural mineiro, o gesto de selecioná-lo reativa elementos de sua memória positivando a sua importância, ao mesmo tempo em que o (re)atualiza.

Os cadernos são organizados e apresentados como antologias, o que possibilita lê-los e discuti-los a partir da noção de arquivo e de um trabalho feito sobre a memória cultural. Nossa hipótese neste trabalho, então, é de que ao proceder por meio de um processo de seleção/recorte, organização e publicação,

---

215 Podemos afirmar que o tema do barroco nunca se ausentou das páginas do *SLMG*, mesmo que a sua presença possa ser percebida a partir de publicação eventuais ou mesmo esporádicas. Em nossa pesquisa, contudo, não chegamos a quantificar ou levantar com mais exatidão a importância e/ou relevância da recepção do caderno ao tema, estudo esse reservado para pesquisas futuras.

216 Anteriormente à publicação dos dois primeiros cadernos sobre o barroco, o *SLMG* havia lançado três números especiais: um em homenagem ao escritor Ciro dos Anjos (n. 16, em 1966); um sobre o aniversário de 40 anos do lançamento da *Revista Verde* (n. 19, 1967); e um intitulado “João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo” (n. 33, 1967), organizado por Fernando Correia Dias, em homenagem ao escritor. Contudo, como veremos mais a frente, sem uma repercussão perceptível, ou pelo menos não como tiveram os números feitos sobre o barroco.

por um lado, de textos dispersos (fragmentos, poesias, imagens, ensaios, entrevistas etc.) disponíveis para a montagem das edições e, por outro, a partir de estudos de intelectuais convidados a escrever para a edição ou que escreveram especificamente sobre o tema, esse ato configura-se como uma (re)memoração e uma invenção. Por extensão, esse caráter antologizador carrega um sentido didático, principalmente pelo fato de o *SLMG* se inserir em uma lógica de distribuição e dentro de uma estrutura – a Imprensa Oficial, o jornal *Minas Gerais* –, que lhe emprestaram uma considerável visibilidade. Assim sendo, o seu funcionamento, no âmbito da cultura, se configuraria como um dispositivo que lançou mão de uma organização por antologias, com o objetivo de disseminar uma imagem positiva de uma cultura mineira.

No caderno de número 45, publicado em 1967, intitulado “Barroco: Áurea idade da áurea terra: a literatura e o estilo de vida”, encontra-se o primeiro posicionamento do *SLMG* em relação ao tema em questão. Em apresentação escrita por Affonso Ávila, a quem coube a organização do caderno, tem-se, também em forma de um balanço, como de Gomes citado acima, expresso o significado e o sentido da concepção de barroco que estava sendo valorizada e colocada em evidência:

Durante muito tempo, pensou-se ingenuamente que fossem os monumentos religiosos de nossas cidades coloniais as únicas manifestações realmente representativas de uma cultura condicionada em Minas Gerais, no século XVIII, pela economia do ouro e do diamante. Essa ideia, aceita sem maiores discussões por historiadores e mesmo certos especialistas de nomeada, derivava na verdade do desinteresse com que, a partir da decadência da mineração, se encarnavam as coisas de nosso passado, que se imaginava testemunhado apenas pela beleza de templos e edifícios arruinados. Entretanto, resistindo à ação insidiosa do tempo e ao descaso generalizado, muitos documentos inéditos e idosos livros da maior importância teimavam, no mais que centenário silêncio de arquivos e bibliotecas brasileiros e portugueses, em resguardar, para o estudo e interpretação da posteridade, as formas globalizadas de uma civilização que se criou e floresceu insulada no centro montanhoso do Brasil (ÁVILA, *SLMG*, 1967, n. 45, p. 1).

Destaca-se um duplo deslocamento: de um “olhar ingenuo” que teria se preocupado apenas com as fontes arquitetônicas de caráter religioso das cidades coloniais para uma abertura maior de interesse sobre o tema, o que expressa também a necessidade de um alargamento da própria ideia de fonte, ao mesmo tempo em que se ressalta a necessidade de uma mudança de posição dos

historiadores com a noção de (e com o) tempo. E ainda, atravessando esses dois pontos, destaca-se a questão dos arquivos que “teimam em resguardar” as “formas globalizadas de uma civilização”. Destarte, o mesmo pode se afirmar sobre o trabalho que será feito com e pelo *SLMG* nesses cadernos especiais, servindo essa passagem como uma metonímia do processo que acompanhará a organização e difusão das antologias. Ou seja, um trabalho de ressignificação cultural que lidará com as questões da temporalidade, dos arquivos (no plural, considerando que o próprio *SLMG* pode ser entendido como um) e (re)escrita da história.

Os objetivos gerais da seleção e organização do trabalho foram assim apresentados:

Dedicando ao assunto dois números especiais, este Suplemento Literário quer oferecer aos seus leitores uma visão, quanto possível abrangente, do que foi a cultura barroco-mineira, cujas projeções e heranças ainda marcam, tão vincadamente, a alma regional montanhosa e a sua presença no contexto espiritual da nação. O material de natureza crítica, documental e criativa aqui reunido mostra aspectos do estilo de vida, do gosto artístico e da concepção religiosa e existencial da sociedade mineradora que a fazem definir com propriedade dentro das características do barroco. Ou seja, de um período da história cultural do ocidente que se esbatia contraditoriamente entre o primado humano dos sentidos e o apelo sobrenatural da fé, dualidade que se recobria de um brilho exterior de formas tanto no ritual da igreja e da vida profana, quanto nas linhas da criação plástica ou na linguagem literária e musical. O aparecimento dos números especiais sobre o barroco montanhês coincide com a comemoração este ano do 250º aniversário de nascimento do primeiro autor mineiro que se exprimiu em verso, o padre-poeta João Coelho Gato de Amorim, nascido em Vila Rica e ali batizado na matriz de Antônio Dias a 30 de outubro de 1717. A evocação desse até agora obscuro personagem de nossas letras coloniais quer significar uma homenagem também à memória, muitas vezes anônima, daqueles artistas e letrados que, na primeira metade do século dezoito, aqui ajudaram a plantar os fundamentos da cultura barroca, quando, segundo o verso de outro mineiro do tempo – o cultista Antônio Dias Cordeiro, via “sua áurea idade a Áurea Terra” (ÁVILA, *SLMG*, 1967, n. 45, p. 1).

Confeccionado em 12 páginas, o caderno trouxe como ilustração de capa um desenho da cidade de Ouro Preto feita pelo artista plástico mineiro Wilde Lacerda.<sup>217</sup> Nele, o pintor nos apresenta um recorte singelo e harmônico da paisagem urbana da

217 Wilde Damaso Lacerda nasceu em Belo Horizonte, em 1929, local onde faleceu em 1996. Foi pintor, desenhista, gravador, escultor e professor. Antes de iniciar a carreira artística, trabalhou como funileiro na oficina mecânica do irmão. Em 1946, recebe da prefeitura de Belo Horizonte uma bolsa de estudos para a Escola de Belas Artes de Belo Horizonte. Estudou pintura com Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) e escultura com Franz Weissmann (1911-2005), tornando-se posteriormente assistente de ambos. Cf. *Enciclopédia Itaú Cultural*. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24753/wilde-lacerda> (Acessado em: jun. 2018).

cidade, marcada por uma sensação de calma bucólica, com traços que nos lembram alguns dos vários desenhos feitos por Alberto da Veiga Guignard sobre as paisagens mineiras (de quem, aliás, Lacerda foi aluno).<sup>218</sup> Logo abaixo do desenho sobre a cidade mineira, vemos uma legenda: “Ouro Preto, cidade típica do barroco mineiro, viveu seus dias de maior esplendor festivo com as solenidades de inauguração, em 1733, da matriz de Nossa Senhora do Pilar, que aparece neste desenho de Wilde Lacerda” (*SLMG*, 1967, n. 45, p. 1).

Ao adentrarmos pelas páginas/salas dessa primeira galeria exposta à visita pelo leitor ao universo barroco pintado pelo *SLMG*, vale fazer uma primeira ressalva: o caderno foi organizado, como mencionamos mais acima, a partir de uma seleção feita por Ávila, para a montagem do número especial. Possivelmente fruto da positiva acolhida que seus estudos e interesse sobre o barroco lhe proporcionaram naquele momento,<sup>219</sup> consideramos que o resultado dos dois cadernos especiais carregaram um “tom” de suas considerações sobre o tema e de sua mediação no âmbito das redes intelectuais movimentadas para o êxito do empreendimento. Dito de outra forma, o resultado obtido também está diretamente condicionado à escolha feita pela administração do *SLMG* sobre os responsáveis pela pesquisa, seleção e organização dos números especiais. Não tivemos como saber qual o grau de autonomia foi conferido em cada caso, mas podemos considerar que o trabalho tenha sido feito em cooperação dos responsáveis pelos números e a redação do *SLMG*, nas ocasiões em que o organizador não era parte integrante da mesma. Esse seria, por exemplo, o caso de Laís Corrêa de Araújo, que chegou a se responsabilizar por alguns números enquanto fez parte de seu corpo editorial.

---

218 Uma rápida pesquisa em alguns *sites* especializados em divulgação das obras de artistas plásticos consagrados, como é o caso de Guignard e Lacerda, é suficiente para constatar um número significativo de desenhos e pinturas dedicadas às cidades mineiras do século XVIII como, por exemplo, Lagoa Santa, Ouro Preto, Diamantina, São João del Rei, Mariana, dentre outras. Ambos artistas também tiveram um interesse por paisagens da capital mineira, sendo autores de obras que representaram alguns espaços da cidade como, por exemplo, o Parque Municipal, localizado no centro de Belo Horizonte. Para além desses trabalhos, vale destacar a recorrência em que os seus desenhos foram requisitados para ilustrações e mesmo para a composição de capas de livros de escritores mineiros.

219 Ávila já havia recebido dos prêmios anteriores a confecção dos cadernos especiais sobre o barroco: em 1961, de poesia *Cláudio Manoel da Costa*, da Secretaria da Educação de Minas Gerais e *Cidade de Belo Horizonte*, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, pelo livro *Carta ao Solo*; e o Prêmio de Erudição *Cidade de Belo Horizonte*, da Prefeitura de Belo Horizonte, em 1965, pelo livro *Resíduos seiscentistas em Minas*.

Para a organização dos números especiais sobre o Barroco, podemos considerar que havia alguns nomes concorrentes que poderiam fazer parte da constelação possível de intelectuais à disposição para a realização da tarefa. Aliás, é o próprio Ávila que nos informa, em dedicatória de seu livro *Resíduos seiscentistas de Minas*, ao homenagear Eduardo Frieiro, Murilo Mendes e Francisco Iglésias, que esses nomes formariam a “consciência crítica de Minas na lição viva de três gerações” (ÁVILA, 1967, vol. 1, p. VII).

De uma forma geral, vale destacar que o interesse de Ávila pelo tema data dos anos de 1950. Em 1956, encontramos Ávila participando, como colaborador de uma seção permanente, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. Segundo nos informa, o convite para que fizesse parte da publicação teria vindo de Antonio Candido, que compunha a redação do caderno, tendo sido sua o projeto de criação do mesmo.<sup>220</sup> Segundo Ávila, ele seria responsável por “uma coluna sobre temas de Minas e livros mineiros, vestibular de história e escandir de exercício crítico, puberdade de linguagem avocada com barba e gilete, tatibitate de voz em mutação, em ensaio de liberdade ainda tardia”.<sup>221</sup> Para ele, essa oportunidade significou “uma janela não apenas para o calouro mineiro, mas sobretudo para a emergência de pensamento e reflexão de Minas ao âmbito nacional” (ÁVILA, 2000, p. 12).

A década de 1960 ainda assistiu a criação do Suplemento Dominical ligado ao jornal *Estado de Minas*, que chegou a contar com alguns intelectuais ligados à revista *Tendência*, dentre eles Ávila e Cyro Siqueira. Contudo, o projeto sobreviveu apenas entre os anos de 1963, ano de sua inauguração, e 1964, devido às imposições deferidas ao meio cultural com o evento do golpe civil-militar.<sup>222</sup>

Segundo Ávila,

220 Cf. PONTES, 1998.

221 Em 2000, foi publicado o livro *Catas de Aluvião – do pensar e do ser em Minas* com textos de Ávila publicados em alguns jornais, revistas, anais de eventos, etc. Dentre eles, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. Para a composição da obra, os textos foram selecionados pelo próprio autor, sendo também dele o texto de apresentação, de onde retiramos o trecho.

222 Segundo o historiador Carlos Fico, “além do apoio de boa parte da sociedade, ele [o golpe de Estado de 1964] foi efetivamente dado também por civis. Governadores, parlamentares, lideranças civis brasileiras – e até o governo dos Estados Unidos da América – foram conspiradores e deflagradores efetivos, tendo papel ativo com estrategistas. Entretanto, o regime subsequente foi eminentemente militar e muitos civis proeminentes que deram o golpe foram logo afastados pelos militares justamente porque punham em risco o seu mando” (FICO, 2014, p. 9). Sobre os meandros e o alcance das discussões e pesquisas sobre o caráter do golpe (se “militar” ou “civil-militar”), Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Ditadura militar no Brasil: historiografia, política e memória”, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-rodrigo-patto-sa/> (Acessado em: jun. 2018).

No início dos anos 60 estava surgindo em Belo Horizonte uma geração de interesses muito diversificados, voltada para a poesia, a ficção e também para as artes plásticas e a música. Havia uma inquietação muito grande que se somava à própria inquietação nacional. Era um período de muita discussão ideológica, de acirramento político de ideias. As pessoas iam se definindo, tomando posições diante da opressão crescente (ÁVILA *apud* RIBEIRO, 1997, p. 107).

Voltemos, então, para esse “passeio” pelas páginas dessa primeira galeria aberta à nossa visita.

Dentre os textos selecionados para a confecção dessa primeira antologia selecionada, nos deparamos com o texto “A formação barroca de Cláudio Manoel da Costa”, de Antônio Cândido. Mesmo não sendo o primeiro ensaio publicado pelo autor nas páginas do *SLMG*, não deixa de ser curioso perceber uma espécie de “troca de gentilezas” entre os dois intelectuais. Como indicamos acima, foi pelas mãos de Candido que Ávila teria chegado às páginas do caderno de cultura paulista.

No fragmento publicado, temos, ao final do texto, a informação de que se tratava de um trecho retirado de um de seus livros, onde se lê, entre parênteses, “De Formação da Literatura Brasileira” (CÂNDIDO, *SLMG*, 1967, n. 45, p. 2).<sup>223</sup> O trecho escolhido para a publicação foi publicado no livro de Candido sob o título de “No limiar do novo estilo: Cláudio Manuel da Costa”. O trecho escolhido localiza-se, mais precisamente, na segunda parte da discussão de Candido, no subtópico intitulado “O artesanão”.

Ao mudarmos de página, encontramos o texto “Este opulento emisfério das Minas”, de Simão Ferreira Machado, sobre o qual somos informados que se trataria de uma introdução ao *Triunfo Eucarístico*, configurando esse como “uma boa amostra do estilo desse que foi o cronista barroco do ouro das Minas” (MACHADO, *SLMG*, 1967, n. 45, p. 3).<sup>224</sup> Logo após uma imagem da primeira página do livro em questão, lemos a seguinte legenda:

223 Por essa época o escritor, crítico e professor de literatura ainda assinava o seu nome com acentos, grafia que será suprimida posteriormente.

224 Compôs evento da celebração Triunfo Eucarístico um festejo de cunho religioso e cívico em comemoração à transferência do Santíssimo Sacramento da Igreja do Rosário para a matriz de Nossa Senhora do Pilar. Simão Ferreira Machado, então morador das Minas, foi quem relatou a festa e seus escritos foram publicados em Lisboa, em 1734. Para uma discussão mais ampla dos significados do festejo, principalmente como forma de teatralidade no Brasil colônia, Cf. MAYOR, 2014. Cf., também, FURTADO, 1997; CAMPOS, 1989; FIORAVANTE, 2008.

Página de rosto da edição príncipe do Triunfo Eucarístico, em que Simão Ferreira Machado, no requinte verbal de sua prosa barroca, descreve as suntuosas festividades que assinalaram, em 1733, a inauguração da nova matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.

A importância desse fragmento, para além de fazer um “par” com a imagem desenhada por Wilde Lacerda, para a capa do *SLMG*, nos é sugerida como um dos exemplos de publicação de documentos pelo caderno para a informação do público leitor (e, por quê não, de possíveis pesquisadores interessados no tema). Como mencionado na passagem acima, essa seria uma “boa amostra” do cronismo barroco da era do ouro em Minas. Esse, como propusemos ao início deste capítulo, é um dos sentidos de arquivo que estamos considerando no trabalho feito pelo *SLMG*: o ato de selecionar, publicar e dar-se a ler documentos, em tese, pouco (ou nada) corriqueiros, potencializando a ampliação de circularidade cultural.

Na página quatro, lemos uma matéria intitulada “O sermão barroco em Minas”, que se trata de um “Sermão de Exaltação da Cidade de Mariana”, feita pelo Arcipreste José de Andrade e Moraes. Na legenda, as informações “Fragmentos do Sermão de Ação de Graças pela Saúde do Rei Dom João V e pela Exaltação da Vila do Carmo de Minas em Cidade Mariana, publicado em Lisboa no ano de 1746)” (*SLMG*, 1967, n. 45, p. 4).

Na seguinte, uma seleção intitulada “Academia cultistas de Mariana”, sem autoria, apresentada como uma “Antologia dos principais poetas que compuseram a Academia”, sendo eles João Coelho Gato de Amorim, Antônio Dias Cordeiro, José Felipe de Gusmão e Silva, Diogo Álvares da Silva, Floriano de Toledo e Piza, Francisco Xavier da Silva, Gregório dos Reis e Melo e Sancho Pansa de Apolo. Em sua composição, lança mão de uma breve apresentação, também com um sentido antológico, de cada um deles, apresentando uma pequena biografia de cada poeta (*SLMG*, 1967, n. 45, p. 5).<sup>225</sup> Para exemplificar, as páginas seguintes, 6 e 7, trazem exemplos de poemas compostos por cada padre-poeta, novamente compondo um

225 Na apresentação do texto, lê-se: “Na noite de 10 de dezembro de 1748, reunia-se em Mariana, como parte das festividades comemorativas da posse do primeiro bispo da diocese, Dom Frei Manoel da Cruz, uma academia, certame poético de caráter circunstancial que naquela época era comum realizar-se ao ensejo de datas solenes ou de acontecimentos excepcionais. Cada participante concorria com uma ou mais composições, que versavam sempre o mesmo tema. Na academia alusiva à posse do prelado marianense, o tema era a tristeza do Maranhão, diocese de onde vinha transferido Dom Frei Manoel da Cruz, e a alegria de Mariana. Reuniram-se, então, na primeira cidade mineira, nada menos que dez padres-poetas, que concorreram com trabalhos em português, espanhol e latim” (*SLMG*, 1967, n. 45, p. 6-7).



tipo de arquivo que possibilitasse o conhecimento do tipo de poesia por eles feitas, ou mesmo o tipo de poesia feita, nas Minas setecentistas.

No texto de apresentação, assim foi narrado o acontecimento e o seu significado:

Na noite de 10 de dezembro de 1748, reunia-se em Mariana, como parte das festividades comemorativas da posse do primeiro bispo da diocese, Dom Frei Manoel da Cruz, uma academia, certame poético de caráter circunstancial que naquela época era comum realizar-se ao ensejo de datas solenes ou de acontecimentos excepcionais. Cada participante concorria com uma ou mais composições, que versavam sempre o mesmo tema. Na academia alusiva à posse do prelado marianense, o tema era a tristeza do Maranhão, diocese de onde vinha transferido Dom Frei Manoel da Cruz, e a alegria de Mariana. Reuniram-se, então, na primeira cidade mineira, nada menos que dez padres-poetas, que concorreram com trabalhos em português, espanhol e latim (SLMG, 1967, n. 45, p. 5).

Ocupando as duas páginas seguintes, lemos um texto intitulado “Triunfo Eucarístico: uma festa barroca”, fragmento retirado do livro *Resíduos seiscentistas em Minas*, fruto de pesquisa e organização feitas por Ávila (SLMG, 1967, n. 45, p. 8-9).

Ainda compôs o caderno uma página dedicada ao poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga, intitulada “As festas dos desposórios do infante (Vila Rica, 1786)”. Para a sua montagem, foram utilizados fragmentos do livro *Cartas Chilenas*, de autoria do poeta, das cartas de número 5 e 6.<sup>226</sup>

---

<sup>226</sup> *Cartas Chilenas* é um poema satírico, composto de 13 cartas, que circulou anonimamente em Vila Rica (atual Ouro Preto) entre 1787 e 1788. De uma forma geral, denunciava, de maneira indireta, os abusos e desmandos do governador de sua época, Luís da Cunha Menezes. As cartas citadas contam com os seguintes títulos: Carta 5: “Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposórios do nosso sereníssimo infante com a sereníssima infanta de Portugal”; Carta 6: “Em que se conta o resto dos festejos”.

**BARROCO:**  
**ÁUREA IDADE**  
**DA**  
**ÁUREA TERRA**

**MINAS GERAIS**  
**suplemento literário**

Av. Augusto de Lima, 279 — ANO II — Nº 45 — Preço: R\$6,100  
Belo Horizonte — SÁBADO, 8 DE JULHO DE 1967

*Uma Vila, cidade típica de barroco mineiro, visto aos olhos de um viajante estrangeiro feito em um esboço de um viajante, em 1733, da matriz de Nossa Senhora do Pilar, que agora está guardada no Museu de Vila Rica.*

10

**A LITERATURA E O ESTILO DE VIDA**

Número especial organizado pelo escritor Afonso Avila

Figura 15: SLMG, n. 45, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

## A FASE BARROCA DE ALVARENGA PEIXOTO

A poesia de Alvarenga Peixoto (1718-1782), até recentemente em circulação apenas nas antologias, parqu岸ado de dados de 1965 a edição organizada por Norberto de Souza e há publicado bibliográfica, tornou-se sua última obra mais recente: um livro de poemas e estudos sobre o autor, editado em 1966 pelo Instituto Nacional do Livro.

A edição de M. Rodrigues Lopes apresenta as primeiras leituras de Alvarenga Peixoto, por ele escolhidas, com uma prefácio introdutório em português e brasileiro, e comentários sobre o autor.

**SONETO**

De aguçada e rous mimada não se adorna as rous faces belas, nem as formosas traças nos daquelas que dos raios do sol foram forjadas.

As meninas dos olhos detidos, verde, preto ou amêi não brilha nelas; mas o autor soberano das estrelas mente'ff He a sua companheira.

Ah, Jônia, as aguçadas e as rous, a cor dos olhos e as traças d'outro podem fazer mil Ninjas melindrosas!

Poesia quanto à rous das Brônias só, sobre a rous das formas, anda notadas na sãba frente o livro!

**SONETO**

Passa-se a'ê boca, e passa-se entre hanc sem perceber, sendo os seus cabelos passados no dia, sendo os olhos belos, puros do Cto, onde amanhore a Aurora.

A boca sendo, ainda a graça mora, mimosa face, cento dos dioses, sendo o cõo gentil, de donde os raios, por mais que os mandos, não se são embora.

Que tempo há-de passar! Gasta-se a vida, e a vida é curta, pois flutua corre, e passa sem que seja percebida.

Ah, Maria, Maria, quem discorre nas suas perfuições, gentes sã, que alegre vive, que inconstit' mores!

**MINAS GERAIS**  
**suplemento literário**

Comissão de Redação:  
Ayrton de Mattos Machado Filho  
Marcelo Rubião  
Luis Carlos de Assisjo  
Secretário:  
Marcelo Rubião

**SONETO**

As mãos secadas o Sol são resplandores, e o mdo da Noite embrulha os horizontes; não cantam aves, não marriam fontes, não fãta Pã na boca dos pastores.

Atam as Ninjas, em fugas de filões, moças aguçadas sobre as traças fronteiras eram (doando) nos desvios montes, sem acoz, sem alcaças, os Amêias.

Vênus, Pã e as filhas da Memória, detendo os grandes tempos expeditos, não se trembam de alturas sem de glória.

Anlam os elementos confundidos: Ah, Jônia, Jônia, dia de rous sempre o mais rous: fo rous os rous!

Figura 16: SLMG, n. 45, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 12. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Nela, como texto de apresentação aos fragmentos que seguem, lemos que:

As grandes festas religiosas ou profanas de nossas cidades coloniais evidenciavam toda a faustosa exterioridade de que estava impregnado o espírito barroco da sociedade mineradora. Três desses suntuosos festejos, marcando etapas diferentes da evolução da capitania das Minas, foram relatados por autores do tempo, chegando assim até nós a sua descrição minuciosa (SLMG, 1967, n. 45, p. 10).

Os “três festejos”, citados no texto, compreendem o narrado por Simão Ferreira Machado, o já mencionado Triunfo Eucarístico, de 1733; o acontecido em Mariana, também referido, em 1748, e, por fim, aqueles narrados por Tomás Antônio Gonzaga, em suas *Cartas Chilenas*, em 1786:

A última grande festa levada a efeito no período colonial mineiro se deu no ano de 1786, em Vila Rica, e teve caráter profano. Comemoravam-se, então, em toda a colônia, os desposórios do Infante e futuro D. João VI, realizados na Europa, e o governador Luís da Cunha Menezes procurou revestir o acontecimento da maior gala possível. A sociedade mineradora, embora sofrendo a dura realidade do declínio econômico, pôs à mostra os derradeiros lampejos de sua índole ostentatória nesse festa, cuja descrição Tomás Antônio Gonzaga faz em duas das famosas *Cartas Chilenas* SLMG, 1967, n. 45, p. 10).

Vale ressaltar, de passagem, porque essa questão foge aos interesses dessa análise, que as duas páginas que trazem os fragmentos do poema de Gonzaga foram montadas a partir com cortes descontínuos da ordem e desenvolvimento que encontramos na organização do poema no livro. Destarte, também foi possível perceber, ao cotejá-los, que não houve nenhuma identificação, nas páginas do SLMG, de fim da carta 5 e o início da 6. Essa montagem, contudo, que parece ter lançado mão de uma perspectiva mural, nos fez lembrar das apropriações feitas pelo poeta Oswald de Andrade para a composição dos poemas presentes em seu livro *Poesia Pau-Brasil*, de 1924. Nele, na seção denominada “História do Brasil”, o escritor reescreve/remonta, a partir de fragmentos dos textos originais, as narrativas clássicas de personagens como, por exemplo, Pero Vaz de Caminha e Frei São Vicente do Salvador.<sup>227</sup> A esse procedimento, Haroldo de Campos denominou “uma poesia ‘ready made’” (CAMPOS, 1990, p. 24).<sup>228</sup> Contudo, diferente do poeta

<sup>227</sup> Outros escritores também lançaram mão desse “procedimento” como, por exemplo, o poeta Murilo Mendes em seu livro *História do Brasil*, publicado em 1932.

<sup>228</sup> Para Campos, “o *ready made* contém em si, ao mesmo tempo, elementos de destruição e de construção, de desordem e de nova ordem” (CAMPOS, 1990, p. 25).

paulista, que adotava, naquela ocasião, um tom dessacralizante e paródico, nas páginas do *SLMG* a montagem de um (novo) poema utiliza-se de um procedimento similar, mas com um tom de exaltação da importância do poeta árcade.<sup>229</sup>

Como página final desse primeiro enquadramento das memórias culturais sobre o universo barroco mineiro do setecentos, encontramos um texto intitulado “A fase barroca de Alvarenga Peixoto”, sem autoria identificada. Nela, foram publicados de três sonetos do escritor. Aqui, vale ressaltar a importância das investigações do pesquisador português Manuel Rodrigues Lapa, sobre o qual o *SLMG* tecerá vários elogios e recorrerá, seja por seus achados seja pelas edições que organizou, como referência sobre os escritores mineiros do século XVIII. Suas contribuições sobre esse objeto de pesquisa, assim como a sua presença em Minas Gerais por alguns anos, foi quase sempre saudada pelos intelectuais mineiros como importante para a renovação dos estudos sobre o período. Assim, sua presença nas páginas do caderno também foi objeto de louvor.<sup>230</sup>

Para a pesquisadora Eliana da Conceição Tolentino, responsável por uma investigação das relações entre Brasil e Portugal expressas nas páginas do *SLMG*:

(...) Rodrigues Lapa participou aqui de congressos, simpósios e publicou artigos em periódicos diversos como Anhembi, Revista do Livro e, no Suplemento Literário do Minas Gerais, no qual assinou vinte e seis ensaios. (...) Nos vários textos escritos para os dois números especiais dedicados a Rodrigues Lapa, elogios são reforçados. Todos os ensaios demonstram a gratidão e enaltecem a atuação política do professor em Portugal bem como os trabalhos que aqui realizou desfazendo erros e enganos (TOLENTINO, 2006, p. 92 e 94).<sup>231</sup>

Segundo lemos nas páginas do *SLMG* dedicadas a Alvarenga Peixoto, os sonetos teriam sido fruto de descobertas recentes de Lapa sobre o escritor, feitas em tanto em arquivos brasileiros quando portugueses:

229 Para discussões no campo da história política sobre o envolvimento e a participação dos poetas árcades com a Inconfidência, Cf. FONSECA, 2001; FURTADO, J. P. , 2002. Para uma discussão sobre as ideias de república presente nas conjurações de Minas Gerais, Cf. STARLING, 2018. Para uma análise das imagens e representações do poeta e da poesia no espaço literário e cultural brasileiro, em estudo comparativo entre as obras de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, Cf. MARQUES, 1993.

230 Como veremos mais a frente, no ano de 1975 foram organizados 2 cadernos especiais, organizados e coordenados por Rui Mourão, em homenagem ao pesquisador português.

231 Sobre o início das pesquisas de Lapa sobre os escritores árcades mineiros, Tolentino ainda nos informa que o pesquisador “já se dedicava à pesquisa acerca dos inconfidentes mineiros quando morava em Portugal. Em 1937, por exemplo, organizou a edição de *Marília de Dirceu e mais poesias* para a editora Sá da Costa, e em 1942, revista e ampliada, editou-a com o título *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*, em São Paulo” (TOLENTINO, 2006, p. 92).

A edição de M. Rodrigues Lapa acrescenta às anteriores cinco sonetos inéditos, por ele encontrados em suas pacientes investigações em arquivos portugueses e brasileiros. Essas composições vieram revelar uma face até então desconhecida do poeta, qual seja a de sua formação literária ainda sob a influência das formas poéticas que precederam em nossa língua o aparecimento do arcadismo. Os três sonetos que aqui se incluem entre as peças descobertas pelo eminente filólogo português [M. Rodrigues Lapa], mostram bem a importância dessa fase inicial da poesia de Alvarenga Peixoto, definida pelo lirismo amoroso, de trabalhado contorno barroco (SLMG, 1967, n. 45, p. 12).

Como o primeiro volume do caderno foi dedicado ao barroco ao ter como foco central a produção cultural feita em relação aos campos da “literatura e o estilo de vida”, como mostramos no início deste tópico, a segunda publicação, de número 46, trouxe como título “Barroco: áurea idade da áurea terra: As artes plásticas, a música e o teatro”. Para realizá-la, também esteve presente à frente de sua organização Affonso Ávila. Contudo, nessa edição não foi publicado nenhum texto de apresentação ou introdutório. Ao invés dessa forma de apresentação do caderno especial, foi utilizada a publicação de um trecho apresentado como de autoria de Joaquim José da Silva, segundo nos informa o caderno:

No último quartel do século dezoito, a sensibilidade visual do homem barroco mineiro, afeita à contemplação de uma arte de alto nível criativo, cristalizou-se numa nítida consciência crítica de intelectuais e homens de cultura diante das obras de grande beleza plástica que enriqueciam as nossas cidades e vilas coloniais. Cláudio Manoel da Costa, no seu poema Vila Rica, chegou a comparar os templos da antiga capital aos de Roma. Tomás Antônio Gonzaga, por sua vez, fez ressaltar nas Cartas Chilenas a elegância arquitetônica da Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica e a singularidade topográfica de Congonhas e seu santuário. Mas foi Joaquim José da Silva, 2º vereador da Câmara de Mariana, quem primeiro considerou com propriedade crítica o conjunto plástico da Minas colonial. Além de observações sobre o trabalho de outros artistas em templos e edifícios de Ouro Preto, Mariana e outras localidades, deixou o pai da crítica de arte no Brasil lúcido e importante depoimento acerca da obras de seu contemporâneo Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (SLMG, 1967, n. 46, p. 1).

Apresentado como “fragmento retirado do ‘Livro de fatos notáveis da Câmara de Mariana – 790’”<sup>232</sup>, de autoria de Joaquim José da Silva, o recorte textual é um claro elogio aos nomes tradicionalmente apresentados como os responsáveis pela produção cultural, não só literária, mas também arquitetônica, das principais cidades

---

232 Essa referência diz respeito ao ano de 1790, quando supostamente teria sido publicado o *Livro de fatos notáveis*.

mineiras do século XVIII.<sup>233</sup> Em relação a essa, a exaltação ao trabalho realizado por Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, é deslocada para o primeiro plano e não são polpadas palavras para descrever a maestria de sua arte. O texto foi intitulado “O Aleijadinho: superior a tudo e singular nas esculturas”:

Superior a tudo e singular nas esculturas de pedra em todo o vulto ou meio revelado e no debuxo e ornatos irregulares do melhor gosto francês é o sobredito Antônio Francisco. Em qualquer peça sua que serve de realce aos edifícios mais elegantes, admira-se a invenção, o equilíbrio natural, ou composto, a justeza das dimensões, a energia dos usos e costumes e a escolha e disposição dos acessórios com os grupos verossímeis que inspira a bela natureza (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 1).

Em sua capa, encontramos ainda um desenho feito por Guignard, acompanhado da seguinte legenda:

Nenhum artista moderno assimilou tão bem a atmosfera de “ensueño” barroco de nossas cidades coloniais como Guignard, de quem é este desenho de Diamantina, feito especialmente para o livro “Passeio a Diamantina” da escritora Lúcia Machado de Almeida (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 1).<sup>234</sup>

Assim como o primeiro caderno organizado em homenagem ao barroco mineiro, seu segundo volume (n. 46) também trouxe 12 páginas distribuídas de forma similar ao anterior.

---

233 Para uma polêmica sobre a veracidade do texto atribuído a Joaquim José da Silva, que envolveu alguns pesquisadores, em meados do século XX, como, por exemplo, o historiador e jornalista Augusto de Lima Júnior, Cf. FERREIRA, 2014.

234 O livro mencionado foi publicado no ano de 1960 e trouxe, em várias de suas páginas, pequenos desenhos feitos por Guignard como ilustração de suas páginas. Alguns, aliás, bem singelos e simples, o que parece provocar no leitor uma sensação bucólica das paisagens retratadas nos mesmos, como a ideia de “locus amoenus” presente na produção poética dos escritores árcades localizados no século XVIII mineiro.



Logo após a página de apresentação do caderno, como uma espécie de “antessala”, pensada como uma preparação para as demais que seriam apresentadas na sequência, nos deparamos com um levantamento, feito pelo bibliógrafo Hélio Gravatá, sobre a relação dos estudos publicados por estrangeiros sobre o artista mineiro, intitulado “Estudos sobre o Aleijadinho em língua estrangeira” (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 2).

Em sua próxima página, faz-se presente um texto do arquiteto e professor Sílvio de Vasconcelos, intitulado “A arquitetura dos templos”. Nele, lemos uma análise de caráter técnico sobre as formas de conceber e produzir o espaço das igrejas no período colonial:

Preferem as plantas dos nossos templos, desde o primeiro século, os partidos retangulares de origem basilical, que, excepcionalmente, evoluíram para as soluções poligonais e circulares de origem bizantina. Nesse partido, mormente nas realizações jesuítas, aparece também com frequência a cruz latina, acentuada por capelas laterais profundas. Corpos de um ou três naves, definidas por pilares ou arcadas, cobrem-se de abóbadas de madeira ou tetos de seção trapezoidal (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 3).

É importante observar que mesmo que o texto de Vasconcelos não se apresente ao leitor como uma análise ou evocação da figura de “Aleijadinho”, ou da importância de seu trabalho para o campo da arquitetura, a montagem da página nos abre para uma leitura nesse sentido. Como podemos ler em algumas passagens, o ensaio preocupou-se com uma discussão de cunho histórico sobre o processo de conformação do pensamento arquitetônico no tempo, como nesta:

A Contra-Reforma, reação tendente ao novo primado do espírito sobre o racionalismo renascentista, é que se encarregaria de abafar cada vez mais as ordenadas soluções que enriquecem o século XV, espalhando pelo mundo na catequese, o novo estilo dinâmico, fantástico, expressionista, que se chamaria barroco (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 3).

Contudo, seu texto foi acompanhado de uma imagem e uma legenda que nos sugerem uma apropriação, por parte do *SLMG*, do sentido de sua discussão, direcionando o olhar do leitor para, novamente, a figura do escultor mineiro. Nesse sentido, dando a entender que essa era, ao final, mesmo o interesse e a intenção do caderno, ou seja, concentrar e fixar o sentido, se não fechá-lo, em torno desse lugar



de memória construído e reiterado sobre “Aleijadinho” e seu valor para a cultura mineira.

Acompanhando a imagem, lemos a seguinte legenda: “O risco da igreja de São Francisco de Assis de São João del Rei, depois modificado, é de autoria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e documenta as qualidades de arquiteto do genial artista brasileiro” (SLMG, 1967, n. 46, p. 3).<sup>235</sup>

Em seguida, nos deparamos com uma tradução de um texto do historiador da arte e restaurador francês Germain Bazin, intitulado “O balé dos profetas em Congonhas”, em um fragmento traduzido por Laís Corrêa de Araújo do livro “Aleijadinho”, segundo nos é apresentado pelo SLMG.<sup>236</sup>

Para ele,

Agora, é à face do céu que os profetas lançam suas maldições. O infinito ondear das montanhas de Minas para de súbito, dando lugar a uma vasta vertente de espaço entre a Serra de Ouro Branco, a leste, e a Serra de Santo Antônio, ao norte e a oeste. Ao alto, sobre a orla desse circo, gesticulam esses acrobatas que, com seus gestos loucos, parecem ter dispersado os montes, aplainado o espaço. (...) Pode-se dizer que, a partir do século XVII, o próprio princípio da composição barroca é a do balé. É por correspondência, oposições e compensações, segundo as leis da rítmica e não as da geometria, que se ordenam nas igrejas do século XVII e mais ainda nas do século XVIII, os gestos e os atributos das figuras pintadas e esculpidas (SLMG, 1967, n. 46, p. 4).

Curiosamente, Bazin esteve envolvido em algumas polêmicas em relação às pesquisas em torno da figura de “Aleijadinho” no início dos anos 1960, como mencionamos acima em relação às posições defendidas pelo também historiador Lima Júnior. Para esse,

---

235 O interesse de Vasconcelos pela figura do “Aleijadinho” pode ser constatado em outras publicações como, por exemplo, nos textos “O Aleijadinho e a consciência de nacionalidade” e “Vida e arte de Aleijadinho” (partes 1, 2 e 3), dentre outros, publicados na imprensa, de uma forma geral. Para mais textos publicados pelo arquiteto, Cf. a coletânea organizada por LEMOS, 2004. No primeiro, lemos sobre a posição do autor em relação Aleijadinho estaria para além dos estudos sobre a vida particular do escultor ou dos que se ocupam em fazer comentários sobre a sua obra. Para Vasconcelos, contudo, importaria “considerar, por exemplo, em virtude de sua fundamental importância, o papel do artista no fato histórico de sua época, observado este em toda sua amplitude, inclusive suas possíveis implicações na formação da nacionalidade brasileira. Isso porque não se pode deixar de aceitar que foi precisamente em Minas Gerais que, por circunstâncias várias, se aglutinou de fato e se consolidou, de maneira marcante e decisiva, o que se poderia chamar de consciência da nacionalidade, confirmada, mais tarde, na independência” (VASCONCELOS, 2004, p. 87).

236 O livro foi publicado no ano de 1963, sob o título *Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*.

Antônio Francisco Lisboa, nunca foi escultor de imagens, nem projetista de templos etc. isso é pura broma, custeada pelos cofres do Ministério da Educação e outros inocentes úteis. Custa a crer como o Sr. Germain Bazin conhecendo todas estas coisas que aí estão, por amor aos proventos que recebeu e recebe para emprestar o nome francês (e que nome: Bazin!) a uma mistificação tramada em torno de um mito, tenha escrito as infidelidades que escreveu em seu livro (por outros títulos magníficos) sobre o mito que ele sabia ser mito (LIMA JUNIOR *apud* FERREIRA, 2014, p. 109).<sup>237</sup>

Convém ressaltar que o *SLMG* não se posiciona em relação a essa polêmica, até onde conseguimos averiguar. Por outro lado, limita-se a recolher um trecho do trabalho do historiador francês e se silencia sobre qualquer detalhe sobre as disputas que, já naquele momento, estavam colocadas no âmbito nacional sobre as várias apropriações da memória de “Aleijadinho” e de sua importância cultural.

Avançando pelas páginas desse caderno especial do *SLMG*, notamos um procedimento semelhante ao adotado em relação a Bazin em um ensaio escrito por Mário de Andrade também sobre Aleijadinho. Intitulado “A lição de Pedro Gomes Chaves e o individualismo do Aleijadinho”, nele o escritor paulista nos narra que:

Nas igrejas mineiras do século XVIII a gente percebe a luta de duas influências principais: a do Aleijadinho e a do engenheiro reinol Pedro Gomes Chaves, anterior ao brasileiro. Pedro Gomes Chaves já aplica o processo das fachadas em planos irregulares, às vezes curvilíneos. O documento disso é a N. S. do Pilar de Ouro Preto (1720), empreitada pelo mestre-carapina Antônio Francisco Pombal, tio de Aleijadinho. E é fácil de ver que este imitou o engenheiro português. A fachada da São Francisco de Ouro Preto não passa dum desenvolvimento mais equilibrado e muitíssimo mais gracioso, da solução de N. S. do Pilar. (...) o Aleijadinho, de fato, nada teve de anormal na sua evolução artística. Foi evoluindo gradativamente. Só depois dos trinta e cinco anos é que se mostra na maturidade prodigiosa e ainda sã que deixou nas duas São Francisco e nas pedras das duas Carmos (...) (ANDRADE, *SLMG*, 1967, n. 46, p. 5).

Mesmo ao tentar dar a figura de “Aleijadinho” uma roupagem menos mitológica, sugerido a partir de uma análise que se desenvolve em um tom mais neutro e imparcial,<sup>238</sup> percebemos uma tentativa de construção de um equilíbrio

237 Para um estudo no sentido de uma tentativa de desnudamento dos vários “Aleijadinhos” construídos e disputados pelas diversas interpretações no tempo, Cf. GRAMMONT, 2008. Para a autora (2008, p. 33), o seu trabalho se configuraria em uma “história de uma imagem que se desdobra em outra e outra. Não é uma biografia; é a desconstrução de não apenas uma de várias ilusões biográficas que se sucederam na história da arte brasileira”. Para uma recepção crítica da metodologia e resultado almejados por esse estudo, Cf. CAMPOS, 2009.

238 Verificamos, por exemplo, a ausência de adjetivações e/ou uso de expressões que denotam posicionamentos valorativos e judiciosos em relação ao tema narrado. Ao contrário, o texto sugere uma tentativa de análise mais centrada em princípios argumentativos, distante de juízos

sobre as posições e os pontos de vista sobre o escultor. Nesse sentido, o ensaio também se encaixa no sentido de exaltação da memória cultural, contribuindo para reafirmar o sentido monumental recorrentemente emprestado pelo *SLMG* ao passado da produção colonial mineira.

Em sua página-sala seis, lemos dois textos dedicados ao universo musical da Minas colonial, distanciando-se da temática que vinha sendo abordada até o momento. Intitulados “Músicas barrocas inéditas descobertas de Mariana” (retirado do livro *A organização musical durante o período colonial brasileiro*, Coimbra, 1966, p. 8, segundo nos informa o *SLMG*) e “As músicas e os autores”, ambas noticiam o leitor com uma pequena apresentação dos principais nomes que naquele período atuaram e sobre algumas “partículas” encontradas e que podem carregar potencialmente um valor como fontes de pesquisa.<sup>239</sup> Nesse sentido, destaca-se a figura do pesquisador Curt Lange, principal nome relativo às pesquisas musicais do período colonial:

Durante os trabalhos que precederam a inauguração do Museu Arquidiocesano de Mariana, ao serem transportadas da Igreja de São Pedro para o novo prédio da Cúria Metropolitana algumas caixas de preciosos documentos, deu-se uma descoberta fundamental para a história da arte oitocentista mineira: abertos dois cachets (um caixote e um armário) encontrou-se um grande número de partículas musicais, inéditas em sua totalidade, e que enriquecem sobremaneira o acervo que vem sendo paulatinamente recuperado pela pertinácia e erudição do professor Curt Lange (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 6).

Também sobre o universo musical desse período, encontramos um ensaio intitulado “Diamantina: música barroca, música viva”, sem autor identificado. Nele, lemos que

Uma das mais notáveis revelações decorrentes do achado é que a música de Lobo de Mesquita, o mais famoso de nossos compositores barrocos, não se resume hoje apenas à fria textura musical de velhas partituras de difícil acesso ou tão só aos acordes recriados nos concertos e gravações promovidos por Curt Lange. Ela é também música viva, cuja execução vem se fazendo, como uma forma de expressão natural da alma religiosa da gente diamantinense, há quase duzentos anos (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 7).<sup>240</sup>

---

impressionistas.

239 Foram catalogadas 12 “partículas” que seriam expostas “permanentemente no Museu Arquidiocesano de Mariana”, segundo nos informa o *SLMG*. As descrições e notas foram preparadas pelo crítico literário e professor Heitor Martins.

Os demais textos seguem a mesma lógica, variando apenas em relação ao tema escolhido. No geral, conformam uma seleção antológica a partir do recolhimento e publicação nas páginas do *SLMG* de produções dispersas em livros, revistas, jornais, etc. Nesse sentido, citamos os textos: “Lobo de Mesquita e a música barroca mineira”, retirado do livro “História geral da civilização brasileira – época colonial”,<sup>241</sup> sob direção de Sérgio Buarque de Holanda, de autoria de F. Curt Lang (p. 8)<sup>242</sup> e um poema de autoria de Carlos Drummond de Andrade, intitulado “Colóquio das estátuas” (p. 12), fechando esse caderno especial. Destacam-se também os textos “Ataíde e São Francisco de Assis”,<sup>243</sup> de Frederico Morais (p. 9) e “João Nepomuceno e outros artistas em Congonhas”,<sup>244</sup> de Lourival Gomes Machado (p. 11),<sup>245</sup> sobre os quais não conseguimos descobrir, contudo, se foram escritos especialmente para o caderno especial do *SLMG* ou se foram retirados de outras publicações.

Destacamos o texto publicado na página 10 do caderno, intitulado “O teatro na Minas barroca”, sem autoria expressa. Nele, lemos algumas informações sobre o ponto em que se encontravam as pesquisas e o conhecimento sobre o teatro do

240 Na ilustração do texto, nos deparamos com outro desenho de Guignard, sob a legenda: “A Igreja do Rosário, de Diamantina, aparece recriada neste desenho pelo traço impregnado de subjetividade de mestre Alberto da Veiga Guignard (ilustração para o livro “Passeio a Diamantina”, de Lúcia Machado de Almeida)”.

241 Para uma resenha publicada sobre o livro, em 1961, na *Revista de História*, n. 45, de São Paulo, Cf. LAPA, 1961.

242 Para um estudo sobre a institucionalização e especialização acadêmica da área de História no Brasil, evidenciada por meio dos processos de organização das coleções, como foi o caso da História Geral da Civilização Brasileira, iniciada no ano de 1933, Cf. VENÂNCIO; FURTADO, 2013. Para os autores (2013, p. 9), “investigar as coleções Brasileira e HGCB [História Geral da Civilização Brasileira] é, em grande medida, revisar a história intelectual do País, mais especificamente o processo de especialização e institucionalização da História – *locus* privilegiado da discussão sobre o Brasil – ao longo dos anos compreendidos entre 1956 e 1972”.

243 Junto ao texto, encontramos uma imagem de um recorte de uma pintura feita por Ataíde, sob a legenda: “Os serviços dos grandes mestres do barroco mineiro eram certamente muito disputados e sucessivos contratos os levavam a diferentes lugares da capitania, inclusive a pequenas localidades, como é o caso de Itaverava, aonde Ataíde foi chamado a pintar o belo painel do teto da matriz de Santo Antônio”.

244 Ilustrado com uma reprodução de uma página de rosto de um manuscrito, a página traz uma imagem com a legenda: “A Oratória ao Menino Deus para a Noite de Natal, de Inácio Parreiras Neves, peça agora descoberta nos arquivos do Palácio Arquiepiscopal de Mariana, é a primeira composição musical que se conhece do período barroco mineiro cuja letra é em português e não em latim (reprodução fotográfica da página de rosto do manuscrito)”.

245 Para algumas análises de Machado publicadas em livro, mas no qual não consta esse ensaio publicado no *SLMG*, Cf. MACHADO, 1969. Sobre a importância das análises historiográficas do autor, principalmente nos anos 1950, em contraposição “à liberdade poética de que Carlos Drummond de Andrade dispunha para tratar do passado artístico de Minas Gerais”, Cf. BRANDÃO, 2007, p. 1. Sobre o lugar da arte brasileira nas críticas de Lourival G. Machado, Cf. AVELAR, 2015.

período colonial. O texto ao mesmo tempo em que informava ao leitor a respeito da importância do teatro em Minas naquele período, também dava algumas pistas possíveis para aqueles que por ventura tivessem algum interesse em saber mais sobre o tema ou mesmo desenvolver pesquisas. Nesse sentido, ao divulgar ou publicizar informações sobre recentes descobertas no campo do teatro, o *SLMG* confere ao tratamento das informações-fontes um sentido arquivístico, como produtor e lugar de memória. Aliás, vale ressaltar que esse posicionamento do *SLMG* em relação às descobertas ou “achados” arquivísticos demarca uma postura louvável no que tange a divulgação e ao incentivo à pesquisa ou à produção intelectual. Talvez comparada aos dias atuais, em que a “novidade” ou o “ineditismo” são parte constituintes, se não as mais esperadas, das pesquisas de estrato acadêmico, essa postura nos parece moral e eticamente passível de elogio.

Em sua apresentação, o texto nos informa que:

Numa sociedade tão sensível ao “espetáculo para os olhos” como era a nossa comunidade de mineradores do século XVIII, que se comprazia em solenidades religiosas e profanas de grande colorido exterior, com suas ruas e os pátios de igrejas profusamente decorados nas ocasiões festivas, com suas noites de luminárias e seus desfiles de carros alegóricos, não poderia estar ausente o gosto pelo teatro, arte que faz confluír o prazer visual e a satisfação intelectual, imaginativa do homem. A época barroca criou a ópera, arte que dava uma nova dimensão ao espetáculo cênico, acrescentando-lhe os efeitos da música instrumental e cantada (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 10).

Contudo, mesmo em uma sociedade marcada por cultura “para os olhos”, com uma sensibilidade voltada para as representações cênicas, e por extensão para as construções arquitetônicas, vultuosas e em grandes dimensões, o teatro ainda se mostrava com uma área de pouco interesse às pesquisas sobre a cultura mineira. Segundo nos informa o *SLMG*, haveria uma necessidade de investigações nessa área, principalmente no âmbito de uma história cultural:

A verdade, porém, é que até hoje pouco se conhece da história teatral da Minas barroca. Só agora velhos documentos desentranhados dos arquivos de Portugal e do Brasil começar a revelar, como ocorreu ainda recentemente com a música, novos fatos sobre o teatro colonial mineiro. (...) Embora sabendo-se que em 1733 já se representava Calderón de la Barca em Vila Rica, que ali existiu no último quartel do século dezoito um grupo organizado de atores mulatos, que se construíram *casas de ópera* em Vila Rica e Sabará, além do *teatrinho de bolso* de Chica da Silva em Diamantina,

são ainda bastante incipientes as incursões dos estudiosos nesse terreno da histórica cultural de Minas (*SLMG*, 1967, n. 46, p. 10).<sup>246</sup>

Não deixa de ser curioso e digno de nota essa menção ao pouco interesse, demarcados pela incipiência das “incursões dos estudiosos”, por investigações e pesquisas no campo de uma “história cultural de Minas”. O despertar do interesse pelas discussões sobre a cultura só teria um destaque mais efetivo, contudo, no desenrolar dos anos de 1970, pelo menos no campo específico da produção historiográfica acadêmica.

Segundo Peter Burke,

A história cultural, outrora uma Cinderela entre as disciplinas, desprezada por suas irmãs mais bem-sucedidas, foi redescoberta nos anos 1970, como sugere a lista cronológica das publicações ao final deste volume. Desde de então vem desfrutando de uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico – a história apresentada na televisão, pelo menos na Grã-Bretanha, continua sendo em sua maior parte militar, política e, em menor extensão, social (BURKE, 2005, p. 7).

Posição semelhante encontramos também em outro historiador, Roger Chartier, para quem uma “sociologia histórica das práticas culturais” definia-se, em ensaios publicados no início dos anos 1980, como uma “resposta à insatisfação sentida frente à história cultural francesa dos anos 60 e 70, entendida na sua dupla vertente de história das mentalidades e de história serial, quantitativa” (CHARTIER, 2002, p. 14). Para ele (2002, p. 16-17), a história cultural teria por “principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

O tema do barroco e sua importância, assim como de “Aleijadinho”, na e para a cultura mineira, reparecem nas páginas do *SLMG*, em um caderno especial, no ano de 1972, em seu número de 290. Nesse momento, contudo, sua direção não se encontrava mais a cargo de Murilo Rubião e sim de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos. Esse, contando com apenas 24 anos quando assumiu a direção do caderno,

---

<sup>246</sup> Para além do texto de apresentação, o restante da página foi composta por 3 fragmentos, retirados das seguintes obras, sob os títulos: “Casa de Ópera de Sabará”, de José Seixas Sobrinho (livro *Teatro em Sabará da colônia à república*, p. 31/32); “Casas de espetáculo e autores teatrais”, de J. Galante de Souza (do livro *O teatro no Brasil*, vol. 1, p. 109/110 e 126/127); “A ‘nova’ Casa da Ópera de Vila Rica”, de Herculano Gomes Mathias (do livro *A coleção da Casa dos Contos de Ouro Preto*).

em 1971.<sup>247</sup> Vale ressaltar que com a saída de Rubião, ao final do ano de 1969, a direção do caderno passou por um período de instabilidade, logo após o impedimento de Rui Mourão em assumir o cargo. Assumiram o cargo Libério Neves, interinamente até maio de 1970, sendo substituído por Ildeu Brandão, que permaneceu até o final do mesmo ano. Ângelo Oswaldo assumiria no início de 1971 permanecendo no cargo até o ano de 1973.

Sobre essas mudanças em curto espaço de tempo e, em seguida, um período de estabilidade, a partir de 1971, as opiniões divergem consideravelmente, ora dizendo que esse foi o período de maior abertura do caderno às contribuições contemporâneas e de vanguarda, incluindo escritores de outras nacionalidades (partidários dessa opinião são Márcio Sampaio e Sérgio Sant'Anna, por exemplo), ora considerando que o melhor momento do *SLMG* teria sido aquele sob a direção de Rubião (como é o caso de Humberto Werneck e Jaime Prado Gouvêa). Não iremos recuperar essas opiniões. Aqui, nos interessa mais de perto perceber que, em relação ao trabalho com a memória, há indícios de continuidades com as perspectivas adotadas anteriormente, ou seja, o trabalho de (re)encenação do passado, principalmente o relativo à memória produzida no e sobre período colonial mineiro.

#### **4.2. Barroco e Aleijadinho**

Em seu número 290, publicado em 18 de março de 1972, o caderno prestou a sua homenagem ao barroco e a “Aleijadinho”, novamente produzido em 12 páginas, como tornara-se habitual em publicações dessa natureza. Contudo, diferente dos demais analisados até aqui, não trouxe um título específico ao mesmo tempo que não fez uma referência direta em relação ao seu organizador. Nossa hipótese, contudo, é de que essa tarefa recaiu novamente sobre Affonso Ávila, devido às similaridades apresentadas com os outros cadernos e a sua presença em algumas páginas, como demonstraremos a seguir.

Logo em sua primeira página, nos deparamos com uma capa-montagem intitulada “Barrocolagem”, feita a partir de um poema de Ávila. Nele, estão presentes

---

<sup>247</sup> Rubião, nesse momento, ocupava o lugar de Chefe do Departamento de Publicações e Divulgação da Imprensa Oficial.

referências aos nomes de José Felipe de Gusmão, Antônio Dias Cordeiro, Simão Ferreira Machado, Nuno Marques Pereira, Diogo de Vasconcellos, Antonil, Mathias Antônio Salgado, dando a entender que o poema teria sido construído a partir de uma montagem, “bricolagem”, de passagens escritas por esses personagens.<sup>248</sup>

Sugerindo uma valorização da ideia de jogo de contrastes presente na estética de composição do barroco, tido como uma de suas características centrais, encontraremos outras páginas do caderno construídas a partir dessa perspectiva ou sobre ela tematizada.<sup>249</sup> Nesse sentido, o caderno em questão também nos sugere uma abertura ao tratamento de temas sobre o barroco não apenas em seu sentido de arquivo, de uma memória fixa e/ou congelada do tempo passado, mas em uma dimensão plural e passível de ressignificação, mesmo não sendo esse o tom dominante do caderno.

Em consonância com esse “espírito” do jogo barroco, foram publicados uma tradução de um poema de George Herbert, datado de 1633, intitulado “Paraíso”, feita por Ávila (p. 5). Talvez com o intuito de criar uma sensação de simplicidade externa, em contraste com o rebuscamento da linguagem que tradicionalmente acompanha a composição barroca, o poema foi datilografado e inserido no *SLMG* dessa forma, assim como também ocorreu com a primeira página com o poema de Ávila “Barrocolagem”.

Nas páginas-salas seguintes da galeria, o caderno traz os textos “Um poema-jogo barroco sobre a graça: o ‘Paradise’ de Herbert”, de R. Darby Williams”, com tradução de Ávila (p. 6-7) e “Sobre o texto e a tradução”, também de autoria de Ávila (p. 7). Nesse, lemos uma pequena biografia sobre o escritor inglês, apresentado como “um dos principais poetas barrocos ingleses ou *Metaphysical poets*, como prefere a crítica britânica” (ÁVILA, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 7). No texto,

248 Sobre esse procedimento na produção poético-literária de Ávila, Cf. SILVA, 2012; ROCHA, OLIVEIRA, 2015. Vale ressaltar que o escritor publicou um livro intitulado “Barrocolagens” apenas no ano de 1981, sendo esse momento do *SLMG* talvez uma antecipação de um trabalho que seria concluído posteriormente. Até o ano de 1972, Ávila havia publicado os seguintes livros: *O Açude*, 1953; *Sonetos de Descoberta*, 1953; *Carta do Solo*, 1961; *Frases feitas*, 1963; *Resíduos Seiscentistas em Minas*, dois volumes, 1967; *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, 1971; *Código de Minas*, 1969; *Poesia anterior*, 1969 e *Código Nacional de Trânsito*, 1972.

249 Para uma investigação que investiga os sentidos que envolvem a estética barroca, Cf. TIRAPELI, 2005. Vale ressaltar que o livro publicado foi o resultado de uma pesquisa maior, iniciada nos anos 1980, e concretizada como projeto de extensão em meados dos anos 90. Intitulado *Barroco Memória Viva*, a ideia essencial do projeto foi “promover viagens culturais a cidades que abrigam monumentos históricos, para estudá-los *in loco*”. “A festa visual do Barroco”. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/05/01/a-festa-visual-do-barroco/> (Acessado em: jul. 2018).



Ávila menciona ter sabido da existência desse escritor e de seu trabalho a partir de uma dica de Silviano Santiago, que naquele momento encontrava-se nos Estados Unidos, lecionando na State University of New York.

Sobre as razões de tradução do texto e do porquê de sua escolha, assim nos informa:

Quanto à nossa tentativa de tradução do poema, não pode ela, é claro, pela sua informalidade, reproduzir as sutilezas de sentido lúdico e enigmático da composição, admiravelmente desenvolvido por Herbert, nem tampouco o esquema gráfico-sonoro-visual das rimas. Logramos, quando muito, apreender em palavras a mensagem mística que, por trás desse *poema-jogo*, o poeta quis transmitir ao leitor. (...) Nosso propósito restringe-se aqui, portanto, em divulgar subsídio que estimamos valioso para quantos se interessem pela reavaliação do barroco literário (ÁVILA, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 7).

Aqui, damos um salto para a última página do caderno (p. 12), onde encontramos outra montagem, mas agora pensada como “fotomontagem”, feita pelo fotógrafo Maurício Andrés. Nela, estão presentes os poemas “Congonhas do Campo” e “Ocaso”, ambos do escritor paulista Oswald de Andrade, escritos na década de 1920 e publicados no livro “Poesia Pau-Brasil”, em 1924.<sup>250</sup> Na imagem, vemos uma igreja de Congonhas<sup>251</sup> ao fundo mesclada com um detalhe de um pergaminho de um dos Profetas<sup>252</sup> e, ao lado, três palmeiras, símbolos essas de nossa tropicalidade, elementos sempre presentes nas pinturas modernistas de Tarsila do Amaral. Nesse sentido, a junção desses símbolos nos sugere a composição de um referencial identitário que reúne o passado e o presente, a tradição e o moderno, num jogo de retradução e valorização do barroco como parte de nossa constituição histórica.

Voltemos um pouco, contudo, e vejamos o que nos dizem as primeiras páginas.

Logo depois de sua capa/antessala em que encontramos uma bricolagem barroca, nos deparamos com um longo ensaio, de caráter acadêmico, intitulado “O

250 Ambos encontram-se na parte do livro denominada, sugestivamente, “Roteiros das Minas”.

251 Trata-se, na verdade, de uma imagem vetorizada do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, onde estão dos 12 profetas, um conjunto de esculturas em pedra-sabão feitas entre 1794 a 1804 por Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, presente no município de Congonhas do Campo, Minas Gerais.

252 Trata-se do profeta Isaías, do Antigo Testamento, o primeiro localizado na entrada da escadaria do lado esquerdo do Santuário. Ele é tido como o profeta da fé e justiça política.

Aleijadinho e o passos de Congonhas do Campo”, de Myriam Ribeiro Silva Tavares, publicado em três páginas, e ilustrado com imagens dos personagens compostos para a “via crucis” (p. 2-4).<sup>253</sup> A ideia de um “jogo de contrastes” nos parece sugerido com a sequência de um ensaio acadêmico após um poema-montagem (aliás, a própria montagem desse caderno parece não ter ficado muito longe dela).

Segundo lemos no texto de Tavares, haveria ainda uma “falta”, uma lacuna nos estudos sobre os estudos da produção de “Aleijadinho” a respeito de suas obras em Congonhas:

Os Passos do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos na cidade de Congonhas do Campo constituem etapa fundamental para o estudo da obra escultórica do Aleijadinho, não só pelo seu extraordinário valor artístico, quanto pelas dimensões e singularidade do tema abordado. Entretanto uma análise em profundidade, focalizando os aspectos histórico, iconográfico e artístico está por fazer-se. Os Passos não tiveram ainda sua Monografia, nem foram estudados de maneira sistemática em obras de caráter geral sobre a arte do Aleijadinho. O autor que mais estudou a questão até hoje foi Germain Bazin, que dedicou à “Via Crucis” de Congonhas um capítulo especial de seu excelente livro “O Aleijadinho e a Escultura Barroca no Brasil”, recentemente traduzido para o português. Mas a principal contribuição se situa no campo da análise tipológica e iconográfica das figuras de Cristo, tendo-se baseado na literatura existente quanto aos outros aspectos (TAVARES, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 2).<sup>254</sup>

---

253 A autora do ensaio foi assim apresentada aos leitores do caderno: “Miriam Ribeiro da Silva Tavares, diplomada em História da Arte pela Universidade de Louvain, Bélgica, escolheu para tema de tese os Passos de Congonhas. Nesse artigo, ela apresenta algumas das principais conclusões a que chegou depois de pesquisar sobre o trabalho de Aleijadinho”.

254 Como ilustração do texto, foi publicada uma imagem em que somos informado de se tratar de um recibo, de 1796, referente ao trabalho feito por “Aleijadinho” “na obra de Escultura dos Passos da Paixão do Senhor de Matozinhos”, no valor de cento e setenta e sete oitavas e três quartos de ouro.



Outro ensaio longo pode ser lido em a “Significação de Ouro Preto”, escrito pelo historiador mineiro Francisco Iglésias, e publicado nas páginas oito e nove do caderno.<sup>255</sup> Nele, o autor faz um levantamento histórico panorâmico do processo urbano brasileiro destacando que, em relação ao seu desenvolvimento, “Minas é nota singular” (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 8). Seu intuito nos parece ter sido informar ao leitor, talvez pouco conhecedor da história de Minas Gerais, principalmente de Ouro Preto do setecentos, sobre as suas características econômicas, sociais e culturais:

Ouro Preto representa o caso urbano mais curioso e rico de Minas Gerais: pela originalidade de sua formação e da área em que se encontra, bem como pelo desenvolvimento rápido e todo especial, ainda no século XVIII, não tem equivalente; demais, foi palco de vários e estranhos episódios, que fazem de sua história uma das mais marcadas – se não a mais. (...) Foi a primeira área a ter apreciáveis núcleos populacionais concentrados em grandes centros. No Brasil português eram raras as unidades, encontrando-se no litoral, nos portos em que se fazia o comércio com o exterior. O país colonial vivia em função de contatos com a Europa, onde estavam as forças dominantes da política e economia (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 8).

Do ponto de vista político, a interpretação de Iglésias se mostrava afinada com as principais leituras sobre o passado de dependência da colônia ao “aparelho governamental” português. Nesse sentido, o desenvolvimento econômico da capitania acabaria por exigir mudanças nas relações administrativas entre as duas localidades. Minas Gerais passaria a ocupar, então, o centro das atenções metropolitanas em relação à colônia brasileira:<sup>256</sup>

Só a contar do século XVIII – que gira praticamente em torno de Minas – é que a máquina burocrática se ajusta, que o aparelho governamental se compõe. Se é na Capitania do interior que a urbanização se impõe, a primeira rede se forma exatamente em torno do arraial que tem origem pelo encontro do ouro. A importância do arraial está em que é a seu redor que se formam outros, na rapidez e originalidade de seu desenvolvimento, bem como nas características que adquiriria (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 8).

---

255 Para a importância e a trajetória do historiador no âmbito das pesquisas históricas e da disciplinarização do conhecimento histórico como ciência social dentro da universidade, Cf. SANTOS, 2009; 2013.

256 Segundo Furtado (2009, p. 134), Iglésias fazia parte de uma historiografia dita tradicional, ao ser um dos que salientavam que “as questões políticas decorrentes das disputas de poder envolvidas nas contendas que indispunham as autoridades dos diversos núcleos urbanos nas Minas, atribuindo ao rigor metropolitano a escassez de títulos honoríficos concedidos aos arraiais mineiros e a limitação do número de vilas”. Para as discussões de Iglésias sobre o colonialismo nos séculos XVIII e XIX, Cf. IGLÉSIAS, 1971; 1974.

No campo cultural, o autor destacou a importância ocupada pela literatura<sup>257</sup> e pela arquitetura, interpretando seus desdobramentos e aparições relacionados ao desenvolvimento econômico da capitania mineira:

A literatura teve seu maior momento, com poetas que aí viveram na segunda metade do século XVIII e ainda hoje são lidos. Pelo sentido religioso, será a Igreja objeto de prestígio e atenções – além da fé, as irmandades viviam em emulação, que levava ao levantamento de igrejas, cada uma querendo ser mais bela e rica. Daí a multiplicidade delas, algumas das quais se impõem como obras máximas da arquitetura do Brasil colonial, menos pela grandiosidade que pelo refinamento de seus planos, que se completam com obras de escultura e pintura (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 8).

Ao estilo de um guia didático, algo similar aos textos que encontramos nos manuais escolares,<sup>258</sup> o texto percorre os principais acontecimentos e fatos históricos sintetizando os significados do passado da cidade mineira conectando-os aos desafios para a sua preservação naquele presente de sua escrita. Nesse sentido, é um texto com um forte caráter de preservação patrimonial. Traduzido em termos da memória, temos a sugestão de uma ideia ligada a necessidade de fixação e “congelamento” do passado e do tempo ali manifestado. Ao mesmo tempo, vemos surgir, por parte do historiador, um sentido militante da memória, como nos ensina Pierre Laborie. Para ele, essa memória desloca os atores sociais da “indiferença, luta pelas causas que considera justas, denuncia o que lhe parece intolerável, celebra o que lhe parece admirável, exprime convicções de cidadão” (LABORIE, 2009, p. 86).

Para Iglésias, ao final do ensaio,

O que importa é [que] seja mantida [Ouro Preto] no que tem de particularmente seu que não se destrua o que foi feito e não se faça o que lhe desequilibre a fisionomia harmoniosa. Contra a incompreensão que às vezes surge e tenta deformá-la, pelo mau gosto ou falta de entendimento, é preciso [que] se fortaleça a consciência de que Ouro Preto tem que ser preservada.

---

257 Iglésias interessou-se em vários momentos de seus estudos pela literatura e as possibilidades analíticas por ela oferecida aos estudos históricos. Alguns autores por ele estudados foram, dentre outros, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa. Cf. IGLÉSIAS, 1971; 2009.

258 O autor escreveu algumas obras voltadas para o ensino secundarista de história ou para orientações paradidáticas, dentre eles, títulos como *História Geral e do Brasil* e *História para vestibular e cursos de 2o. grau*. Cf. IGLÉSIAS, 1973; 1975.

Segundo Alessandra Soares Santos, haveria uma preocupação constante por Iglésias de se fazer entender e, ao mesmo tempo, ser capaz de oferecer ao seu leitor ou ao pesquisador uma referência funcional para o seu conhecimento:

Como obra de função instrumental – como o eram os dicionários, os catálogos, guias e demais repertórios – a história da historiografia produzida por Francisco Iglésias deveria ter caráter didático, daí a necessidade de estruturá-la em torno de uma periodização da produção historiográfica brasileira. O autor não desconhecia os riscos da estratégia, mas julgava apropriado assumi-los para oferecer ao pesquisador um modelo que fosse funcional (SANTOS, 2013, p. 267).

Dando seguimento às páginas do caderno, lemos página nove do caderno um fragmento de um texto de Lourival Gomes Machado, intitulado “Igrejas velhas de Vila Rica”, retirado de a “Viagem a Ouro Preto”, do livro *Barroco Mineiro*.<sup>259</sup> Nele, constatamos a presença de uma inusitada e irônica forma de apresentar a relação entre o passado e a memória do barroco mineiro e as atitudes das pessoas que visitavam os locais onde ele se manifestou:

Encantado com a maleabilidade do barroco mineiro e tendo os olhos cheios dessas contínuas e sempre renovadas variações sutis com que a arte desencadeada pela contra-reforma e alimentada pelo absolutismo conseguiu, afinal, em terra estranha e para outra gente, atender às solicitações exigentes de uma sociedade nova em plena expansão, o viajante acaba por hesitar e deter-se. Não cairia ele, afinal, no preconceito turístico de só ver o que prefigura em espírito antes da excursão? Na higiênica simplicidade do hotel de Niemeyer estão seus companheiros de férias, e, na verdade, só fazem selecionar segundo o “seu” critério. Uma comissão inspecionadora, militar, louva o sítio... dos quartéis, os turistas, ricos excitam-se com a perspectiva de boas compras de antiguidades; estudantes de belas-artes enfurecem-se contra as ladeiras e deliciam-se com as serenatas. Há mesmo especialistas dentre de cada categoria como autêntico cronólogo, amante do “antigório”, descoberto por d. Raquel de Queiroz, ou aquele douto professor, cultor da estrita autenticidade, que virou as costas ao lavabo da sacristia de São Francisco afirmando “não haver inteira comprovação da autoria do Aleijadinho”... Mas, com que direito os criticaremos, se nós também andamos a buscar, no espetáculo imponente, a positividadezinha medíocre e sensaborona que carregávamos ao embarcar? (MACHADO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 9).

Curiosamente, o autor nos sugere alguns indícios para a discussão sobre os usos (e abusos) da memória que são colocados em evidência quando ela se

---

259 O livro foi publicado no ano de 1969, pela editora Perspectiva, de São Paulo. Sobre a importância do autor em relação aos estudos das artes plásticas no Brasil, e sobre o barroco, especialmente, Cf. nota 238 desta tese.

relaciona com outras formas de apreciação ou relação com o passado. Uma delas, como estuda Laborie, seria o domínio das opiniões.

Para esse autor, elas

(...) refletem representações do presente que, apesar das aparências, não exprimem unicamente a relação dos atores sociais com esse mesmo presente. Eles traduzem as reações cambiantes do sentimento coletivo diante das interrogações ou dos acontecimentos do presente, mas também diante de questões atemporais reformuladas ao presente (LABORIE, 2009, p. 80).

Para Machado, interessaria a compreensão do fenômeno histórico do barroco a partir de uma junção dos principais campos de conhecimento, no âmbito das ciências sociais: “Não nos deixemos, pois, afogar na sociologia seca e esquemática, sobretudo se ela desmerece a história, pois que história e sociologia ou andam de mãos dadas ou perdem-se a meio caminho” (MACHADO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 9). Para ele, ao invés de aludir “à crônica de fatos minúsculos”, como um prego de ouro batido por D. Pedro II na base de um altar, o autor pretendeu se referir “à história do próprio barroco das Gerais, o que, de certo modo, é fazer a história de algo que sintetiza a história”.

Ainda para o autor,

(...) tão efetiva e autêntica é a função do barroco na civilização do ouro, que jamais nos perderemos, diante de seu esplendor, em esterilidades abstratas. Se das próprias igrejas salta a evidência das velhas lutas, das acomodações raciais e das desigualdades de fortuna, também delas próprias poderemos retirar toda a evolução da história que as fez e modificou (MACHADO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 9).

Essas passagens por nós selecionadas nos sugerem um recorte do *SLMG* sobre o tema em uma dupla chave de leitura, pensada a partir do ponto de vista do trabalho com a memória do barroco: por um lado, evidencia o seu caráter sacralizador, ao mesmo tempo em que parece nos indicar uma certa abertura para uma percepção plural das experiências com aquele passado vivido. Sobre a primeira, é Laborie que novamente nos informa que “a memória e seu campo afetivo prestam-se (...) aos processos de sacralização, ponto de partida de cegueiras, das derivas, das usurpações anacrônicas do presente na compreensão com o passado” (LABORIE, 2009, p. 86).

Misto de autenticidade sacralizadora e acomodações plurais, o esforço de Machado nos parece ser o de tentar compreender essas “velhas lutas” que o barroco como fonte de estudos ainda pode nos proporcionar. Talvez por essa razão, seu nome sempre esteve presente nas páginas do *SLMG* nas vezes em que o assunto tratado foi o barroco, principalmente mineiro, e suas vicissitudes.

Em “Arte sacra em Minas”, ensaio escrito pela crítico de arte e artista plástico Márcio Sampaio (p. 10-11), espécie de jornalismo informativo sobre as artes, lemos sobre uma exposição que havia sido inaugurada no Palácio das Artes,<sup>260</sup> concentrando cerca de oitenta peças abertas à visitação pública.<sup>261</sup> Escrito em forma de tópicos, misto de jornalismo com um relato pessoal de quem esteve na exposição também como visitante, seu relato nos apresenta algumas questões valiosas para entendermos o trabalho feito pelo *SLMG* no que diz respeito à memória de um evento como esse.

Em sua apresentação, lemos que

A Galeria de Arte da Associação Mineira de Imprensa iniciou sua programação deste ano com a exposição de arte sacra que está sendo apresentada no Palácio das Artes. A exposição reúne peças do fim do século XVII e de todo o século XVIII, a maioria proveniente de fazendas e igrejas do interior de Minas, integrando hoje a coleção do reitor da Universidade Federal de Ouro Preto, engenheiro Geraldo Parreiras, que ao longo de muitos anos, se dedicou à seleção, identificação e recuperação de peças de arte colonial, formando um acervo de indiscutível valor (SAMPAIO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 10).

Baseado em uma observação *in loco*, Sampaio acaba por trazer um posicionamento sobre a necessidade de se (re)pensar as políticas de acesso à arte e, ao mesmo tempo, uma nova forma de criar maneiras de apresentá-la à compreensão do público em geral. De certa forma, ao fazê-lo, acaba por inserir também o próprio *SLMG* na mesma lógica, ou seja, por que não pensar as suas páginas também como um lugar de promoção e ampliação desse contato entre o público e o universo das artes:

---

260 O Palácio das Artes, vinculado à Fundação Clóvis Salgado, é um centro de produção, formação e difusão cultural de Minas Gerais, considerado um dos maiores da América Latina. Está localizado no centro de Belo Horizonte e ocupa uma área 18.000 m<sup>2</sup> dentro do Parque Municipal Américo Renné Giannetti. Foi Inaugurado em 1971, sendo projetado originalmente por Oscar Niemeyer.

261 Para um estudo sobre a arte sacra no Brasil colonial, Cf. CAMPOS, 2011.



O interesse que despertou, principalmente entre estudantes, leva-nos a considerar a necessidade de se sistematizar a apresentação da arte para que o grande público, através de mais fácil acesso, possa melhor compreender seu significado. Museus, galerias e outras instituições devem voltar sua atenção para este público que está a formar-se, contribuindo para a criação de uma mentalidade aberta às diferentes expressões de arte (SAMPAIO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 10).

A partir de sua experiência de visitação à exposição e de sua vivência como crítico e artista plástico, o autor nos oferece um curioso relato sobre os usos que o contato do público com as obras proporcionaram naquela situação:

Na primeira visita que fiz à exposição, espantou-me ver uma senhora rezando fervorosamente diante de uma comovente imagem de São Sebastião. Depois noite que outras pessoas oravam diante de São José ou Nossa Senhora, e conclui que, para muita gente que ali estava, o Palácio das Artes se tinha transformado uma grande igreja setecentista, cujo esplendor, animando os sentidos, reanimava a fé há muito adormecida – desde a derrocada do ouro, nas lavras de fome e morte (SAMPAIO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 10).

Junto ao relato pessoal e vivencial, narrado pelo autor como marcação da importância da criação de possibilidade de colocar o público em contato com a arte produzida no Brasil, o evento também criou uma situação para que fosse discutido alguns aspectos relativos ao universo do barroco em Minas. Nesse sentido, a “deixa” acabou por proporcionar uma apresentação de uma panorama didático-expositivo sobre a arte mineira:

A grande arte de Minas teve seu fastígio no século XVIII, como consequência da euforia do ouro; porém, com a decadência permaneceu por muito tempo no esquecimento. Somente com o modernismo é que os intelectuais promoveram a reavaliação do barroco, cuja importância vai muito além do testemunho histórico. A ação da descoberta da Minas Barroca – e de toda a arte brasileira antiga – criou a preocupação de se pesquisar, recuperar e preservar o grande patrimônio artístico espalhado pelo País e que vinha sofrendo – pela ingenuidade do povo e força do tempo – uma crescente deterioração, chegando no fatal desaparecimento (SAMPAIO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 10-11).

Em sua conclusão, também lemos sobre a importância de iniciativas como as criadas pela ação de institutos, como o IPHAN, que promoveriam a valorização do patrimônio cultural do Estado. Ao mesmo tempo, não deixou de destacar, como em outros momentos nas páginas do *SLMG*, a importância do trabalho realizado pelos

modernistas paulistas, no início do século XX, em relação às questões de preservação cultural:

A ação do Instituto do Patrimônio (IPHAN) e de críticos e historiadores como Mário de Andrade e Lourival Gomes Machado teve consequências positivas, tanto na preservação da arte e arquitetura quanto na conscientização do governo e das elites, sobre [a] existência e o valor do nosso patrimônio artístico (SAMPAIO, *SLMG*, 1972, n. 290, p. 11).

Ao fim desse primeiro percurso, podemos concluir, provisoriamente, que as formas de se lidar com o passado, através da memória, feito pelo *SLMG*, foram marcadas pela mistura de algumas das características que demarcam os seus usos possíveis. Contudo, é possível identificar alguns usos predominantes, que seriam a (re)encenação do passado/memória, em um sentido muitas vezes de sua (re)monumentalização, com um interesse de fixar/congelar os tempos e temporalidades anunciadas. Essa tentativa de “positivação”, de (re)apresentação, de presentificação da experiência do passado, nas páginas do *SLMG*, nos parece ser o eixo central de todas as decisões tomadas ao longo da organização dos cadernos analisados.

Mesmo em momentos em que foram valorizados os olhares contemporâneos e/ou “vanguardistas”, eles se apresentaram secundários. A ênfase maior e quase absoluta recaiu na ideia da “falta” e da necessidade, que justificaria também o empreendimento e a continuidade do caderno, de se voltar ao passado e trazer para o presente elementos dos diversos passados que pudessem habitá-lo. Como nos informa Laborie, a memória se configuraria ao mesmo tempo como “uma luta contra o esquecimento, a recusa ao esquecimento, e uma forma de organização do esquecimento. Por sua vez, ela fabrica lacunas de memória” (LABORIE, 2009, p. 86).

### **4.3. Marília de Dirceu**

Ainda no ano de 1967, encontramos um caderno organizado por Laís Corrêa de Araújo em homenagem à comemoração do aniversário de duzentos anos do nascimento de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a “Marília de Dirceu”, cantada no

poema homônimo escrito por Tomás Antônio Gonzaga. Como número 61 do *SLMG*, o caderno apresentou o título “Há duzentos anos nascia Marília de Dirceu”.

Em sua apresentação, lemos:

Este Suplemento é dedicado a Marília de Dirceu, D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, no bi-centenário de seu nascimento, que se comemora a 4 de outubro deste ano. Quem foi Marília? Como era Marília? Terá realmente amado Gonzaga? Por que não seguiu então Gonzaga no exílio? Não devia ter morrido de amor, jovem e triste, como exigem os cânones românticos? Era também poetisa, dedilhava a lira ou tocava, pastoreando, a sanfoninha? Todas essas perguntas têm sido feitas – e respondidas – por historiadores, escritores, até pelo povo, na sua versão oral de fatos que ouviram contar (ARAÚJO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 1).

Como podemos observar pela passagem citada, esse caderno especial foi pensado e organizado em torno da figura de Marília de Dirceu, principalmente no que tange a sua real (ou não) existência enquanto pessoa física, e sobre como os estudos vinham trabalhando a sua importância no imaginário e na memória em relação a produção cultural do período colonial mineiro. Vale destacar que esse não foi o primeiro caderno dedicado exclusivamente a uma figura feminina.<sup>262</sup> Em seu número 50, de 1967, o *SLMG* organizou uma edição especial para a escritora carioca Cecília Meireles.<sup>263</sup> Nele, enfatizou-se as relações que Meireles teria estabelecido com Minas Gerais, principalmente ao tematizar o tema da Inconfidência Mineira em uma de suas obras poéticas.

Voltemos, contudo, ao caderno sobre Marília de Dirceu.

262 No caderno de número 6, de 1966, houve uma pequena dedicatória a poetisa Henriqueta Lisboa. Porém, esse não foi organizado em forma de um número especial e voltado para a apresentação da escritora. A primeira edição explicitamente apresentada como “especial” surgirá com o número 16, de 1966, dedicada ao escritor mineiro Ciro dos Anjos. Nessa ocasião, comemorava-se seu aniversário de 60 anos. Para um estudo sobre a presença das mulheres no *SLMG* e de como na literatura e nos movimentos literários suas participações têm sido silenciadas de várias maneiras, Cf. TOLENTINO, 2016.

263 Nesse caderno, encontramos alguns textos como: “Romanceiro da Inconfidência”, de Octávio Mello Alvarenga; “Como escrevi o ‘Romanceiro da Inconfidência’”, escrito pela própria autora e “Cecília Meireles e os Mineiros”, sem autoria. Nesse, lemos que “embora a grande poetisa brasileira Cecília Meireles tivesse nascido no Rio de Janeiro e aí vivido, seus contatos com Minas Gerais foram, se não constantes, pelo menos carregados de ternura e marcados por uma curiosidade e anseio de entendimento que atingiram o cerne mesmo de sua produção literária. Nem poderia ser de outra forma, já que a prova desse amor por nossas coisas – uma história dramática e uma realidade peculiar – ela nos deu ao escrever o magnífico ‘Romanceiro da Inconfidência’, certamente a melhor obra poética já produzida sobre um tema que nos pertence como bem de família...” (*SLMG*, 1967, n. 50, p. 4). O livro mencionado foi publicado no ano de 1953.

Para Araújo, em sua apresentação do *SLMG* especial, ao se rediscutir a sua figura e importância, seria necessário considerar que “a verdade é que Marília só existiu, continua a existir e existirá sempre na poesia eterna de Tomás Antônio Gonzaga, o seu cantor, o seu retratista descuidado (ora ela é morena, ora é loura... ), o seu Dirceu enamorado” (ARAÚJO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 1):

Outros terão sido os acontecimentos que preencheram a existência de D. Maria Dorotéia, nunca heroicos, nunca romanescos, no dia a dia sem assombros da antiga Vila Rica. Deixemos aos pesquisadores o cuidado e a preocupação de deslindar os mistérios de uma existência de moça do interior, com suas prendas domésticas, suas orações piedosas, suas visitas aos parentes, esse sem-que-fazer de província – ou, aos mais afoitos, acusá-la de amores pouco sérios, como Bilac o fez. O que ela representa, o que realmente é, o que não se lhe pode tirar, é a sua presença de Musa, em estado de graça, de lirismo, de beleza poética (ARAÚJO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 1).

Como fica evidenciado nessa forma de apresentação feita por Araújo, intelectual responsável pela organização do caderno, o seu interesse por Marília ancorava-se em questões concernentes ao universo literário, e não sobre às discussões sobre a sua vida amorosa ou a sua pacata existência de “moça do interior” das Minas setecentistas.<sup>264</sup> Contudo, perceberemos que, ao organizar, também em formato antológico, esse caderno especial, foram incluídos alguns ensaios ou fragmentos de textos que demonstraram interesse em vasculhar a vida pessoal da homenageada, em busca de alguma respostas sobre a sua existência de fato e sobre os mitos que acabaram por se acoplar a seu nome.

---

264 Para Ana Cristina Magalhães Jardim, “o livro de poesias *Marília de Dirceu* de Tomás Antônio Gonzaga é a obra fundadora do mito Marília. Trata-se da história de um grande amor desmantelado por forças políticas, num dos últimos espetáculos do absolutismo português no Brasil, quando a Coroa buscava garantir seu poder sobre a colônia e seus vassalos rebeldes. Tudo isso somado à destreza do autor no engenho dos versos. Liras que contam a história daquele amor e que deram ao casal contornos de notoriedade ainda no século XVIII” (JARDIM, 2009, p. 6).



Figura 21: SLMG, n. 61, ano 2, Belo Horizonte, 1967, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

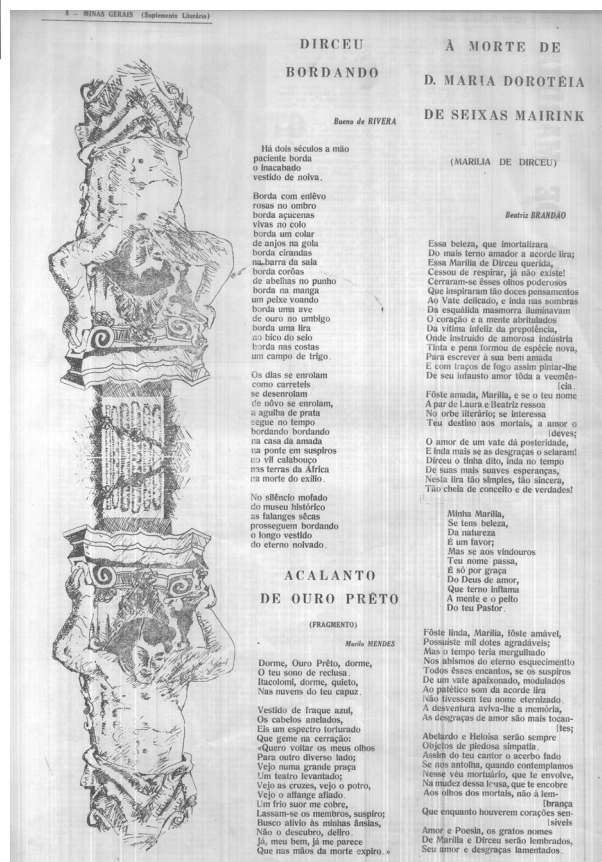


Figura 22: SLMG, n. 61, ano 2, Belo Horizonte, 1967, p. 8. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Segundo Araújo, contudo, mesmo sendo essas preocupações menores, o SLMG pautou-se pela cobertura de ambas as questões. Esse ponto, aliás, reforça o seu caráter antológico, uma vez que não privilegiou apenas um olhar sobre o tema ou mesmo privilegiou alguns estudos específicos em detrimento de outros:

É assim que entendemos Marília, integrada no Arcadismo mineiro, ser ideal no cenário pastoril, neste “*locus amoenus*” imaginário, onde Gonzaga reinava como poeta-amante. Em todo o caso, reunimos aqui artigos diversos, sobre Marília ou sobre D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, antes para mostrar a importância e a significação de seu nome em nossa vida literária, do que desejando renovar as discussões sobre sua existência de mulher. Que sua alma descanse em paz, a bucólica paz descrita por Gonzaga, aureolada embora de melancolia, porque, como previa o poeta: “as glórias que vêm tarde, já vêm frias...” (ARAÚJO, SLMG, 1967, n. 61, p. 1).

Avançando pelas páginas do caderno, encontramos, em sua segunda página, o ensaio intitulado “A casa de Marília”, escrito por Salomão de Vasconcellos.<sup>265</sup> Para o autor, um polígrafo com trabalhos importantes no campo da historiografia sobre Minas Gerais,<sup>266</sup> seria importante ainda se perguntar sobre a moradia onde teria residido Marília:

Uma dúvida ligada ao passado da velha Vila Rica, que está a reclamar ainda indispensável exame dos estudiosos, é a de saber se a chamada “casa de Marília”, que serviu de teatro ao rumoroso idílio da Inconfidência, foi realmente aquela que os turistas procuram dos lados de Antônio Dias e voltam desacoroçoados por ter sido já demolida (VASCONCELLOS, SLMG, 1967, n. 61, p. 2).

Notamos que a função do trabalho com a memória sugerida pelo autor se ligaria às demandas colocadas pelo presente que, ao se perguntar pelos lugares de memória do passado, acabam por encontrar uma ausência. De uma forma geral, seu discurso pode ser entendido como parte de uma preocupação mais ampla com o trabalho de preservação patrimonial, campo sobre o qual as relações entre memória e esquecimento ocupam lugar de destaque. Aliás, preocupação essa que guiara alguns dos trabalhos e interesses de Vasconcellos pelo passado mineiro.

<sup>265</sup> Para a importância de importância do autor no cenário da produção historiográfica mineira e na organização dos arquivos da Câmara Municipal de Mariana e no Arquivo Público Mineiro, dentre outras atividades que exerceu no âmbito intelectual em Minas Gerais, ver: VIEIRA, 2016.

<sup>266</sup> O autor publicou, dentre outros, *Verdades Históricas – A sedição de 1720 em Vila Rica* (1936); *Mariana e seus templos – Obras d’arte do tempo colonial* (1938); *Ataide – célebre pintor mineiro do século XVIII* (1941).

Segundo Vieira, a construção de uma história de Mariana, pelo autor, fazia parte de um projeto de monumentalização da cidade, “que considerava ser o recinto da civilização cristã em terras mineiras”, ao assentar-se

(...) sobre as bases da religiosidade, da política e da arte, considerando Mariana o local de onde a ordem e os bons costumes se irradiaram para as outras regiões, sendo assim, um centro cultural e intelectual importante no cenário da busca das identidades (VIEIRA, 2016, p. 6).

Para Vasconcellos, contudo, esse trabalho de rememoração e reconstrução do passado histórico, sobre a casa de Marília, ainda não mostrava-se como passível de efetivação:

Veneremos, pois, com os olhos no passado, a mansão vetusta do largo de Dirceu, na velha Ouro Preto, como o verdadeiro cenário onde nasceu e inspirou-se o porventura mais belo poema lírico da nossa terra. Até que outras razões ou melhores documentos possam invalidar o que acabamos de deduzir (VASCONCELLOS, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 2).

Se distanciando das preocupações de Vasconcellos, encontramos o texto do crítico literário Antônio Soares Amora, intitulado “Marília, menina-e-moça”, ocupando toda a página três do caderno.<sup>267</sup> Nele, o autor ocupa-se em discutir sobre a presença de Marília no livro que levou o seu nome e não apenas a “presença dominante, e quase única”, de Dirceu, como afirmado por vários críticos:

A leitura das *Liras*, de Tomás Antônio Gonzaga, deixa, creio eu, em todos, a par do sentimento do comovido e sempre belo lirismo do poeta, um outro sentimento (...): o da presença dominante, e quase única, de Dirceu, em todos os poemas que constituem essa obra, de merecida popularidade e de não menos merecido prestígio entre os críticos. Mas se assim é, se a Dirceu, o que sempre esteve foi, antes e acima de tudo, seu caso pessoal, isto é, o seu amor, que procura justificar, valorizar e caracterizar dentro de perspectivas sentimentais e morais, nem por isso a presença de Marília, na obra, é tão vaga quanto à primeira vista parece. A presença de Marília acaba por se impor ao leitor primeiramente nas liras em que Dirceu, amante discretamente amado, procura pintar-lhe o retrato, o que fez para justificar seu amor ou para despertar na inocente pastorinha a consciência dos motivos de sua sedução feminina (AMORA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 2).

---

<sup>267</sup> Do autor, dentre outros, Cf. *Classicismo e Romantismo no Brasil* (1966); *História da literatura brasileira (séculos XVI-XX)* (1958); *Presença da literatura portuguesa: história e antologia*, 3 volumes (1961).

A mudança de olhar do pesquisador sobre o tema sugere um importante ponto de inflexão no que diz respeito aos estudos literários a respeito o lugar da mulher na literatura. Nesse sentido, ler uma obra produzida no século XVIII mineiro e perguntar-se sobre essa questão traz, como podemos notar nas considerações do autor, novas luzes sobre o universo de produção literário feita naquele período assim como abrir novas questões sobre o imaginário cultural e a memória que foi produzida sobre o período colonial mineiro.

Ainda segundo Amora,

Marília não domina as *Liras* de Gonzaga tanto quanto pode sugerir o subtítulo da obra – *Marília de Dirceu*. Mas mesmo insinuada, discreta e fugidamente nos poemas do poeta, tão dominado pelo próprio problema amoroso, acabou por se impor como uma das criações mais vivas da literatura em língua portuguesa, no gênero da menina-e-moça que acorda para o amor e para a vida, como Aônia, de Bernardo Ribeiro, a Moreninha ou Carolina, de Macedo, Luisinha, de Manuel Antônio de Almeida, Clarissa, de Érico Veríssimo (AMORA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 2).

Como já mencionado por Araújo, em seu texto apresentação ao caderno especial, as próximas páginas do *SLMG* trouxeram o estudo de Olavo Bilac, intitulado “Marília” (p. 4-5), contudo, sem fazer referência de onde ele poderia ter sido retirado ou mesmo publicado pela primeira vez.<sup>268</sup> Nele, o escritor constrói uma narrativa pessoal e sentimental sobre uma de suas experiências na cidade de Ouro Preto e, nelas, nos conta algumas de suas impressões em andar pelas ruas da cidade:

A caminho de Vila Rica de outras eras, que é hoje um montão de ruínas, parei nas Lages, e num sítio que demora a cavaleiro do antigo bairro de Antônio Dias, e de onde a vista, depois de abranger todo um imenso anfiteatro de montanhas verdes, queda, repousada e amorosa, no vale risonho que a gente do bandeirante de Taubaté povoou há dois séculos. Sobre uma pedra, quanto tempo fiquei a vê-las – as colinas amadas das musas, por onde, como um rebanho, nasceram os versos apaixonados de Dirceu, ao doce clarão dos olhos da sua Marília! Era por uma tarde enevoadas e frias (BILAC, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 4).

A poeticidade empregada na construção das imagens pelo poeta carioca nos guiam até o ponto central do interesse de sua apresentação, que são as questões relativas ao comportamento de Marília, principalmente no que diz respeito ao seu

---

<sup>268</sup> O trecho parece ter sido retirado do livro *Crítica e fantasia*, publicado no ano de 1904. Ao que nos consta, ele teria vindo a público pela Livraria Clássica Editora, de Portugal.



relacionamento amoroso com Gonzaga. Em sua construção narrativa, Bilac faz um levantamento de alguns autores, a exemplo de Lopes de Mendonça e Sílvio Romero, que teriam também se ocupado com esse tema.<sup>269</sup>

Para o escritor,

Por fim, as ruas de Antônio Dias, tortuosas, estreitas, rasgadas e edificadas ao acaso, à proporção que as correntes colonizadoras afluíam à povoação fundada pelo chefe da bandeira paulista. Vistas de cima algumas casas que se sustentam (sic) a custo, pequenas, como o arcabouço roído, aparecendo no desmantelamento do barro esburacado, parecem, descendo juntas e inválidas as ladeiras, uma procissão dessas velhinhas trôpegas e trêmulas, que as romarias atraem aos adros, em dias de festas, dando-se amparo mútuo, na solidariedade do infortúnio e do medo das quedas... E foi quando toda a minha alma (sic) estava cheia das lembranças de outro tempo, diante daqueles despojos de que um cheiro de sepultura saía, – que vi pela primeira vez a casa em que morou a Marília de Dirceu e em cujas janelas o seu vulto, na brancura ofuscante das madrugadas nevoentas ou ao esplendor sanguíneo dos ocasos de fogo, costumava mostrar-se de longe aos olhos apaixonados do Ouvidor-poeta, a quem a paixão obrigava a trocar a toga solene de juiz pela túnica de pano grosso de um pastor da Arcádia (BILAC, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 4).

De forma similar ao narrado por Bilac, encontramos o texto intitulado “Marília na intimidade”, escrito por Tomáz Brandão. Fragmento retirado do livro *Marília de Dirceu*, publicado em 1932, o interesse o autor também concentrou-se em investigações sobre a vida pessoal da personagem:<sup>270</sup>

Cifra-se em muito pouco o que por tradição conhecemos do viver íntimo de Dorotéia. Tinha maneiras e hábitos aristocráticos. Embora muito acessível e afável, mantinha ante todos um ar sempre senhoril. Falava corretamente e com certa ponderação. Não saía senão para ouvir missa nos dias de preceito. Aparecia então bem trajada, toda de preto e à moda das senhoras idosas pertencentes à classe aristocrática da época: vestido de nobreza (sêda), capa comprida de tafetá com grande gola de veludo, mais de sêda, sapatos rases de duraque e na cabeça um lenço de sêda, elegantemente

269 Para uma breve contextualização das principais discussões sobre a vida pessoal de Marília e os posicionamentos de alguns estudiosos de sua obra sobre o relacionamento dela com Gonzaga, Cf. OSWALDO, Angelo. “Marília de Dirceu e seus amores”. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2017/11/10/noticias-pensar,216651/marilia-de-dirceu-e-seus-amores.shtml> (Acessado: jul. 2018).

270 Segundo nos informa Jardim (2009, p. 6), “Thomaz Brandão era filho de Frederico Augusto da Silva Brandão que, por sua vez, era filho do Coronel Bernardo da Silva Brandão. Este último era filho do Brigadeiro José da Silva Brandão e de Ana Sanches de Seixas da Silva e Ávila, prima em primeiro grau da Marília de Dirceu. Era, portanto, primo de Maria Dorotéia em quarto grau”. Ainda para a pesquisadora, “os rumores sobre os amores ilícitos de Maria Dorotéia descritos por Richard Burton, e outros autores, obrigaram seu descendente Thomaz Brandão a publicar em 1932 um livro em desagravo à honra de Marília, denominado também Marília de Dirceu, mesmo nome do livro de Tomás Antônio Gonzaga” (JARDIM, 2009, p. 6). Para as respostas de Brandão as considerações de Bilac, Cf. nota 265 desta tese.

atado. Mostrava-se contrariada quando percebia que alguém a observava. Em traje caseiro, conservava sempre apurado alinhado (BRANDÃO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 5).

Logo em seguida, em sua página seis, encontramos um fragmento retirado do livro de Eduardo Frieiro *O diabo na livraria do cônego: Como era Gonzaga? E outros temas mineiros*,<sup>271</sup> obra essa publicada no ano de 1950, intitulado “O casamento no desterro”. Contudo, mesmo trabalhando sobre o mesmo tema dos ensaios referidos nas páginas iniciais, as considerações feitas pelo autor a respeito da relação amorosa entre Marília e Gonzaga sugerem uma preocupação com a historicidade do tema e com as abordagens que teriam sido feitas dela até aquele momento. Por exemplo, vale destacar as apropriações que o século XIX fez das narrativas, o que lhes conferiria um caráter romanesco. Assim, como fica sugerido, o imaginário sobre o século XVIII da cultura mineira teria chegado até nós tingidos pelas reapropriações feitas no século posterior:<sup>272</sup>

A história do idílio amoroso de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia, como chegou até nós, segue quase à risca o que o poeta deixou expresso na *Marília de Dirceu*. E essa história idealizada, recomposta pouco depois, já em plena época romântica, tem por esse e por outros motivos um cunho marcadamente romanesco. Há muito derretimento e melosidade nas líras de Dirceu. Isso era próprio do erotismo dengoso e do açucarado bucolismo, aos quais se apegava o poeta, conforme o gosto da época. Ademais, Gonzaga era português: o sangue que lhe corria nas veias impulsionava-o para a obsessão erotomaniaca, que em temperamentos poéticos, como o seu, inclina ao erotismo e à estesia convencionais. Os Portugueses sempre tiveram fama de muito sentimentais e derretidos em amor. (...) Tomás Gonzaga derretia-se realmente de amor pela mineirinha ouropretana como quem ajustara casamento? Tudo fez crer que sim. Parece que andava mesmo de cabeça virada (FRIEIRO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 6).

Ao avançarmos nas páginas do caderno especial, encontramos, em sua página sete, um texto intitulado “O livro de Marília”, escrito por Domingos Carvalho

271 Para Furtado, esse livro de Frieiro “sobre as leituras que inspiraram os inconfindentes, baseado na análise da biblioteca do Padre Luís Vieira, (...) se tornou um clássico. Até então, os estudos acerca da capitania das minas do ouro pouco tinham explorado os temas instigantes sobre a vida cotidiana e o universo cultural sugeridos por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, em ‘Metals e pedras preciosas’, ou mesmo em *Caminhos e fronteiras*” (FURTADO, 2009, p. 117). Vale ressaltar que o próprio *SLMG* fez uma homenagem ao escritor, dedicando a ele um caderno especial, em seu número 68, de 1967, intitulado “Eduardo Frieiro: quarenta anos de literatura”. O caderno contou com a organização de Laís Corrêa de Araújo.

272 Frieiro acumulava uma significativa experiência como ensaísta, tendo contribuído com vários jornais, tanto mineiros quanto de outros Estados, durante a sua trajetória como escritor e crítico literário. Em relação a sua produção, ao lado de alguns romances, publicou os livros de ensaios, dentre outros: *O Brasileiro não é triste* (1931), *A ilusão literária* (1932) e *Letras mineiras* (1937).

da Silva. Deslocando-se um pouco do eixo das discussões até esse momento, ele versará sobre um curioso caso de um livro que supostamente teria a sua autoria atribuída a Maria Dorotéia: “Dirceu de Marília”:

O livro de versos atribuídos a Maria Dorotéia Joaquina de Seixas está hoje inteiramente esquecido e ninguém mais a ele se refere; no entanto, chegou a merecer – praticamente – as honras de um volume da “Garnier”, ao ser incluído, por Joaquim Norberto de Souza e Silva, na edição das liras de Gonzaga organizada pelo crítico fluminense e publicada em 1862. Essa não foi, porém, nem a única nem a primeira edição de “Dirceu de Marília”: as liras atribuídas a Dorotéia tinham sido publicadas anteriormente em opúsculo separado, por Norberto, como prova a presença de uma notícia no jornal “Nova Minerva”, anterior a 1862 (SILVA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 7).<sup>273</sup>

O autor do texto, como era de se esperar, ocupou-se em montar o argumento no sentido de demonstrar como a publicação dessa obra fora um equívoco e, ao mesmo, deixar registrado a sua falsidade. Dentre os seus principais pontos, analisará alguns dos supostos poemas, concluindo que até mesmo “a mão que escreveu tais versos, além de masculina, é romântica e não árcade”:

É inquestionável que as liras atribuídas a Marília não lhe pertencem: embora imitem gráfica e tematicamente as de Gonzaga, estão maculadas pela expressão e a dicção da poesia popular e pelo espírito e as “licenças” da metrificação do romantismo. Joaquim Norberto de Souza e Silva é o seu autor praticamente confesso. Hoje, “Dirceu de Marília” é apenas uma curiosidade, da qual não cuidam sequer os biógrafos de Dorotéia, como Augusto de Lima Júnior (“O amor infeliz de Marília e Dirceu”) e do poeta, como D’Araújo Guimarães (“A triste aventura do maviioso Dirceu”) (SILVA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 7).

Como finalização de seus questionamentos e defesa da falsidade dos escritos poéticos de autoria mais provável de Norberto de Souza e Silva, o autor afirma, em um tom altamente elogioso, que

“Marília de Dirceu” não precisava, de nenhum modo, da pequena glória de autora de um livrinho de maus versos: ela teve a glória maior de ser a amada e a musa de um grande poeta e de um homem que pôs, acima de

273 Encontramos em uma página sobre Literatura Brasileira, atribuída a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), os poemas de *Dirceu de Marília*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva. Nele, está presente uma nota “Sobre as presentes liras”, escrita em agosto de 1845, em que o autor diz não afirmar ou negar “a autenticidade da presente coleção de Liras extraídas de uma cópia que se me afirma ter sido tirada de manuscritos autênticos, cuja ortografia não pude conservar que não mo permitiu a brevidade do tempo que tinha a dispor”. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28193> (Acessado em: jul. 2018).

suas irrecusáveis fraquezas, a força de seu talento e de sua inteligência (SILVA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 7).

Ao darmos um pequeno salto para as páginas 10 e 11, encontramos mais uma vez um texto que irá explorar o tema colocado em pauta por Silva, como acabamos de ver. Intitulado “Falsidades sobre Marília”, temos novamente uma discussão feita por Tomáz Brandão, o “primo de Maria Dorotéia em quarto grau”.<sup>274</sup> Nesse caso, contudo, o autor se esforçará para demonstrar que os infortúnios vividos por Marília estariam ligados ao fato dela ter se relacionado com Gonzaga:

A biografia de Marília de Dirceu pode ser resumida em poucas palavras: foi uma donzela de rara beleza que teve a desdita de ser amada e decantada por um poeta infortunado, que lhe conquistara o coração e estava prestes a desposá-la quando foi preso e condenado a degredo por suposto delito de inconfidência. As donzelas formosas, de ordinário, casam, criam família, envelhecem e morrem, sem que por isso logrem passar à história. Tal se teria dado com Maria Dorotéia, se não fosse o infortúnio de Thomaz Gonzaga (BRANDÃO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 10).

Para o autor, não parece restar dúvida que, mesmo com a entrada de Marília para a “galeria de brasileiras célebres”, o resultado de seu romance com Gonzaga não chegou a deixar um “saldo positivo” em relação à imagem que lhe coube no âmbito da memória cultural. Esse fato, contudo, teria sua razão de ser devido, ao que parece, ao trabalho que estaria sendo feito por historiadores e escritores ao lidar com algumas questões de sua memória:

Ao nome de Gonzaga, que se imortalizou como mártir de uma aspiração política que não teve, ficou perpetuamente vinculado o de sua desditosa noiva, que por tal motivo se tornou incidentemente uma figura simpática da história funesta da conjuração mineira. Tendo entrado, assim, para a galeria das brasileiras célebres, começaram dela a se ocupar historiadores e escritores, estes em devaneios literários, aqueles na exposição de fatos referentes à vida de Gonzaga. É, porém, de lastimar que uns e outros, sem uma averiguação escrupulosa, tenham escrito a seu respeito tantas falsidades. Algumas, infelizmente, indecorosas, as quais, apesar de lhe ultrajarem a memória, vão adquirindo visos de verdade pela insistência e constância com que continuam a ser repetidas (BRANDÃO, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 10).

Talvez para amenizar as discussões – no primeiro momento, sobre os poemas falsos atribuídos a Marília; e depois sobre as falsidades atribuídas às

---

274 Cf. nota 267 desta tese.

construções biográficas empreendidas por historiadores e escritores, como vimos nos últimos dois textos apresentados –, foram montadas duas páginas, exatamente no meio dessas discussões, com alguns poemas de escritores que tematizaram a figura de Marília, exaltando a sua importância e relevância como mulher e personagem de destaque na cultura mineira do setecentos. Foram eles: Bueno de Rivera (“Dirceu bordando”); Murilo Mendes (“Acalanto de Ouro Preto”); Beatriz Brandão (“À morte de D. Maria Dorotéia de Seixas Mairink”); Henriqueta Lisboa (“Musa”); Mário de Lima (“A casa de Marília”) e Cecília Meireles (“Romance LXXII ou da Inconformada Marília”). Como podemos perceber, a sua organização também carregou o formato de antologia, característica essa presente em toda a forma de seleção dos textos que compuseram os números especiais.

Como momento de fechamento do caderno, os espaços das páginas finais foram destinadas a Gonzaga. Em texto nomeado “A condenação de Gonzaga, inocente broslador<sup>275</sup> de um vestido nupcial (um juiz, sinistro rival)”, de José Feliciano de Oliveira (p. 11), temos a republicação de alguns trabalhos desse autor escritos entre o final do século XIX e início do XX.<sup>276</sup>

Meus trabalhos de 1892 a 1907, e meus artigos, visaram sempre a sobrelevar a figura de nosso magro Herói, Tiradentes, então o mesmo agora incompreensivelmente rebaixado. A mesma Inconfidência ou Conspiração mineira, como pródromo da Independência, só colhia valor, porque aí estava Gonzaga com seu outeiro ou sodalício literário. Daí o esforço de Joaquim Norberto e de Sílvio Romero, no erigir Gonzaga em chefe da Conspiração (OLIVEIRA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 11).

Seu argumento prossegue com uma inusitada, pelo menos até o momento do caderno, relação entre as diferenças de lugares ocupados por Gonzaga e Tiradentes no imaginário social, principalmente no que diz respeito à tentativa de inconfidência. Aos seus olhos, uma das razões, se não a principal, dessas clivagens

275 Segundo a página do *Dicio – Dicionário Online de Português*, a palavra “broslar” caiu em desuso e era empregado no sentido de “decorar (tecido) utilizando fios e/ou ornamentos (fitas, lantejoulas, etc.): broslar um vestido; preferia broslar durante o dia”. Hoje, contudo, ele é substituído pela forma “bordar”.

276 José Feliciano de Oliveira (1868-1962) foi professor, abolicionista e republicano. Publicou artigos em defesa desses ideais em jornais como *O Democrata* (1884), *A Redenção* (1886), além de dirigir o periódico *O Novo Regime* (1889) e fundar a *Revista dos Novos* (1885–1886). Adepto do positivismo, dedicou-se a seu estudo e propaganda. Publicou várias obras, dentre elas: *A propaganda positivista em São Paulo* (1898); *José Bonifácio e a Independência* (1955) e *Os pais da República* (1957). A partir de 1903, integra o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

estaria no fato de que a literatura, ou o ser literário, se sobressair às outras questões não-literárias.

Para ele,

O prestantíssimo, generoso dentista espontâneo, – providência da população campesina; – o minerador capaz, a quem se confiava missão importante; o empreendedor de obras de canalização, de obras úteis à população civil; o ardoroso patriota, que aspirava a uma pátria livre com povo industrial, fortunoso, feliz – tudo isto não valia a fortuna de ser poeta e literato. Cantar Lizardas e Eulinas, adular baixamente Maria I; fazer sonetos chochos ou poemas friamente banais, – eis o que supera o valor civil, industrial e patriótico do nosso Herói (OLIVEIRA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 11).

Contudo, mesmo com essas diferenças, o autor acaba por aproximá-los, já que ambos teriam sofrido com os resultados de suas condenações por seus envolvimento políticos à época. Se a primeiro momento pairava uma distância entre a atuação dos dois personagens, ela deveria ser abolida a partir do ponto de vista da importância que cada teve em suas atuações no passado. Se as circunstâncias acabaram por obrigar a Gonzaga agir como um bajulador do poder ou mesmo o seu defensor, naquele tempo quente do processo que os envolvidos com os planos políticos de inconfidência ocorreram, um olhar distanciando no tempo teria o poder de redimir o poeta por suas ações:

O que sofreu com a injusta condenação o que o degredo sofreu, perdendo a razão e o senso estético, – é um drama pungente que o redime de suas fraquezas... As que nele severamente notei, quando insultou o Herói generoso que o defendia; e quando bajulava o poder, os juizes, que o castigavam. Hoje, que nova leitura de seu poema fundamentalmente me comoveu, acho que devemos erigir de seu verdadeiro plinto ou assento de poeta, acima das mediocridades verzejadoras que o rodeavam. Gonzaga mereceu o sôlio de poeta (...) (OLIVEIRA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 11).

Assim, o que a princípio nos pareceu ser um ataque a figura de Gonzaga, acabou por se mostrar, contudo, uma defesa quase apaixonada de sua atuação como poeta e do valor de sua poesia.

Logo em seguida, lemos um perfil biográfico, escrito pelo crítico e romancista Manuel Cavalcanti Proença, intitulado apenas “Tomás Antônio Gonzaga” (p. 12). Nele, destacamos a mescla de informações sobre a trajetória do poeta árcade, ao mesmo tempo em que foram analisadas as formas de concepção poética

utilizadas por ele.<sup>277</sup> De uma forma geral, o sentido da análise construída por Proença é de exaltação à produção literária de Gonzaga, sobre o qual não faltaram palavras de elogiosas e valorativas sobre a sua importância cultural.

As próximas três páginas (13,14 e 15) foram preenchidas com algumas líras produzidas por Gonzaga. Intituladas de simplesmente como “Poesias de Tomaz Antônio Gonzaga”, a seleção dos textos poéticos do autor sugerem uma apresentação, novamente antológica, de alguns exemplos de sua produção em verso. Retirados de *Marília de Dirceu*, contaram com ilustrações dos artistas plásticos Jarbas Juarez e Álvaro Apocalipse, ambos nascidos em Minas Gerais e com trabalhos recorrentes publicados, na maioria das vezes como ilustradores, no *SLMG*.

Por fim, foi publicado um texto intitulado “Rivais de Marília”, de autoria de Mário Casasanta (p. 16). Nele, como o próprio título nos sugere, foram apontados alguns indícios, presentes na produção poética de Gonzaga, de poderia ter havido outras mulheres na vida do poeta. “Alguns versos de Gonzaga dão-nos notícia de uma Laura ao lado de Marília. Era o que pode se chamar uma pastora atrevida, para se empregar o dialeto poético do tempo” (CASASANTA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 16):

Laura era, sim, atrevida e indiscreta, mas amásia? Essa amásia seria uma pobre figura apagada, disputada na sombra pelos galãs do tempo, com quem Gonzaga se ligou num atalho da vida, e de quem de certo teve o filho que veio a ser tronco de boa família, ainda hoje com distintos descendentes em Minas e São Paulo (CASASANTA, *SLMG*, 1967, n. 61, p. 16).

Assim, temos o fechamento de um dos cadernos mais curiosos dentre os analisados até essa parte deste texto. Ao anunciar que trataria de uma homenagem a memória e ao aniversário de 250 anos do nascimento de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a “Marília de Dirceu”, o *SLMG* acaba por expandir o seu trabalho de organização e seleção da memória para a figura de Tomás Antônio Gonzaga – também, mas em uma escala bem menor, como vimos ao final, para Laura, personagem que aparece na trama como “uma pobre figura apagada”. Contudo, valeria ressaltar que não se percebeu nenhum deslocamento que tivesse como intenção retirar a figura de Marília da “sombra” de Gonzaga.

---

<sup>277</sup> Para uma possibilidade de análise da poética de Gonzaga, que se utilizaria como mecanismo estruturador a retórica de gênero judiciário, ao transformar a linguagem retórica do direito em linguagem literária, reunindo em sua poética ambas as linguagens, Cf. SILVEIRA, 2016.

Por outro lado, destinar algumas páginas a sua produção literária ou mesmo a sua trajetória/biografia parece somente confirmar essa questão. Talvez, como é comumente apresentado em alguns estudos comparativos, Marília não tenha ocupado um lugar de destaque em sua época se a compararmos com, por exemplo, Bárbara Heliodora.<sup>278</sup> Contudo, essa não nos parece uma razão suficiente para não tentar um trabalho de valorização de sua presença na cultura mineira setecentista descolada da figura de Gonzaga.

#### 4.4. Bárbara Heliodora e Alvarenga Peixoto

Ainda sobre a participação das mulheres na vida cultura mineira do período setecentista, o *SLMG*, em maio de 1969, organizou dois cadernos (números 143 e 144) em homenagem a poetisa Bárbara Heliodora. O primeiro foi apresentado simplesmente como “I – Bárbara Heliodora”, sem nenhum outro qualificativo que acompanhasse o nome próprio. Para a sua concretização, eles contaram com o trabalho de seleção de Laís Corrêa de Araújo e de Rui Mourão.

Em sua apresentação, assinada por Mourão, lemos que

Desejando contribuir para as celebrações que assinalam a passagem dos 150 anos da morte de Bárbara Heliodora, organizamos o presente número especial, em três cadernos dedicados a São João del Rei e ao famoso casal, cuja peripécia humana e criadora teve lugar naquela cidade, entendendo que o poeta e inconfidente Alvarenga Peixoto não poderia deixar de merecer toda a nossa atenção, uma vez que a sua legenda se confunde com a da esposa (MOURÃO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 1).

Novamente, de entrada, podemos perceber a mesma dificuldade demonstrada em relação às memórias de Marília, como salientamos acima, qual seja, de considerar a importância e relevância da trajetória de uma figura feminina descolada da imagem de uma personalidade masculina. Para o caso de Heliodora, falar dela é também não deixar de destinar “toda a atenção” para o poeta Alvarenga Peixoto, seu esposo.

Contudo, também notamos que, pelo menos dentro do recorte temporal que fizemos (1966-1975), não houve nenhum caderno especial organizado em

---

<sup>278</sup> Para um trabalho sobre os significantes acerca da figura feminina de Bárbara Heliodora e de sua imagem representada através de uma pluralidade de referências, dentre elas no *SLMG*, Cf. CHAVES, 2014.



homenagem aos escritores árcades do setecentos (Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga ou Inácio José de Alvarenga Peixoto), muito menos a Tiradentes. Uma possibilidade de explicação seria pensarmos nos constrangimentos políticos que essa escolha poderia acarretar, uma vez que reencenar suas trajetórias e produções político-literárias poderia se traduzir em uma forma de se falar sobre as memórias da Inconfidência. Se podemos considerar, então, que o momento histórico não era o mais propício, lembremos que estamos a poucos meses da entrada em vigor do AI-5, decretado em 13 de dezembro de 1968 pelo então presidente militar Costa e Silva, organizar esses cadernos em homenagem às esposas e não aos maridos teria sido uma estratégia política? Assistiríamos, então, a uma inversão: agora, seriam os “inconfidentes” que estariam à sombra de suas esposas, para pensarmos pelo menos em Gonzaga e Peixoto? Vejamos como o caderno especial, enfim, apresentou Heliodora e, ao mesmo tempo, Peixoto.

Em continuidade ao texto de apresentação do primeiro caderno em homenagem a Heliodora, lemos uma consideração sobre os trabalhos até então feitos sobre ela (escassos) e sobre Peixoto (que já contavam com um volume considerável de publicações e sobre o qual acumulava-se um bom conhecimento):

Se M. Rodrigues Lapa realizou pesquisa exaustiva sobre a vida e obra de Alvarenga, projetando em termos bastante definitivos o perfil valorizado do poeta, um correspondente esforço de investigação não se fez no que diz respeito a Bárbara, de sorte que o prestígio do seu nome se sustenta principalmente na sua atuação histórica, continuando como um enigma a tradição ainda não desmentida da sua decantada veia lírica (MOURÃO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 1).<sup>279</sup>

Junto ao texto de apresentação, compôs a capa do *SLMG* uma imagem de um desenho da artista plástica Liliane Dardot e um poema de Peixoto. Desse, recortamos um trecho em que fica evidente o triste cantar do poeta pela ausência ou distância da pessoa amada:

---

<sup>279</sup> A apresentação ainda se prestou a anunciar o tema do terceiro volume da trilogia especial sobre o casal Heliodora e Peixoto e a cidade de São João del Rei, que será trabalho em seguida: “Na parte que trata de São João del Rei, apresentamos o ensaio-reportagem de Carlos de Laet – o mais completo texto já escrito sobre a localidade – e o trabalho de Affonso Ávila que, dando prosseguimento aos seus estudos do barroco mineiro, nos revela documentos inéditos da solenidade das exéquias de D. João V, realizadas às expensas do padre Matias Antônio Salgado” (MOURÃO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 1).

Bárbara bela,  
do Norte estrela,  
que o meu destino  
sabes guiar,  
de ti ausente,  
triste, somente  
as horas passo  
a suspirar.  
Isto é castigo  
que Amor me dá.

Por entre as penhas  
de incultas brenhas  
cansa-me a vista  
de te buscar;  
porém não vejo  
mais que o desejo,  
sem esperança  
de te encontrar.  
Isto é o castigo  
que Amor me dá.

(PEIXOTO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 1).

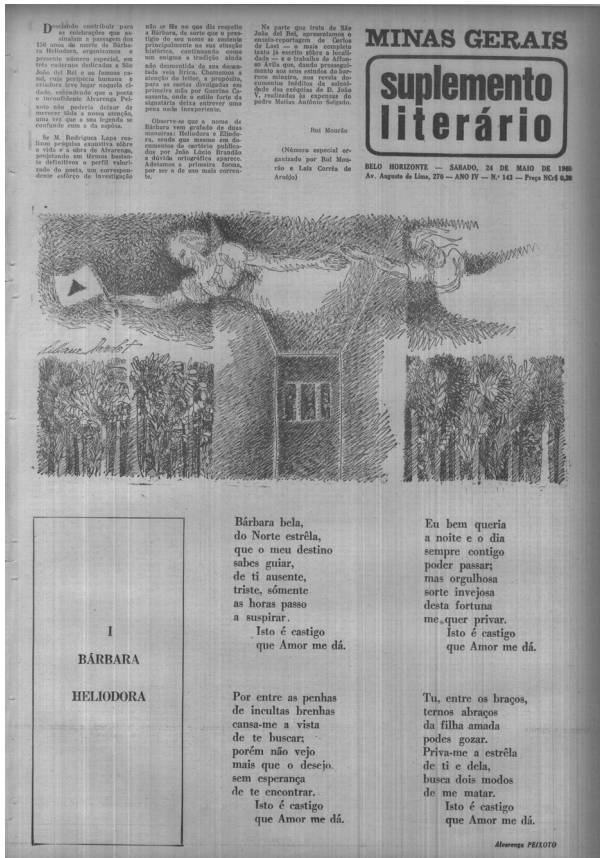


Figura 23: SLMG, n. 143, ano 4, Belo Horizonte, 1969, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.



Figura 24: SLMG, n. 143, ano 4, Belo Horizonte,

1969, p. 4.

Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG).

Em seguida, em sua segunda página, encontramos um texto intitulado “Bárbara Heliadora”, de Guerino Casasanta, em que o autor traça uma trajetória dando ênfase ao papel ativo da biografada nos negócios e decisões que envolveram o casal.<sup>280</sup> Divido em partes nomeadas como “A catástrofe”, “Um cireneu”, “Ingratidão dos amigos”, “Resultados de mineração”, “A vida na Boa Vista” e “A situação de Bárbara Heliadora”, a narrativa empreendida pelo autor pretendeu dar conta de alguns pontos que julgou mais relevantes de sua vida, ao cobrir desde de questões de sua vida privada a especulações sobre os problemas econômicos que possivelmente ela possa ter enfrentado ao final da vida. Em seu texto, também vale o destaque do uso de algumas cartas utilizadas pelo autor que, segundo Mourão, em texto de apresentação da primeira página, estavam sendo divulgadas em primeira mão, “onde o estilo forte da signatária deixa entrever uma pena nada inexperiente” (MOURÃO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 1).

Em sentido similar, para a composição da página seguinte, encontramos outro texto que se ocupou de uma apresentação biográfica de Heliadora. Intitulado “Maria Efigênia, a ‘Princesa do Brasil’”, foi escrito Alfredo Valladão<sup>281</sup> e publicado, pela primeira vez, no ano de 1912, no livro *Campanha da Princeza*.<sup>282</sup>

Segundo o autor, Heliadora havia recebido uma

(...) educação primorosa, e na distinção de seu trato revelava a nobreza de sua origem. Todos os atrativos, da inteligência, da beleza e da virtude, se manifestavam nessa mulher verdadeiramente extraordinária. E, para que melhor pudesse compreender o seu esposo, inspiravam-na as musas. A poesia (...) lhe servia de “suave e ligeiro passatempo nos dias da infância” lhe emprestara “uma linguagem divina e inocente exploração dos afetos”, nos dias felizes de seu noivado, e voltaria ainda a entretê-la, por fim, no seu infortúnio (VALLADÃO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 3).

280 Ao final do texto, lemos que ele havia sido publicado, antes de fazer parte do *SLMG*, na *Revista do Instituto Histórica e Geográfico de Minas Gerais*, vol. IV, 1957, págs. 199/206.

281 Alfredo Valladão (1873-1959) foi um advogado e cientista social nascido em Campanha, Minas Gerais. Em 1891, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1894 em Ciências Jurídicas e no ano seguinte em Ciências Sociais. Foi eleito sócio efetivo do IHGB em 23 de abril de 1912. Passou a benemérito em 1932, a grande-benemérito em 20 de junho de 1951. Além de integrar Comissões Permanentes, foi orador oficial eleito em 24/3/1938, segundo-vice-presidente desde 1952 a 2 de janeiro de 1959 e, finalmente, primeiro vice-presidente desde esta data até sua morte. Para mais informações, ver: Alfredo de Vilhena Valadão/IHGB. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/advvaladao.html> (Acessado em: jul. 2018).

282 Na página do *SLMG*, o texto foi publicado com referência ao final, indicando que se tratava de uma seleção feita a partir do livro. Nele, foram indicadas as páginas (vol.1, pags. 144 a 119).

Como no exemplo anterior, o tom é de exaltação da figura da homenageada. Ao pintarem os quadros de sua biografia, ambos os autores tiveram como foco, como nos é sugerido, a fixação de uma imagem linear de sua trajetória, pouco ocupando as narrativas com alguma problematização que pudesse ampliar algum aspecto ainda pouco conhecido de sua vida e/ou produção literária. Assim, entendemos que esse trabalho com a memória acaba por ter um efeito monumentalizador, tanto do passado a qual ela faz referência (a cultura produzida no período colonial mineiro) quanto da própria imagem que se quer cultivar e congelar como referência (um *ethos* construído sobre a figura de Heliodora).<sup>283</sup>

Em “A heroína da Inconfidência”, texto de Martins de Oliveira, publicado nas páginas quatro e cinco do caderno, o autor também se prestou a compor uma biografia de Heliodora. Em sua narrativa, constrói um perfil valorativo da homenageada, percorrendo, como o fez Casasanta, várias nuances e questões que dizem respeito a sua vida e a mitologia criada em torno de sua figura.

Ao se valer de um pequeno levantamento historiográfico sobre as pesquisas feitas a respeito de Bárbara Heliodora, Oliveira faz um balanço das publicações, considerando o trabalho de Aureliano Leite o mais importante, até aquele momento:

O eminente polígrafo e historiador sr. Aureliano Leite, mineiro ilustre, radicado, vai para muito anos, em São Paulo, publicou, em primorosa edição, em 1964, um estudo sobre Bárbara Eliodora da Silveira. Estudo forte, denso de informação, exposto em rigores de lógica, na qual se nota ampla e bem conduzida defesa nos pontos em que se fez necessária. O trabalho do preclaro humanista é, sem favor algum, bela contribuição para o esclarecimento de alguns dados a respeito da vida e da obra de uma das figuras mais fascinantes da galeria feminina brasileira. O trabalho do eminente historiador, além de agradável, repousante, para quantos se acostumara a admirar a inditosa heroína brasileira, oferece o conforto suavíssimo da contemplação de Minas antiga (OLIVEIRA, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 4).

Sua discussão, contudo, vai ser encaminhada a partir do que ele considerou ser “alguns pontos duvidosos de problemas de história”, em sua análise do livro. Esses foram organizados a partir dos tópicos “O Prenome, apelidos e data de nascimento”, “A beleza de Bárbara Eliodora”, “A bagagem literária de Bárbara Eliodora”, “Bárbara Eliodora professora?”, “A noite da loucura” e “Um grande

---

283 Sobre as discussões do trabalho da memória como monumentalizador, Cf. LE GOFF, 1990; NIETZSCHE, 2003; LABORIE, 2009.

estudo”. Dentre esses, destaca-se a afirmação de Heliadora como educadora, feita por Oliveira.

Sobre o valor da pesquisa empreendida por Leite, a partir das considerações de Oliveira podemos também perceber o tom elogioso e de exaltação que ambos conferiram em suas formas de lidar com o tema.

Segundo Oliveira, ao final de seu texto,

(...) o senhor Aureliano Leite, com as pesquisas a que procedeu a respeito de Bárbara Eliadora, prestou considerável serviço às letras nacionais. Veraz, profundamente na refutação aos detratores da extraordinária heroína, restabelecem os fatos em torno de pontos incertos e trouxe à contemplação dos que amam verdadeiramente a história, a figura de quem, acima de ter sido fisicamente bela e admirável na conduta de mulher, se tornou exemplo inigualável da dor humana, sob os acoites tempestuosos da desgraça total (OLIVEIRA, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 5).

Logo em seguida, como uma espécie de confirmação das considerações feitas no texto anterior, lemos um artigo do próprio Aureliano Leite, publicado originalmente no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, em 21 de dezembro de 1963. Intitulado “A poetisa Bárbara Heliadora”, nele podemos conferir mais um trabalho de construção de uma narrativa biográfica sobre a escritora. Para a montagem de seu texto, o autor lançou mão de um levantamento sobre os principais trabalhos feitos e pode proporcionar ao leitor um bom panorama sobre as discussões mais importantes que pairavam o tema.

Para Leite, a imagem mais proeminente de Heliadora, contudo, não era a de escritora/poetisa, mas sim de heroína, uma vez que sempre esteve envolvida com as questões políticas de seu tempo:

(...) a parte mais de apreço da vida de Bárbara na verdade não é a sua obra poética. É o seu heroísmo cívico que nunca falhou ao lado da causa da sonhada independência, aos pés da qual sacrificou tudo, o seu ardente amor pelo marido, o luxo e a abundância de sua casa sustentada pela escravaria negra que arrancava das suas inúmeras minas de ouro aquele metal em que se resumiu ainda a cobiça da época, a paixão pela escadinha de filhos de que a mais velha era a menina-moça Efigênia, o alto conceito social de sua família, tudo, tudo pela emancipação política da pátria (LEITE, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 6).

Exageradas ou não, essas considerações nos são importantes como indícios, para além do trabalho feito com a memória em sua forma de lidar com o

passado, para pensarmos nas escolhas feitas pelo *SLMG* ao montar uma antologia temática como essa.

Como temos observado, ao montar esses quadros panorâmicos com textos muitas das vezes com perspectivas de leituras bem heterogêneas, se não divergentes, as escolhas feitas pelo caderno nos informam também sobre as suas formas de olhar para os debates.

Mais do que se posicionar a favor ou contra determinados posicionamentos, nos parece que o seu trabalho concentrou-se, mais especificamente, no mapeamento, na seleção e na compilação dos vários pontos de vista disponíveis sobre as determinadas temáticas, o que, contudo, não o isenta completamente, mesmo que de forma indireta, de se posicionar a respeito delas. Aliás, vale ressaltar que há uma tendência de se pensar o trabalho antológico, principalmente a partir do conceito de gêneros textuais, como uma forma descontextualizada de lidar com as fontes “originais”. Nesse sentido, defende-se que, ao retirá-las de seu contexto primário, digamos, do *locus* ou meio em que foi originalmente publicada, a sua transposição para um outro meio e tempo redundaria em um perda das condições de sua anunciação e, talvez, de sua força expressiva e de seu potencial de significação.

Contudo, acreditamos que esse deslocamento contribui para a atualização do debate, crucial para a reconfiguração da (e o exercício/trabalho com a) memória. Mais do que uma mera seleção aleatória de textos supostamente importantes sobre um tema ou um debate, acreditamos que esse trabalho de antologização proporciona para o leitor, dentre outras possibilidades, uma abertura para contato com uma compilação densa de informações, fontes e referências para um leitura continuada e verticalizada, ao contrário do que poderia ser encontrado em uma simples junção de textos esparsos.<sup>284</sup>

Toda a página seguinte do caderno foi destinada a homenagear a poesia de Bárbara Heliodora e foi intitulada “A meus filhos”. Em suas duas primeiras estrofes, lemos os seguintes versos:

---

284 Para uma interessante discussão, no campo da Análise do Discurso, sobre os usos e funções das antologias como um gênero discursivo importante no campo da cultura para a formação do público leitor, a transformação dos cânones, a confirmação (ou reputação) dos projetos literários, Cf. SERRANI, 2008; DIAS, 2008; ZAMBELLI, 2016; CANDIDO, 2006. Para uma discussão sobre a presença das antologias como projetos de nação, envolvendo as questões de identidade e de ideologia, especialmente no contexto do Estado Novo, Cf. ZAMBELLI, 2017.

Meninos, eu vou ditar  
 As regras do bem viver;  
 Não basta somente ler,  
 É preciso ponderar,  
 Que a lição não fazer saber,  
 Quem faz sábios é o pensar.

Neste temeroso mar  
 D'ondas de contradições,  
 Ninguém soletre feições,  
 Que sempre há de enganar;  
 Das caras a corações  
 Há muitas léguas que andar.

(HELIODORA, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 7).

### Segundo nota da redação,

Embora a tradição e mesmo alguns autores acrescentem à biografia, às vezes tão romanceada, de Bárbara Heliodora o fato de ter sido ela também poetisa, esta é uma hipótese ainda não devidamente comprovada. Dois poemas são, correntemente, atribuídos à esposa de Alvarenga: as sextilhas intituladas *Conselhos a meus filhos* e o soneto que começa pelo verso *Amada filha, já é chegado o dia*. Sobre o primeiro, é aceita a opinião de que poderia mesmo ter sido escritor por Bárbara. Quanto ao segundo, os dois editores mais recentes da poesia de Alvarenga divergem sobre a questão da autoria (*SLMG*, 1969, n. 143, p. 7).

Segundo ainda nos fala o texto publicado em forma de nota, a discussão opunha dois estudiosos da literatura árcade, principalmente em torno da poesia produzida por Alvarenga Peixoto. Curiosamente, como veremos na passagem abaixo, a redação do *SLMG* optou por publicar o poema “Conselhos a meus filhos”, indicando, com isso, acreditar na possibilidade de ter sido Heliodora uma das primeiras escritoras no Brasil:

Enquanto Domingos Carvalho da Silva (*Obras Poéticas de Alvarenga Peixoto*, Clube de Poesia, São Paulo, 1956) o reivindica para Bárbara Heliodora, o eminente filólogo português M. Rodrigues Lapa, apoiado na melhor lição de erudição e pesquisa, identifica-o como de autoria indiscutível de Alvarenga (*Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1960). Em face disso, preferimos transcrever, como mais provavelmente de Bárbara Heliodora, as curiosas sextilhas *Conselhos a meus filhos*, que, se realmente escritas por ela, fariam da celebrada mineira uma das primeiras mulheres poetas do Brasil (*SLMG*, 1969, n. 143, p. 7).

Em sua página de número oito, encontramos o texto intitulado “Elogio de Bárbara Heliodora”, escrito por João Lúcio Brandão. Ironicamente, nesse caso nem



precisamos salientar que se trata, explicitamente, de uma exaltação da figura homenageada. Escrito para ser lido, conforme nos é informado ao final do texto, o acontecimento se deu perante a Academia Mineira de Letras, em sessão de 6 de fevereiro de 1916. No *SLMG*, ele veio publicado com a referência de ter sido retirado da *Revista da Academia Mineira de Letras* (págs. 148/160).<sup>285</sup>

Bárbara Heliodora floresceu num tempo em que o descobrimento do ouro e das pedrarias em Minas implantou aí um luxo e a opulência e conseqüentemente o pendor para o cultivo das letras. Os “árcares” mineiros pontificavam então. Gonzaga cantava suavíssimas pastorais à famosa Marília. Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel e muitos outros – cultivavam as letras, empregando os lazeres dos cargos na confabulação com as musas. Uma aristocracia do ouro e da inteligência nascia então em Minas. Nesse meio se formou e educou o espírito da nossa heroína, dotada de inteligência pouco comum, de grande inspiração, de raro cultivo e de beleza nada vulgar, segundo reza a tradição (BRANDÃO, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 8).

Em seguida, nos deparamos com uma página construída a partir de fragmentos poéticos retirados do livro de poesia *Romanceiro da Inconfidência* (1953), livro de Cecília Meireles. Nela, constam os títulos “Romance de um tal Alvarenga”, “Romance da morte de Maria Efigênia” e “Romance do enterro de Bárbara Heliodora”, sobre os quais foram mantidos os títulos dados por Meireles, tendo sido retirado apenas a numeração em algarismos romanos que acompanha a publicação em livro.

Saltamos, então, para um ensaio que ocupou quase duas páginas do *SLMG*, intitulado “O drama de Bárbara e Alvarenga”, escrito por Joaquim Norberto de Souza e Silva que, como o nome indica, voltará a explorar algumas questões relativas ao romance vivido pelos dois personagens. Como somos informados ao final do texto, o fragmento publicado foi retirado do livro do autor, *História da Conjuração Mineira*, publicado no ano de 1873.<sup>286</sup>

Em sua narrativa, lemos algo como um relato dos bastidores que movimentaram os preparativos para a organização do levante inconfidente. Com

<sup>285</sup> Essas informações estão presentes na página do *SLMG*.

<sup>286</sup> Segundo nos informa Sílvia Maria Azevedo, de todos os trabalhos publicados pelo autor, nenhum “conferiu a Norberto tamanho prestígio de historiador, como a *História da Conjuração Mineira*, que veio a público, em 1873, pela Garnier. O livro se inscreve no interior de um sentimento patriótico e político de que participaram os escritores românticos, empenhados em conhecer e estudar a Inconfidência Mineira, assim também os poetas árcades, como expressão do processo de construção nacional”. “Joaquim Norberto de Sousa Silva: historiador, filólogo e musicólogo”. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/node/105> (Acessado em: jul. 2018).

uma fluidez textual que nos sugere uma escrita em diário, o texto apresenta algumas das supostas conversas que alguns personagens mantiveram ao mesmo que nos informa sobre quem esteve envolvidos na trama:

Veio surpreendê-lo a visita do coronel Alvarenga e reviver a lembrança do levante. Contou-lhe o coronel a conversação que encetou com ele o governador a respeito da preferência entre a república e a monarquia, o que muito lhe havia impressionado. Sabia o tenente-coronel pelo seu cunhado o dr. Maciel o que se passava no palácio, e pois mostrou-se bastante contrariado, e lhe disse que o Visconde de Barbacena estava inteirado de tudo quanto se havia tratado relativamente à conjuração, e tudo isto proveniente da facilidade de muitos conjurados, e principalmente do vigário de São José, o que fizera grande bulha nesse negócio, pois lhe escrevera que tinha cento e cinquenta cavalos prontos para o seu regimento, isto é, que falara a outras tantas pessoas para entrarem na sedição mas que ele tenente-coronel fazendo-se de desentendido lhe respondera vagamente (SILVA, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 10).<sup>287</sup>

Ainda na página onze, somos informados sobre um levantamento dos estudos publicados sobre Bárbara Heliodora até aquele momento, feito pelo bibliófilo Hélio Gravatá e intitulado “Bárbara Heliodora (Contribuição bibliográfica de Hélio Gravatá, Belo Horizonte, janeiro – 1969)”.

Como página de finalização desse primeiro caderno especial, ainda podemos ler um poema, escrito pela poesia mineira Henriqueta Lisboa, intitulado “Drama de Bárbara Heliodora”:<sup>288</sup>

É deveras a Princesa  
do Brasil, essa menina  
de madeixas escorridas,  
de lábios esmaecidos,  
de túnica mal vestida?

Essa, aquele por quem vinham  
da Corte os melhores mestres  
da dança e língua estrangeira?  
A de damascos e auréolas  
a quem brotavam nos dedos  
tíbios ramos de coral?

287 O trecho utilizado para compor essa narrativa para o *SLMG* foi retirado do Capítulo IX, sob o título “Suspensão da Derrama”, do livro de Joaquim Norberto de Souza e Silva no texto mencionado. Uma versão *on line* está disponível no endereço eletrônico <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=37170> (Acessado em: jul. 2018).

288 Ao final da página do *SLMG*, somos informados que o poema foi retirado do livro, de Henriqueta Lisboa intitulado *Lírica*, e que os poemas estariam das páginas 101 a 104. Há uma referência a uma obra da escritora com esse nome publicada no ano de 1958. Sobre o gênero lírico na poesia de Henriqueta Lisboa, Cf. MACHADO, 2009.

Linda, lendária Princesa,  
 por quem chora já sem lágrimas  
 pobre mulher desvairada  
 de olhos que olham mas não vêem.

(LISBOA, *SLMG*, 1969, n. 143, p. 12).

Analisemos, então, o segundo volume dos cadernos especiais.

Publicado como número 144, ele foi feito em homenagem ao casal Bárbara Heliodora e Alvarenga Peixoto, tendo vindo a público também no mês de maio de 1969. Diferente de seu primeiro volume, seu foco da seleção e organização do *SLMG* concentrou-se em ambas as figuras. Em sua capa, lemos “II – Bárbara e Alvarenga”, indicando exatamente sobre o que trataria o número.

Logo em sua capa, nos deparamos com um texto nomeado “Alvarenga Peixoto”, escrito por Antonio Candido. Ao final da página, somos informados de que se tratava de um fragmento publicado originalmente em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, das páginas 116 a 119. Curiosamente, essa não foi a primeira vez que os responsáveis pela organização de um caderno especial para o *SLMG* recorreram a essa obra a fim de dela retirar algum conteúdo para a organização de um tema:

Perfeitamente enquadrado na lição arcádica, Alvarenga Peixoto escreve como quem se exercita, aplicando fórmulas com talento mediano e versejando por desfastio. Por isso é mediana a qualidade de quase todos os seus poemas, sendo impossível equipará-lo literariamente – com é uso, – aos outros poetas mineiros. É admissível que o sequestro e a desgraça houvesse dispersado o seu espólio poético, deixando apenas as peças destinadas a louvar e comemorar. Seja como for, estas constituem quase tudo nas vinte e oito restantes, dando a impressão de que o infeliz conspirador só invocava as “canoras Musas” para celebrar poderosos e amigos, numa demonstração compacta do caráter de sociabilidade da literatura setecentista (CÂNDIDO, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 1).

Curiosamente, temos logo na abertura do caderno especial um texto que não exatamente exalta a figura do escritor. Ao contrário, como demonstra a passagem, há uma ressalva inicial sobre as qualidades poéticas de Peixoto, que seria portador de um “talento mediano”, se comparado aos demais poetas árcades do período, segundo Candido.

Um pouco na contramão das demais apresentações até agora analisadas, a escolha do texto de Candido marca uma postura crítica, por parte do *SLMG*, em

relação às posturas de Peixoto no que diz respeito à memória de seu envolvimento com a tentativa frustrada de conjuração política. Essa postura se repetirá, como veremos, em alguns dos textos selecionados para a composição desse caderno. Nesse sentido, o que teremos será um exemplo mais acabado de um caderno organizado quase que exclusivamente com fragmentos de obras e artigos publicados em diferentes momentos de pesquisa e por nomes variados do cenário intelectual brasileiro. Nesse sentido, talvez seja esse o caderno mais emblemático do caráter antológico que temos defendido como forma de se pensar, organizar e difundir a produção cultural mineira pelo *SLMG*.

Em sua segunda página, lemos uma pequena biografia sobre o escritor, intitulada “Alvarenga Peixoto”, escrita por Péricles Eugênio da Silva Ramos e retirada do livro *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, sinalizado no *SLMG* como presentes nas páginas 189-190.<sup>289</sup>

Na mesma página, e também ocupando a próxima, encontramos um texto intitulado “Cinco sonetos de Alvarenga”, de autoria de M. Rodrigues Lapa, retirados do livro *Vida e Obras de Alvarenga Peixoto*, publicado em 1960:

Para a reedição das obras poéticas de Alvarenga Peixoto, exploramos metodicamente o recheio manuscrito das primeiras bibliotecas e arquivos portugueses e brasileiros. Tivemos a felicidade de encontrar numa coletânea datada de 1786 cinco sonetos inéditos seus e mais três que, dados sem nome de autor, talvez lhe pertençam também. (...) Por se tratar de composições inéditas e visarem, na sua maior parte, uma distinta dama lisboeta que exerceu certa influência na vida literária portuguesa, vamos fazer sobre elas um comentário mais detido (LAPA, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 2).

Como sinalizado por Lapa, nas páginas do *SLMG* foram publicados os sonetos, seguidos de análises empreendidas pelo pesquisador para cada caso. Como já mencionado nesta tese, o autor foi um importante nome ligado às pesquisas sobre a literatura setecentista mineira, sobre a qual publicou seu primeiro estudo em 1937, em Lisboa. Tratava-se de uma edição crítica das poesias de Gonzaga.

---

<sup>289</sup> Não encontramos nenhum livro com esse título com a autoria de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Acreditamos, contudo, que se trata de algum capítulo que ele possa ter escrito para o livro de mesmo nome, já que em sua produção intelectual encontramos algumas compilações e livros organizados sobre alguns temas como, por exemplo, os estudos sobre o barroco, o arcadismo ou mesmo o modernismo. Dentre eles, também encontramos algumas referências sobre estudos de autores como Cláudio Manuel da Costa e Machado de Assis.

Em seguida, encontramos o texto “Prisão e depoimento de Alvarenga Peixoto”, escrito por Lúcio José dos Santos, ocupando as páginas três e quatro do caderno. Sobre ele, somos informados de que se trata de fragmentos retirados da obra *A Inconfidência Mineira*, publicada no ano de 1927. Nela, lemos uma narrativa de cunho quase ficcional, em que nos são apresentadas as angústias do personagem, nesse caso o próprio Alvarenga Peixoto, colocado em dilema em relação aos caminhos tomados pelo levante não ocorrido. Contudo, no momento de seu “clímax”, aparece a figura de Heliodora para livrar seu amado da infâmia e conferir uma nobreza de caráter a sua ação:

Metido em plena conjuração, sentiu-se perdido Alvarenga, logo que lhe chegou a notícia de que fora suspensa a derrama. O Padre Carlos de Toledo confiou-lhe as apreensões em que se encontrava, acreditando que Joaquim Silvério tinha ido denunciá-los. Dias depois, teve Alvarenga, pelo Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, a terrível confirmação. Seria difícil descrever a tempestade que desabou no ânimo do inconfidente. Pareceu-lhe que a tamanha desgraça só havia ainda um remédio, e este era ir ele, sem mais detença, denunciar tudo ao Visconde de Barbacena, indicando-lhe todos os planos da conjuração e os nomes dos que nela estavam comprometido. Dessa infâmia, livrou-o sua generosa esposa, a quem confiou, ele as apreensões em que se achava e a deliberação que havia tomado (SANTOS, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 4).

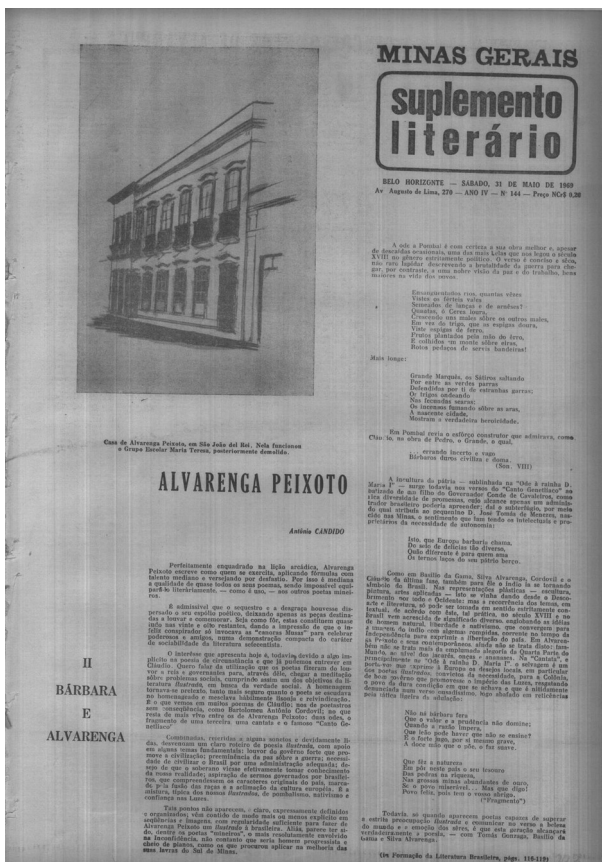


Figura 25: SLMG, n. 144, ano 4, Belo Horizonte, 1969, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.



Figura 26: SLMG, n. 143, ano 4, Belo Horizonte, 1969, p. 2. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Ao final da quinta página, lemos um trecho retirado dos “Autos da Devassa da Inconfidência Mineira”, intitulado “Sumário de culpa de Alvarenga Peixoto”, que funciona como uma espécie de espelhamento ao texto de Santos, uma vez que nele é ressaltado, contudo, a falta nobreza de caráter do inconfidente que, ao o final do processo, teria se comportado como o “Catilina da Conjuração Mineira”, opinião essa que o autor considerou “nada menos exato”:

Alvarenga sonhou com a criação da república na sua pátria, colônia de uma monarquia absoluta. Catilina quis, numa pátria livre e gloriosa, tirar a república das mãos de Cícero para deitá-las nas garras dos partidários de Syla. Que há de comum entre esses dois homens? (...) As declarações de Alvarenga, constantes dos seus interrogatórios, não lhe são muito honrosas. Procurou passar a outros grande parte de sua responsabilidade, tentando mesmo dar-se como tendo aconselhado a delação desde o início. Não menos lastimável é a sua atitude, quando fazia todos os esforços para ser irônico, com o intuito de parecer que achara ridículos e vãos, todos aqueles projetos dos conjurados (SANTOS, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 5).

Para as próximas páginas, as de número seis e sete, verificamos a publicação de dois poemas de Alvarenga Peixoto, um sob o título de “Canto Genetlífico”<sup>290</sup> e outro sinalizado apenas como “Sonetos”. Nesse, ouvimos um cantar poético que tematiza a questão da prisão, por seu envolvimento político com as confabulações da conjuração:

Eu não lastimo o próximo perigo,  
uma escura prisão, estreita e forte;  
lastimo os caros filhos, a consorte,  
a perda irreparável de um amigo.

A prisão não lastimo, outra vez digo,  
nem o ver iminente o duro corte;  
que é ventura também achar a morte,  
quando a vida só serve de castigo.

Ah, quem já bem depressa acabar vira  
este enredo, este sonho, esta quimera,  
que passa por verdade e é mentira:

Se filhos, se consorte não tivera,  
e do amigo as virtudes possuía,  
um momento de vida eu não quisera.

290 Segundo o *site* Literatura Digital, mantido pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o poema foi publicado no ano de 1793 – publicado no livro *Almanaque das Musas: nova coleção de poesias oferecida ao gênio português (1793)*. Essa informação consta no livro *Vida e obra de Alvarenga Peixoto* (Rio de Janeiro: INL, 1960) de M. Rodrigues Lapa. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=143517> (Acessado em: jul. 2018).

(PEIXOTO, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 7).

Em seguida à publicação dos poemas, temos a exposição cinco cartas de Peixoto, descobertas nas investigações de M. Rodrigues Lapa e publicadas em seu livro *Vida e Obras de Alvarenga Peixoto*. Ao final de cada exemplar, constam informações de que todas elas fariam parte do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Seção de Manuscritos.

Ao caminharmos para a página de número nove, encontramos mais um poema, mas agora de autoria do poeta mineiro Bueno de Rivera, intitulado “Ressurreição de Bárbara”. Antes do primeiro verso, lemos que se tratava de uma “Lírica louvação à memória de minha parenta Bárbara Heliodora Guilhermina da Silva Bueno, descendente do Aclamado”.

Dele, recortamos as duas primeiras estrofes em que são construídas imagens sobre o final da vida de Heliodora:

Bárbara tísica  
de morte próxima  
os olhos fundos  
de prantear,  
no catre esperas  
que venha a Glória  
entre hosanas  
te libertar.

Bárbara pálida,  
corpo de ossos  
cabelos brancos  
mãos desfiadas.  
Onde andará  
a outra Bárbara  
a Bárbara bela  
amante e amada?

(RIVERA, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 9).

Contudo, em contraponto a essas primeiras impressões sobre o passar do tempo e a chegada ao final da existência, há a narrativa de uma ressurreição da poetisa, como indicado no título dado ao poema. Carregado de um sentimento religioso, o sentido do poema também nos sugere que, para além desse “ressuscitar”, há também implícito a ideia de um segundo movimento. Esse, feito no



campo da cultura. Ou seja, ao ser cantado em versos pelo poeta, é a sua memória também que ressuscita e passa a contar a sua história:

Bárbara, desperta,  
 vê quem te afaga:  
 não é um fantasma,  
 é o anjo, é a filha,  
 doce Efigênia  
 chorada filha.  
 (...)
 Bárbara bela,  
 ressuscitada.  
 Mais bela agora  
 pois lúcida brilha  
 junto da filha.  
 Vão caminhando  
 vão conversando  
 contando histórias  
 da longa ausência.

(RIVERA, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 9).

Como feito no primeiro volume da trilogia sobre o casal, neste também encontramos uma construção de um levantamento bibliográfico, feito novamente pelo bibliófilo por Hélio Gravatá, mas agora sobre Peixoto. Intitulado “Bibliografia de e sobre Inácio José de Alvarenga Peixoto”, ele ocupou pouco mais de uma página, sendo listada uma quantidade significativa de referências à obra e à vida do escritor.

Em sua página de número onze, compartilhada com o final do levantamento bibliográfico, foi publicada um pequeno texto com o título “Inventário de Bárbara Heliodora”, trecho retirado do texto “Elogio de Bárbara Heliodora pelo Acadêmico João Lúcio Brandão”, publicado na *Revista da Academia Mineira de Letras* (Ano I, n. 1, 1922, págs. 145-147).<sup>291</sup>

Para finalizar o caderno, lemos, em sua página de número doze, outro poema de autoria de Peixoto. Nele, novamente encontramos uma construção discursiva que reúne em seu cantar questões de cunho político com elementos de sua vida pessoal, principalmente a saudade da esposa e dos filhos.

Sob o título de “Soneto”, nele lemos que:

Não me aflige o potro a viva quina;  
 da férrea maça o golpe não me ofende;

---

<sup>291</sup> Essas informações constam nas páginas do *SLMG*. Vale ressaltar que um trecho desse texto já havia sido usado no primeiro volume dedicado a Bárbara Heliodora (Cf. nota 285 desta tese).

sobre as chamas a mão se não estende;  
 não sofro do agulhete a ponta fina.

Grilhão pesado os passos não domina;  
 cruel arrocho a testa me não fende;  
 à força perna ou braço se não rende;  
 longa cadeia o colo não me inclina;

Água e pomo faminto não procuro;  
 grossa pedra não cansa a humanidade;  
 a pássaro voraz eu não aturo.

Estes males não sinto, é bem verdade;  
 porém sinto outro mal inda mais duro;  
 da consorte e dos filhos saudade.

(PEIXOTO, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 12)

Ao lado do poema, encontramos um texto intitulado “O destino da família de Alvarenga”, escrito por Lúcio José dos Santos, e publicado no livro *A Inconfidência Mineira*, nas páginas 790-792, como nos informa o caderno.<sup>292</sup> Para a sua composição, foram recortados alguns trechos que narram alguns acontecimentos de sua vida, de sua família e como se desenrolaram os fatos que levaram a ruína dos descendentes de Peixoto. Ao final, somos informados que “tal foi a sorte dessa família, depois que sobre ela desabou a horrorosa tormenta de 1789, aniquilando subitamente tudo que, no seio dela, haviam criado o amor, o talento e a fortuna!” (SANTOS, *SLMG*, 1969, n. 144, p. 12).<sup>293</sup>

Assim, depois de percorremos as páginas destinadas aos principais temas ou autores localizados no século XVIII da produção intelectual mineira, avancemos para o trabalho realizado pelos cadernos especiais do *SLMG* a respeito de seu século XIX.

---

292 Segundo informações do *site* do IHGB, o livro teria sido publicado pela primeira vez no ano de 1927, sob o título de *A Inconfidência Mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira* (São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus). Uma segunda edição foi publicada no ano de 1972, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais.

293 Para uma comparação entre as representações historiográficas sobre o papel de liderança de Tiradentes na Inconfidência Mineira e o seu processo de mitificação como herói desse movimento nas obras de Lúcio José dos Santos e Francisco de Assis Cintra, Cf. LIMA, 2007.

## Capítulo 5: Galerias abertas à memória cultural de Minas oitocentista

### 5.1. Bernardo Guimarães

No ano de 1970, vieram a público 3 cadernos especiais organizados em homenagem ao escritor ouro-pretano Bernardo Guimarães, lançados como os números 203, 204 e 205. Como informação presente apenas no primeiro volume da trilogia, lemos que o número especial foi organizado com a colaboração de Rui Mourão e J. Guimarães Alves. Porém, mesmo sem a repetição desse dado, acreditamos que os demais também tenham contado com o trabalho de ambos, dado a proximidade das publicações sequenciadas e pelo mesmo estilo e formato que foram adotados.

Ao tematizar, nesse momento, um escritor nascido na primeira metade do século XIX e nele atuando, o *SLMG* abriu-se também para a encenação da memória da produção cultural mineira ligada, especialmente no campo literário, ao romantismo.<sup>294</sup>

Segundo lemos no texto de apresentação do número 203, o primeiro da trilogia:

A abertura dos portos por D. João VI, em plena vigência do romantismo, anexou o Brasil à área de atração dos investigadores científicos do século XIX. Sumidades, procedentes dos mais prestigiosos centros, começaram a bater sertão de norte a sul desta parte da América. Como resultado do trabalho pioneiro dos ilustres visitantes que, além de classificar e catalogar a natureza, começaram a chamar a atenção para os aspectos típicos da vida local, tivemos sensivelmente ampliada a consciência da nossa realidade. Na literatura, aparecerá a novelística de costumes interioranos, cuja expressão, por mais que tenha sido sugerida pelo romance rústico francês, vai encontrar a sua autenticidade indiscutível no movimento geral da sociedade contemporânea, que via despertada para um das suas feições históricas características (MOURÃO, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 1).

Em relação ao quadro contextual criado por Mourão para situar e “encaixar” o escritor como um representante da “fase” regionalista e sertanista de nossa produção literária, o autor lança mão de uma comparação com outros escritores tidos como também importantes para o período como, por exemplo, José de Alencar

---

<sup>294</sup> Vale ressaltar, contudo, que antes da atenção dada a figura de Bernardo Guimarães, já havia sido homenageados, também com cadernos especiais, Affonso Arinos (1868-1916), números 87, 88 e 89, de 1968; e Artur Lobo (1855-1908), número 172, de 1969.

e o Visconde de Taunay. Vale ressaltar que essa estratégia de leitura sugre a demarcação de uma opção compartilhada por alguns dos principais autores de obras sobre a literatura brasileira a partir dos anos de 1950, pelo menos:<sup>295</sup>

Entre os escritores que primeiro assumiram a nova sensibilidade, conta-se Bernardo Guimarães, romancista que esquadrinhou a região sertaneja de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, com o conhecimento de causa de quem optou por uma vida quase sempre retirada das grandes cidades. Através da prosa desataviada de um autêntico contador de casos, o Brasil pitoresco se documenta rigorosamente e uma multidão de personagens, às vezes primários, às vezes desajeitados, às vezes cavalheirescos, vão surgindo como ancestrais ilustres da legião de heróis sociológico-regionais que fazem a nossa fortuna literária atual. No seu tempo, José de Alencar pode ter sido um romancista de maior consciência e maior grandeza; Alfredo d'Escagnole Taunay pode ter produzido a obra-prima que é *Inocência*; mas nenhum dos dois o superou na generosidade com que soube se identificar com as formas de existência mais humildes da nossa realidade interiorana (MOURÃO, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 1).<sup>296</sup>

A valorização da proposta sertanista como forma e estética para a investigação e composição literária que fosse capaz de superar o “indianismo” e, ao mesmo tempo, dar autenticidade a literatura produzida no Brasil, também foi avaliada por Nelson Werneck Sodré como sinal de um esforço positivo dos escritores desse período:

No sertanismo verifica-se o formidável esforço da literatura para superar as condições que a subordinavam aos modelos externos. Existe, nos indicadores da ficção romântica, sinais evidentes desse esforço. Verificaram logo que o índio não tem todas as credenciais necessárias à expressão do que é nacional. Transferem ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha a terra, o dom de exprimir o Brasil. Submetem-se ao jugo da paisagem, e pretendem diferenciar o ambiente pelo que existe de exótico no quadro físico – pela exuberância da natureza, pelo grandioso dos cenários, pela pompa dos quadros rurais. Isto é o Brasil, pretendem dizer (SODRÉ, 1964, p. 323).

295 Ver, por exemplo, SODRÉ [1953], 1964; COUTINHO [1955], 1986; BOSI [1970], 2017. Vale ressaltar que tanto Nelson Werneck Sodré quanto Alfredo Bosi estabelecem uma tríade com os autores Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora como os principais escritores sertanistas desse primeiro momento do romantismo regionalista.

296 Esse caráter valorativo do documental presente em Bernardo Guimarães, ao mesmo tempo em outros escritores desse período, também foi observado por Alfredo Bosi: “(...) era o amor ao documento que estava presente nas intenções dos sertanistas românticos: o primeiro romance de Bernardo Guimarães, *O Ermitão de Muquém*, trazia no subtítulo ‘Histórias da fundação da romaria de Muquém na Província de Goiás’ e, no prólogo, se diz, em 1858, ‘romance realista e de costumes’” (BOSI, 2017, p. 149).

Para Afrânio Coutinho, Bernardo Guimarães também ocuparia um lugar de destaque no quadro geral da produção literária do primeiro romantismo:

Ao grupo estudantil de Álvares de Azevedo, em São Paulo, pertenceram dois escritores mineiros: Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Das figuras de segundo plano do Romantismo brasileiro, Bernardo Guimarães (1825-1884) é talvez o mais interessante: como poeta, foi lírico, elegíaco, humorístico e até pornográfico; como romancista, é considerado o introdutor do regionalismo em nossa ficção, e como crítico literário foi de um vigor e uma técnica impressionante em relação ao que se fazia na época (COUTINHO, 1986, p. 195).

Contudo, o juízo crítico de Sodré sobre a produção de Bernardo Guimarães é menos elogioso, principalmente se comparado ao que percebemos na apresentação do *SLMG*. Para o autor, ao se perguntar se o primeiro dos sertanistas que a ficção romântica coloca diante do público seria Bernardo Guimarães, conclui que em “seus romances a tendência em reconstituir com fidelidade o quadro de costumes é tão ampla que descai para a simples oralidade narrativa. É um contador de histórias, transviado na literatura” (SODRÉ, 1964, p. 324). Para o autor, seria com o Visconde de Taunay que teríamos “um romancista capaz de salvar o sertanismo de sua perdição completa, mesmo permanecendo dentro dos seus rumos e dos seus moldes” (SODRÉ, 1964, p. 325).

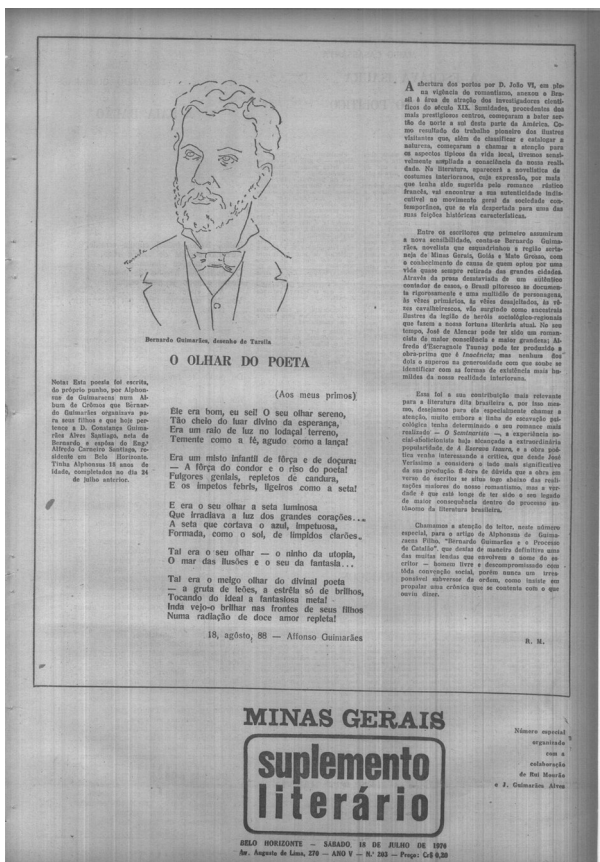


Figura 27: SLMG, n. 203, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

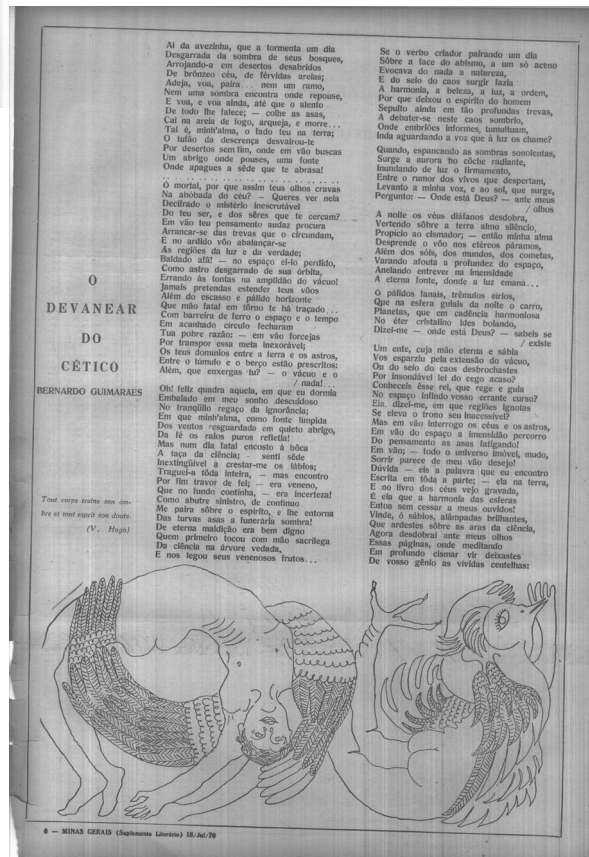


Figura 28: SLMG, n. 203, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 6. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Bosi também fez uma avaliação bem próxima a de Sodré ao falar sobre a linguagem utilizada por Guimarães em suas obras literárias:

O regionalismo de Bernardo Guimarães mistura elementos tomados à narrativa oral, os “causos” e as “estórias” de Minas e Goiás, com uma boa dose de idealização. Esta, embora não tão maciça como em Alencar, é responsável por uma linguagem adjetivosa e convencional na maioria dos quadros agreste (BOSI, 2017, p. 150).

Retomando a apresentação feita para o primeiro caderno especial, Mourão dá um destaque especial, em um sentido menos crítico do que os apresentados por Sodré e Bosi, a questão do regionalismo como uma das principais questões trazidas à literatura na produção desse primeiro momento do romantismo. Para o autor, já poderíamos arriscar a falar de uma “literatura dita brasileira”:

Essa foi a sua contribuição mais relevante para a literatura dita brasileira e, por isso mesmo, desejamos para ela especialmente chamar a atenção, muito embora a linha de escavação psicológica tenha determinado o seu romance mais realizado – *O Seminarista* –, a experiência social-abolicionista haja alcançado a extraordinária popularidade de *A Escrava Isaura*, e a obra poética venha interessando a crítica, que desde José Veríssimo a considera o lado mais significativo de sua produção. É fora de dúvida que a obra em verso do escritor se situa logo abaixo das realizações maiores do nosso romantismo, mas a verdade é que está longe de ter sido o seu legado de maior consequência dentro do processo autônomo da literatura brasileira.

Sobre esse ponto, que diz respeito as obras de maior sucesso do escritor mineiro, é novamente Bosi quem nos traz uma questão que, em grande medida, nos parece aproximar das afirmações de Mourão:

As obras mais lidas de Bernardo Guimarães, *O Seminarista* e *A escrava Isaura*, devem a sua popularidade menos a um progresso na fabulação ou no traçado das personagens do que à garra dos problemas explícitos: o celibato clerical no primeiro, a escravidão no segundo (BOSI, 2017, p. 151).<sup>297</sup>

Para a composição a capa do primeiro caderno especial sobre Bernardo Guimarães, foi utilizado um desenho feito por Tarsila do Amaral. Contudo, sem

<sup>297</sup> A questão da escravidão nas obras de Bernardo Guimarães tem despertado o interesse de vários pesquisadores no campo dos estudos históricos. Dentre as obras mais analisadas, destacam-se *Uma história de quilombolas*, de 1871, e *A Escrava Isaura*, de 1875. Para uma pesquisa sobre os modos de ser e a violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães, Cf. ZICA, 2011.

referência sobre a sua produção ou época. Junto a ele, lemos um poema intitulado “O olhar do poeta”, feito pelo escritor aos 18 anos, conforme informado por uma nota que acompanha o poema. Nesse sentido, já podemos perceber que a estrutura de composição do caderno vai se repetir, pelo menos em relação aos que analisamos para a primeira parte deste capítulo, sobre a produção cultural mineira do século XVIII. Para a organização desse primeiro número (203) e os dois seguintes, também foi lançado mão da composição antológica organizada a partir da pesquisa e seleção de um leque amplo de fontes mobilizadas para a montagem das páginas.

Para a organização de seu primeiro volume, destaca-se o texto “A escrava Isaura, um panfleto político”, de Mário Casassanta, publicado no ano de 1943 e recuperado para as páginas do *SLMG*. Nele, possivelmente antecipando os estudos que viriam a tomar parte da obra do autor como uma literatura engajada na luta pela abolição da escravidão, lemos que:

Acha provável Basílio de Magalhães (“Bernardo Guimarães”, Anuário do Brasil, 1926), que, escrevendo “A Escrava Isaura”, tivesse Bernardo Guimarães pensado em fazer uma arma de combate em prol da abolição definitiva da escravidão. (...) A mim, todavia, “Escrava Isaura” se me afigura um documento dessa força. Mais do que um romance, com todas as deformações das correntes literárias que o nosso Bernardo se filiara e com os defeitos de composição que o tempo justifica, a obra oferece todos os elementos de um panfleto político (CASASSANTA, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 2).<sup>298</sup>

Na mesma página, encontramos um pequeno texto intitulado “Dados biográficos”, sem autoria, e um longo poema “À saia balão”, do próprio Guimarães, que ocupou, para além de parte da página dois, toda a terceira.<sup>299</sup> Como tema central de sua narrativa, encontramos o eu lírico, em um poema sensual/erótico, cantando a passagem de uma mulher pela rua com um vestido em estilo balão. O poema nos sugere uma dupla preocupação do poeta: registrar um costume, ligado à moda, da época, ao mesmo tempo construir uma memória sobre ele:

Balão, balão, balão! cúpula errante,  
Atrevido cometa de ampla roda,  
Que invades triunfante

<sup>298</sup> Ao final do texto, há a indicação de que ele foi extraído de “‘Mensagem’, quinzenário de arte e literatura, n. 5, 15 de setembro de 1939. In Suplemento Literário de ‘A Manhã’, vol. IV, 14 de março de 1943”.

<sup>299</sup> Há a referência de que ele teria sido publicado no Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1859.



Os horizontes frívolos da moda;  
 Tenho afinado já para cantar-te  
 Meu rude rabeção;  
 Vou teu nome espalhar por toda parte,  
 Balão, balão, balão!

E para que não vá tua memória  
 Do esquecimento ao pélogo sinistro,  
 Teu nome hoje registro  
 Da poesia nos galantes fastos,  
 E para receber teu nome e glória,  
 Do porvir te franqueio os campos vastos.  
 (GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 2).<sup>300</sup>

Em sua quarta página, encontramos um texto de João Alphonsus intitulado “A posição moderna de Bernardo Guimarães”, em que o escritor da primeira geração modernista de Belo Horizonte discute o lugar ocupado por Guimarães entre o esquecimento e o desinteresse por parte dos escritores localizados nas primeiras décadas do século XX:<sup>301</sup>

Falar em posição moderna, quanto a um escritor quase esquecido ou pelo menos de que os modernos de desinteressam, talvez não seja aceitável. Mas vamos dizer que há uma posição moderna negativa... Sob esse aspecto, posso até acentuar uma atitude modernista em face de Bernardo, pela palavra de um leader da prosa nova, que foi Antônio de Alcântara Machado. Aliás, esta é uma nota à margem de citações, abrangendo um período de mais de vinte anos, desde quando se falou em modernismo (ALPHONSUS, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 4).

Para desenvolver a sua argumentação, o escritor se valeu das discussões sobre Bernardo Guimarães feitas por estudiosos da literatura como, por exemplo, Sílvio Romero, Basílio de Magalhães, Ronald de Carvalho, dentre outros. Alphonsus acaba por constatar que o autor continuava “a não ser lido pelas elites que fazem os movimentos literários” (1970, p. 4). Sobre o legado do escritor, principalmente sobre se sua poesia seria ou não romântica ou se ela estaria a frente de sua produção em

300 Esse poema encontra-se mais recentemente publicado no livro *Elixir do Pajé: poemas de humor, sátira e escatologia*, organizado poeta e professor de teoria da literatura Duda Machado, pela editora Hedra (2000).

301 Assim como Alphonsus tenta encontrar em Bernardo Guimarães um precursor do modernismo, mesmo que seja a partir de uma “posição negativa”, outros estudiosos também reclamaram a sua importância para outros movimentos e/ou escolas literárias. Para José Lino Grunewald, por exemplo, “Haroldo de Campos, em seu ensaio intitulado ‘Poética Sincrônica’, publicado originalmente no ‘Correio da Manhã’, em 1967, considerando-o romancista medíocre, ressalta a parte burlesca e satírica, de ‘bestialógico’ e ‘nonsense’, de sua poesia, frisando além do mais que, nesse sentido, é ‘um precursor brasileiro do surrealismo’”. “Humor salva poesia de Guimarães”. Disponível em: <http://joselinogrunewald.com/literatura.php?id=665>. (Acessado em: jul. 2018).

prosa, as opiniões variavam. Contudo, o ensaio de Alphonsus nos sugere que ele se alinhava com aqueles que tinham em Bernardo Guimarães um importante escritor da primeira fase do romantismo brasileiro.

Na página seguinte, de número cinco, encontramos um texto intitulado “O Seminarista”, de autoria de M. Cavalcanti Proença, em que o autor se posicionou contrário as análises do livro homônimo de Bernardo Guimarães que colocavam a questão da crítica ao celibato eclesiástico como ponto mais importante da obra:

Não será bom observador quem pretender alinhar *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, entre os romances de intenção polêmica que, em todas as literaturas e em todas as oportunidades, trataram – e continuarão tratando – o celibato eclesiástico. Para condená-lo e satirizá-lo. Diferente desses autores, de que Eça de Queiroz pode ser o protótipo, Bernardo Guimarães se manteve alheio ao problema, em si, não o discutiu, não lhe examinou as componentes históricas, éticas e sociais. Não era do seu estilo, nem de sua escola, identificar e expor, através dos problemas individuais das personagens, problemas de classes ou coletividades. Interessava, apenas, a personagem, o herói (PROENÇA, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 5).

Para o autor, Bernardo Guimarães sempre fora um escritor preocupado em compor histórias para o povo e não, como sugerido com a passagem acima, um autor de profundidade temática. Para Proença, “não se pretenda encontrar no livro introspecções percucientes, complexidades psicológicas. O certo é aceitá-lo, como o povo o aceita, como uma história de amor e sofrimento”. E completa a sua análise afirmando que “para o povo escreveu sempre Bernardo Guimarães, e o povo sempre o leu, como provam as sucessivas edições do romance, e as que ainda hão de vir pelos tempos em fora” (PROENÇA, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 5).<sup>302</sup>

Nas páginas seis e sete, foram publicados outro longo poema do escritor, intitulado “O devanear do cético”. Ao que nos parece, o *SLMG*, ou pelo menos os responsáveis pela organização desse número, ao destinar um espaço considerável à poesia do escritor, também demonstrou-se afinado com a ideia de que há uma predominância do poeta sobre o prosador, no que diz respeito a produção literária de Guimarães.

---

<sup>302</sup> Para um contraponto a essa análise feita por Proença, Cf. ZICA, 2011. Para um estudo sobre o processo de escolarização em Minas Gerais, ao longo do oitocentos, destacando a importância de intelectuais nesse processo, a partir também da produção literária desse período, especialmente a de Bernardo Guimarães, Cf. FÁRIA FILHO, 2006.

Contudo, talvez com o intuito de não pender demasiadamente para um lado da produção do escritor, lemos, nas páginas seguintes (oito e nove), um recorte retirado de um texto de Heron de Alencar, “O romancista Bernardo Guimarães”, extraído de *A Literatura no Brasil*, livro publicado em 1955 com organização do historiador da literatura Afrânio Coutinho.<sup>303</sup>

Em seguida, nas páginas 10 e 11, lemos outra análise feita pelo ensaísta e crítico literário Antonio Candido, intitulado “O contador de casos, Bernardo Guimarães”. Sobre o texto, também somos informados que ele faz parte do livro do autor, já utilizado pelos organizadores dos cadernos especiais em outras ocasiões, *Formação da Literatura Brasileira*. Como mencionado em seu título, Candido construiu o seu argumento no sentido da valorização da experiência vivida por Guimarães, o que conferiria ao seu trabalho literário uma simplicidade no ato de narrar:

(...) os romances deste juiz, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, parecem boa prosa da roça, cadenciada pelo fumo de rolo que vai caindo no côncavo da mão ou pela marcha das bestas de viagem, sem outro ritmo além do que lhes imprime a disposição de narrar sadiamente, com simplicidade, o fruto de uma pitoresca experiência humana e artística (CANDIDO, *SLMG*, 1970, n. 203, p. 10).

Para o fechamento do caderno, em sua página doze, encontramos um texto montado a partir de depoimentos ou fragmentos de impressões de alguns críticos e estudiosos da literatura brasileira a respeito de Guimarães. Intitulado “Pronunciamentos críticos sobre Bernardo Guimarães”, o texto traz trechos de Sílvio Romero, Waltensir Dutra, Paulo Dantas, Augusto de Lima e Ronald de Carvalho.

Para o caderno de número 204, o segundo da trilogia sobre Bernardo Guimarães, não tivemos, como no primeiro, um texto de apresentação dos organizadores. Esse procedimento, aliás, tem sido frequente entre os especiais que foram organizados em mais de um número, ou seja, a apresentação aparecia somente no primeiro número, mas funcionava também para os demais. Esse procedimento, aliás, nos leva a crer que todos os números pudessem ser feitos ao

---

303 Incluído em seu terceiro volume, intitulado *Era romântica*, o texto de Heron de Alencar, para o livro, encontra-se na seção denominada “José de Alencar e a ficção romântica”. Nela, assim como assinalamos nos estudos de Sodré (1953) e Bosi (1970), Bernardo Guimarães é elencado junto aos escritores Franklin Távora e Visconde de Taunay, compondo a tríade de escritores regionalistas e sertanistas.

mesmo tempo, mas aguardavam o período certo para serem lançados. Do ponto de vista da pesquisa, enfim, esse mecanismo traria, pelo menos, a vantagem de não requerer que fossem feitas pesquisas sobre o mesmo tema em períodos diferentes, mesmo que com datas bem próximas (lembramos que os números especiais, com mais de um volume, saíam em sábados seguidos). Aliás, também vale destacar que nos momentos de publicação dos cadernos especiais, não tínhamos o lançamento das edições normais e costumeiras. Isso fez com que, por exemplo, a numeração não sofresse mudanças, sendo os especiais numerados em continuidade normal às publicações até então lançadas.

As duas primeiras páginas do caderno trouxeram um trecho do romance *O garimpeiro*, publicado no ano de 1872. Intitulado “A cavalhada”, essa parte da obra vai narrar uma situação da festa na Vila do Patrocínio, com uma construção discursiva permeada de passagens que sugerem um procedimento de pesquisa documental por parte do autor:<sup>304</sup>

Nas vésperas da festa, a que nos reportamos (há de haver mais de vinte anos), a alegre e faceira vila estava mesmo louçã e garrida, como menina da roça, que se enfeita com alegre sofreguidão para ir à festa na povoação vizinha. As fazendas e arraialetes, num raio de dez léguas em redor, tinham ficado despovoados (GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 1).

Nas três páginas seguintes, encontramos um curioso e longo texto de Alphonsus de Guimaraens Filho, intitulado “Bernardo Guimarães e o Processo de Catalão”. Nele, o autor ocupou-se em explorar o caso em que Guimarães teria se envolvido quando exerceu o cargo de juiz municipal naquela cidade, localizada no estado de Goiás. Baseando-se em estudos e considerações feitas pelos autores Antônio de Alcântara Machado, João Alphonsus, Antônio Cândido e Basílio de Magalhães, o autor tenta reconstruir algumas das versões que se ocuparam em desvendar ou narrar o episódio:

Outros autores, detendo-se na vida e na obra de Bernardo, devem ter tido lá a sua versão do episódio. Talvez fosse possível respingar mais, aqui e ali, mas o que anotamos é suficiente. Demissão, júri sumário, libertação condicional dos presos, para que pudessem tomar um pouco de ar, na versão de um dos seus filhos... Que haverá de real em tudo isso? (GUIMARAENS FILHO, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 3).

---

304 Dividido em tópicos, “A cavalhada” é o segundo na organização do livro de Bernardo Guimarães.

Guimaraes Filho nos informa, contudo, que, em relação as suas pesquisas sobre o caso, chegou a ter contato com os arquivos do processo, uma vez que havia, há algum tempo, se mudado para o “Brasil Central”, e isso facilitou o acesso aos documentos, que já não estavam mais em Catalão. Depois de uma longa e detalhada descrição de partes do processo, seguidas de análises e considerações, o autor chegou a consideração de que, pelo menos do ponto de vista legal, haveria algumas insuficiências nas narrativas até então sustentadas sobre Bernardo Guimarães:

Até aqui a defesa de Bernardo Guimarães. Como nos certifica a sua leitura, há que modificar-se de uma vez a versão mais comum dada ao processo de Catalão: não houve júri sumário nem soltura de presos. Houve, isto sim, tão somente perseguição política, a que o poeta se opôs com coragem e decisão (GUIMARAENS FILHO, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 5).

Independente da validade, da veracidade ou do desfecho dessa narrativa, o que nos chama a atenção é o fato do *SLMG* se prestar, junto a publicação de ensaios de caráter analítico, do ponto de vista da crítica literária, de poesias, trechos de obras do autor, dentre outros, a destinar três páginas para a exposição de uma defesa, em grande medida marcada por argumentos jurídicos, do comportamento do escritor. Do ponto de vista do trabalho com a memória, esse procedimento nos sugere, para além da (re)monumentalização do escritor/obra, a tentativa de “absolver” o escritor/pessoa das acusações sobre ele recaídas. Ao tentar desconstruir alguns pontos da mitologia e imaginário em torno da figura de Guimarães, essa estratégia também promove, como seu duplo, a construção da imagem do escritor injustiçado ou, que parece dar no mesmo, corajoso e herói por seus atos, mas vitimizado pelos e nos jogos de poder.

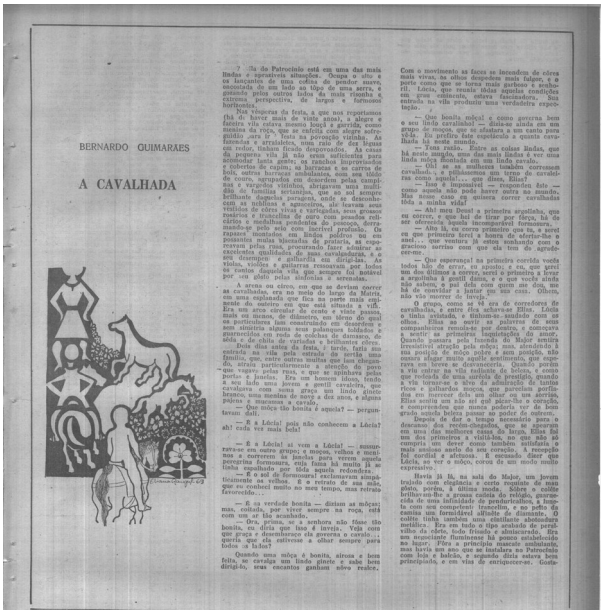


Figura 29: SLMG, n. 204, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

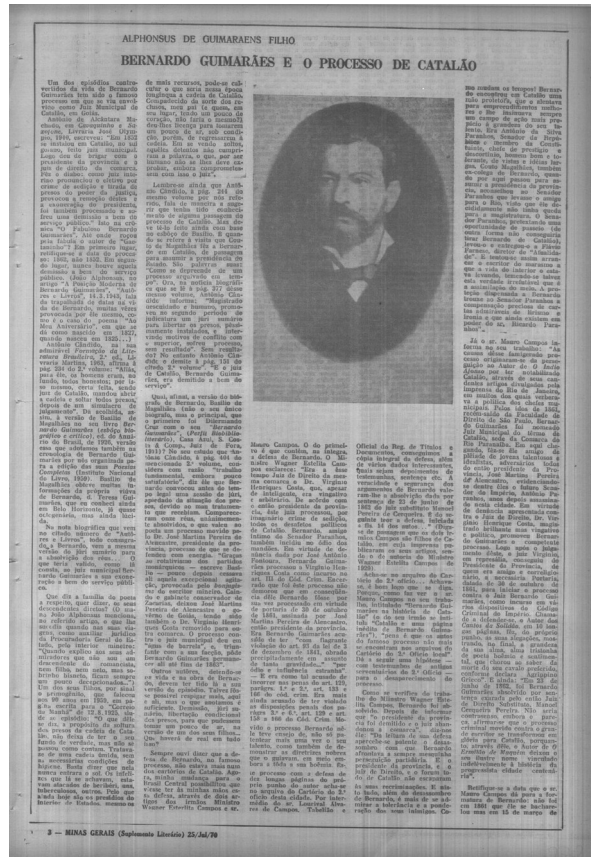


Figura 30: SLMG, n. 204, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 3. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Na sequência, temos a publicação de outro poema do escritor, talvez para nos fazer lembrar que, para além das polémicas das páginas anteriores, ele fora um poeta romântico. Intitulado “Ao charuto”, Bernardo Guimarães canta os prazeres proporcionados pelo consumo de um “bom charuto”, composto como uma ode:<sup>305</sup>

Vem é meu bom charuto, amigo velho,  
Que tanto me regalas;  
Que em cheirosa fumaça me envolvendo  
Entre ilusões me embalas.

Oh! que nem todos sabem quanto vale  
Uma fumaça tua!  
Nela vai passear do bardo a mente  
Às regiões da lua.

E por lá embalado em rósea nuvem  
Vagueia pelo espaço,  
Onde amorosa fada entre sorrisos  
O toma em seu regaço;

E com beijos de requintado afeto  
A fronte lhe desruga,  
Ou com as tranças d'ouro mansamente  
As lágrimas lhe enxuga.

(GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 6).<sup>306</sup>

Em sua sétima página, o caderno trouxe a publicação de três cartas escritas pelos filhos de Bernardo Guimarães. Sob o título “Bernardo visto pelos filhos”, os textos são datados da década de 1920, contudo, não trazem maiores informações sobre onde teriam sido publicados ou como os organizadores do caderno tiveram acesso a eles. Foram recolhidas cartas de Pedro Bernardo Guimarães, de 1925; Horácio Guimarães, de 1925; Affonso Guimarães, sem data especificada.

Nas páginas oito e nove, lemos um texto de autoria do escritor e crítico literário José Paulo Paes, escrito para o seu livro *Mistério em casa*, publicado no ano de 1961. Intitulado “O remorso de Bernardo Guimarães”, o ensaio é uma resenha crítica ao livro de Bernardo Guimarães, *A ilha maldita*, publicado em 1879. Nele, Paes destaca a questão da nostalgia que supostamente marcaria o caráter “da gente de Minas Gerais”, o que talvez possa ter levado o escritor a se aventurar em um romance composto a partir de uma história marítima. Para o autor, teria sido

<sup>305</sup> Ao final do poema, consta a referência que diz ter sido ele composto em Ouro Preto, no ano de 1857.

<sup>306</sup> Esse poema também compõe a obra organizada por Duda Machado (Cf. nota 306 desta tese).

curioso “encontrar uma história marítima no espólio de autor que confessava, cheio de orgulho, ser a sua musa essencialmente sertaneja: sertaneja de nascença, sertaneja por hábito, sertaneja por inclinação” (PAES, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 8). Ao final da nona página, lemos um pequeno poema intitulado “Sereia”, de autoria de Guimarães, sugerindo que o escritor também teria destinado o seu fazer poético ao tema.

Em sua página de número dez, encontramos o texto intitulado “Um elo que falhou”, de autoria dos críticos Waltensir Dutra e Fausto Cunha, extraído do livro *Bibliografia Crítica das Letras Mineiras*.<sup>307</sup> Novamente, temos uma discussão sobre o pouco interesse que Bernardo Guimarães teria despertado na crítica e nos estudos sobre o romantismo brasileiro e como isso teria contribuído tanto para o falseamento dessa escola literária como dos equívocos construídos em torno da figura do autor.

Para os autores,

O abandono que se tem votado até hoje à parte de crítica literária da obra de *Bernardo Guimarães* é responsável por um falseamento sensível de sua posição no Romantismo brasileiro. José Veríssimo deu mau exemplo, deixando confessadamente de tomar conhecimento dessas atividades extracriadores do romancista do *Índio Afonso*. É preciso que se acentue, para os que não as conhecem, que não se trata dos costumeiros artigos laudatórios da época, de divagações mais ou menos frívolas, e sim de *crítica literária* no sentido mais rigoroso da expressão (DUTRA; CUNHA, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 10).<sup>308</sup>

Em conclusão ao texto, ambos reconhecem que esse desinteresse ou mesmo “mau exemplo”, como no caso de José Veríssimo, pode ter proporcionado, como consequência, ou contribuído para uma análise lacunar do escritor no que diz respeito a literatura brasileira. Mais do que isso, também teria trazido consequências negativas para a melhor avaliação do papel de Minas Gerais no romantismo:

Bernardo pode ter sido o elo principal na transição de Alencar para Machado. Com isso o nosso romance ganharia certa unidade evolutiva. O papel que sua prosa deveria ter representado, como contribuição de Minas à evolução literária do país, ficou em branco até que surgisse Afonso Arinos (DUTRA; CUNHA, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 10).

---

307 O livro foi publicado pela primeira vez, ao que nos consta, no ano de 1953.

308 Itálicos no original.



Para finalizar esse segundo número, encontramos nas páginas 11 e 12 um longo ensaio de autoria de Antônio Soares Amora, intitulado “Três estudos”.<sup>309</sup> Ocupando-se em analisar mais detidamente os enredos dos livros *O Seminarista*, *A escrava Isaura* e *o Índio Afonso* e as circunstâncias socioculturais em que eles foram pensados e elaborados, o autor procurou mostrar como algumas escolhas e adequações feitas por Bernardo Guimarães acabaram por conferir alguns prejuízos a sua atividade literária. Em uma de suas conclusões, talvez a mais significativa de sua análise, lemos:

Que grande romance teria feito Bernardo Guimarães se lograsse explorar convenientemente os dois únicos achados positivos de sua intuição de ficcionista, e não tivesse feito tão fáceis concessões à improvisação, ao circunstancial das ideias abolicionistas da época, e ao gosto do público pelo romance de enredo, de intriga e de lances melodramáticos... (AMORA, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 11).

No último caderno da trilogia destinada ao escritor, edição de número 205, iniciamos o nosso percurso por suas páginas já com uma imagem de uma igreja de Ouro Preto,<sup>310</sup> ao lado de uma chamada para um texto de Oneyr Baranda, intitulado “‘O garimpeiro’ de Bernardo Guimarães como documento histórico”.<sup>311</sup> Nesse longo ensaio, que ocupou três páginas seguidas do caderno, o autor faz algumas considerações de relevância, no que diz respeito a literatura como fonte e documento para os estudos históricos, principalmente se considerarmos o ano em que o texto foi publicado, em meados do ano de 1970.<sup>312</sup>

Para o autor, era importante considerar a possibilidade de utilização da literatura como uma das fontes disponíveis, guardadas as devidas precauções do seu sentido estético, para o acesso as experiências vividas no passado. Mesmo que não exclusivamente, elas poderiam nos servir para o cotejamento com outras fontes também produzidas em outras épocas. Nesse caso, o destaque foi dado ao século

---

309 O autor, vale lembrar, teve um de seus textos sobre o século XVIII publicado no *SLMG*, mais especificamente quando fora organizado a edição especial sobre *Marília de Dirceu* (Cf., nesta tese, a nota 268).

310 Trata-se de uma imagem da igreja de São Francisco de Assis, localizada na praça Antônio Dias, na cidade de Ouro Preto.

311 Em sua capa, lemos “III e último número da edição especial sobre Bernardo Guimarães”, sinalizando que se tratava, portanto, do final da trilogia sobre o autor.

312 Como não temos nenhuma referência sobre quando esse ensaio foi escrito ou se ele foi publicado originalmente em outro lugar, estamos considerando que ele foi produzido no período de publicação do *SLMG* em questão.

XIX brasileiro e, mais especificamente, ao discutir a obra de Bernardo Guimarães, mineiro:

Os romancistas brasileiros do século XIX constituem, para os estudiosos da História, um rico manancial de informações sobre a sociedade dos tempos imperiais. Romances como “A moreninha” de Macedo ou “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Almeida, para citar apenas dois, são verdadeiros depoimentos sobre os usos e costumes da população carioca, com suas grandezas e misérias. É toda a formação e consolidação do povo brasileiro que nos apresentam, à espera de uma sistematização que, respeitados os limites da criação artística, transforme em documentos as cenas retratadas. Se para o estudo da vida na capital do país a dificuldade está na escolha entre tantas obras importantes, para a vida do interior os problemas são maiores. O chamado “romance de costume” brasileiro do século passado está eivado de vícios de criação, e raramente escapa ao caricatural e ao paternalismo urbano. A realidade sobre deformações quando é interpretada por escritores que, confinados entre os limites das grandes cidade, idealizam a vida campestre, desconhecida para eles. Poucos são os que, situando a ação de seus romances no interior do Brasil, fogem às facilidades do convencional e conseguem captar a atmosfera do sertão. Entre os privilegiados que souberam evitar as armadilhas da narração estereotipada, encontramos Bernardo Guimarães. Para os especialistas em História de Minas Gerais, Bernardo Guimarães é um filão inesgotável (BARANDA, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 1).<sup>313</sup>

Mesmo se considerarmos um certo exagero por parte do historiador no que diz respeito a ser Guimarães um “privilegiado” que soube “evitar as armadilhas da narração estereotipada”, o que estaria em desacordo com grande parte dos críticos de sua obra, principalmente em relação aos que não mediram palavras para mostrar o artificialismo de sua prosa, suas considerações trazem alguns pontos ainda não explorados sobre o universo de produção literária do escritor, pelo menos nas páginas do *SLMG*. De certa forma, podemos dizer que as observações de Baranda antecipam alguns rumos que a historiografia irá tomar no final dos anos de 1970, inclinada nesse momento com as questões de ordem cultural para os estudos históricos.<sup>314</sup>

313 Ao mencionar as principais publicações de Bernardo Guimarães que poderiam ser de utilidade para uma pesquisa de cunho histórico, Baranda (1970, p. 1) afirma que “ara os historiadores, parece-nos ser de suma importância ‘O Garimpeiro’, onde todo o processo de fixação do povoamento e de transformação econômica de uma zona diamantina é apresentado por seu testemunho ocular”.

314 A quantidade de artigos, livros ou ensaios que recentemente se prestam a discutir as possibilidades, ganhos e desafios que a literatura traz para a pesquisa histórica é gigantesco, sendo ocioso elencar aqui alguns títulos para a consulta do leitor interessado. Contudo, vale ressaltar que uma parte desses estudos também têm se dedicado a dimensionar até que ponto os estudos e a melhor compreensão dos processos de composição da literatura podem contribuir ou explicar as dinâmicas discursivas da escrita histórica. Nesse ponto, nos parece necessário demarcar a importância das discussões e propostas desenvolvidas pelo historiador Hayden

Na conclusão de seu texto, ainda lemos que o estudo específico das obras de Bernardo Guimarães poderia

Presta-nos um auxílio inestimável para a compreensão dos problemas do homem mineiro do século XIX. Minas Gerais está a reclamar um levantamento completo de sua história social e a literatura pode elucidar muitos dos problemas até hoje obscuros. Cabe ao pesquisador sistematizar o que é histórico em cada Obra, para conjugar com outras fontes documentais (BARANDA, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 3).

Nas próximas páginas, de números quatro e cinco, encontramos algo no mínimo diferente: um texto longo escrito por Guimarães, em prosa, intitulado “Prefácio a ‘Folhas de outono’” (1883), em que ele tece alguns comentários sobre o processo de criação da obra homônima e sobre como ele lia, naquele momento, o ambiente de produção literária no Brasil.<sup>315</sup>

Em sua abertura, nos deparamos com um pequeno esclarecimento do autor, que se apresentava como pouco afeito e dado a escrever prefácio, prólogos ou qualquer tipo de nota introdutória sobre os seus livros:

Não tenho por costume escrever prólogos ou preâmbulos, precedendo as poucas e fracas produções literárias, que até aqui tenho entregado a luz da publicidade. Entendo, que as explicações, que aí se podem dar, as reflexões, que aí se expendem, não lhes podem atenuar os defeitos, nem realçar o mérito, que porventura tenham (GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 4).

Contudo, o que vamos perceber no discurso do autor é um virulento ataque a algumas temas ou questões que o incomodavam naqueles anos idos do final do século XIX, principalmente em relação à produção literária do Brasil naquele período. Dentre elas, valeria destacar, as suas críticas ao uso ou ao enquadramento da literatura em escolas, tradição também recorrentemente utilizada durante o século XX nos estudos literários:

Não posso compreender, o que seja uma escola literária, que se subjugue a um sistema crítico – filosófico – histórico – filológico – etnográfico – sociológico, etc., etc. É querer amarrar o leviano, gracioso e independente batel da inspiração ao reboque da pesada charrua da criação moderna, tão

---

White em trabalhos como, por exemplo, *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX* (1973) e *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura* (1978).

315 Como somos informados ao final do texto, esse prefácio teria sido escrito em Ouro Preto, a 19 de agosto de 1882.

cheia de teorias sibilinas, e ainda mais carregada de erudição do que a antiga (GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 4).

Outra ponto criticado e apontado como problemático pelo autor dizia a respeito da “moderna crítica literária” praticada no período de publicação de sua obra. Sobre ela, Guimarães destacou o empecilho que se tornara as leituras e avaliação da literatura a partir dos pressupostos positivistas:

A moderna crítica literária, – principalmente no Brasil, onde ela, em meu entender é inteiramente descabida, – atrelada ao carro da filosofia positivista, que hoje predomina, e identificando-se com ela, pretende cortar as asas à inspiração, vedar-lhe o espaço livre, e obrigá-la a arrastar-se fatalmente por uma senda por ela cientificamente demarcada (GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 4).

Outras questões ocuparão ainda as proposições do escritor, como o seu interesse pelos escritores Émile Zola e Guerra Junqueiro e a necessidade que tínhamos de nos livrar da influência das “literaturas cansadas das nações do velho mundo”, ao mesmo tempo de considerar que “nosso país é tão diverso, nosso clima tão diferente, nossa índole tão divergente, nossos costumes tão outros” (GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 4). Enfim, um texto com uma clara intenção de polemizar e abrir algumas frentes de discussão sobre o lugar da literatura brasileira, aqui e no mundo.<sup>316</sup>

---

316 Para uma discussão mais ampliada sobre a escrita desse prólogo por Bernardo Guimarães e seus possíveis significados e desdobramentos, ver PEIXOTO, 2003. Para esse autor, “Bernardo Guimarães deveria estar bastante irritado, quando resolveu escrever o *Prólogo* a seu último livro de poemas, *Folhas do Outono*, publicado em 1883. Em meio às tradicionais tiradas de modéstia afetada, seu prólogo é bastante ferrenho, dispondo-se o autor a mostrar como um certo tipo de poesia feita no Brasil à sua época andava mal das pernas, tanto no que diz respeito ao conteúdo, quanto à forma” (PEIXOTO, 2003, p. 31).

**"O GARIMPEIRO" DE  
BERNARDO GUIMARÃES COMO  
DOCUMENTO HISTÓRICO**

ONEYR BARANDA



Cura Peló

Os romances brasileiros do século XIX... (text continues in columns)

**MINAS GERAIS**  
**suplemento literário**

III E ÚLTIMO NÚMERO DA  
EDIÇÃO ESPECIAL  
SOBRE BERNARDO GUIMARÃES

Belo Horizonte, — Sábado 1º de Agosto de 1970  
Av. Augusto de Lima, 209 — ANO V — N.º 205 — Preço: 06 \$ 20

Figura 31: SLMG, n. 205, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

HELIO GRAVATA

**BIBLIOGRAFIA DE E SOBRE  
BERNARDO GUIMARÃES**

SUMÁRIO

**PARTI 1 — Trabalhos de Bernardo Guimarães**


- 1.1 — Romances e contos
- 1.2 — Dramas
- 1.3 — Colaboração em publicações periódicas
- 1.4 — Prefácios
- 1.5 — Cartas
- 1.6 — Póstulas

**PARTI 2 — Trabalhos sobre Bernardo Guimarães**

- 2.1 — Bibliografias
- 2.2 — Livros dedicados
- 2.3 — Capítulos de obras
- 2.4 — Volumes em enciclopédias, etc.
- 2.5 — Artigos de periódicos, discursos, conferências, etc.

**PARTI 3 — Obras de Bernardo Guimarães traduzidas e adaptadas ao teatro, cinema e à música**

**PARTI 4 — Iconografia**



1.1 — Romances e contos

1.2 — Dramas

1.3 — Colaboração em publicações periódicas

1.4 — Prefácios

1.5 — Cartas

1.6 — Póstulas

2.1 — Bibliografias

2.2 — Livros dedicados

2.3 — Capítulos de obras

2.4 — Volumes em enciclopédias, etc.

2.5 — Artigos de periódicos, discursos, conferências, etc.

3.1 — Obras de Bernardo Guimarães traduzidas e adaptadas ao teatro, cinema e à música

4.1 — Iconografia

8 — MINAS GERAIS (Suplemento Literário) 1º/Ago/70

Figura 32: SLMG, n. 204, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 8. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Na sexta página do caderno, encontramos um poema intitulado “Visita à sepultura de meu irmão”, de autoria de Bernardo Guimarães que, de uma forma brusca, interrompe o ritmo que os textos estavam construindo nas páginas do *SLMG*, ou seja, em torno de questões que envolviam as narrativas de seus livros enquanto fontes históricas e, por outro lado, as próprias opiniões do escritor sobre o seu tempo e obra. Nessa criação poética, contudo, o que lemos é um canto de tristeza motivado pelas lembranças evocadas pelo eu lírico em relação a morte do irmão do poeta:

Não vês nessa colina solitária  
 Aquela ermida, que sozinha alveja  
 O esguio campanário aos céus erguendo,  
 Como garça, que em meio das campinas  
 Alça o colo de neve?  
 E junto a ela um tosco muro cinge  
 A pousada dos mortos nua e triste  
 Onde, plantada em meio, a cruz se eleva,  
 A cruz, bússola santa e venerável  
 Que nas tormentas e vaivéns da vida  
 O porto indica da celeste pátria...  
 Nem movimento, nem piedosa letra  
 Vem aqui iludir a lei do olvido;  
 Nem árvore funérea aí sussurra,  
 Prestando pia sombra ao chão dos mortos;  
 Nada quebra no lúgubre recinto  
 A paz sinistra que rodeia os túmulos:  
 Ali reina sozinha  
 Na hedionda nudez calcando as campas  
 A implacável rainha dos sepulcros;  
 E só de quando em quando  
 Vento da solidão passa gemendo,  
 E levanta a poeira dos jazigos.

(GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 6).

Logo a seguir, em sua próxima página, encontramos outro poema do autor que, diferente do anterior, canta um “Hino à preguiça”. No trecho a seguir, o que temos é a saudação amistosa do eu lírico e a sua oferta para que, aos braços da Preguiça, ele possa ser recebido:

Meiga Preguiça, velha amiga minha,  
 Recebe-me em teus braços,  
 E para o quente, conchegado leito  
 Vem dirigir meus passos..

Ou, se te apraz, na rede sonolenta,  
 À sombra do arvoredos,

Vamos dormir ao som d'água que jorra  
Do próximo rochedo.

(GUIMARÃES, *SLMG*, 1970, n. 205, p. 7).

Mesmo guardando diferenças consideráveis entre suas temáticas e formas de concepção – como, por exemplo, em relação a presença de rimas no segundo caso e a sua ausência no primeiro poema –, são bons exemplos da variação poética explorada por Bernardo Guimarães. Como mostramos em outras passagens deste subcapítulo, o *SLMG* fez questão de em vários momentos de sua organização incluir um poema do escritor, o que nos sugere uma ênfase na valorização da produção desse gênero textual no interior da criação literária de Guimarães.

Para finalizar, encontramos algo realmente inusitado: a publicação, em cinco páginas, de uma “Bibliografia de e sobre Bernardo Guimarães”, de Hélio Gravatá.<sup>317</sup> Para ela, foram organizadas listas de acordo com o seguinte sumário apresentado no início do texto:

#### Sumário

##### Parte 1 - Trabalhos de Bernardo Guimarães

- 1.1 - Romances e contos
- 1.2 - Dramas
- 1.3 - Colaboração em publicações periódicas
- 1.4 - Prefácios
- 1.5 - Cartas
- 1.6 - Poemas

##### Parte 2 - Trabalhos sobre Bernardo Guimarães

- 2.1 - Bibliografia
- 2.2 - Livros, opúsculos
- 2.3 - Capítulos de obras
- 2.4 - Verbetes em enciclopédias, etc.
- 2.5 - Artigos de periódicos, discursos, conferências, etc.

Parte 3 - Obras de Bernardo Guimarães traduzidas e adaptadas ao teatro, cinema e à música

##### Parte 4 – Iconografia

(GRAVATÁ, *SLMG*, 1970, n. 204, p. 8).

---

<sup>317</sup> Segundo consta na última página do caderno, ela teria sido feita em Belo Horizonte, a 18 de maio de 1969.

Similar a um sumário organizado para um trabalho, hoje, de nível acadêmico, esta listagem traz uma série de curiosidades como, por exemplo, o levantamento das várias edições conhecidas de alguns dos livros de Bernardo Guimarães, como o *A escrava Isaura*, dentre vários outros. Em sua construção, encontramos os itens sumariados organizados, progressivamente, de acordo com os anos de publicação. Ao final, chegou-se a um montante de quase 300 itens elencados pelo autor.

Se um dos pontos apresentados recorrentemente nas páginas desses três volumes diz respeito ao esquecimento e desinteresse pela produção cultural de Bernardo Guimarães e, portanto, tem uma ligação direta com as questões da memória, a organização e publicação dessa listagem aciona, dentre outras possibilidades de leitura, sobre a imagem do escritor um “gatilho” da lembrança. Imaginamos, por exemplo, o quanto esse levantamento poderá ter sido útil para o pesquisador interessado em saber mais sobre a produção do escritor ou mesmo tirar alguma dúvida ou até mesmo vir a se interessar pelo rico volume de publicações de que foi autor ou tema.

Nesse sentido, acreditamos que esse trabalho feito por Gravatá e publicado nas páginas finais do terceiro volume da trilogia sobre o escritor Bernardo Guimarães funcionou como uma metonímia do trabalho feito pelo próprio *SLMG*, que consistiu em pesquisar, selecionar, organizar, resumir e publicar cadernos a partir dos vários materiais disponíveis e espalhados nos mais diversos meios e suportes. Se para o bibliófilo foi suficiente a composição de uma listagem contendo tipos e formas diferentes de trabalhos do escritor, que variam entre romances, prefácios, discursos e mesmo cartas enviadas, o *SLMG* ocupou-se com a tarefa de mobilizá-los para dar ao leitor uma possibilidade, mesmo que em uma escala menor, de lê-los em suas páginas.



## 5.2. Depoimentos do estrangeiro sobre Minas Gerais e o Brasil

Ainda no ano de 1970, foram publicados mais três cadernos especiais, de números 213, 214 e 215, porém, agora sobre os viajantes que estiveram em Minas Gerais durante o século XIX. Organizados com a colaboração do historiador mineiro Francisco Iglésias, são suas as palavras que introduzem o primeiro número desta nova trilogia sobre a importância histórica da então Capitania ou Província de Minas. Para o autor, Estado ainda teria uma “enorme dívida relativamente aos viajantes em geral e a alguns em particular” (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 1) no que diz respeito aos relatos deixados por eles quando de suas passagens por aqui. Para a primeira capa do *SLMG*, vemos uma imagem de um mapa creditada a Robert Walsh, retirada do livro *Notices of Brazil in 1828 e 1829*. Nela também lemos o título “Map of the provinces of Rio de Janeiro and the Minas Geraes”.<sup>318</sup>

A organização dos cadernos obedeceu a um critério de divisão bem simples: primeiramente, foram publicados textos de viajantes considerados importantes para a narração dos contatos dos estrangeiros com a Capitania de Minas Gerais, com um destaque especial para o francês Saint-Hilaire; e, em seguida, a seleção e publicação de textos de intelectuais brasileiros que, de alguma forma, escreveram e/ou analisaram a produção daqueles sobre a região. Ao mesmo tempo, os cadernos foram ilustrados, em várias de suas páginas, com imagens retiradas dos livros de onde foram extraídos os textos, o que contribuiu também para um curioso acervo iconográfico, uma vez que boa desses livros, como ressaltou o próprio Iglésias, eram de raro acesso ou mesmo de desconhecimento para o público leigo.<sup>319</sup>

Para o historiador,

Os estudiosos da vida brasileira – notadamente no campo da História Social – sabem o enorme valor que tem o depoimento do estrangeiro sobre o país. No retrato ou interpretação dos viajantes tem-se elemento auxiliar de muita utilidade para a análise. Ainda que às vezes deformada, essa visão, mesmo em seus equívocos, presta serviços. Como é de conhecimento comum, era vedada a vinda de estrangeiros ao Brasil – o colonizador queria defender

<sup>318</sup> A legenda da imagem ainda nos informa que essa teria sido extraída do segundo volume do livro e que ele foi publicado em Boston, em 1831, edição original da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>319</sup> Como boa parte das legendas da imagens nos orientam, é bem provável que parte das pesquisas feitas para as montagens dos cadernos tenham sido feitas no Acervo da Biblioteca Nacional, situada na cidade do Rio de Janeiro.

seu patrimônio e evitava as possíveis descrições que pudessem aguçar a cobiça. Alguns raros visitantes, contudo, percorreram partes do território, descrevendo-as. Desde o descobrimento da América, o continente foi objeto de curiosidade do europeu, que dele fez narrativas, frequentemente fantásticas, que foram lidas com avidez, como se demonstra pelo alto número de edições dessas obras. O período áureo da literatura do gênero no Brasil é o século XIX, quando, com a vinda da Corte, em 1808, o país é aberto ao estrangeiro para o comércio, a exploração e o estudo (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 1).

Iglésias já havia publicado um livro, fruto de sua tese de livre-docência em História Econômica para a Universidade de Minas Gerais, em 1958, e o tema da história da Capitania de Minas, pelo menos no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico, era de seu conhecimento e interesse.<sup>320</sup> Nesse sentido, suas considerações concentraram-se na exposição da importância dos viajantes como fontes importantes para o acesso ao passado da história da região:

Considerando apenas a Capitania ou Província de Minas, tem-se grande número de viajantes a lembrar. Botânicos, zoólogos, geólogos, mineralogistas, padres católicos e pastores protestantes, mercadores ou simples curiosos aqui estiveram e depois relataram o visto ou ouvido. É evidentemente desigual o mérito de tais contribuições, indo da análise técnica da atividade mineratória, do solo, fauna e flora, aos hábitos do povo, suas crenças e organizações; da ligeireza ou invenções de uns à objetividade e lucidez de outros. Existe apreciável *mineiriana* produzida em diferentes pontos do mundo, com os mais variáveis objetivos, que exige as atenções do estudioso (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 1).

Mesmo ao chamar a atenção para a produção e a existência desses relatos sobre o passado como um acervo que pudesse dar acesso às memórias neles narradas, Iglésias também evidencia que boa parte desse material ainda encontrava-se disperso em arquivos, bibliotecas ou acervos, muitos deles há tempos não reeditados. Nesse sentido, justificava-se, em parte, a necessidade e a oportunidade de publicação dos cadernos especiais.

---

320 Em estudo datado do ano de 1953, o qual foi submetido ao concurso de livre-docente de História Econômica Geral e do Brasil para a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais (atual UFMG), e publicada no ano de 1958, Iglésias já chamava a atenção para um estranhamento dos “estudiosos da vida mineira” no que diz respeito às pesquisas sobre esse tema. “Estudiosos da vida mineira, não sabemos o que mais estranhar: se o desconhecimento generalizado das suas coisas ou se a atitude de desinteresse em que permanecem ainda os mais responsáveis e que deviam estar empenhados nessa tarefa, que é, afinal, de autoconhecimento” (IGLÉSIAS, 1958, p. 9). Os demais livros por ele publicados, nesse período, foram: *Introdução à historiografia econômica* (1959) e *Periodização do processo industrial no Brasil* (1963). Talvez o seu livro mais conhecido, *História e ideologia*, foi publicado no ano seguinte à publicação dos cadernos do *SLMG*, em 1971.

Híbrido entre meio de divulgação do que ainda era possível acessar sobre o passado vivido ao mesmo tempo como um alerta para a necessidade de preservação dessa memória, as edições desses cadernos especiais também emprestam ao empreendimento um significado de produção de um lugar de memória (NORA, 1993), uma vez que nele foram registrados textos de natureza e procedência diversa, como veremos a seguir. Ao mesmo tempo, ao fazê-lo, os cadernos também colocam em evidência a memória como encenação do passado (LABORIE, 2009) e evidenciam a importância da criação de um pequeno acervo móvel, o próprio *SLMG*, para a vulgarização e difusão desse conhecimento já adquirido:

Todo esse material está disperso. Alguns livros foram traduzidos, de outros mal se tem notícia. É tarefa a ser levada por organismo competente – a Universidade, por exemplo – o levantamento de quanto se escreveu. Deve ser tarefa ainda a tradução dessas obras: poucas já a tiveram em bom nível; a maior parte está em condições precárias e incompletas, como se vê – para citar dois autores fundamentais – com as de Saint-Hilaire e Richard Burton. Não é preciso encarecer a necessidade desse trabalho, que só pode ser levado a efeito por um grupo. Minas tem enorme dívida relativamente aos viajantes em geral e a alguns em particular. Entre todos, assinale-se o nome de Saint-Hilaire, que realizou importante obra de naturalista e descreveu a realidade mineira como historiador, sociólogo, economista, sempre com lucidez e carinho. Entre os vários livros que escreveu sobre o Brasil, destacam-se os que dedicou à nossa região. O que Humboldt fez pelo México – permita-se o paralelo – Saint-Hilaire fez por Minas. Em muitas cidades é reverenciado, com o nome em ruas ou praças, monumentos – sem falar na excelência de suas edições, que é a homenagem principal. Nada em Minas, porém, lembra o nome do francês que realizou por ela mais que qualquer outro estudioso. E boa edição de seus livros ainda está por ser feita (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 1).

Sobre o tema dos viajantes, portanto, o caderno se apresentou como imbuído de, pelo menos, uma dupla tarefa: evidenciar (ou denunciar) uma ausência, voltada para o campo da cultura como um todo, e se colocar como objetivo a tentativa de suprimir, ao menos com uma pequena contribuição, algumas dessas brechas. Se no primeiro momento, como vimos anteriormente, o século XVIII foi focalizado como um período passível de rememoração, agora é o XIX que se apresenta ao leitor como fonte e arquivo a partir dos quais temos que restabelecer um contato identitário. De certa forma, essa também foi uma das justificativas que orientaram a feitura dos cadernos, como lemos nas passagens abaixo:

Compreendendo a necessidade de chamar a atenção pra essas obras é que os responsáveis pelo SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS pensaram em organizar três números com textos de diferentes autores. O que se vai ler, pois, é uma antologia de informações de caráter social ou retratos de determinados momentos deixando-se de lado os estudos de caráter científico, que foram abundantes. Antologia que, infelizmente, está longe de ser completa, por causa da falta antes apontada – levantamento deficiente, textos não traduzidos, edições inacessíveis. Neste primeiro contato com o tema, apresentam-se apenas os viajantes do século XIX. Em outra oportunidade – que imaginamos para futuro não remoto – será feito igual trabalho com os que vieram no final do século XIX e os do presente século, sem falar em possível complementação do que ora se apresenta, em retomada do assunto. Ao lado dos textos dos viajantes, publicam-se também alguns estudos sobre eles e uma tentativa de bibliografia de tão significativa contribuição. Urge para Minas uma obra como a que o historiador Alfredo de Carvalho<sup>321</sup> dedicou aos depoimentos estrangeiros no plano nacional e no plano de Pernambuco (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 1).

Vale destacar os sentidos de “antologia de informações de caráter social” ou a ideia de “retratos” de determinados momentos mencionados por Iglésias em sua caracterização sobre o trabalho que estaria sendo feito pelo *SLMG*. Em nossa forma de vê-los, como viemos trabalhando até esta parte da pesquisa, esse processo de antologização vai além da seleção e compilação de informações sobre o passado. Como temos afirmado, acreditamos ter havido um trabalho mais amplo e interessado na valorização das memórias construídas sobre a cultura mineira a partir do século XVIII. Ao reencená-las no presente da publicação, o próprio *SLMG* estaria dando-lhes um “acréscimo de sentido” (ARENDRT *apud* LABORIE, 2009, p. 91), processo carregado de intencionalidades e funcionalidades, dentre elas, a supressão de ausências/brechas, aliás, salientadas pelo próprio Iglésias. Ao mesmo tempo, é possível perceber nessa dinâmica a emergência da ideia de temporalidade, ou mesmo de um possível “regime de historicidade” (HARTOG, 2013), em um processo de reatualização do passado no presente da experiência (RICOEUR, 2001; REIS, 2017).

Como fechamento do texto de apresentação do primeiro caderno da trilogia,<sup>322</sup> lemos, em um híbrido do *SLMG* como arquivo e antologia, que

321 Alfredo de Carvalho foi um engenheiro, folclorista e historiador brasileiro nascido em Recife no ano de 1870 e falecido em 1916. Dentre as suas obras a respeito do estado de Pernambuco, encontramos os seguintes títulos: *Estudos pernambucanos* (1907); *O tupi na corografia pernambucana: elucidário etimológico* (1907); *Diário de Pernambuco, 1825-1908* (1908) e *Anais da imprensa periódica pernambucana de 1821 a 1908* (1908). A obra citada por Iglésias possivelmente se trata de *Aventuras e aventureiros no Brasil*, publicada em 1929.

322 Vale ressaltar que, como ocorreu nos demais cadernos especiais organizados pelo *SLMG*, nos dois números seguintes não foi publicado uma nova apresentação para as edições, sendo a

O SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS pretende prestar, assim, auxílio aos estudiosos, ao mesmo tempo que chama a atenção para que ela venha a merecer o cuidado que merece, por parte dos historiadores e das autoridades universitárias. O que aqui se apresenta é apenas o incentivo para trabalho maior, há muito requerido (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 1).

Caminhemos, então, para “dentro” do primeiro número dedicado aos estrangeiros na Capitania de Minas. Como mencionamos no começo deste subcapítulo, a forma de organização do caderno obedeceu uma clivagem, qual seja, em mais da metade da primeira parte o espaço foi destinado aos textos selecionados sobre as narrativas dos estrangeiros sobre o Brasil, e mais especificamente a Minas. No segundo momento, nas últimas páginas, teremos a presença de intelectuais brasileiros, em sua maioria mineiros, que escreveram sobre os viajantes. Ou seja, de uma forma ou de outra o foco não deixou de recair sobre a importância desses para a história de Minas.

Ao avançarmos para a segunda página do caderno, lemos um trecho do livro *Diário de uma viagem do Rio de Janeiro a Vila Rica, na Capitania de Minas Gerais, no ano de 1811*, intitulado “Diário de viagem”, de autoria do geólogo Wilhelm Ludwig von Eschwege, apresentado como Guilherme, Barão de Eschwege pelo *SLMG*. Nele, constam informações sobre as localidades Estrada de Minas, Barbacena e Congonhas, que foram percorridas e visitadas pelo viajante. Em sua passagem pela primeira, lemos que:

Na jornada de hoje topamos com um hermitão que montava belo cavalo branco e tinha à sua frente uma imagem de Santo. Aqui chamam-se ermitas aqueles que por livre vontade se constituem guardas ou esmoleres de qualquer capela, em geral por expiação de pecados. Vestem-se com uma espécie de hábito de frade, deixam crescer a barba, trazem muitos o cabelo desgrenhado, nunca lhe passando o pente, e vagam pelas estradas com o padroeiro da capela numa caixa de vidro, oferecendo-o a beijar. Recebem por isto dinheiro e também outros donativos (ESCHWEGE, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 2).<sup>323</sup>

Em seguida, encontramos um trecho de um texto do mineralogista britânico John Mawe, intitulado “Tejuco, no Distrito Diamantino”, retirado do livro *Viagens ao*

---

publicada no primeiro caderno a única a comentar sobre os sentidos da abordagem do tema.

323 Ao final do texto, há a informação que ele foi publicado na *Revista do Museu Paulista*, Tomo XXI, em 1937. Para uma biografia de Eschwege e a sua importância com as pesquisas com a exploração geológica em Minas, Cf. BARBOSA, 1977.

*interior do Brasil – 1809/1810* (Rio de Janeiro, pelo Zélio Valverde Editor, 1944). Nele, também em uma narrativa recolhida em uma espécie de diário, lemos que:

Depois de completamente restabelecido das fadigas de minha última excursão, pedi licença a Sua Alteza Real para inspecionar as minas de diamantes de Serro do Frio. Este favor não fora ainda concedido a estrangeiro, e nenhum português tivera licença de visitar o distrito em que se faz a exploração, a não ser para negócios que a ela se referissem, e mesmo assim com precauções tais que impossibilitavam dar ao público descrição conveniente. Os bons officios do Conde de Linhares proporcionaram-me a licença que solicitava, sendo meu passaporte e minhas cartas de recomendação prontamente expedidos (MAWE, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 3).

Em sua página quatro, nos deparamos com dois textos: o primeiro intitulado “Na vila de Paracatu”, de autoria do geólogo e botânico austríaco João Emanuel Pohl, retirado do livro *Viagem no interior do Brasil empreendida nos anos 1817 a 1827* (Rio, Instituto Nacional do Livro, 1951, vol. 1); o segundo, “Notas sobre Minas”, do comerciante inglês John Luccock, extraído do livro *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil – 1808 a 1818* (São Paulo, Livraria Martins, 1942). Nesse, são narradas as experiências do viajante nos municípios de Queluz, Vila Rica, Mariana e Congonhas. Em relação à primeira, lemos uma curiosa narrativa sobre como seria constituída a sua população no período em que a Capitania de Minas Gerais sofria com o refluxo da queda na extração aurífera:

Para que mantenha opinião favorável de Queluz é melhor que o estrangeiro se satisfaça com sua aparência externa; não deverá entrar em suas casas nem tão-pouco travar relação nenhuma com qualquer de seus habitantes. O estado interno miserável das primeiras é tão revoltante quanto as maneiras dos segundos. O ouro, que a princípio se procurou com amplo sucesso em seus arredores, acabou falhando e deixou o povo com mentalidade envilecida e hábitos de preguiça. Há qualquer coisa de insolitamente baixo em seu aspecto no Brasil (LUCCOCK, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 4).

A partir do olhar estrangeiro, a ausência do ouro, que a princípio sugere ter sido responsável por conferir ao povo da cidade algum brio, foi o responsável, quando não mais estava presente, por conferir vileza aos hábitos e às práticas entre seus habitantes.

Nas páginas seis e sete, encontramos um longo trecho retirado do livro *Viagem pelo Brasil – 1823* (Primeiro volume, Rio, Imprensa Nacional, 1928), intitulado “Viagem por Minas Gerais”, escrito pelo naturalista alemão J. B. [Johann

Baptist] von Spix e o médico e botânico alemão C. F. P. [Carl Friedrich Philipp] von Martius. Nele, são narradas as viagens feitas pelos pesquisadores por algumas cidades da Capitania, divididas sob os subtítulos “De Atibaia a Camanducaia”, “Campanha”, “Arraial do Rio-Verde”, “São João d’El-Rei - Retrato do mineiro” e “No Caraça”.

Sobre suas descrições da cidade de São João del Rei, percebemos o interesse dos viajantes pela observação e registro não somente dos elementos da paisagem rural e urbana, com os seus detalhes naturais e construções, mas também da constituição da população, principalmente em suas clivagens raciais:

Muitas montanhas rodeiam a pequena cidade de casas brancas sem conta, e o pequeno rio Tejuco, muitas vezes quase a seco, que a corta pelo meio, dá-lhe aspecto de beleza romântica. Passando por inúmeras casas de campo, espalhadas na encosta, chega-se à sólida ponte de pedra, que está construída sobre o pequeno rio acima mencionado e liga a parte da cidadezinha, edificada na montanha, com a outra maior, na planície. (...) A vila de São João del-Rei, assim chamada pelo rei d. João V, é, assim como Vila-Rica, do Príncipe, Sabará e, recentemente Paracatu, uma das mais importantes cidades das cinco comarcas da capitania de Minas Gerais e, de fato, da comarca do Rio das Mortes, que tem umas cinquenta léguas de diâmetro. A própria vila tem uma população de seis mil habitantes, dos quais apenas um terço é de brancos (SPIX; MARTIUS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 6).



Figura 33: SLMG, n. 213, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.



Figura 34: SLMG, n. 213, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 12. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.



A partir da página oito, o caderno especial do *SLMG* publicou textos de escritores e intelectuais brasileiros que analisaram a importância da narrativa dos estrangeiros viajantes à Capitania de Minas. Em alguns casos, intentou-se uma avaliação ou análise da importância de alguns nomes específicos no que tange a produção de leituras sobre as cidades visitadas e descritas, principalmente ao se considerar a riqueza de detalhes de suas produções narrativas.

Ocupando a primeira página dedicada a essas narrativas, nos deparamos com um texto escrito por Affonso de E. Taunay, sob o título de “Resumo do final da viagem de Alexandre Caldcleugh (1821)”, publicado em *Viagens na capitania das Minas Gerais – 1811/1821* (Anais do Museu Paulista, Tomo Duodécimo, S. Paulo, Imprensa Oficial, 1945), como nos é informado ao final do próprio recorte. Como o próprio título nos indica, o autor se ocupou em descrever a trajetória feita pelo viajante por algumas cidades da Capitania, como, por exemplo, Ouro Preto, Sabará, Santo Antônio, Congonhas, dentre outras. Em sua trama, Taunay procurou destacar algumas dificuldades encontradas por Caldcleugh no que diz respeito às dificuldades de acesso, por vezes por se tratarem de localidades íngremes, encontradas pelo viajante.

Logo a seguir, temos um texto escrito pelo historiador e organizador do caderno, Francisco Iglésias, intitulado “John Mawe em Minas Gerais”, sem uma referência específica se ele havia sido publicado anteriormente em outro lugar. Ao que tudo indica, o texto foi produzido especificamente para a edição especial do *SLMG*.<sup>324</sup>

Em um ensaio de interpretação dos sentidos e significados possíveis da narrativa de Mawe sobre a Capitania de Minas, Iglésias produziu um estudo, com características de um intérprete da construção discursiva do viajante sobre o Estado,<sup>325</sup> que se ocupou em apontar a importância da obra do viajante ao mesmo tempo em discutir o seu alcance e limitações:

---

324 Consultamos as principais publicações feitas pelo autor e sobre ele e não encontramos nenhuma referência ou indício de estudos sobre os viajantes estrangeiros a Capitania de Minas Gerais no século XIX. Acreditamos, assim, que algumas das publicações de Iglésias no *SLMG* ainda se encontram praticamente inéditas para a historiografia ou mesmo para a história de Minas Gerais.

325 A historiografia brasileira é rica em estudos que se ocupam com os chamados “intérpretes do Brasil”, principalmente aqueles autores que construíram narrativas que deram sentido às questões identitárias do povo brasileiro. Cf. por exemplo, REIS, 1999, 2006, 2017. Sobre a história de Minas Gerais especificamente, Cf. RAMALHO, 2015.

Minas Gerais manteve-se fechada à curiosidade dos viajantes estrangeiros durante todo o período colonial. Nos primeiros tempos nada se escreveu sobre a Capitania do ouro. A obra de Antonil – o Anônimo Toscano –, escrita na época da fundação, teve destino acalentado: Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas, aparecendo em Lisboa no ano de 1711, embora com as licenças necessárias, teve a edição recolhida por ordem de D. João V e só foi reeditado no século seguinte. O monarca português assim agiu à vista de informação que lhe deram de que o livro continha os segredos de Minas: a notícia podia provocar desejos e o melhor era manter a fonte enriquecedora do desconhecimento geral. A vigilância da Coroa é que explica a ausência de estudos ao longo do período (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 8).

Esse cenário, contudo, segundo o historiador, só se alteraria no início do século XIX, principalmente pelas mudanças políticas e econômicas ocorridas na Europa, e os desdobramentos que provocaram na geopolítica mundial. Uma delas, a vinda da Corte Portuguesa para a sua colônia na América:

Com o aumento de interesse pelo Brasil no exterior, resultado da situação geral do início do século XIX, começa a alterar-se a ordem existente. A vinda da família real constituiu marco também a esse respeito: com o príncipe D. João vêm cientistas que estudam o território em todos os setores (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 8).

Dentre as consequências da presença portuguesa no Brasil do início do século XIX, consta a vinda de uma significativa leva de estrangeiros, tanto cientistas quanto de curiosos. Para Iglésias (1970, p. 8), “é grande o número de livros sobre o Brasil no estrangeiro a contar de então, de cientistas ou simples observadores que aqui vieram atraídos por informações nem sempre verdadeiras”. Dentre essas obras produzidas, “alguns escreveram obras que são preciosas para o estudo do passado da Capitania e da Província”. Contudo, como lamenta o historiador, “é pena que Minas não tenha sido descrita no século XVIII” (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 8).

Para Iglésias,

Mawe fez ainda observações sobre as Capitanias da Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande, mas com ligeireza pois não as visitou, finalizando com observações sobre o comércio da Inglaterra com o Brasil. Era dominado pela preocupação da minúcia. Dá notícia de insignificâncias, fala de preços e calcula distâncias. É prestativo: dá lições às senhoras sobre fabricação de manteiga e queijo, ensina o Intendente Câmara a fazer cerveja, dá conselhos de economia doméstica, melhora os processos de mineração. Sua narrativa é agradável, muitas vezes pitoresca e sempre instrutiva. É pena que seja um pouco pobre:

preocupado sobretudo com mineralogia, detêm-se de preferência nos aspectos relacionados com o seu interesse. Pouco diz sobre a estrutura social; achava que se devia fazer algo pelo negro, embora reconhecesse que ele melhor tratado aqui que em outras colônias. O que de mais importante Minas apresentava – a arquitetura e a escultura do barroco, marco visível do esplendor da civilização do ouro – não lhe merece uma palavra sequer (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 8).

Em seguida, em sua página de número dez, encontramos um texto escrito por Affonso Arinos de Melo Franco, nomeado “O primeiro depoimento estrangeiro sobre Aleijadinho”, que foi publicado na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (n. 3, 1939). Nele, o autor ocupou-se em revisitar os escritos sobre o artista mineiro, demonstrando alguns indícios do interesse dos viajantes estrangeiros por sua obra.

Para o autor, para além do já conhecido estudo dedicado ao tema feito por [José Pedro] Xavier da Veiga, em suas *Efemérides Mineiras*, publicada em 1814, em que o nome de Saint-Hilaire figurou como o único depoimento “que os viajantes estrangeiros legaram sobre o maior vulto da arte colonial brasileira” (FRANCO, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 10), seria necessário uma pesquisa mais acurada sobre as narrativas empreendidas por outros autores que por aqui estiveram à época:

Respondendo a alguém que participava desta errônea convicção pude alinhar outras referências, coevas do mestre ou a ele posteriores, como as de Luccock, Burton e Castelnau, as quais mostram que a lenda e a obra do Aleijadinho não passaram tão despercebida aos observadores estrangeiros das Minas. Há pouco, porém, deparou-se-me um trecho de Eschwege, que creio ser o primeiro depoimento estrangeiro sobre o Aleijadinho (FRANCO, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 10).<sup>326</sup>

No desenvolvimento do seu texto, Franco fez um exercício comparativo entre as narrativas que foram produzidas por alguns dos principais viajantes estrangeiros que visitaram a Capitania de Minas Gerais durante o século XIX:<sup>327</sup>

Assim, fica fora de dúvida a precedência de Eschwege sobre todos. A sua viagem é de 1811, anterior às de Luccock e Saint-Hilaire, e o seu livro é de 1818, anterior, mais velho, também, do que as relações do inglês e do francês. Tenho, aliás, a convicção de que o depoimento deste [Saint-Hilaire] é diretamente influenciado pelo que escreve Eschwege. Como efeito Saint-

<sup>326</sup> Vale ressaltar, a título de curiosidade, que o autor destacou algumas passagens em alemão do livro de Eschwege, publicando-as com a respectiva tradução para o português, como estratégia argumentativa para a comprovação de seu argumento.

<sup>327</sup> Em um ponto de concordância com as considerações de Iglésias, Franco (1970, p. 10) também afirma que “Mawe, o primeiro cronista alienígena, não se refere ao aleijadinho de Vila Rica”.

Hilaire, que lia bem o alemão, cita nas suas narrativas, reiteradas vezes, não somente a obra do barão como as de Spix e Martius (FRANCO, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 10).

Para finalizar o primeiro caderno sobre os viajantes estrangeiros no Brasil, as duas últimas páginas (11 e 12) foram preenchidas com um trecho de um livro do escritor, pesquisador e crítico literário Eduardo Frieiro, *O diabo na livraria do Cônego* (Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1957), intitulado “Com o Dr. Pohl em Minas”. Tido como um dos primeiros pesquisadores do século XX a se interessar pelas questões da cultura mineira, seus costumes e a vida social na Capitania, esse estudo de Frieiro é considerado um clássico no âmbito dos estudos sobre o tema das Minas coloniais.<sup>328</sup>

Para Frieiro,

Graças ao Instituto Nacional do Livro, pode-se ler agora em nossa língua a *Viagem no Interior do Brasil*, obra em dois volumes, deixada pelo médico e naturalista austríaco João Emanuel Pohl. Observador meticoloso, o doutor Pohl não se limitou a registrar as suas observações geognósticas e mineralógicas, que constituíram a finalidade da excursão científica que empreendera, mas consignou também no seu diário de viagem apontamentos muito valiosos acerca da etnografia, economia e costumes dos habitantes das regiões percorridas. Sobre a terra e a gente de Minas, suas anotações concordam na generalidade dos casos com as de outros testemunhos escritos relativos à mesma época ou a épocas aproximadas. Esta é sem dúvida a parte mais interessante da obra agora editada em nossa língua, só conhecida até aqui dos que podiam ler no original alemão, ou nos comentários às suas principais passagens, feitas pelo incansável historiador Sr. Afonso de E. Taunay em artigos saídos no *Jornal do Comércio*. Para a história econômica e social de Minas é um depoimento dos mais preciosos (FRIEIRO, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 11).

Para o autor, um dos principais pontos da importância da obra de Pohl estaria ancorada nos registros que ele fez sobre as condições de vida das cidades onde passou. O viajante teria sido responsável pela constatação e narração da pobreza e o atraso em que vivia essas cidades, que apresentavam “evidentes sinais de decadência nas vilas e arraiais em que outrora o ouro alimentara uma riqueza. Pobreza por toda a parte: eis o que mais feriu a atenção do viajante” (FRIEIRO, *SLMG*, 1970, n. 213, p. 11).

Para a organização do segundo caderno da trilogia sobre os viajantes estrangeiros pelo Brasil, Iglésias, em conjunto com a redação do *SLMG*, mantiveram

<sup>328</sup> Sobre a sua importância no campo dos estudos sobre Minas Gerais e sua antecipação de temas no campo da cultura, Cf. FURTADO, 2009.

a mesma estratégia utilizada para o primeiro número, ou seja, também foi composto de 12 páginas, com textos selecionados tanto de intelectuais estrangeiros quanto de brasileiros. Contudo, para essa edição, quase que sua totalidade foi concedida e dedicada para a publicação de trechos das obras do francês Saint-Hilaire.<sup>329</sup> Destarte, acreditamos que essa escolha tenha se dado devido às preferências do próprio historiador em relação ao leque de possibilidades que ele teria a sua disposição.

Logo em sua primeira página (capa), nos deparamos com uma imagem referente a cidade de Sabará, com a legenda nos informando que se tratava de uma pintura de autoria de João Maurício [Johann Moritz] Rugendas, retirada do livro *Viagem Pitoresca Através do Brasil* (Edição original alemã de 1835, exemplar da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional). Logo abaixo dela, um trecho retirado do livro *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941), de autoria de Auguste de Saint-Hilaire, intitulado “Cidade de Sabará”.

Em sua narrativa, lemos que

Durante alguns anos a vila de Sabará foi rica e florescente. Então seus arredores forneciam ouro em abundância, que se tirava da terra com tanta facilidade, que os habitantes da região dizem que era bastante arrancar um tufo de mato e sacudi-lo para ver surgir pedaços de ouro. Atualmente isso não é mais assim. Lavadas e relavadas mil vezes, as terras vizinhas do rio Sabará e do rio das Velhas nada mais podem dar ao minerador (SAINT-HILAIRE, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 1).

Em seguida, temos outro texto do viajante, mas agora extraído do livro *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais* (Tomo 1º, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938), denominado “Itabira do Mato Dentro”. De forma similar a narrada anteriormente, também nesse texto do viajante procura descrever a suas andanças pelo caminhos de Minas e sobre as situações que ele presenciou no cotidiano da cidade em que visitou. Novamente, sua atenção é direcionada para questões que envolviam a extração do ouro naquela região.

---

329 Vale ressaltar que na apresentação do primeiro número da trilogia o próprio Iglésias menciona o lugar de destaque do naturalista francês, em relação às narrativas produzidas no século XIX sobre o Brasil, e principalmente sobre Minas Gerais. Cf., nesta tese, a citação em recuo feita na página 220.

Mudando um pouco a lógica percebida no primeiro caderno, em que as narrativas estrangeiras vieram primeiro e só ao final foram apresentadas leituras de intelectuais brasileiros, encontramos, logo na terceira página, um texto do escritor Manuel Bandeira, denominado “O ‘nosso’ Saint-Hilaire”, extraído de seu livro *Crônicas da Província do Brasil* (Rio, Civilização Brasileira, 1937). Nele, é apresentada uma apropriação curiosa da figura do naturalista francês:

A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck; o seu nome não figura, como o do outro, em todas as enciclopédias. Para nós, entretanto, a memória que importa, a que nos deve ser sobretudo cara é a do irmão menos ilustre. Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática (BANDEIRA, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 3).

Bandeira também não polpou elogios e reverências em relação aos escritos de Saint-Hilaire, que “escrevia sempre sem sombras de ênfase nem pedantismo”, ao mesmo tempo que pintou uma imagem do viajante com tons messiânicos e angelicais:

(...) por tantos trabalhos e privações, por tanta bondade, tanta abnegação, tão lúcido afeto e simpatia e para diferenciá-lo do irmão, mais mundialmente glorioso, podemos chamar Auguste Saint-Hilaire o “nosso Saint-Hilaire”. Amou-nos com os nossos defeitos, deu-nos conselhos preciosos. A sua atividade entre nós e os seus escritos são duas lições das mais profundas e simples que já recebemos de estrangeiros (BANDEIRA, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 3).

Complementando as informações trazidas até esse momento do caderno, encontramos uma pequena biografia, “Sobre Saint-Hilaire”, escrita por Rubens Borba de Moraes como “Prefácio a Auguste Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo...* (2ª edição, São Paulo, Livraria Martins, 1945), como nos é informado ao final do texto. Na mesma página, também encontra-se um texto do escritor e jornalista João Dornas Filho, intitulado “Auguste de Saint-Hilaire”, extraído do livro *Figuras da Província* (Belo Horizonte, Movimento Editorial Panorama, 1949).

Em sua narrativa sobre a vida e obra de Saint-Hilaire, também a Dornas Filho não faltaram palavras de elogio e admiração, que também demonstrou um tom laudatório semelhante àquele desenvolvido por Bandeira em seu texto anteriormente mencionado.

Fio a 30 de setembro de 1853 que se extinguiu essa nobre vida lutadora. Vindo para o Brasil em companhia do duque de Luxemburgo, embaixador de Luís XVIII, chegou ao Rio de Janeiro a 30 de maio de 1816. Durante seis anos percorreu quase todo o país, visitando as províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Cisplatina (atual república do Uruguai) e Paraguai. A Minas, que percorreu demorada e pacientemente, dedicou 4 volumes de sua obra magnífica. (...) Os quatro volumes da sua bagagem científica dedicados a Minas Gerais são um primor de exatidão e inteligência, de compreensão e simpatia humana. O homem e a terra, os costumes e a religião, as realidades econômicas e sociais – tudo foi visto com uma sagacidade penetrante e, sobretudo, com uma honestidade sem limites (DORNAS FILHO, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 4).

Logo em seguida, em sua quinta página, temos a retomada das publicações retiradas dos livros do viajante francês. Nela, encontramos o texto “Em Araxá”, extraído do livro *Viagem às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiás* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944, Tomo Primeiro). Novamente, são selecionados alguns trechos, que ocuparam toda a página, em que Saint-Hilaire descreve a sua trajetória por essa região da Capitania de Minas, dando especial destaque para a hospitalidade encontrada em sua recepção pelos moradores das localidades em que teve a oportunidade de conhecer.

Ao mudarmos de página, nos deparamos com um texto intitulado “Resumo de viagens por Minas”, retirado do livro *Viagem à Província de S. Paulo e Resumo das viagens ao Brasil..., 1823* (S. Paulo, Livraria Martins, 1945). Em sua montagem, feita a partir de alguns fragmentos sobre períodos e localidades diferentes percorridas pelo viajante francês, somos informados sobre a sua partida da Europa para o Brasil e alguns detalhes por que autor passou em terras mineiras:

Parti da França no dia 1º de abril de 1816, a bordo da fragata *Hermione*, que levava ao Rio de Janeiro o embaixador francês – duque de Luxemburgo. Parti do Rio de Janeiro em 7 de dezembro de 1816, com rumo à capitania de Minas, e gastei quinze meses a percorrer uma grande parte dessa vasta província. (...) Fiquei detido na Vila do Príncipe por uma enfermidade bastante grave, em consequência da fadiga por mim sofrida. Ao fim de um mês reiniciei a viagem, mas, ao invés de me dirigir para o norte, penetrei pelas matas espessas que recobrem a parte oriental da capitania das Minas, e cheguei a Pessanha, onde fui aquartelado num dos destacamentos, incumbidos de proteger as fronteiras da capitania contra as invasões dos selvagens (SAINT-HILAIRE, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 1).

Como um tipo de complementação a esse trecho, foi publicado outro texto com o título “Notas de viagem”, extraído do livro *Segunda viagem do Rio de Janeiro*

*a Minas Gerais e a São Paulo (1822)* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938). Nele, Saint-Hilaire ocupou-se em registrar, segundo o recorte feito para as páginas do *SLMG*, a sua passagem por duas localidades: o Rancho do Rio das Mortes Pequeno, intitulado “Episódio político”, em que são narradas algumas questões comerciais e suas impressões sobre as formas em que a religião era praticada na cidade, e Pouso Alto, em que foi descrita a sua chegada à cidade e estadia.

Avançando mais um pouco pelas páginas do caderno, encontramos novamente a contribuição de Eduardo Frieiro ao caderno. Agora, com um texto retirado de seu livro *Páginas de Crítica* (Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1955). Intitulado “Saint-Hilaire em Minas Gerais”, nele o intelectual mineiro nos informa, em tom elogioso, que

Tudo quando Saint-Hilaire escreveu acerca do Brasil é do maior interesse documental. Nenhum outro estrangeiro ilustre, entre quantos nos visitaram e se ocuparam conosco, falou da terra e da gente brasileira com mais simpatia. Nenhum foi mais minucioso e sagaz nas suas observações. Nenhum mais preocupado de exatidão e veracidade nas informações. Nenhum mais comedido e benévolo nos juízos. (...) Entusiasta da terra mineira, o ponderado Saint-Hilaire usa sempre de moderação e indulgência na apreciação das coisas de Minas, não perdendo ocasião de acentuar a hospitalidade e a polidez dos homens mineiros. Considera-os mesmo superiores aos outros brasileiros que conhece (FRIEIRO, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 8).<sup>330</sup>

---

330 Sobre a questão da superioridade dos mineiros, segundo Frieiro (1970, p. 8), Saint-Hilaire seria da opinião dela vir da quase ausência do indígena em sua formação. “Qual a razão de tal superioridade? Na sua opinião, provinha de que o elemento aborígene entrara menos na formação da gente mineira do que na de outras partes do Brasil”.





Figura 35: SLMG, n. 214, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

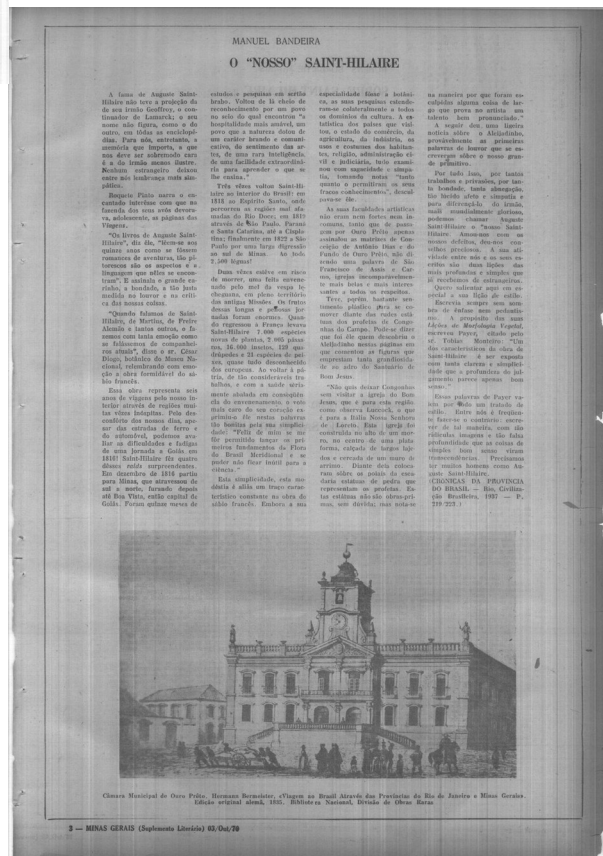


Figura 36: SLMG, n. 214, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 3. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Outro autor que também marcou presença nas páginas desse segundo número especial foi o próprio Iglésias, o seu organizador desde de sua primeira edição. Agora, o historiador nos apresenta um texto intitulado “Depoimentos de estrangeiros”, sugerindo também um ineditismo em relação as suas publicações sobre o tema ou ao período da história de Minas Gerais.<sup>331</sup> Em sua narrativa, apresenta um breve histórico da presença dos estrangeiros no território brasileiro, desde a chegada dos primeiros viajantes dos quais temos notícia. Dentre eles, Jean de Lery e André Thevet, que “já no primeiro século aqui aportaram” e “cujas obras tiveram êxito, foram lidas então e continuam a ser consultadas, apesar de conterem muita extravagância e insensatez” (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 8).

Para Iglésias,

No decorrer de todo o século XVIII o estrangeiro não encontrou facilidades no Brasil. É conhecido o episódio da edição em 1711 de *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, do jesuíta toscano André João Antonil: publicado com as devidas licenças, foi logo recolhido, a fim de evitar os interesses de outros pelo país. No fim do século, verificou-se o episódio envolvendo Alexandre de Humboldt, que realizava expedição de estudos pela América e foi barrado em seu desejo de visitar a Amazônia. (...) Com a Corte vieram artistas e cientistas de diversas nacionalidades. O Brasil nunca despertara tanto a curiosidade europeia. O príncipe regente, abrindo os portos aos comércio do mundo, fazia caírem as barreiras. A Europa, cansada com a experiência revolucionária e com as corridas imperialistas de Napoleão, desejosa de descanso, voltava-se às vezes para a América. E o Brasil passou a ser percorrido por cientistas e viajantes que descreveriam os seus feitos, descrevendo o país que tornava a nascer (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 8-9).

Um efeito desse processo de crescimento do interesse estrangeiro pelo Brasil, especificamente, e pela América, como um todo, pode ser percebido na produção das obras que começou a ser motivada a partir de então. Novamente, há um interesse manifesto nas considerações de Iglésias sobre a importância de se considerar e valorizar essa literatura produzida como fontes disponíveis para o estudo da história. Mesmo considerando as suas ressalvas quanto a dimensão de fantasia que elas também carregam, ele nos faz crer que isso também seria parte constituinte de sua fabricação enquanto discurso e imaginário de uma época:

Há de tudo nessa literatura: livros de ciência, memórias de diplomatas ou de militares que serviram ao país, turistas despreocupados e negociantes

---

331 Sobre essa questão, Cf., nesta tese, nota 329.

interesseiros; muita realidade e muita fantasia; juízos favoráveis e juízes pessimistas ou mesmo arrasadores; nomes ilustres, como Darwin, a autores de todo insignificantes. Essa literatura – a xenobibliografia – não é bem conhecida. Nem sequer se conhece sua extensão (IGLÉSIAS, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 9).

Em sua décima página, encontramos um texto intitulado “Em Minas”, de autoria do botânico e médico suéco George Gardner, retirado do livro *Viagens no Brasil: principalmente nas Províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942). Nele, o autor nos narra as suas viagens por algumas cidade da Capitania, dentre elas, Diamantina, Conceição do Mato Dentro e Cocais. Em seus relatos, estão presentes descrições de elementos das paisagens natural e urbana dessas localidades, por vezes compreendendo pequenos detalhes da constituição das casas ou de suas hortas.

Ao narrar o que ele teria visto na cidade de Diamantina, nos informa que

As casas têm geralmente nos fundos uma horta, em que se encontram os mais comuns vegetais europeus, como batata, couve, ervilha, alface, salsa e outros; vi também muitas das flores dos jardins europeus. Também se viam nos pomares algumas frutas da Europa, tais como maçãs, a pera, o pêsego, o figo e o marmelo. A cidade é abundantemente provida de água excelente, vinda das fontes que brotam das montanhas (GARDNER, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 10).

Para fechar esse número, foi publicado, nas páginas 11 e 12, o texto “Viagem pitoresca através do Brasil”, do pintor João Maurício [Johann Moritz] Rugendas, extraído do livro *Viagem Pitoresca através do Brasil – 1835* (São Paulo, Livraria Martins, 1949, I volume). Sobre as experiências relatadas por esse viajante alemão em terras brasileiras, e principalmente mineiras, foram recortadas os trechos em que ele narra sobre “Como viajar pelo Brasil” e “Vila Rica”.

Na primeira parte, muito semelhante a um “guia de viagem” com algumas dicas para aquele que por aqui quisessem viajar e precisassem de orientações, lemos uma descrição que mesclou elementos da paisagem natural com algumas das práticas observadas por Rugendas, quando por aqui esteve:

A estrada que vai de Porto da Estrela<sup>332</sup> a Minas passa diante de belas plantações, atrás das quais se percebem, ao longe, as pontas angulosas da Serra dos Órgãos, erguendo-se por cima da Serra das Estrelas, cujas escarpas constituem o espantinho dos tropeiros e o tormento das mulas, embora uma estrada larga, construída e pavimentada com grande sacrifício, aí tenha sido aberta. Em mais de um lugar ela se assemelha mesmo a uma imensa muralha de dez pés de largo. Diante dessa situação não é de espantar que Porto da Estrela seja a um tempo muito animada e muito industrial. Os estrangeiros e principalmente os pintores devem visitá-la, mesmo se não estiver no seu caminho. É um lugar de reunião para homens de todas as províncias do interior; aí se encontra gente de toda as condições sociais e podem-se observar suas vestimentas originais e sua atividade barulhenta. Aí se organizam as caravanas que partem para o interior e somente aí o europeu depara com os verdadeiros costumes do Brasil; aí deve ele despedir-se, não raro por muito tempo, de todas as facilidades e comodidades da vida europeia e de todos os seus preconceitos (RUGENDAS, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 11).

Sobre a cidade mineira de Vila Rica, o autor procurou narrar alguns aspectos da sua elevação à capital da Província, no ano de 1818, de suas características topográficas e geológicas, de sua composição natural e urbana, ao mesmo tempo em que se ocupou em registrar algumas informações sobre a composição da população: “A população de Vila Rica é de cerca de 9.000 almas; os negros e os mulatos constituem a maioria; há poucos portugueses e poucos europeus, quase todos empregados ou negociantes gozando de grande bem-estar” (RUGENDAS, *SLMG*, 1970, n. 214, p. 12).

Para o último caderno da trilogia, publicado sob o número 215, ainda no ano de 1970, temos talvez a edição mais multifacetada no que diz respeito a diversidade de textos dos viajantes estrangeiros nas páginas do *SLMG*. Contudo, semelhante aos demais, houve a presença de intelectuais brasileiros, em especial mineiros, que em algum momento de sua trajetória de produção versaram ou analisaram a importância da presença estrangeira no Brasil.

Em sua primeira página, encontramos a narrativa das viagens de Charles James Fox Bunbury, em texto denominado “Narrativa de viagem de um naturalista”, retirado do livro *Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais - 1833-1835* (Anais da Biblioteca Nacional, volume LXII, 1940), em que o viajante nos conta a sua passagem pelas cidades de Ouro Preto, Mariana, Gongo-

---

<sup>332</sup> Na página doze, última do caderno, foi publicada uma imagem do desenho de Rugendas intitulada “Porto da Estrela”. Nela, podemos ver algumas construções, alguns elementos da paisagem natural e uma considerável movimentação de pessoas, algumas em cima de cavalos. Como descrito em sua narrativa textual, ela nos sugere um movimento de uma caravana, talvez prestes a partir para o interior.

Soco, Congonhas do Campo e São João Del-Rei. Nela, são descritas características das paisagens nelas encontradas assim como elementos da composição social, das formas de tratamento de seus habitantes, dentre outros pontos que chamaram a atenção do autor.

Em seguida, nos deparamos com o texto “Minas em 1845”, de autoria de Francis Castelnau, extraído do livro *O Brasil em 1845* (Rio, Casa do Estudante do Brasil, 1957). Nesse momento, somos informados sobre as suas viagens pelas cidades de Barbacena, São João Del Rei, Juiz de Fora, Ouro Preto e Diamantina, ao mesmo tempo em que nos é apresentada uma narrativa sobre o presença do autor na cerimônia de comemoração de aniversário do Imperador, em 1842, em Ouro Preto. Em outras passagens, é também o autor quem nos conta sobre a sua aceitação em participar de um jantar, em que “pela primeira vez era admitido na vida íntima de uma família brasileira de hábitos inteiramente diferentes dos nossos na Europa” (CASTELNAU, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 2), em parte intitulada “Um jantar”, ou, em “Despedida”, sobre a sua saída de Ouro Preto, em direção à cidade de Diamantina.

Em mesma página, compartilhando-a com Castelnau, encontramos o depoimento de outro viajante estrangeiro que pela Capitania teria se aventurado. “Em Ouro Preto”, de autoria de Conde de Suzannet, retirado do livro *Expedições às regiões centrais da América do Sul – 1842, Tomo I* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, s/d), lemos o autor narrando sobre a sua visita a cidade e os desafios que encontrou pela frente. Segundo o autor, “não foi sem perigo que circulamos, com os animais exaustos de cansaço, nas ruas estreitas e tortuosas de Ouro Preto, cuja fotografia é a mais irregular que imaginar se pode” (SUZANNET, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 3).

Em sua quarta página, nos deparamos com um fragmento nomeado “Filadélfia e os colonos alemães”, de autoria de Robert Avé-Lallemant, extraído do livro *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859 – Primeiro Volume* (Rio, Instituto Nacional do Livro, 1961). Em sua descrição da chegada ao local, nos conta que “Filadélfia situa-se numa vasta clareira, no meio da floresta do alto Mucuri ou do Rio de Todos os Santos, mais ou menos como uma feitoria na China. Uma grande praça quadrangular constitui o cerne da povoação”. Atual cidade mineira de Teófilo Otoni,

em sua narrativa o autor nos remete a chegada da Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri, responsável, dentre outras coisas, pelo início da povoação do vale do Muruci.

Logo a seguir, somos levados a um texto sobre a “Minas Gerais vista pelos ingleses”, de autoria do zoólogo brasileiro C. [Cândido] de Melo Leitão, publicado no livro *O Brasil visto pelos ingleses* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937).<sup>333</sup>

Em sua narrativa, o autor investiga como alguns viajantes ingleses manifestaram-se em relação aos homens e mulheres, assim como aos mineiros como um todo, que eles encontraram nas cidades onde visitaram. Mawe, Walsh, Caldcleugh, Burton, dentre outros, foram alguns dos nomes dos quais as obras foram analisadas para a composição de um mapeamento de impressões e perfis.

Para o autor,

As relações com os estrangeiros tinham passado por várias etapas: daquela curiosidade simpática dos primeiros anos, como a observava MAWE, e do entusiasmo dos últimos dias do Brasil reino, do que usufruiu CALDCLEUGH passou-se quase ao extremo oposto de desconfiança e malquerença, justificadas pelas observações pejorativas dos que escreviam sobre nossa gente, inventando e caluniando para ter os livros mais vendidos (que o vulgar dos leitores mais se compraz no escândalo e na sátira!), ou pelos constantes logros de que eram vítimas em sua imensa boa-fé (LEITÃO, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 5).

Em sua sexta página, o caderno especial trouxe um fragmento intitulado “Justiça e relações sociais”, de Hermann Burmeister, presente no livro *Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1853* (Livraria Martins Editora, São Paulo, 1952).

Segundo o viajante,

A minha permanência em Congonhas, que durou mais de três meses e meio, permitiu-me conhecer de perto a vida e os costumes dos brasileiros. Pude observá-los sob vários aspectos e posso permitir-me julgá-los até certo ponto. As minhas observações, porém, devem, quase todas, ser aplicadas ao povo, pois as famílias de certa categoria social não de distinguem das europeias das mesma posição, motivo por que naturalmente ficam excluídas dos conceitos aqui emitidos (BURMEISTER, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 6).

---

<sup>333</sup> Sobre a importância do pensamento do autor em relação à preocupação com a valorização com conhecimento científico, Cf. FRANCO, DRUMMOND, 2007.

Como referido pelo título dado ao seu texto, Burmeister interessou-se e se ocupou em analisar e registrar algumas características da composição social da Capitania que ele então visitava. Ao construir um panorama geral a partir das cidades onde passou (o autor cita algumas como, por exemplo, Lagoa Santa, Cantagalo, Ouro Preto, para além da já mencionada Congonhas), o autor acaba por pintar um quadro das relações clientelistas e de privilégios em que então, sob a sua leitura, se baseava as dinâmicas sociais em meados do século XIX:<sup>334</sup>

Na Província de Minas, encontrei três classes de gente livre: brancos, mulatos e pretos. Não falarei mais dos escravos, cuja condição é idêntica em todo o Brasil, pois já descrevi, anteriormente, a existência a que são submetidos. Os três grupos de gente livre de que falei são iguais perante a lei, mas suas diferentes condições e certos costumes arraigados promulgaram uma lei tácita muito mais rigorosa do que as leis escritas, que os brasileiros tanto sabem ignorar quando lhes convém. O poder judiciário merece pouco a confiança da população, pois todos sabem que boas relações pessoais e dinheiro conseguem vencer mesmo os maiores obstáculos (BURMEISTER, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 6).

“Em Minas” foi o título dado ao próximo e longo fragmento textual encontrado nas páginas seguintes do caderno (sete e oito), de autoria de D. P. Kidder e J. C. Fletche, encontrando no livro *O Brasil e os brasileiros – 1857 – 2º volume* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941).

Em sua narrativa, os viajantes demonstraram uma considerável curiosidade pelo que viam por onde passavam, desde noticiar sobre uma visita a uma plantação, no Paraibuna, sobre os aspectos minerais e vegetais até mesmo a experiência de terem andado em um “O carro musical”.

Sobre esse,

Separando-nos do nosso bondoso hospedeiro, viajamos para Barbacena, por estradas que podem ser utilizadas por veículos; mas o único representante do gênero móvel que vimos, foi o carro romano, que não melhorou desde os tempos das *Geórgicas*. Com efeito, todas as carruagens romanas eram do mesmo simples feitio. As rodas não giravam sobre eixos, mas eixos e rodas giravam juntos. Não se poderia ouvir música de gênero mais *fortíssimo*, do que as eles rangem quando se movem lentamente através das plantações. Informaram-me de que os brasileiros constroem esses carros de uma madeira especial, tendo em vista as qualidades musicais da mesma, para que, quando os carros são postos em movimento sob uma pesada carga e com três juntas de bois, na frente, façam a

---

334 Sobre a recorrência do tema do clientelismo e das redes clientelares, recorrente na historiografia política, na história do Brasil desde o século XVIII, Cf. GRAHAM, 1997; CUNHA, 2006.

guincharia concentrada de uma briga de mil gatos (KIDDER; FLETCHER, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 8).

Em sua oitava página, foi a vez da cidade de São João Del-Rei, em texto com título homônimo, ser visitada pelo viajante Richard F. Burton. Retirado do livro *Viagens aos planaltos do Brasil – 1868* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941), nos narra o autor que “fazendo um saudoso adeus aos nossos excelentes anfitriões, metemo-nos pelo Vale do Rio das Mortes Grande”. Em seu percurso pelos caminhos da Capitania, registrou vários elementos da paisagem, assim como de questões relacionadas as suas temporalidades<sup>335</sup> como, por exemplo, no trecho “passamos por muitas chácaras, agora em ruínas e lembrando os dias opulentos de S. João” (BURTON, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 9).

No texto “Na província de Minas”, escrito por Charles Frederick Hartt e parte do livro *Geologia e Geografia física do Brasil – 1870* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941), temos uma narrativa centrada em características mais técnicas, interessada em compreender algumas localidades da Capitania de Minas a partir de um olhar geológico e geográfico.

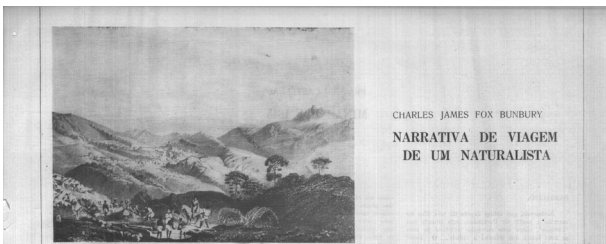
Segundo o autor,

Quem quer que lance a vista para o mapa do Brasil verá que a rica e populosa província de Minas Gerais está cercada de terras e separada do mar por serras e florestas. A Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar guarnecem-na ao sul, e a leste as costas montanhosas, conhecidas em conjunto pelo nome de Serra dos Aimorés, revestida de floresta, forma sua linha fronteira oriental (HARTT, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 9).

---

<sup>335</sup> Vale ressaltar que os relatos dos viajantes estão recheados de exemplos como esses, em que eles, ao visitar as cidades de Minas que passavam por um refluxo do período opulento da extração aurífera, constroem narrativas marcadas por mudanças significativas nas formas com a população experimentava as mudanças histórico-temporais. Nesse sentido, como afirma Hartog (2013), seria possível lê-las como manifestações marcadas por mudanças em seus regimes de historicidade.





Via São João Maurício Regenda - Viagem Pitoresca Através do Brasil. De edição especial, 1935. Dólar de Obvio Barro da Biblioteca Nacional.

CHARLES JAMES FOX BUNBURY  
NARRATIVA DE VIAJEM  
DE UM NATURALISTA

A CHAMADA de Ouro Preto, hierarquizada...  
A chamada de Ouro Preto, hierarquizada...  
A chamada de Ouro Preto, hierarquizada...

CONGONHAS DO CAMPO  
Congonhas do Campo é uma colina...  
Congonhas do Campo é uma colina...  
Congonhas do Campo é uma colina...

MAIO JOÃO DE ALMEIDA  
Almeida João de Almeida...  
Almeida João de Almeida...  
Almeida João de Almeida...

MARABÁ  
Depois de mais de 12 dias de viagem...  
Depois de mais de 12 dias de viagem...  
Depois de mais de 12 dias de viagem...

O Jantar era servido mais ou menos...  
O jantar era servido mais ou menos...  
O jantar era servido mais ou menos...

MINAS GERAIS  
suplemento  
literário

SELO HORIZONTAL - SÁBADO, 19 DE OUTUBRO DE 1973  
Av. Augusto de Lima, 278 - ANO V - N. 215 - Preço Cr\$ 1,00

Figura 37: SLMG, n. 215, ano 5, Belo Horizonte, 1970, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

JOÃO ALFREDO DE CARVALHO  
PERFIS DE VIAJANTES  
A. Anacleto...  
A. Anacleto...  
A. Anacleto...

Figura 38: SLMG, n. 215, ano 5, Belo Horizonte, 1970, p. 10. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Em sua página de número dez, lemos um fragmento intitulado “Perfis de viajantes”, de João Alfredo de Carvalho, uma compilação, ao que tudo indica, extraída das *Biblioteca Exótico-Brasileira*, *Biblioteca Exótica Pernambucana* e *Biblioteca Geográfica Brasileira* (Anais da Biblioteca Nacional, v. 77, 1957), como nos informa o próprio *SLMG*, ao final do texto. Na construção de um texto com os perfis dos principais viajantes estrangeiro que por aqui estiveram, o autor selecionou os nomes Johann Moritz Rugendas, George Gardner, Charles Frederic Hartt e John Luccock que, como vimos até o momento, compareceram, até mais de um vez, nas páginas dos cadernos especiais.

Na página seguinte, nos deparamos com um texto intitulado “Breve visita a Minas”, escrito por Luiz [Louis] Agassiz e sua esposa Elizabeth Cary Agassiz, extraído do livro *Viagens ao Brasil, 1865-66* (S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938).<sup>336</sup> Dividido em subtópicos – “A estrada ‘União e Indústria’”, “Chegada a Juiz de Fora”, “Visita ao sr. Lage”, “Passeio na floresta da Imperatriz” e “Visita ao sr. Halfeld” –, são narrados detalhes da viagem feita pelo casal de Petrópolis até a cidade mineira de Juiz de Fora, a partir de uma descrição recheada de elementos que curiosidades que foram sendo descobertas no caminho, assim como as pessoas com quem se encontraram.

Para encerrar essa nossa trajetória por essa trilogia sobre os viajantes estrangeiros no Brasil, assim como a do próprio caderno, nos deparamos com mais uma das listas ricas e minuciosas feitas pelo bibliófilo Hélio Gravatá, o incansável organizador de bibliografias sobre os mais diversos temas culturais. Sobre os viajantes, obviamente, não poderia deixar de ser diferente.

Intitulado “Viajantes estrangeiros em Minas Gerais – 1809 a 1955 – Contribuição Bibliográfica”, ocupando metade da página 11 e toda a décima segunda, última do caderno, encontramos um precioso levantamento, tanto para pesquisadores do tema quanto para aqueles leitores interessados em se aprofundarem sobre ele.

Logo abaixo do título, encontramos a seguinte nota:

---

<sup>336</sup> Sobre a expedição do casal pela Amazônia como um reforço as estratégias de legitimação de suas teorias raciais e biogeográficas, Cf. Kury, 2001.

Esta contribuição bibliográfica relaciona 45 viajantes e 55 obras, desde o primeiro que veio a Minas, em 1809, que é o inglês John Mawe, até o português Miguel Torga, que aqui esteve em 1954. São as seguintes as nacionalidades: Alemães - 10; Americanos do Norte - 2; Americanos do Sul - 1; Austríacos - 2; Franceses - 12; Ingleses - 10; Italianos - 4; Português - 3; Suíço - 1 (GRAVATÁ, *SLMG*, 1970, n. 215, p. 11).

### 5.3. Severiano de Resende: reencontro com o poeta simbolista

No final do ano de 1972, no mês de dezembro, o *SLMG* lançou um caderno especial, de número 330, destinado a recuperar, em suas próprias palavras, a memória de um escritor simbolista há tempos esquecido pela literatura mineira produzida no século XIX.

Segundo o texto de apresentação encontrado em sua primeira página,

Severiano de Resende era um simbolista esquecido quando, há pouco tempo, as atenções de poetas e críticos voltaram-se para sua obra, e promoveram a redescoberta de uma poesia importante e significativa. A vida contraditória de Severiano, entre a atmosfera medieval dos claustros de Mariana, sob o báculo de Dom Silvério, e a efervescente belle-époque de Paris, distanciou-o, quase que por completo, do conhecimento de sucessivas gerações. Ele será apenas o padre apóstata, o intelectual boêmio e, para pequeno grupo, o poeta simbolista, mais visto como o grande amigo de Alphonsus de Guimaraes. A segunda edição de Mistérios, lançada recentemente pela Universidade Federal de Minas Gerais, através do Centro de Estudos Mineiros, com introdução crítica de Henriqueta Lisboa, permite a revisão da poesia de Severiano de Resende, que o coloca entre os maiores simbolistas.<sup>337</sup> O Suplemento Literário do “Minas Gerais” apresenta vários textos sobre a vida e a poética de Severiano, além de poemas de sua autoria, destacando-se o trabalho de Henriqueta Lisboa, que vem se dedicando ao estudo do autor de Mistérios.<sup>338</sup> O monsenhor Almir de Resende Aquino, primo de Severiano, colaborou na organização desta edição especial do Suplemento Literário (*SLMG*, 1972, n. 330, p. 1).

Em sua homenagem, foi organizado um único caderno, mas com um tamanho um pouco maior do que tradicionalmente apresentaram os demais: dezesseis páginas. Nelas, foram recolhidos alguns poemas de autoria do escritor ao mesmo tempo em que foi feita uma antologia de textos escritos sobre a sua vida e obra. Para ela, foram selecionadas narrativas de diversos gêneros, que vão da crítica literária e dos perfis biográficos até textos memorialísticos escritos por seus contemporâneos e/ou amigos. É nesse espectro de narrativas sobre os itinerários do escritor, a sua produção e a obra que entraremos para tentar entender como foram construídos pelo *SLMG* os sentidos e significados à memória de Severiano de Resende.

---

337 Segundo Duarte (2010, p. 341), em *Dicionário Biobibliográfico de escritores mineiros*, por ela organizado, “como poeta, Severiano de Resende ora é identificado à estética simbolista – apesar das marcas parnasianas de sua obra, fruto da convivência com Bilac e Emílio de Menezes –, ora é colocado junto aos poetas pré-modernistas. Em todo caso, o conflito provocado pela religiosidade e pelo pecado é uma temática muito presente em sua poética”.

338 Grifos do original.

Caminhando pelo caderno especial, nos deparamos, em sua segunda página, com um texto intitulado “Os dois Severiano de Resende”, de autoria de João Dornas Filho, publicado *Estado de Minas*, 1960, e de lá retirado para a composição do caderno especial. Para o autor, haveria, pelo menos, duas dimensões do escritor, sobre as quais seria necessário versar: o homem público e poeta:

A oito de novembro de 1847, nascia um ilustre filho de Minas – ilustre pela cultura e inteligência, pelo amor à terra e as letras a que prestou os mais desinteressados serviços. Parlamentar, escritor, jornalista, professor – tudo isso foi o velho Severiano de Resende, e várias gerações lhe devem em todos esses setores da vida social as lições mais elevadas de sabedoria e compreensão humana. (...) Polemista, militou no Partido Conservador, pelo qual foi deputado provincial em repetidos biênios até 1889, tendo sido presidente da Assembleia em várias legislaturas. (...) Advogado provisionado, trabalhou no exercício da sua profissão em Ouro Preto, Bom Sucesso, Itapeçerica e outras cidades (DORNAS FILHO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 2).

É perceptível que o tom de sua narrativa é elogioso e responsável pela criação de uma imagem positivada da trajetória e das funções exercidas pelo escritor, tanto no campo da cultura como no da política. Especialmente sobre a primeira, assim se manifestou:

O nome de Severiano Nunes Cardoso de Resende figura nas letras dessa importante e tradicional cidade mineira [São João del Rei] ao lado daqueles que mais souberam honrar o seu berço natal como Aureliano Pimentel, Antônio Rodrigues de Melo, Alexina de Magalhães Pinto, Lourenço Ribeiro, Pimentel Lustosa, José Antônio Rodrigues, Modesto de Paiva, Carlos Sanzio, Gastão da Cunha, Basílio Magalhães, Mourão Júnior, Franklin Magalhães e outros tantos, que se salientaram no magistério, nas letras, na magistratura, na política e na diplomacia (DORNAS FILHO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 2).<sup>339</sup>

Para a montagem da sua terceira página, foi utilizado um texto de autoria do escritor Alphonsus de Guimaraens Filho,<sup>340</sup> intitulado “Severiano e Alphonsus”, extraído do jornal *Folha de Minas*, de 1950.<sup>341</sup>

339 A partir da toponímia da cidade de São João de Rei recente, podemos verificar que praticamente todos os escritores mencionados pelo autor se fazem presentes em nomes de ruas, praças e avenidas da cidade, o que demonstra uma certa presença e permanência de seus nomes na memória daquela cidade. Especificamente o de Resende é usado para nomear uma praça em sua região central.

340 Vale ressaltar que Alphonsus de Guimaraens Filho (1918-2008) é um dos filhos escritores, assim como João Alphonsus (1901-1944), de Alphonsus de Guimaraens (1870-1921).

341 Segundo nos é informado ao final da página, o texto de Guimaraens Filho teria sido originalmente publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, 1946, e reproduzido em 1950, no *Jornal de Minas*.

Abaixo de uma imagem de uma fotografia onde vemos os dois escritores lado a lado, lemos, em uma espécie de relato sentimental de Guimaraens Filho, que:

Severiano de Resende: aqui o tenho, num excelente retrato que ofereceu a Alphonsus, datado de S. João del Rei, 23 de janeiro de 1894. São os mesmos grandes olhos firmes e resolutos de panfletário, grossos lábios, fisionomia que mal esconde aquele entusiasmo, aquela flama, aquela vibração... Severiano foi exatamente o oposto de Alphonsus. Temperamentos antagônicos unia-os todavia a mesma fé e o mesmo e delicado culto à poesia (GUIMARAENS FILHO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 2).

No desenvolvimento de sua narrativa, o escritor traça alguns dos encontros e desencontros entre os dois escritores e amigos, mostrando algumas aproximações entre as suas produções, ao mesmo tempo em que destaca as diferenças de personalidade e envolvimento com a literatura e a vida pública.<sup>342</sup>

Seguindo pelas páginas no caderno especial, encontramos uma espécie de jornalismo literário feito por Severiano de Resende, intitulado “Malazarte de Graça Aranha”, datado de 1911, e publicado em Paris.<sup>343</sup>

Nas palavras do autor,

Neste momento, a alma brasileira, incomensurável, fantástica, versátil, rudimentar, irregular, impulsiva, tempestuosa, velada pela lenda e disfarçada sob o símbolo, vai surgir aos olhos de Paris, na sua integral nudez, tornada mais evidente pelas luzes da ribalta e pelo talento do sr. Graça Aranha. Desconheço quase a burlesca história, percebo apenas vagamente a disparatada e grotesca intriga, enlaçada fatidicamente por uma solução trágica; e a anedota do sr. Malazarte, cuja versão se esvai nas minhas reminiscências, não é pelo menos penso assim, senão um *film* de cinema tremulando em meio do nevoeiro (RESENDE, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 4).

---

342 Para um estudo que teve como foco a atuação política, social e cultural de Resende, principalmente apoiada em suas obras jornalística e literária, Cf. LIMA JÚNIOR, 2002.

343 Segundo nos informa o *SLMG*, o artigo foi publicado em francês no *L'Oeuvre* (Paris, março de 1911) e traduzido nas páginas do *Jornal do Comércio*, Rio, 31-3-1911. Sobre a importância da peça estreada em Paris, em 1911, como uma amostra significativa de como o simbolismo europeu influenciou a dramaturgia pré-modernista brasileira, Cf. CONSENTINO, 2003.



Figura 39: SLMG, n. 330, ano 7, Belo Horizonte, 1972, capa. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

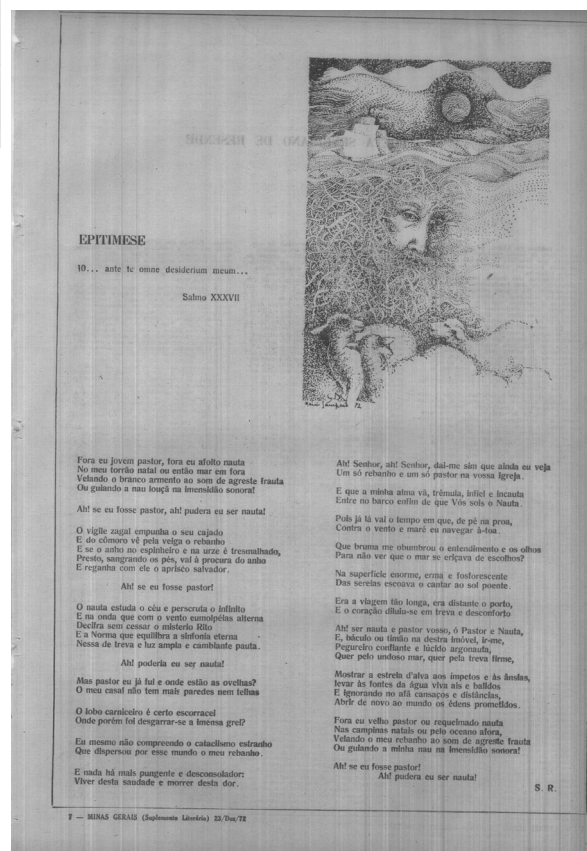


Figura 40: SLMG, n. 330, ano 7, Belo Horizonte, 1972, p. 7. Fonte: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli/ Faculdade de Letras/ UFMG.

Como nos sugere a passagem, e também alguns de seus críticos e intérpretes, como veremos ainda nesta parte, a passagem de Resende pela Europa, especialmente por Paris, proporcionou ao escritor o contato com a vanguarda literária que naquele momento, primeira década do século XX, por ali se manifestava. Segundo Dornas Filho (1972, p. 2), por exemplo, em texto acima mencionado, o escritor “morreria em Pais, bêbado e católico, rojando-se pelas igrejas, rezando, implorando para a sua apostasia a piedade dos céus”.<sup>344</sup>

Corroborando esses contatos literários na capital francesa, encontramos, na mesma página, um texto intitulado “Asturias & Severiano”, extraído do jornal *Correio da Manhã*, 1961.<sup>345</sup> Nele, lemos um relato sobre a presença do escritor mineiro em algumas rodas literárias de vanguarda francesas:

Quando, em 1959, Miguel Angel Asturias passou alguns dias no Rio de Janeiro, por ocasião do lançamento de *El Señor Presidente* em português, numa entrevista que concedeu a este Suplemento rememorou o ambiente literário de Paris nos últimos anos da década de vinte, do tempo em que escrevera o seu grande romance. Em meio a outras figuras com as quais conviveu ou apenas deparou à distância (...), lembrou ele a figura do nosso simbolista José Severiano de Resende, que nessa época continuava frequentando os cafés literários de vanguarda (SLMG, 1972, n. 330, p. 4).

Em sua quinta página, encontramos a publicação de um poema, de autoria de Resende, intitulado “Bélua”.<sup>346</sup> Em seus primeiros versos, lemos:

Como, neste lagoal surdo, surde elétrica e lesta  
A Fera? Como, sem que o passo em relvas resvasse,  
O monstro, que a campanha e a vila infesta,  
Penetra o meu castelo e vem olhar-me face a face?

(Vejo-o surgir diante de mim espelho  
Ígneo e fosforescente  
Todo tinto de verde e de vermelho,  
E senta-se sem que lhe eu diga que se sente)  
(...)  
(RESENDE, SLMG, 1972, n. 330, p. 5).

344 Ainda segundo Dornas Filho, teria sido em Paris que Resende publicou um volume contendo todos os seus livros, como “Poemas do Instinto”, “Painéis Zoológicos”, “Livro de Contrição” e “Poemas de mágoa”.

345 O texto foi publicado sem referência de autoria.

346 Não encontramos um significado específico para a palavra “bélua”. Contudo, no dicionário *on line Aulete Digital*, aparece a palavra “beluária” com um “lugar no circo onde ficavam presas as feras; bestiário. Arte de domar feras”, que nos sugere, junto as primeiras estrofes do poema, se tratar da aparição de algum tipo de animal feroz ou bestial. O dicionário encontra-se disponível em: <http://www.aulete.com.br/b%C3%A9lua> (Acessado em: ago. 2018).



Retornando para as publicações selecionadas de intérpretes ou críticos de sua obra, encontramos, na página seis, um texto de autoria de Raimundo de Menezes, denominado “Um padre na rua do ouvidor”.<sup>347</sup> Nele, somos informados mais acuradamente sobre a face religiosa do escritor, que teria marcado o início de sua vida, contraposta as escolhas que foram feitas em um segundo momento, em que Resende teria se distanciado das questões religiosas:

Da roda boêmia, comandada por Olavo Bilac, era constante frequentador o estourado padre José Severiano de Resende, um eclesiástico de talento, que se dava muito mais às coisas de literatura do que ao ministério católico, para o qual não demonstrava nenhuma vocação. Grande orador sacro, seus sermões atraíam o mundo elegante da época, que ia escutá-lo embevecido, sendo louvada a sua maneira esmerada de pregar, servido por voz clara e cheia, dissertando com elevação literária, diferente dos seus colegas de batina. Eram verdadeiros recitais de arte (MENEZES, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 6).

Mesmo atuando como “ex-sacerdote”, Menezes (1972, p. 6) afirmou que “Severiano de Resende foi sempre um espírito combativo e revoltado. Seus escritos caracterizavam-se pela violência do estilo. Na intimidade, tinha, entretanto, a voz macia e suave. Mas quando se zangava, era um perigo!”.

Essas incertezas e conflitos em relação a vida mundana, marcada pelas rodas de boêmios e círculos literários, e a vida religiosa nos parece sugerida nos versos do poema “Epitimese”, de autoria do escritor, publicados na sétima página do *SLMG* especial a seu respeito:<sup>348</sup>

Fora eu jovem pastor, fora eu afoito nauta  
No meu torrão natal ou então mar em fora  
Velando o branco armento ao som de agreste frauta  
Ou guiando a nau louçã na imensidão sonora!

Ah! se eu fosse pastor, ah! pudera eu ser nauta!

O vigile zagal empunha o seu cajado  
E do cômodo vê pela veiga o rebanho  
E se o anho no espinheiro e na urze é tresmalhado,  
Presto, sangrando os pés, vai à procura do anho  
E reganha com ele o aprisco salvador.  
Ah! se eu fosse pastor!  
(...)  
Mas pastor eu já fui e onde estão as ovelhas?  
O meu casal não tem mais paredes nem telhas

347 Não foi publicada nenhuma informação sobre de onde foi extraído o texto e/ou a sua data.

348 Sobre essa questão, Cf., nesta tese, as considerações feitas por Duarte (2010), na nota 342.

O lobo carniceiro é certo escorracel  
 Onde porém foi desgarrar-se a imensa grel?  
 (...)

(RESENDE, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 7).

Sobre a complexidade e as fronteiras estéticas da produção literária do autor, Henriqueta Lisboa, em o “Poeta Severiano de Resende”, nos traz algumas pistas para o seu melhor entendimento.<sup>349</sup> Para a autora, seria possível conectar a poesia do escritor tanto com alguns gêneros literários anteriores, como o próprio barroco, e até mesmo com manifestações artísticas que viriam depois, como o modernismo. Nesse sentido, a ele poderia ser conferido o posto de “precursor”, de certa forma, das vanguardas que despontarão no Brasil nos anos 1920:

Ao publicar em Lisboa, no ano de 1920, seu único livro de versos, intitulado *Mistérios*, o mineiro José Severiano de Resende inscreveu-se, de modo altamente significativo, no mapa da poesia brasileira. Poderemos, sem dúvida, classificá-lo como simbolista, em seus fundamentos. Porém há que examinar-lhe o gosto parnasiano, o delírio romântico, as marcas do humanismo, os suportes barrocos, a realidade mística e, ainda, as inovações que o credenciam como vanguardista, antes do modernismo de 22.<sup>350</sup> A estrutura dessa obra é de extrema complexidade (LISBOA, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 8).

Ainda sobre algumas das principais qualidades ou características que Lisboa encontrou no trabalho literário de Resende, a autora salienta que outras leituras poderiam ser feitas, principalmente no que diz respeito ao campo espiritual na obra do escritor:

Da concepção espiritual da existência em que se baseia, decorrem as seguintes características: insatisfação do que possa oferecer a vida real, fuga para mundos imaginários, substituição do natural pelo sobrenatural, radicalismo de conceitos e sentimentos, visão cósmica do universo, filosofia

349 Como nos informa o *SLMG*, o texto da escritora foi extraído da “Súmula do Prefácio à 2ª edição de *Mistérios*, organizada por Henriqueta Lisboa e publicada pelo ‘Centro de Estudos Mineiros’ da UFMG” (LISBOA, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 8).

350 Essas relações talvez merecessem uma investigação mais acurada. Por ora, como um pequeno exemplo, ressaltamos a referência feita ao poeta simbolista pelo escritor paulista Oswald de Andrade, quando esse esteve em viagem pela França, no ano de 1923, e por lá pronunciou uma conferência intitulada “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”, na Sorbonne. Nela, ao se referir sobre a importância do pensamento de Farias Brito para o movimento intelectual brasileiro, comenta que “dois livros precedem, como documentos, a obra do mestre Farias Brito. Refiro-me às *Religiões do Rio*, de João do Rio, que trouxe para as letras brasileiras um contingente pitoresco, e ao *Meu flos Santorum*, de Severiano de Resende, que é o romantismo do pensamento católico” (ANDRADE, 1992, p. 30). Essa conferência foi inicialmente publicada em francês na *Revue de l’Amérique Latine* 2, n.º. 5, Paris, 1923; em português, na *Revista do Brasil*, n.º. 96, São Paulo, dezembro de 1923.

cristã, situação conflitiva entre o bem e o mal, esperança de salvação individual e coletiva, intensa vida interior refugiada na arte e em Deus, assim como atrações demoníacas (LISBOA, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 8).

Voltado para as questões do campo literário, nos deparamos com um texto intitulado “O estudante Literário”, publicado por Moura Campos, no jornal *O Diário*, em 1958, e selecionado para fazer parte do caderno especial do *SLMG*. Contudo, o autor nos informa que não foram poucas as dificuldades encontradas por Resende, principalmente no que tange a questão da obtenção do reconhecimento do seu valor intelectual:

Imposição e imprudência, alidada a ignorância, nem sempre são bons conselheiros. A história da humanidade está cheia e transbordante de casos semelhantes, conhecidos até em nossos dias. Reconhecer o mérito e o valor intelectual dos semelhantes ou subalternos, sem paixão ou inveja, é uma virtude indispensável aos homens de formação moral elevada e, mais particularmente, aos orientadores da mocidade, que devem estimular e jamais rebaixar por meros preconceitos disciplinares a evolução mental ou a expressão de talento dos que as revelam para criações maravilhosas e edificantes. Foi essa a conclusão a que chegamos com relação à personalidade de Severiano de Resende. Ele venceu a dura parada de provações, muitas das quais imerecidas, quiçá intoleráveis – prova evidente e indiscutível de que sua vocação sacerdotal estava positivamente definida. De outra maneira teria novas atitudes, revoltando-se contra tudo que o aborrecia e o humilhava tão cruelmente (CAMPOS, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 10).

Dentre as suas especificidades, em relação aos estudos de línguas estrangeiras, o autor ressalta que o escritor apresentava um domínio amplo de um número considerável delas. Esse amplo espectro de possibilidade de leitura e escrita possivelmente deve ter favorecido o contato do escritor com as literaturas produzidas nas respectivas línguas e, ao mesmo tempo, uma entrada mais facilitada na “república mundial das letras”:<sup>351</sup>

Poliglota apaixonado, conhecia, além do vernáculo, que venerava com o especial carinho que deve ser tributado a língua mater, Latim, Francês, Inglês, Alemão, Italiano, existindo em todas esses idiomas trabalhos seus burilados com maestria e especial elegância nas entonações próprias a cada língua (CAMPOS, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 10).

Ao avançarmos pelo *SLMG*, em sua página 11 encontramos uma nova narrativa que reivindicou e discutiu novamente a memória do escritor para o âmbito

---

351 Essa expressão é da pesquisadora e crítica da literatura Pascale Casanova (2002).

religioso. Intitulado “Severiano, homem de fé”, o texto foi escrito pelo Monsenhor Almir de Resende Aquino.<sup>352</sup> O sentido de sua construção discursiva centrou-se na defesa e realocação, como sugerido no título, da imagem do escritor como alguém que nunca perdeu a sua fé, que, mesmo deixando de processar o sacerdócio, continuou fiel as suas convicções:

É preciso descobrir em José Severiano de Resende o homem de fé, que nele existia. Originava-se de família tradicionalmente católica, educado por mãe piedosa e santa, mas isto não basta para explicar-se a convicção religiosa, a firmeza inabalável de uma fé esclarecida, que sempre sustentou até na desdita (AQUINO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 11).

Segundo nos informa o autor, na mocidade o escritor teria frequentado a Academia de Direito de São Paulo e ingressado posteriormente no “venerando” Seminário de Mariana. Em sua trajetória, “foi um jovem de ideal e um homem de fé convicta, que se tornou padre por vocação e com autenticidade” (AQUINO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 11). De uma maneira geral, o autor tentou defender o escritor de algumas acusações que foram feitas a ele no que diz respeito a sua falta de vocação para o sacerdócio. Contudo, segundo defende o Aquino, “a falta de documentos que nos informem melhor sobre as incompreensões e injustiças sofridas em Mariana, São João del Rei e no Rio de Janeiro, devemos optar pelos seus próprios depoimentos, em suas obras” (AQUINO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 11).

Curiosamente, diferente das leituras até aqui encontradas, que ora reivindicou as suas obras como precursoras das literaturas romântica ou mesmo modernista, ora as entenderam como mostra de uma dubiedade temática, que a aproximaria do barroco, Aquino a entende com manifestação de uma forte ortodoxia religiosa. Esse exemplo, portanto, parece nos oferecer um bom ponto para pensarmos nas disputas pelas memórias do escritor, (re)encenadas nas páginas do *SLMG* e colocadas à disposição para a leitura e ampla circulação:

O mesmo homem de fé e até delicada piedade cristã que já não mais assinava “padre”, mostra sua verdadeira face de homem de Fé no seu “*O Meu Flos Sanctorum*”, que não é apenas um livro de literatura agiográfica, mas um livro que trata, em capítulos de uma ortodoxia fielmente conservadora, os dogmas sobre a Santíssima Trindade, a Redenção do Filho de Deus, a Encarnação, a Virgindade e Maternidade de Maria (AQUINO, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 11).

---

352 No corpo do texto publicado, não há nenhuma referência de sua procedência.

Compondo as três próximas páginas, de números 12, 13 e 14, encontramos um longo e detalhado estudo sobre a escola simbolista e suas reverberações no Brasil. De extrato acadêmico, próximo de um artigo científico com o mesmo fim comumente encontrado hoje em revistas do gênero, o texto foi publicado com o título “O simbolismo e José Severiano de Resende”, da autora Maria José de Queiroz.<sup>353</sup> Nele, encontramos um vasto e rico panorama contextual dos antecedentes que proporcionaram o surgimento do gênero, suas principais características e significados, assim com seus principais expoentes, principalmente europeus:

O delírio materialista do século XIX, fruto do rigor científico e do culto do real (*res, rei*) e do concreto, invadiu a literatura, comoveu musas e poetas, deixando-nos como principal legado o fervor positivista e a paixão das ideias. Grande século, sem dúvida. Contudo, o gosto da precisão, o interesse pelo fenomenalismo e a crença na imobilidade das coisas sacrificaram-se a bem da mesma ciência que os sugerira e informara. Ao advento do evolucionismo bergsoniano excessivo, pôs em sobressalto a bem nascida segurança do racionalismo materialista. A vaguidão romântica voltou à cena na confissão sincera de Poincaré, incapaz, ele próprio, de desvendar com as luzes da ciência os mistérios metafísicos. As teorias do inconsciente, de Hartmann, os estudos sobre o Incognoscível, de Spencer, prenunciam desde então a importância mais tarde atribuída aos fenômenos bio-psicológicos (QUEIROZ, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 12) .

Esse seria o quadro mais amplo, sobre o qual o “Naturalismo generalizador e determinista que assimilou, à maravilha, a lição da ciência, sucede o Simbolismo cujos valores, de difícil apreensão, se fundam no fugidio e no improvável”, segundo nos explica a autora. Para ela, “o manifesto simbolista de 1886 vem apenas confirmar, em França, que a tendência literária se transformara em letra e corpo de doutrina” (QUEIROZ, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 12).

Por aqui, contudo, um Simbolismo à brasileira apresentou algumas características próprias e enfrentou uma sorte considerável de dificuldades:

Alphonsus de Guimaraens (...) exerceu sereno pontificado sobre o grupo mineiro (...). Hoje, realmente, todo o Simbolismo brasileiro se explica e se estuda a partir da sua obra e da de Cruz e Souza. Sobreviveram os dois. Apenas. Contra os demais conspirou o silêncio. Míngua de talento? Não, nada disso. Foram vítimas, todos, da hostilidade do meio à sua poesia e,

353 Em seu perfil na *Wikipédia*, encontramos a seguinte descrição sobre a pesquisadora: “Aos 26 anos, tornou-se a mais jovem catedrática do país e, por concurso, sucedeu o professor Eduardo Frieiro na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde lecionou Literatura Hispano-Americana. Doutorou-se em Letras Neolatinas pela mesma instituição”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Jos%C3%A9\\_de\\_Queiroz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Jos%C3%A9_de_Queiroz) (Acessado em: ago. 2018).

também, da própria vocação ao isolamento (...) (QUEIROZ, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 13).

De uma forma geral, os pontos de vista defendidos pela autora não se distanciam tanto dos principais argumentos encontrados nos textos selecionados para a composição do caderno. Há neles também a menção constante da ideia de uma “hostilidade” encontrada pelo meio literário, assim como pelo público leitor, às obras simbolistas dos escritores brasileiros. Seu diferencial, contudo, encontra-se na amplitude de seu estudo, ao mostrar um contexto mais alargado de compreensão histórica e sociológica, diríamos, do funcionamento da “república das letras”.

Sobre o trabalho feito por Resende em sua literatura, Queiroz (1972, p. 14) salienta a sua aproximação com o parnasianismo francês: “nos *Mistérios* há que estimar o legado dessa tríplice origem: religiosa propriamente dita, parnasiana (à Baudelaire) e simbolista”, o que, também, nos parece uma diferença de interpretação da autora em relação aos outros textos analisados até aqui.<sup>354</sup>

Para a composição da página de número 15 do *SLMG*, nos deparamos, mais uma vez, com um levantamento feito pelo bibliófilo Hélio Gravatá, intitulado “Bibliografia de e sobre José Severiano de Resende”. Em um universo de obras levantadas que abrangeu 53 títulos, alguns deles artigos publicados em periódicos, sua listagem foi dividida entre: “Parte 1: trabalhos de Severiano de Resende” e “Parte 2: trabalhos sobre José Severiano de Resende” (GRAVATÁ, *SLMG*, 1972, n. 330, p. 15).

E, para fechar esse caderno especial, foram publicados quatro poemas de autoria do escritor, intitulados “O leão”, “O castelo” e a “A girafa”, ambos sonetos, e o “Hino ao homem venturo (fragmento)”, um poema em versos livres.

Assim, se os cadernos selecionados por nós como representantes do trabalho feito pelo *SLMG* a respeito da produção intelectual e cultural sobre o século XIX foram marcados pelo interesse por um escritor romântico como Guimarães, os viajantes estrangeiros que por aqui estiveram ou por um poeta simbolista pouco conhecido entre nós, ao avançarmos para o século XX, tema do próximo capítulo,

<sup>354</sup> Sobre a publicação da obra do autor, Queiroz (1972, p. 14) nos informa que: “*Mistérios*, o único livro de versos de José Severiano de Resende, publicou-se em Lisboa em 1920. A obra, quase desconhecida em Minas Gerais, mereceu de Henriqueta Lisboa excelente estudo crítico à guisa de Introdução a esta edição patrocinada pela Universidade Federal de Minas Gerais. A fim de torná-la acessível ao público de poucas letras e nenhum latim, o professor José Lourenço de Oliveira dotou-a de um glossário *ad usum vulgi*”.

perceberemos que o interesse do caderno recaiu sobre as manifestações do modernismo em suas diversas facetas, do literário ao político, na tentativa de valorização do que foi produzido em Minas Gerais. Como nos dois capítulos trabalhados nesta parte da pesquisa, também procedemos a uma seleção daqueles que julgamos mais representativos do trabalho feito pelo *SLMG* em relação, agora, ao século XX.

## Capítulo 6: Galerias abertas à memória cultural de Minas novecentista

### 6.1. João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo

No ano de 1967, veio a público um caderno organizado em homenagem ao escritor modernista mineiro João Alphonsus. Editado como número 33, a edição foi publicada com o título “João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo”. O mote para escolha da data se justificou pela data de comemoração da publicação do aniversário dos 40 anos de publicação do conto “Galinha Cega” do escritor. Segundo o *SLMG*, “em Minas, ao que tudo indica, foi o conto publicado pela primeira vez no ‘Diário de Minas’, o velho jornal do Partido Republicano Mineiro”. O conto teria sido publicado “na segunda página da edição de 3 de agosto de 1927. Era um número comemorativo do início do 19º ano de vida do jornal” (*SLMG*, 1967, n. 33, p. 7).<sup>355</sup>

Organizado em seu formato mais recorrente, 12 páginas, o caderno contou com a seleção textual e de imagens do escritor e sociólogo Fernando Correia Dias.<sup>356</sup> Para a sua realização, foram compilados, em forma de antologia, textos de críticos, trechos de depoimentos de intelectuais e escritores sobre João Alphonsus, poesias do autor, enfim, um leque diverso de referências que foram consideradas importantes, pelo seu organizador e pelo *SLMG*, para informar o público leitor sobre a vida e obra do escritor. Nesse sentido, podemos perceber que as formas de organização não sofrerão variações consideráveis, independentemente da época de feitura dos cadernos, se nos anos de 1960 ou 1970, ou sobre o tema ou contexto histórico, se sobre os séculos XVIII, XIX ou XX. Podemos afirmar, portanto, a existência de uma continuidade nas formas de concepção e manutenção das publicações especiais, sendo o *SLMG* um veículo marcado por um certo padrão formal. Essa questão nos parece relevante, pois, se podemos afirmar que ele lidou com o passado da cultura mineira a partir de um trabalho monumentalizador da memória, também a sua forma e estrutura nos permite constatar um forte componente tradicionalista.

---

355 Dos cadernos especiais organizados sobre escritores ou temas do século XX, esse não foi o primeiro organizado e lançado pelo *SLMG*. Antes da sua feitura, tivemos os seguintes números e temas: “Cyro dos Anjos” (n. 16); “Natal, poesia e prosa” (17); “Revista Verde” (19); “Carnaval na Literatura” (23) e “Semana Santa” (29).

356 Dias publicou, dentre outros estudos sobre o escritor, o livro intitulado *João Alphonsus: Tempo e Modo*, que veio a público no ano de 1965.



Mesmo com as mudanças em sua equipe de redação, podemos constatar que as variações em seu formato editorial foram pequenas, o que lhe confere uma imagem de caderno “comportado”, posição essa que também ficou bem demarcada nas opiniões sobre o *SLMG* recolhidas com alguns de seus antigos membros.

Sobre o caderno, o seu texto de apresentação, que ocupou uma página inteira com algumas informações e elogios a vida e obra do escritor homenageado, nos informa, logo em seu início, sobre o sentido e os porquês da escolha de João Alphonsus como tema:

A edição de hoje dedicamos a João Alphonsus e sua obra seria imprescindível na série com que estamos documentando os grandes momentos da literatura contemporânea em Minas Gerais. O nome desse escritor apareceu impresso, pela primeira vez, assinando matéria literária, há quase meio século. Seus primeiros poemas, publicados na revista *Fon-Fon*, do Rio, em 1918, quando ele era apenas um adolescente de dezessete anos, marcam o início de uma carreira de escritor que se realizou em plenitude: foi sempre fiel a essa vocação tão cedo manifestada (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

Ao chamar a atenção para as publicações e para a produção literária e cultural do escritor, o *SLMG* também aproveita a oportunidade para ressaltar o seu compromisso em identificar, valorizar e propagar a memória da cultura contemporânea produzida no estado de Minas, principalmente a partir do seu trabalho/ato de documentá-la, como expresso na passagem acima. Curiosamente, em uma ordem inversa da que escolhemos para a montagem dos estudos dos nossos capítulos 4, 5 e 6, qual seja, de organizá-los em uma linha cronológica de sucessão temporal pelos séculos, os primeiros cadernos especiais do *SLMG* foram feitos sobre o século XX. Como demonstramos e analisamos em nosso quinto capítulo, os dois cadernos sobre a temática do barroco foram publicados depois, nas edições de número 45 e 46, mesmo que também em 1967. Não houve, portanto, da parte dos responsáveis pela organização e manutenção do *SLMG*, em suas diferentes composições da redação, uma efetiva orientação que determinasse uma mínima organização por épocas, temáticas ou mesmo homenageados. Ao que nos parece, as escolhas eram feitas ao sabor das ocasiões, que podiam ser aniversários de escritores ou de intelectuais, de obras ou mesmo de morte.



Como veremos em outras passagens da apresentação a seguir, falar de alguns dos principais escritores dos anos de 1920 de Belo Horizonte é, inevitavelmente, rememorar o modernismo. Herdeiro e próximo dos principais escritores que desfilaram (e ainda desfilam) entre os modernistas mineiros daquele período, o *SLMG* não deixou de, ao homenagear o escritor, também tocar nessa questão. Ao mesmo tempo, serão de seus escritores que uma parte das narrativas sobre a importância de João Alphonsus vão ser extraídas. Dias, aliás, é o autor de um dos primeiros estudos, hoje um clássico, sobre o grupo modernista da cidade<sup>357</sup> e um pesquisador que sempre esteve envolvido com as investigações e discussões a respeito do lugar de Minas na cultura brasileira, principalmente a partir de um olhar regionalista. Para o autor, as contribuições do escritor nesse encontro (do regionalismo com o modernismo) foi inequívoco: “o movimento modernista foi, em Minas, um belo instante de afirmação da consciência regional. E João Alphonsus foi protagonista destacado do grupo modernista belorizontino, como intelectual de vanguarda” (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

Ainda para Dias,

[João Alphonsus] foi o mais típico e o mais consciente prosador do modernismo mineiro. Em outras palavras, foi o prosador mineiro do modernismo, quando esse grande movimento intelectual eclodiu no País. rompendo as convenções, até mesmo as tradições familiares, lança-se o escritor em aventuras fecundas. Conscientemente, passa a defender o ideal de um modo brasileiro de escrever, ao lado da escolha de uma temática também brasileira para os trabalhos literários. Alguns de seus contos, densos de humanidade, trágicos ou líricos, incorporaram-se ao elenco das obras-primas do gênero na literatura brasileira (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

Sobre a apresentação da trajetória e dos interesses intelectuais do escritor, Dias ainda nos informa que

(...) João Alphonsus se realizaria, principalmente, como prosador. Jornalista, dedicou-se à crônica diária, aos artigos, à redação de editoriais e notícias; ensaísta, redigiu rodapés de crítica e artigos eruditos sobre temas literários. Há alguns desses textos de João Alphonsus que mereceriam chegar ao conhecimento dos leitores de hoje – mas ficaram perdidos nas páginas esquecidas de jornais, provincianos ou não. Onde, entretanto, João Alphonsus colocou com flama o seu talento de escritor foi nos escritos de ficção. Nos dois romances – *Totônio Pacheco* e *Rola Moça* – e,

---

357 Cf., por exemplo, DIAS, 1971.

principalmente, nos contos é que venceu sua passagem pela literatura de Minas (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

Seus escritos, principalmente os romances, que também podem ser pensados como portadores de um considerável realismo urbano, carregam um valor como fontes para se entender a paisagem do passado da capital mineira. Segundo Dias, eles “ficaram como testemunho de uma época na paisagem humana de Belo Horizonte. Sob o aspecto documental, tornaram-se indispensáveis à compreensão da história social da cidade” (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

Ao alto valor de sua obra, ainda segundo a apresentação feita pelo *SLMG*, comparava-se também a sua grandeza como homem. Como podemos perceber, elogios e a exaltação tanto da figura do escritor como de sua obra são alvos de constantes enunciações, dotando ambas de um caráter quase imaculado:

A admiração de que desfrutava decorria não apenas do alto nível de suas aptidões, mas também de sua grandeza humana, que tantas marcas deixou em nosso meio: tantas amizades, principalmente. Homem arreado e desprezado, suscitou, todavia, grandes admirações e sua memória tem merecido um culto vivíssimo (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

Curiosamente, toda essa “ode” à figura do escritor e de sua obra parece orientada para o fato de que a sua produção literária estaria caindo no esquecimento, principalmente para as “novas gerações”. Ou seja, haveria a necessidade do engrandecimento do nome do escritor para, concomitantemente, reinscrevê-lo, assim como a sua produção, nas páginas monumentais da produção e do gosto literário nacional. Com efeito, essa sobrevalorização da imagem de um escritor e da importância de sua obra nos parecem parte de uma operação que se quer capaz de, ao mesmo tempo, (re)inventar e monumentalizar um determinado sentido de leitura sobre o passado. Um corolário possível dessa afirmação pode ser conferido nas próprias páginas do *SLMG*, uma vez que toda a seleção, organização e antologização conferem ao homenageado e sua obra uma leitura harmônica e lisa, pouco afeita ao dissenso ou às contradições.

Nas palavras de Dias, assim se justificou o empreendimento da escolha do nome de João Alphonsus e a necessidade de reintroduzi-lo no universo de escritores

que mereciam não perder o seu suposto lugar na estante dos importantes escritores mineiros da contemporaneidade.

A recente reedição de seus contos (*Contos e Novelas*, Editora do Autor, Rio) recoloca nas mãos das novas gerações parte da obra de um escritor injustamente desconhecido por tantos cultores das letras. O julgamento de sua obra deverá fazer-se mediante a consideração do contexto histórico em que surgiu. O gosto literário, na expressão e nos temas, terá variado e mudado muito desde que apareceu o admirável conto *Galinha Cega*, nos idos de 20. Nenhuma restrição, contudo, mesmo fundamentada, que se faça aos escritos de ficção de João Alphonsus lhe retirará esta glória: a de um pioneiro – paradoxalmente, um homem tímido –, que sacudiu o marasmo literário provinciano, com um ardor juvenil, criando um mundo imaginário inovador para o seu meio e a sua época. Seu lugar está assegurado em definitivo: é o iniciador da ficção moderna em Minas (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 1).

De uma forma geral, o caderno organizado por Dias utilizou-se de vários pequenos textos que fizeram algum tipo de apreciação positiva da obra de João Alphonsus. Para montá-lo, ele selecionou pequenos fragmentos, talvez ao valorizar a ideia de montagem fragmentada ou mural colocada por alguns escritores modernistas, que pressupõe a síntese e a precisão em detrimento da descrição prolixa ou verborrágica de outros períodos literários, como o romantismo, por exemplo.<sup>358</sup> Nesse sentido, encontramos os textos “João Alphonsus em poucas palavras”, de autoria do crítico da literatura Fábio Lucas. Nele, lemos razões próximas das que orientaram o texto de apresentação de Dias e pontos que parecem se complementar para dar sentido à (re)valorização do escritor:

É preciso reler, vez por outra, João Alphonsus. É preciso alcançar-lhe o “sobredentro”, ir além das suas consagradas virtudes. A leitura dirigida tomaria um conjunto dos melhores contos brasileiros desse século, de marcante influência na implantação do modernismo: *Galinha Cega*, *Sardanapalo*, *Eis a noite!*, *Mansinho*, *Foguetes ao longe*. Depois, mostraria a importância histórica de sua obra, com a vitória do movimento que abraçou, onde ela, principalmente o conto, representa um dos momentos mais felizes (LUCAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 2).

---

<sup>358</sup> Como exemplo, vale ressaltar que o romance mais conhecido de João Alphonsus, o *Totônio Pacheco*, é uma obra curta com capítulos enxutos, bem próximo da concisão postulada pelas principais vertentes do modernismo brasileiro como, por exemplo, nos manifestos de Oswald de Andrade ou mesmo nas obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, ou *Cobra Norato*, de Raul Bopp.

Ainda segundo o Lucas (1967, p. 2), “força é voltar a João Alphonsus e ir recolhendo parcelas de bom gosto e de fina criação literária. Um território que ainda desafia a crítica”.

Logo a seguir, na mesma página, nos deparamos com uma “Pequena biografia do escritor”, em que nos são apresentados alguns detalhes sobre sobre a sua vida e obra. Nela, narra-se as primeiras inclinações de João Alphonsus para as letras, passando por sua juventude, as rodas literárias, o trabalho com o jornalismo, até a sua imagem legada à posteridade.

No mesmo sentido do primeiro texto, na página três foram reunidas várias pequenas impressões e leituras de alguns escritores, alguns dos ciclos de amizade (literário ou não) do escritor, que se posicionaram a seu respeito e de sua obra. Intitulado “O contista, segundo a crítica”, nele foram reunidos fragmentos de Sérgio Milliet, Vinícius de Moraes, Waltensir Dutra e Fausto Cunha, Mário de Andrade, Afonso Arinos de Melo Franco, Wilson Castelo Branco, Nelson Werneck Sodré, Alceu Amoroso Lima, Lúcio Cardoso, Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa.<sup>359</sup> Em todos eles, mesmo com análises de questões ou mesmo de pontos de vista diferentes, são unânimes na afirmação de João Alphonsus foi um importante escritor. Para ficarmos com apenas um, leiamos o que nos diz Alceu Amoroso Lima:

(...) não vou além do que já sabia, isto é, que a literatura de João Alphonsus, tão cheia de desconforto na sua ironia e na sua cruel desmontagem do ridículo e da insatisfação pequeno-burguesa, é uma literatura humana, terrivelmente, miudamente, dolorosamente humana (LIMA, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 3).

Completando esse primeiro momento de informações a respeito do escritor, temos, em seguida, duas pequenas referências montadas para que o leitor se orientasse sobre “Onde ler João Alphonsus”, com uma pequena lista com referências às publicações do autor, e “Adendo à bibliografia”, organizada novamente com a ajuda de Hélio Gravatá. Sobre essa lemos que a “bibliografia

---

359 Estratégia similar foi adotada em uma parte da página cinco, e foi intitulada “O romancista, segundo a crítica”. Para ele, foram reunidos pequenos trechos de declarações dos escritores Emílio Moura, Cyro dos Anjos, Wilson Castelo Branco, Aires da Mata Machado Filho, Manoel Anselmo e Otto Maria Carpeaux. Um pouco diferente, mas também com passagens recolhidas de opiniões de escritores e/ou intelectuais, encontramos o texto “Há mais de quarenta anos Galinha Cega corre mundo nas antologias”. Em sua narrativa, lemos um pouco sobre alguns detalhes da vida do escritor e de como e quando o seu conto mais aclamado, “Galinha Cega”, foi publicado e, posteriormente, republicado em outros países.

organizada (...) para a edição do livro de Fernando Correia Dias, *João Alphonsus: Tempo e Modo* (Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, UFMG, 1965) é a mais completa até agora aparecida sobre o ficcionista mineiro” (*SLMG*, 1967, n. 33, p. 3).

Para a composição de sua quarta página, o caderno trouxe um texto que distanciou um pouco do que havia sido mostrado até o momento. Para ela, foi selecionada uma crítica escrita por João Alphonsus ao primeiro livro publicado por Carlos Drummond de Andrade, em 1930, intitulado *Alguma poesia*. Em texto nomeado “Surgiu em Minas um grande livro”, assim foi apresentado ao leitor do caderno:

Um dos primeiros registros críticos aparecidos na imprensa brasileira sobre *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade (Edições Pindorama, Belo Horizonte, 1930) foi o que fez João Alphonsus, em sua *Crônica Literária*, publicada semanalmente pelas colunas do “Estado de Minas”. Transcrevemo-lo com um duplo objetivo de colocar ao alcance do público um texto representativo da crítica literária que João Alphonsus praticava a esse tempo, e de lembrar os laços de amizade que uniram os dois escritores. A ligação entre ambos tem sido sempre lembrada com a anotação de que o contista representou, na prosa modernista de Minas, papel semelhante ao que Carlos Drummond de Andrade assumiu no campo da poesia (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 4).

Para o escritor, por seu turno, a provocação parecia ter endereço certo: a pacata vida literária que ele sugere se fazer presente naquela Belo Horizonte dos finais dos anos de 1920 e início da década de 1930:

O acontecimento teria dado uma sacudidela benfazeja na estagnação do brejo literário, onde os sapos ao que parecem estavam calados para sempre? Não sei. Por enquanto, ainda não percebo sinais disso, e apenas, se muito, uns estremecimentos irritados. A massa dos nossos literatos não parece ter percebido muito claramente o aparecimento de um novo e desconcertante livro de verso desconcertante, mas logo para essa massa indiferente (ALPHONSUS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 4).

Em sua quinta página, o caderno especial publicou um texto intitulado “Falamos doutores de 30: João Alphonsus e Guimarães Rosa”,<sup>360</sup> de autoria de Fernando Correia Dias. Em sua composição, o autor se utiliza de uma solenidade de colação de grau ocorrida no ano de 1930 em que estavam presentes os dois escritores para analisar como ambos se apropriaram, de formas diferentes, de alguns

---

<sup>360</sup> No tópico 7.2 desta tese, analisaremos um dos cadernos (número 65, 1967) dedicados ao escritor, que recebeu o nome de “Guimarães Rosa: sua hora e vez”.

acontecimentos deles contemporâneos, principalmente em seus sentidos políticos. Para ele, houve aproximação entre os discursos, mas também “um traço diferente: enquanto o de João Alphonsus se ocupa de temas políticos, analisando a Revolução de 30, Guimarães Rosa se prende apenas aos temas profissionais num sentido bastante restrito” (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 5).

Para Dias, o tema importou porque trouxe também uma possibilidade de entender como o contexto da “Revolução de 30” ocorrida no Brasil alterou algumas relações sociais e trouxe alguns deslocamentos de sentido:

Mais do que hoje, as solenidades de colação de grau, em Belo Horizonte, eram, há algumas décadas, acontecimentos concorridos e destacados. A imprensa os realçava. A escolha de oradores de turma e de paraninfos atraía gerais atenções. No ano de 1930, os jornais deram o destaque habitual a essas festas. A Revolução ocorrida pouco antes deslocava, entretanto, os outros acontecimentos para um segundo plano; e também as festas foram um pouco empanadas por uma crise irrompida na Universidade, com a renúncia do Reitor Mendes Pimentel (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 5).

Ao mesmo tempo, o autor quis ressaltar a ligação das formaturas de 1930 com a vida literária. Para Dias (1967, p. 5), “coincidentemente, nesse ano, dois oradores de turma estão vinculados à literatura: João Alphonsus (dos bacharéis em Direito) e João Guimarães Rosa (dos médicos)”. Contudo, eles ainda ocupavam lugares diferentes no mundo das letras. Alphonsus já era possuidor de algum prestígio literário, enquanto Rosa “já se salientara pelos dons intelectuais, era bem moço (22 anos) e não era conhecido como escritor, condição em que se revela de fato muitos anos depois”. Contudo, ambos acabariam por seguir caminhos distintos desses que se anunciavam quando de suas formaturas:

Curiosamente, João Alphonsus, tão crítico ante a mentalidade bacharelesca, iria, por toda a vida, ser um bacharel militante, auferindo daí a sua subsistência, como promotor e auxiliar da Procuradoria do Estado; e Guimarães Rosa, tão deslumbrado ante a profissão de médico, iria abandoná-la depois, em nome de outra vocação que lhe falou mais alto: a diplomacia (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 5).

Como não poderia deixar de ser, pelo menos enquanto pensamos em quantos enunciados reiteraram a importância do texto em relação à produção ficcional do escritor, o conto da “Galinha Cega” foi reproduzido na íntegra no



caderno. Publicado em sua sexta página e em uma parte da sétima, ele contou com a ilustração do artista plástico Álvaro Apocalipse.<sup>361</sup> Completando o quadro das publicações do escritor que mais se destacaram no mundo das letras, também foram publicados, nas páginas de número 10 e 11, respectivamente, os contos “Sardanapalo” e “Eis a noite!”.

Em “A face humana de João”, de autoria do escritor e jornalista Paulo Mendes Campos, temos um depoimento sentimental a respeito dos últimos dias de vida de Alphonsus.

Conheci pouco João Alphonsus. Talvez tenha mesmo estado mais tempo com ele durante a morte do que a soma de todos os momentos que passei perto dele vivo. O seu jeito arredio me afastava de uma procura maior. Eu não sabia bem o que significava aquele sorriso pendurado na extremidade esquerda de seus lábios. Hoje que a morte me obriga a fixar-lhe as perspectivas humanas, sei que aquele riso irônico era timidez e bondade (CAMPOS, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 8).

Para Campos (1967, p. 8), mesmo “diante da morte [Alphonsus] se interessava pelas coisas do mundo, pela política, pela guerra, pela condição humana cada vez mais melancólica de nossos tempos”. Sobre a sua produção literária, mesmo nesse momento, ele teria chegado a contar para o escritor Emílio Moura “que tinha pronto na cabeça o seu melhor conto, dessa vez a história de um cachorro”.

Em “Sobre o amigo e patrono”, escrito por Juarez Felicíssimo em razão de seu discurso de posse do escritor, também versa sobre questões de amizade e sobre o tempo em que conheceu o escritor. Somado a isso, também lemos algumas referências à trajetória do escritor, demarcadas por algumas situações vividas por eles e outros escritores amigos na cidade de Belo Horizonte do início do século XX:

Conheci João Alphonsus há perto de quarenta anos, quando ele trabalhava, juntamente com Carlos Drummond de Andrade, na redação do antigo “Diário de Minas”, naquele casarão vermelho esquina da rua da Bahia com Guajajaras que, para o bem da cidade e o mal dos saudosistas, foi há pouco demolido. Eram dois amigos inseparáveis, ele e o Carlos Drummond,

---

361 Aliás, talvez não seja exagerado afirmar que, aos poucos, seus desenhos foram sendo usados em momentos-chaves da produção do *SLMG*, o que nos leva a pensar no artista como uma espécie de “desenhista oficial” do caderno ou aquele que, aos poucos, foi ocupando esse espaço. Contudo, até onde sabemos, esse estudo ainda não foi feito. Para algo em sentido similar, mas que envolveu o trabalho do pintor Cândido Portinari e a burguesia paulista, Cf. MICELI, 2003.

apesar dos temperamentos diferentes ou exatamente por causa desse contraste (FELICÍSSIMO, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 8).

Em “Um homem chamado João”, de João Etienne Filho, temos uma apreciação da importância, para a cultura mineira e sua memória, da reedição de alguns livros de Alphonsus, assim como a reunião de alguns de seus contos em obra, assim como a publicação de um texto de Dias, um estudo sociológico sobre o escritor. Sobre esse, também foram selecionadas algumas passagens que nos informam sobre a recepção do estudo pela crítica da época, assim com alguns fragmentos de um discurso feito na ocasião do recebimento do prêmio Othon L. Bezerra de Melo, oferecido pela Academia Mineira de Letras, pelo livro *João Alphonsus: tempo e modo*, publicado por Dias.

Segundo Etienne Filho,

O ano de 1966 viu dois acontecimentos bibliográficos de importância para a memória de João Alphonsus: a edição, pela Editora do Autor, de “Novelas”, reunindo “Galina Cega”, “Eis a Noite” e “Pesca da Baleia”, e a publicação, pela Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, de “João Alphonsus – Tempo e Modo”. Os livros que João Alphonsus publicou em vida eram praticamente raridades bibliográficas (ETIENNE FILHO, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 8).

Ao mesmo tempo, podemos considerar que a publicação desse caderno especial também se somaria como um terceiro “acontecimento bibliográfico” no que diz respeito a memória do escritor. Ao selecionar e antologizar os textos dispersos em outras publicações ou mesmo escritos especificamente para o caderno, esse caderno especial do *SLMG* funcionou, junto aos demais exemplos citados por Etienne Filho, também com um lugar de produção e (re)encenação da memória para e sobre a produção do escritor.

Nesse sentido, entendemos o *SLMG* como um dispositivo que ocupou um “entre-lugar” entre a produção crítica, de extrato acadêmico, sobre a literatura, de uma forma específica, e a cultura, de uma forma geral, e a produção livresca feita a partir do trabalho das editoras. Nesse sentido, o *SLMG* caracterizou-se como um veículo híbrido, que se valeu de ambas as formas de trabalho com a cultura para a composição de cadernos de vulgarização e destinados a pôr em circulação o conhecimento acumulado, e por vezes estabelecido, uma vez que em muitos casos

os textos pudessem ser desconhecidos dos neofitos ou dos apenas curiosos em ler sobre cultura e literatura, em forma de antologias (pelo menos no que diz respeito aos cadernos especiais).

Segundo Etienne Filho (1967, p. 8), o autor encontrava-se “inesquecido, sim, por quantos o amaram e admiram. Mas um pouco apagado na memória dos outros, mormente na nova geração, que estava sem o privilégio de ler e amar João Alphonsus”.

Uma recente edição de suas novelas, ao lado deste esplêndido trabalho de Fernando Corrêa Dias, veio suprir esta falha de nossa bibliografia. Uma grande figura de mineiro encontrou um jovem mineiro (e as afinidades entre ambos foram anotadas por gente boa, como Henriquete Lisboa) que o tirou do álbum de recordações para fazê-lo de novo coisa viva. Este é o principal mérito de “João Alphonsus, Tempo e Modo”, autor e livro a que saúdo, em nome da Academia Mineira de Letras, no momento em que lhe entregamos o Prêmio Othon L. Bezerra de Melo, que pode ter sido, no passado, entregue a mãos iguais às vossas, Sr. Fernando Corrêa Dias, mas que ainda não foi entregue a mãos melhores do que às vossas (ETIENNE FILHO, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 8).

Dando mais um passo no trabalho com a (re)memoração do escritor, nos deparamos, em sua página nove, com o fragmento “O contista proclamou em 1929 a liderança de Mário”, extraído do livro de Martins de Oliveira, *História da Literatura Mineira*.<sup>362</sup>

Segundo o trecho publicado, “havia entre Mário de Andrade e João Alphonsus muitas diferenças de formação intelectual e de temperamento. Mas também muitas afinidades”. Dentre elas, “ambos se interessaram pelo passado de Minas: o Aleijadinho, a arquitetura colonial. Ambos se preocuparam com a renovação linguística no Brasil. Ambos foram inovadores na prosa e cultivaram a poesia, teorizando sobre esta” (OLIVEIRA, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 9).

No texto, o autor retoma também uma resposta dada pelo escritor sobre o estado da arte da literatura brasileira, em um inquérito respondido por ele e outros escritores mineiros, a Carlos Drummond, para o jornal *Diário de Minas*, em 1929.

Perguntava o entrevistador pelo estado das letras no Brasil e em Minas, pelo movimento modernista, pelos vultos do passado, se houve progresso ou não. As opiniões de João Alphonsus sobre Minas eram pessimistas.

---

<sup>362</sup> A edição referida no texto é datada do ano de 1963 (Belo Horizonte: Imprensa Oficial). Contudo, a sua primeira edição ocorreu no ano de 1958 e foi publicada pela Editora Itatiaia.

Desse pensamento, o repórter extraiu o título da matéria: “Na República federativa das letras brasileiras, o estado de Minas Gerais não existe” (OLIVEIRA, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 9).

Sobre a opinião do escritor a respeito da figura de Mário de Andrade, afirmou Alphonsus que haveria

(...) em São Paulo, domiciliado à Rua Lopes Chaves, 108 (...), um professor de música. Chama-se Mário de Andrade. Mas é poeta, escritor. Esse nome, que não é desconhecido de ninguém, é um resumo admirável do movimento modernista, no que ele tem de mais verdadeiro, mais sincero, mais real. Na hora que a gente desanima, ele continua, cheio de fé, esperança, graça e ardor. Não hesita com uma embalagem de predestinado (OLIVEIRA, *SLMG*, 1967, n. 33, p. 9).

Ainda na mesma página e também sobre as relações do escritor paulista com Minas, especialmente Belo Horizonte, encontramos a transcrição de uma carta de Alphonsus de Guimaraens, datada de junho de 1919, enviada da cidade de Mariana para o filho. Texto intitulado “Alphonsus escreve ao filho sobre uma visita”, nele lemos que “a ternura de Alphonsus de Guimaraens pelo seu filho João, que o encantava pelas aptidões literárias, está expressa em muitas cartas”. Na que o foi selecionada para compor a nova página do *SLMG*, foi enfatizada a sua importância devido ao fato, segundo a pequena apresentação feita pelo caderno, de haver “um pormenor do mais alto valor, do ponto de vista da história literária: a referência que o poeta faz à visita, que recebera então (1919) de Mário de Andrade, que se abalara de São Paulo para conhecer o grande simbolista” (*SLMG*, 1967, n. 33, p. 9).<sup>363</sup>

Ampliando um pouco o campo de apreensão sobre o trabalho literário do escritor, o caderno especial ainda publicou, em sua página de número onze, um texto organizado a partir de sua produção poética. Intitulada “A poesia de João Alphonsus”, para a composição dessa página foram selecionados quatro poemas: “Compensação”, “Noite morta”, “Poema sentimental e rimado” e “O último poema do poeta deplorável”, sendo esse uma imagem de um manuscrito.

---

<sup>363</sup> Compondo a mesma página, também encontramos um pequeno texto intitulado “Indicações para as obras completas”. De uma forma breve, algo como um pequeno perfil das publicações do escritor, ele tentou orientar os futuros interessados em editar a obra do escritor, enfatizando o que deveria ser levado em consideração.

## 6.2. Guimarães Rosa: sua hora e vez

Ainda no ano de 1967, foi publicado um caderno especial, nomeado “Guimarães Rosa: sua hora e vez”, logo em seguida à morte do escritor mineiro de *Grande Sertão: Veredas*. Falecido no dia 15 de novembro de 1967, seu caderno veio a público no dia 25 de novembro do mesmo ano. Lançado em uma extensão menor que os demais cadernos especiais até esse momento, com apenas oito páginas, a sua redução de tamanho possivelmente é explicada pela inesperada fatalidade da morte do escritor.<sup>364</sup>

Como apresentação, lemos um texto do escritor Affonso Ávila, com o título que deu nome ao caderno especial, como mencionado logo acima, sendo sua a responsabilidade e a tarefa de organização e seleções dos textos e fragmentos para a montagem da edição.<sup>365</sup>

Em sua narrativa, nos é apresentado uma leitura da trajetória e da importância de Rosa a partir de um ponto de vista pessoal e sentimental, que, ao mesmo tempo, serve como mote para que Ávila também avalie os possíveis significados da produção do escritor para as culturas mineira e brasileira. Nesse sentido, também são evocadas questões relativas à memória, principalmente por um viés pessoal, para a construção de enunciados valorativos sobre a vida e obras de Rosa.

Para Ávila,

Mário de Andrade, Oswald de Andrade, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado, Cornélio Pena e, agora, a hora e a vez de Guimarães Rosa. São alguns dos nomes somados à minha memória de morte nestes vinte ou mais anos de aprenizado e prática furtiva ou ostensiva de literatura. São os nomes grandes, maiores, que, no quase meio século que se conta entre a *Semana de Arte Moderna* de 22 e a publicação de *Tutaméia*, compõem e demarcam um ciclo adulto, maduro, poderoso da ficção brasileira (ÁVILA, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 1).

364 O escritor voltará a ser tema de três cadernos especiais, todos publicados no ano de 1974, que receberam os seguintes títulos: “Rosa Codisburgo, Rosa amor” (em comemoração aos 17 anos da publicação de “Corpo de baile” e aos 16 de “Grande Sertão: Veredas”), organizado por Rui Mourão, n. 395); “Rosa Codisburgo, Rosa amor – II” (n. 396) e “Rosa Codisburgo, Rosa amor – III” (n. 397).

365 Essa informação consta na segunda página do caderno, logo após um pequeno texto intitulado “Biografia de Guimarães Rosa”, possivelmente montada por Ávila para a edição do caderno especial.

Como podemos perceber, o corte geneológico do autor é demarcado pela estética modernista, não cabendo em sua listagem nenhum outro escritor anterior ao século XX. Nesse sentido, ao traçar a sua filiação literária, o autor também acaba por nos oferecer um pequeno mapa da produção tida como vanguardista em relação a produção literária nacional, seja ela em sua fase modernista, encenada entre os anos de 1922 e 1930 (os três primeiros citados na passagem), seja por alguns escritores que ficaram conhecidos como pertencentes à “Geração 45”, marcados pelo regionalismo (os três últimos da citação). Eles seriam, de uma forma geral, os principais influenciadores da geração a qual Ávila se via conectado (e, de uma certa forma, também podemos supor que uma parte importante dessa primeira geração responsável pela criação e manutenção do *SLMG*). Para todos eles, o nome de Guimarães Rosa aparece como um “denominador comum”. Nesse sentido, falar de sua trajetória, (re)encenar a sua memória, tocar em sua produção literária, é também falar de si mesmos, assim como podemos perceber no caso de Ávila:

De todos eles a seu tanto recolheu a minha geração, apesar de ser uma geração mais de poetas e críticos que de contistas ou romancistas, uma lição de consciência crítica, de dignidade criadora e, sobretudo, de modernidade literária. Se de um deles – Mário de Andrade – recebemos como herança a consciência do nacional que foi o núcleo mesmo de sua obra de aliciação e construção, ficou-nos de outro – Oswald de Andrade – o exemplo de radicalidade crítica e postura inventiva. Entretanto, nenhum esteve tão próximo de minha geração, pelo similaridade da atitude literária e pelas afinidades da linguagem criativa, do que João Guimarães Rosa, aproximação esta mais palpável talvez pela contemporaneidade mais imediata de sua atividade de escritor. E se com ele não convivemos efetivamente, já que foi homem de difícil e diferente convívio, pudemos conviver num diálogo instigador e aberto com sua obra, analisando-a, interpretando-a e, sobretudo, compreendendo-a como fizeram e vêm fazendo companheiros como Benedito Nunes, Rui Mourão, Luiz Costa Lima e os irmãos Campos (ÁVILA, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 1).

Ainda para o autor, a morte de Rosa “doeu-nos assim como se assaltasse um de nós próprios, pois com ele sabemos que perdemos um escritor de vanguarda autêntica, escritor que trouxe para a literatura brasileira (...) uma dimensão nova de modernidade e universalidade”. Contudo, mais do que uma morte literária, que talvez pudesse ser circunscrita a um pequeno grupo de intelectuais locais, Ávila amplia esse alcance em uma escala nacional, ou mesmo internacional, ao dimensionar que essa perda, de certa forma, atinge o universo cultural como um

todo. Em meio a essa grande perda, como enfatiza o autor, Minas encontraria-se também órfã, onde a perda teria sido intensa:

Mas essa morte doeu amplamente a toda a nação, pois são poucos os países que ostentam hoje um valor da estatura intelectual de Guimarães Rosa, cuja obra levou o Brasil a competir em termos de igualdade e talvez até de superioridade com a literatura de ficção de outras línguas. E doeu mais intensamente a Minas, sua terra e terra de seus personagens, de seus mitos, de suas gestas, de suas estórias (ÁVILA, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 1).

Especificamente sobre Minas e os mineiros, Ávila (1967, p. 1) afirma que “pode-se ponderar que o autor de *Sagarana* idealizou em seus livros uma Minas particular, sua, concebida por uma imaginação de absoluta autonomia criadora (...)”. Segundo texto do próprio Rosa, intitulado “Aí está Minas: a mineiridade”, publicado no ano de 1957<sup>366</sup> e selecionado para compor a terceira página do caderno especial,

Minas é a montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, – *passa um, passa dois, passa três...* – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade (ROSA, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 3).<sup>367</sup>

Para Ávila,

Guimarães Rosa foi um desses amorosos e, com o toque e a bossa da genialidade, viu Minas a seu modo, recriou-a com a sua linguagem e a sua mitologia do sertão, afirmando mesmo essa idealização pela boca de seu cavaleiro-andante Riobaldo: *O sertão vige é dentro da gente*. De minha parte, eu repito Carlos Drummond de Andrade, esse outro mestre da mnemônica mineira, ao terminar a leitura épica da estória maior de Guimarães Rosa: “*Ele me deu uma outra Minas, dentro da Minas que meus olhos sabiam*”. É esta Minas que todos nós sabemos, acordada de súbito de sua modorra e rotina, que chora hoje, pela voz anônima dos pássaros e dos homens humildes da roça de Cordisburgo e Lassances ou pela palavra culta e empostada de nós outros, mineiros da cidade, o nosso irmão mais velho em sabedoria e maior em poder de linguagem JOÃO DO GRANDE SERTÃO DO CORPO DE BAILE DE SAGARANA DA TUTAMÉIA DAS TERCEIRAS E DE OUTRAS ESTÓRIAS GUIMARÃES RODA (ÁVILA, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 1).<sup>368</sup>

<sup>366</sup> Texto foi publicado originalmente na revista “O Cruzeiro”, em 25 de agosto de 1957.

<sup>367</sup> Sobre a questão das várias interpretações que têm sido feitas, a partir de um olhar historiográfico, a respeito das narrativas identitárias sobre o “ser mineiro”, Cf., nesta tese, nota 330.

<sup>368</sup> Os itálicos e as letras em caixa alta estão no original.

Para a composição da mesma página (capa) do caderno especial do *SLMG*, foi selecionado um trecho escrito pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. Impresso em letras em caixa alta, nele podemos ler um espécie de depoimento do escritor em relação a identidade que Rosa teria dado a Minas Gerais, a partir de sua literatura. De certa forma, completando o texto de Ávila, a passagem também corrobora os elogios e valorizações, criando uma imagem ao mesmo nostálgica e grandeloquente para o escritor de *Sagarana*:

Ele me deu uma outra Minas, dentro da Minas que meus olhos sabiam; seu particular é universal; sua linguagem, uma invenção constante e saborosa, mostrando mais uma vez que há tantas línguas quantos estilos; e a graça, o vivo, a cor, a pungência de seus relatos aderem à memória do leitor, despertando-lhe essa alegria real, inspirada pela obra de arte. Em face de Guimarães Rosa, calo a boca, de pura admiração (ANDRADE, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 1).<sup>369</sup>

Para a sua segunda página, foi reunida uma série de pequenos fragmentos de escritores e críticos da literatura sobre a vida e obra de Rosa. Intitulado “Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa”, foram selecionados trechos de depoimentos de José Lins do Rego, Cruz Cordeiro, Valdemar Cavalcanti, Afrânio Coutinho, Wilson Martins, Afonso Arinos de Melo Franco, Sérgio Milliet, Temístocles Linhares, Wilson Louzada, Olívio Montenegro, Osmar Pimentel, Paulo Rónai, Otávio Melo Alvarenga, Euryalo Canabrava, Gilberto Amado, Adolfo Casais Monteiro e Giuseppe Ungaretti. Todos, como se era de esperar, elogiosos e entusiastas com a obra produzida ao longo da vida do escritor.

Para Coutinho, para ficarmos com apenas um exemplo,

Reputo a obra de Guimarães Rosa da maior significação, e será uma temeridade tentar explicar as razões dessa afirmativa numa simples frase. Pela técnica da narrativa, pela pintura das personagens, pelo estilo, ele fez a arte de ficção penetrar mais fundo no mundo brasileiro, empregando ao mesmo tempo os mais novos recursos do ficcionismo contemporâneo (COUTINHO, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 2).<sup>370</sup>

---

369 Nas páginas do *SLMG*, não consta a referência sobre a origem do texto ou de onde ele teria sido retirado.

370 Como mencionado na nota 372 desta tese, nessa segunda página também foi publicada uma pequena biografia sobre o escritor.



Em sua terceira página, como mencionamos rapidamente logo acima, foi publicado o texto, de autoria de Rosa, “Aí está Minas: a mineiridade”. Em sua construção discursiva, o escritor nos apresenta uma ampla imagem do estado de Minas a partir de um olhar múltiplo e multifacetado, não conferindo ao seu significado um sentido único ou essencialista. Pelo contrário, Rosa insistiu em demarcar que, no limite de qualquer possibilidade de enquadramento, Minas, os mineiros ou mesmo a mineiridade são vários:<sup>371</sup>

Sobre o que, em seu território, ela ajunta de tudo, os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une ou mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro, concordemente, as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas (ROSA, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 3).

As discussões sobre a questão da mineiridade movimentaram a intelectualidade e, sobre ela, foram feitas várias afirmações e defesas, o que faz com que o seu espectro de leituras seja amplo e diversificado. Contudo, no caso dessa publicação no *SLMG*, não nos pareceu que o caderno tivesse interesse em dotá-la de um novo significado ou estabelecer sobre ela um “acréscimo de sentido”, como afirmou Arendt. O interesse não nos pareceu ser o da polêmica ou do debate. Sua publicação nos sugere mais uma recuperação da memória sobre o escritor, ao demonstrar que ele, também, teria explorado o tema. No limite, talvez ele estivesse ancorado no interesse por um reativamento da questão, mas indiretamente. Enfim, a escolha pareceu mais motivada pelo sentido de antologização da produção e da trajetória do e sobre o escritor, do que (re)inserir a discussão nas páginas do *SLMG*.

Avançando pelas páginas do caderno, nos deparamos com um texto intitulado “O sertão e o mundo”, de autoria de Antônio Cândido,<sup>372</sup> um fragmento retirado de um artigo publicado na revista “Diálogos”.<sup>373</sup> Nele, o crítico da literatura estabeleceu uma aproximação entre a criação literária de Rosa com as obras de Euclides da Cunha, especialmente em *Os sertões*. Em seu estudo comparativo, interessou a Cândido entender como funcionou alguns elementos comuns nas

---

371 Para uma discussão mais ampla e feita no campo dos estudos da história da historiografia, principalmente no que diz respeito a leituras não essencialistas da mineiridade, Cf. REIS, 2017; SOUZA, 2013; RAMALHO, 2015.

372 Seu nome ainda era grafado com dois acentos.

373 Segundo nos é informado ao final do texto, ele foi publicado em seu oitavo número, de novembro de 1957.

narrativas dos dois escritores, mesmo que eles manifestassem interesses ou formas de trabalho diferentes. Mais interessado no processo de criação rosiano, que, segundo o autor, teria se deslocado para além do realismo excessivo que pairava nas letras brasileiras,

Há em Grande Sertão: Veredas, como n'Os Sertões, três elementos estruturais que apoiam a composição: a terra, o homem, a luta. Uma obsessiva presença física do meio; uma sociedade cuja pauta e destino dependem dele; como resultado, conflito entre os homens. Mas a analogia não para aí; não só porque a atitude euclidiana é constatar para explicar, e a de Guimarães Rosa, inventar para sugerir, como porque a marcha de Euclides é lógica e sucessiva, refugindo a qualquer naturalismo e levando, não a solução, mas a suspensão que marca a verdadeira obra de arte, e permite a sua ressonância na imaginação e na sensibilidade. Em todo caso, aqueles elementos são fundamentais na sua trama, embora de modo diverso; convém, pois, abordá-los (englobando o terceiro nos dois anteriores), justamente para ressaltar a diferença e mostrar as leis próprias do universo de Guimarães Rosa, cuja compreensão depende de aceitarmos certos ângulos que escapam aos hábitos realistas, dominantes em nossa ficção (CANDIDO, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 4).

Dividindo a mesma página com o estudo do crítico paulista, encontramos um texto denominado “A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa”, organizado a partir de pequenas opiniões sobre a importância da literatura de Rosa. Similar ao que foi feito em sua segunda página, contudo, aqui o destaque foi dado às análises e aos novos pontos de vista sobre o trabalho do escritor. Os nomes selecionados foram: Rui Mourão, Augusto de Campos, Roberto Schwarz, Fábio Lucas, Bernardo Gersen, Eduardo Portela, Affonso Ávila, Franklin de Oliveira, Joel Pontes, Pedro Xisto, Oswaldo Marques e Dante Moreira Leite. Novamente, como não seria difícil de prever ou esperar, as opiniões são todas elogiosas ao trabalho de Rosa.



Para Fábio Lucas, dentre eles,

Grande Sertão: Veredas é um misto de inovações, saídas, e de conservação, tradicionalismo. Impressionam as suas experiências linguísticas, a psicologia de personagens e grupos humanos. A estrutura, entretanto, parece ter sido buscada nas epopeias e nas novelas medievais. Riobaldo é um rapsodo (LUCAS, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 4).

Em sua página cinco, o caderno especial trouxe um trecho retirado do livro de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, que foi publicado sob o título “Viver é muito perigoso...”. Acompanhando o texto, também foi publicada uma imagem de uma fotografia do escritor.

Na página seguinte, encontramos dois textos: “A expressão orgânica de um escritor moderno (fragmentos)”, de Luiz Costa Lima Filho, e “Geografia do Grande Sertão”, de Fernando Correia Dias.<sup>374</sup>

Lima Filho ocupou-se em analisar a linguagem, o trabalho com os contos (como, por exemplo, o sobre Augusto Madraga), dentre outros aspectos formais, como o tom neutro, o virtuosismo e as fugas presentes na literatura de Rosa. Para o historiador e crítico da literatura

A força de observação matiza os livros de Guimarães Rosa. E não o olhar introvertido, ruminando fantásticas paisagens da própria alma, tagarelado fantasias, senão a vista acesa para o mundo, para as chãs, veredas e pascigos, onde caminham os homens, desconhecendo-se como personagens (LIMA FILHO, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 6).

Em Dias, a leitura tem um caráter geo-sociológico. Sua apreciação do texto rosiano interessou-se em constatar e discutir alguns aspectos da geografia do estado de Minas Gerais que pudessem ter sido incorporados ou utilizados para a composição de sua trama ficcional. Segundo o autor, “torna-se Guimarães Rosa o escritor mais representativo de uma das regiões em que se divide o território de Minas: a do pastoreio”. Contudo, “o nome de Minas Gerais aparece relativamente poucas vezes no livro. Quase sempre, quando há referências à divisa com outros Estados” (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 6).

---

<sup>374</sup> O texto de Dias foi retirado do ensaio “Aspectos sociológicos de Grande Sertão: Veredas”, publicado em *Ciclo de Conferências sobre Guimarães Rosa*, segundo nos informa o próprio *SLMG*.

Se por um lado tínhamos uma tradição localizada nos poetas Alphonsus de Guimaraens e Carlos Drummond de Andrade, representantes de uma literatura de regiões mineradoras do ferro, de Bernardo Guimarães, do diamante, ou mesmo dos poetas árcades da “era do ouro” do século XVIII, por outro Rosa se filiaria, segundo o autor, mais à tradição das regiões norte e nordeste do estado de Minas Gerais, onde a presença do sertão é mais evidente.

O autor de Sagarana retoma o tradição de Afonso Arinos,<sup>375</sup> dos sertões de Paracatu, mas a retoma, como já se tem assinalado, com uma força nova, numa perspectiva universalista. Retoma-a com uma técnica e uma imaginação sem símiles na literatura mineira (DIAS, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 6).<sup>376</sup>

Para a sua sétima página, foram escolhidas e publicadas algumas correspondências enviadas por Rosa. Sob o título de “Três cartas de Guimarães Rosa”, foram publicadas uma destinada a seu pai (1964); outra a sua mãe (1964) e uma terceira para o escritor Murilo Rubião (1967).<sup>377</sup>

Ainda para a mesma página, foi publicado um fragmento sob o título “O amor na obra de Guimarães Rosa”, de autoria do filósofo e crítico da literatura Benedito Nunes.<sup>378</sup> Organizado como um ensaio de interpretação das tramas amorosas inseridas nas construções literárias de Rosa, o autor analisa algumas passagens

375 Segundo os dados biográficos publicados sobre o escritor no *site* da Academia Brasileira de Letras (ABL), “distinguiu-se Afonso Arinos em nossa literatura como um contista de feição regionalista, fato comprovado pelos seus livros *Pelo sertão* e o romance, baseado na Guerra de Canudos e assinado com o pseudônimo de Olívio de Barros, *Os jagunços*. Escreveu, também, os dramas *O contratador de diamantes* e *O mestre de campo*. Depois de sua morte foram publicados *Lendas e tradições brasileiras* e *Histórias e paisagens*” (Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afonso-arinos/biografia>. Acessado em: ago. 2018). Para uma leitura sobre os lugares da literatura, da política e do nacionalismo em Afonso Arinos, Cf. LAZZARI, 2008.

376 Sobre a importância da região na composição da narrativa, e mais especificamente das características das personagens, na construção de Riobaldo, segundo Dias (1967, p 6), “a procedência das pessoas ou dos bichos, originários de cada um dos territórios do mar sertanejo, tinha importância para definir-lhes os traços do caráter”.

377 Na primeira parte desta tese, na página 98, publicamos essa carta que foi enviada para o Rubião, quando ele ainda se encontrava na direção do *SLMG*. Contudo, na página do *SLMG*, como complemento da carta, o qual não encontramos quando pesquisamos no arquivo de Murilo Rubião, foi publicado um “P.S.”, com os seguintes dizeres: “Só penso, agora, que seria uma beleza Vocês levantarem também estudos sobre escritores do passado, que sofrem a injustiça do esquecimento. Por exemplo: ARTHUR LOBO – o poeta de ‘Evangelho’, ‘Kermesses’, o romancista de ‘Os Rosais’. E Avelino Fóscolo. E João Lúcio Brandão. E mais, e mais... Que é que Você acha?”. Vale ressaltar, aliás, que o *SLMG* chegou a organizar um caderno especial sobre o escritor Arthur Lobo, intitulado “Arthur Lobo: centenário” (número 172, em 1969), possivelmente seguindo as dicas de Rosa.

378 Segundo nos informa o *SLMG*, o fragmento foi retirado de um ensaio publicado na *Revista do Livro*. Contudo, não houve menção da data.

dos romances e dos contos do escritor, principalmente contidos em *Primeiras Estórias* e no *Grande Sertão: Veredas*:

Ao lado de admiráveis figuras de mulher, como Otacília, Doralda e Nhorinhá, avulta, na tipologia literária de Guimarães Rosa, uma curiosa estirpe de personagens, preludiada por Miguilim e Dito, de Campo Geral, e à qual pertencem infantes de extrema perspicácia e aguda sensibilidade, muitas vezes dotados de poderes extraordinários; quando não possuem origem oculta ou vaga identidade (NUNES, *SLMG*, 1967, n. 65, p. 7).

Para fechar esse caderno, em sua oitava e última página, temos um fragmento intitulado “Os irmãos Dagobé”, retirado do livro de Rosa *Primeiras Estórias*. Para ilustrá-la, temos, novamente, uma imagem de uma fotografia do escritor.

### 6.3. Eduardo Frieiro: quarenta anos de literatura

No texto de apresentação do caderno especial dedicado ao escritor, Laís Corrêa de Araújo, responsável pela organização do número, afirma que “já completados os setenta anos, Eduardo Frieiro nos deu em 1966 outro livro notável – *Feijão, angu e couve*, – ensaio sobre a alimentação dos mineiros que é, a um só tempo, obra de escritor, de sociólogo, de historiador, de estilista” (ARAÚJO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).

Ainda em suas palavras, ao concluir o sentido e o porquê homenagear Eduardo Frieiro em um caderno especial do *SLMG*, Araújo destaca que

(...) esta homenagem tem para nós um sentido também particular, que, sem diminuir a sua proporção, antes acrescenta-lhe uma dimensão afetiva que nos é muito cara. Isso porque foi nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado e na redação do Minas Gerais que o menino e o jovem formaram em Frieiro o caráter de homem, a personalidade de intelectual (ARAÚJO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).

Frieiro foi funcionário da Imprensa Oficial, lugar onde trabalhou até a sua aposentadoria. Segundo Maria da Conceição Carvalho, no jornal *Minas Gerais*, Frieiro “trabalhava como revisor e tinha o dia livre”.

Segundo as palavras do próprio escritor,

(...) o trabalho de revisão, penoso para outros, era para mim uma brincadeira. Levava livros que eu lia nos intervalos do trabalho. E tinha o dia

todo para ler. Foi então que eu senti comichões para escrever. (...) Tentei-o, pela primeira vez, escrevendo quatro ou cinco artigos para a imprensa e algumas picuinhas anônimas num jornaleco (CARVALHO, 2009, p. 6).<sup>379</sup>

A presença de Frieiro nas páginas do *SLMG* deu-se em dois momentos anteriores ao caderno especial. O primeiro, já em seu número de estreia, em uma entrevista feita com sua esposa, Noêmia Pires Frieiro, intitulada “Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa”; o outro, pela publicação do ensaio “O casamento no desterro”, em que o escritor abordou “a história do idílio amoroso de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia”. Segundo Frieiro, essa narrativa, “como chegou até nós, segue quase à risca o que o poeta deixou expresso na *Marília de Dirceu*. E essa história idealizada, recomposta pouco depois, já em plena época romântica, tem por esse e por outros motivos um cunho marcadamente romanesco” (FRIEIRO, *SLMG*, n. 61, 1967, p. 6).

Ao fazermos o levantamento de seu conteúdo, percebemos uma quantidade considerável de textos do próprio Eduardo Frieiro (trechos e fragmentos de suas obras), o que nos fez levantar a hipótese de que, até aquele momento, sua obra poderia encontrar-se relativamente desconhecida. Outra questão também que nos ocorreu diz respeito à possível participação do escritor, no ato de selecionar aquilo que julgou mais importante de seu trabalho, dada a sua amizade e proximidade com alguns dos membros da redação do *SLMG*, principalmente com Murilo Rubião, e a estima e consideração de que era alvo por parte do caderno. Sua importância na vida intelectual da capital, via de regra, é ressaltada recorrentemente nas memórias e depoimentos da intelectualidade mineira. Nesse sentido, portanto, que também entendemos o porquê de um caderno especial montado em sua homenagem. Como podemos notar já pelo título, foi exaltado e evidenciado os seus “40 anos de literatura”.

Ainda em seu texto de apresentação do caderno especial, Araújo nos informa que

Em 1927, aparecia o romance *O Clube dos Grafômanos*, primeiro livro de Eduardo Frieiro. Dentro de uma prudência muito mineira, que se tornou entre nós uma constante na crônica das letras modernas (também João

---

379 Segundo esclarece a autora em nota de rodapé, o trecho selecionado trata-se de um “fragmento de texto manuscrito, sem data e sem destinatário, guardado entre as cartas recebidas. Trata-se, muito provavelmente, de rascunho de carta a ser enviada, em processo de escrita”.

Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Guimarães Rosa, Bueno de Rivera, Cyro dos Anjos, Mário Palmério e outros só publicaram o livro de estreia beirando os trinta anos ou já ultrapassada essa idade), Frieiro surgia como escritor amadurecido, dono de uma cultura literária realmente rica e vigorosa, bem como de um estilo pessoalíssimo que o tornaria um dos mais exímios prosadores brasileiros de nosso tempo. Aparecendo num instante de transição e transformação de nossa literatura, o escritor evidenciava um tal domínio de sua arte que os seus primeiros livros conseguiam o milagre de agradar tanto aos velhos mestres do passado, como João Ribeiro e Medeiros e Albuquerque, quanto aos moços que empreendiam então a grande revolução modernista (ARAÚJO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).

Segundo a autora, o escritor gozou, no desenrolar de sua carreira, de um “sucesso crítico” conferindo aos seus ensaios, hoje clássicos, como “*A Ilusão Literária, Os livros nossos amigos, O brasileiro não é triste, O diabo na livraria do cônego, O alegre arcipreste*”, e de um “prestígio literário, conferindo a Eduardo Frieiro o conceito de grande escritor, admirado no país e fora dele”:

Humanista no melhor sentido da palavra, homem voltado para a realidade e a problemática de seu tempo, incapaz de compactuar com a mistificação e o obscurantismo, Eduardo Frieiro é bem o padrão do intelectual lúcido e participante. Otto Maria Carpeaux louvou-lhe a coragem da inteligência e um autor de vanguarda, dedicando-lhe um livro recentemente, nele saudou “a lição viva da consciência crítica de Minas”. Espírito de grande independência e personalidade, sensível aos valores de permanência da literatura, mas ao mesmo tempo aberto às formas novas de expressão, ele se comove tanto diante do *Livro de buen amor*, do Arcipreste de Hita, quanto do poema concreto *Lucho lixo*, de Augusto de Campos. Uma longa vida de cátedra, jornal, biblioteca e ofício diuturno da literatura não cansou e nem fez apagar o fogo sagrado dessa inteligência diante da qual se curvam as gerações. Já completados os setenta anos, Eduardo Frieiro nos deu em 1966 outro livro notável – *Feijão, angu e couve*, – ensaio sobre a alimentação dos mineiros que é, a um só tempo, obra de escritor, de sociólogo, de historiador, de estilista (ARAÚJO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).

Como nas apresentações feitas nos outros cadernos por nós selecionados e analisados anteriormente, o sentido dos enunciados feitos sobre Frieiro é integralmente baseado em elogios, facilmente localizável pela recorrência de adjetivações. Suas qualidades vão do “humanista” ao intelectual “lúcido” e “participante”, misto de um posicionamento localizado entre a coragem, a honestidade e a independência. Exagerado ou não, o que mais nos interessa nessas afirmações, ao invés de avaliar se são verdadeiras ou não, é o trabalho feito em torno da memória do escritor e os sentidos que, ao realizá-lo, podemos apreender,



principalmente no que diz respeito a sua importância para a história social da cultura e para a cultura intelectual mineiras, mais especificamente, e brasileiras, de uma forma mais ampla.

Finalizando o sentido de uma “consagração” à imagem, à representatividade e à importância do escritor para a vida cultural e intelectual do país, assim termina a apresentação do caderno especial sobre Frieiro:

Consagrando este número especial a Eduardo Frieiro, o SUPLEMENTO LITERÁRIO saúda, nos seus quarenta anos de trabalho, o grande escritor brasileiro. E esta homenagem tem para nós um sentido também particular, que, sem diminuir a sua proporção, antes acrescentar-lhe uma dimensão afetiva que nos é muito cara. Isso porque foi nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado e na redação do MINAS GERAIS que o menino e o jovem formaram em Frieiro o caráter de homem, a personalidade de intelectual (ARAÚJO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).<sup>380</sup>

Ao lado da apresentação escrita por Araújo, lemos um texto de autoria de Ayres da Mata Machado Filho, intitulado “O privilégio de reler”.<sup>381</sup> Como não poderia ser de outra forma, o autor referiu-se ao ato de reler, naquele contexto, algumas obras de Frieiro e que impressões ele proporcionou. Dentre as obras do escritor, Machado Filho nos informa ter lido, especialmente, *Os livros nossos amigos*: “tanto livro para ler, por gosto, por necessidade, e eu a percorrer de novo páginas conhecidas”. Contudo, ao contrário de um fardo, essa tarefa manifestava-se como um “privilégio”, “pois não estou pensando na releitura por simples obrigação, mas naquela que se faz por devoção” (MACHADO FILHO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).

Segundo o escritor,

A releitura vem corroborar a velha convicção. A primeira qualidade que nos revela é a fidelidade ao tom. Permanece inalterado, ao longo de todo o livro. Nem descaídas, nem desafinações. Ele sabe conciliar a faiscante agilidade do ensaio com a erudição copiosa. Surpreendem, deliciosamente, sutilezas de pensamento, ilustrações de afirmativas, expressões bem achadas, que passaram despercebidas no primeiro contato com a obra (MACHADO FILHO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 1).

Como sinalizado nas passagens acima, o sentido da homenagem prestada pelo escritor a Frieiro passou também pela ideia de uma “devoção” quase absoluta

<sup>380</sup> Ao final do texto de apresentação, lemos a indicação que “Número especial organizado pela escritora Laís Corrêa de Araújo”. As letras em caixa alta são do texto original.

<sup>381</sup> Vale lembrar que nessa data, 1967, Machado Filho era membro integrante da comissão de redação do *SLMG*.

as suas contribuições para a literatura e cultura, de uma forma geral. Nesse sentido, para Machado Filho (1967, p. 1), “ainda melhor que a leitura de Eduardo Frieiro é a sua releitura. Em tudo quanto escreve, palpita aquele misterioso encanto que sempre se renova, encontrável tanto na criação dos mestres da música como na obra literária”.<sup>382</sup>

Para a sua segunda página, o caderno especial selecionou um texto de autoria de Otto Maria Carpeaux, intitulado “Coragem de Eduardo Frieiro”, retirado da obra *Livros na mesa*.<sup>383</sup> Em sua narrativa, como já anunciado pelo próprio título, o autor teceu considerações sobre a importância do escritor como crítico da cultura mineira, ressaltando a sua coragem como pioneiro em estudos nesse campo, principalmente no que diz respeito à literatura:

Começo a escrever sobre essa reedição de um dos melhores livros de Eduardo Frieiro: “O Diabo na Livraria do Cônego”. Começar, mas como? O grande escritor italiano Luigi Russo, velho muito belicoso, zombou certa vez dos críticos da geração nova que preferem títulos assim: “Solidão de Ungaretti”, “Urgência de Moravia”, “Processo de Pratolini”, “Inventário de Montale”, “Posição de Silone”, “Condição de Pavese”... Mas não vejo por que zombar. Um título desses é capaz de ter a eficiência de um golpe que focaliza a qualidade primordial do autor estudado. Gostaria de aconselhar títulos assim e vou logo escolher um: Coragem de Eduardo Frieiro (CARPEAUX, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 2).

Para o autor, parecia existir a “obrigação de classificar-lhe, de definir-lhe o processo crítico que emprega” para, assim, conseguir entendê-lo e a sua produção intelectual. Nesse sentido, lançou mão “como chave” de leitura e orientação um pequeno ensaio sobre a pobreza de Minas Gerais.<sup>384</sup> Nele, Frieiro retificaria “uma falsa perspectiva histórica, que chegou a criar o conceito anacrônico de infinitas riquezas materiais no passado mineiro”. Segundo Carpeaux (1967, p. 2), seu estudo seria uma “crítica histórica, cuja diretriz é a de caracterizar claramente as qualidades diferentes de uma época passada, sem tolerar a intervenção de conceitos posteriores ou atuais que produzem o anacronismo”.

Complementa o autor que, ao final, suas leituras

382 Dentre os livros publicados e republicados de Frieiro, a edição de *O clube dos grafômanos*, de 1981, publicada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, contou com uma introdução escrita por Machado Filho.

383 Não há nenhuma indicação no corpo do texto sobre a data de sua publicação, mas, ao que nos parece, teria sido em 1960.

384 Esse ensaio homônimo é parte do livro *Páginas de crítica e outros escritos*, escrito no ano de 1936, como nos informa o próprio autor, e com data de publicação no ano de 1949.

(...) são hipóteses. O único resultado da digressão que se pode aproveitar com certeza, é este: conheço, agora, as origens daquele “dejà vú” e da minha afinidade com a mentalidade mineira. Pois Minas continua o que foi: na poesia, na arte, na seriedade dos estudos universitários e na coragem de Eduardo Frieiro (CARPEAUX, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 2).

Em sua terceira página, encontramos dois textos, intitulados “A título de biografia”, de Anna da Soledade Vieira (retirado do “estudo inédito Eduardo Frieiro – Bibliografia”), e “Conversa de um redator do ‘Diário da Tarde’ com Eduardo Frieiro”, uma pequena entrevista com respostas curtas do escritor. Nela, o escritor respondeu questões como “Se não fosse o que é, que gostaria de ter sido?”, “Sua vocação mais pronunciada é a de romancista ou a de crítico?” ou “Qual o episódio mais marcante em sua vida?”.

Para as páginas quatro e cinco, foi publicado um longo ensaio, montado em três colunas, da autoria de Frieiro, intitulado “Recordando os ‘Amigos dos Livros’”, extraído da *Revista do Livro*.<sup>385</sup> Em sua narrativa, nos é contado um pouco sobre a sua trajetória como escritor na capital e como se deu a sua estreia na vida literária. Segundo Frieiro, seria “um episódio da vida literária de Belo Horizonte, entre 1931 e 1937, que merece contar-se aqui” (FRIEIRO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 4):

Meus três primeiros livros, três romances, foram impressos à minha custa na Imprensa Oficial de Minas, onde eu era então redator do *Minas Gerais*, jornal de tipo misto, oficial e noticioso, bem feito, que continha abundante matéria informativa, colaboradores de variada natureza e o mais que os jornais publicam. Para ornamentar a portada de meus livros, cuja impressão eu mesmo orientava, inventei a marca de uma editora fictícia – as Edições Pindorama. O nome não me agradava, mas não me ocorrera outro (FRIEIRO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 4).

Ainda na página cinco, encontramos um texto de autoria do escritor e amigo de Frieiro, Emílio Moura, intitulado “A Ilusão Literária”. Em formato de resenha, o ensaio versa sobre o lançamento do livro homônimo do escritor.<sup>386</sup> Nele, Moura saúda a chegada e a importância da publicação de mais uma obra e a sua novidade para o gênero, dentro do acervo da literatura brasileira até aquele período, no início dos anos de 1930:

---

<sup>385</sup> Somos informados, ao final do texto, que o ensaio foi publicado em seu décimo número, de 1958.

<sup>386</sup> Contudo, não houve nenhuma referência sobre onde o texto teria sido publicado.

Eduardo Frieiro acaba de publicar mais um livro. Depois de haver publicado três romances e um ensaio, para os quais a crítica racional teve as melhores palavras de boa-vinda (...) ei-lo que nos surge agora, com esse seu novo livro, "Ilusão Literária" – parece que, até aqui, o único no gênero, em nossas letras (MOURA, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 5).



Em sua análise, não faltariam “por aí um ou outro volume sobre a arte de bem escrever ou alguns dos mil e um problemas que a iniciação literária pode oferecer a quem se envereda pelo caminho hoje tão áspero das coisas do espírito”. Contudo, “regra geral, tais livros não nos satisfazem”:

Pecam quase sempre por serem antes livros de didatas, não raro maçantes. Livros que ficariam bem em uma prateleira de obras filológicas ou simplesmente gramaticais. Já está aí uma grande qualidade neste recente livro do sr. Eduardo Frieiro: é um livro de um escritor, de um fino e verdadeiro escritor (MOURA, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 5).

Para Moura (1967, p. 5) Frieiro teria desenvolvido “o seu modo de pensar”, de expor e discutir “as suas convicções mais íntimas e mais pessoais, tudo isso feito sem calor e realizado sem pressa”. Nesse sentido, o escritor, para autor, seria “um espírito que já atingiu a plena maturidade intelectual”, o que o colocaria “naquele ponto do caminho em que a inteligência criadora já está apta a produzir os seus mais belos frutos”.

Para a sua página de número seis, lemos um mosaico de depoimentos recolhidos de fontes variadas, quase todas retiradas de ensaios ou matérias publicados na imprensa brasileira, sobre a produção literária e intelectual de Frieiro. Intitulado “Opiniões críticas sobre a obra de Eduardo Frieiro”, os fragmentos selecionados para a composição da página versaram sobre algumas das facetas do escritor como: “O Romancista” (João Ribeiro, Guilhermino César, Medeiros e Albuquerque, Carlos D. Fernandes, Jaime de Barros, Orígenes Lessa e Tristão de Ataíde); “O Ensaísta” (Elói Pontes, Agripino Grieco e Antônio Olinto); “O Crítico” (Wilson Martins e Raimundo Magalhães Júnior); “O Escritor” (Antônio Cândido, Brito Broca, Faio Lucas e Ayres da Mata Machado Filho) e o “O Hispanista” (Júlio Garcia Morejón). Todas declaradamente favoráveis e entusiastas em relação ao escritor e a sua obra.

Na página seguinte, de número sete, encontramos uma montagem antológica muito similar com a que verificamos acima. Para ela, contudo, foram selecionados alguns trechos das obras de Frieiro para destacar como, em algumas delas, ele teria trabalhado alguns temas ou questões. Intitulada “Ideário de Eduardo Frieiro”, a seleção foi feita por Araújo, a quem também foi confiada a organização do

caderno, como dissemos ao início desse tópico. Para a sua montagem, foram escolhidos trechos que versavam sobre “Arte”, “Estilo”, “Crítica”, “Oratória”, “Comunicação”, “Mineiridade”, “Literatura e Participação”, “Machado de Assis e a Política”, “Um tipo nacional”, “Música”, “Inconfidência Mineira”, “Deus” e a “Bíblia”.

Para ficarmos apenas com uma, vejamos o que o escritor nos diz sobre a “mineiridade”, trecho que foi retirado de seu livro *Páginas de crítica e outros ensaios*:<sup>387</sup>

Via de regra, os mineiros que emigram para o Rio ou São Paulo, saem de casa danados da vida, batendo as portas e cuspidando para o ar. Mas a verdade é que não esquecem o torrão natal e levam no coração o sentimento de mineiridade. Falam mal, às vezes, da terra em que nasceram, mas que é isso senão amuo de namorados? Minas é uma China? Talvez. Porém, como a China do romance de Pearl Buck, Minas é a boa terra (FRIEIRO *apud* ARAÚJO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 7).

Crítico de leituras essencialistas e totalizadoras sobre a questão da mineiridade, Frieiro (*apud* ARAÚJO, 1974) defendeu, ao longo de alguns de seus escritos, que esse conceito deveria se “referir aos valores, crenças, símbolos, comportamentos e atitudes dos mineiros, mas é uma representação abstrata e não uma realidade empírica. Não há o mineiro, logo não há a mineiridade”. No máximo, seguindo o que afirma na passagem, haveria um “sentimento de mineiridade”. Segundo Reis (2017, p. 295), “para esse autor, o território mineiro é plural e heterogêneo; não há um ‘povo mineiro’, mas ‘povos mineiros’ e essa diversidade interna gera rivalidades, desafeições interestaduais”. Ainda segundo o historiador, Frieiro representaria o autor menos contraditório dentre os que analisaram a questão. Outros, como Pedro Nava, Guimarães Rosa ou mesmo Diogo de Vasconcelos, tenderam ora para uma leitura fechada, ora não conseguiram formar uma leitura contundente da identidade mineira.<sup>388</sup>

Para a sua oitava página, foi selecionado um trecho do romance de Eduardo Frieiro, *O mameluco Boaventura* (1929), publicado sob o título “Milagre de quem?”.<sup>389</sup> Essa estratégia de montagem, aliás, se mostra presente em outras

387 Sobre esse livro, Cf. a nota 392 nesta tese.

388 Vale ressaltar, contudo, que não conseguimos localizar nenhum estudo mais aprofundado e sistematizado que demonstrasse o alcance ou os caminhos da interpretação de Frieiro sobre o tema, ponto esse que nos parece uma ausência nos estudos que se dedicam à questão.

389 Cotejado com a edição publicada em 1981 pela Editora Itatiaia, a passagem encontra-se, no livro, como a XXV parte, publicado com o mesmo título. Para a sua introdução, assim comentou

páginas do caderno especial, a saber: “Inquietude, melancolia” (página nove), retirado do romance homônimo (1930); “A nobre ociosidade” e “Rapsódia” (página dez); “Ouro Preto, fim de século” (página doze), extraído do livro *Feijão, angu e couve* (1966) e “Os nossos ‘paraísos artificiais’”, recortado da obra *Os livros nosso amigos*.

Em “Rapsódia”, por exemplo, foram selecionados pequenos escritos em formato de aforismos. Neles, o autor tratou de temas como “O êxito e o fracasso”, “Ironia”, “Egoísmo sujo”, “Viver, durar”, “Compreensão”, “A guerra e os pacifistas” e “Amigos antigos”. Com uma dose extra de sarcasmo e ironia, lemos passagens como, por exemplo, “IRONIA – Forma de reagir contra o absolutismo intelectual, maneira de conviver com os que têm aquela ‘horrível mania de certeza’ que exasperava a Remy de Gourmont” ou “COMPREENSÃO – Aos vinte anos não se compreende nada deste mundo. Aos sessenta estamos na mesma. Depois, é o amolecimento cerebral progressivo” (FRIEIRO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 10). Contudo, as demais páginas do *SLMG* especial receberam textos de escritores e críticos sobre a obra de Frieiro.

Ainda em sua oitava página, lemos uma carta<sup>390</sup> enviada por Mário Mattos ao escritor, publicada com o título “O brasileiro não é triste”, enviada para o escritor no ano de 1931, por ocasião do lançamento do livro homônimo.<sup>391</sup> Em suas considerações, o autor tece alguns elogios ao trabalho de Frieiro, principalmente pela precisão de sua escrita e pela pesquisa criteriosa. Segundo Mattos (1967, p. 8) “Penso que V. feriu um dos pontos que mais nos confirmam no engano da tristeza brasileira, vale dizer, que a tristeza é inseparável das doenças do estômago”.

---

Guilhermino César sobre a sua importância: “No plano da verossimilhança, com efeito, *O mameluco Boaventura* anuncia a voga dos romances de fundo histórico, vizinhos e parentes das biografias romanceadas, comuns na Europa (...). *O mameluco Boaventura* recriou uma atmosfera mineira de que temos hoje esbatido sinal na arquitetura barroca subsistente, mais ainda assim bem desfigurada pela injúria dos anos. Nesse belo cenário, a pena do autor tudo anima ao toque mágico do tempo interior, aquele que de fato conta como expressão do homem” (CÉSAR, 1981, p. 2 e 5).

390 A publicação, ou melhor, o acesso a essa carta como um documento passível de ser usado para a composição do *SLMG*, tendo em vista que Frieiro ainda estava vivo no momento da elaboração do caderno, nos é um indício da contribuição pessoal do escritor na elaboração desse número. Não nos parece exagerado afirmar que há a possibilidade do escritor ter acompanhado e ter sido consultado sobre os textos escolhidos ou mesmo para que pudesse ceder algo de seu interesse para a montagem da edição especial.

391 Em nota, o *SLMG* publicou a seguinte introdução à carta enviada ao escritor: “Por motivo do aparecimento de sua obra ‘O brasileiro não é triste’, recebeu o nosso companheiro de redação Eduardo Frieiro a seguinte carta do brilhante intelectual senhor Mário Mattos, membro da Academia Mineira de Letras” (MATTOS, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 8).



Sobre esse livro, também foi publicado, em sua décima terceira página, um pequeno texto intitulado “O brasileiro não é triste”, escrito por Astrogildo Pereira. Para o autor, Frieiro seria “realmente um ensaísta de primeira ordem, e um dos seus melhores ensaios é sem dúvida aquele a que deu o título *O Brasileiro não é Triste*, publicado pela primeira vez em 1931, em edição limitada, fora do comércio, e agora reeditado”.

Ainda para o autor,

Nesse voluminho se encontram e se harmoniza todas as virtudes de uma prosa tersa, bem nutrida mas enxuta, a serviço de um espírito penetrante, formado de boa erudição, que tem o que dizer e sabe o que diz. Nele rebate a tese de que o brasileiro é um homem triste, glosada por Paulo Prado, algum tempo antes, no seu tão discutido *Retrato do Brasil*. Tenho para mim que Eduardo Frieiro o fez com grande vantagem (PEREIRA, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 13).

Para a sua décima primeira página, foi selecionada uma entrevista dada pelo escritor a Raimundo Meneses e publicada no jornal paulista “Folha da Manhã”.<sup>392</sup> Intitulada “Eduardo Frieiro foi tipógrafo e somente depois de 30 anos começou a escrever”.<sup>393</sup>

Depois de apresentar o escritor, o entrevistador nos informa que

O autor de “Páginas de Crítica e Outros Escritos”, quando lhe falei numa entrevista para esta seção, negaceou imediatamente: questão apenas de modéstia e de feitio. Nada mais. Foi, então, que conversamos, sem qualquer outra preocupação. Da palestra (acredito que ele nem percebeu), nasceram as respostas ao que eu queria saber a respeito dele... (MENESES, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 11).

Em tom informal e descontraído, as respostas e os comentários de Frieiro trataram de questões como o seu começo como escritor, as dificuldades de se publicar em Belo Horizonte, seus gostos e preferências, assim como se davam as suas escolhas pessoais em temas nem sempre ligados à produção literária. Como sugerido pelo título da coluna, a ideia pareceu ser captar como era o universo da vida pessoal, paralelo ao trabalho da escrita do autor. Em certa medida, nos pareceu

<sup>392</sup> No decorrer de toda a entrevista, assim como em suas referências finais, não foram encontradas nenhuma data ou menção a época em que ela teria sido concedida ou publicada.

<sup>393</sup> No cabeçalho da página, consta o título “Como vivem e trabalham nossos escritores”, que acreditamos ser o nome da coluna do jornal paulista onde foi publicada a conversa com Frieiro.

uma tentativa de desmistificação da figura do escritor como um ser alheio ao mundo e limitado ao mundo da escrita em seu escritório ou biblioteca.

Em sua décima terceira página, encontramos o texto “Eduardo Frieiro: inquietude, melancolia”, de autoria do poeta Carlos Drummond de Andrade, extraído de uma publicação feita no jornal *Minas Gerais*, do ano de 1930. Nele, lemos uma resenha feita sobre o livro de Frieiro “Inquietude, melancolia”, publicado naquela mesma data.

Segundo Drummond, em apenas três anos o escritor teria composto e publicado três romances, que não seriam “apenas os melhores, porque são também os únicos, ou quase, ultimamente aparecidos em Minas”. A sua produção se destacaria “em um meio tão pobre de atividade e onde o esforço, quando se realiza, mal é percebido de alguns, deixa perplexos os comentadores fáceis, que enxergam nesse escritor patricio um caso raríssimo de fecundidade”:

Entretanto, não há tal, e erraria quem julgasse Eduardo Frieiro um autor de extensão, quando ele é puramente um autor de profundidade. O seu valor não está em haver dado a estampa três livros em três anos. Está, sim, na substância desses três livros, que são fruto de um dos espíritos mais bem dotados que possuímos, e que mais se adornou ainda com uma cultura bem incorporada pelo hábito cotidiano da meditação (ANDRADE, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 13).

Ao final de suas considerações, o autor lançou a seguinte pergunta: “Qual a posição, assim, desse livro e desse autor no quadro literário nacional? Uma posição de indiscutível e singular relevo”. Para ele, em resposta, o caso de Frieiro também servia como pretexto para uma crítica, talvez um pouco dura, à produção literária de Minas Gerais do início dos anos de 1930 e do papel, pouco produtivo, de seus escritores.

Quando quase ninguém faz nada e o pouco que se faz nem sempre é bom, e no meio do choque de tendências que se anulam sem maior proveito para as letras, Eduardo Frieiro seduz-nos pela disciplina do espírito, avesso a fórmulas porém subordinado às leis superiores do bom gosto, claro e mediterrâneo sem por isso deixar de ser do nosso tempo atormentado, em que o dados do espírito constantemente inconcebíveis pelos homens de outrora. Reclamado pelos amigos da literatura tradicional, disputam-no, por sua vez, os representantes da intelectualidade nova do Brasil, que, embora o reconhecendo clássico, orgulhosamente o proclamam moderno (ANDRADE, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 13).

Para as páginas 14 e 15, foram selecionados, como nos demais cadernos até aqui analisados, tanto alguns dados para a composição da trajetória intelectual do escritor, intitulada “Eduardo Frieiro: bibliografia”, quanto uma quantidade de referências sobre o seu trabalho, colocadas à disposição do leitor interessado, nomeada “Fontes para o estudo crítico”. Em sua organização, foram criadas listas, divididas em quatro colunas, sugerindo um universo amplo e variado de possíveis caminhos para se chegar a produção de Frieiro.<sup>394</sup>

Ainda na página quinze, encontramos um texto sob o título “Como era Gonzaga”, de autoria do escritor Abgar Renault. Nele, lemos uma pequena resenha feita a respeito do livro homônimo de Frieiro.<sup>395</sup> Para o autor, Frieiro, “para satisfazer milhares de curiosos, deliberou estudar a figura de Gonzaga: leu, releu, examinou, indagou, pesquisou e deu-nos afinal uma figura do poeta”.

Ao considerar as dificuldades e limites que uma pesquisa como essa levanta, principalmente pela escassez de fontes e/ou documentos, Renault levantou a seguinte questão: “Será exata, fiel, parecida ou semelhante, essa figura? Não se sabe. É um retrato deduzido de uma série de documentos, de imagens de Gonzaga e de estudos do meio e da época”. Contudo, para o autor, o resultado da pesquisa de Frieiro seria digno de elogios. Ao final de seu texto, ao corroborar com o seu ponto de vista positivo sobre a realização da pesquisa e a publicação do livro, afirmou que “com este volume que tanto tem de exíguo quanto de admirável, a pena insigne de Eduardo Frieiro oferece ao público a sua força de pesquisador e a sua agudeza de crítico em uma das páginas mais ricas que ainda escreveu” (RENAULT, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 15).

Para concluir esse caderno especial, em sua décima sexta página foram publicados dois textos: “Desprendimento”, um editorial escrito por Ayres da Mata Machado Filho e publicado no Minas Gerais, em novembro de 1967, e “Os nossos ‘paraísos artificiais’”, de Eduardo Frieiro, retirado da obra *Os livros nosso amigos*, sobre o qual já comentamos nesta parte da pesquisa.<sup>396</sup>

394 Para esse caderno, não houve nenhuma referência, como aconteceu nos outros números, ao nome de Hélio Gravatá como organizador e/ou responsável pelas listas. Contudo, nosso palpite é de que seja dele a autoria.

395 Não há, no corpo ou ao final do texto, qualquer menção de onde teria sido retirado ou publicado essa resenha, assim como a sua data.

396 Junto ao primeiro texto, encontramos uma imagem de uma fotografia onde podemos ver Frieiro ao lado dos escritores Aires da Mata Machado Filho e Murilo Rubião. Para além de evidenciar a amizade entre os três, a imagem também nos fala sobre uma geração de escritores que tiveram

Para Machado Filho, a questão do desprendimento de Frieiro dizia a respeito da doação que o escritor havia feito de sua biblioteca particular para uma estadual localizada na cidade de Belo Horizonte. Segundo o autor, não teriam se tratado de “obras dispensáveis”, aquelas as quais as “pessoas generosas costumam destinar a bibliotecas públicas. Pertence a maioria ao número de raras edições de autores mineiros do passado”. Essas, segundo nos informa, teriam tido um lugar especial na formação de Frieiro, o que justificaria a sua preocupação e generosidade ao doar o seu acervo para o uso do público leitor: “o próprio Eduardo Frieiro já declarou o quanto ficou devendo à antiga Biblioteca Pública Municipal, que, para o culto autodidata, fez as vezes de universidade”:

Fala em generosidade a notícia de que o escritor Eduardo Frieiro fez doação à Biblioteca Estadual de dois mil volumes da sua livraria. Trata-se de bem mais que isso: de verdadeiro desprendimento de bens terrenos, precisamente aqueles que apelam para os mais íntimos sentimentos possessivos. Tal circunstância magnifica a deliberação de um amoroso do livro, em plena ativa intelectual (MACHADO FILHO, *SLMG*, n. 68, 1967, p. 16).

Coincidência ou não, acabou sendo Machado Filho o responsável pela abertura e pelo fechamento da edição especial dedicada ao escritor Eduardo Frieiro. Se em sua primeira página foi exaltada a importância de sua obra, o que estaria demarcado pelo prazer de sua releitura, ao final, em seu encerramento, a imagem é de um escritor que, para além da contribuição com as suas obras literárias e estudos críticos, também se preocupou em contribuir para a formação cultural dos leitores, ao proporcioná-los a possibilidades de ter contato com um considerável acervo de livros de sua própria biblioteca particular.

#### **6.4. 40 anos de antropofagia**

A quase exatos quatro anos do golpe civil-militar de 1964 e há alguns meses antes da imposição do Ato Institucional 5, o fatídico AI-5, foi lançado, a 13 de abril de

---

na Imprensa Oficial um importante lugar de atuação e onde os seus nomes estão vinculados. Mesmo não fazendo parte em nenhum momento da redação do *SLMG*, a presença de Frieiro, seja como alguém disponível para algum tipo de consulta, seja como colaborador ou mesmo como conselheiro *ad hoc*, digamos, o seu nome sempre foi lembrado e celebrado por vários dos membros das comissões de redação do *SLMG*.

1968, o caderno especial do *SLMG* de número 85, dedicado aos “40 anos de antropofagia”.<sup>397</sup>

O ano de 1968, além de uma data que entraria para a história do país como o período de uma série de acontecimentos políticos ligados às manifestações de vários setores e grupos da sociedade brasileira, também é ano de recrudescimento da violência do regime então vigente e o endurecimento e fechamento ainda mais acentuado do poder concentrado nas mãos dos militares da chamada “linha dura” do Exército. O país encontrava-se, nesse momento, sob o governo do general Artur da Costa e Silva, que se manteria à frente do executivo brasileiro até o ano de 1969. Ao mesmo tempo, esse também foi o ano, no campo da cultura, do aniversário de publicação de uma obra central para o modernismo brasileiro, *Macunaíma*, do escritor paulista Mário de Andrade, e do *Manifesto Antropófago*, redigido pelo também paulista Oswald de Andrade.<sup>398</sup>

Em seu texto de apresentação para o número especial, publicado na capa do *SLMG*, lemos sobre as motivações centrais que justificaram a escolha do tema, a antropofagia, como um tópico de relevância para uma publicação mineira e, em grande medida, voltada para a cultura produzida no e pelo estado de Minas Gerais:

Há quarenta anos surgiam dois textos fundamentais do Modernismo brasileiro: o *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, lançado em maio de 1928 no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, e *Macunaíma*, a rapsódia de Mário de Andrade que empolgaria as letras do tempo pelo caráter inventivo da linguagem e o teor novo da estrutura ficcional. Refletindo – um, no plano das ideias, outro, no plano criativo, os princípios da Semana de Arte Moderna realizaria em São Paulo seis anos antes, os dois fatos significavam, respectivamente, uma radicalização do pensamento crítico diante da realidade brasileira e a tentativa de criação de uma língua capaz de exprimir literariamente a consciência totalizadora dessa mesma realidade (*SLMG*, n. 85, 1968, p. 1).

A presença da influência dos escritores paulistas na história da literatura de Minas tem o seu início já nos anos de 1920, com a vinda da primeira caravana paulista ao Estado com o intuito de conhecer tanto a nova capital, Belo Horizonte, como as cidades oitocentistas e barrocas que tanto interesse despertavam nos

<sup>397</sup> O AI-5 seria decretado ainda naquele ano, em 13 dezembro de 1968.

<sup>398</sup> Sobre a atuação do *SLMG* nos anos de vigência da Ditadura Militar no Brasil, exploramos esse tema no ensaio “*Suplemento Literário* no jornal *Minas Gerais* e a ditadura militar”, que apresentado *IV Encontro de Pesquisa em História da UFMG* (EPHIS), no ano de 2015. O texto foi publicado nos anais de evento. Para mais detalhes, ver: CUNHA, 2015.

principais escritores e intelectuais ligados ao modernismo paulista. Não entraremos mais a fundo nessa discussão ou sobre o seu alcance. Para os nossos objetivos, basta destacarmos que os contatos dos mineiros com essa vanguarda paulista, responsável pelo advento da Semana de Arte Moderna, em 1922, assim como a sua produção intelectual, tiveram um peso significativo na formação e desenvolvimento da intelectualidade mineira. E é exatamente sobre essa questão, portanto, que o sentido do caderno vai se estruturar, ou seja, foi uma homenagem sobre a importância e a relevância da contribuição do modernismo e da antropofagia para a arte nacional e, também, de Minas Gerais.

De uma forma geral, o *SLMG* destacou algo como uma influência igualmente compartilhada entre os dois escritores sobre a produção intelectual nacional, sem fazer, pelo menos de uma forma mais evidente, uma escolha de filiação a um ou outro. Sobre as divergências que os separaram, ao final dos anos de 1920, o caderno deu a elas um sentido mais estético do que político, talvez por não querer entrar nesse campo de debate:

Até aí [anos 1920] ambos os destacados líderes do movimento modernista tinham marchado numa direção comum e *Macunaíma* chegara a ser anunciado como volume inicial de uma *bibliotequinha antropofágica*. Sobrevieram, porém, naquela altura, divergências de pontos-de-vista estéticos e Oswald e Mário continuariam a exercer a notável influência de suas presenças catalisadoras no trabalho de renovação intelectual do país, mas já sem a antiga coesão de liderança dos primeiros embates revolucionários (*SLMG*, n. 85, 1968, p. 1).<sup>399</sup>

As justificativas do *SLMG* pela escolha do tema diziam a respeito a seu interesse, que foi chamado de “programa”, pelo “estudo e divulgação de personalidades, obras e etapas marcantes da literatura nacional”, o que o levou a dedicar este número aos quarenta anos do *Manifesto Antropófago*. Talvez como uma forma de supostamente deixar evidente o seu não alinhamento com nenhum dos dois escritores e seus legados, também anunciava “para lançamento em breve, outra edição especial já em preparo e consagrada ao autor de *Macunaíma*” (*SLMG*, n. 85, 1968, p. 1).<sup>400</sup>

399 Para a correspondência de Tarsila do Amaral com o escritor Mário de Andrade, reveladoras de algumas das questões centrais que envolveram as polêmicas entre o Mário e Oswald, no período (1923-1930) em que a pintora esteve casada com esse, Cf. AMARAL, 2001.

400 Os cadernos, e não apenas um como foi anunciado, foram de fato publicados ainda no ano de 1968, em seus números 93 e 94. É provável, aliás, que essa atenção maior dedicada a Mário de

Segundo texto de apresentação, “os dois fatos singulares de 28 não representam, todavia, apenas acontecimentos da história literária que mereçam ser lembrados e comemorados”. Eles estariam, na verdade, “bem próximos e vivos, repercutindo ainda poderosamente nos projetos, perspectivas e criações da atualidade cultural brasileira”.

Ao situar mais especificamente a questão da antropofagia, que foi escolhido como tema central para a homenagem e rememoração, o caderno defende que a “tese antropofágica” teria se hibernado

(...) criticamente por vários anos, para ter finalmente retomadas e revistas as suas postulações a partir da década de 50, quando uma nova sensibilidade despertou para a compreensão do que elas continham de lucidez e válida intuição. O manifesto, mais do que simples plataforma ideológica de uma ala radical do Modernismo, passou a ser debatido e a atuar como roteiro para uma indagação crítico e filosófica de nossas perplexidades de nação jovem (*SLMG*, n. 85, 1968, p. 1).

Como desdobramentos desses pontos apresentados na tese de Oswald, o destaque recairia sobre conceitos como o de “*redução sociológica, importação e assimilação de técnicas e um fazer novo nacional*”, uma vez que estariam “estritamente ligados a uma atitude desenvolvimentista”. Assim, tributárias “sem dúvida, da ideia central antropofágica”, essas ideias teriam assumido uma “função objetiva como valores ou critérios no campo da sociologia e da economia brasileiras” (*SLMG*, n. 85, 1968, p. 1). Vale ressaltar, por exemplo, que a ideia ou conceito de “redução sociológica” foi apresentado e desenvolvido pelo sociólogo Guerreiro Ramos, em meados da década de 1950.<sup>401</sup>

Outro desdobramento das questões levantadas por Oswald nos anos de 1920, principalmente no que tange à antropofagia, teria sido a reapropriação que delas fizeram os poetas concretos, situados no início dos anos de 1950, principalmente em São Paulo. Segundo o texto, a poesia concreta teria sido

---

Andrade, traduzida na organização de dois cadernos especiais, demonstre uma afinidade maior, por parte dos membros da redação do *SLMG* daquele período, com o legado, a produção e a memória do escritor, em detrimento de Oswald de Andrade. Contudo, também não podemos deixar de considerar que, por outro lado, a imagem desse estava muito associada, ou pelo menos em parte, com a sua trajetória política e controvérsias nas quais ele se viu envolvido. Assumidamente comunista nos anos de 1930 e 40, essa imagem ainda acompanhava o seu legado nas releituras e recepções que sua obra e vida produziu nos anos de 1950 e 60.

401 Sobre a importância da obra de Guerreiro Ramos e o alcance de suas análises, ao mesmo tempo das retomadas contemporâneas de seus estudos, Cf. FILGUEIRAS, 2012.

responsável por recolocar “em meio à sua atividade teórica e crítica, a problemática de uma linguagem identificada com as formulações estéticas da *antropofagia*, suscitando com isso uma ampla revisão e a necessidade de reedição da obra de Oswald de Andrade”, que estariam “praticamente desconhecida das novas gerações” (SLMG, n. 85, 1968, p. 1).

Ainda dentro do universo de retomada do interesse pela obra oswaldiana, o caderno destaca, para além da produção literária do escritor, a releitura e reapropriação, também a partir dos anos de 1950, das teses de caráter filosófico por ele escritas:

*A Crise da Filosofia Messiânica*, trabalho oswaldiano de síntese filosófica da *antropofagia*, é agora também revisado, enquanto o teatro descobre a contundência cênica de *O Rei da Vela* e a própria música popular brasileira, buscando uma linguagem de modernidade e universalidade procura situar-se *tropicalmente* numa verdadeira postura *antropofágica* (SLMG, n. 85, 1968, p. 1).<sup>402</sup>

Mesmo ao mencionar rapidamente o nome de Mário de Andrade como um dos escritores importantes para a produção intelectual do modernismo no anos finais da década de 1920, o caderno, ao focalizar especificamente nas questões em torno da antropofagia, deu destaque às figuras de Oswald de Andrade, de Tarsila do Amaral e de Raul Bopp. Esse, um nome de relevância, tanto pela publicação de seu livro *Cobra Norato*, considerado um dos pilares da antropofagia literária, quanto por sua participação como membro da *Revista de Antropofagia*.

Como justificativa e importância da escolha do tema, assim se colocou o texto de apresentação do caderno especial:

Organizando este número especial, o SUPLEMENTO LITERÁRIO quer oferecer aos leitores uma visão quanto possível abrangente da *Antropofagia*, seu significado na história já quase cinquentenária do modernismo e a importância de sua repercussão no contexto cultural brasileiro. E a homenagem que, conseqüentemente, se presta à memória do paulista e bom amigo de Minas Oswald de Andrade (seu pai era mineiro, de velha família de Baependi, daí certamente a sua simpatia com os nosso

402 Para além desse texto, publicado no ano de 1950, como trabalho para um concurso da Cadeira de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Oswald também escreveu *A marcha das utopias*, uma série de artigos – originalmente publicados em *O Estado de S. Paulo* e reunidos posteriormente em volume com título homônimo –, que tiveram como intenção complementar os seus estudos de *A crise da filosofia messiânica*. Sobre a importância desses textos e seus sentidos e significados dentro da produção intelectual de Oswald de Andrade, Cf. NUNES, 1990. Sobre a filosofia da história na obra do escritor, Cf. VALLE, 2017.



temas e peculiaridades no ensaio *A Arcádia e a Inconfidência* e nos poemas do *Roteiro de Minas*), estende-se a seus companheiros da vanguarda artística de 1928 – a pintora Tarsila do Amaral e o poeta Raul Bopp. Um quadro de Tarsila, batizado como *O antropófago*, tornou-se mesmo o símbolo do movimento, enquanto o poema *Cobra Norato* de Bopp ficou-nos como a criação literária mais típica do espírito antropofágico (*SLMG*, n. 85, 1968, p. 1).

Para essa homenagem, o caderno especial foi organizado em 12 página, contudo, sem deixar claro de quem teria sido a seleção dos textos que dele fizeram parte. Nosso palpite, contudo, que o trabalho tenha ficado por conta de Laís Corrêa de Araújo, uma vez que, naquele período, ela ainda fazia parte do corpo editorial do *SLMG*. Além disso, ela também fazia parte de um grupo de escritores e críticos da literatura que eram próximos dos escritores “vanguardistas” de São Paulo e Rio de Janeiro, relação essa que já vinha de datas anteriores como, por exemplo, da reunião de alguns deles, como Dácio Pignatari, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, do pintor Hélio Oiticica, dentre outros, no evento sobre arte de vanguarda que teve lugar em Belo Horizonte no início dos anos de 1960,<sup>403</sup> assim como da sua participação na revista *Tendência*, fundada no ano de 1957, também na capital mineira.

O caderno inicia-se com a publicação, logo depois do texto de apresentação, em sua segunda página, do “Manifesto Antropófago”, escrito por Oswald de Andrade e publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, de maio de 1928. Selecionado na íntegra, não houve nenhuma consideração a respeito dele. Sua formatação, contudo, sugere apenas a fidelidade com que foi publicado pela primeira vez na revista, com os aforismas oswaldianos divididos por pequenos tópicos, como no original. Contudo, diferente desse, o texto não trouxe o desenho feito por Tarsila do Amaral, também de 1928, que ilustrou a sua primeira publicação.

Na sequência, lemos um fragmento da conferência “O caminho percorrido”, publicada em seu livro de ensaios intitulado *Ponta de lança*.<sup>404</sup> O texto recortado

403 O evento foi denominado *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda* e reuniu, em 1963, no saguão da Reitoria da UFMG, alguns dos principais nomes da poesia brasileira. Para mais detalhes, Cf. RIBEIRO, 1997.

404 Em nota à publicação desse livro, em 1944, o próprio escritor assim se manifestou: “Este livro compõe-se de artigos e conferências. É a minha atividade jornalística, durante o ano de 1943, constante da colaboração no *Estado*, no *Diário de São Paulo* e na *Folha da Manhã*. As três conferências foram pronunciadas, a primeira no encerramento da exposição do pintor Carlos Prado, em setembro de 1943, a segunda em Belo Horizonte, em maio de 1944 e a terceira em São Paulo, em agosto do mesmo ano”. Cf. ANDRADE, 1971.

carregou o nome de “Da Inconfidência à Antropofagia”. Nele, em um processo de síntese, Oswald afirma que “Indagar por que se processou na nossa capital a renovação literária, é o mesmo que indagar por que se produziu em Minas Gerais a Inconfidência Mineira” (ANDRADE, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 1). Escrito no ano de 1944, esse texto foi pronunciado na *Exposição de Arte Moderna*, que teve lugar na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1944.<sup>405</sup> Em uma tentativa de aproximar o advento da frustrada Inconfidência Mineira às iniciativas político-intelectuais da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922 na cidade de São Paulo, o escritor assim se referiu aos eventos:

Como houve as revoluções do ouro, houve as do café. Naquelas culminaram os intelectuais de Vila Rica, nestas agiram como semáforos os modernistas de 22. Nunca se poderá desligar a Semana de Arte Moderna que se produziu em fevereiro, do levante do Forte de Copacabana que se verificou em julho, no mesmo ano. Ambos os acontecimentos iriam marcar apenas a maioria do Brasil. Essa maioria fora prenunciada em Minas pelos Inconfidentes (ANDRADE, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 1).

Como uma espécie de certidão de maioria para a então jovem nação brasileira, o acontecimento político ocorrido nas Minas oitocentistas servia, em seu argumento, para a construção de uma linha de argumentação que localizava naquele os elementos indispensáveis para a consolidação de um projeto de nação que desaguaria nos pressupostos modernistas dos anos de 1920.

---

<sup>405</sup> Sobre a repercussão dessa exposição e os significados que ela carregou para o processo de modernização da capital mineira, Cf. SOUZA, 1998.



Para Eneida Maria de Souza,

Tornou-se antológica a conferência de Oswald de Andrade, realizada no Salão Nobre da Biblioteca Pública, cujo teor era a continuidade que a exposição representava em relação ao evento modernista de 1922. (...) A ideia de continuidade artística servia como artifício para a consolidação de um programa político, pautado pela relação estreita entre modernização social e progresso tecnológico. A intenção unificadora da política mineira do momento seria, nas palavras de Oswald de Andrade, a resposta conciliadora para a dispersão artística e política de São Paulo, assim como a retomada dos princípios modernos, o desdobramento de um projeto ainda não terminado (SOUZA, 1998, p. 23).

Mesmo sem tecer considerações valorativas a respeito das propostas oswaldianas, nos campos da política e da criação literária, não podemos deixar de nos indagar se a escolha de seu nome e de sua produção intelectual, nesse contexto em que o país atravessava, não seria um indício de uma provocação ou de um posicionamento do *SLMG*, mesmo que indiretamente, no que diz respeito a necessidade de uma autonomia do fazer literário, para além as imposições e censura que estavam em vigor a partir do golpe civil-militar iniciado em 1964. De uma forma geral, não é perceptível um posicionamento do caderno sobre questões políticas, mas, de por outro lado, não podemos deixar de ler as escolhas temáticas do caderno como um gesto interessado e/ou carregado de intencionalidades. Ao nosso ver, essa escolha, em si, já se apresenta como um posicionamento do caderno, mesmo que feito de maneira implícita.

Na mesma página, nos deparamos com uma pequena biografia, retirada do livro *Nossos Clássicos 91. Oswald de Andrade*, intitulada “Oswald de Andrade – dados biográficos”, da autoria do poeta e tradutor Haroldo de Campos. Nela, podemos notar um recorte muito preciso dos principais momentos “fortes” da atuação do escritor, focado principalmente nos momentos mais polêmicos de sua trajetória como, por exemplo, da sua adesão, em 1931, ao comunismo e do lançamento do jornal político *O Homem do Povo*, em parceria com a sua então esposa Patrícia Galvão, a Pagu.<sup>406</sup>

---

406 Sobre esse período da trajetória da vida do escritor, dedicamos nossa dissertação *Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)*. Posteriormente, no ano de 2017, esse estudo foi publicado, em formato livro, sob o título *Oswald de Andrade: um antropófago comunista*. Para mais detalhes, Cf. CUNHA, 2012; 2017.

Na sequência, em sua página de número quatro, temos um longo texto de Haroldo de Campos, intitulado “Oswald de Andrade”. Para ele, em um tom já presente em “Oswald de Andrade, um poeta da radicalidade”,<sup>407</sup> o escritor teria sido o promotor de uma revolução estético-política na literatura brasileira, talvez o primeiro a realmente levar o conceito de autonomia e independência a sério. O tom, como podemos perceber na passagem abaixo, é de exaltação da importância do trabalho do escritor no campo intelectual:<sup>408</sup>

Se se pode reconhecer em nossa literatura moderna um espírito marcadamente poundiano, este será o de Oswald de Andrade. Oswald é o inventor, na acepção pound: “homens que descobrem um novo processo ou seja obra estante dá-nos o primeiro exemplo conhecido de um processo”. É o homem das “separações drásticas”, dos “não li e não gostei” iluminados, que zoneavam clareiras de lucidez por entre o marasmo bom-tom da floricultura-de-estufa em que se confinou certa parte da produção literária subsequente, que supôs reagir sério-esteticamente contra a instigação berrante de sua obra (CAMPOS, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 4).

Em sua página cinco, as atenções recaíram sobre a pintora Tarsila do Amaral e do escritor Raul Bopp. Em relação a primeira, foi publicado um pequeno texto intitulado “Tarsila do Amaral: dados biográficos” e, sobre o segundo, foi publicado um fragmento sob o título “Raul Bopp”, retirado da obra *Panorama da poesia brasileira: O Modernismo*,<sup>409</sup> do crítico da literatura Mário da Silva Brito. Para o crítico, Raul Bopp teria participado “ativamente da fase polêmica do modernismo em São Paulo”. No primeiro momento, ele teria composto o grupo “Verde e Amarelo”, liderado por Plínio Salgado, que o teria definido como o “verdeamarelismo ambulante”. Porém, “depois, integrou as hostes da ‘Antropofagia’, com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral” (SILVA, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 5).

---

407 O texto de Campos foi publicado como introdução ao livro *Pau-Brasil* do escritor Oswald de Andrade, no ano de 1965, ao que tudo indica (essa é a data que está indicada no livro como o ano em que o texto foi compilado e fixado para a sua publicação). Segundo Campos, “se queremos caracterizar de um modo significativo a poesia de Oswald de Andrade no panorama de nosso Modernismo, diremos que esta poesia responde a uma poética da radicalidade. É uma poesia radical” (CAMPOS; ANDRADE, 1990, p. 7).

408 Sobre o trabalho de revalorização e defesa da produção do escritor para a produção cultural nos anos de 1950, e a partir deles, Cf. SILVA, 2006.

409 A coleção foi organizada em seis volumes, pela editora Civilização Brasileira, a partir do ano de 1959. Com um proposta de cobertura da história da literatura dividida em épocas por volumes, a antologia cobriu os períodos ou escolas literárias intitulando-os como “Era Luso-Brasileira”, “O Romantismo”, “Parnasianismo”, “O Simbolismo”, “O Pré-Modernismo” e “O Modernismo”. Esse último, sob a organização e responsabilidade de Mário Brito da Silva.

Para as páginas seis e sete, foram selecionados fragmentos do principal livro de Bopp, o *Cobra Norato*, que teve a sua primeira publicação no ano de 1931.<sup>410</sup>

Ainda em sua sétima página, foi publicado um trecho de um texto de Othon Moacyr Garcia, retirado do ensaio *Cobra Norato – O poema e o mito*.<sup>411</sup> Intitulado “Cobra Norato – O poema”, nele o autor afirma que “do alvoreço provocado pela chamada Semana de Arte Moderna nos idos de 22, sobraram algumas obras cujo valor o tempo e a perspectiva não fizeram senão confirmar”. E uma delas, completa, “de repercussão ainda que retardada daquele movimento renovador, é o poema de Raul Bopp – *Cobra Norato* – a cuja primeira edição (1931)” que teria sido “recebida com louvores e entusiasmo, mas nem sempre compreendida”. Após sua publicação, seguiram-se mais cinco edições: “1937, 1947 (Zurique), 1951, 1954 (Barcelona) e 1956 (Livraria São José)”. Ainda para o autor, ao comparar o trabalho de Bopp com os demais modernistas da “primeira fase”, “ao lado de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, é *Cobra Norato* uma das obras mais singulares de nossa literatura contemporânea” (GARCIA, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 7).

Sobre o lugar dessa obra no âmbito das propostas modernistas e as classificações derivadas dos estudos críticos, Garcia nos informa que

(...) *Cobra Norato* (...) se é antropofágico, verde-e-amarelo ou pau-brasilico, pouco importa; afinal, essas e outras venetas do movimento modernista era veios da mesma mina. O que importa é que *Cobra Norato* é “ferozmente brasileiro” e um grande poema, quer como concepção quer como realização verbal (GARCIA, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 7).

As próximas páginas, de números oito e nove, foram ocupadas com trechos retirados do livro *Movimentos modernista no Brasil – 1922-1928*, de autoria do próprio Bopp, lançado pela primeira vez no ano de 1966. Para a publicação dos fragmentos no *SLMG*, o texto foi intitulado “Uma subcorrente modernista em São Paulo: a Antropofagia”. Para o autor, “a agitação que resultou do Movimento Modernista de 1922” teria estendido-se por todo o país. O seu “ruído” teria acordado o Brasil “de um estado de estagnação”. Um novo “ânimo de renovação” teria

410 O livro foi concebido a partir de 1921, reescrito em 1927 e publicado pela primeira vez em 1931. No ano seguinte, Bopp publicou o livro *Urucungo* (1932), em que o escritor voltou-se para a cultura africana e sua influência na formação histórica do Brasil.

411 Somos informados, ao final do texto, que o ensaio, como o próprio *SLMG*, teria sido publicado no Rio de Janeiro, pela Livraria São José, em 1962.

liquidado “não somente com um passivo de ideias antiquadas que predominavam nas letras e nas artes, como chegou mesmo a influir na formação de um espírito novo que veio ocupar a nossa órbita política”.

O seu alcance, ainda segundo o autor, não estaria apenas no campo da produção literária, sendo possível localizar ecos em diversos seguimentos da vida social.<sup>412</sup> Como um desdobramento das propostas modernistas, teria sido inaugurada uma “subcorrente”, iniciada em 1928, em torno da ideia de uma antropofagia cultural. Como sinalizamos anteriormente, grupo que fazia parte o próprio escritor, o que sugere que a sua narrativa tenha características de um autorrelato.<sup>413</sup>

Os reflexos da “Semana” alcançaram os setores mais diversos. O impulso da caudal modernista deu lugar, alguns anos mais tarde (1928), a uma subcorrente de ideias na própria cidade de São Paulo. Essa agitação no mundo das letras, que surgiu com um sentido ferozmente brasileiro, denominou-se “Antropofagia” (BOPP, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 7).

Para a sua décima página, foi selecionado uma conferência de Jayme Adour da Câmara, pronunciada em 1929, “a bordo de um navio numa viagem à Europa”, e divulgada por Oliveira Bastos no extinto *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, em 1957, como nos é informado ao final do texto. Intitulada “Antropofagia – revolta da sinceridade recalçada”, nela o autor fez uma defesa incondicional e incisiva dos princípios que regiam as ideias antropofágicas, assim como de suas propostas para além do campo da cultura.<sup>414</sup>

---

412 O livro de Bopp foi organizado a partir de pequenos tópicos, em que foram tematizadas questões que giravam em torno do processo de modernização da cultura brasileira, tendo a cidade de São Paulo como epicentro irradiador das mudanças. Dentro os abordados, destacamos, por exemplo, os intitulados “São Paulo”, “Debates Literários”, “Mário de Andrade”, “Oswald de Andrade”, “Solar de Tarsila”, “Clube da Antropofagia”, “Revista de Antropofagia”, dentre outros. Essas características, vale ressaltar, nos permite caracterizar o seu texto como uma espécie pequeno dicionário de verbetes sobre a antropofagia e o modernismo paulista.

413 No campo da escrita biográfica, incluindo também a escrita autobiográfica, Bopp havia publicado, antes desse livro em questão, outros dois: *Notas de viagem*, em 1959, e *Notas de um caderno sobre o Itamarati*, em 1960. Posteriormente, também viria a publicar *Memórias de um embaixador*, em 1968, *Coisas do oriente*, 1971, e *Raul Bopp passado a limpo por ele mesmo*, 1972.

414 Na 11ª versão do livro *Cobra Norato*, de Raul Bopp, publicada em 1973, consta, em uma relação sobre as 10 edições anteriores do livro, que em seu lançamento, em 1931, a edição foi promovida por Jaime Adour de Câmara e Alberto Pádua de Araújo. A sua tiragem teria sido de 2600 volumes.

Para ele, a Antropofagia teria nascido de uma “necessidade imanente do espírito brasileiro” e se entendia como um “movimento de reação contra todo o idealismo utópico. Contra a literatura ‘cívica’ e contra todas as escolas literárias”. Para além da literatura, esse “movimento de reação” seria também uma “marcha em sentido da nossa geografia. Descida violenta contra todos os falsos ídolos da nacionalidade”. De uma forma geral, se cotejado com o *Manifesto Antropófago*, de autoria de Oswald de Andrade, perceberemos que a sua escrita e o seu conteúdo remetem diretamente à estrutura textual do manifesto do escritor paulista. Ambos são escritos a partir de construções imperativas, repletos de aforismos e com uma linguagem direta e incisiva.

Segundo o texto de Câmara, por exemplo,

“*Antropofagia*” é um movimento de libertação. “A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem” (Manifesto). Daí, movimento de coragem e combate decidido. Movimento que segue sua evolução violenta para um desfecho de lutas em campos rasos. Já houve quem visse em nossa “descida” um movimento em prol de certo gosto estético. Não. Caminhamos para a integração do homem em si mesmo. Para a sua libertação. Para a libertação de seus instintos recalçados e deformados pela violência do colonizador (CÂMARA, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 10).

Para a montagem das páginas finais, foram selecionados textos, ou fragmentos, de estudiosos do modernismo brasileiro, que variaram as suas análises a respeito da Antropofagia, ora centralizado na importância de Oswald de Andrade, ora ampliando o espectro para outros participantes do movimento. Nesse sentido, lemos, em sua décima primeira página, o texto intitulado “Tarsila e a exposição antropófaga”, de autoria do crítico da literatura Mário da Silva Brito.<sup>415</sup>

Segundo o crítico,

Assim como o movimento “verdeamarelo” se transforma no da “Anta”, também o “pau-brasil” se transmuda no da “Antropofagia”, tendo Oswald de Andrade como chefe. É opositor do “verdeamarelismo” e sua nova encarnação. Mas, como este, prega o retorno ao primitivo, porém ao primitivo em estado de pureza – se assim se pode dizer – ou seja sem compromissos com a ordem social estabelecida: religião, política, economia. É uma volta ao primitivo antes de suas ligações com a sociedade e cultura ocidental e europeia (BRITO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11).

---

415 Segundo somos informados ao final do texto, o fragmento foi retirado do livro *Literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho. Vol. III, t. 1. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959”.



Sobre a participação de Tarsila do Amaral, Brito nos informa que a pintora era “ligada ao grupo”. “Ex-aluna de Pedro Alexandrino e que, aderindo ao Modernismo, frequenta André Lhote, que a faz ‘compreender a necessidade de uma reação contra o bolchevismo impressionista’”.

Bem ao gosto das controvérsias criadas ou alimentadas em suas atuações, seja na literatura ou nas artes plásticas, seja na vida pública, ou em ambas, Brito nos narra um episódio que teria tido como centro uma exposição em que Amaral participou, em 1929, na cidade do Rio de Janeiro:

A exposição antropófaga, ocorrida em 1929, no Rio, provoca grande escândalo. Há intervenção da polícia, secretas se espalham pelo público, a fim de evitar conflito entre os partidários e opositores de Tarsila. Não menos barulhenta é a repercussão da mostra de quadros quando apresentada em São Paulo. Os alunos da Escola de Belas Artes – previnem à pintora – pretendiam rasgar as suas telas (BRITO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11).

Segundo o autor, em depoimento dado por Amaral no final dos anos 1930, o “movimento empolgou, escandalizou, irritou, entusiasmou, cresceu com adesões do norte ao sul do Brasil” (AMARAL *apud* BRITO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11). Ainda para o autor, “o Modernismo, como ruptura com as tradições conservadoras e acadêmicas, estava triunfante. Disseminara-se por todo o país, até pelas cidades do interior” (BRITO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11).

Em diálogo com o trecho acima, na mesma página também encontramos um fragmento de um texto escrito por João Dornas Filho, denominado “Para a história do modernismo brasileiro”.<sup>416</sup> Para o autor, a ocasião, em 1952, do “cinquentenário de Carlos Drummond de Andrade” o fazia “recordar dos dias agitados que correram entre 1922 e 1930, quando o movimento modernista, ultrapassada a fase de demolição que atingiu até 1926, entrou no largo caminho da construção”.

Em seu balanço dos ganhos e retrocessos, localizava a importância de Minas Gerais e dos intelectuais mineiros daquele período que se encontravam também inseridos nos principais debates e polêmicas da época. Para ele, essa fora “a vitória completa da revolução intelectual, que em Minas, como é do gosto dos mineiros, desde de 1920 se processava sem estardalhaços com Martins de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Emílio Moura, João Alphonsus etc”.

<sup>416</sup> Há a indicação de que o artigo teria sido publicado, anteriormente, no jornal *Diário de Minas*, em 19/10/1952.

Contudo, também foi em Minas, especialmente entre a intelectualidade belorizontina, em torno do grupo liderado e sob a influência de Carlos Drummond, que teria se dado uma divisão entre aqueles que apoiavam as ideias antropofágicas e os que não quiseram a elas aderir.<sup>417</sup> Segundo nos informa o autor, “em Minas, que por esse tempo (1928) já floria o grupo de Cataguases (Resende, Peixoto, Guilhermino, Ascânio, Rosário, etc.), Carlos Drummond e seu grupo permaneceram ausentes do movimento antropofágico” (DORNAS FILHO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11).

O texto de Dornas Filho termina com a publicação de uma carta, que teria sido enviada por Carlos Drummond a Oswald de Andrade. Nela, poeta itabirano afirma não ter interesse em participar do projeto antropofágico. Em suas palavras: “Não posso pois colaborar na descida antropofágica. Não participo do Estado de espírito índio, considero acadêmicas as discussões sobre os jesuítas” (ANDRADE *apud* DORNAS FILHO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11).<sup>418</sup>

Como texto de fechamento desse caderno especial sobre a Antropofagia, e de certa forma sobre o escritor Oswald de Andrade, em sua décima segunda página foi publicado um longo ensaio intitulado “A marcha das utopias”, de autoria do filósofo e crítico da literatura Benedito Nunes.<sup>419</sup> Para o autor, o escritor teria sido responsável por dois importantes manifestos do nosso modernismo, o Pau-Brasil (1926) e o Antropófago (1928), ao mesmo tempo que nos deixou “uma trilha de inquietação intelectual, que vai da poesia ao romance, do artigo polêmico ao ensaio filosófico”. Nesse sentido, seria em *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950) que o escritor, após “examinar a decadência simultânea do patriarcado e do pensamento

417 Para uma discussão sobre as polêmicas, os debates e seus desdobramentos na capital mineira, principalmente no que diz respeito aos posicionamentos dos mineiros em relação à Antropofagia, Cf. DIAS, 1971; ÁVILA, 2011.

418 Sobre a existência dessa carta, assim se manifestou Dornas Filho: “O ‘Diário de São Paulo’ estampou esta carta com estes subtítulos – ‘Os Andradas se dividem – o nosso colaborador Oswald de Andrade recebeu do sr. Carlos Drummond de Andrade a seguinte carta, desaderindo’. Desaderindo de quê? Drummond nunca aderiu...” (DORNAS FILHO, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 11).

419 No de 1972, foi publicado pela primeira vez o livro *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios* como sétimo volume, dos 11 anunciados pela Editora Civilização Brasileira, das *Obras Completas* do escritor Oswald de Andrade. Acompanhando os textos, o livro contou com uma introdução feita por Benedito Nunes, sob o título de “Antropofagia ao alcance de todos”. Vela ressaltar que um rápido cotejamento de ambos os textos nos mostra que muitas das ideias e pontos de vista defendido naquela ocasião (início da década de 1970) já estão presentes no texto publicado no *SLMG*, por ocasião do lançamento desse caderno especial, servindo esse como uma espécie de “ensaio geral” para a publicação de um estudo mais extenso e aprofundado alguns anos depois (a introdução tem cerca de 40 páginas e, desde de então, acompanha as reedições do livro do escritor). Para mais detalhes, Cf. ANDRADE, 1972; 1990; 2011.

filosófico ocidental”, previu “o advento de uma sociedade em que a técnica, libertando o homem do trabalho material, devolve-o ao estado de comunhão com a Natureza, que o primitivo viveu, no ócio das florestas do Novo Mundo...” (NUNES, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 12).

A partir da leitura de Nunes, a utopia oswaldiana sobre o presente e o futuro se configuraria por uma superação do (e pelo homem) realizável através do domínio da técnica, algo que já estava presente, diga-se de passagem, no *Manifesto Antropófago*, de 1928:

A sociedade que advirá do pleno domínio da técnica é, paradoxalmente, muito nova e muito velha: muito nova por que viria substituir as até aqui perduráveis instituições patriarcais, que formam o ciclo de cultura marcado pela concepção messiânica do mundo, paralela à civilização; muito velha porque, graças à absorção da força de trabalho pelas máquinas, que põem a funcionar sozinhas, como os fusos de Aristóteles, essa sociedade traria de volta o parentesco materno, a propriedade coletiva, o ócio lúdico e festivo, partes da mesma atitude do primitivo, gerador dos tabus, dos totens e da antropofagia, que correspondeu a outro ciclo de cultura, reprimido e soterrado pela civilização (NUNES, *SLMG*, n. 85, 1968, p. 12).

O esforço de Nunes é o do entendimento e da interpretação das principais teses lançadas pelo escritor nos anos de 1920 e retomadas nos anos de 1950. Como esse pensamento via de regra não se encontra sistematizado, como escritos de caráter filosófico-acadêmico, seu trabalho teve que percorrer escritos de naturezas diferentes, como manifestos e teses de concursos, no intuito de estabelecer alguns pontos de contato entre eles.<sup>420</sup> Para ele, contudo, o trabalho específico em *A Crise da Filosofia Messiânica* baseou-se no movimento “que vai do matriarcado primitivo ao patriarcado, para depois da superação deste retornar a uma diferente e renovada expressão daquela, no esquema triádico abstrato de tese, antítese e síntese”. Esse procedimento, aliás, que nos sugere ainda uma maneira de pensar a cultura a partir dos ensinamentos da dialética, talvez nos indicando

---

420 Nos últimos anos, notamos um crescimento do interesse de pesquisadores pela obra de Oswald de Andrade, principalmente na parte não literária de sua produção. Nesse sentido, Cf., por exemplo, SALLES, 2015; ALMEIDA, 2015; SOUZA, 2007; SCHUBACK, 2016; VERGARA, 2008. Em 2011, foi organizado um importante livro intitulado *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*, que contou com a presença de vários estudiosos, tanto nacionais quanto estrangeiros, da obra do escritor (RUFFINELLI; ROCHA, 2011).

resquícios da aproximação do escritor paulista com a militância e interesse pelo comunismo.<sup>421</sup>

Assim, chegamos ao final dessa caminhada pelos cadernos especiais selecionados para a nossa investigação sobre o trabalho com a memória, que procuramos ler a partir de uma investigação sobre um olhar da temporalidade histórica. Em relação ao recorte sobre o século XX, restaria dizer que a quantidade de cadernos produzidos foi consideravelmente maior ao somar, sozinho, um número superior aos outros dois séculos juntos (ver tabela 1, p. 159). Contudo, por questões metodológicas e mesmo de espaço deste trabalho, não se tornou viável ampliar o número de edições, sob o risco do trabalho não ser efetivado a bom termo.

Caminhemos, então, para as considerações finais, onde abriremos uma reflexão sobre os resultados alcançados com esse investigação e as possibilidades em aberto que ainda se encontram à disposição dos pesquisadores que possam se interessar pelo tema.

---

421 Oswald de Andrade aderiu ao comunismo no início de 1931, aproximando-se do Partido Comunista Brasileiro e integrando-se às fileiras do Socorro Vermelho, desligando-se do mesmo no ano de 1945, quando anunciou publicamente o seu afastamento do partido. Para mais detalhes, Cf. CUNHA, 2017.

### **Considerações finais: O Suplemento Literário como um dispositivo de cultura**

Chegamos, então, ao momento de alinhar as questões por nós levantadas do longo desses 6 capítulos e, ao mesmo tempo, deixar algumas pistas para aqueles que tenham, porventura, interesse pelo tema.

Em termos comparativos, podemos dizer que há significativas diferenças e algumas continuidades no trabalho feito pelo *SLMG*, nos anos de 1960 e 1970, em relação às publicações feitas anteriormente ao seu aparecimento. Sobre esse ponto que gostaríamos de abrir uma reflexão, à guisa de conclusão desta pesquisa, confiantes que algumas questões ainda podem ser sugeridas para os pesquisadores que tenham interesse em se embrenhar por alguns caminhos por nós sugeridos.

Se os anos de 1920 foram capazes de movimentar uma geração intelectual muito afeita ao embate aberto e incisivo em relação ao presente e as propostas de mudança social e cultural de seu “espaço de experiência”, os anos de 1940 apresentarão um primeiro momento de dispersão em suas propostas, para uma seguinte demarcação de um grupo, nos anos de 1950 e 1960, voltado para uma visão mais coesa do trabalho intelectual e das formas de inserção no campo da cultura. Como vimos no começo desta pesquisa, os três períodos foram marcados, respectivamente, pelas atuações das revistas *A Revista*, *Vocação* e *Tendência*.

Situados, em um primeiro momento, nos marcos propositivos da primeira fase, considerada “heroica”, do modernismo dos anos 1920, as ideias de ruptura, vanguardismo e modernidade atraíram para as suas fileiras os principais intelectuais de outras regiões, que tiveram nos escritores situados em São Paulo seu principal ponto de referência. Contudo, os ganhos mais significativos desse período se farão sentir mais fortemente em outras lugares a partir dos anos de 1930, principalmente com o surgimento dos regionalismos e as propostas por eles movimentadas em suas formas de conceber o trabalho intelectual e literário. Por aqui, a sua importância será, podemos dizer, tímida, ganhando contornos mais propositivos e definidos a partir dos anos de 1950 e se fortalecendo nos anos de 1960.

A criação do *SLMG*, em 1966, teria aberto e significado, nessa esteira, uma nova possibilidade e um novo espaço para a atuação dos principais intelectuais inseridos em projetos heterogêneos anteriormente desenvolvidos, mas marcados por curtas existências. Proposto a partir de uma noção ampla de veículo de

produção e divulgação culturais, o *SLMG* foi capaz de agregar em seu seio uma heterogeneidade de intelectuais de diferentes estratos e formações, conferindo a sua forma de atuação um caráter híbrido, ao compor um dispositivo de cultura capaz de congrega, em períodos diferentes, uma parte significativa da intelectualidade portadora de um capital cultural considerável, disposta e disponível para a realização do trabalho intelectual.

Sobre a sua maneira de organização, o *SLMG* nos sugeriu uma estruturação organizada e orientada por algumas escolhas mais ou menos contantes, que resumimos em duas formas distintas.

Uma delas, constante em todo o seu funcionamento, desde o início, foi o colonismo fixo, preenchido por nomes que publicavam com uma regularidade semanal. Esse lugar foi ocupado tanto por intelectuais recém chegados ou estreates no campo cultural, em grande medida vindos de alguma atividade com o jornalismo ou com a atividade de produção literária, via contos, ou ainda estudantes e/ou atuantes no campo das artes plásticas (incluindo aí a fotografia e o designer) ou por nomes que já apresentavam um certo capital cultural e relacional acumulado por suas atividades em outros veículos de comunicação da capital, ou mesmo fora dela. Nesse grupo, encontravam-se nomes como Humberto Werneck, Jaime Prado Gouvêa, Carlos Pellegrino, Adão Ventura, dentre outros. No segundo, encontravam nomes como o de Laís Corrêa de Araújo e Márcio Sampaio (que mesmo mais novo, com 25 anos à estreia do *SLMG*, ocupou um espaço de destaque desde o início e nos anos seguintes).

Por outro lado, também nos pareceu importante destacar, e mapear, mesmo que de uma forma não exaustiva, as contribuições ocasionais, sendo que algumas delas chegaram a manter uma pequena continuidade, dado o assunto trabalhado, como mostramos no capítulo 3. Esse recorte nos possibilitou entender melhor o o *SLMG* como um lugar possível para a publicação e divulgação de algumas pesquisas ou estudos produzidos em uma época que ainda seus autores não podiam contar com uma estrutura universitária ou de divulgação científica, só verificáveis em décadas posteriores. Nesse sentido, o caderno se prestou a proporcionar um importante espaço para a publicação de uma série de matérias ou ensaios ou até mesmo resultados parciais ou preliminares ou resultado de pesquisas

maiores que estavam em processo de composição. Assim, e em decorrência dessa forma de composição dos cadernos durante os anos de nosso recorte, percebemos uma característica híbrida tanto nas escolhas e aceites dos temas que fizeram parte de seu escopo de publicações, assim como nos nomes que contribuíram com textos (ensaios, críticas, entrevistas, resenhas, depoimentos etc.) ou com poesias e ilustrações.

Esse caráter híbrido e heterogêneo do caderno também nos proporcionou a possibilidade de entender melhor as várias manifestações de apoio destinadas ao *SLMG* durante a sua existência, sejam elas feitas por decorrência de algumas polêmicas que o envolveram, sejam devido ao entendimento de que o caderno vinha fazendo um importante trabalho ou mesmo ocupando um espaço de destaque no âmbito da produção cultural mineira e nacional. De uma forma geral, manter o *SLMG* em funcionamento significava ter um canal de publicação disponível que, além da projeção, também pagava salário aos membros da redação e do conselho editorial, assim como aos colaboradores.

Mesmo com as críticas vindas de alguns setores da sociedade, principalmente, no campo da produção intelectual, remetidos por alguns membros da Academia Mineira de Letras (AML), o caderno teve, com o passar do tempo, uma recepção muito positiva no meio intelectual brasileiro. Como mostramos no capítulo 1, foram consideráveis as manifestações de apoio ao trabalho que vinha sendo realizado. Contudo, vale destacar que esta é uma pesquisa que ainda mereceria uma melhor atenção, dado o volume de material existente no acervo pessoal do escritor Murilo Rubião, em posse do Acervo dos Escritores Mineiros/UFMG, e ainda pouco estudado, pelo menos de um ponto de vista histórico.

Um outro ponto que também observamos como passível de ser investigado, e que acabamos por não privilegiar, seria relativo à recepção que o *SLMG* teve no âmbito das imprensas mineira e nacional. Há uma considerável quantidade de fontes no acervo mencionado, guardado quase que religiosamente pelo seu titular, que nos abrem para uma dimensão muito interessante para a cobertura dos anos de publicação do *SLMG*, principalmente em referência aos anos de 1960 e 1970, quando Rubião esteve a frente de sua condução.

Uma outra questão que nos pareceu importante frisar, e que tem uma relação muito próxima com o que comentamos logo acima, diz a respeito do trabalho com o acervo pessoal de Rubião. Boa parte das pesquisas feitas sobre o *SLMG*, ou mais especificamente sobre o escritor, acabam por destacar ou superestimar o lugar ocupado por ele na história do caderno, ofuscando os demais personagens ou mesmo relegando a segundo plano a sua participação.

Em nossa perspectiva, também nos foi possível constatar que realmente a sua importância foi central, tanto para a criação, organização, manutenção e condução do *SLMG*, mas também percebemos que outros nomes estiveram intimamente ligados ao projeto e, em alguma medida, foram importantes para o seu funcionamento. Para tanto, foi muito importante para um maior entendimento e esclarecimento o estudo, a partir de uma perspectiva prosopográfica, que exploramos no capítulo 2, traçarmos as biografias de alguns dos principais intelectuais envolvidos no processo. Dentre eles, o pouco lembrado ou estudado Aires da Mata Machado Filho que, por si só, mereceria um estudo à parte, por suas contribuições e importância no cenário intelectual mineiro. Algo, aliás, que também está por se fazer. No recorte específico de sua participação nesse primeiro momento com o trabalho no *SLMG* – ele voltaria nos anos 1980 quando a direção da Imprensa Oficial foi exercida por Rubião, à convite do então governador Tancredo Neves –, era sua a “função” de orador à frente do caderno sempre que houve algum evento de lançamento oficial de algum caderno especial ou em alguma homenagem ao *SLMG*.

Contudo, entendemos que essa lista poderia ter sido ampliada e nela inserida alguns dos nomes que também fizeram parte da condução do caderno e exerceram papel de relevância para na história do *SLMG*, principalmente como diretores do caderno. Porém, consideramos que a montagem dessa rede, para pensarmos junto com Latour (1994), ampliaria demais o espectro de análise desta tese, até mesmo conduzindo-a para outros caminhos não propostos por ora. Nesse grupo poderiam ter sido incluídos, por exemplo, nomes dos outros diretores como o de Ângelo Oswaldo, de Mário Garcia de Paiva, de Libério Neves ou de Wander Piroli. De uma forma mais sumária, tentamos resolver essa pequena falha com o subcapítulo 2.2, intitulado “Os continuadores do projeto” que, de uma forma geral,



tentou cobrir as principais questões colocadas e surgidas com o primeiro momento de crise do *SLMG*, no final dos anos de 1969.

Em relação ao processo de colheita dos depoimentos, principalmente através da realização de entrevistas com alguns dos nomes relevantes ligados ao projeto do *SLMG*, algumas questões merecem comentários. De uma forma geral, esse era um ponto da metodologia pensada para a pesquisa que, pelo menos no início, foi fonte de dúvidas, dado algumas características do próprio objeto de pesquisa, dentre eles, a sua oficialidade como instrumento de divulgação e produção cultural ligado ao poder público e relativa rotatividade de seus membros em seu corpo de redação. Tínhamos uma certa dúvida quanto à disponibilidade de sermos recebidos para as entrevistas/conversas sobre as formas de participação que teriam sido desempenhadas por alguns de nomes da intelectualidade mineira, no processo de condução do *SLMG*. Em grande medida, por ser este um trabalho de investigação histórica e por um certo temor, que percebemos desde o início, de que estivéssemos mais interessados em entender as relações entre as suas atuações e a ditadura, dado que, em linhas gerais, o *SLMG* não se apresentava à população como um caderno político, pelo menos não no sentido de uma resistência ou de um lugar da produção de contradiscursos sobre os “anos de chumbo”.

Em grande medida, encontramos algumas resistências por parte de alguns dos nomes disponíveis para entrevistas e mesmo uma certa indisposição por parte dos entrevistados, o que também foi complementado pela idade avançada de alguns que já, abertamente, não manifestaram interesse em reabrir as suas memórias sobre aquele período de atuação no caderno. Em alguns casos, obtivemos recusas ao nosso contato. Contudo, essa verificação nos fez refletir sobre quais poderiam ser as razões que explicassem esse impasse. Ao pesquisamos sobre outros trabalhos feitos outros projetos em que alguns deles estiveram envolvidos, percebemos que essa recusa foi menor como, por exemplo, quando estiveram ligados a algumas revistas ou mesmo a outros projetos ou funções.

Uma resposta possível pode ter a ver com o fato de que alguns tiveram uma passagem relativamente rápida pelo *SLMG*, ao mesmo tempo que o tipo de atuação que por lá tiveram não se caracterizavam com a mesma carga ideológica que os teriam motivados em outros projetos e conjunturas. Ou seja, estar ligado ao *SLMG*

ou nele atuar, via de regra, passou a significar, também ou mais significativamente, aos nossos olhos, um trabalho no âmbito da cultura do que um investimento a partir de posições individuais. Em alguns casos, por exemplo, não raro encontramos respostas como “éramos um grupo de aspirantes ao jornalismo e à literatura sob a batuta segura de Rubião”.

Contudo, também nos parece importante ressaltar que há momentos em que ocorre a reunião de alguns dos principais nomes que ainda falam ou respondem pelo *SLMG*, na contemporaneidade, que sempre se mostram disponíveis para emitir discursos e compor narrativas, via de regra elogiosos e mesmo laudatórios, a respeito da trajetória do caderno. Localizados geralmente em cadernos que ainda são feitos em homenagem a escritores ou intelectuais que dele fizeram parte ou mesmo por ocasião dos aniversários do caderno (o mais recente foi publicado em 2016, por ocasião de seus 50 anos de existência), o tom é, indubitavelmente, de elevação e celebração da importância no cenário cultural nacional. Algo semelhante, que também mencionamos em determinados momentos dessa tese, teve lugar na forma com que o caderno foi apresentado e inserido no Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais (2017). Como discutimos no corpo da tese, nele o *SLMG* é referido como um dos lugares da resistência à ditadura, com a atenção toda voltada para essa forma de atuação no espaço público, afirmação sobre a qual acreditamos ser exagerada.

Não obstante, conseguimos realizar algumas entrevistas produtivas, que em muito nos ajudaram a entender algumas questões relativas ao trabalho de feitura e organização dos cadernos; de como eram tomadas as decisões; como funcionavam o trabalho de seleção de conteúdos; a vida cotidiana da redação e suas relações com outros departamentos da Imprensa Oficial, dentre outras questões.

Sobre o desenvolvimento da segunda parte desta tese, onde se localizam os capítulos 4, 5 e 6, que consideramos os mais importantes e significativos de nosso trabalho, gostaríamos de destinar um espaço um pouco maior para algumas considerações.

Primeiramente, destacaremos algumas questões, e mesmo desafios, que nos motivaram a optar pelo recorte sobre o qual estruturamos a nossa investigação e a partir do qual desenvolvemos o nosso estudo. Nesse sentido, como

demonstramos na tabela 2, foram publicados em torno de 70 cadernos especiais, dentro dos marcos temporais que escolhemos. Como destacamos, fomos guiados, em primeiro lugar, pelo interesse em conhecer melhor como teria se dado a construção de noções sobre a cultura e a identidade mineiras. Para isso, foram privilegiados os cadernos pensados, organizados e produzidos com essa finalidade justificada em sua criação. Dentre eles, foram analisados mais de perto aqueles destinados a homenagear, como dedicação especial, algum intelectual ou mesmo dar destaque a temas considerados relevantes para a questão da identidade e cultura mineiras. Nesses, para além da produção de sentido, também foram alvo de análise o trabalho mais bem localizado sobre as relações entre o passado, presente e futuro que deram sentido às publicações e à imagem ou ao projeto do *SLMG* como um todo orgânico. Ou seja, são nesses números que foram identificados os sentidos mais acabados e melhor explicitados das razões de ser do caderno de cultura.

Em segundo lugar, também nos parece razoável afirmar que parte dessa escolha foi motivada por afinidades eletivas do pesquisador que, dentre vários caminhos possíveis para a montagem de um mapa que desse conta de apresentar uma leitura consistente e em bloco da produção do *SLMG*, também se viu cercado de algumas dúvidas sobre quais seriam as melhores formas de abordagem de algumas temáticas de pouca familiaridade, de acordo com a sua formação acadêmica ou mesmo de interesse. Sem dúvida, é possível afirmar que o desafio foi sedutor e, em grande medida, foi um dos principais motores motivacionais para o desdobramento e aprofundamento das reflexões, pesquisas e leituras sobre os temas. Ao mesmo tempo, foi com pesar que alguns cadernos acabaram por ficar de fora dos recortes temáticos escolhidos, mas que esperamos ser possível retomá-los em breve em uma nova pesquisa.

Outro ponto de relevância nos parece se ancorar nas leituras que procuramos fazer a partir dos sentidos da organização dos cadernos, que propomos que fossem realizadas conforme as perspectivas “essencialistas” e “não essencialistas”, principalmente no que elas nos informam sobre as dinâmicas com o tempo histórico. Como manifestamos ao início desta parte da pesquisa, procurou-se entender se houve algum equilíbrio entre elas ou se, de outra maneira, poderia ter havido a predominância de uma perspectiva sobre a outra ou mesmo um confluência

ou hibridação, com fronteiras tênues e de difícil demarcação. Ao mesmo tempo, também destacamos a possibilidade de haver sido criados “entre-lugares”, de acordo com o que nos ensina Bhabha (2013).

Contudo, ao avançar de nossas leituras e reflexões sobre as formas de seleção, montagem, apresentação, organização, enfim, sobre as dinâmicas de nos dadas a ler do próprio *SLMG*, fomos lapidando melhor a perspectiva de que o seu funcionamento obedecia uma lógica de montagem que batizamos de *galerias abertas à memória*. Essa imagem-força nos foi particularmente importante por sugerir a possibilidade de deslocar o entendimento do *SLMG* de uma lógica binária, e talvez reducionista, como tradição/modernidade, essencialista/renovador, etc., para um universo mais complexo e dinâmico. Nesse sentido, a ideia de seu funcionamento como um *dispositivo de cultura* também nos pareceu ganhar mais substância, na medida em que seria próprio de sua constituição, como nos ensinam Foucault, Deleuze e Agamben, a sua capacidade de se reinventar, se adaptar ou mesmo se retraduzir. Por fim, mas não menos importante, a perspectiva adotada de um trabalho de *antologização da memória*, como o chamamos, também pareceu conferir ao dispositivo uma estratégia de deslizamento e movimento por sobre algumas definições, conferindo ao seu movimento mais dinamicidade e fluidez.

Como recurso metodológico, foram selecionados aqueles cadernos, por fim, que, em cada ano de publicação do *SLMG*, se destacaram como exemplares para a análise e discussão, segundo os objetivos dos capítulos. Nesse sentido, a nossa análise concentrou-se, nesta terceira parte da pesquisa, em uma divisão em três partes, considerando o trabalho de retorno ao passado da tradição cultural mineira feito pelo *SLMG* à produção cultural dos séculos XVIII, XIX e XX. Para tanto, a investigação se concentrou em duas frentes: foram analisados, em uma primeira, os cadernos que trabalharam especificamente, como tema, os séculos em questão, como, por exemplo, os dedicados aos poetas árcades e a sua importância para a história de Minas ou aos viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil, e sobre ele escreveram, no século XIX. Em uma segunda frente, foram analisados as publicações que, ao homenagear um determinado autor, referiram-se à importância de seu trabalho localizado em um contexto específico, integral ou parcialmente.

Esse foi o caso, por exemplo, de escritores como Bernardo Guimarães, Eduardo Frieiro, João Alphonsus e Guimarães Rosa.

Como não poderíamos deixar de mencionar, alguns temas, autores, períodos, discussões, projetos, iniciativas, enfim, tiveram que ficar de fora desta pesquisa. Esperamos, contudo, que eles possam ser úteis para que novos pesquisadores se interessem em vasculhar outras questões do *SLMG* e, se possível, dependendo dos rumos que tomarão o nosso incerto e assombrado país, que a eles ainda possamos dedicar futuras pesquisas.

## Fontes

- A Revista.** Belo Horizonte: [s.n.], 1925-1926.
- A Revista.** São Paulo: Metal Leve, 1978. Edição fac-similar.
- Complemento.** Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1956-1958.
- Edifício.** Belo Horizonte: [s.n.], 1946.
- Estória.** Belo Horizonte: Livraria do Estudante, 1965-1968.
- Jornal de Minas.** Belo Horizonte, [?].
- Minas Gerais.** Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1892.
- Suplemento Literário do Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1966-.
- Tendência:** Belo Horizonte. Belo Horizonte: [s.n.], 1957-1962.
- Vocação:** revista bimestral de novos. Belo Horizonte: [s.n.], 1951.

## Referência bibliográfica

- ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição:** o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2003.
- AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes. Vida e literatura: Laís Corrêa de Araújo escreve a Cosette de Alencar. 2017. 128f. Dissertação (mestrado) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história:** destruição da experiência e origem da história. Nova edição aumentada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?:** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos Editora, 2009.
- AGUIAR, Melânia Silva de. Poesia e identidade em Minas Gerais: a construção da memória. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, p. 99-111, 2007.
- AGUILERA, Yanet. **Preto no branco:** a arte gráfica de Amílcar de Castro. São Paulo: Discurso; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ALMEIDA, David Wilkerson Silva. A Utopia antropofágica e o pensamento brasileiro: o matriarcado como condição humana original e libertadora. **Problemata**, Paraíba, v. 6, n. 1, 2015.
- ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Sartre no Brasil:** expectativas e repercussões. São Paulo: Unesp, 2009.
- ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento:** a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2002.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Em louvor de mestre Ayres. **Suplemento Literário.** Belo Horizonte, n. 165, 1969.
- ANDRADE, Euclides Marques. "Sete dias: Murilo dirige Suplemento", **O Diário**, 09/09/1966, s/p.

- ANDRADE, Luciana Teixeira. **A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna.** Belo Horizonte: C/Arte; Editora PUCMinas, 2004.
- ANDRADE, Mário de. **Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945).** Rio de Janeiro: MEC; SPHAN, 1981.
- ANDRADE, Vera Lúcia. A biblioteca fantástica de Murilo Rubião. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). **A trama do arquivo.** Belo Horizonte: Editora UFMG: Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995.
- ANDRADE, Vera Lúcia. Murilo Rubião e a Geração Suplemento. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-34, 1º sem. 1998.
- ANDRADE, Vera Lúcia. Murilo Rubião e a Geração Suplemento. **Suplemento Literário. SLMG - 50 anos (Edição especial).** Belo Horizonte. Secretaria de Estado de Cultura, p. 9-11, out. 2016.
- ANDRADE, Vera Lúcia. Que viva Murilo. **Suplemento Literário** (Edição Especial – Murilo Rubião 90 anos), Secretaria de Estado de Cultura, dez. 2006, p. 6.
- AQUINO, Marina. A mulher e o adolescente hoje. mulher hoje. **Minas Gerais**, 1966.
- ARAÚJO, Laís Correia de. Mineirice, Mineiridade, Mineiriana. In: CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (Org.). **Olhares sobre Minas: sugestões de leitura.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Bibliotecas Públicas, p. 24-27, 2008.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2016.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- ARENDT, Hannah. **Da revolução.** São Paulo: Ática, 1990.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1990.
- AVELAR, Alexandre de Sá; FARIA, Daniel Barbosa Andrade; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria (Orgs.). **Contribuições à história intelectual do Brasil republicano.** Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.
- ÁVILA, Affonso; PAGANINI, Nilze. Entrevista. **Scripta**, v. 17, n. 33, p. 253-266, 2013d.
- ÁVILA, Affonso. Guimarães Rosa: sua hora e vez. **Suplemento Literário.** Minas Gerais, v. 2, n. 65, p. 1, 1967.
- ÁVILA, Affonso. **O poeta e a consciência crítica: uma linha de tradição, uma atitude de vanguarda.** São Paulo: Summus, 1978.
- ÁVILA, Affonso. **Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco.** Belo Horizonte, 1967.
- ÁVILA, Affonso. **Catas de aluvião: do pensar e do ser em Minas.** Rio de Janeiro: Graphia, 2000.
- ÁVILA, Carlos. **SLMG: 30 anos de cultura. Suplemento** (Especial). Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Cultura, n. 17, p. 2, 1996.
- ÁVILA, Myriam Corrêa de Araújo. **O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- AZEVEDO, Sílvia Maria. **Joaquim Norberto de Sousa Silva: historiador, filólogo e musicólogo**, s/d. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/node/105>.
- BACIU, Stefan. Algumas opiniões sobre o Suplemento Literário. **Suplemento Literário.** Minas Gerais, n. 167, 1968.

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALSEMÃO, Carlos Maurício. Casa dos retalhos. **Vocação**, n. 2, p. 46, 1951.
- BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. **Intercom**, vol. XVIII, n. 2, p. 84-101, 1995.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Barão de Eschwege**. Belo Horizonte: Casa de Eschwege, 1977.
- BENJAMIN, Walter; ROUANET, Sergio Paulo. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BUENO, Antônio Sérgio. Affonso Ávila e a geração Tendência. **Scripta**, v. 1, n. 2, p. 53-59, 1998.
- BUENO, Antônio Sérgio (org.). **Affonso Ávila (Encontro com escritores mineiros 1)**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários, 1993.
- BUENO, Antônio Sérgio. **O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Resistência e crítica: revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. **Revista Iberoamericana**, vol. LXX, ns. 208-209, p. 891-913, 2004.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. O triunfo eucarístico: hierarquias e universalidade. **Revista Barroco**, n. 15, 1989.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A arte sacra no Brasil colonial**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. GRAMMONT, Guiomar de. Aleijadinho e o aeroplano o paraíso barroco e a construção do herói colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 (Resenha do livro). **Varia Historia**, vol. 25, n. 41. Belo Horizonte, Jan./June 2009.
- CAMPOS, Milton. Apresentação. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 113, 1968.
- CAMPOS, Paulo Mendes. Um conto em 26 anos. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 261, 1971.
- CARVALHO, José Murilo. Ouro, terra e ferro: vozes de Minas. In: GOMES, Ângela de Casto (Org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 55-78, 2005.



- CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASAIS, Adolfo. Algumas opiniões sobre o Suplemento Literário. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, n. 167, p. 2, 1968.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petropolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- CHARLE, Christophe. Entrevista com Christophe Charle. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 38, pp. 87-104, julho-dezembro de 2006.
- CHAVES, Ariadne Maria de Mendonça. **Bárbara Eliodora, um bordado nacional**, 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei, Faculdade de Letras.
- COELHO, Haydée Ribeiro. A América Latina no Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1969-1993). **Gragoatá**: Niterói, n. 22, p. 119-131, 2007.
- COELHO, Haydée Ribeiro; FRANÇA, Júnia Lessa (orgs). A América Latina no Suplemento Literário no *Minas Gerais*: mapas críticos, anos 60 e meados de 70. In: **América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais 1967-1975 (Crítica Literária)**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Diversidade crítica e literária no Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-73): rupturas de fronteiras. **O eixo e a roda**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 9.10, 2003/2004.
- COELHO, Haydée Ribeiro. *Marcha e o Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966-1968). In: VAZ, Artur Emilio Alarcon.; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, PÓS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2005.
- COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS (recurso eletrônico) - Relatório final. Governo do Estado, Belo Horizonte: COVEMG, vol. 4, 2017.
- MOURÃO, Rui. Apresentação. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 443, 1975.
- CONCEIÇÃO, Noraldino. **História alegre e séria da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.
- CONSENTINO, André Tezza. Malazarte e a estética irracionalista. **Revista de Letras**, v. 60, Paraná, 2003.
- COSTA, Adriane Aparecida Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa**. São Paulo: Alameda, 2013.
- COSTA, Adriane Aparecida Vidal. **Pablo Neruda: uma poética engajada**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

- COUTO, Lomelino. O talento e a modéstia de um escritor. **Suplemento Literário** (O centenário do mágico – Edição Especial), Secretaria de Estado de Cultura, jun. 2016, p. 59.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- CRUZ, Heloísa de Faria (org.). **São Paulo em Revista**: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana -1870/1930. São Paulo: Arquivo do Estado/CEDIC/PUC/Imprensa Oficial, 1997.
- CUNHA, Valdeci da Silva. O Suplemento Literário como fonte e objeto para a pesquisa histórica. **Suplemento Literário**. *SLMG 50 anos*, Belo Horizonte: Secretaria de Cultura, p. 70-71, 2016a.
- CUNHA, Valdeci da Silva. **Oswald de Andrade**: um antropófago comunista. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- CUNHA, Valdeci da Silva. “Não somos românticos; somos jovens”: embates entre tradição e a modernidade nas páginas de *A Revista* (1925-1926). **Revista Ágora**, Vitória, n. 24, 2016.
- CUNHA, Valdeci da Silva. Suplemento BH 100 e as galerias da memória. **Resgate**, v. 24, n. 2 [32], p. 91-112, 2016b.
- CUNHA, Alexandre Menezes. **Patronagem, Clientelismo e Redes Clientelares**: a aparente duração alargada de um mesmo conceito na história política brasileira. **História**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 226-247, 2006.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Complemento: uma geração em revista. **Varia Historia**, n. 18, p. 241-269, 1997.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Complemento*: uma revista, uma geração. In: VAZ, Artur Emilio Alarcon.; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Literatura em revista (e jornal)**: periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, PÓS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. Disponível em: <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/artigos/gilles-deleuze-o-que-e-um-dispositivo/view>. Acesso em: setembro de 2017.
- DIAS, Fernando Correia. **O movimento modernista em Minas**: uma interpretação sociológica. Brasília: Ebrasa, 1971.
- DUARTE, Miguel de Ávila. **Leite criôlo**: da rede modernista nacional à memória monumental do modernismo. 2011. 224 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2 vols, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **O historiador e seu tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- FERREIRA, Camila Kézia Ribeiro. **A polêmica como patrimônio**: Augusto de Lima Júnior e a Revista de História e Arte nos embates da política patrimonial (1930-1966), 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

- FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1996, p. 6.
- FICO, Carlos. **Golpe de 1964**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- FILGUEIRAS, Fernando de Barros. Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial (Resenha temática). **Caderno CRH**, vol. 25, n. 65, Salvador, 2012.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata Machado. **Memórias do jornalismo mineiro**. Departamento de Comunicação Social da PUC-MG e Centro de Referência Audiovisual da Secretaria Municipal de Cultural de Belo Horizonte, 1995.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **Da infâmia ao altar da pátria**: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes. 2001. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, vol. 1, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. **Cândido de Mello Leitão**: as ciências biológicas e a valorização da natureza e da diversidade da vida. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.14, n. 4, Rio de Janeiro, 2007.
- FRIEIRO, Eduardo. Aires da Mata Machado Filho (I). **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 165, 1969.
- FURTADO, João Pinto. **O manto de Penélope**: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Desfilas: a procissão barroca. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 33, 1997.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Novas tendências da historiografia sobre Minas Gerais no período colonial. **História da historiografia**, n. 02, 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **Investigando Piero**: O batismo, o ciclo de Arezzo, a flagelação de Urbino. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e historia. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

- GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- GOUVÊA, Jaime Prado. O *SLMG* nos tempos da juventude (e a troca de chumbo entre o linotipo e a repressão). **Suplemento Literário**. *SLMG – 50 anos*, Belo Horizonte: Secretaria de Cultura, p. 26-30, 2016.
- GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **As funções da retórica parlamentar na revolução francesa**: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: Ed. Unb, 2003.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul. 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**: ensaios. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos fraturados**: cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos interessantes**: uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. **Novos Estudos CEBRAP**, Edição 43, vol. 3, p. 103-112, 1995.
- IGLÉSIAS, Francisco. Meu amigo Autran Dourado. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, v. 20, n. 955, p. 4-5, jan. 1985.
- IGLÉSIAS, Francisco. Minas e a imposição do Estado no Brasil. **Revista de História**, São Paulo, vol. 50, p. 257-273, 1974.
- IGLÉSIAS, Francisco. **História e ideologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- IGLÉSIAS, Francisco. **História para vestibular**. Belo Horizonte: Jupiter, 1973.
- IGLÉSIAS, Francisco; PAULA, João Antônio de. **História e literatura**: ensaios para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- JARDIM, Ana Cristina Magalhães Jardim. **De “Marília de Dirceu” ao “Romanceiro da Inconfidência”**: a construção de um mito na sociedade brasileira a partir

- do século XVIII, 2009. Disponível em: [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/marilia-dirceu-ao-romanceiro-inconfidencia-construcao-um//ana\\_cristina\\_jardim.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/marilia-dirceu-ao-romanceiro-inconfidencia-construcao-um//ana_cristina_jardim.pdf).
- GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. A mineiridade no modernismo: Aires da Mata Machado e o registro dos vissungos. **Revista Científica Vozes dos Vales** – UFVJM/ MG, n. 06, Ano III, 10/2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise**: uma contribuição à patogeneza do mundo burguês. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Contraponto, 2006.
- KURY, Lorelai B. **A sereia amazônica dos Agassiz**: zoologia e racismo na *Viagem ao Brasil*. Revista Brasileira de História, vol. 21, n. 41, São Paulo, 2001.
- LABORIE, Pierre. Memória e opinião. MAUAD, Ana Maria; AZEVEDO, Cecília [et al.]. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- LAPA, José Roberto do Amaral Lapa. Resenha Bibliográfica, **Revista de História**, n. 45, 1961. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/120204/117406>.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.
- LEAL, Sônia Guedes do Nascimento. **A poética da agoridade**. AnnaBlume: São Paulo: 1994.
- LEFEVRE, Renée; VASCONCELLOS, Sylvio de. **Minas**: Cidades barrocas. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.
- LEITE, Octávio Dias. Capas & Contra-capas. **Minas Gerais**, 1966.
- LE MOS, Celina Borges. **Sylvio de Vasconcellos**: arquitetura, arte e cidade : textos reunidos. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004.
- LIE, Nadia. Casa en cifras. **Transición y transacción**. La revista cubana Casa de las Américas (1960-1976). Bélgica: Ediciones Hispamérica. Leuven University Press, 1996.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas**: ensaio de sociologia regional. São Paulo: Abril Cultural, [1945] 1983.
- LIMA JÚNIOR, Renato Rodrigues de. **O refratário e abnegado Jose Severiano de Rezende**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.
- LOBO, José. Lugar e tempo. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 9, 1966.
- LUCA, Tânia Regina de. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- LUCAS, Fábio; PAGANINI, Nilze. Entrevista. **Scripta**, v. 17, n. 33, p. 229-237, 2013a.
- LUCAS, Fábio. Posição da crítica. **Vocação**, n. 2, p. 2, 1951.
- LUCAS, Fábio. Sobre a revista. **Novos Rumos**, ano 22, n. 47, p. 4-7, 2007.

- MACHADO NETO, Antônio Luís. **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930)**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Grijalbo, 1973.
- MACHADO, Adriana Rodrigues. **A lírica Essencial de Henriqueta Lisboa**, 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras.
- MACHADO, Lourival Gomes. **Barroco mineiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- MACHADO, Lourival Gomes. O barroco em Minas Gerais. **Primeiro Seminário de Estudos Mineiros**. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1956.
- MACIEL, Maria Esther (orga.). **Laís Corrêa de Araújo** (Encontro com escritores mineiros - 5). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.
- MAROCA, Viviane Monteiro. **Nos rastros dos novos: o fazer crítico e literário dos contistas do Suplemento Literário do Minas Gerais(1966-1975)**. 2009. 153f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. **Aletria**, vol. 18, p. 105-119, 2008.
- MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de.; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 141-156, 2003a.
- MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- MARQUES, Reinaldo. Minas melancólica: poesia, nação, modernidade. **IpotesLi**, v. 7, n. 1, p. 47-57, 2003b.
- MARQUES, Reinaldo Martiniano. **Poeta e poesia inconfidentes: um estudo de arqueologia poética**, 1993. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- MARTINS FILHO, Amilcar Vianna.; CABRAL, Cleber Araújo. **Leite Criolo**. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar, 2012.
- MAYOR, Mariana França Soutto. **Triunfo eucarístico como forma de teatralidade no Brasil colônia**, 2014. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Arte.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil: (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979.
- MICELI, Sérgio. **Nacional estrangeiro: historia social e cultural do modernismo artistico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MIRANDA, Wander Melo. Silviano Santiago e a Geração Complemento. **Scripta**, v. 1, n. 2, p. 23-27, 1998.
- MORAIS, Dom Antônio de. Algumas opiniões sobre o Suplemento Literário. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, n. 167, p. 2, 1968.
- MOURÃO, Rui; PAGANINI, Nilze. Entrevista. **Scripta**, v. 17, n. 33, p. 277-294, 2013c.
- MOURÃO, Rui. O Romance Social. **Vocação**, n. 1, p. 12, 1951.
- MOURÃO, Rui Mourão. Suplemento Literário (Edição Especial – 40 anos de Ex-Mágico), Minas Gerais, fev. 1987, n. 1060, p. 1.

- MOURÃO, Rui. Operário dos sonhos e das palavras. **Suplemento Literário** (O centenário do mágico – Edição Especial), Secretaria de Estado de Cultura, p. 16, jun. 2016.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Ditaduras militares**: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Ditadura militar no Brasil: historiografia, política e memória”, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-rodrigo-patto-sa/>
- NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Comunistas brasileiros**: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda.; ARAÚJO, Valdei Lopes de. **Aprender com a história?** O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.
- NOVAES, Mariana. **O Suplemento literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião**: 1966-1969. 2014. 219f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- NUNES, Eliana Mirian Ferreira. **Geração Suplemento**: memória e representação cultural. 2012. 133f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto, Faculdade de Letras.
- NUNES, Sebastião. A risada cristalina de Laís Corrêa de Araújo. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/sebasti%C3%A3o-nunes/sebasti%C3%A3o-nunes-a-risada-cristalina-de-la%C3%As-corr%C3%Aa-de-ara%C3%BAjo-1.205634> (Acessado em: 30 mar. 2018).
- PAES, José Paulo. Algumas opiniões sobre o Suplemento Literário. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, n. 167, p. 2, 1968.
- PAGANINI, Nilze. Affonso Ávila e a revista Tendência. **Scripta**, v. 17, n. 33, p. 229-237, 2013b.
- PAGANINI, Nilze. **Revista Tendência**: à procura de uma tradição, à procura do novo. 2008. 254f. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **A máquina da memória**: o tempo presente entre a história e o jornalismo. Bauru, SP: EDUSC, 2009.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Presentismo, pós-modernidade e dever de memória: notas a alguns dos dilemas conceituais do tempo presente. In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena (Orgs.). **Cidadania, memória e patrimônio**: as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.
- PEREZ, Renard. A trajetória de um escritor. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 1060, p. 3, 1987.
- PEREZ, Renard. A trajetória de um escritor. **Suplemento Literário** (Edição Especial – 40 anos de Ex-Mágico), Minas Gerais, n. 1060, p. 2, 1987.



- PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Belo Horizonte ou o estigma da cidade moderna. **Varia Historia**, Belo Horizonte, n. 18, p. 61-66, set./1997.
- PINHEIRO NETO, João. **Bons e maus mineiros**: (& outros brasileiros). Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, n. 3, vol. 2, p. 3-15, 1989.
- QUEIROZ, Raquel de. Suplementos Literários. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, n. 167, p. 3, 1968.
- RAMALHO, Walderez Simões Costa. **A historiografia da mineiridade**: trajetórias e significados da história republicana no Brasil. 2015. 173f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental; Ed. 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1996.
- REIS, José Carlos. **Annales**: a renovação da história. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1996.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagem a FHC. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2**: de Calmon a Bomfim : a favor do Brasil: direita ou esquerda? Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.
- REIS, José Carlos. **História & teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- REIS, José Carlos. **Teoria & história**: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012.
- RENAULT, Abgar. Saudação a Rodrigo M. F. de Andrade. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, n. 113, 1968.
- RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). **As Minas setecentistas**. Belo Horizonte: Companhia do Tempo: Autêntica, 2007.
- RIBEIRO, Marília Andrés. Neovanguardas: Belo Horizonte, anos 60. Belo Horizonte: C/Arte, 1997.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.
- RICOEUR, Paul. **As culturas e o tempo**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- RICOEUR, Paul. O passado tinha um futuro. In: MORIN, Edgar (Org.). **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- ROCHA, Moisés da Cunha. O negro e os preconceitos raciais. **Vocação** , n. 1, p. 1, 1951.
- ROCHA, Wesley Thales de Almeida; OLIVEIRA, Ilca Vieira de. Crítica e exaltação à arte barroca de Minas na poesia de Murilo Mendes e Affonso Ávila. **Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL)**. Disponível em: <http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/331>.



- RODRIGUES, Henrique Estrada. Pensar a história e seu risco de sangue: o momento drummondiano. **História da Historiografia**, n. 5, p. 189-203, 2010.
- SAHLINS, Marshall David. **História e cultura**: apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SALA, Dalton. Mário de Andrade e o Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 31, p. 19-26, 1990.
- SALLES, Christian Bruno Alves. **O caso preclaro**: identidade nacional e resistência simbólica na antropofagia oswaldiana, 2015. Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Político.
- SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta. **O movimento modernista verde, de Cataguases – MG**. 2005. 2 v., Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. Suprimento para a travessia. **Suplemento Literário**. SLMG - 50 anos (Edição especial). Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Cultura, p. 3, out. 2016.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SCHUBACK, Mária Sá Cavalcanti. Literatura, filosofia e utopia: o espaço da antropofagia. **O que nos faz pensar?**, Rio de Janeiro, n. 38, 2016.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Rogério Barbosa da. Poesia, jogo e simulacro em Affonso Ávila. **Scripta**, belo horizonte, v. 16, n. 31, p. 205-214, 2012.
- SILVEIRA, Rodrigo Carvalho da. **A poética do réu em Marília de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga**, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1996.
- SOUZA, Eneida Maria da. Edifício: que geração é essa?. **Scripta**, v. 1, n. 2, p. 13-21, 1998.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. Ruptura e incorporação: a utopia antropofágica de Oswald de Andrade. **Scripta**, v. 11, n. 20, 2007.
- STARLING, Heloísa. **Ser republicano no Brasil colônia**: a história de uma tradição esquecida. Cia das Letras: São Paulo, 2018.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- TIRAPELI, Percival. **Arte sacra colonial**: Barroco Memória Viva. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp: Imprensa Oficial, 2005.
- TOLENTINO, Eliana da Conceição. **Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais**: relações Brasil/Portugal. 2006. 190f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

- TOLENTINO, Eliana da Conceição. Os rapazes de *Vocação*: lugares críticos. In: VAZ, Artur Emilio Alarcon.; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira (Orgs.). **Literatura em revista (e jornal)**: periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Pós-Lit; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2005.
- TONETO, Diana Junkes Martha. Haroldo de Campos e a utopia da escritura original. **FronteiraZ**, n. 9, p. 175-187, 2012.
- TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. **Topoi**, v. 17, n. 33, p. 586-601, 2016.
- VALLE, Ulisses do. A Filosofia da História de Oswald de Andrade. **Remate dos males**, Campinas, (37.1), 2017.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. **A arquitetura colonial mineira**. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1957.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura dois estudos**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1960.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. **Mineiridade**: ensaio de caracterização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- VERGARA, Luiz Guilherme. Utopia antropofágica das raízes do Brasil. **Revista Poiésis**, Santa Catarina, n. 11, nov. 2008.
- VIEIRA, Pollianna Gerçossimo. **Salomão de Vasconcellos e a consagração da “Atenas Mineira” em Monumento Nacional (1936-1947)**, 2016. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
- WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

## Anexos

Tabela 2: Publicações textuais por recorrência, entre os anos de 1966-1975

COLABORADORES	Entre 1 e 5	Entre 6 e 10	Entre 11 e 20	Entre 21 e 30	Acima de 30
ABREU, Caio Fernando		10			
ADONIAS FILHO, Adonias	4				
ALENCAR, Cosete de.	4				
ALPHONSUS, João	4				
ANDRADE, Carlos Drummond					58
ANDRADE, Mário de			11		
ANDRADE, Oswald de		6			
ANDRADE, Rodrigo M.F.	5				
ANJOS, Ciro dos		8			
ARAÚJO, Henry Corrêa de	4				
ARAÚJO, Lais Corrêa de					152
ARAÚJO, Olívio Tavares	3				
ARINOS, Afonso	5				
ATAÍDE, Vicente			14		
ATHAYDE, Tristão de		8			
AUGUSTO, Eudoro		9			
ÁVILA, Afonso					43
AYALA, Walmir		8			
BANDEIRA, Manuel			12		
BARANDA, Oneyr	3				
BARRETO, Lázaro				28	
BASTIDE, Roger	2				
BEZERRA, Jony Nery	4				
BILHARINO, Guido	4				
BOPP, Raul	3				
BORGES, Wilson Alvarenga	5				
BRACHER, Carlos	3				
BRANCO, Joaquim				27	
BRANCO, Wilson Castelo			20		
BRANDÃO, Ildeu	5				
BRASIL, Assis		8			
BROCA, Brito	5				
CAMPOMIZZI FILHO	4				
CAMPOS, Augusto de		9			
CAMPOS, Haroldo de	3				
CAMPOS, Paulo Mendes			15		
CANDIDO, Antonio			13		
CANNABRAVA, Euryalo	4				
CARDOSO, Lúcio		7			
CARPEAUX, Otto Maria	3				
CARVALHO, Ronald de	2				
CASASANTA, Manuel	4				
CASASANTA, Mário		6			
CÉSAR, Guilhermino	5				
COELHO, Nelly Novares					58
CUNHA, Fausto		7			
CUNHA, Ubirassu Carneiro da		9			
DAVID, Carlos	4				
DAVIS, William		6			
DIAS, Fernando Correia			12		
DINIZ, Valdimir		8			
DORNAS FILHO, João	2				

DOURADO, Autran	4				
DRUMMOND, Roberto	3				
EMEDIATO, Luiz Fernando	3				
ETIENNE FILHO, João	3				
EULÁLIO, Alexandre	2				
FAILLACE, Tânia Jamardo	3				
FARIA, Octávio de	3				
FERREIRA, Celina					38
FIGUEIREDO, Wilson de	5				
FREITAS, Luiz Carlos Lacerda de	3				
FREYRE, Gilberto	1				
FRIEIRO, Eduardo				28	
FUSCO, Rosario	4				
GARAUDE, Lupe Cotrim	3				
GIUDICE, Victor			11		
GOMES, Duílio					134
GOMES, Eugênio	4				
GOMES, José Edson	5				
GONÇALVES, João Paulo		7			
GOUVÊA, Jaime Prado				30	
GRAVATÁ, Hélio		7			
GRIECO, Agripino	4				
GUARINO, Elbe	5				
GUERRA, Álvaro	2				
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus			14		
GUIMARAENS, Alphonsus	5				
GUIMARÃES, Bernardo		8			
GUIMARÃES, Júlio Castanon	3				
GUIMARÃES, Marco Antônio		8			
HENRIQUES NETO, Afonso		9			
HOLANDA, Sérgio Buarque de	4				
HORTA, Anderson Braga		8			
HORTA, Cid Rebelo	3				
HOUAISS, Antônio		7			
IGLESIAS, Francisco					42
ISSA, Farida		8			
IVO, Lêdo	3				
JOSÉ, Elias			11		
JOSEF, Bella	3				
JUPIASSU, Celso	4				
LAPA, Rodrigues			20		
LEÃO, Ângela Vaz	3				
LEITE, Miriam L. Moreira	3				
LEMOS, Lara de.	3				
LEPECKI, Stella			17		
LINHARES, Temistocles	3				
LINS, Álvaro	3				
LINS, Ivan	3				
LINS, Osman			16		
LISBOA, Henriqueta					67
LLOSA, Mário Vargas	1				
LOBATO, Manoel			18		
LOBO, Artur	3				

LOBO, José				29	
LUCAS, Fábio					41
LYSIA, Maria	4				
MACHADO FILHO, Aires da Mata					55
MACHADO, Aníbal	3				
MACHADO, Antônio de Alcântara	4				
MACHADO, Arlindo	2				
MADUREIRA, Pedro Paulo	3				
MANSUR, Gilberto	3				
MARQUES, Oswaldino	4				
MARTINS, Cristiano	3				
MARTINS, Heitor					45
MATOS, Marco Aurélio		9			
MATOS, Mário			12		
MEIRELES, Cecília			13		
MELO E CASTRO, E. M.	4				
MENDES, Murilo			17		
MENDES, Oscar	5				
MERQUIOR, José Guilherme		7			
MESTRE, David	4				
MILLIET, Sérgio	4				
MOISÉS, Massaud	2				
MORAIS, Frederico	4				
MOTTA, Dantas		8			
MOURA, Emílio				23	
MOURÃO, Eliana		7			
MOURÃO, Rui				30	
MOUTINHO, Nogueira		7			
NASCIMENTO, F. S.	4				
NAVA, José			11		
NAZARETH, Luis Fernando	2				
NEDER, Lygia	3				
NEVES, Libério					49
NUNES, Benedito				22	
NUNES, Sebastião				26	
OLIVEIRA, João Viana	4				
OLIVEIRA, João Viana	4				
OLIVEIRA, Mario	5				
OLIVEIRA, Martins	3				
OSWALDO, Ângelo	4				
PACHECO, Álvaro	3				
PAES, José Paulo		7			
PAIVA, Mario Garcia de				21	
PATAI, Daphne	4				
PEIXOTO, Alvarenga		7			
PELLEGRINO, Carlos Roberto					31
PENIDO, José Márcio			15		
PEREIRA, Adolfo Maurício	4				
PIGNATARI, Décio	3				
PIMENTEL, A. Fonseca	5				
PIMENTEL, José Renato	5				
PIÑON, Néida		8			
PIROLI, Wander	3				

PÓLVORA, Hélio	3			
PONTUAL, Roberto		7		
PRADO, Adélia		10		
PROCÓPIO, M.	3			
PROENÇA, M. Cavalcanti	3			
QUEIROZ, Amadeu	4			
QUEIROZ, Maria José de		9		
QUINTANA, Mário		6		
RAMOS, Luciano	4			
RAWET, Samuel		8		
REBELO, Marques		9		
REIS, Edgard Pereira dos		7		
RENAULT, Abgar			16	
RESENDE, Enrique de	4			
REZEK, José Francisco	2			
REZENDE, Marco Antônio Gonçalves	3			
REZENDE, Sebastião	5			
RICARDO, Cassiano	4			
RIEDEL, Dirce Cortes	5			
RIVERA, Bueno de				26
ROCHA, Ivan	3			
RONAI, Paulo	3			
ROSA, Guimarães		10		
RUBEN, A.	5			
RUBIÃO, Murilo		7		
SALLES, Fritz Teixeira de				24
SAMÔR, Lucienne		8		
SAMPAIO, Márcio				265
SANT'ANNA, Affonso Romano de				46
SANT'ANNA, Sérgio			20	
SANTIAGO, Silvano				44
SANTOS, Rafael Souza	2			
SARAIVA, Paulo		6		
SAVARY, Olga	5			
SAVINO, Antônio	3			
SCHMIDT, Augusto Frederico	3			
SCLIAR, Moacir	3			
SOUZA, Eneida Maria de		7		
TEIXEIRA, Lucy	5			
TORRES, João Camilo de Oliveira		10		
TREVISAN, Armindo	4			
TREVISAN, Dalton	5			
TROSS, Sérgio				22
VEIGA, José J.	5			
VENTURA, Adão				44
VERSIANI, Ivana	4			
VIANNA, Luís Márcio		9		
VIEIRA, Emanuel Medeiros		6		
VIEIRA, Luis Gonzaga				56
VILELA, Luiz		9		
VILLAÇA, Antônio Carlos		7		
VILLAFÂNE, Javier		9		
WERNECK, Humberto				29

WERNECK, Ronaldo	4				
ZAGURI, Eliane		9			

Tabela 3: Suplemento Literário – Cadernos Especiais e em Homenagens

Ano	Número	Especial	Homenagem/ Dedicção
1966	2		Alphonsus de Guimaraens
	4		Emílio Moura
	6		Enriqueta Lisboa
	12		Bueno de Rivera
	15		Oswald de Andrade
	16	Ciro dos Anjos	
	17	Natal, poesia e prosa	
1967	19	Revista Verde	
	23	Carnaval na Literatura (Laís Corrêa de Araújo)	
	29	Semana Santa: tema de literatura (Laís Corrêa de Araújo)	
	33	João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo (Fernando Correia Dias)	
	45	Barroco: áurea idade da áurea terra: a literatura e o estilo de vida (Affonso Ávila)	
	46	Barroco: áurea idade da áurea terra: As artes plásticas, a música e o teatro (Affonso Ávila)	
	50	Cecília Meireles	
	54		Primeiro Aniversário do <i>SLMG</i>
	60	Cid Rebêlo Horta: 50 anos (Fernando Correia Dias)	
	61	Há duzentos anos nascia Marília de Dirceu (Laís Corrêa de Araújo)	
	65	Guimarães Rosa: sua hora e vez	
	66		Os sessenta anos de Marques Rebêlo
	68	Eduardo Frieiro: quarenta anos de literatura (Laís Corrêa de Araújo)	
	70	Mário Mattos	
1968	74	Literatura e arte: os Novos (I) (Laís Corrêa de Araújo)	
	75	Literatura e arte: Os Novos (II)	
	85	40 anos de Antropofagia	
	87	Affonso Arinos: centenário (I) (Laís Corrêa de Araújo)	
	88	Affonso Arinos: centenário (II) (Laís Corrêa de Araújo)	



	89	Affonso Arinos: centenário (III) (Laís Corrêa de Araújo)	
	93	Mário de Andrade, Minas e os mineiros (Laís Corrêa de Araújo e Fernando Correia Dias)	
	94	Mário de Andrade, Minas e os mineiros II (Laís Corrêa de Araújo e Fernando Correia Dias)	
	99	Abgar Renault (Mário Garcia de Paiva)	
	106	Segundo Aniversário	
	112		Manuel Bandeira
	113	Rodrigo [Melo Franco de Andrade]: 70 anos. O escritor e o homem do patrimônio (Apresentação Milton Campos)	
	117		No aniversário da morte de Guimarães Rosa
	118	Lúcio Cardoso, "Mãos vazias": 30 anos	
	121	Diamantina: 1 – A História – As tradições – Os costumes (Affonso Ávila)	
	122	Diamantina: 2 – A face urbana – A literatura – As artes (Affonso Ávila)  Caderno especial: "100 anos: memórias do distrito diamantino"	
1969	130		Blaise Cendrars e a descoberta do Brasil
	131	Portugal: a literatura nova (I) (Organizado com a colaboração dos escritores Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro)	
	132	Portugal: a literatura nova (II) (Organizado com a colaboração dos escritores Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro)	
	137	Emílio Moura: atualidade do poeta - I	
	138	Emílio Moura: atualidade do poeta – II	
	143	I - Barbara Heliodora (Rui Mourão e Laís Corrêa de Araújo)	
	144	II - Bárbara e Alvarenga	
	145	III - São João del Rei	
	146		
	147		

	148		
	149		
	150		
	151		
	152		
	155	Edição especial do 3º aniversário (I)	
	156	Edição especial do 3º aniversário (II)	
	157	Edição especial do 3º aniversário (III)	
	158	Edição especial do 3º aniversário (IV)	
	165	Aires da Mata Machado Filho (I)	
	166	Aires da Mata Machado Filho (II)	
	169	Lourival Gomes Machado (Colaboração Francisco Iglésias)	
	172	Artur Lobo: centenário (Rui Mourão)	
	173	Basílio da Gama (Rui Mourão)	
	174	Basílio da Gama	
1970	182		Henriqueta Lisboa
	183		Henriqueta Lisboa
	193		Cristiano Martins
	194		Cristiano Martins
	203	Bernardo Guimarães (Rui Mourão e J. Guimarães Alves)	
	204	Bernardo Guimarães	
	205	Bernardo Guimarães	
	213	Depoimentos do estrangeiro sobre o Brasil (especialmente Minas) (Francisco Iglésias)	
	214	Depoimentos do estrangeiro sobre o Brasil (especialmente Minas) (Francisco Iglésias)	
	215	Depoimentos do estrangeiro sobre o Brasil (especialmente Minas) (Francisco Iglésias)	
	226	Alphonsus de Guimaraens I (Emílio Moura e Alphonsus de Guimaraens Filho)	

1971	227	Alphonsus de Guimaraens II (Emílio Moura e Alphonsus de Guimaraens Filho)	
	228	Alphonsus de Guimaraens III (Emílio Moura e Alphonsus de Guimaraens Filho)	
	252		
	254	Marcel Proust (José Nava)	
	261	Paulo Mendes Campos, o poeta em verso e prosa	
	266		Pequena homenagem ao falecimento de Emílio Moura
	271	Imprensa Oficial: 80 anos (Ângelo Oswaldo)	
	272	Imprensa Oficial: 80 anos (Ângelo Oswaldo)	
	278		Natal
1972	282	Milton Campos, o intelectual e sua geração - I (Ângelo Oswaldo)	
	283	Milton Campos, pensamento e ação - II	
	286	Semana de Arte Moderna	
	290	Barroco e a Aleijadinho	
	292		Mariana, Barroco, etc.
	298		Homenagem à Inconfidência Mineira
	305	Número especial Encontro Estadual de Museus (número organizado por Márcio Sampaio)	
	306		Número quase todo dedicado a questão do modernismo e da arte nacional
	307		Boa parte dedicado ao modernismo e a modernidade
	308		Textos sobre o modernismo, mas sem se configurar em um número especial
	309		Textos sobre o modernismo, mas sem se configurar em um número especial; foco direcionado para o poeta Murilo Mendes
	317		Murilo Mendes, um poeta do mundo volta à Minas (dedicado a volta do poeta a Minas)

1973	322		70 anos do nascimento de Drummond
	330	Severiano de Resende: reencontro com o poeta simbolista	
	335		Algumas páginas dedicadas à Tarsila do Amaral
	339		Algumas páginas dedicadas ao Cortázar
	341	Amadeu de Queiroz (1873-1973) (Manuel Casasanta)	
	343	As memórias de Pedro Nava	
	355	Curt Lange, o descobridor - I (Rui Mourão)	
	356	Curt Lange, o descobridor - II (Rui Mourão)	
	359		Apresentação de José Joaquim de Qampos Leão Qorpo-Santo ("precursor do teatro moderno")
	362		Homenagem a Alberto da Veiga Guignard
	366		Pequena homenagem ao escritor Agrippino Grieco
	367		Pequena homenagem a Marques Rebelo
	378	"24 textos de ficção" (SLMG dedicado à ficção brasileira contemporânea) (Ângelo Oswaldo) <sup>422</sup>	
	379	"Textos de ficção II"	
1974	393		Homenagem a Maria Alice Barroso
	394		Homenagem a Sebastião Rezende
	395	"Rosa Codisburgo, Rosa amor", 17 anos da publicação de "Corpo de baile" e 16 de "Grande sertão: veredas" (organizado por Rui Mourão)	
	396	"Rosa Codisburgo, Rosa amor - II"	
	397	"Rosa Codisburgo, Rosa amor - III"	
	407		Edição dedicada ao futebol
	410	Bueno de Rivera: Trinta anos de	

422 Comparar com o trabalho de inquérito feito pela revista *Edifício* (e com a pesquisa do Edgard Cavalheiro)?

		poesia	
	411		Edição sobre o evento Expoesia 1 e 2, realizadas no Rio e Curitiba onde se reuniram cerca de 300 poetas e 3 mil poemas (apresentação de Affonso Romano de Sant'Anna)
1975	443	Rodrigues Lapa (Organizado por Rui Mourão)	
	444	Rodrigues Lapa (Organizado por Rui Mourão)	
	449		Pequena dedicatória ao escritor João Lúcio
	450	Quintanares (Organizado por Mário Garcia de Paiva sobre o poeta Mário Quintana)	
	468	9º aniversário de circulação (Organizado por Pascoal Motta); homenagem ao escritor Dantas Motta	
	477		Pequena homenagem ao escritor Aníbal Machado
	483		Referência ao natal

Tabela 4: Relação de textos publicados pelos cadernos especiais utilizados na pesquisa (capítulos 4, 5 e 6)

#### 4.1. Cadernos especiais referentes ao século XVIII:

“Barroco: Áurea idade da áurea terra: a literatura e o estilo de vida”, n. 45, 1967.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
LACERDA, Wilde	Barroco: áurea idade da áurea terra, p. 1
CÂNDIDO, Antônio	A formação barroca de Cláudio Manoel da Costa, p. 2.
MACHADO, Simão Ferreira	Este opulento emisfério das Minas, p. 3
	O sermão barroco em Minas, p. 4.
	A academia cultista de Mariana, p. 5
SILVA, Francisco Xavier da	Soneto, p. 6.
MELO, Gregório dos Reis e	Primeiro canto heroico (fragmento), p. 6.
SILVA, Diogo Álvares da	Glosa de Mara e Maria (fragmento), p. 6.
CORDEIRO, Antônio Dias	Epigrama, p. 7.

APOLO, Sancho Pansa de	Mote e Glosa, p. 7.
PIZA, Floriano de Toledo e	Epigrama, p. 7.
AMORIM, João Coelho Gato de	Elegia, p. 7.
	Anjo da era barroca - Igreja Nossa Senhora da Glória - Passagem de Mariana, p. 7.
ÁVILA, Affonso	Triunfo eucarístico : uma festa barroca, p. 8-9.
GONZAGA, Tomás Antônio	As festas dos desposórios do infante (Vila Rica, 1786), p. 10-11.
	A fase barroca de Alvarenga, p. 12.

“Barroco: áurea idade da áurea terra: As artes plásticas, a música e o teatro”, n. 46, 1967.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
GUIGNARD, Alberto da Veiga	Diamantina, p. 1.
	O Aleijadinho: superior a tudo e singular nas esculturas, p. 1.
GRAVATÁ, Hélio	Estudos sobre o Aleijadinho em língua estrangeira, p. 2.
VASCONCELOS, Silvio de	A arquitetura dos templos, p. 3.
BAZIN, Germain	O balé dos profetas em Congonhas, p. 4.
ANDRADE, Mário de	A lição de Pedro Gomes Chaves e o individualismo do Aleijadinho, p. 5.
MARTINS, Heitor	Músicas barrocas inéditas descobertas em Mariana, p. 6.
	Diamantina: música barroca, música viva, p. 7.
LANGE, Francisco Curt	Lôbo de Mesquita e a música barroca mineira, p. 8.
MORAIS, Frederico	Ataíde e São Francisco de Assis, p. 9.
	O teatro na Minas barroca, p. 10.
SEIXAS SOBRINHO, José	Casa da ópera de Sabará, p. 10.
SOUSA, J. Galante de	Casas de espetáculo e autores teatrais, p. 10.
MATHIAS, Herculano Gomes	A Nova casa da Ópera de Vila Rica, p. 10.
MACHADO, Lourival Gomes	João Nepomuceno e outros artistas de Congonhas, p. 11.
ANDRADE, Carlos Drummond de	Colóquio das estátuas, p. 12.

“Há duzentos anos nascia Marília de Dirceu”, n. 61, 1967.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
--------------	---------------------------

ARAÚJO, Laís Corrêa de	Há duzentos anos nascia Marília de Dirceu, p. 1.
VASCONCELLOS, Salomão de	A casa de Marília, p. 2.
AMORA, Antônio Soares	Marília, menina-e-moça, p. 3
BILAC, Olavo	Marília, p. 4-5.
BRANDÃO, Tomaz	Marília na intimidade, p. 5.
FRIEIRO, Eduardo	O casamento no desterro, p. 6.
SILVA, Domingos Carvalho da	O Livro de Marília, p. 7.
RIVERA, Bueno de	Dirceu bordando, p. 8.
BRANDÃO, Beatriz	À morte de D. Maria Dorotéia de Seixas Mairink (Marília de Dirceu), p. 8.
MENDES, Murilo	Acalanto de Ouro Preto (fragmento), p. 8.
LISBOA, Henriqueta	Musa, p. 9.
MEIRELES, Cecília	Romance LXXII ou da inconformada Marília, p. 9.
LIMA, Mário de	A casa de Marília, p. 9.
BRANDÃO, Tomaz	Falsidades sobre Marília, p. 10-11.
OLIVEIRA, José Feliciano de	A condenação de Gonzaga, inocente broslador de um vestido nupcial, p. 11.
PROENÇA, M. Cavalcanti (Manoel Cavalcanti)	Tomás Antônio Gonzaga, p. 12.
APOCALYPSE, Álvaro (ilustração)	Tomás Antônio Gonzaga (poesias), p. 13-15.
CASASANTA, Mário	Rivais de Marília, p. 16.
	Marília: 200 anos
	Opiniões sobre o Suplemento, p. 16.

“I – Bárbara Heliodora”, n. 143, 1969.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
MOURÃO, Rui Mourão; ARAÚJO, Laís Corrêa de	Alvarenga Peixoto, p. 1.
CASASANTA, Guerino	Bárbara Heliodora, p. 2.
VALLADÃO, Alfredo	Maria Efigênia: a princesa do Brasil, p. 3.
OLIVEIRA, Martins de	Heroína da inconfidência, p. 4-5.
LEITE, Aureliano	A poetisa Bárbara Heliodora, p. 6.
HELIODORA, Bárbara	Anamélia Lopes de Moura Rangel, p. 7.
BRANDÃO, João Lúcio	Elogio de Bárbara Heliodora, p. 8.
MEIRELES, Cecília	Romance de um tal Alvarenga, p. 9.

MEIRELES, Cecília	Romance da morte de Maria Efigênia, p. 9.
MEIRELES, Cecília	Romance do enterro de Bárbara Heliodora, p. 9.
SILVA, Joaquim Norberto de Souza e	O drama de Bárbara e Alvarenga, p. 10-11.
GRAVATÁ, Hélio	Bárbara Heliodora; contribuição bibliográfica, p. 11.
LISBOA, Henriqueta	Eliana Rangel, p. 12.

“II – Bárbara e Alvarenga”, n. 144, 1969.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
CÂNDIDO, Antônio	Alvarenga Peixoto, p. 1.
SILVA, Péricles Eugênio	Alvarenga Peixoto, p. 2.
LAPA, Manuel Rodrigues	Cinco sonetos de Alvarenga, p. 2-3.
SANTOS, Lúcio José dos	Prisão e depoimento de Alvarenga Peixoto, p. 4.
	Sumário de culpa de Alvarenga Peixoto, p. 5.
DARDOT, Liliâne (ilustradora)	Alvarenga Peixoto (poesia), p. 6-7.
MARTINS, Maria do Carmo Vivácqua (ilustradora)	Alvarenga Peixoto (sonetos), p. 7.
	Cartas de Alvarenga Peixoto, p. 8.
MARTINS, Maria do Carmo Vivácqua (ilustradora)	Bueno de Rivera (poesia), p. 9.
GRAVATÁ, Hélio	Bibliografia de e sobre Inácio José de Alvarenga Peixoto, p. 10-11.
PEIXOTO, Alvarenga	Soneto, p. 12.
SANTOS, Lúcio José dos	O destino da família de Alvarenga, p. 12.

Barroco e Aleijadinho, n. 290, 1972.<sup>423</sup>

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
ÁVILA, Affonso	Barrocolagem (poesia), p. 1.
TAVARES, Myriam Ribeiro Silva	Aleijadinho e os passos de Congonhas do Campo, p. 2-4.
HERBERT, George	Paraíso (tradução de Affonso Ávila), p. 5.
WILLIAMS, R. Darby	Um poema-jôgo barroco sobre a graça: o “Paraíso” (tradução de Affonso Ávila), p. 6-7.
IGLÉSIAS, Francisco	Significação de Ouro Preto, p. 8-9.
MACHADO, Lourival Gomes	Igrejas velhas de Vila Rica, p. 9.
SAMPAIO, Márcio	Arte sacra em Minas, p. 10-11.

423 Ao caderno organizado sobre o “Aleijadinho”, não foi atribuído um título específico, sendo esse uma atribuição nossa, dado o conteúdo publicado no caderno especial.



ANDRADE, Oswald de	Dois poemas: Congonhas do Campo e Ocaso, p. 12.
--------------------	---

#### 4.2. Cadernos especiais referentes ao século XIX:

##### Bernardo Guimarães I, n. 203, 1970.<sup>424</sup>

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
GUIMARAENS, Alphonsus de	O olhar do poeta, p. 1.
CASASANTA, Mário	A Escrava Isaura. Um panfleto, p. 2.
	Dados biográficos, p. 2.
GUIMARÃES, Bernardo	À saia balão, p. 2-3.
GUIMARAENS, João Alphonsus	A posição moderna de Bernardo Guimarães, p. 4.
PROENÇA, M. Cavalcanti (Manoel Cavalcanti)	O Seminarista, p. 5.
GUIMARÃES, Bernardo	O devanear do cético (ilustradora Anamélia Lopes de Moura Rangel), p. 6-7.
ALENCAR, Heron de	O romancista Bernardo Guimarães, p. 8-9.
CÂNDIDO, Antônio	O contador de casos Bernardo Guimarães, p. 10-11.
	Pronunciamentos críticos sobre Bernardo Guimarães, p. 12.

##### Bernardo Guimarães II, n. 204, 1970.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
GUIMARÃES, Bernardo	A Cavalhada (ilustradora Eliana Gurgel), p. 1-2.
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de	Bernardo Guimarães e o processo de Catalão, p. 3-5.
GUIMARÃES, Bernardo	Ao charuto, p. 6.
	Bernardo visto pelos filhos, p. 7.
PAES, José Paulo	O remorso de Bernardo Guimarães, p. 8-9.
GUIMARÃES, Bernardo	Sereia (ilustradora Liliane Dardot), p. 9.
DUTRA, Waltensir, CUNHA, Fausto	Um elo que falhou, p. 10
AMORA, Antônio Soares	Três estudos, p. 11-12.

##### Bernardo Guimarães III, n. 205, 1970.

<sup>424</sup> Os cadernos organizados sobre o escritor também não tiveram nomes específicos, como em outras ocasiões. Para facilitar a diferenciação entre eles, optamos por numerá-los de acordo com a ordem de suas publicações.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
BARANDA, Oneyr	O Garimpeiro de Bernardo Guimarães como documento histórico, p. 1-3.
GUIMARÃES, Bernardo	Prefácio a “Folhas do outono”, p. 4-5.
GUIMARÃES, Bernardo	Visita à sepultura de meu irmão, p. 6.
GUIMARÃES, Bernardo	Hino à preguiça (ilustrador Nello Nuno), p. 7.
GRAVATÁ, Hélio	Bibliografia de e sobre Bernardo Guimarães, p. 8-12.

Depoimentos de estrangeiros sobre o Brasil I, n. 213, 1970.<sup>425</sup>

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
WALSH, Robert	Notícias do Brasil em 1828 e 1829, p. 1.
ESCHWEGE, W. L. von	Diário de viagem (tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer), p. 2.
MAWE, John	Tejuco, no distrito diamantino (tradução de Solena Benevides Viana), p. 3.
POHL, João	Na vila de Paracatu (tradução de Teodoro Cabral), p. 4.
LUCCOCK, John	Notas sobre Minas (tradução de Milton da Silva Rodrigues), p. 4-5.
TAUNAY, Affonso de E.	Resumo do final da viagem de Alexandre Caldcleugh (1821), p. 8-9.
IGLÉSIAS, Francisco	John Mawe em Minas Gerais, p. 8-9.
FRANCO, Afonso Arinos de Melo	O primeiro depoimento estrangeiro sôbre Aleijadinho, p. 10.
FRIEIRO, Eduardo	Com o Dr. Pohl em Minas, p. 11-12.

Depoimentos de estrangeiros sobre o Brasil II, n. 214, 1970.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
SAINT-HILAIRE, Auguste de	Cidade de Sabará, p. 1-2.
SAINT-HILAIRE, Auguste de	Itabira do Mato Dentro (tradução de Claro Ribeiro de Lessa), p. 2.
BANDEIRA, Manuel	O nosso Saint-Hilaire, p. 3.
MORAIS, Rubens Borba de	Sobre Saint-Hilaire, p. 4.
DORNAS FILHO, João	Auguste de Saint-Hilaire, p. 4.
SAINT-HILAIRE, Auguste de	Em Araxá (tradução de Clado Ribeiro de Lessa), p. 5.

<sup>425</sup> Assim como para os cadernos sobre o “Aleijadinho” e o escritor Bernardo Guimarães, os referentes aos viajantes a Minas Gerais não foram nomeados. Utilizamos o mesmo procedimento de numerá-los conforme suas publicações.

SAINT-HILAIRE, Auguste de	Resumo de viagens por Minas (tradução de Rubens Borba de Moraes), p. 6.
SAINT-HILAIRE, Auguste de	Notas de viagem, p. 7.
FRIEIRO, Eduardo	Saint-Hilaire em Minas Gerais, p. 8-9.
IGLÉSIAS, Francisco	Depoimentos de estrangeiros, p. 8-9.
GARDNER, George	Em Minas (tradução de Albertino Pinheiro), p. 10.
RUGENDAS, João Maurício	Viagem pitoresca através do Brasil (tradução de Sérgio Milliet), p. 11-12.

Depoimentos de estrangeiros sobre o Brasil III, n. 215, 1970.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
BUNBURY, Charles James Fox	Narrativa de viagem de um naturalista (tradução de Helena Garcia de Sousa), p. 1.
CASTELNAU, Francis	Minas em 1845 (tradução de Márcia de Moura Castro), p. 2-3.
	Conde de Suzannet em ouro preto, p. 3.
AVÉ-LALLEMANT, Robert	Filadélfia e os colonos alemães (tradução de Eduardo de Lima Castro), p. 4.
LEITÃO, C. de Mello	Minas Gerais vista pelos ingleses, p. 4-5.
BURMEISTER, Hermann	Justiça e relações raciais (tradução de Manoel Salvaterra e Hubert Schocnfeldt), p. 6.
KIDDER, D.P.; FLETCHER, J.C.	Em Minas (tradução de Elias Dolianiti), p. 7-8.
BURTON, Richard F.	São José Del-Rei (tradução de Américo Jacobina Lacombe), p. 8.
HARTT, Charles Frederick	Na Província de Minas (tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Elias Dolianiti), p. 9.
CARVALHO, João Alfredo de	Perfis de viajantes, p. 10.
AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth Cary	Breve visita a Minas (tradução de Edgar Susseking de Mendonça), p. 11.
GRAVATÁ, Hélio	Viajantes estrangeiros em Minas Gerais - 1809 a 1955, p. 11-12.

“Severiano de Resende”, n. 330, 1972.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
	Reencontro com o poeta simbolista, p. 1
DORNAS FILHO, João	Os dois Severiano de Resende, p. 2
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de	Severiano e Alphonsus, p. 3
REZENDE, José Severiano de	Malazarte de Graça Aranha, p. 4-5.
	Asturias & Severiano, p. 4-5.

REZENDE, José Severiano de	Bélua (ilustrado por Márcio Sampaio), p. 5
MENEZES, Raimundo de	Um padre na Rua do Ouvidor, p. 6.
REZENDE, José Severiano de	Epitimese (ilustrado por Márcio Sampaio), p. 7.
LISBOA, Henriqueta	Poeta Severiano de Resende, p. 8-9.
CAMPOS, Moura	O estudante literário, p. 10.
AQUINO, Monsenhor Almir de Resende	Severiano, homem de fé, p. 11.
QUEIROZ, Maria José de	O Simbolismo e José Severiano de Resende, p. 12-14.
GRAVATÁ, Hélio	Bibliografia de e sobre José Severiano de Resende, p. 15.
REZENDE, José Severiano de	O leão, p. 16.
REZENDE, José Severiano de	O castelo, p. 16.
REZENDE, José Severiano de	A girafa, p. 16.
REZENDE, José Severiano de	Hino ao homem venturo (fragmento), p. 16.

#### 4.3. Cadernos especiais referentes ao século XX:

“João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo”, n. 33, 1967.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
	João Alphonsus, prosador mineiro do modernismo (ilustrado por Álvaro Apocalypse), p. 1.
LUCAS, Fábio	João Alphonsus em poucas palavras, p. 2.
	Pequena biografia do escritor, p. 2.
	O contista segundo a crítica, p. 3.
	Onde ler João Alphonsus, p. 3.
GUIMARAENS, João Alphonsus	Surgiu em Minas um grande livro, p. 4.
DIAS, Fernando Correia	Falam os doutores de 30: João Alphonsus e Guimarães Rosa, p. 5.
	O romancista, segundo a crítica, p. 5.
ALPHONSUS, João	Galinha cega (ilustrado por Álvaro Apocalypse), p. 6-7.
	Há mais de quarenta anos "Galinha cega" corre mundo nas antologias, p. 7.
CAMPOS, Paulo Mendes	A face humana de João, p. 8.
FELICÍSSIMO, Juarez	Sobre o amigo e patrono, p. 8.
ETIENNE FILHO, João	Um homem chamado João, p. 8.
	Contista proclamou em 1929 a liderança de Mário, p. 9.

	Indicações para as obras completas, p. 9.
GUIMARAENS, João Alphonsus	Sardanapalo, p. 10.
GUIMARAENS, João Alphonsus	O último poema do poeta deplorável, p. 11.
GUIMARAENS, João Alphonsus	Noite morta (poesia), p. 11.
ALPHONSUS, João	Poema sentimental e rimado, p. 11.
GUIMARAENS, João Alphonsus	Compensação (poesia), p. 11.
GUIMARAENS, João Alphonsus	Eis a noite!, p. 12.

“Guimarães Rosa: sua hora e vez”, n. 65, 1967.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
ÁVILA, Affonso	Guimarães Rosa : sua hora e vez, p. 1.
	Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa, p. 2.
	Biografia de Guimarães Rosa, p. 2.
ROSA, João Guimarães	Aí está Minas: a mineiridade, p. 3.
CÂNDIDO, Antônio	O Sertão e o mundo, p. 4.
	A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa, p. 4.
ROSA, João Guimarães	Viver é muito perigoso..., p. 5.
LIMA FILHO, Luiz Costa	A expressão orgânica de um escritor moderno (fragmentos), p. 6.
DIAS, Fernando Correia	Geografia do Grande sertão, p. 6.
	Três cartas de Guimarães Rosa, p. 7.
NUNES, Benedito	O amor na obra de Guimarães Rosa, p. 7.
ROSA, João Guimarães	Os irmãos Dagobé, p. 8.

“Eduardo Frieiro: 40 anos de literatura”, n. 68, 1967.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
ARAÚJO, Laís Corrêa de	Eduardo Frieiro: quarenta anos de literatura, p. 1.
MACHADO FILHO, Aires da Mata	O privilégio de reler, p. 1.
CARPEAUX, Otto Maria	Coragem de Eduardo Frieiro, p. 2.
VIEIRA, Anna da Soledade	A título de biografia, p. 3.
	Conversa de um redator do "Diário da Tarde" com Eduardo Frieiro, p. 3.
FRIEIRO, Eduardo	Recordando os "Amigos do livro", p. 4-5.
MOURA, Emílio	A ilusão literária, p. 5.
	Opiniões críticas sobre a obra de Eduardo Frieiro,

	p. 6.
ARAÚJO, Laís Corrêa de	Ideário de Eduardo Frieiro, p. 7.
FRIEIRO, Eduardo	Milagre de quem? (fragmento), p. 8.
MATTOS, Mário	O brasileiro não é triste, p. 8.
FRIEIRO, Eduardo	Inquietude, melancolia (fragmento), p. 9.
FRIEIRO, Eduardo	A nobre ociosidade, p. 10.
FRIEIRO, Eduardo	Rapsódia, p. 10.
FRIEIRO, Eduardo	Como vivem e trabalham nossos escritores (entrevista), p. 11.
FRIEIRO, Eduardo	Ouro Preto, fim de século (fragmento), p. 12.
ANDRADE, Carlos Drummond de	Eduardo Frieiro: inquietude, melancolia, p. 13.
PEREIRA, Astrogildo	O brasileiro não é triste, p. 13.
	Eduardo Frieiro: bibliografia, p. 14.
	Fontes para o estudo crítico, p. 14-15.
RENAULT, Abgar	Como era Gonzaga?, p. 15.
MACHADO FILHO, Aires da Mata	Desprendimento, p. 16.
FRIEIRO, Eduardo	Os nossos "paraísos artificiais" (fragmento), p. 16.

“40 anos de antropofagia”, n. 85, 1968.

<b>Autor</b>	<b>Título e página(s)</b>
	Quarenta anos de antropofagia (Tarsila do Amaral, ilustradora), p. 1.
ANDRADE, Oswald de	Manifesto antropófago, p. 2.
ANDRADE, Oswald de	Da inconfidência à antropofagia, p. 3.
	Oswald de Andrade - dados biográficos, p. 3.
CAMPOS, Haroldo de	Oswald de Andrade, p. 4.
	Tarsila do Amaral: dados biográficos, p. 5.
BRITO, Mário da Silva	Raul Bopp (ilustração Álvaro Pacheco), p. 5.
BOPP, Raul	Cobra Norato: fragmentos (ilustrado por Márcio Sampaio), p. 6-7.
GARCIA, Othon M. (Othon Moacyr)	Cobra Norato - o poema, p. 7.
BOPP, Raul	Uma subcorrente modernista em São Paulo: a antropofagia, p. 8-9.
CAMARA, Jayme Adour da	Antropofagia: revolta da sinceridade, p. 10.
BRITO, Mário da Silva	Tarsila e a exposição antropófaga, p. 11.

DORNAS FILHO, João	Para a história do modernismo brasileiro, p. 11.
NUNES, Benedito	A marcha das utopias (ilustrado por Tarsila do Amaral), p. 12.

**Entrevista com Humberto Werneck**

(Realizada por e-mail em abril de 2017)

VC: Gostaria que você contasse um pouco a sua trajetória e como se deu a sua chegada ao *SLMG*. Foi um convite? Como foi a sua estreia no caderno?

HW: No primeiro semestre de 1966, ganhei um concurso de contos realizado na Faculdade de Direito da UFMG. Murilo Rubião – que eu até então não conhecia pessoalmente – participou do júri e me deu um prêmio extra: um exemplar de “Os Dragões e Outros Contos”, publicado em 1965. Poucos meses mais tarde, em setembro, quando saiu o primeiro número do *Suplemento Literário do* (e não *de*, como passou a chamar-se mais adiante) *Minas Gerais*, Murilo me convidou a nele colaborar, o que só fui fazer no ano seguinte. Em maio de 1968, quando José Márcio Penido, da primeiríssima equipe do *SLMG*, se mudou para São Paulo, Murilo me ofereceu um posto de redator. Foram dois magníficos anos redondos. Em maio de 1970, seguindo os passos do José Márcio, vim para o Jornal da Tarde, em São Paulo. Em 1982, após a eleição de Tancredo Neves para o governo de Minas, Murilo Rubião foi chamado para ser diretor da Imprensa Oficial, e me propôs assumir o comando do *SLMG*. Eu era então editor assistente da *Veja* (a minha segunda passagem pela revista), e cheguei a considerar seriamente a proposta de Murilo, mas acabei decidindo permanecer em São Paulo.

VC: Você se lembra como era composta a redação do *SLMG* no momento da sua chegada? Como era o “clima” de trabalho?

HW: Comigo entraram os poetas Valdimir Diniz (redator, como eu), João Paulo Gonçalves da Costa e Adão Ventura (revisores) e, já não sei se como redator ou revisor, o contista Carlos Roberto Pellegrino. Márcio Sampaio e o diagramador Lucas Raposo, da primeira equipe, permaneceram. O auxiliar imediato de Murilo Rubião era o romancista e ensaísta Rui Mourão. O ambiente era, para mim, acolhedor. Murilo, comandante firme e suave, nos dava corda. O expediente era das 13 às 18 horas, e à tarde costumavam aparecer por lá o Emílio Moura, o Bueno de Rivera, o Manoel Lobato e outros veteranos das letras, além de integrantes da nova geração, com o Sérgio Sant’Anna, o Sérgio Tross, o Luís Vilela e o Luís Gonzaga Vieira. Tudo muito animado e divertido. De vez em quando, éramos visitados por forasteiros ilustres como Clarice Lispector, João Antônio, Décio Pignatari, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino.

VC: Podemos dizer que a redação do *SLMG* foi um importante lugar de trocas de experiências e de convívio/sociabilidade intelectual para aquele momento na capital? Gostaria que você comentasse um pouco sobre isso.

HW: Sem dúvida. A redação do *SLMG* ajudou a estreitar os laços entre o pessoal da nova geração, aí incluídos jovens escritores que viviam no interior de Minas, ao mesmo tempo que nos permitiu aproveitar um pouco da experiência de veteranos, como os já citados e, também, Affonso Avila e Laís Corrêa de Araújo. De minha parte, lamento não ter aproveitado mais a extraordinária doçura e sabedoria de



Emílio Moura. Não posso esquecer os imensos ganhos que me vieram do convívio, também, com artistas plásticos, jovens ou já instalados no ofício.

VC: Trabalhar ou atuar no *SLMG* foi uma experiência gratificante para a sua carreira e trajetória cultural e/ou profissional?

HW: Na redação do *SLMG*, acumulei valiosos ganhos pessoais e profissionais. Embora não estivesse nos meus planos, foi ali que botei um pé no ofício com que iria ganhar a vida, o jornalismo. Sonhava com a carreira diplomática, que uma breve prisão política cortou pela raiz, e, sem a menor vontade de ser advogado (formei-me em 1969, mas nunca exerci a profissão), foi de modo natural que caí no jornalismo, ao impulso das pautas jornalísticas que Murilo Rubião me mandava apurar e escrever.

VC: Gostaria que você falasse um pouco sobre os significados da “Geração Suplemento” para a história cultural da cidade de Belo Horizonte (e também para Minas e o Brasil). Você se sente parte dessa formação intelectual?

HW: Não tenho elementos para avaliar devidamente o significado, para a história cultural de Belo Horizonte, a Geração Suplemento, se é que significou alguma coisa. Mas vejo nela um distintivo em relação às demais que lá existiram: enquanto as anteriores, como Tendência e Complemento, constituíram grupos mais ou menos coesos, a nossa foi sobretudo uma ampla federação de grupos de jovens escritores.

VC: Sobre a Belo Horizonte dos anos 1960, não raro pode ser lido que a cidade vivia num marasmo artístico e a produção de jovens escritores não encontrava apoio na mídia. Era assim que você sentia a cidade daquele começo daquela década? Como foi viver (e produzir) nesse momento?

HW: Não creio, hoje, que o marasmo nas artes e na literatura fosse tão grande quanto na época me parecia. E o escasso apoio da mídia local talvez não fosse tão maior do que se observava em São Paulo ou no Rio de Janeiro. O problema maior daquela Belo Horizonte, para mim, era o conservadorismo vigente, além de um mercado de trabalho para lá de rarefeito.

VC: Dentro da história das revistas de cultura de Belo Horizonte, quais você considera mais significativas? Alguma se aproximaria do trabalho que vocês fizeram no *SLMG*?

HW: Houve um punhado de publicações literárias de novos desde A Revista, da turma de Drummond, e me parece que cada uma delas deu o seu recado. Destacaria Edifício, em 1946, Tendência, nos anos 50, e, na mesma década, um pouco mais adiante, Complemento.

VC: A partir da pesquisa que você fez para o seu livro *O Desatino da rapaziada*, você percebeu uma continuidade na produção cultural belo-horizontina, digamos,

desde a década de 1920 até o lançamento do *SLMG*, em 1966, ou podemos falar de rupturas e/ou produções distintas?

HW: Vejo continuidade na diversidade. Nenhuma ruptura radical.

VC: Como foi essa pesquisa para o livro? Quais as dificuldades? Gostaria que você comentasse um pouco sobre essa experiência.

HW: Muito trabalho, um bocado de cansaço – o prazo era curtíssimo, apenas 7 meses –, mas nenhum obstáculo que não se pudesse encarar. Não pude esperar ter tudo na mão para só então começar a escrever. Ia pesquisando, apurando, viajando e escrevendo. Boa parte do livro foi escrita das 7 às 9h30 da manhã, na minha sala na redação paulistana do *Jornal do Brasil*, na Avenida Paulista. Escrevia direto durante 2 horas e meia e no minuto seguinte virava chefe da redação. Nos fins de semana, trabalhava full time no livro. Nessa loucura, me vali, e muito, da minha experiência de repórter. Tive ajuda de um pequeno porém afiado grupo de pesquisadores.

VC: Pensando na trajetória cultural das publicações em Belo Horizonte, você considera o *SLMG* um divisor de águas? Ele foi “inovador” ou “tradicional”? Gostaria que você comentasse um pouco alguns aspectos, caso ele se enquadre em algum desses “tipos”.

HW: Tendo deixado Minas há tanto tempo, em maio de 1970, e não tendo acompanhado de perto o que lá se passou depois disso, não estou em condições de opinar.

VC: Como foi a sua relação com Murilo Rubião? Qual é a imagem da direção dele na redação do *SLMG* que você conserva na memória? Seu nome, salvo engano, foi contado para substituí-lo, certo? O que aconteceu?

HW: Murilo Rubião, já disse, era um comandante firme e doce. Delegava, mas não perdia o controle do barco. A mim, pelo menos, ele deu um bocado de corda, o que, entre algumas mancadas, me permitiu crescer como profissional. Ficou sendo figura central e decisiva em minha vida.

VC: O Golpe de 1964 interrompeu um amplo e envolvente debate que vinha acontecendo na sociedade brasileira. O *SLMG* fez, em sua opinião, alguma coisa para melhorar esse quadro?

HW: Sem se meter em política, pois afinal se tratava de publicação oficial em tempos de liberdades limitadas, o *SLMG* cumpriu bastante bem o seu papel como propagador de literatura de qualidade.

VC: Existia alguma intenção política no *SLMG*? Alguma intenção social mais ampla?

HW: Não creio que tenha havido.

VC: Você saberia me dizer se houve casos de censuras, ou parte de direção do suplemento ou pela Ditadura? Chegou a ter membros da censura designados para a redação do suplemento?

HW: Não tenho notícia de censores dentro da Imprensa Oficial. O episódio mais preocupante de que me lembro, nos dois anos em que lá estive (1968-70), foi o veto da ID-4 à nomeação de Rui Mourão para o comando do *SLMG*, quando Murilo dele se afastou.

VC: Gostaria que você contasse um pouco do cotidiano da redação do *SLMG* a partir do AI-5. O que mudou para vocês e para o suplemento? Vocês chegaram a ser ameaçados em algum momento? Alguém chegou a ser preso?

HW: De maio de 1968 a maio de 1970, não houve prisões nem ameaças. Mas, naturalmente, o comando do *SLMG* redobrou seus cuidados.

VC: Sobre a redação do *SLMG*, por exemplo, ela foi taxada como um “antro de maconheiros, comunistas e gays”. Como isso repercutiu na vida de vocês? De onde saiu isso?

HW: Denúncias desse tipo partiram de inimigos de Murilo Rubião dentro da Imprensa Oficial. O sucesso do *SLMG* atraiu sobre seu diretor a inveja, a torpeza e a mesquinha de alguns ali. Murilo tocava o barco, sem nos repassar as bordoadas e rasteiras que levava.

VC: Você considera que o *SLMG* foi um caderno de cultura elitizado, feito para a classe média?

HW: Nem elitizado, nem populista. Uma boa garrafa lançada ao mar, sem concessões, como deve ser. Apanha a garrafa quem for capaz.

VC: Qual o balanço você faria, hoje, da importância do *SLMG* na vida cultural de Belo Horizonte?

HW: Questão já respondida.

VC: Você chegou (ou vocês chegaram) a ser leitor(es) de suplementos como, por exemplo, o *Dominical*, do Jornal do Brasil, ou os que foram feitos pelo *O Estado de S. Paulo*?

HW: Sim. Quase todos nós acompanhávamos os principais suplementos do Rio e de São Paulo.

VC: Em agosto de 1968 você fez uma reportagem com a Blanca Lobo Filho, sobre o trabalho dela com a poesia da Henriqueta Lisboa, e em novembro uma entrevista com a mãe do Guimarães Rosa, “Dona Chiquita”. Contudo, a sua estreia, digamos, no *SLMG* foi como contista (com a publicação de “O Condenado”, em 1967; depois mais três em 1968: “Febre aos trinta e nove graus”, “Quarta-feira” e “Do terceiro

andar”). Em 1970, duas resenhas na parte EQUIPE. Como foi isso? Você optou pelo jornalismo, digamos?

HW: Publiquei esses contos e mais um, “O Doloroso Dever”, em 1970. Não fiz uma opção deliberada pelo jornalismo. Ele se impôs, naquele momento, como alternativa para ganhar a vida. Nesse departamento, aliás, estou me lembrando de uma reportagem não assinada, “Que mistério tem Clarice?”, em agosto ou setembro de 1968. Não quis assinar porque a entrevista com a escritora foi, para mim, o que numa crônica chamei de “Meu traumatismo ucraniano”.

VC: Na apresentação do número 152 do *SLMG*, ano IV, de julho de 1969, foi inaugurada a série de “depoimentos/reportagens” intitulada “O escritor mineiro quando jovem”. Nela, lemos algumas questões – como, por exemplo, “o que é uma geração literária? Um agrupamento de escritores em torno das mesmas publicações, livrarias, redações, bares? Ou uma geração se caracteriza, necessariamente, enquanto movimento orgânico, com princípios, diretrizes e objetivos bem delineados?” – que parecem ter orientado a proposta. Ainda no texto, lemos que o que se propuseram a fazer foi mostrar “o que pensam, o que escrevem, o que pretendem esses novos escritores”. Gostaria que você comentasse um pouco sobre esse trabalho: como ele surgiu? Como foi fazer essa série de entrevistas? Qual a sua importância dentro da história do *SLMG*? Como se deu a escolha dos nomes (que depois foi ampliada para “Os novos em toda parte”).

HW: Participei a criação daquela série, que aliás contou com o apoio e o estímulo de Murilo Rubião. O texto que você cita parcialmente, não assinado, é de minha autoria. Me lembro de que a ideia era dessa: dar, a quem nos parecesse merecedor de aposta, um espaço no *SLMG*, com o direito de escolher se preferia entrevista pergunta/resposta ou depoimento corrido. Deu certo, tanto que ampliamos o foco para o plano nacional, incorporando, entre outros, Moacyr Scliar, José Guilherme Merquior e, não tenho certeza, Caio Fernando Abreu.

VC: Nos meses de janeiro/fevereiro de 1968, o *SLMG* já tinha dedicado um número especial aos “Novos de Minas”. No n. 74, numa matéria intitulada “Os caminhos e os descaminhos da literatura: falam os novos de Minas”, você fez a seguinte afirmação: “Isso: o ofício do escritor é entender o mundo e o tempo em que se vive, testemunhar, denunciar, escrever para os homens, engajar-se com eles na luta comum” (na capa do *SLMG*, você foi o único desenhado “discursando” como um poeta grego frente a uma multidão). Gostaria que você comentasse um pouco isso.

HW: O orador de 22 anos não chega a cobrir de vergonha o senhor de 72... Mas sua declaração tem que ser examinada na moldura do voluntarismo de então, quando se falava o tempo todo de literatura “participante”.

VC: Você só volta a publicar no *SLMG* em 1987. O que aconteceu? Você também se afastou do *SLMG* depois do episódio com Wander Piroli? Você chegou a se posicionar à época?

HW: Meu afastamento nada tem a ver com o episódio Wander Piroli ou qualquer outro. Durante duas décadas vivi uma relação apaixonada e monogâmica com o jornalismo, só isso. Aos poucos, mesmo dentro do jornalismo, caminhei outra vez para o texto literário, não mais como ficcionista, para desembocar, faz uns 10 anos, numa crônica que, eventualmente, invade o terreno da ficção.

VC: Em seu texto “Meu Suplemento Literário”, publicado em dezembro de 2016, por ocasião do aniversário dos 40 anos do *SLMG*, você fala das “muitas encarnações” do caderno. Afirma que sobre a “primeira” você tinha “motivos para acreditar” que “foi a melhor de todas”. Também afirmou que “o Suplemento que conta é aquele dos primeiros tempos, dos três primeiros anos, o Suplemento que Murilo Rubião concebeu e comandou diretamente até dele se afastar, em dezembro de 1969”. Gostaria que você comentasse essa passagem e falasse um pouco desses “motivos”. Quais seriam, por outro lado, as suas “fases esquecíveis”?

HW: Quando falo de “suplemento que conta”, é claro que estou, arbitrariamente, assumidamente, falando no “meu” suplemento (já está no título), aquele de que participei. Estou aí não como estudioso ou como historiador ou como repórter, e sim como memorialista mais comprometido com a subjetividade do que com a objetividade. Mas não custa lembrar que essa minha opinião sobre o *SLMG* é compartilhada por pessoas que lá não trabalharam naqueles três primeiros anos.

**Entrevista com Sebastião Nunes**

(Realizada por e-mail em dezembro 2016)

VC: Gostaria que você contasse um pouco a sua trajetória e como se deu a sua chegada ao *SLMG*. Foi um convite? Como se deu a sua estreia no caderno?

SN: O pessoal estava bastante disperso até que surgiu o *SLMG*. Não foi convite, foi curiosidade mesmo e o incentivo do Murilo para publicar qualquer coisa. Daí deitamos e rolamos.

VC: Trabalhar ou atuar no *SLMG* foi uma experiência gratificante para a sua carreira/trajetória cultural e/ou profissional? Qual foi a sua ocupação (ou quais foram as suas ocupações) no caderno?

SN: Eu não era funcionário, mas colaborador. Claro que às vezes a turma de fora atuava junto com a turma de dentro, criando verdadeiras guerrilhas culturais novos x velhos.

VC: Você se lembra como era composta a redação do *SLMG* no momento da sua chegada? Quais nomes faziam parte dela? Como era o “clima” de trabalho?

SN: Como disse, eu não era funcionário, mas costumava passar as tarde lá. O clima era o mais descontraído possível. Não sei quem fazia parte da redação na época, 1966/7.

VC: Podemos dizer que a redação do *SLMG* foi um importante lugar de trocas de experiências e de convívio/sociabilidade intelectual para aquele momento na capital? Comente um pouco sobre isso.

SN: Claro, foi o *SLMG* que permitiu a nós, noviços rebeldes, botar as manguinhas de fora, ver que os monstros sagrados não era tão sagrados assim, cavar nosso espaço.

VC: Gostaria que você falasse um pouco sobre o significado da “Geração Suplemento” para a história cultural da cidade (e para além dela). Você se sente parte dessa formação intelectual?

SN: A geração não passava de um punhado de livres-atiradores e gozadores. Para a cidade foi muito importante, botando BH no mapa cultural do Brasil, que antes era só Rio e SP. Claro que eu me sentia parte.

VC: Sobre a Belo Horizonte dos anos 1960, não raro encontramos afirmações que dizem que a cidade vivia num marasmo artístico e a produção de jovens escritores não encontrava apoio na mídia. Era assim que você sentia a cidade daquele começo daquela década? Como foi viver (e produzir) nesse momento?

SN: Não acho que seja verdade. Jornais publicavam poemas e contos de jovens, com de resto em todo o país, o que hoje não existe mais. E a cidade era provinciana, claro, com todo mundo pensando em cair fora um dia.

VC: Como foi trabalhar e colaborar num órgão oficial do governo do estado de Minas Gerais em um período de eferescência política e cultural no país, com a ditadura pós-64, e no mundo pós-Segunda Guerra? Você sentiu diferenças com o passar das décadas de 1960, 70 e 80, por exemplo?

SN: Colaborei com o *SLMG* até 1972 e me mudei pro Rio em 1973, vivendo fora 5 anos e quase todo esse tempo estive distante do que se passava em BH, com a cidade e o SL se tornando mais caretas a cada dia.

VC: Dentre os principais nomes que compuseram a equipe da redação do *SLMG*, a grande maioria de vocês era estudante de Direito. Gostaria de que você comentasse um pouco esse traço da formação de vocês.

SN: Não posso falar em da equipe, já disse. Da equipe, propriamente, creio que só Jaime Prado Gouvêa e Humberto Werneck fizeram parte. Não sei se o Duílio Gomes fez direito.

VC: Dentro da história das revistas de cultura de Belo Horizonte, quais você considera mais significativas? Alguma se aproximaria do trabalho que vocês fizeram no *SLMG*?

SN: Eu só me ligava ao *SLMG*. Eu era poeta experimental e tinha pouca afinidade com a maioria dos outros poetas, exceto os mais velhos, como Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo e, da minha geração, Henri Corrêa de Araújo e Márcio Sampaio.

VC: Pensando na trajetória cultural das publicações em Belo Horizonte, você considera o *SLMG* um divisor de águas (se pensarmos desde o surgimento d'A Revista, da década de 1920)? Ele foi "inovador" ou era mais "tradicional"? Gostaria que você comentasse um pouco alguns aspectos, caso ele se enquadre em algum desses "tipos".

SN: Ele era inovador, criador de condições para inovar e renovar, mas não penso nele como divisor de águas. Todos tiveram seu tempo e sua força nesse tempo.

VC: Como foi a sua relação com Murilo Rubião? Qual é a imagem da direção dele na redação do *SLMG* que você conserva na memória? E com os demais secretários do caderno?

SN: Me dava muito bem com todo mundo, mas o Murilo ocupava lugar à parte, principalmente pelo apoio que sempre deu às loucuras dos mais jovens. Se era eu o autor, se era o Sérgio Sant'Anna ou o Márcio Sampaio, qualquer um dar turma, ele aprovava sem ler. A confiança dele era total.

VC: O Golpe de 1964 interrompeu um amplo e envolvente debate que vinha acontecendo na sociedade brasileira, principalmente a partir da década de 1950. O *SLMG* contribuiu, em sua opinião, alguma coisa para melhorar esse quadro?

SN: Não creio. Com os anos ele se tornou caretíssimo, até ressuscitar, na década de 1980, de novo com o Murilo, ele agora como diretor da Imprensa Oficial. Diagramei o *SLMG* durante dois anos, em parceria com Jaime, Duílio Gomes e Manoel Lobato, sem esquecer Lucas Raposo, claro.

VC: Existia alguma intenção política no *SLMG*? Alguma intenção social mais ampla?

SN: Uma mistura de tudo, com vários militantes dos grupos de esquerda lá dentro, eu inclusive, todos trabalhando para minar o sistema.

VC: Você saberia me dizer se houve casos de censuras, ou parte de direção do suplemento ou pela Ditadura? Chegou a ter membros da censura designados para a redação do Suplemento?

SN: Houve tentativas, mas o Murilo tinha bom trânsito no palácio e segurava as pontas.

VC: Gostaria que você contasse um pouco do cotidiano da redação do SL a partir do AI-5. O que mudou para vocês ou para o Suplemento? Vocês chegaram a ser ameaçados em algum momento? Alguém chegou a ser preso?

SN: Como não fiz parte da equipe, preciso que outros respondam.

VC: Já li em algum lugar que a presença do Paulo Campos Guimarães como diretor da Imprensa Oficial auxiliou, em grande medida, o convívio do trabalho da IO com a Ditadura. Você lembra de como se dava isso? A presença dele foi realmente marcante? O *SLMG* incomodava a Ditadura, de alguma forma?

SN: Claro que incomodava a ditadura, mas sobre Paulo Campos Guimarães nada sei.

VC: Você considera que o *SLMG* foi um caderno de cultura elitizado, feito para a classe média? Você considera, hoje, o trabalho do caderno como elitista?

SN: Praticamente toda a literatura é elitista, mesmo quando feita em nome das minorias. Só raros privilegiados podem se dar ao luxo do “ócio criativo”.

VC: Muitos de vocês deixaram a cidade de Belo Horizonte em direção de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Essas mudanças foram marcadas por questões políticas? Ou elas não chegaram a interferrir nessas escolhas?

SN: Não. As mudanças foram porque todos queriam ir para um centro maior.



VC: Depois da saída do M. Rubião, e acredito que durante a curta direção do Rui Mourão, vocês passaram a fazer resenhas, sob o título de “Equipe”. Encontrei algumas de livros que não existiam (e o Jaime P. Gouvea também comentou isso comigo – e eu achei o máximo). Gostaria que você comentasse sobre isso. Foi uma forma de protesto ou fazia parte de um “espírito de rebeldia” da época? Você inventaram mais alguma coisa naquele momento?

SN: Eu mesmo escrevi algumas resenhas de livros que não existiam sobre autores e editoras também inexistentes. Pura anarquia e um espírito, digamos, anarquista.

VC: Você constantemente tem sido citado, em outros depoimentos, como o responsável pela a reforma/renovação, sobretudo gráfica, feito no *SLMG*. Quando ela se deu, exatamente, e como foi? Ela tem a ver com seu o trabalho no campo das experimentações com a linguagem?

SN: Isso foi em 1982, quando o Murilo formou a nova equipe. Eu não era funcionário, apenas colaborador. A princípio eu deveria diagramar só quatro números, mas conversando com Murilo e Jaime vimos que isso não daria certo. Então fiquei dois anos, depois o Lucas Raposo assumiu.

VC: Sebastião Nunes, eu agradeço demais pela atenção. E para terminarmos, alguma coisa que você gostaria de acrescentar que possa não ter sido perguntado? Sinta-se a vontade para comentar. Um abraço!

SN: Nada a acrescentar, exceto que foi uma experiência riquíssima, creio que para todos nós, novatos e tímidos. Sem o *SLMG* talvez a maioria de nós tivesse parado por ali mesmo.

**Entrevista com Lucas Raposo**

(Realizada presencialmente em agosto 2016)

VC: Você pode comentar um pouco sobre o surgimento do Suplemento e sobre a sua participação no caderno?

LR: O Suplemento, no começo, durante uns 2 anos, a publicação foi feita com as verbas diretamente do Palácio [da Liberdade]. Não existia ainda uma dotação própria para o Suplemento não. Depois de 2 anos é que ele passou a ter o orçamento próprio dentro da Imprensa Oficial.

VC: Então, em 1966 ele não surge com orçamento próprio?

LR: Em 66, não. Ele surge ano a ano votado nas verbas dentro do Palácio.

VC: Até 68, então?

LR: É, deve ser até 68, na época do Israel Pinheiro. Se for interessante, devem haver as leis que foram votadas pra fazer, criar o Suplemento e de onde que vinha a dotação orçamentária pra fazer. Isso eu acho importante na história. Quanto ao pessoal que trabalhou, no início tinha os colaboradores, que eram pagos *pro labore*, e também os fixos lá que recebiam no início, dentro dessas verbas. Depois é que passaram a ter contrato, alguns pela Imprensa Oficial, depois mudava e ia pra uma terceirização, voltava pra Imprensa. Isso foi ao longo do tempo todo.

VC: Em uma outra entrevista o senhor comenta que até chegar no Suplemento Literário o senhor trabalhou em outros jornais.

LR: Eu trabalhei no Correio de Minas, que foi um jornal que era propriedade do Gilberto Faria, do Banco da Lavoura (?), e em 64 acho que ele tinha alguma pretensão política, mas em 64 esvaziou e o jornal fechou no final do ano e eu fui trabalhar, então, no Diário de Minas. Em 66 eu trabalhei, então, nos dois. Eu continuava no Diário de Minas e eu fui trabalhar no Suplemento desde o primeiro número.

VC: E como é que o senhor chegou lá? Por que alguns foram convidados pelo Murilo, né?

LR: Quem me chamou foi o Eduardo de Paula que tinha feito a primeira logomarca do Suplemento Literário. Ele que diagramou o primeiro número e depois me perguntou se me interessava, por que ele mesmo não estava interessado em continuar com aquilo. Eu fui e acabei ficando por lá 20 anos, mais de 20 anos.

VC: Quando você saiu do Diário, já tinha acontecido o golpe, né? Já era 64.

LR: 64 quando teve o golpe foi em abril, né? Aliás, foi o Jornal do Brasil que primeiro abriu essa deixa, mas eu ainda estava no Correio de Minas. Funcionava ali na

Olegário Maciel. Hoje é alguma coisa de governo, acho que assistência ao menor, alguma coisa assim, mas em setembro ele já fechou. Foi de abril a setembro apenas a agonia final do jornal e ele fechou. Aí é que eu fui pro Diário de Minas. O Diário de Minas teve uma fase muito boa como jornal que foi... ele era... a propriedade dele era de gente do Banco Nacional, acho que Magalhães Pinto tinha isso... e depois ele teve uma fase que foi encampado pelo Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, era a fase melhor que tem, era uma espécie de segmento do Jornal do Brasil. Era muito bem realizado.

VC: Mas mesmo com essa questão do golpe, essa passagem foi tranquila? De mudar de jornal, chegar no Suplemento?

LR: Pra mim foi por que o que eu fazia era a área gráfica, mais técnica, a área de diagramação, uma coisa que na época era muito concorrido. Quem sabia fazer e fizesse bem não ficava parado. Então logo me chamaram pro Diário de Minas, quando o Correio de Minas fechou e depois, quando o Diário de Minas entrou numa fase decadente eu deixei ele e fiquei apenas na Imprensa Oficial. Essa é a minha trajetória. Eu fiquei até 3 anos atrás, por que no Estado a data limite do que a gente tem que aposentar é 70 anos. Dois anos antes de fazer 70 eu pedi a aposentadoria.

VC: Logo no primeiro texto do Suplemento Literário fala que ele seria lançado numa fase de renovação do Minas Gerais. É a única informação que tem lá e depois não volta. Aí, quando eu vou seguindo o Minas Gerais eu vejo o jornal mudando mesmo. Aí eu queria que você falasse um pouco sobre que renovação foi essa, por que como você já estava chegando lá, se você participou dessa renovação do Minas.

LR: Do Minas, diretamente, não, mas eu estava lá dentro e eu percebia tudo que estava acontecendo.

VC: Que renovação foi essa?

LR: Começou com uma renovação gráfica e depois começaram a incrementar mais a parte de noticiário. Por que tinha, só na primeira página do Minas, até então, uma coluna com notícias do Governo, dia a dia, e do outro lado notícia internacional que algum jornalista catava lá, fazia uma sinopse e punha lá. E um editorial, alguma coisa assim, tava lá na primeira página. Amílcar de Castro foi quem fez aquele projeto da primeira página, mas é principalmente quando começa o Suplemento que o Minas Gerais, na parte de noticiário, começa a incrementar mais. É interessante notar que a parte de noticiário do Minas é mais incrementada no governo Newton Cardoso, por que ele enfrentava uma oposição muito forte dos Associados, Estado de Minas, então ele incrementou o Minas assim com uma porção de coisas. Chegou ao ponto de ter 24 páginas de noticiário do cotidiano mesmo.

VC: Logo no começo do governo Israel Pinheiro dá pra perceber uma mudança clara nele, por que em 63, 64, era um jornal que dava uma pequena notícia. Deu notícia do Magalhães Pinto apoiando o golpe, e tal, mas você via que era um jornal ainda noticioso. Daí em 66 já começa a aparecer cinema, dica de moda, resenha de livro. Essa seria a mudança, né? Essa renovação.

LR: Aí já é bem fruto da presença do Suplemento Literário lá dentro por que daí começaram a trabalhar também as outras páginas, não só do Suplemento.

VC: Então, o surgimento do Suplemento tem a ver com essa renovação do Minas Gerais?

LR: O pessoal que trabalhava no Suplemento não era o mesmo que trabalhava no Minas. Eram duas redações diferentes, mas eu acho que faz parte do mesmo esforço por que o Suplemento foi uma coisa que deu certo prontamente teve uma repercussão muito grande e a importância dele nessa época da criação é que ele chegava em todos os municípios do Estado e em muitos desses municípios mais distantes, mesmo que chegasse um pouco atrasado, era a única coisa que chegava. Não tinha televisão. Acho que o meio de comunicação que pudesse ser mais eficiente na época era só rádio mesmo. Televisão também não chegava em todos os lugares. Então o Suplemento indo dentro, encartado em toda edição do Minas Gerais é que ganhou um lastro muito forte.

VC: O Murilo Rubião guardou muita carta dessa época. Eu fui no acervo dele e ele recebeu carta até de uma professora de uma cidadezinha lá no interiorzão falando que tava lendo.

LR: É, justamente. Eu me lembro de uma fotografia de um desfile de 7 de Setembro, não sei em que lugar, desses longe aí, talvez lá pela região de Montes Claros, de uns escolares, uns estudantes desfilando na rua e carregando o Suplemento.

VC: Sobre a renovação, você chegou a trabalhar com o Amilcar?

LR: Não, eu conheci o Amilcar, assim, eventualmente quando ele passava por lá, mas ele não ficava lá. Ele fez esses projetos, fez um trabalho e entregou lá e a gente que executava, os diagramadores faziam. O trabalho que ele fez pro Minas, pra parte de noticiário do Minas Gerais, era uma coisa padronizada pra gente ir preenchendo com notícias.

VC: Era linotipia, né?

LR: Isso também foi uma coisa que eu vi de perto foi a evolução dos processos gráficos. Muita coisa ali que foi implantada e depois desapareceu e outras, no momento em que passou a ser impresso em *off set*, isso aí foi o que permaneceu.

VC: Que foi na década de 80, né?

LR: Começo da década de 80.

VC: Ele vira um jornal mesmo, né? Ele perdeu a característica manual que ele tinha.

LR: A máquina que imprimia ficava ali naquela parte da rua Espírito Santo, era uma máquina imensa, do tempo da Segunda Guerra Mundial, tanto que desativaram, passou a ser impresso tudo em *off set*, eles não conseguiram vender mais essa

máquina por que não tinha como usar mais aquilo. Acho que ela foi vendida ao quilo de ferro e bronze. Toneladas. Barulhenta, hoje seria impossível ter uma máquina fazendo aquele barulho de madrugada ali.

VC: Deveria ser um espetáculo à parte. Uma coisa que tem me interessado muito, e talvez você lembre um pouco, é sobre a redação do Suplemento. Você a frequentou, né?

LR: Sim, eu trabalhava lá dentro.

VC: Você conviveu com toda aquela moçada ali.

LR: Sim.

VC: Como é que era o dia a dia ali? Como é que foi conviver naquele ambiente?

LR: [Risos].

VC: Por que eu vejo umas fotos e parece que era um ambiente super descontraído, o pessoal ficava ali...

LR: De fato, era. Com um horário para sair prum cafezinho na rua, na padaria ali em frente, essas coisas assim. Mas o que era muito interessante lá é que, além do pessoal que estava trabalhando lá, Márcio Sampaio, Penido, Humberto, Carlos Roberto Pellegrino, essa turma que ficava ali na parte da tarde fazendo o trabalho.

VC: Eles eram parte da redação?

LR: Sim, da redação, mas era muito visitado por gente que ia lá ver, bater papo, encontrar com Murilo, encontrar com outras pessoas também.

VC: Assim, era um ponto de encontro em Belo Horizonte.

LR: É, então a gente via frequente mesmo Bueno de Rivera, Emílio Moura, tava sempre por lá, Affonso Ávila, a Laís Corrêa de Araújo, começando já a consolidar as carreiras deles. No início, é bom olhar também em alguma coleção do Suplemento o expediente, tem as pessoas.

VC: O Humberto Werneck falou uma coisa engraçada... ele disse que quando ficava pronto o jornal, aquela coisa da página para ser revista, você chegava com a página "molhada" e falava "a página tá pronta!".

LR: É, era o processo de fazer era todo em linotipo. Os títulos eu acho que eram feitos, na época, numa tipografia de pegar letra por letra. Isso ainda existia na Imprensa. E quando se fazia na... era um processo rudimentar. Quando fazia na oficina, punha as colunas da matéria do jeito que eu tinha diagramado e depois passava um rolo de tinta, aquilo tudo amarradinho ali, eu passava o rolo de tinta e

punha uma folha de papel úmido por cima e batia uma escova assim, ela imprimia nele. Então isso que era levado pra, por isso que ele diz que chegava o papel molhado. Ele era úmido, por que se não a tinta não pegava, ficava meio difícil de ler.

VC: Diz ele que era uma festa.

LR: O Murilo trabalhava sempre com muito antecedência. Às vezes tinha um sendo editado, pronto, já montado, o outro já estava sendo composto. Tinha sempre muita coisa pronta nos linotipos.

VC: Isso era passado pra você com antecedência?

LR: Era passado pra mim. O Murilo, eu tinha até me acostumado com o cacoete dele, dele falar assim se ele entregava uma matéria pra fazer uma página avulsa sobre qualquer coisa que precisasse entrar, ele falava assim: “sapeca isso aí nessa página!”. Agora se fosse a edição inteira, ele entregava e falava: “mete os peitos aí!”. Era a maneira engraçada dele falar.

VC: A relação com ele era boa?

LR: Ah, era excelente! Era um camarada assim de muita simpatia, muito afetuoso com o grupo todo que trabalhava com ele e com todas as pessoas em geral.

VC: E vocês conseguiam discutir com eles questões ou já vinham pronto pra vocês e vocês tinham que... como era esse clima lá?

LR: A matéria vinha dos colaboradores, de modo que não existia muito trabalho, a não ser entrevistas...

VC: Passava por ele e chegava até vocês?

LR: É, passava pra ele e ele organizava as edições, o que ele queria em cada edição, e já fazia uma outra, por que começou a entrar matéria assim em peso, todo mundo mandava.

VC: Chegava muita coisa?

LR: Chegava, por isso que ele fazia as edições com antecedência, eventualmente trocava matéria em edição que já estava pronta. Os colaboradores mandavam de longe.

VC: Eu tenho reparado umas coisas assim, por exemplo, ele recebia uma carta de um colaborador, até assim relativamente famoso, um escritor, aí eu vou no Suplemento e daí um ou dois meses o texto está lá. Tipo assim, um colaborador do sul manda uma crônica. Aí depois de dois meses está no Suplemento. Parece que essa questão era bem rápida.

LR: É por causa da antecedência que ele fazia, por que era semanal, mas às vezes quando chegava uma colaboração as edições imediatas de duas ou três semanas já estavam prontas. Então só iam sair lá adiante.

VC: Você lembra de coisas serem recusadas por alguma razão?

LR: Por falta de qualidade?

VC: Ou por problemas de... nesse momento eu imagino que vocês trabalhavam com uma certa atenção com relação à política.

LR: Ah, ao conteúdo. Olha, tem uma época que sim. Eu procurei encontrar aqui em casa. Antes do Wander Piroli tem um período com o Ângelo Oswaldo, não tem?

VC: Sim, até 72, mais ou menos.

LR: É, até 72. O Wander Piroli entrou exatamente depois. Tem ali uma pressão muito grande com relação ao conteúdo das matérias. Eu me lembro, eu senti isso mais de perto na época em que já era feito em *off set*, quando eu estava lá em 80, 81. No começo, se havia isso, a gente não ficava sabendo. É preciso olhar, em matéria de pressão política, é preciso olhar também um episódio muito estranho que houve lá que foi o Rui Mourão quando ele foi secretário, não durou...

VC: Não deixaram ele assumir?

LR: Não sei se assumiu, ficou uma ou duas semanas, coisa assim, foi pressão, foi pressão que veio de Brasília. Parece que o Rui Mourão tinha sido demitido da Universidade de Brasília em solidariedade ao Darcy Ribeiro, alguma coisa assim. Isso foi o que eu sabia por ouvir falar. Ninguém falava essas coisas muito diretamente não. O Rui, então, foi um desses que sofreu direto essa pressão política. Os outros, parecem que já eram suficiente submisso, né? Então não criavam problemas.

VC: Souberam se comportar.

LR: O Ayres, eu lembro que ele algumas vezes andou recolhendo matéria lá que ele achava inconveniente.

VC: O Ayres?

LR: O Ayres. Eu lembro uma vez que (...) já estava pronto e diagramado e ele mandou retirar e ficou guardado na página montada. Isso já no tempo de *off set*. Uma matéria que falava de escritores cubanos e informava no meio da matéria que eram homossexuais. Então, sofriam pressão em Cuba. Uma repressão enorme. Isso tava na matéria e o Ayres achou que não convinha falar. Eu lembro uma vez também, mas isso já é curiosidade [risos]...

VC: Mas isso é ótimo, pra ajudar a entender o funcionamento.

LR: Tinha um artigo sobre um filme do Antonioni, isso eu achei foi cômico, por isso que eu guardei. Isso foi o Murilo mesmo que mandou tirar, cortou uma palavrinha lá. É por que tava escrito, alguma coisa, que o filme terminava com um cena de amor na relva. Ele falou “essa relva aqui tá muito insinuante”. Tirou a relva e colocou só até a cena de amor. Vê lá no comecinho, tem alguma coisa sobre um filme do Antonioni. O filme chama... não é “A noite”... “A noite”... nessa época a gente assistia essas coisas, a gente achava que um intelectual devia assistir uns preto e branco, europeus.

VC: O AI-5 colocou algum problemas pra vocês? Vocês tiveram problemas quando o AI-5 foi decretado, em 68?

LR: 68, 13 de dezembro, né? Eu lembro de ver isso mais acentuadamente no Diário de Minas, onde eu trabalhava, por que era um jornal de noticiário, né? Não era jornal oficial e lá teve alguns momentos, alguns meses em que a gente tinha um oficial do Exército lá dentro lendo todas as matérias e dando uma rubrica no que podia, no que não podia, dando sugestões.

VC: E no Suplemento, não?

LR: Não, no Suplemento não por que era Diário Oficial, então estava tudo dentro das coisas do Governo.

VC: Eu li isso em algum lugar, que eu não me lembro mais, falando que um das razões que vocês não tiveram tantos problemas em trabalhar nesse momento, teve a ver tanto com o prestígio do Rubião, com a questão do Palácio do Governo, quanto do Paulo Campos Guimarães, que também era muito influente, né? Você lembra dessa questão?

LR: Olha, eu trabalhando na área gráfica, se eu soubesse de alguma coisa, seria assim de ouvir dizer, eu não estava ligado nesse tipo de questões. Quem vai saber isso melhor é o Humberto, que era ligado ao próprio conteúdo das matérias, o Márcio Sampaio, talvez tenha te falado alguma coisa.

VC: Talvez eles tenham percebido isso melhor.

LR: Eu circulava mais no meio de campo entre a redação e a oficina, que era uma oficina assim, grande, de linotipos.

VC: Quem contribuía com a parte de artes plásticas ali, por exemplo, Chanina, o próprio Eduardo de Paula, vocês chegaram a trabalhar juntos? Como é que funcionava essa parte das imagens?

LR: Funcionava da seguinte maneira que os colaboradores de artes gráficas passavam lá, pegavam o texto, levava, fazia o desenho e depois devolvia junto. Então eles não ficavam lá dentro trabalhando nisso. E quando eu chegava, então a gente já diagramava com a ilustração. Álvaro Apocalipse ilustrou vários, Jarbas Juarez era um ilustrador excelente. Ele fazia coisa e a gente olhava o desenho e



parecia que não ia dar nada, mas depois que punha no processo gráfico aquilo ganhava uma vida tão bonita.

VC: Quando chegava nas suas mãos, você que montava...

LR: É, eu diagramava, fazia página por página.

VC: Mas aí a liberdade era sua, assim. Você fazia do seu jeito? Assim, você montava ou já vinha uma coisa mais ou menos. Tinha uma linha?

LR: Não, a restrição que a gente tinha era a oficina, por que não se tinha recurso como se tem hoje. Fazer qualquer coisa. Então a gente, dava pulinho quando fazia uma coisa assim graficamente interessante com uma oficina muito restrita, muito limitada. O próprio Minas Gerais, essa parte de atos oficiais, é um retrato perfeito disso. A gente então ficava driblando aquela restrição de recurso gráfico.

VC: Uma pergunta que eu tenho feito nas entrevistas que eu fiz até agora é se, nesse primeiro momento, o Suplemento era mais “comportado”? Geralmente, a resposta é: no conteúdo, não; ele era bem experimental, ele publicou muita gente, mas na parte de montagem ele era um pouco meio quadrado. Quando chega no *off set*, ali não, ele teve uma experimentação maior. O que você acha disso? De certa forma, você falou que a questão técnica não ajudava.

LR: É, eu acho que o *off set* ajudou, mas também nós cometemos alguns equívocos, por que aí ficou tudo muito fácil, né? Então, assim, do ponto de vista de fazer uma caixinha, alguma coisa, dava uma dimensão aparecendo uma perspectiva, aqueles desenhos, e aquilo realmente passou, pelo menos ficou muito datado. Hoje em dia ninguém faz mais aquelas coisas. É por que ela facilitou muito, mas a gente não tinha um repertório assim de como fazer as coisas graficamente ainda. Eu mesmo estou me incluindo nisso. Aí, por esse época, já havia outros diagramadores também.

VC: Mas isso já na década de 80.

LR: É, no começo da década de 80.

VC: Mas nessa época, por exemplo, 60, 70, vocês fizeram algumas experimentações.

LR: Na parte gráfica eu era bem sozinho, pra fazer, pra criar.

VC: Mas, por exemplo, questões que você tentou experimentar, você tinha liberdade pra isso ou eram montagens pouco diversificadas? Qualquer ousadia que pudesse ser...

LR: Olha, o que a gente pudesse fazer já naquele tempo, eu ficava restrito assim a fazer composição em colunas pequenas, coluna e meia, e tal, deixar um claro. Se olhar a parte impressa vai ver nos primeiros números os títulos tem até um til que é

uma bolinha. Era tão restrito a oficina que fazia que eu acho que é uma letra sueca, com uma bolinha em cima.

VC: Não tinha o til?

LR: A gente usava aquilo por que não tinha outro. Então, era muito restrito.

VC: Engraçado que hoje tem gente que lê isso como uma espécie de experimentação.

LR: Nada! Era falta de recurso mesmo da oficina.

VC: Não era uma ousadia concretista não, né?

LR: Estou falando tão livremente que nem vi que estava gravando o tempo todo [risos].

VC: Tem problema não. Mas, assim, essa parte do til eu não lembro de ver.

LR: Se você olhar nos primeiros números.

VC: E como é que vocês colocavam imagens? Por que a letra, tudo bem.

LR: Clichéria, né?

VC: Como é que funcionava?

LR: A letra era impressa em chumbo, no linotipo. Não sei se vocês conhecem. Tem uma máquina ali no Museu, na portaria principal.

VC: Já me explicaram mais ou menos como funcionava.

LR: Aquilo era muito interessante, por que é máquina que foi inventada no final do século XIX, ela fica 70, 80 anos direto. Talvez ainda tenha gráfica no interior que usa. Essas restrições de gráfica, que eram muito acentuadas, e a parte de imagem era feita em clichéria. A Imprensa Oficial não tinha clichéria, que é um processo de imprimir, por exemplo, uma fotografia numa chapa de... eu estou falando de coisas que não existem mais [risos].

VC: Várias, né?

LR: E eram coisas corriqueiras, na época, numa chapa de zinco ou algum metal assim, e com um processo fotográfico que era feita pontinho por pontinho. Se você olhar qualquer fotografia de jornal antigo com uma lente você vai ver que é cheia de pontinhos. Ou mais densos, ou mais espaçados para fazer os claros e reproduzia a imagem. A Imprensa não tinha esse serviço. Então era contratado fora. Eu mesmo desenhava a diagramação, marcava o tamanho que eu queria as fotografias ou os

desenhos, e mandava pra clicheria fora. Isso foi feito muito tempo assim, até o momento em que implantou o *off set*.

VC: Você chegou a revisar o Suplemento também, né?

LR: Aí foi numa parte mais recente, mas não foi no Suplemento não.

VC: No Suplemento, você só diagramou?

LR: No Suplemento foi. É, na parte de revisão, tinha os revisores próprios na época do Suplemento. A revisão era no sentido de que a matéria era toda copiada nos (...) no linotipo. Então você conferia uma prova daquilo pra você ver se o linotipista não tinha uma letra.

VC: Você voltava pra procurar?

LR: A gente assinalava e eles faziam outra linha de chumbo e colocava ali no lugar.

VC: Não sei quem falou, não sei se o Jaime, é possível que o Lucas deve ter sido o cara que mais leu o Suplemento! Assim, como ele montava, diagramava, voltava... o Lucas era o cara que lia todo o Suplemento.

LR: Não... não... eu devo admitir que eu não era tão interessado em ler aquilo não. Têm alguns que escreviam uns artigos, uns calhamaços, que era difícil de ler.

VC: Têm umas coisas muito acadêmicas ali, em alguns momentos, né?

LR: Luiz Vieira escrevia sempre umas coisas enormes, cheio de textos assim. Aquilo era um desafio para diagramar de uma forma mais leve. Às vezes a gente tirava uma frase no meio, punha em destaque.

VC: Como os jornais fazem hoje?

LR: É.

VC: Verdade, por que tem matérias de 3 páginas, que é um tratado acadêmico.

LR: Alguns faziam. Houve alguns escritores que mandaram colaboração pra lá hoje que não se houve falar muito neles. Victor Giudice. Olha, ele mandou, morava no Rio de Janeiro, ele mandava umas coisas muito interessantes. Não sei se a literatura dele sobreviveu a essa época. Ele publicou livros e tal. José Guilherme Merquior mandava artigos de erudição.

VC: Esse ficou famoso.

LR: É, esse virou um diplomata.

VC: Ele virou um professor universitário, lançou livro.

LR: Ainda é vivo, você sabe?

VC: Eu acho que não.

LR: São colaboradores que mandavam muito frequentemente. Então é que eu lembro de ver os artigos deles.

VC: Mandavam manuscritos, possivelmente?

LR: Não, não. Era datilografado. Não lembro de ninguém mandar manuscrito não, mesmo por que eu tinha que contar as linhas, multiplicar pelo número de toques pra poder calcular o tamanho que aquilo ia ocupar.

VC: Se não ficava muito grande ou muito pequeno?

LR: Muito grande, muito pequeno, faltando coisa.

VC: Eu nunca tinha pensado nisso, como se fazia esse processo de visualizar o texto.

LR: Assim, se for olhar os originais eu contava as linhas de duas em duas, rapidamente; contava quantas letras de uma linha; virava o papel e fazia a conta a mão, não tinha essas calculadoras não, e fazia no lápis pra saber quantos centímetros aquilo ia ocupar na página.

VC: Sobre o Suplemento, como eram feitas aquelas divisões das colunas?

LR: Aquilo lá era de chumbo, era uma lâmina de chumbo, punha entre uma linha e outra. Interessante, né? Não existe mais uma gráfica fazendo isso não?

VC: Talvez no interior. Valeria a pena ver. Vou olhar isso. Se eu pudesse ver, ficaria mais claro.

LR: É, isso era uma coisa muito simples. Olha, o processo tecnicamente como era. O linotipista fazendo um texto. Ia caindo letra por letra ali formando a linha. Cada letra era uma forma de bronze. A máquina ia girando num sistema meio automático, mas todo mecânico, e colocava diante daquela linha um chumbo derretido. Aí a linha composta caía numa sequência certinha, cada vez que ia compondo ia formando aquele texto de chumbo, pesado.

VC: Como uma máquina de escrever, por exemplo?

LR: É, com letras. Aí com a letra invertida. Você imprimia aí essa página molhada é que era impressa e saía a imagem real, mas a de chumbo aparecia invertida. Naquela época eu lia correntemente no chumbo eu lia o texto invertido [risos]. Mas então, depois disso, feita a revisão, trocadas as linhas que tivessem algum erro, passava por uma espécie de prensa, isso tudo era plano, em que imprimia em uma coisa que chamava flandres. Sei que pouco antes de fazer *off set*, esse material já era difícil de encontrar. Era um papelão refratário que imprimia com grande pressão

de toneladas por polegar quadrado e ficava tudo com um relevo ao contrário. Essa peça era retocada, posta num meio cilindro. Ali é que vinha outro chumbo e fazia uma espécie de telha. Essa telha que era colocada no cilindro da máquina que girava com os rolos de tinta e passava pro papel. Era um processo de ir e inverter, ir e inverter e tudo tinha que passar, inclusive as imagens, por isso que as imagens são pontilhadas, por que os clichês eram relevos, a retículas dos desenhos. Eu acho estranho por que estou falando disso pra uma geração que não viu. É difícil de explicar uma coisa tão corriqueira [risos].

VC: Eu acho que na UFMG tem uma máquina dessas na imprensa de lá. Já me falaram isso, mas eu não sei se ela roda ainda, porque, de repente, dá pra ver isso funcionando lá.

LR: Aquelas edições especiais, que saiam encadernados, coloridos, com capa, e depois saía no Minas, elas passavam numa máquina plana que imprimia com rolo de tinta, talvez lá na UFMG tenha alguma coisa assim, e depois é que vinha para fazer esse outro processo pra fazer em forma de telha e imprimir num cilindro girando. É a tal da máquina que fazia muito barulho.

VC: Essa de telha, né?

LR: É.

VC: Sobre os cadernos especiais, parecem que eles davam um trabalho à parte, né?

LR: É, eles eram feitos em uma oficina, depois de montados lá, eram trazidos para a oficina do Minas.

VC: E vocês não faziam essas capas coloridas, por exemplo. Faziam nessa outra oficina.

LR: É, tudo na outra oficina. Essa tiragem era mais limitada, na época fazia um lançamento, pessoas faziam discursos, tinha evento.

VC: E você participou da montagem de algumas?

LR: Todas.

VC: Todas as especiais?

LR: É, o Eduardo de Paula fazia as capas e eu fazia a diagramação do miolo.

VC: Como é que decidiam essas revistas? Lembra como é que elas eram feitas? Já chegava pra vocês o material pronto, 3 ou 4 por ano? Lembro que tem um momento em que saíram várias, mas depois deu uma parada. Você lembra como era isso?

LR: Eu acho que era, no tempo do Murilo Rubião, a coisa incrementou a um certo ponto que depois também arrefeceu. Já não se faziam tantos. Dos primeiros, foram

muito importantes. Tem um a respeito de Marília de Dirceu, tem um do Barroco, depois tem um dos 40 anos de literatura de Eduardo Frieiro, nós fizemos esse também. Tudo com capa de Eduardo de Paula. Tem um que é muito importante, que é um Suplemento feito a respeito do musicólogo Curt Lange. Eu estava procurando se eu tenho o livro aqui. O Rui Mourão organizou esse Suplemento. O Curt Lange fez as pesquisas dele aqui no Brasil, mas ele sim sofreu uma hostilidade muito grande. Falavam que ele roubava as coisas, os acervos e levava para o exterior.

VC: Tem mesmo esse mito em torno dele.

LR: Então, numa época, o Rui Mourão resolveu fazer um Suplemento especial a respeito dele, do trabalho dele. Depois teve um lançamento em Ouro Preto. Procura um livro que conta isso, por que tem muita coisa do Suplemento nisso, o livro chama “O alemão que descobriu Minas”,<sup>426</sup> alguma coisa assim, do Rui Mourão. Eu estava procurando nos meus aí, mas estão tudo meio encaixotado. Lá conta direitinho a história do Suplemento especial que ele organizou.

VC: Como o Suplemento era semanal, vocês já tinham que trabalhar numa lógica de, imagino, ter pelo menos um ou dois já mais ou menos pronto.

LR: O Murilo trabalhava com três ou quatro prontos, editados. Às vezes já tava composto na oficina, outro já tava diagramando, outro já tava pronto pra ser impresso.

VC: E os especiais, como é que era?

LR: Quando fazia um especial aí que tinha que fazer com mais antecedência, por que ele passava primeiro na outra oficina e depois vinha pra oficina do Minas Gerais.

VC: Então, ele sempre dava mais trabalho?

LR: Os especiais davam muito mais trabalho.

VC: Às vezes eles saíam com 40 páginas, né? Têm uns grandes, em dois volumes.

LR: É, alguns que saíram grandes, assim, especiais, depois, quando vinham pra outra oficina, eram feitos em três semanas.

VC: Me lembro de alguns lá que geraram três volumes.

LR: É, justamente.

VC: E os de aniversário? Como é que era, você lembra? Vocês fizeram um pequeno de primeiro ano.

LR: Sim, de primeiro ano.

---

426 Raposo faz referência ao livro lançado por Rui Mourão, em 1990, chamado “O alemão que descobriu a América”, um ensaio sobre Francisco Curt Lange.

VC: O segundo ano já foi grande. Eu lembro que teve umas 40 páginas. Também deve ter sido nesse processo, né? Mais demorado.

LR: Foi tudo assim. Antes de ter *off set* o que podia fazer, tinha que ser assim.

VC: E junto com o Suplemento, na época dele, você lembra, em Belo Horizonte, principalmente, alguma coisa que era concorrente dele, que também produzia...

LR: Não.

VC: Por que o Diário de Minas tinha um suplemento que também morreu, né?

LR: É, tinha o DM2, que chamava, eu trabalhei muito nele.

VC: O Márcio Sampaio falou que trabalhou nele. Você trabalhou com ele lá?

LR: Márcio Sampaio? Sim. No Diário de Minas também.

VC: Ele falou um pouco sobre esse DM2.

LR: Foi a fase que o Diário de Minas foi encampado pelo Jornal do Brasil.

VC: Virou parte dos Associados?

LR: Não, Jornal do Brasil, outra coisa. Os Associados era Estado de Minas, as coisas do Assis Chateaubriand. O Jornal do Brasil era um jornal bem moderno que, aliás, foi o Amílcar que fez a modernização lá no Rio de Janeiro.

VC: Na década de 50 isso, né?

LR: Década de 50, mas foi uma revolução o que ele fez lá. Então, nessa época em que o Diário de Minas pertenceu ao Jornal do Brasil, aí sim tinha um lastro melhor de cultura nesse caderno especial que chamava DM2.

VC: Na década de 50, o Estado de Minas tinha alguma coisa?

LR: Estado de Minas tinha coluna dentro do próprio corpo do jornal, né? Tinha coluna sobre cinema, sobre música, tinha um sobre (...) Portugal, que escrevia sobre música.

VC: Eles tiveram um suplemento, mas acho que antes. Depois morreu também.

LR: Quem vai saber disso é Ciro Siqueira. Ele que era mais chegado a essa parte cultural, principalmente de cinema, no Estado de Minas.

VC: Na década de 60, os suplementos, na verdade, estão morrendo, né? E o do Minas acaba aparecendo e foi um sucesso. Os outros que existiam praticamente não estavam existindo mais.

LR: Não. Eu acho que o grande sucesso que o do Minas teve foi essa penetração em tudo quanto é lugar no interior do Estado. Isso é que o lastro que impulsionou a carreira do Suplemento.

VC: Acho que em Belo Horizonte mesmo não tinha mais nada, né? Acho que era o Suplemento, pelo menos no volume dele; as revistas praticamente não existiam.

LR: Tinha uma revista chamada Alterosa que publicou muito tempo. Quem foi editor dela muito tempo foi o Roberto Drummond.

VC: Acho que o Eduardo de Paula trabalhou nela também.

LR: Certamente. A Alterosa que lançou o Henfil.

VC: A Alterosa eu conheço um pouco, mas é por que ela é muito longa também. O Eduardo de Paula parece que passou por ela antes de trabalhar como designer.

LR: Provavelmente sim. Quando eu comecei em diagramação, no Correio de Minas, o Eduardo de Paula já era um artista assim mais consolidado na carreira dela em artes gráficas.

VC: Se a gente pensar, por exemplo, nesse tempo todo em que o Suplemento existiu, principalmente nas décadas de 60 e 70, você acha que eles teve mudança, antes de chegar no *off set*, é possível dizer que ele “evoluiu”, ou alguma coisa nesse sentido? Nessa fase, ele teve uns três ou quatro diretores: Murilo...

LR: Depois do Murilo, eu acho que é o Rui Mourão. Depois o Garcia de Paiva ficou algum tempo. Depois veio o Ildeu Brandão. Depois vem o Wilson Castelo Branco. Foi o que ficou mais tempo.

VC: Castelo Branco já foi na década de 80. Ele assume depois do Piroli.

LR: Ah é! Justamente! É muito interessante levantar essa história do Piroli por que ele saiu de lá numa crise. Claro que o Suplemento tinha gente que não gostava de fazer, mesmo sendo ali dentro nas oficinas e tal, e achava que aquilo devia acabar. E foi quando entrou o Hélio Caetano da Fonseca, como diretor, ele falou “ah, não vamos publicar mais o Suplemento não” e mandou desmanchar as edições que estava prontas e o Piroli era o secretário. Eu não sei se ele publicou em forma de carta aberta ou se foi só lá dentro, mas eu lembro até uns termos bem fortes que ele usou na carta ao diretor.

VC: O Jaime me mandou a carta.

LR: Ah, você tem uma cópia disso. É muito importante. Ele fez como carta aberta.

VC: Alguns jornais publicaram isso na íntegra. Ele falava sobre não ter disposição para ser “coveiro da cultura”. Ele ficou cinco meses só exatamente por isso, por que passaram por cima dele.



LR: O Ângelo chegou antes, né? O Ângelo tem uma fase bem boa no Suplemento.

VC: É considerada a fase que o Suplemento foi mais experimental, né?

LR: É, justamente.

VC: Como você estava nessa parte gráfica, mas técnica, você acha que o Suplemento acompanha essa ideia de que ele foi um pouco mais experimental?

LR: Na época do Ângelo, com certeza, sim, embora graficamente é a época mais limpa assim, mais clean, mais comportada, mas...

VC: Você acha que ali você tinha chegado num padrão que se manteve? Por que na década de 60 eu vejo que ele muda um pouco. Às vezes você faz mais coluna, às vezes menos, às vezes textos mais corridos. Na década de 70 você acha que ele dá uma “estacionada”?

LR: Essas coisas não tinham planejamento.

VC: Eram mais dinâmicas?

LR: Eram. Íamos fazendo na medida que achava que... então, eu mesmo se vir uma sequência inteira eu vou ver é a minha evolução como artistas de gráfica daquele tempo.

VC: As coisas que você foi testando e dando certo.

LR: Fui testando, mas era uma coisa um pouco assim ao natural. Não existia grande planejamento, vamos fazer isso agora.

VC: Mas esse dinamismo foi bacana, por que às vezes a tendência de quando a gente vai estudar isso, por exemplo, já estudando o material já feito, há 30 ou 40 anos, é de tentar achar padrões ali dentro. Aqui existe um padrão de publicação e, às vezes, é um grande erro fazer isso por que a gente mesmo vê que não tem muito padrão.

LR: Eu não estava muito preocupado com isso não. A gente fazia, às vezes queria uma coisa mais incrementada ou mais comportada. Ia fazendo.

VC: Ia fazendo de acordo com as críticas também, imagino. Ele foi muito bem recebido, né?

LR: A fase do Ângelo Oswaldo, sim. Eu sei que depois, que eu procurei encontrar aqui também e não consegui, que o Ângelo Oswaldo foi pra França ele recebeu um dia lá um Suplemento Literário que ele havia trabalhado na elaboração e chegou bem mutilado, sabe? Então ele escreveu uma cartinha pra mim assim: “eu vi que tesoura funcionou forte” [risos].

VC: Você tem essa carta?

LR: Eu devo ter, mas eu mudei de casa e essas coisas... era um cartão que ele escreveu de Paris da primeira vez que ele estava indo pra fora.

VC: Se você achar esse cartão, eu gostaria de ver, pra mostrar um pouco essa troca.

LR: Por que foi justamente quando o Wander Piroli saiu, assim, de uma forma meio brusca, o Ângelo estava em Paris. Ele acompanhou essas coisas a distância.

VC: Eles apoiaram, né? Muitos saíram do Suplemento, pararam de escrever no Suplemento em apoio ao Wander Piroli.

LR: É, por que depois entra o Wilson Castelo Branco e aí é a reação, né?

VC: Dizem que é a pior fase do Suplemento. Isso todo mundo fala, né? Quando entrou o Wilson Castelo Branco foi o mesmo que acabar.

LR: Eu lembro que os desenhistas chegaram lá, eu encontrei com um desenhista que estava saindo lá, "oh, tem um veizinho lá", agora é um veizinho [risos]. Era o Wilson Castelo Branco. Ele ficou muito tempo.

VC: Ele ficou até 83.

LR: Ele fica até o momento que entra o Murilo Rubião. Ele tinha uma rixa, uma divergência com Murilo Rubião, sabe? Então, no dia em que o Murilo foi nomeado pra diretor da Imprensa Oficial, o Wilson chegou pra mim, com o papel, e falou assim: "diagrama essa matéria aí pra mim". Aí eu li o papel e era a demissão dele. E disse: "antes do Murilo chegar pra tomar posse!" [risos].

VC: Eram as vaidades ali de dentro, né?

LR: Nó! Isso era demais! Tem coisa que não pega da sua época não, mas quando o Suplemento deixa de ser encartado no Minas, foi uma coisa muito triste, uma guerra de vaidades.

VC: Desde de sempre o Suplemento parece ter tido umas certas polêmicas com a Academia Mineira de Letras, né?

LR: No início, sim, mas depois o Vivaldi foi até diretor da Imprensa Oficial. Eu acho que fez o meio de campo bem.

VC: Diz que o pessoal de lá tentava publicar e não conseguia e achava que o Suplemento tinha uma certa birra com eles. Isso vai aparecendo nos depoimentos.

LR: Tem um que se chama Wilson Melo, acho que ele era professor de Direito, ele queria escrever um artigo lá, mas queria passar direto pra diagramação, ele não queria passar pela redação, umas coisas assim. Quem conhece essa história é o

Sebastião Nunes. Eu acho que ele escreveu um artigo falando mal da poesia de um professor da Escola de Direito, um tal de Wilson Melo. Eles gostaram muito, os estudantes, né, gostaram muito do artigo e puseram na página, no quadro lá da Escola de Direito. Isso deu uma confusão por que aí o Wilson Melo queria mandar uma réplica do assunto, mas queria passar direto quase que na oficina, não queria que ninguém visse antes. Acho que era o Wilson Melo mesmo.

VC: Isso já mais no final da década de 70?

LR: O Sebastião fez muita coisa lá, anteriormente, mas ele fez a reforma, a primeira grande reforma gráfica, quando entra o Murilo Rubião.

VC: Você ainda estava lá, né?

LR: Tava.

VC: Vocês trabalharam juntos, então?

LR: É, o Tião Nunes fez uma reforma gráfica muito interessante, né, na chegada do Murilo Rubião. Isso é que deu uma ciuemeira lá dentro e acabou desencartando o Suplemento do Minas Gerais. (...) Se você for só até o período da saída do Wander Piroli, essa parte da saída dele, por que aí entra o período do Wilson Castelo Branco e aí é uma “água morna” até quando o Murilo Rubião chega em 83.

VC: Essa parte dessa segunda fase, ou terceira, talvez, que seria com esse retorno do Murilo, eu vou deixar para um outro momento, por que, se não, eu... por que só essa parte é muito interessante, mas eu estudaria o meio do processo.

LR: Se for fazer essa parte, eu tenho muita coisa pra falar.

VC: Mas, futuramente, talvez pegar essa parte como outro tema de pesquisa. Agora, acho que não vai dar.

LR: O Murilo chegou e todo mundo achava, “ah, como diretor, ele só vai olhar para o Suplemento” e não foi isso. Ele foi um diretor normal, mas logo em seguida, poucos meses depois que ele estava como diretor, ele foi diagnosticado com câncer, que acabou levando ele, então foi uma época tumultuada, a Imprensa gerida por vice-diretores, coisa assim.

VC: Nesse primeiro momento, assim, uma pergunta que eu fiquei pensando, essa relação com os secretários, você acabou trabalhando com quase todos, desde o Rubião até o Wander Piroli, digamos.

LR: Não, até o Wilson Castelo Branco também. Depois do Wilson, com o Duílio Gomes. Foi a reforma que o Tião fez.

VC: Como é que foram as relações com os secretários? Foi democrático? Eles eram tranquilos? Era uma festa?

LR: É, talvez eu que não fosse lá muito tranquilo e alguns pensaram muito. Tinha lá que, eu nem vou dizer quem é, que às vezes ficava com muito escrúpulo com isso de não deixar passar coisa que pudesse ofender o governo, ou qualquer coisa desse nível, então eu chegava antes dele pra trabalhar e tinha uma tesoura muito grande e eu punha assim na mesa dele e deixava lá [risos]. Era molecagem.

VC: Uma implicância? Uma provocação?

LR: Era, eu fazia de provocação. Antes dele chegar eu punha a tesoura na mesa dele [risos]. E todo dia ele fala “ah, mas por que essa tesoura está em cima da minha mesa!?” [risos].

VC: Mas eles acatavam sugestões de vocês? Era democrático esse canal? Ou eles chegavam, mandavam e vocês cumpriam tarefas?

LR: Não sei avaliar isso, hoje, a essa distância, não consigo lembrar disso não. Esse que eu estava falando, eu ficava meio irritado com o excesso de dedos dele nas matérias que pudessem dar algum problema. Por isso fazia essa brincadeira com ele, mas, coitado, já faleceu.

VC: Quem me contou uma história, acho que foi até o Jaime, falando que em algum momento eles foram obrigados a fazer resenhas de livros e o Tião Nunes chegou a resenhas livro que não existia. Você lembra dessa história?

LR: Eu acho que ele fez sim, acho que o Tião Nunes fez de livros que não existia, mas ele fazia de farra, não era por que fosse obrigado não.

VC: Sim, mas ele chegou a fazer, assim, meio por rebeldia mesmo, juvenil, ali.

LR: Pode até ser.

VC: Não que ele fosse obrigado a fazer de um livro falso, mas por que ele aproveitava e colocava lá um negócio que não existia no meio. Diz o Jaime que eles faziam isso de vez em quando, pra ver se alguém lia e descobria um livro que não existia.

LR: Esse pessoal que estava mais ligado ao texto, o Márcio Sampaio também é provável que tenha inventado algumas coisas.

VC: De molecagem pura, né?

LR: Não sei se tudo isso que eu te falei, muito fragmentariamente, isso vai te servir pra alguma coisa, mas...

VC: Me ajuda a entender melhor o Suplemento por que acaba sendo uma pesquisa muito grande, uma pesquisa muito longa, e algumas coisas me ajudam a entender melhor que caderno foi esse, como é que ele funcionou.

LR: Pra mim é difícil de entender como você pode fazer a sua pesquisa sem olhar as páginas, pra passar para o papel, coisas assim.

VC: Algumas coisas eu vou ter que recorrer ao papel, mas como ele está todo digitalizado, eu consigo ter acesso às matérias sem precisar do papel. Eu consigo fazer a leitura.

LR: As matérias, sim.

VC: Mas isso é muito condição de pesquisa, hoje, até mesmo quando você vai aos arquivos. Se você for no Arquivo Público Mineiro, eles não deixam você pegar mais no original. Você vai fazer pesquisa no microfilme. Aí o que eles tentam fazer é uma reprodução mais ou menos fiel, até em dimensões.

LR: Mas, por exemplo, se você for fazer uma pesquisa que precisa de olhar os expedientes, as pessoas que ocuparam os cargos aí tem que olhar no papel.

VC: No Suplemento tem, né? Nas últimas páginas vinham o expediente. Mas, por exemplo, o Murilo guardou todos, eu acho. No acervo dele tem todos e no Suplemento também todos.

LR: Aí no acervo do Murilo dá pra pesquisar no papel.

VC: Essas eram as perguntas que eu tinha pra você e as questões que eu tinha mais dúvidas. Alguma coisa que você gostaria de comentar, alguma coisa que eu não tenha perguntado que você possa querer complementar?

LR: Olha, eu não estou nem muito seguro de tudo isso que nós comentamos, que eu cometei, possa ter sido interessante [risos]. Eu vejo é que tudo que eu comentei aí é de uma forma muito fragmentária.

VC: Uma coisa que eu lembrei é sobre essa coisa da geração, que depois ficou conhecida como “Geração Suplemento”, existia os grupos, né? Você tinha o grupo do pessoal mais novo... você frequentava algum deles?

LR: Não, eu tinha um relacionamento com eles lá dentro, quando eles estavam lá, mas eu não fazia parte de nenhum movimento literário não.

VC: Por que eu estou pensando assim: tinha um pessoal mais velho, ligado ao Murilo, Chanina, que tinha uns lugares em Belo Horizonte que eles frequentavam, por exemplo, o Maleta.

LR: Era tudo junto e misturado.

VC: Eram grupos fechados?

LR: Não, pelo contrário. O Murilo mesmo era um fator de aglutinação dessas pessoas, tantos os mais velhos, os mais novos. Era a maneira que ele fazia, também, o Suplemento, dando espaço pra novos e pra antigos.

VC: Alguém me falou isso, que esse pessoal mais novo ia pro Maleta pra tomar cerveja.

LR: O Murilo também ia, o José Nava, irmão do Pedro Nava, estavam sempre por lá também. Era assim naquele tempo, todo mundo amigo. E era muito perto do Maleta [risos]. Atravessava a rua e estava lá. Tinha um outro bar, que era uma turma frequentava lá, que era o Saloon, em frente ali ao Palladium.

VC: Quem ia muito nesse lugar era o pessoal mais novo, né? Os escritores mais novos.

LR: O Jaime era frequentador assíduo lá, o Sérgio Sant'Anna, Belchior era uma visita constante no Suplemento, o cantor.

VC: Eu vi uma matéria do Jaime sobre ele, na época em que ele não tinha bigode. Ele novinho, né? Ele aparecia lá de vez em quando?

LR: Quando ele estava em Belo Horizonte, ele não saía de lá. Ele era amigo da turma toda. Ele estava começando a carreira, não era a celebridade que é hoje.

VC: Bom, eu já estou mais do que satisfeito com a nossa (longa) conversa. Gostaria de agradecer pela atenção e lhe perguntar se há algo que você queira complementar, que eu possa não ter mencionado.

LR: Acredito que não. E espero que a nossa conversa possa ser de alguma utilidade para a sua pesquisa. Estou à disposição, caso queira saber mais alguma coisa sobre o *SLMG*.

### **Linha dos passos de uma edição do *SLMG* como se fazia nos primórdios (por Lucas Raposo)<sup>427</sup>**

- 1) Organização das matérias pelo editor, encaminhamento para ilustradores e também para seleção de fotos, definição do que compõe cada edição;
- 2) Entrega desse material ao diagramador para preencher as páginas definidas, com cálculo do tamanho dos textos (de acordo com os recursos disponíveis nas oficinas) e marcação do tamanho de fotos e ilustrações. Faz-se o diagrama de como será montada a página;
- 3) Composição nos linotipos conforme as definições do diagramador (tamanho do texto, tipo, largura das colunas). Essa composição produz linha por linha, em liga de chumbo/ estanho/ antimônio, os textos conforme a marcação (matrizes dos caracteres no linotipo vindas de uma “fonte” cada caractere em cavidade “direta” para fundição das linhas em relevo “inverso”. Depois de fundida cada linha, o mecanismo recolhe as matrizes devolvendo-as para a fonte, deixando-as cair cada uma na sua mesma raia por meio de um código de ranhuras;
- 4) Provas do texto em prelo, manualmente. Encaminhamento das provas, juntamente com os originais, para a revisão. Esta fase feita em dupla de revisores, um lendo em voz alta os originais, o outro assinalando na margem das provas as correções necessárias;
- 5) Devolução aos linotipistas para substituição de cada linha onde houver correção. Novas provas de prelo para os revisores conferirem até que o texto esteja limpo;
- 6) Encaminhamento dos diagramas e das colunas de texto composto em liga para a montagem de cada página segundo o desenho do diagramador. Essa montagem feita em bandejas metálicas (em geral, de ferro) camadas àquela época “bolandeiras”. Cada página é amarrada com barbantes para fixação enquanto se faz nova prova, em papel úmido, para conferência pelos revisores e editores, devolvida a prova aos montadores para correções e novas provas úmidas até ter a página toda correta;
- 7) Colocação dos desenhos e fotos em clichês produzidos fora da Imprensa Oficial, por empresas contratadas (a IO não possuía clicheria). Os clichês são postos sobre base de ferro chamada “guarnição”;
- 8) As montagens, em pares de páginas conforme a numeração, levadas para a “calandra”, prensa de grande potência que imprime as páginas, em relevo “inverso”, nos “flans”, espécie de cartão espesso e resistente ao calor, agora em cavidade “direta”. Retoques manuais para corrigir imperfeições que surgem nos “flans” devido à grande pressão exercida pela “calandra”;

<sup>427</sup> Escrito e gentilmente enviado por Lucas Raposo, logo depois da entrevista que fizemos com ele. A ele também somos muito gratos pela disponibilidade de me acompanhar a uma visita às dependências da Imprensa Oficial, em 2016, quando pude conhecer melhor parte do maquinário que ainda está no local, assim como alguns detalhes do procedimento de fabricação e impressão que por lá passaram.

9) Esses “flans”, depois de retocados, são curvados em forma de telha numa forma da “fundidora”, cobrindo um semicírculo de 180 graus. Telhas de chumbo, também retocadas mecanicamente, são postas aos pares nos cilindros da “rotativa” (essa máquina, de grande porte, Marinoni-Somua, fora adquirida pela Imprensa Oficial à época da II Grande Guerra e ficou em uso até início da década de 1980, quando os cadernos do “Minas” foram gradativamente passando para impressão em off-set. O *SLMG* inaugurou o novo sistema de impressão)

10) As telhas, dispostas nos cilindros da rotativa e rigorosamente posicionadas conforme numeração das páginas, vão girar recebendo a cada volta a impregnação de tinta, e imprimir nos rolos de papel a a cada giro. Depois de regulados os ajustes, a máquina é acelerada em grande velocidade para, em poucas horas, imprimir toda a tiragem do Minas Gerais com seus encartes. Os jornais são cortados automaticamente e acumulados na própria máquina, em pilhas que são retiradas e amarradas manualmente, seguindo para expedição;

11) Nas madrugadas em que estava sendo rodado o *SLMG* era feita também a observação de exemplares de prova, antes de acelerar a impressora. Objetivo é cercar algum problema (numeração fora do lugar, ilustrações fora da posição, erros graves que precisassem ser corrigidos, caso houvesse). Essa inspeção era incumbência do diagramador (Lucas Raposo) que fazia o “meio de campo” entre os editores e a produção nas oficinas;

12) Um dado relevante a ser apurado é o número de trabalhadores envolvidos no processo. Os que atuavam nos ambientes onde havia chumbo derretido tinham direito a “adicional de insalubridade” e “adicional noturno” nos seus ganhamos. Recebiam leite à vontade no local de trabalho para prevenir intoxicações pelas emanações venenosas.

Observação: Os nomes dos equipamentos das oficinas talvez não estejam dicionarizados. É possível que alguns nomes fossem de uso local, somente.

a) Utilizei “direto” para identificar um texto que se lê da esquerda para a direita; “inverso” para o que se lê da direita para a esquerda, como num espelho ou carimbo.

b) Veja-se que quando o texto está em relevo ele é sempre inverso; em cavidade, é sempre “direto”.



### **Passos da feitura do SLMG (adendo)**

- 1) O sistema de impressão offset, como o nome sugere, imprime sem o uso de relevo (de carimbos, cavidades). Se baseia na repelência entre água e óleo. A chapa que entra na impressora, curvada como as telhas de chumbo já descritas, tem todo o conteúdo a ser impresso no mesmo plano, apenas retratado em texturas de liso e áspero. Quando gira, a chapa se impregna de água na superfície áspera, enquanto a tinta oleosa se fixa apenas na superfície lisa. Daí se transfere diretamente ao papel a cada giro da chapa (análogo ao sistema da impressora Marinoni-Somua). A espessura da película de água e de tinta na chapa é finíssima, da ordem de micra, mas o sistema “áspero/ liso” possibilita, por meio de reticulado microscópico, todas as nuances necessárias de claro e escuro para reproduzir qualquer imagem no papel;
- 2) Quando se produz a cores, são necessárias pelo menos quatro impressões sobrepostas (amarelo, magenta, ciano, preto) para as fotos coloridas. A imagem de cada cor é obtida, hoje, por computação. Antes, a seleção de cores era feita com uso de filtros ópticos;
- 3) Quando a Imprensa Oficial iniciou o sistema de offset para impressão do Minas Gerais, o SLMG foi o caderno da fase inaugural de implantação. Nos primórdios do SLMG, o sistema offset foi usado em capas de “Especiais” e a partir da edição dos “Novos” também foi usado nas páginas internas;
- 4) Offset possibilita a redução significativa de pessoal na produção, além de proporcionar qualidade notável no produto final e não haver emanações tóxicas no processo.